UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

LIGIA RIVELLO BARANDA KIMORI

"SOU PASSADISTA, CONFESSO."

MÁRIO DE ANDRADE LEITOR DOS PARNASIANOS BRASILEIROS E FRANCESES

2 VOLUMES

SÃO PAULO
2019

LIGIA RIVELLO BARANDA KIMORI

OS LIVROS PARNASIANOS BRASILEIROS E FRANCESES NA BIBLIOTECA DE MÁRIO DE ANDRADE: TÍTULOS E MARGINÁLIA

VOLUME 2

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Therezinha A. Porto Ancona Lopez

SÃO PAULO
2019

Sumário

Volume 1

Preâmbulo.....10

I – "Lê com vagar".....16

Coleção no Acervo Mário de Andrade no IEB-USP 21

Coleção Mário de Andrade remanescente da doação à Biblioteca Pública Municipal de Araraquara 23

II – "Lição para se meditar".....47

Forma e som 54

Vocabulário – "A escultura de palavras também tem suas belezas" 69

Soneto – No uso do cachimbo, a boca torta 83

III – "Andei portando nos pomares de muitas terras...".....93

Arte da crítica: empenho e afeto 93

Estreia: um ruim esquisito 97

Emulação poética ou Apropriação? 99

"À destruição da sintaxe, a Vitória do Dicionário" 107

As miniaturas: quadros descritivos 112

A Pauliceia parnasiana e os rios 118

Outras águas 125

Versos livres? 127

Mário de Andrade e os parnasianos: diálogos possíveis.....132

Imagens facsimiladas da marginália de Mário de Andrade nos livros dos parnasianos brasileiros e franceses.....143

Bibliografia.....150

Volume 2

Indicação preliminar..... 6

Autores e títulos parnasianos brasileiros..... 7

Alberto de oliveira
Páginas de ouro da poesia brasileira..... 8
Poesias (*Primeira série*). 41
Poesias (Segunda série)......90
Poesias (Terceira série)...... 137
Poesias (Quarta série)..... 176

Alberto Ramos
Odes..... 177
Elegias e epigrammas. 178
Canto do Centenario..... 179
O livro dos epigrammas..... 181
Poemas.....184

Amadeu Amaral
Espumas: versos. 185
Lâmpada antiga.....209
O elogio da mediocridade – estudos e notas de literatura. 210

Aristêo Seixas
Pôr de sol. 211

Baptista Cepellos
Os bandeirantes.....230

Carlos Magalhães de Azeredo
Odes e elegias..... 236

Félix Pacheco
Lirios brancos..... 237

Francisca Júlia
Esphinges..... 238

Hermes Fontes
Apotheoses..... 248
Despertar! Canto Brasileiro..... 259

Epopéa da vida..... 260
Microcosmo..... 261
Miragem do deserto. . 263

Leal de Souza
Bosque sagrado. 271

Lúcio de Mendonça
Murmúrios e clamores.. 281

Luiz Delfino
Poesias lyricas..... 296
Intimas e Aspasias. 297
Rosas negras..... 298
Algas e musgos..... 299

Luiz Guimarães
Sonetos e rimas..... 301

Luiz Murat
Poesias escolhidas.. 328

Machado de Assis
Poesias Completas (1902). 338
Poesias Completas (1924). 387

Martins Fontes
Arlequinada – fantasia funambulesca mimo.. 388
As cidades eternas.. 389
A dança..... 390
Granada..... 391
Marabá..... 392
Verão..... 401

Melo Nóbrega
Olavo Bilac..... 444

Olavo Bilac e Guimarães Passos
Pimentões (Rimas d'O filhote). 445
Crítica & Fantasia..... 446
Tratado de versificação. 447

Olavo Bilac
Poesias..... 450
Tarde..... 516

Raymundo Correia

Poesias..... 522

Raul de Leoni
Luz mediterranea..... 556

Ricardo Gonçalvez
Ipês..... 561

Vicente de Carvalho
Poemas e canções..... 562

Autores e títulos parnasianos franceses..... 583

Heredia
Les trophées..... 584

Leconte de Lisle
Oeuvres de Leconte de Lisle : poèmes tragiques.. 593

Sully Proud'homme
Poésies v. 1 (1865-1866)...... 594
Poésies v. 2 (1866-1872). 602
Poésies v. 3 (1872-1878)...... 606
Poésies v. 4 (1878 – 1879). 607
Poésies v. 5 (1879 – 1888)...... 608

Théophile Gautier
Emaux et Camées. 615

Villiers d'Isle Adam
Axël..... 616

Relação de livros doados a Araraquara.....617

Indicação preliminar

A reunião e a organização da marginália de Mário de Andrade nos livros parnasianos brasileiros e franceses que integram as parcelas de sua biblioteca, separadas em São Paulo e em Araraquara, realizou-se em duas etapas. No início de minha pesquisa para o Mestrado, em 2011, reuni os doze títulos dos poetas Francisca Júlia, Raimundo Corrêa, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac e Vicente de Carvalho, conservados no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP). A estes parnasianos, o novel modernista dedica a série de artigos "Mestres do passado", publicada no *Jornal do Comércio* em 1921. Apresentei, à banca examinadora, cópias fac-similadas das obras, via escâner, que ocuparam CD-ROMs em formato PDF. Para o doutoramento, principiando 2015, acresci à pesquisa os títulos parnasianos brasileiros não trabalhados, e os franceses. Com o apoio da bibliotecária do IEB/USP, Daniela Piantola e junto ao Laboratório de Digitalização, cópias das 27 obras, via escâner, foram-me disponibilizadas através da ferramenta *online WeTransfer,* de fácil manuseio. Somaram-se ao conjunto, os títulos parnasianos direcionados a Araraquara dentre as 600 obras oferecidas por Mário de Andrade, em 1943, para construir a Biblioteca Pública da cidade, batizada com seu nome em julho de 1945, em homenagem póstuma. Com o auxílio das bibliotecárias Fátima Zampiero Ramos e Célia Regina Longobardo, 18 volumes fotografados[1], grande parte das obras francesas, completam a coleção parnasiana do poeta moderno, contabilizando, no total, 57 títulos, 21 de poetas brasileiros e 5 de franceses.

De acordo com a metodologia desenvolvida pela Prof.ª Telê Ancona Lopez, para as pesquisas no projeto coletivo por ela coordenado no IEB e na FFLCH-USP, *Bibliotecas de escritores e a criação literária*[2], cuidei do registro dos livros parnasianos brasileiros e franceses, com e sem marginália, existentes nas estantes de Mário de Andrade, aplicando-me, em seguida à classificação e à transcrição diplomática das anotações autógrafas. Amparadas pela crítica genética, a análise e a classificação da marginália permitiram-me compreender, na marginália, a presença de Mário de Andrade leitor crítico e leitor poeta e o sentido do parnasianismo na formação do modernista.

A metodologia proposta para a organização da marginália adotou a análise documentária incluindo a transcrição diplomática dos comentários, reconhecidos como Notas MA e acrescentou, sempre que necessário, Notas da pesquisa, contextualizando determinados aspectos e no intento de realçar correlações com a obra do escritor. Para objetivar a condição de instrumento de trabalho, a apresentação gráfica foi igualmente padronizada.

Esta organização da marginália de Mário de Andrade divide-se em poetas parnasianos brasileiros e franceses, acusando, ao final de cada título, a localização: Biblioteca MA, IEB/USP – São Paulo e Coleção MA, BPM – Araraquara.

---

[1] Com a colaboração de Rita de Cássia Rivello Baranda, fiz o levantamento e registro dos volumes parnasianos enviados por Mário de Andrade a Araraquara.

[2] Essa mesma metodologia foi adotada na minha pesquisa para o mestrado, *Os mestres no passado*: *Mário de Andrade lê os parnasianos brasileiros*, sob orientação desta professora.

Autores e títulos parnasianos brasileiros

OLIVEIRA, Alberto de. (org.) Bibl. MA [A/II/c/57]
Páginas de ouro da poesia brasileira. Rio de Janeiro/ Paris: H. Garner, 1911.
[Poesia] IEB: MA 869.9108P136

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernação em marroquim vermelho, título gravado em ouro, 21x15 cm.

Página de guarda:
Nota MA: anotação de números de páginas, destacando poemas:

pg 397-pg 27-/ 29/ 361

Nota da pesquisa: os poemas registrados são:

- ✓ P.27 – LYRA XXVI, de Thomaz Gonzaga, que traz palavras sublinhadas nos v. 6, 8, indicando estudo do vocabulário parnasiano: "Do pesado esmeril a grossa areia/ E já brilharem os granetes de ouro/No fundo da batêa."
- ✓ P.29 – LYRA XXXII, do mesmo autor, sem notas de leitura.
- ✓ P.361 – À MINHA NOIVA, de Arthur Azevedo, tem palavra sublinhada no v. 23: "Eu sou no amor o gardingo,", apontando para o estudo do vocabulário parnasiano.
- ✓ P.397 – BARCAROLA, de Guimarães Passos, traço à margem esquerda dos v. 33-40 e anotação lateral:

Sem

Embora tudo!... Bemdigo
Esta ditosa lembrança,
Que, sem me dar esperança,
Une-me ainda comtigo...
Bemdigo a casa da serra,
Bemdigo as horas fagueiras,
Bemdigo aquellas palmeiras,
Querida, da tua terra!

Página de guarda:
Nota MA: esboço de poema na margem:

Alma errante gaivota perdida
Pelo espaço da vida
Por que se abrem p'ra ti os amores
Resplendores

Ouviu-se no canindé
Um ribombo de infanta
Foi o beijo que a Teffé
Imiscuiu no marecha[l]

Nota da pesquisa: Nair de Teffé (1886-1981), filha do barão de Teffé, casou-se em 1913 com o presidente do Brasil, Marechal Hermes da Fonseca. Como primeira-dama promovia saraus. *Fonte*: http://www.apcl.com.br/noticias/coluna_nairteffe.htm *(Academia Petropolitana de Letras)* e LUSTOSA, Isabel. *Histórias de presidentes: a República no Catete.* Rio de Janeiro: Agir, 2008.

**

P.1-5:
FR. JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO (1717... 1720-1784)

P.1:
Nota MA: esboço de verso na margem:

pedindo/ Com os olhos cheios d'água um pouco d'água

P.3-5:
CARAMURU – A MORTE DE MOEMA (CANTO VI) (7 estrofes)

P.3:
Nota MA: construção sublinhada no v. 14:

Não vinha menos bella, do que irada:

P. 4:
Nota MA: construção sublinhada no v. 28:

Que é favor, dado a tempo, um desengano:

**

P.7-13:
CLAUDIO MANOEL DA COSTA (1729-1789)

P.9-13:
SONETOS

P.10-11:
NISE? NISE? ONDE ESTÁS? AONDE ESPERA (soneto)

P.10-11:
Notas MA:
1. traço duplo à margem do texto;
2. traços e sublinhas à direita dos v. 7-9 destacando a rima variada, estudo da sonoridade:

Nise? Nise? onde estás? Aonde espera
Achar-te uma alma, que por ti suspira;
Se quanto a vista se dilata, e gira,
Tanto mais de encontrar-te desespera!

Ah! se ao menos teu nome ouvir pudéra
Entre esta aura suave, que respira!
Nise, cuido que diz; mas é mentira.
Nise, cuidei que ouvia; e tal não era.

"Grutas, troncos, penhascos da espessura,
Se o meu bem, se a minh'alma em vós se esconde,
Mostrae, mostrae-me a sua formosura.

"Nem ao menos o écho me responde!
Ah! como é certa a minha desventura!
Nise? Nise? onde estás? aonde? aonde?"

*

P.11
NÃO VÊS, NISE, ESTE VENTO DESABRIDO (soneto)

Notas MA:
1. sublinhada inversão e a rima nos v. 2-3;
2. expoente *(1)* remetendo ao comentário no rodapé:

Não vês, Nise, este vento desabrido,
Que arranca os duros troncos? Não vês esta, *(1)*
Que vem cobrindo o céo, sombra funesta,

2. comentário no rodapé:
(1) Forma clássica de de se apossou entre/ os modernos Raymundo Correa e de/ que fez tão belo uso

*

P.11-12:
AI! NIZE AMADA! SE ESTE MEU TORMENTO (soneto)

P.11-12:
Nota MA: traço à margem do texto:

Ai! Nize amada! Se este meu tormento,
Se estes meus sentidissimos gemidos
Lá no teu peito, lá nos teus ouvidos
Achar pudessem brando acolhimento;

Como alegre em servir-te, como attento,
Meus votos tributára agradecidos!
Por seculos de males bem soffridos
Trocára todo o meu contentamento.

Mas se na incontrastavel pedra dura
De teu rigor não ha correspondencia
Para os doces affectos de ternura;

Cesse de meus suspiros a vehemencia;
Que é fazer mais soberba a formosura
Adorar o rigor da resistencia.

*

P.13:
CAMPOS, QUE AO RESPIRAR MEU TRISTE PEITO (soneto)

P.13:
Nota MA:
1. traço à margem esquerda do texto:

"Campos, que ao respirar meu triste peito,
Murcha e sêca tornaes vossa verdura,
Não vos assuste a pallida figura,
Com que o meu rosto vêdes tão desfeito.

"Vós me vistes um dia o doce effeito
Cantar do Deus de Amor e da ventura;
Isso já se acabou; nada já dura;
Que tudo á vil desgraça está sujeito.

"Tudo se muda emfim: nada ha, que seja
De tão nobre, tão firme segurança,
Que não encontre o fado, o tempo, a inveja.

"Esta ordem natural a tudo alcança;
E se alguem um prodigio vêr deseja,
Veja meu mal, que só não tem mudança."

A ideia deste soneto não pertence/ a Claudio, senão a Camões. Na/ pagina 92, o soneto CLXV se refere/ a essa mesma ideia: /"Eu só não posso ver meu mal mudado

Nota da pesquisa: MA aponta a apropriação do v. 14 de "CLXV - Diversos casos, vários pensamentos", da série de Sonetos Apócrifos, de Camões:

Diversos casos, vários pensamentos
me trazem tão confuso o entendimento
que em nada vejo já contentamento

senão quando se vão contentamentos.

Em vários casos, vários sentimentos
sucedem, por mostrar ao fundamento
que é o que se deseja tudo vento,
pois pinta haver descanso em vãos intentos.

Vê-se em grandes discursos os desejos,
quando as ocasiões os tempos mudam,
não há cousa impossível a um cuidado.

O injusto com o justo é já trocado;
os duros montes seus assentos mudam:
eu só não posso ver meu mal mudado.

**

P. 15-24:
JOSÉ BASILIO DA GAMA (1740-1795)

P.17-24:
O URAGUAY

P.20-21:
AO LONGO DO RIO (CANTO III)

P.20:
Nota MA: construção sublinhada no v. 11:

Com estranha cultura entrega ao fogo

P.22-24:
A MORTE DE LINDOYA (CANTO IV)

P.22:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 17: "Onde ao pé de uma lapa cavernosa" – estudo do vocabulário.

P.24:
Notas MA:
1. inversão sublinhada nos v. 54-55:

Os olhos, em que amor reinava, um dia,
Cheios de morte; e muda aquella língua,

2. imagem sublinhada no v. 68:

Tanto era bella no seu rosto a morte!

**

P.25-31:
THOMAZ ANTONIO GONZAGA (1744-1807)

P.27-28:
LYRA XXVI (PARTE I) (8 estrofes)

P.27:
Nota MA: palavras sublinhadas nos v. 6, 8: "Do pesado esmeril a grossa areia,/ E já brilharem os granetes de ouro/ No fundo da batêa."; estudo do vocabulário parnasiano.

Nota da pesquisa: Esta Lira faz parte do poema "Marília de Dirceu", de Thomaz Antonio Gonzaga, composto por duas partes.

**

P.33-39:
IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO (1744-1793)

P.35:
ESTELLA E NIZE (soneto)

P.35:
Nota MA: traço duplo à margem esquerda do texto:

Eu vi a linda Estella, e namorado
Fiz logo eterno voto de querel-a;
Mas vi depois a Nize, e a achei tão bella,
Que merece igualmente o meu cuidado.

A qual escolherei, se neste estado
Não posso distinguir Nize de Estella?
Se Nize vir aqui, morro por ella;
Se Estella agora vir, fico abrasado.

Mas, ah! que aquella me despreza amante,
Pois sabe que estou preso em outros braços,
E esta não me quer por inconstante.

Vem, Cupido, soltar-me destes laços;
Ou faz de dois semblantes um semblante,
Ou divide o meu peito em dois pedaços!

**

P.41-47:
MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA (1749-1814)

P.43-45:
GLAURA DORMINDO (RONDÓ XXVII)

P.43 :
Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

> Glaura Dormindo

**

P.49-56:
JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA (AMERICO ELYSIO) (1765-1838)

P.51-56:
ODE AOS BAHIANOS (34 estrofes)

P.52:
Nota MA: ideia sublinhada no v. 23:

> Quem a morte não teme, nada teme;

P.54:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 62: "Gallicana donzella, lacrimosa,"; estudo do vocabulário parnasiano.

P.55:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 92: "Tanto aulico perverso. Em França, amigo," ; estudo do vocabulário parnasiano.

P.56:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 111, formação de vocabulário:

> Em torno espalham mil sabéos perfumes,

**

P.61-65:
DOMINGOS BORGES DE BARROS (VISCONDE DA PEDRA BRANCA) (1779-1855)

P.63-65:
O BEIJO (15 estrofes)

P.63-64:
Notas MA:
1. traço duplo à margem da estrofe 4;
2. traços simples nas estrofes 5-6, 9, 11:

Nunca te pedi um beijo;
Pedido, que gosto tem?
Do amor o que não é dado,
E' frio, não sabe bem.

O coração leve aos olhos
A expressão do desejo;
Os labios aos labios levem
Toda a delicia do beijo.

E' nessa muda linguagem
De intelligencia amorosa,
Que de amor vive escondida
A parte mais saborosa.
[...]
Se o beijo é signal de paz,
Como póde ser de amor?
Amar é viver em guerra,
Entre delirios e dôr.
[...]
O beijo ,dado escondido,
Toma do crime a feição;
Póde fartar o desejo,
Mas não farta o coração.

**

P.67-69:
CANDIDO JOSÉ DE ARAUJO VIANNA (MARQUEZ DE SAPUCAHY) (1793-1875)

P.69:
VIOLETAS (4 estrofes)

P.69:
Nota MA: sinal de destaque sob o título:

Violetas /

**

P.71-73:
ANTONIO PEREGRINO MACIEL MONTEIRO (1804-1868)

P.73:
FORMOSA, QUAL PINCEL EM TELA FINA (soneto)

P.73:
Nota MA: traço à margem esquerda do texto:

Formosa, qual pincel em téla fina
Debuxar jámais pôde, ou nunca ousara;
Formosa, qual jámais desabrochara
Na primavera a rosa purpurina...

Formosa, qual se a propria mão divina
Lhe alinhara o contorno e a fórma rara;
Formosa, qual no céo jámais brilhara
Astro gentil, estrella peregrina;

Formosa, qual se a natureza, e a arte,
Dando as mãos em seus dons e em seus lavores,
Jámais pôde imitar no todo ou parte;

Mulher celeste, ó anjo de primores!
Quem póde ver-te, sem querer amar-te?
Quem póde amar-te, sem morrer de amores?!

**

P.75-86:
MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE (1806-1879)

P.77-81:
A DESTRUIÇÃO DAS FLORESTAS

P.77- 8:
A QUEIMADA (canto II) (13 estrofes)

P.77:
Nota MA: palavras sublinhadas nos v. 10: “Mephitico vapor, que o rosto innunda”; v.12: “E ao afro escravo dá vigor aos membros” e v.14: “Igneo suão da Lybia abrasadora.”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.78:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 36: “E de grossas vergonteas a robora;”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.79:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 73: “Em tripudio satanico os escravos!”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.80:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 85:“Que se alarga, progressa, trovejando,”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.81:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 124:“E no exicio medonho expiram todas,”; estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.82-86:
COLOMBO

P.82-86:
EXPEDIÇÃO ÁS TERRAS DO KAN. – O TABACO (canto XXX) (4 estrofes)

P. 83:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 25: “Nesta mora, de ourada espectativa,”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.84:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 70: “O ferro açacalado, emquanto o outro”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.85:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 94:“Que lanhavam as carnes, como serras,”; estudo do vocabulário parnasiano.

**

P.87-94:

DOMINGOS JOSÉ GONÇALVES DE MAGALHÃES (VISCONDE DE ARAGUAYA) (1811-1882)

P.89-94:
NAPOLEÃO EM WATERLOO (15 estrofes)

P.90:
Nota MA: acréscimo de letra "o" no último vocábulo do v. 25; correção tipográfica:

Esse heróe, que com a ponta de seu gladi *o*

P.91:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v. 57:"Roncavam pelos ares os pelouros," – estudo do vocabulário parnasiano.

2. marcada a diferença de escansão do possessivo nos v.73-74 – estudo da sonoridade:

Tua força em mim está; tens completado
Tua augusta missão! – E's homem. – Pára!

P.92:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v. 98:"O sol do Egypto ardente assoberbaram," – estudo do vocabulário parnasiano.

2. construção sublinhada no v. 101:

Poucos, que se não rendem, mas que morrem!

P.93:
Notas MA:
1. métrica sublinhada no v.120, estudo da sonoridade:

Que mutilam sua obra gigantesca

2. acréscimo de vírgulas no v. 121:

Como do Macedonio , outrora , o imperio

3. construção sublinhada no v.124:

Lhe salpica o semblante de piedade.

4. imagem sublinhada nos v. 133-134:

Mas firme era sua alma como o marmore,
Onde o raio batia e recuava!

P.94:
Notas MA:
1. expoente *(1)* no final do v. 144, remetendo ao comentário no rodapé:

> Nós um bem lhe devemos, que gosamos; *(1)*

(1) Sim; porquê se não fosse o rebento/ napoleonico que invadiu Portugal ao/ comando de Junot, D. João VI não teria/ se abrigado ao Brazil. E quanto bem/ não somos nós devedores dessa mi-/gração extraordinaria?...

**

P.95-98:
JOSÉ MARIA DO AMARAL (1813-1885)

P.97-98:
PASSASTE COMO A ESTRELLA MATUTINA (soneto)

P.97:
Nota MA: traço à margem esquerda do texto:

> Passaste, como a estrella matutina,
> Que se some na luz pura da aurora;
> Da vida só viveste aquella hora
> Em que a existencia em flôr luz sem neblina.
>
> Vêr-te e perder-te! De tão triste sina
> Não passa a magoa em mim, antes peióra;
> Sem vêr-te já, minh'alma inda te adora,
> Em triste culto que a saudade ensina.
>
> Não vivo aqui; a vida em ti só ponho,
> Na fé, de Christo filha, a dôr abrigo,
> Futuro em ti no céo vejo risonho!
>
> Neste mundo, meu mundo é teu jazigo;
> Dizem que a vida é triste e falaz sonho,
> Se é sonho a vida, sonharei comtigo.

*

P.98:
UMA POR UMA, DA EXISTENCIA AS FLORES (soneto)

P.98:
Nota MA: palavra sublinhada no v.10: "Ao noitejar da idade, em amargura,"; estudo do vocabulário parnasiano.

**

P.99-127:
ANTONIO GONÇALVES DIAS (1823-1864)

P. 99:
Nota MA: esboço de verso na margem superior:

Choram os anjos no [ilegível] *se a mãe contente*

P.101-118 :
Y-JUCA-PYRAMA

P.101-103 :
PARTE I (8 estrofes)

P.102:
Nota MA: palavras sublinhadas nos v. 20: "Onde ora se aduna o concilio guerreiro" e v.43: "Em tanto as mulheres com leda trigança," – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.105-108:
PARTE IV (12 estrofes)

P.106:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 19: "Nas ondas mendaces" – estudo do vocabulário parnasiano.

P.109-110:
PARTE V (2 estrofes)

P.110:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 32: "Sobresteve o Tupi: arfando em ondas" – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.110-113:
PARTE VI (4 estrofes)

P.110:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 11: "Reaviei-me e tornei; mas urge o tempo;"; estudo do vocabulário parnasiano.

P.111:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 43: “Daquelle exicio grande a imagem viva”; estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.114-116:
PARTE VIII (6 estrofes)

P.115:
Nota MA: palavras sublinhadas nos v. 19: “E entre as larvas da noite sombria” e v.28: “Mais te accenda o vesano furor;”; estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.119-121:
SE SE MORRE DE AMOR! (6 estrofes)

P.119:
Nota MA: síntese sublinhada no v. 19:

> Amor é vida; é ter constantemente

P.120:
Notas MA:
1. ideia sublinhada no v. 33:

> Isso é amor, e desse amor se morre!

2. comentário na margem inferior, modificando v.50:

> Em reciproco affecto; e unidas, uma,
> *(em uma só)*

P.121:
Notas MA:
1. construção sublinhada no v. 53:

> Juntas – em puro céo de extasis puros;

2. traço duplo à margem esquerda dos v. 59-69:

> Póde o raio num pincaro caindo,
> Tornal-o dois, e o mar correr entre ambos;
> Póde rachar o tronco levantado
> E dois cimos depois verem-se erguidos,
> Signaes mostrando da alliança antiga;
> Dois corações porém, que juntos batem,
> Que juntos vivem, — se os separam, morrem
> Ou se entre o proprio estrago inda vegetam,

Se apparencia de vida, em mal, conservam,
Ancias crúas resumem do proscripto,
Que busca achar no berço a sepultura!

3. inversão sublinhada nos v. 76-78:

Esse, que á dor tamanha não succumbe,
Inveja a quem na sepultura encontra
Dos males seus o desejado termo!

**

P.129-135:
BERNARDO JOAQUIM DA SILVA GUIMARÃES (1827-1884)

P.131-135:
HYMNO Á TARDE (4 estrofes)

P.131:
Nota MA: palavras sublinhadas no v. 12: "Pelas odoras veigas"; estudo do vocabulário parnasiano.

P.132:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 51: "Me ia embalando com sonoras dulias;"; estudo do vocabulário parnasiano.

**

P.137-142
FRANCISCO OCTAVIANO DE ALMEIDA ROSA (1825-1889)

P.139
MORRER... DORMIR... (soneto)

P.139:
Nota MA: traço duplo à margem dos v. 1-14:

Morrer... dormir... não mais! Termina a vida
E com ella terminam nossas dôres:
Um punhado de terra, algumas flôres,
E ás vezes uma lagrima fingida!
Sim! minha morte não será sentida;
Não deixo amigos, e nem tive amores!
Ou, se os tive, mostraram-se traidores,
Algozes vis de uma alma consumida.

Tudo é podre no mundo. Que me importa
Que elle amanhã se esb'rôe e que desabe,
Se a natureza para mim é morta!
E' tempo já que o meu exilio acabe...
Vem, pois, ó Morte, ao Nada me transporta!
Morrer... dormir... talvez sonhar... quem sabe?

*

P.140-141
RECORDAÇÕES (3 estrofes)

P. 140:
Nota MA: sinal de destaque sob o título:

Recordações

*

P.142
ILLUSÕES DA VIDA (1 estrofe)

P.142:
Nota MA: parte do título sublinhada:

Illusões da vida

**

P.143-155
LAURINDO JOSÉ DA SILVA RABELLO (1826-1864)

P.143:
Nota MA: acréscimo de parênteses:

Laurindo *(* José da Silva *)* Rabello

*

P.145-147
DOIS IMPOSSÍVEIS (15 estrofes)

P.145 :
Nota MA: sinal de destaque sob o título:

Dois impossiveis

P.147:
Nota MA: traço à margem dos v. 49-52:

> Porém amar-te desse amor latente,
> Raio de luz celeste e sempre puro,
> Que tem no seu passado o seu presente,
> E tem no seu presente o seu futuro;

*

P.150-155
ADEUS AO MUNDO

P.154-155
PARTE VI (7 estrofes)

P.154:
Nota MA: traço à margem os v.9-12; comentário na margem:

Adeus

> Vamos. Adeus, ó mãe, irmãos e amigos!
> Adeus, terra, adeus, mares, adeus, céos!...
> Adeus, que vou viagem de finados...
> Adeus... adeus... adeus!

P.155:
Nota MA: traço à margem dos v. 13-16, 21-28:

> Adeus, ó sol que, amigo illuminaste
> Meu pobre berço com os raios teus...
> Illumina-me agora a sepultura:
> Adeus, meu sol, adeus!
> [...]
> Vós, cujo canto tanto me encantava,
> Da madrugada aligeros orpheus,
> Uma nenia cantae-me ao pôr da tarde:
> Passarinhos, adeus!

> Vamos. Adeus, ó mãe, irmãos, e amigos!
> Adeus, terra, adeus, mares, adeus, céos!...
> Adeus: que vou viagem de finados!...
> Adeus!... adeus!... adeus!

**

P.165-172
AURELIANO JOSÉ LESSA (1828-1861)

P.165:

Nota MA: parte do nome destacado:

Aureliano José Lessa

P.167-170
A TARDE

P.168
PARTE II (1 estrofe)

P.168:
Notas MA:
1. traço à margem direita dos versos 4-5, 7 destacando as rimas sublinhadas; estudo da sonoridade:

—Talvez são ellas encantadas manes
De nossos paes, que errando pelos ares,
Vêm segredar com a nossa consciencia
Dubios emblemas de celestes phrases...

2. construção sublinhada no v. 18:

Té de mim proprio sinto um vago olvido,

*

P.168-169
PARTE III

P.168-169:
Nota MA: traço duplo à margem dos v. 1-29:

Salve, filha dos raios e das trevas,
Melancolica irmã das noites pallidas!
Quem te não ama?... A natureza toda
Murmura ao teu passar mysticas vozes
Repassadas de uncção: — todos os olhos
Passeiam tuas tépidas campinas
Bafejadas de nuvens, — té parece
Que a terra, suspendendo o gyro, escuta
O adeus que o sol te envia além dos montes.
— Limpa o suor o peregrino errante,
E arrimado ao bordão, mudo contempla-te,
Esquecido do pouso: — sobre o cabo
Da rude enxada recostado scisma
Nos africanos céos o pobre escravo,
Que exhausto de fadiga te abençôa
Do fundo d'alma em barbara linguagem.
Mensageira de amor, tu annuncias

A hora propicia aos sofregos amantes
Da nocturna entrevista, e a donzella
Erma de amor te acolhe pensativa,
Fantasiando quadros de ventura,
Que o vasio do coração lhe suppram.
— Talvez agora na floresta annosa,
Proscripto errante, o indio americano
Pára, e eleva-te um cantico selvagem,
Nunca ouvido dos troncos que o circumdam.
— Fadem os Deuses pouso ao peregrino,
Liberdade ao escravo, amor á virgem
E tardes, como esta, ao triste bardo!"

*

P.171-172
AMARGURA (5 estrofes)

P.171:
Notas MA:
1. título sublinhado:

Amargura

2. traço à margem dos v. 1-8:

Oh! não me pergunteis porque motivo
Pende-me a fronte ao peso da amargura,
Quando um suspiro tremulo, afflictivo,
Sobre os meus labios pallidos murmura.

Quando ao fundo do lago a pedra desce,
Globo de espuma á flôr do lago estala;
Assim é o suspiro: elle apparece,
Porque no coração cae dôr que o rala.

3. palavra sublinhada no v.10: "No fundo a vista não divisa o ceno:"; anotação do significado: *nateiro*/ *lodaçal*/ *atoleiro* – estudo do vocabulário parnasiano.

P.172:
Nota MA: traço à margem dos v. 17-20:

Não choro, não! – de angustias flagellado,
Um queixume sequer eu não profiro;
Descae-me a fronte, penso no meu fado...
Oh! não me pergunteis porque suspiro!...

**

P.173-185
MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO (1831-1852)

P.182-185
PEDRO IVO (15 estrofes)

P.184:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 73: "Onde essa turba corvejou, cevou-se!"; estudo do vocabulário parnasiano.

P.185:
Nota MA: ideia sublinhada nos v. 101-103 sublinhados:

> – Lava-se o polluir de um leito impuro,
> Lava-se a pallidez do vicio escuro,
> Mas não se lava um crime!

**

P.201-205
JOSÉ ALEXANDRE TEIXEIRA DE MELLO (1833-1907)

P.203-205
ESQUECIMENTO (15 estrofes)

P.205:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 45: "Que noite vou passar – amadornado" – estudo do vocabulário parnasiano.

**

P.207-218
LUIZ DELFINO DO SANTOS (1834-1910)

P.210
FARWELL (soneto)

P.210:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v. 6 – estudo do vocabulário parnasiano.
2. expoente *(1)*, remetendo à definição no rodapé:

> Ó nebulosas, quem vos róra *(1)* ao vento?

Rorar?... por rorejar: destilar orvalho, borrifar e| melhor ainda neste caso: espalhar gota a| gota.

**

P.247-253
TOBIAS BARRETO DE MENEZES (1839-1889)

P.249-251
O BEIJA-FLOR (10 estrofes)

P.250:
Nota MA: traço à margem dos v. 19-24:

> E a fresca rosa orvalhada,
> Que contrasta descorada
> De seu rosto a nivea tez,
> Beijando as mãozinhas suas,
> Parece que diz: nós duas!...
> E a brisa emenda: nós tres!...

*

P.253
IGNORABIMUS (soneto)

P.253:
Nota MA: traço à margem dos v. 1-14:

> Quanta illusão!... O céo mostra-se esquivo
> E surdo ao brado do universo inteiro...
> De duvidas crueis prisioneiro,
> Tomba por terra o pensamento altivo.
>
> Dizem que o Christo, o filho de Deus vivo,
> A quem chamam tambem deus verdadeiro,
> Veio ao mundo remir do captiveiro,
> E eu vejo o mundo ainda tão captivo!
>
> Se os reis são sempre os reis, se o povo ignavo
> Não deixou de provar o duro freio,
> Da tyrannia e da miseria o travo,
>
> Se é sempre o mesmo engodo e falso enleio,
> Se o homem chora e continúa escravo,
> De que foi que Jesus salvar-nos veio?...

**

P.265-283
LUIZ NICOLÁO FAGUNDES VARELLA (1841-1875)

P.271-277
CANTICO DO CALVÁRIO (12 estrofes)

P.271:
Nota MA: traço à margem dos v. 1-12:

> Eras na vida a pomba predilecta,
> Que sobre um mar de angustias conduzia
> O ramo da esperança! eras a estrella,
> Que entre as nevoas do inverno scintillava
> Apontando o caminho ao pegureiro!
> Eras a messe de um dourado estio!
> Eras o idyllio de um amor sublime!
> Eras a gloria, a inspiração, a patria,
> O porvir de teu pai! – Mas ah! no emtanto,
> Pomba – varou-te a flecha do destino!
> Astro – engoliu-te o temporal do norte!
> Tecto – caiste!- Crença, já não vives!"

P.272:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 48: "Ainda um threno! e o vendaval sem freio"; estudo do vocabulário parnasiano.

P.274:
Nota MA: construção sublinhada no v. 95:

> Cegou-me tanta luz! Errei, fui homem!

P.276:
Nota MA: construção sublinhada no v. 157:

> As illusões que murcham-se comtigo!

**

P.289-296
JOÃO NEPOMUCENO KUBITSCHECK (1845-1899)

P.291-296
EURICO (20 estrofes)

P.296:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 134: “Troquei a strynge sagrada,” – estudo do vocabulário parnasiano.

**

P.297-309
LUIZ CAETANO PEREIRA GUIMARÃES JUNIOR (1847-1898)

P.299
O CORAÇÃO QUE BATE NESTE PEITO (soneto)

P.299:
Nota MA: traço à margem do texto:

O coração que bate neste peito
E que bate por ti unicamente,
O coração, outrora independente,
Hoje humilde, captivo e satisfeito;

Quando eu cair, emfim, morto e desfeito,
Quando a hora soar lugubremente
Do repouso final, – tranquillo e crente
Irá sonhar no derradeiro leito.

E quando um dia fôres commovida
– Branca visão que entre os sepulcros erra, –
Visitar minha funebre guarida,

O coração, que toda em si te encerra,
Sentindo-te chegar, mulher querida,
Palpitará de amor dentro da terra.

*

P.300
HORA DE AMOR (soneto)

P.300:
Nota MA: traço à margem dos v. 1-14:

Reunimo-nos todos no terraço:
A fria lua sobre nós pairava;
Rescendendo á baunilha, suspirava
A aragem, quente ainda do mormaço.

E Ella pousou o alabastrino braço

Nú sobre o marmor. Seu olhar brilhava
Como a opala ao luar, – e procurava
Os mudos olhos meus, de espaço a espaço.

Uma orchestra, invisivel e saudosa,
Cuja harmonia os echos repetiam,
Lançava á noite os ais de Cimarosa:

E quando os mais a musica applaudiam,
Eu, ó madona minha silenciosa,
Ouvia o que os teus olhos me diziam.

*

P.301
A PRIMEIRA ENTREVISTA (soneto)

P.301:
Nota MA: traço à margem dos v. 1-14:

Ella não tarda. Disse-me que vinha:
Mas quem sabe! Se acaso acontecesse
Qualquer cousa imprevista, e não viesse!
Oh! Deus do céo! que situação a minha!

E este relogio vil que não caminha!
E o tempo! – uma hora apenas e parece
Noite fechada já! Ah! se chovesse!…
Mas, não: alguem tocou a campainha,

Alguem subiu veloz a minha escada:
Ouço um rumor de seda machucada
E uns miudinhos, uns nervosos passos…

Duvido ainda! Espreito delirante:
Abro a tremer – e toda palpitante
Ella cae a sorrir entre os meus braços.

*

P.302
VISITA Á CASA PATERNA (soneto)

P.302:
Nota MA: traço duplo à margem dos v. 1-14:

Como a ave que volta ao ninho antigo,
Depois de um longo e tenebroso inverno,

Eu quiz tambem rever o lar paterno,
O meu primeiro e virginal abrigo.

Entrei. Um genio carinhoso e amigo,
O fantasma, talvez, do amor materno,
Tomou-me as mãos, olhou-me grave e terno,
E passo a passo caminhou commigo.

Era esta a sala... (Oh! se me lembro, e quanto!)
Em que, da luz nocturna á claridade,
Minhas irmãs e minha mãe... O pranto

Jorrou-me em ondas... Resistir quem hade?
Uma illusão gemia em cada canto,
Chorava em cada canto uma saudade.

*

P. 303
A ESCRAVA (soneto)

P.303:
Notas MA:
1. traço à margem dos v. 1-14;
2. palavra sublinhada no v. 3 – estudo do vocabulário parnasiano:

Emquanto os outros negros companheiros
Bailam em frente á lugubre senzala,
E da fausta vivenda a rica sala
Percorre a dança em giros feiticeiros;

Emquanto a noite com seus ais fagueiros
Como um segredo tropical se exhala,
E a quente aragem que a palmeira embala,
Treme na leve rama dos coqueiros;

Emquanto a festa vivida, inclemente,
Louca de febre e graças soberanas,
Prende o senhor e o escravo juntamente:

Ella, fugindo ás emoções tyrannas,
Recorda tristemente, tristemente,
A solidão das noites africanas.

*

P.305-309
A SERTANEJA (18 estrofes)

P.306:
Nota MA: cacófato sublinhado no v.40:

Por cada infeliz que chora

P.307:
Nota MA: traço duplo à margem dos v. 52-54:

No meu cabello selvagem
Sente-se a morna bafagem
Das mattas virgens em flôr.

**

P.335-339
MANOEL RAMOS DA COSTA (1849-1872)

P.337-339
SYLVINA (14 estrofes)

P.337:
Notas MA:
1. Sinal de destaque sob o título:

Sylvina

2. Traço à margem dos v. 1-5:

Meu Deus, como passou tão repentina
De nossos sonhos a estação ridente?!
E da su'alma candida e divina
A chimera dourada, alvinitente,
Meu Deus, como passou tão repentina?!

**

P.347-353
LUCIO DRUMOND FURTADO DE MENDONÇA (1854-1909)

P.347:
Nota MA: parte do nome destacado:

Lucio Drumond Furtado | de Mendonça

*

P.352-353
FLOR DE IPÊ (5 estrofes)

P.352-353:
Nota MA: traço à margem dos v.1-8, 17-24, 33-40:

Na clara estação gorgeiada,
Em flôr o ipê se desata;
O' bella arvore dourada!
O' loura filha da matta!
O tronco, o pae, se revê,
Todo ufano, todo zelos,
Nesses teus aureos cabellos,
Que o sol beija, ó flôr de ipê!

[...]

Mas, ai! tanta formosura,
Tão festejada e querida,
Pouco tempo vive e dura,
Logo cae a flôr sem vida;
E sombrio e nú se vê,
Mudo, tragico, isolado,
Como um pae desamparado,
O velho tronco do ipê.

[...]

Sonhos de que te cobriste,
Coração em primavera,
Cairam todos, ai, triste!
Quanta dourada chimera!
Eis-te da sorte á mercê,
Já sem viço, já sem flôres...
Aquelles pobres amores
Foram como a flôr do ipê!

**

P.355-357
FRANCISCO ANTONIO DE CARVALHO JUNIOR (1855-1879)

P.357
LUSCO-FUSCO (soneto)

P.357:

Nota MA: acréscimo de acento e interrogação no v. 5:

Era como um *sabbát ?* phantastico e nefando!

*

P.359-369
ARTHUR NABANTINO GONÇALVES AZEVEDO (1855-1908)

P.361-362
Á MINHA NOIVA (4 estrofes)

P.362:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 23: "Eu sou no amor o gardingo,"; estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.363
NO DIA EM QUE NA TERRA TE SUMIRAM (soneto)

P.363:
Nota MA: traço à margem dos v. 1-14:

No dia em que na terra te sumiram,
Eu fui ver-te defunta sobre a eça,
Fechados para sempre, oh! sorte avessa!
Aquelles olhos que me seduziram.
A' luz do sol, uma janella abriram,
E o jardim avistei onde, ó condessa,
Uma noite perdemos a cabeça,
E as estatuas de marmore sorriram.
Saiste por aquella mesma porta
Onde outrora os teus beijos me esperavam,
Cheios do amor que ainda me conforta.
Quando o jardim saudoso atravessavam
Seis homens com o esquife em que ias morta,
As estatuas de marmore choravam.

*

P.365
ARRUFOS (soneto)

P.365:
Nota MA: traço duplo à margem dos v. 1-14:

Não ha no mundo quem amantes visse
Que se quizessem como nos queremos...

Um dia uma questiuncula tivemos
Por um simples capricho, uma tolice.
— "Acabemos com isto!" ela me disse,
E eu respondi-lhe assim — "Pois acabemos!"
E fiz o que se faz em taes extremos:
Tomei do meu chapéo com fanfarrice,
E, tendo um gesto de desdem profundo,
Sai, cantarolando... (Está bem visto
Que a fórma, ahi, contrafazia o fundo.)
Escreveu-me... Voltei. Nem Deus, nem Christo,
Nem minha mãe volvendo agora ao mundo,
Eram capazes de acabar com isto!”

*

P.366-369
NÃO MORRAS (soneto)

P.366:
Nota MA: traço à margem dos v. 1-14:

Muitas vezes sorrindo me perguntas:
Se eu morrer hoje, meu querido amigo,
Fazes-me uns versos, fazes-me um artigo?
E eu te respondo: – As duas cousas juntas.

No emtanto fel ao meu peccado ajuntas
Se assim te pões a gracejar commigo.
Não poderia ver o teu jazigo,
Como o jazigo vi de mil defuntas!

Ai! não, não morras, pallida formosa,
Porque a morte inimiga, escura e fria,
Fôra indscreta, fôra temerosa!

Se tu morresses, eu tambem morria,
E a minha dôr, acerba e escandalosa,
O teu cadaver comprometteria!

**

P.371-377
THEOPHILO DIAS DE MESQUITA (1857-1889)

P.375
SAUDADE (soneto)

P.375:

Nota MA: palavras sublinhadas nos v. 9: " – Entranha-se, invetera-se, – de jeito" e v.12: "O ligneo carcer, que o retem captivo,"; estudo do vocabulário parnasiano.

**

P.379-385
ADELINO FONTOURA (1859-1884)

P.381
CELESTE (soneto)

P.381:
Nota MA: traço à margem dos v. 1-14:

E' tão divina a apparencia,
E a graça que illumina o rosto della,
Que eu concebera o typo da innocencia
Nessa criança immaculada e bella.

Peregrina do céo, pallida estrella,
Exilada da etherea transparencia,
Sua origem não póde ser aquella
Da nossa triste e misera existencia.

Tem a celeste e ingenua formosura
E a luminosa aureola sacrosanta
De uma visão do céo, candida e pura;

E quando os olhos para o céo levanta,
Inundados de mystica doçura,
Nem parece mulher, – parece santa.

*

P.382
BEATRIZ (soneto)

P.382:
Nota MA: traço à margem dos v. 1-14:

Beatriz! Beatriz! sombra querida,
Branca visão que em toda parte vejo,
E's a ventura única que almejo,
Que outra igual me não fôra concedida.

Meu amor, minha crença e minha vida,
Todo bem com que sonho e que antevejo,

Tudo que aspiro e tudo que desejo,
A ti te devo, ó alma commovida!

Do meu amor não saibas, todavia,
Pois que se igual amor te não mereço,
Antes quero cuidar que o merecia.

Succumbirei á dor de que padeço;
Se tal fraqueza chamam cobardia,
Eu serei um cobarde por tal preço!

*

P.383
DESPEDIDA (soneto)

P.383:
Nota MA: traço à margem dos v.5-14:

Venho ensopar de lagrimas o lenço
No tristissimo adeus da despedida;
Em breve a patria vou deixar perdida
Além, na curva do horisonte immenso.

Em breve, sobre o mar profundo e extenso,
Adejará minh'alma dolorida,
Como a gaivota errante e foragida
Sem ter um ninho onde pousar, suspenso.

Então, senhora, hei de pensar tristonho,
Revendo a vossa angelica bondade,
Neste ninho de amor, calmo e risonho.

E triste, sobre a triste immensidade,
Como quem despertou de um ledo sonho,
Hei de chorar o pranto da saudade.

*

P.384
FRUCTO PROHIBIDO (soneto)

P.384:
Nota MA: traço à margem dos v. 1-14:

Escravo dessa angelica meiguice
Por uma lei fatal, como um castigo,
Não abrigara tanta dôr commigo,

Se este affecto que sinto não sentisse.

Que te não dôa emtanto isto que digo,
Nem as magua das falas que te disse;
Não t'as dissera nunca, se não visse
Que, com dizel-as, minha dôr mitigo.

Longe de ti, sereno e resoluto,
Irei morrer, miserrimo, esquecido.
Mas hei de amar-te sempre, anjo impolluto.

E's para mim o fructo prohibido;
Não pousarei meus lábios nesse fructo,
Mas morrerei, sem nunca ter vivido!

*

P.385
ATTRAÇÃO E REPULSÃO (soneto)

P.385:
Nota MA: traço duplo à margem dos v. 1-14:

Eu nada mais sonhava nem queria
Que de ti não viesse ou não falasse;
E como a ti te amei, que alguem te amasse
Cousa incrivel até me parecia.

Uma estrella mais lucida eu não via
Que nesta vida os passos me guiasse,
E tinha fé, cuidando que encontrasse,
Após tanta amargura, uma alegria.

Mas tão cedo extinguiste este risonho,
Este encantado e deleitoso engano,
Que o bem que achar suppuz, já não supponho.

Vejo, emfim, que és um peito deshumano;
Se fui té junto a ti de sonho em sonho,
Voltei de desengano em desengano.

**

P.387-394
ANTONIO VALENTIM DA COSTA MAGALHÃES (1859-1903)

P.389-391

VISITA A UM TUMULO (12 estrofes)

P.389:
Nota MA: sinal de destaque sob o título:

Visita a um tumulo

P.392-394
DOLOROSA (12 estrofes)

P.393:
Nota MA: traço à margem dos v.37-40:

Soffrem as mães, aos filhos dando vida,
E estes compartem do soffrer materno;
Se o prazer pouco dura, a dôr, querida,
Cada breve minuto torna eterno.

**

P.395-399:
SEBASTIÃO CICERO DE GUIMARÃES PASSOS (1867-1909)

P.397
BARCAROLA (5 estrofes)

P.398:
Nota MA: traço à margem dos v. 33-40 e anotação lateral:

Sem

Embora tudo!... Bemdigo
Esta ditosa lembrança,
Que, sem me dar esperança,
Une-me ainda comtigo...
Bemdigo a casa da serra,
Bemdigo as horas fagueiras,
Bemdigo aquellas palmeiras,
Querida, da tua terra!

*

P. 420:
Nota MA: esboço de verso na vertical:

"Que os teus cabelos brancos são as linhas/ Do comprido romance que [ilegível]*"*

OLIVEIRA, Alberto de. Bibl. MA [A/II/c/46]
Poesias (*Primeira série: Canções românticas, Meridionaes, Sonetos e poemas, Versos e rimas, Por amor de uma lágrima*). Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1912.
[Poesia] IEB: MA 869.9146O481p

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernação em marroquim vermelho, 21x15 cm.

Nota da pesquisa: Em 20 de abril de 1925, a revista do modernismo carioca *Estética* (a.1, nº 3) publicou a carta-aberta que Mário de Andrade endereçara a Alberto de Oliveira. O Príncipe dos Poeta que, em entrevista ao jornal *Vanguarda*, do Rio de Janeiro, manifestara um certo apreço pelos modernistas, recuou quando procurado pela revista *Estética.* Mário de Andrade, então, ocupou-se da análise do comportamento do confrade, na mesma revista. Menos ácida que a série de artigos "Mestres do passado" (1921), a carta-aberta focaliza questões importantes: a criação poética, escolas literárias e arte nacional. A resposta, conservada pelo remetente, data de 30 de outubro, 1925. (V. LOPEZ, Telê Ancona. "Carta-aberta a Alberto de Oliveira – resposta a Mário de Andrade. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, nº 23. São Paulo: IEB-USP, 1981, p. 93-95.)

Folha de rosto:
Nota MA: Comentário crítico:

P.1-3:
Entremos agora nos tres verdadeiros/ poetas que floresceram entre os/ artifices do verso da geração/ parnasiana. A inspiração do snr./ A de O é constante, mas goteja. É como/ o produto das infiltrações calcareas/ produzindo através de espaços se-/culares a poesia das estalagmites./ A de O teve uma grande infelicidade/ na vida: não teve que dizer. Mas foi/ poeta. Mas como não tinha que dizer,/ ~~e era~~ sentia amorezinhos, verdadesinhas/ e quando não sentia coisa alguma escrevia/ poemas parnasianos./A prolixidade sem assunto do snr A de/ O pelo escrever três alentadas series de/ poesias para cantar suas paixõesinhas/ que afinal se contêm num lied de/ Goethe ou numa careta de Heine. É aliás/ uma verdade que o poeta, quando trata o amor, é duma/ monotonia de areão. Raramente o/ milagre dum sentimento mais curioso/ mais original. Areão de oasis raros e de miragens raríssimas. Aliás o snr A de O não tem culpa de ser mono/tono no amor. Culpe-se lhe a alma, o coração/ que já trouxe de traz e não comprou. Porquê o poeta do/ Livro de Ema, salvo raras exceções, faz versos de amor/ bem sentidos, bem vividos. Conhecer as Canções Romanticas é conhecer/ o que o poeta repetira pela vida/ inteira afinada um pouco mais a/ viola trovadoresca, em outras tonalida-/ des mais variadas. O eterno amor que/ não vai nem vem, os temas convencio-/nais do passado, a lingua pura, rebusca-/da as vezes até a sandice, outras vezes toada/ sonorosa e agradável de modinha.../A poesia dedicada a umas iniciais/ romanticamente misteriosas já prova/ bem que o pretendente ao Parnaso é/ poeta deveras. Há sentimento, alma e/ humanidade naqueles versos./E neste amar que me enche....etc./ Nessas mesmas Canções Romanticas/ o poeta tem umas trovas engraçadas/ que merecem comentário. Há nelas/ toda a inconsistencia da alma do/ rapazola que verseja. Diz ele falan-/do dos olhos da menina/Olhos feitos de lavas/ Rolando sobre veludo/ Os tais críticos não vêem nisso exagêro.../ Pudera! Alberto toma o cuidado de

mis-/turar esse futurismo com umas frases de/ preceito doiradinhas, comuns, ... e os homens/ engoliram a pilula. Agora que se fale/ em braços infinitos, isso não é que o talhe/ esbelto da pequena traga a um pobre/ poeta maluco visões afrodisíacas de/ Torres em alucinação pasmada e que/ essas torres sejam de São Bento, S Paulo,/ Brasil e não torres classicas de Santa/ Sofia ou de Notre Dame de Paris, isso/ é demais!... não podemos admitir nos/ nos cerberos legitimos e celeberrimos/ da ~~poesia~~ senso comum e da beleza. Mas quem/ falou em senso comum e em beleza!/ Bestas !/ O mais engraçado é que alberto con-/ tinua na quadra seguinte./

> *Quando essas duas turquesas (as lonas eram azuis!)/ De minh'alma ao fundo lanças/E tudo são esperanças/(as esperanças do poeta são azuis, quês-/tão de presbitismo!...)/ Já vem me lembrar tristezas/*

Mas isso é a aurora do poeta, ape-/nas muito aurora, penetrada ainda das/ sombras inconscientes da ante-manhã./ – / Nas Meridionais já A. cita Banville. A mania das/ recordações da Grécia acentua-se com a mania/ da língua rebuscada. ~~Inver~~ São inversões ger-/mânicas pesadas, ~~arrend~~ em que a frase se/ arrasta, longa, lenta, entrecortada. Uma/ artificiosidade cansativa e pernóstica. As mulhe-/res o poeta já as vê como Amphitrites, e ~~o saber/ dos e~~ procura saber do sabor das lagrimas pelos/labios de Hermé, a grega, e as mulheres que/ ama já ama como a estatuas de mármore.../ "nada mais". E si ao lado dessas ninharias e/ futilidades, o amor romântico persevera em lamúrias,/ e visões açucaradas, já a alma do poeta vibra mais forte ou comovendo-se com os seus próprios/ sofreres com com [sic]*os males alheios. Já há lindos"*

Notas da pesquisa:
a) MA sublinha e cita os v.11-12 da Parte II do poema "Lua nova", p. 58, em "Canções românticas", o primeiro livro na reunião da obra de Alberto de Oliveira em *Poesias* (Primeira série). Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1912.

> "Teus olhos feitos de lavas
> Rolando sobre velludo"

b) Estas anotações críticas de Mário de Andrade, esboço a grafite, são a primeira versão conhecida do artigo dele "Mestres do passado: IV - Alberto de Oliveira"; oferecem variantes no confronto com a versão publicada no *Jornal do Comércio*, São Paulo, 16 de agosto, 1921.

**

P.1-67
"Canções românticas" (1877-1878)
Prefácio "Carta a Artur Barreiros a propósito das Canções românticas de Alberto de Oliveira", por Teophilo Dias; São Paulo, 30 de novembro de 1878.

P.11-14
APPARIÇÃO NAS ÁGUAS (6 estrofes)

P.11:
Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

Apparição nas águas

P.11-12
PARTE II

P.12:
Nota MA: metáforas sublinhadas nos v.6, 14:

Sobre o mármore santo de teus hombros
[...]
A voz apocalyptica dos ventos

*

P.12-13
PARTE III

P.12:
Nota MA: comparações sublinhadas nos v. 3-4:

Ah! Que as ondas, cruel, não sejam lábios,
E que eu não seja o mar!

*

P.13
PARTE IV

P.13:
Notas MA:
1. adjetivos sublinhados nos v. 1-8:
2. comentário na margem direita:

Clytia, a filha da Hellade divina,
Jamais foi vista assim do louco amante
No claro banho! Como a grega ondina,
Paixão, delírio, ardente amor inspira
Teu corpo fluctuante
Sobre as aguas do mar, mansas e mansas!
Ficam-te à flux as perfumadas tranças:
Tal no banho aromático a hetaira.

Notar como a abundancia de qualificativos prejudica este período

*

P.13-14
PARTE V

P.13:
Notas MA:
1. barras marcando escansão no v.2 – estudo da sonoridade; e comentário:

E / ah! quem, como / eu, não te adorara *verso frouxíssimo*

2. construção sublinhada no v. 6:

Todo o ferver do interno cataclysmo

*

P.15
O ÍDOLO (4 estrofes)

P.15:
Nota MA: construções sublinhadas nos v.11-12 e rima destacada nos v. 10, 12 – estudo da sonoridade:

Cae fóra a noite – mar que se retrata
Em outro mar – dois pélagos azues;/
Num as ondas – alcyones de prata,
No outro os astros – alcyones de luz/

P.16
". . ." (3 estrofes)

P. 16:
Notas MA:
1. título sublinhado:

" . . . "

2. traço duplo à margem do texto e palavra sublinhada no v. 11 marcando contagem silábica – estudo da sonoridade:

Sabes para onde vão meus pensamentos,
Lá quando o sol nos cerros se reclina,
E o coqueiral erguido na collina
Abre os leques dos ventos ao rumor?

Sabes para onde vão meus pensamentos,
À hora em que o crepúsculo desmaia,
E o mar mais triste vem gemer na praia
Seu abafado, imcomprehendido amor?

Sabes para onde vão meus pensamentos?

Ah! Vão todos perdidos, vão à toa
Buscar a sombra de tua casa branca
Alevantada à beira da lagoa

*

P.17-18
QUADRO ANTIGO (6 estrofes)

P. 18:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 24 marcando contagem silábica – estudo da sonoridade:

Mas que é feito de tua tribu?

*

P.19-21
NA ALAMEDA (7 estrofes)

P.19:
Notas MA:
1. título sublinhado:

Na alameda

2. traço duplo à margem dos v. 1-16 e imagem sublinhada nos v.8-9:

Por alameda sombreada e fresca,
Eu e ella, ella um tanto romanesca,
Com seu passinho de ave, íamos indo.
Estava o dia lindo,
E aos nossos pés, na molle humida areia,
Tocada de uns tons de ocre, um quase louro,
Do sol das cinco e meia
Reluziam os raios derramados,
Como pedaços de ouro.

Uns grupos de deidades mythologicas
Aquém, além dispersos,
Quaes junto a um lago a palpitar com a aragem,
Quaes lá mais longe em doce paz immersos,
Ao nosso andar surdiam,
Como independentes satyros que riam,
Espreitando entre os claros da folhagem.

P.21:
Nota MA: traço à margem dos v.49-52:

Do repucho até nós chegava o choro;
Ia morrendo o dia,
E longe, longe, alfinetado de ouro,
Tombava o sol, como um borrão de sangue

*

P.22-23
À A. C. (4 estrofes)

P.22:
Notas MA:
1. título sublinhado:

À A. C.

2. construções sublinhadas nos v.9, 15-16:

O teu mal, teu soffrer me ennoita a vida...
[...]
Mas é que o peito, quando a dor extrema,
Tem a rijeza do aço

*

P.24
* * * (2 estrofes)

P. 24:
Nota MA: título sublinhado:

* * *

*

P.26
ONDULAÇÕES (4 estrofes)

P.26:
Notas MA:
1. título sublinhado:

Ondulações

2. traço à margem do texto e palavra sublinhada no v.3 marcando escansão – estudo da sonoridade:

A flor da vaga, ao seu balanço inquieto oscilla
Um barco longo e escuro, ao mar abandonado;
Banha um luar de verão o firmamento arqueado.
A noite é calma e ardente, a viração tranquila.

À luz coada do céo, refervente irradia
A ampla esteira de espuma, o sulco luminoso;
E o navio, sem dono, a arrastar-se moroso,
Vae na onda imprimindo a sua sombra fria.

De onde vem? Aonde vae? Qual busca estranho porto?
.....

Ah! Quanta vez também, por mais illimitado,
Como um navio, sob o paramo estrellado,
Não boia um coração abandonado e morto!

*

P.27-54
TORTURAS DO IDEAL

P.33
PARTE III (4 estrofes)

P.33:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 16 marcando escansão – estudo da sonoridade:

Leve-me a luz do luar!

*

P.34-35
IV – VOZES NO AR (4 estrofes)

P.35:
Nota MA: rima marcada nos v.32, 34 – estudo da sonoridade:

- Eu sou a filha dos ermos,
Das soledades azues!
Deixou-me a errar pela noite
Uma orvalhada de luz!

*

P.40
PARTE VII (2 estrofes)

P.40:

Nota MA: rima marcada nos v.7, 10 – estudo da sonoridade:

Depois de na estancia pura
Gosar de uns sonhos de paz
Tornar busca á terra escura:
Procura a escada, procura,
Procura... não a vê mais!

*

P.41
PARTE VIII

P.41:
Nota MA:
1. título sublinhado:

VIII

2. rima marcada nos v.2-3 – estudo da sonoridade:

Cortando os ares azues,
Buscar-te as azas da luz

*

P.49
AO SOL POENTE (soneto)

P.49:
Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

Ao sol poente

*

P.50
" * * * "

P.50:
Nota MA: rima sublinhada nos v.1, 3 – estudo da sonoridade:

Do frio Danubio à flux
Levantam-se peregrinas,
Da lua aos beijos de luz
Umas visões de neblinas.

*

P.51-52
INTERIOR (6 estrofes)

P.51:
Nota MA: sublinhada a construção dos v.8-9:

> E então a essa voz, que a toda e qualquer hora
> O coração escuta

P.52:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 24, marcando escansão – estudo da sonoridade:

> Aos raios de sua luz

*

P.53-54
O MEZ DE OUTUBRO (6 estrofes)

P.53:
Nota MA: Construções com imagens sublinhadas nos v.3, 5-6, 10-12, 18-22:

> De cardado algodão ou retalhos de cassa
> [...]
> Andava pelo céo, no alto, o que quer que fôsse,
> Como uma aza a fechar-se. O ether cavado e immenso
> [...]
> Um vinho louro e ardente
> Ia enchendo do ceo a taça transparente,
> Voltada na amplidão, com uns tons de porcellana
> [...]
> Depois um ciciar, uns leves murmurinhos,
> Como beijos, á sombra. Após, no descampado
> O silencio em que fica um leito abandonado,
> Na molle confusão das rendas e dos linhos.
>
> A luz sarjava o azul de um sentimento rubro"

Nesta descrição há intensi-/dades homéricas. A. de Oliveira/ está todo nela: grande e nobre./ Comparações profundas em assuntos/ superficiais; como êle ha de ser toda/ a vida, menos no fim em que ele/ se tornou mais profundo na/ escolha dos assuntos (3ª série).

*

P.55-67
LUZ NOVA

P.57
PARTE I (4 estrofes)

P.57:
Nota MA: título sublinhado:

I

*

P.58-59
PARTE II (5 estrofes)

P.58:
Notas MA:
1. título sublinhado:

II

2. imagem sublinhada nos v. 11-12:

Teus olhos feitos de lavas
Rolando sobre velludo

*

P.60
"NÃO AMO O LAR EM QUE MORAS" (4 estrofes)

P.60:
Nota MA: traço duplo à margem do texto:

Não amo o lar em que moras,
E eu sei que é lindo o teu lar.
Pois a tua casa branca
Tem janellas para o mar

Temo, é que amo-te e muito !
Temo que o monstro algum dia
Saltando da jaula fria,
Não queira te arrebatar.

E's minha só, e somente
E' em mim que deves pensar...
Porque passeias na praia ?
Porque contemplas o mar ?

Não amo teu lar... Se eu fosse
A viração, ao passar,
Fechára aquella janella
Que alli se abre para o mar.

*

P.62:
PARTE V

P.62:
Nota MA: título sublinhado:

V

*

P.63
PARTE VI (3 estrofes)

P.63:
Nota MA: traço duplo à margem do texto e construção sublinhada no v. 4:

Quando o teu olhar se embebe
Em meu olhar, lenta, lenta,
Ha uma fonte que rebenta
Em o meu peito — esse Horeb!

E todo um povo que enceia
E que me enche o interior,
Nessa crystallina veia
Estanca a sede do amor.

Por isso te quero perto,
Pois me doe, se estás ausente,
Das multidões no deserto.

**

P.69-152
"Meridionaes" (1879-1883)
Prefácio sem título por Machado de Assis; 14 de janeiro de 1884.

P.75-111
PRIMEIRA PARTE

P.77-79
PRELUDIO (12 estrofes)

P.77:
Nota MA: cruzetas ao lado do título:

XX Preludio

*

P.84
A PRIMEIRA PAIXÃO (soneto)

P.84:
Notas MA:
1. título sublinhado:

"A primeira paixão"

2. inversão sublinhada nos v.2-3:

É que interpreto e julgo: e como ao deslumbrado
Olhar meu tudo é grande, a terra, o espaço, a aurora

3. palavra sublinhada no v. 9 e expoente *(1),* remetendo à definição no rodapé – estudo do vocabulário parnasiano; aliteração sublinhada no v. 11– estudo da sonoridade:

Oh! Bemdita essa mão que a tímida carcérula *(1)*
Onde minh'alma anciava, ora apresenta aberta,
Como a concha do mar em que palpita a perola

(1) Cada uma das cavidades dos frutos/ indeiscentes

*

P. 85
O QUE SE VÊ NOS OLHOS AZUES (3 estrofes)

P.85:
Nota MA: parte do título sublinhada:

O que se vê nos olhos azues

*

P.86
SABOR DAS LÁGRIMAS (soneto)

P.86:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v. 14: "Bebido em grego cyatho dourado!" e anotação do significado: *vaso com asa*; estudo do vocabulário parnasiano:

2. comentário no rodapé:
Começa a se acentuar mais e mais/ a mania helena de A. de Oliveira

*

P.87
A VOLTA DA GALERA (soneto)

P.87:
Notas MA:
1. cruzeta ao lado do título:

X A volta da galera

2. palavra sublinhada no v.2 "Púrpureas velas de real trireme" e anotação do significado: *galera com 3 ordens de remos* – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.88
À MINHA MÃE (soneto)

P.88:
Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

À minha mãe

*

P. 90
A UMA ARTISTA (soneto)

P.90:
Notas MA:
1. barra marcando sinérese no v. 3 – estudo da sonoridade; sublinha e sinais de pontuação marcando a incoerência semântica:

Do povo, e as palmas em redemoinhos
Saudando-te, mulher encantadora ! *(!?)*

2. traço à margem dos v.7, 9, 11 destacando as rimas – estudo da sonoridade:

Parece-me que vejo, entre os caminhos
Do mar, que a luz da velha Grécia doura,
Amphitrite de pé na concha loura,
Arrebatada por dragões marinhos;

Surgem tritões que aos monstros voadores
Tomam da rédea, um turbilhão de flores
Brota a espuma que bufa o sorvedouro

*

P.92-94
APHRODITE

P.92
PARTE I (soneto)

P.92:
Nota MA: imagem sublinhada no v.5:

> O mar, - turqueza enorme, illuminada

*

P.93
PARTE II (soneto)

P.93:
Notas MA:
1. imagem sublinhada nos v.1 e 2:

> "Cabello errante e louro, a pedraria
> Do olhar faiscando, o mármore luzindo"

2. rima sublinhada nos v.12 e 13 – estudo da sonoridade:

> Vêm a saudal-a todos, revoando,
> Golfinhos e tritões, em larga ronda

*

P.95-96
SANTA (8 estrofes)

P.95:
Nota MA:
1. traço à margem dos v. 3-4:

> "E falas e me parece
> Que a tua voz é uma prece"

2. comentário na margem superior:
Foi, por sem dúvida, uma reminiscen-/cia de tais versos que permitia a V. de Car-/valho, dizer milhor: Maria, nome tão doce,/ Nome de santa, parece/Que o digo como se fosse/ O resumo duma prece.

Nota da pesquisa: MA transcreve a 1ª estrofe da parte IV de CANTIGAS PRAIANAS, de Vicente de Carvalho, à p.122-123 de *Poemas e canções*, publicado em 1917 (São Paulo:

ed. Pensamento). Em seu exemplar da obra, bastante anotado, nada marcou contudo nesse poema.

3. comparação sublinhada no v.13:

> *És doce como um exemplo*

*

P.97
A JANELA DE JULIETA (soneto)

P.97:
Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

> A janela de Julieta

*

P.98
Á LUZ DO OCCASO (soneto)

P.98:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v. 4: "Da montanha fronteira, ao longe, esponteada..." – estudo do vocabulário parnasiano.

2. ordem inversa sublinhada no v. 9 e rima marcada nos v. 9-10 – estudo da sonoridade:

> "Sob informe Babel de grandes nuvens de ouro
> Occultara-se o sol. Como um soturno côro"

*

P.99
SAUDADE DA ESTATUA (soneto)

P.99:
Notas MA:
1. Título assinalado por traço horizontal:

> Saudade da estatua

2. Rima sublinhada nos v. 1-2, v.12,14 – estudo da sonoridade:

> Morreste! Mas, mulher, o que ora invade
> Meu ser inteiro, súbito ferido
> É a saudade do idolo partido
> Não a vulgar e pallida saudade

[...]
Nunca! E ainda agora o que me punge e traz
De estranho affecto lagrimas tardias,
É um reflexo de marmor, - nada mais.

*

P.100
EM CAMINHO (soneto)

P.100:
Notas MA:
1. Título assinalado por traço horizontal:

Em caminho

2. Traço à margem unindo os v. 2,8 e expoente *(1)* no v. 2, remetendo ao comentário no rodapé:

Vae pallida de susto na viagem,
O cavallo a reger, que salta e embrida *(1)*
De quando em quando, a loura e bella Arminda;
Sigo-a, segue-me após o lesto pagem.

Dens'umbroso sertão que a amar convida,
Ermo retiro, incógnita paragem,
Tudo, ao zunir do vento na ramagem,
Cortamos, galopando a toda a brida

(1) Embridar não quer dizer somente por brida/ ao animal, puxar-lhe as rédeas; mas também:/ curvar a cabeça (falando-se do cavalo) com garbo,/ inclinando o focinho para o peito

*

P.101
CONTRASTE (soneto)

P.101:
Nota MA: Título assinalado por traço horizontal:

Contraste

*

P.102
JUNTO AO MAR (soneto)

P.102:
Notas MA:
1. aliteração sublinhada no v. 8 – estudo da sonoridade:

Ella, enrolando no meu braço a trança

2. palavra sublinhada no v.10 e expoente *(1)*, remetendo à definição no rodapé – estudo do vocabulário parnasiano:

Nisto, de encontro aos farelhões *(1)* da costa

(1) Pequeno promontório. Ilhota escarpada

*

P.103
VELHA PÁGINA (soneto)

P.103:
Notas MA:
1. repetição sublinhada no v.14 e expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:

Das saudades o bando vaporoso *(1)*

Termina A. de Oliveira a "Janela de Julieta":/ "Das cortinas a sombra vaporosa."

Nota da pesquisa: MA refere-se a "Janela de Julieta", poema com título sublinhado à p.97 deste volume.

*

P.104
"QUANTO HA EM MIM DE AMOR E DE BONDADE" (soneto)

P.104:
Nota MA:
1. traço à margem dos v. 1-14;
2. rimas sublinhadas nos v. 8-10 – estudo da sonoridade;
3. comentário na margem:

Quanto ha em mim de amor e de bondade,
Quanto á causa do bem me torna affeito,
Quanto alegre me traz e satisfeito,
Alegre e satisfeita a mocidade ;

Quanto em minh'alma existe de verdade,
Quanto aspiro, mulher, quanto aproveito,
Devo-te a ti sómente, que em meu peito,

Mais que o amor, soes infundir piedade.

E se é dado inda ouvir-te este que ouvido *ade*
Tem sempre a tua voz e recordando *ido* *!*
Anda sempre os teus actos commovido: *ando*

Fala-me ainda, archanjo venerando !
Fala-me ainda, e o novo bem trazido
Irei por sobre os homens derramando.”

*

P.105
VOZ DA NOITE (soneto)

P.105:
Notas MA:
1. rimas sublinhadas nos v. 7-9 – estudo da sonoridade;
2. comentário na margem:

Nestas doridas horas da calada,
Da noite, inquieto meditando ainda
Um velho assumpto, escuto em voz maguada
Lá fóra um canto de ternura infinda.

Suspenso então: – Que lyra enamorada,
Que harpa celeste ou cythara bem vinda
Anjos vibram, que em trêmula toada *ada*
A alma arrebata pela noite linda? *inda* *!*

Indago. E, presto, a porta, embevecido, *ido*
Abro. Derramo na amplidão vasia
Olhos de espanto, aguço attento o ouvido...

Mas cessa o canto, e nos dormentes ares
Vejo apenas a lua, enorme e fria,
Calma, suspensa, dominando os mares.

Comparar este magistral soneto com o outro/ não menos magistral de R. Correa: Sosinha

Nota da pesquisa: No poema “Sosinha”, de Raimundo Corrêa, à p. 83 de *Poesias* (3ª ed. Lisboa: Livraria Antonio Maria Pereira, 1910), MA sublinha palavra no v.12: “Antojou-se-lhe logo que seriam” e anota o significado: “*Por-se a vista,/Figurou-se-lhe”*; estudo do vocabulário parnasiano:

“E' tarde, e eles não vêem! O dia finda,
E, extinto anchote, tomba o sol . . . A' estrada
Lança os olhos, anciosa, e não vê nada!

Recolhe-se á cabana, e espera ainda...

"Cerra-se a noite em toda a curva infinda
Dos céus... E elles não voltam da caçada!
E ela tão só! . . . Já pende fatigada,
Cheia de somno, a sua fronte linda.

"Dorme. Alta noite acorda. Os cães latiam
Fóra, e julgou ouvir, confusamente,
Como um tropel, na solitaria rua...

"Antojou-se-lhe logo que seriam
Elles, e a porta abriu... Ninguem! Sómente,
Por trás da serra, ia-se erguendo a lua..."

Na margem superior da página, MA transcreve trecho de *Conferências, 1912-1913:"'O seu soneto Sosinha, cujo valor, puramente emotivo, é tão leve/ e tão melindroso, que se esvairia com certeza, na manipulação/ da forma, dentre mãos que não fossem tão ágeis, tão brandas,/ tão sensíveis como as dêsse maravilhoso artifice'. A. Amaral"* (São Paulo: Off. Cardozo Filho & C., 1914; MA 869.904S678c 1912-3) volume que traz a palestra "Raymundo Corrêa"de Amadeu Amaral, 26 de setembro de 1912.

*

P.107
NO MORE (soneto)

P.107:
Notas MA:
1. parte do título sublinhada:

No more

2. repetição sublinhada nos v. 2, 4:

A praia interroguei, que a ti te amava,
À luz do luar falei, que te encantava,
A tudo interroguei, que te queria.

*

P.108
VISÃO DO TÍSICO (soneto)

P.108:
Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

Visão do tísico

*

P.109-111
O LEQUE (13 estrofes)

P.109:
Nota MA: anotação do significado no v. 18 – estudo do vocabulário parnasiano:

> Ao plaustro illuminado
> | *carro aberto*

P.110:
Nota MA: imagens sublinhadas nos v.28-29:

> A alma inteira: o coral da illusão, a amethysta
> Do sonho, a gloria, tudo, allucinando a vista

*

P.113-152
SEGUNDA PARTE

P.115-117
VIDA NOVA (12 estrofes)

P.116:
Nota MA: traço à margem dos v. 29-32:

> | Tudo me arrouba, essa festa,
> | O bosque, a luz da manhan;
> | Deante de uma floresta
> | Sinto a minh'alma pagan

*

P.118-119
BEIJA-FLORES (8 estrofes)

P.118:
Notas MA:
1. título assinalado por traço horizontal:

> Beija-flores

2. rima sublinhada nos v. 15, 17, 19 e exclamação irônica mostrando inadequação – estudo da sonoridade:

> Sobem ás altas collinas,
> Descem aos valles formosos,

E espraiam-se após ruidosos *!*
Pela extensão das campinas.
Depois, sussurrando á flux
Dos cactos ensanguentados,
Bailam nos prismas da luz,
De solto pollen dourados

*

P.120-122
AO AR LIVRE (12 estrofes)

P.120:
Notas MA:
1. traço marcando a sinérese no v. 1– estudo da sonoridade:

Quando o poeta, alma a que a scisma

2. assonância sublinhada nos v. 13, 16 – estudo da sonoridade:

A piedade Deus semeou-a
Da estrella ao verme; da altura
Ao baixo abysmo ha doçura,
Tudo ama, tudo perdoa

P.121:
Nota MA: sinônimo sobreposto no v. 17:
enlouqueça
Tudo, se há mal que dementa

*

P.123-124
CONSELHO (1 estrofe)

P.123:
Nota MA:
1. título sublinhado:

Conselho

2. inversão sublinhada no v. 17:

A' montanha, a que o sol primeiro a luz envia;

*

P.125
"VEM! NA LIZURA HUMEDECIDA E CLARA" (soneto)

P.125:
Nota MA: rima sublinhada no v.4 e exclamação de ironia apontando inadequação – estudo da sonoridade:

> Vem! Na lizura humedecida e clara
> Do espelho desta lympha aqui vizinha,
> Verás que orgulho o meu por seres minha,
> Vendo o teu rosto que me anima e sara !

*

P.126
O RIO (soneto)

P.126:
Nota MA: palavras sublinhadas nos v. 1, 2 e destaque da assonância – estudo da sonoridade:

> Negro, pútrido, estanque o rio immenso dorme, *o e*
> Da floresta no chão sumindo as águas, - onde" *o e*

*

P. 130-131
A TORRENTE (1 estrofe)

P.130:
Notas MA:
1. título sublinhado:

> A torrente

2. termo com expoente *(1)*, remetendo à definição no rodapé – estudo do vocabulário parnasiano:

> A gottear de lisins *(1)* de esconsa pedra

(1) Lisim ou lasim veio na madeira ou na pedra

3. Palavra sublinhada no v. 21: "A tudo investe, abala, desimplanta" – estudo do vocabulário parnasiano.

P.131:
Nota MA:
1. aliteração sublinhada nos v. 35-36 – estudo da sonoridade:

Pois, como a Idea, as águas da montanha
Querem ser livres para ser fecundas

2. comentário no rodapé:
Esta poesia, extraordinariamente viva/ é, por assim dizer, uma onomatopéa/ da torrente. A frase fluente, corre,/ serpea, enrosca-se e livre pelo enjam/ bement da fim abrigado, transver-/ sa de verso ~~em~~ a verso, de estrofe ~~em~~ a/ estrofe. Como estamos longe da precisão/ métrica dos clássicos!... mas também/ quão mais viva, quantos rithmos/ elegantes tem a poesia moderna pois/ como as águas da montanha as ideias/ querem ser livres para ser fecundas!

*

P.132
MAGIA SELVAGEM (soneto)

P.132:
Nota MA: imagem sublinhada nos v.9-10:

Passaros, flores, petalas ungidas
De orvalho, errantes plumas coloridas

*

P.134-135
RAIOS DOURADOS (6 estrofes)

P.135:
Nota MA: silepse de gênero sublinhada no v. 36:

Da azul myosotis ao penhasco mudo

*

P.136
AS BORBOLETAS (5 estrofes)

P.136:
Notas MA:
1. barra marcando escansão no v. 7:

E entrecruzar-se à luz com / as variadas côres

2. rimas sublinhadas nos v. 9-10; estudo da sonoridade:

Num ligeiro rumor indistincto, cortando
O ar, de aromas que vêm das plantas saturado

3. palavra sublinhada por traço duplo no v.13 e expoente *(1)*, remetendo à definição no rodapé – estudo do vocabulário parnasiano:

> Umas rente lá vão á chromula *(1)* das folhas

(1) Ou Clorofila: substancia que da as células/ vegetais a cor verde.

P.137:
Notas MA:
1. verbos sublinhados nos v. 17-18 – estudo do vocabulário parnasiano:

> Té que em meio de um valle onde a corrente brame
> E revolta borbulha e rodopia inquieta

2. comentário no rodapé:
Pouco próprio o alexandrino para tal assunto

*

P.138-139
A UMA VIOLETA (9 estrofes)

P.138:
Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

> A uma violeta

*

P.140-141
TRECHO DE CARTA (3 estrofes)

P.141:
Nota MA: rimas sublinhadas nos v.41-42 – estudo da sonoridade:

> A tudo, – a encordoada
> Lyra acaso pulsando

*

P.142
MANHAN DE CAÇA

P.142:
Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

> Manhan de caça

*

P.146
O PHILOSOFO (soneto)

P.146:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v. 10 e expoente *(1)*, remetendo à definição no rodapé:

> Déra o prónubo *(1)* annel a uma judia
>
> *(1) Relativo a noiva ou noivo*

*

P.147-148
CONVALESCENÇA (5 estrofes)

P.147:
Nota MA: parte do título sublinhada:

> Convalescença

*

> Como o argénteo cordáo das aguas da montanha
> Vem da pedra que achou no caminho inclinada
> Lavar todo o pendor, e a lubrifica e banha,
> Derramando-se nella em bava prateada ;
> Assim penso hão de ser meus beijos abrasados
> Quando, depois de ao peito, apaixonadamente,
> Prender-te com calor nos braços arqueados,
> Minhna bocca roçar-te a bocca rubra e ardente.
> E como o rio vae, em músicos rumores,
> Pelo campo volvendo as aguas, abundante,
> E, succedendo achar-se ao pé de algumas flores,
> Como que se demora e as lambe palpitante ;
> Eu, depois de oscular, em sofregos desejos.
> Do teu nevado corpo as linhas uma a uma,
> Eu sentirei maior a força dos meus beijos.
> Tocando do teu seio a immaculada espuma;
> E, á lubrica expansão do meu amor selvagem,
> Hei de vêr-te vencida, extenuada, prêsa,
> Como um lirio real que se vae em viagem,
> Embalado ao sabor da fria correnteza.

Raramente A. de Oliveira é assim amoroso/ e sensual como nêstes versos magníficos.

**

P.153-249
Sonetos e Poemas (1884-1886)

P.155-194
PRIMEIRA PARTE

P.157
A GALERA DE CLEOPATRA (soneto)

P.157:
Nota MA: comentário no rodapé:
Heredia não no faria milhor

*

P.159
VOX RERUM (soneto)

P.159:
Nota MA: traço à margem dos v. 1-14:

> Por toda a noite, inquietas despertando
> Ao reflexo da lua – beijo alado,
> No alto paramo azul, de lado a lado,
> Andaram as estrellas perguntando :
>
> "– Que ha na terra, lá embaixo?... Um som maguado
> Vem as espheras mysticas entrando...
> Trina que voz? que deus de enamorado
> Vae da harpa curva os échos derramando?"
>
> Ingenuos astros ! digam de uma em urna
> As ondas do oceano, a face calma
> Diga dos lagos, diga a flor, a espuma,
>
> Diga o rochedo, a folha, a ventania,
> E as palmeiras, abrindo palma a palma,
> De onde e por quem aquella voz se ouvia!

*

P.161-166
MORTOS PARA SEMPRE

P.165
PARTE V (soneto)

P.165:
Nota MA: traço à margem dos v. 1-14:

> Mortos p'ra sempre!... Cala-te, e padece,
> Coração! ella o quiz : padece, e cala...
> Ella que honesta e pura te apparece,
> E, um dedo ao labio, te aconselha e fala!
>
> Como inda em vida arremessado à valla,
> Que a dor no esquecimento te arremesse;
> E seja a tua derradeira prece
> Teu respeito em servil-a e em veneral-a.
>
> Ella tambem, que a dor que te amortalha
> A ambos colhe com o golpe, cae ferida
> E o rosto a quentes lagrimas orvalha...
>
> Mortos p'ra sempre!... O' sombra! escuridadel
> Só, de teu seio, escutarei sem vida
> O rouxinol da ultima saudade.

*

P.167
A ENTRADA DA PRIMAVERA (soneto)

P.167:
Nota MA: comparação sublinhada nos v.10-11:

> Mover da aragem tremem as palmeiras,
> Como ancillas, os leques agitando.

*

P.169-170
AO LUAR DE VERONA

P.169
PARTE I (soneto)

P.169:
Nota MA: Metáfora sublinhada nos v.5-6:

> Da lua o claro disco humedecido
> Empinava no céu. Calado e quedo

*

P.170
PARTE II (soneto)

P.170:
Notas MA:
1. palavra sublinhada e barra marcando escansão no v.4:

> Noite o perfume tropical | se evola

2. acréscimo de interrogação no v.10 por desconhecimento do vocábulo – estudo do vocabulário parnasiano:

> Columnaço da asotea *?* alevantada

*

P.172
MANTO REAL (soneto)

P.172:
Notas MA:
1. traço à margem dos v.1-4:

> Da flava Ceres falta-te ao cabello
> A côr, que o della havia e os trigos doura;
> Tens negra a trança e, deverei dizel-o?
> Melhor te fica que se fôsse loura.

2. palavra sublinhada no v.8: "De volupia infernal me imprime o sèllo" – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.174
A PONTE VERMELHA (soneto)

P.174:
Nota MA:
1. palavra sublinhada e expoente *(1)* no v.8, remetendo ao comentário no rodapé – estudo do vocabulário parnasiano:

> "Olhaes *(1)* formam pintados de vermelho"

(1) Vão formado pelas vigas da ponte. Arcada

*

P.175
"QUE VENHA O INFERNO DESFLORINDO A ENTRADA" (soneto)

P.175:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 5: "Erme-se o Valle, esfolhe-se a ramada" – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.177
VASO CHINEZ (soneto)

P.177:
Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

Vaso chinez

*

P.178-180
SYRINX

P.178:
Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

Syrinx

*

P.180
PARTE III (soneto)

P.180:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v.4: "Lesto, brincões, os satyros ligeiros" – estudo do vocabulário parnasiano.

2. aliteração sublinhada no v.5 – estudo da sonoridade:

E a flébil voa da flauta, soluçada

3. palavra sublinhada no v.11: "Napéas saltam do olivedo, em bando" e anotação do significado: *Ninfas dos bosques* – estudo do vocabulário parnasiano.

4. barra marcando escansão no v. 13 – estudo da sonoridade:

Syrinx pura, / as notas suspirosas

*

P.183
TITANIA (soneto)

P.183:
Nota MA: título sublinhado:

Titania

*

P.184
SÓ (soneto)

P.184:
Nota MA: uso problemático do verbo haver nos v. 12-13:

Ah! Talvez longe, longe, em clima estranho, ao fundo
Do horizonte, há um deserto em que dormir tu possas

*

P.185
DE VOLTA DO CIRCO (soneto)

P.185:
Nota MA: palavra sublinhada no v.13: "A espada, o pique posto às mãos argivas..." e anotação do significado: *gregos* – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.186
EMFIM ! (soneto)

P.186:
Notas MA:
1. traço sob o título:

Emfim!

2. palavra sublinhada no v. 6 e expoente *(1)*, remetendo à definição no rodapé:

Balsas e as leiras *(1)* humidas plantadas

(1) Sulco de terra para a sementeira geira

3. sublinhas e barras marcando alternância na contagem métrica nos v. 10, 12-14:

> Saibam-n'o, saiba o céo com a esphera toda
> Que, emfim, sua mão, emfim, sua mão de leve...
> Borboletas, que pressa! andaes-me em roda"
>
> Auras, silencio! Emfim, su|a mãozinha,
> Sua mão de jaspe, su|a mão de neve,
> Sua | alva mão pude apertar na minha!

*

P.187-191
EMENTARIO

P.187:
Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

> Ementario

*

P.191
PARTE V (soneto)

P.191:
Notas MA:
1. título assinalado por traço horizontal:

> V

2. rimas sublinhadas nos v. 7-9 – estudo da sonoridade; acusada rima toante:

> É tudo e novamente começado: *ado*
> No mystério, na treva indefinida... *ida*
> – E esses vultos que a estão, mudos, subindo? *indo*

*

P.194
ÚNICA (soneto)

P.194:
Nota MA: Título assinalado por traço horizontal:

> Única

P.195-250
Segunda parte

*

P.197-203
A ÁRVORE

P.197:
Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

A árvore

P.197-200
PARTE I (15 estrofes)

P.198:
Notas MA:
1. barra marcando escansão no v. 37 – estudo da sonoridade:

Giganta / e mãe, alteando os hombros, quanta vida

2. palavra sublinhada no v. 43: "Ia-lhe caule acima, em longos cirros *(1)*, toda" e expoente *(1)*, remetendo à definição no rodapé: *"(1) Apêndice filiforme dalgumas plantas"* – estudo do vocabulário parnasiano.

3. palavra sublinhada no v. 47: "As gynandrias gentis, epiphytas, e as várias" e expoente *(2)*, remetendo à definição no rodapé: *"(2) Disse das plantas que crescem sobre outras sem/ delas tirar o alimento* – estudo do vocabulário parnasiano.

P.199:
Nota MA: palavras sublinhadas nos v. 49: "Leves, a suspender as maranhas virentes" e v.62 "Talvez, entre a expansão trichotoma e sadia" e anotação dos significados, respectivamente: *Fibras enredadas* / *Dividido em três* – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.200-203
PARTE II (12 estrofes)

P.200:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v. 2: "Teresa afiada segure. Em torno a vista crava" e anotação do significado: *Ainda segura ou segur. Machado* – estudo do vocabulário parnasiano.

2. palavra sublinhada no v. 11: “Da corcha *(1)* P’ra fendê-la, ao braço heroico e rudo” e expoente *(1)*, remetendo à definição no rodapé: *“(1) Cortiça. Casca de arvore.”* – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.201:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v.17: “A furia estona o tronco. E ha, talvez, um queixume” e anotação do significado: *Tirar a casca* – estudo do vocabulário parnasiano.

2. palavra sublinhada no v. 19 e acréscimo de interrogação: “Mais outro esforço. No ar, como mandrão *?* guerreiro” – estudo do vocabulário parnasiano.

3. palavras sublinhadas no v. 29: “- De onde parte este grito? E os rufos leões, parando” e v. 34: “E o rio, o cedro e a rocha, o enho e a palmeira, pondo” e anotação do significado, respectivamente: *ruivo/ cria do veado* – estudo do vocabulário parnasiano.

P.202:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v. 53: “Rompeu-se-lhe a medulla, e já *rechina (1)* o raio...” e expoente *(1)*, remetendo à definição no rodapé: *“(1) Produzir som agudo. Ranger.”* – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.204-205
O ANACHORETA (3 estrofes)

P.204:
Notas MA:
1. título sublinhado:

> O anachoreta

2. sinal de X destacando a rima nos v. 10, 12:

> As pétalas azues! *X*
> Dou-te um lago de espuma
> Onde melhor fluctues! *X*

*

P.206-214
BORBOLETA AZUL

P.206-207
PARTE I (3 estrofes)

P.206:
Nota MA: metáfora sublinhada no v. 5:

O sol na fulva lagrima de um raio

*

P.208-209
PARTE III (3 estrofes)

P.208-209:
Notas MA:
1. traço à margem do texto;
2. rima toante assinalada nos v. 10, 12:

A borboleta azul que segue fora
Por esse ar, não sei bem...
Della talvez me fala, onde ella mora
Talvez mora também.

Talvez de seu cabello em leve adejo
Voasse, como uma flor,
Como o laço de fita com que a vejo,
Azul, da mesma côr.

Ella, formosa e tímida violeta
Mal desabrochada à luz,
Ella o céu ama e ama a borboleta...
Ambos são tão azues!"

*

P.209-210
PARTE IV (6 estrofes)

P.209:
Nota MA: comparação sublinhada nos v. 7-8:

E cuja mão, se a beijo, é como um vaso
Em que me dessedento

*

P.210
PARTE V (1 estrofe)

P.210:
Nota MA: traço à margem do texto:

Sobre-manhan parti. Molhava a neve
Os flancos da montanha. No arvoredo
Próximo, as pennas a ensaiar de leve,
        Um pássaro em segredo
Trinava. O som das águas derivadas
Da serra o chão da gruta, lento e lento,
Ia accordando. As folhas orvalhadas
        Cochichavam com o vento.
Uma faixa de fogo no Levante
        Subia, e humida e bella,
Da alva brilhava no alto a clara estrella,
        Como um grande diamante.

*

P.213
PARTE X (1 estrofe)

P.213:
Nota MA: traço à margem do texto:

Consta que ella, uma tarde, em que radiante
Das nuvens de ouro a abobada se erguia,
Os braços nus para a amplidão distante,
Em falta de azas, tremulos abria.
É que, aos raios do sol bailando inquietas,
Suspensas no ar, em dança vaporosa,
Um vago bando azul de borboletas
Vira passar na tarde luminosa.

*

P.215-216
MÁRMORE (1 estrofe)

P.215:
Nota MA: título sublinhado:

Mármore

P.216:
Nota MA: construção sublinhada no v. 21:

Insano extravagar! Insana phantasia!

*

P.217-222
AS TRES FORMIGAS (38 estrofes)

P.217:
Nota MA: parte do título sublinhada:

> As três formigas

P.220:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v.82: "Espada à cinta, e escarcella..." *(1)* e expoente *(1)*, remetendo à definição no rodapé: *"(1) Parte da armadura que vai da cintura ao joelho./ Também bolsa de couro que se usava à cinta."* – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.223-226
VERTUMNO

P.223-224:
PARTE I (14 estrofes)

P. 223:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 19 e acréscimo de interrogação sobre o sinônimo – estudo do vocabulário parnasiano:

> E o corpo elando *?* , os pincaros enfita.

P.224:
Notas MA:
1. palavras sublinhadas nos v.20: "O estragoso calor que tudo assola" e v. 22: "Á cardea flor tímida corolla" e anotação do significado no v. 22: *Azul violáceo* – estudo do vocabulário parnasiano.

2. palavra sublinhada no v. 23: "De eiva *(1)* tocado, a balançar pendente" e expoente *(1)*, remetendo à definição no rodapé: "*Eiva mancha na fruta quando começa a apodrecer*" – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.225-226
PARTE II (17 estrofes)

P.225:
Nota MA: prosopopeia sublinhada nos v. 2-3:

> Luzes da tarte, interrogando o vento,
> Balançam-se as palmeiras pensativas

*

P.227-232

PER TENEBRAS

P.227-230
PARTE I (17 estrofes)

P.227:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 17: "Junto à podre albufeira" e anotação do significado: *lago formado de aguas do/ mar*. – estudo do vocabulário parnasiano.

P.229:
Nota MA: traço à margem dos v. 73-75:

> Viestes, males contidos
> No coração, sepultos
> No coração, no coração soffridos!

P.230:
Notas MA:
1. construção sublinhada no v. 89-90:

> Inesperada e enganosa,
> Hervado ferro me embebeste n'alma!

2. palavra sublinhada no v. 94: "Semianime, exangue" – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.233-239
A LAGARTA

P.233-234
PARTE I (4 estrofes)

P.233:
Notas MA:
1. título assinalado por traço horizontal:

> A lagarta

2. palavra sublinhada no v. 13 e acréscimo de interrogação: "Ao seu lesmoso lábio a agenoria *?* princeza" – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.234-235

PARTE III (1 estrofe)

P.234:
Nota MA: expressão sublinhada no v.7:

> Lesmava-a toda. Emfim, mais forte a aragem brinca

*

P.235
PARTE IV (3 estrofes)

P.235:
Nota MA: palavras sublinhadas no v. 4: "E azionam da cigarra os tiples argentinos" e anotação dos sinônimos, respectivamente: *Importunam/ soprano* – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.235-236
PARTE V (1 estrofe)

P.235:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 1: "Cansei-me, em vão, pedindo! Às rosas do ostro embalde" e anotação do significado: *Púrpura* – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.236-237
PARTE VII (2 estrofes)

P.237:
Nota MA: palavra sublinhada no v.10: "Humida, pervia à luz, e faz depois outra aza" e anotação do significado: *Que dá passagem; em que se pode transitar; franco; patente* – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.237-238
PARTE VIII (1 estrofe)

P.237:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v.10: "Sonhara, ó ádyto *(1)* escuro, o impenetrado arcano" e expoente *(1)*, remetendo à definição no rodapé: *"(1) Câmara secreta nos templos antigos"* – estudo do vocabulário parnasiano.

2. palavras sublinhadas no v. 11-12: "Stava da tinta ideal que, em sol delida, a immensa/ 'Sphera tinge de azul, das mãos de Deus suspensa" – estudo do vocabulário parnasiano.

P.238:
Nota MA: palavra sublinhada v. 18: "O seu césto de fogo" e anotação do significado: *Cinto* – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.238-239
PARTE IX

P.238-239:
Nota MA: traço à margem dos v. 1-19 e dos v. 20-39; palavras sublinhadas nos v.4, 6, 22 e anotação do significado – estudo do vocabulário parnasiano:

O meu jardim agora.
Podeis florir, cecens e cravos côr da aurora !
Fugiu com a noite, foi com a noite e o vento aquelle
Demonio Incubo hediondo e vil de ascosa e immunda pelle.
Cravos da côr do sol, cecens, flori, radiosas !
Enxugue "Enxambre a luz do Oriente a túnica das rosas.
Sus, camélias ! Mas eis, trêfega e alvoroçada,
A nossa borboleta. Inquieta e desejada,
Vae por tudo vibrando as suas azas loucas;
E foi lagarta ! e andou cuspida de mil boccas !
E foi monstro ! e rojou de ventre como as feras !
E irritava o gramado, e nauseava as heras !
Eil-a; que garbo agora ! Eil-a a ostentar as côres
Das azas com que passa entre as rosciadas flores.
Tudo a festeja e quer e é um longo anceio mudo.
E, vêde-a, a vingativa! um beijo cede a tudo!
Mas quem póde exclamar, ao vêl-a assim tão bella :
— Ella é minha ! se este ar, se todo o espaço é della !
Ama, voa, revoa, agora beija, agora
Foge, volta de novo, e beija, e vae-se embora
E é em vão que a roseira esparze o fino aroma,
Em vão a flor do sol aos raios de ouro agoma, *deitar.gomos, germinar*
A açucena na alvura em vão sua alma ostenta,
Em vão para attrahil-a o cravo se ensanguenta,
A papoula flammeja ! Ella é a Mimi leviana :
Ama, e treme, e delira, e vôa, e foge, e engana.
Sabei, lirios, sabei, dahlias, sabei, vós, quantas
A amaes, sabei, jasmins, sabei, cheirosas plantas,
- Myosotes cor do céu, pasmae com o caso incrivel !
Sabei todas que vós combateis o impossível,

Querendo possuil-a ! Ó macias alfombras !

Ó tufos de verdura ! ó verdura das sombras !
Ó camélias sem cor ! ó lirios côr de opalas !
Ó crystaes das manhans ! manhans de eternas galas !
Ninhos ! sons ! harmonia ! e sol ! e firmamento !
Ella não será vossa ! Em vão é o vosso intento !
Pois um único amor, uma paixão estranha
Domina-a :
a trama de ouro e o fulvo olhar da aranha.

*

P.240-242
A ENCHENTE (13 estrofes)

P.242:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v. 62: "Brota-a o charco, o sapal, a estrada, a penedia" e anotação do significado: *Brejo, mormel* – estudo do vocabulário parnasiano.

2. palavra sublinhada no v. 67: "Da assomada do monte olha-a o coqueiro, ao vento" – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.243-249
A CRUZ DA MONTANHA

P.243
PARTE I

P.243:
Nota MA: rima sublinhada no v. 5-6 – estudo da sonoridade:

A deshoras quem cruza o valle extenso em baixo,
Vê, se acaso ergue a vista, o como arder de um facho

P.244-245
PARTE V

P.245:
Nota MA: prosopopeia sublinhada no v.9:

Alguém canta. Abre a noite o ouvido attento. A escarpa

*

P.245-246

PARTE VII

P.245:
Nota MA: barra marcando a escansão no v.2 – estudo da sonoridade:

Tardo o passo, anhelado, a | ingreme ladeira

P.246:
Nota MA: traço à margem do texto:

Entre o implexo palmar ha um tecto levantado.
É um palacio. Porém somente uma janella
Aberta empresta á noite um resplendor de estrella,
Luz sonora, — que vem nella arrastado um hymmo.
Triste e vasto... É o gemer, é o grito de um destino
Doloroso. Lá dentro uma mulher ao piano
Canta, ensinando á noite o que é o lamento humano;
E o sonoro instrumento onde os seus dedos correm,
Onde dos olhos seus as lagrimas escorrem,
Geme, como se um cysne, em mágico transporte.
Dentro delle soltasse o seu canto de morte.

*

P.246-247
PARTE IX

P.247:
Notas MA:
1. construção sublinhada no v. 9 – estudo da sonoridade e expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:

Mas plangeu subitâneo o piano gemebundo *(1)*

(1) Duque Estrada considera esta frase como/ uma onomatopêa. E esplendida ela é de/ facto; que tristeza, que queixa se sente nesses/ an repetidos, nessa continuidade de nn e de/ vogais escuras!

Nota da pesquisa: A passagem em que Duque Estrada estuda onomatopeias e usa como exemplo este verso de Alberto de Oliveira está à p. 140-141 de *A arte de fazer versos* (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914; prefácio de Alberto de Oliveira), conforme se verifica em exemplar digitalizado desta obra no acervo do projeto BRASILIANA USP, disponibilizado na internet: http://www.brasiliana.usp.br/bbd/bitstream/handle/1918/00879000/008790_COMPLETO.pdf . O livro de Duque Estrada não faz parte da biblioteca de MA no patrimônio do IEB-USP; nela se localiza, do mesmo autor, *Luiz Delfino: conferência realisada em 6 de agosto de 1914*, na Associação dos Empregados no Commercio (Rio de Janeiro: Typ do Jornal do Commercio, 1915; MA 869.91092D349d), livro sem notas de leitura.

*

P.248
PARTE XI

P.248:
Nota MA: traço duplo à margem do texto e prosopopeia sublinhada no v.3:

> E ella cantava sempre. Os passaros dormidos
> Estremecem no bosque. E o bosque é todo ouvidos.
> A agua os pés de alabastro apressa na corrente
> Para ouvil-a, e deslisa, e corre mansamente.
> Mudo, em extasi, o espesso e trémulo arvoredo
> Inclina a fronte, escuta, e é pensativo e quedo.
> Vem dos covis sahindo a procissão tardía
> Das sombras, e a bailar trepidamente, espia
> De longe, o ventre escuro a rastos. As inquietas
> Azas colhe o lampyro; o somno as borboletas
> Interrompem, vergando ao pequenino galho
> A flor que o calix volta, e deixa escoar-se o orvalho.
> Folha a folha, aza a aza, espuma a espuma, o fío
> D'agua, o insecto, o palmar, em silencio sombrío,
> Suspendem-se, e maís livre a música desata
> Sobre tal quietação as estrophes de prata...
> E o sonoro instrumento onde os seus dedos correm,
> Onde dos olhos seus as lagrimas escorrem,
> Geme, como se um cysne, em mágico transporte,
> Dentro delle soltasse o seu canto de morte.

*

P.248-249
PARTE XII

P.248:
Nota MA: ideia sublinhada nos v. 1-2:

> Traduz o piano agora um desespero immenso.
> Como que em cada nota há um coração suspenso

P.249:
Notas MA:
1. aliteração sublinhada nos v.3-4 – estudo da sonoridade;
2. epíteto sublinhado no v. 5-6;
3. assonância sublinhada no v. 8:

> Que exulcerado passa e vae sangrando. Ao brado

Da dor, violento grito, estremece o teclado,
Tine e vae estalar. É que a loucura, – gemea
Do amor incontentado, — irrompeu na blasphemia.
Mas num surdo — perdão — o impeto amortece,
E a alma arrependida e supplice apparece...

**

P.251-340
"Versos e rimas" (1887-1894)
Prefácio "Enthusiasmo e ternura" por Araripe Jr; Riachuelo, 27 de janeiro, 1895.

P.253-257
ENTHUSIASMO E TERNURA (prefácio)

P.253:
Nota MA:

> E porque não será o gênio antes o producto da accumulação ou da concentração de esforço, numa raça, num indivíduo?

P.254:
Nota MA: trecho sublinhado:

> Em summa, que é isso que a antiguidade chamava enthusiasmo, inspiração, e nós hoje denominamos uma disposição phisio-psychica em erethismo? Um estado próximo da desordem, da decomposição, da epilepsia lavrada? Uma extravagância do século, é o que isso é; porque o mesmo se poderia dizer do systema planetário, que já foi nebulosa, apezar do que a sciencia assignala como leis ineluctaveis de equilíbrio. Caricaturas scientificas!"
>
> [...]
> Neste momento abrindo eu por acaso o álbum de phototipias do afamado John Stoddart, caem meus olhos sobre a grande estatua de bronze de Buddha de Kamakura, no Japão, em cujo collo avisto três inglezez contemplativos

*

P.259-262
NOVA DIANA (20 estrofes)

P.259:
Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

> Nova Diana

P.260:
Nota MA: prosopopeia sublinhada no v. 24 e comentário abaixo do verso:

E a água de pés de prata corre a espial-a

Na poesia anterior a água tem pes de alabastro...

*

P.263-264
ASPIRAÇÃO (10 estrofes)

P.263:
Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

Aspiração

P.264:
Nota MA: sublinha marcando contagem silábica do alexandrino no v.31– estudo da sonoridade:

– Poeta – bramir então à nocturna bafagem

*

P.265-266
ESSENCIA DAS COUSAS (4 estrofes)

P.265:
Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

Essencia das cousas

*

P.267-268
A CAMISA DE OLGA (6 estrofes)

P.267:
Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

A Camisa de Olga

*

P.269
ENTRADA DE UM LIVRO (1estrofe)

P.269:
Notas MA:

1. verbo sublinhado no v.7 – estudo do vocabulário parnasiano:

De noite mal dormida: aqui se estrece e apaga

2. comparação sublinhada no v. 10:

Da alma que em flor palpita a poesia é o perfume

3. metáfora sublinhada no v.18:

Arde o festão de fogo eterno das estrellas

*

P.270-72
RECONDITO (9 estrofes)

P.271:
Nota MA: imagem sublinhada nos v. 40-42:

Não, minha dor não é como as espumas
Que o vento conglomera á flor das vagas
E á flor das vagas lá se vão com o vento

*

P.276-277
A TAÇA DE HAFIZ (10 estrofes)

P.276:
Nota MA: quiasmo sublinhado nos v. 15-16:

Hafiz, com os lábios em fogo
Toca-lhe o fogo dos lábios

P.278
A VINGANÇA DA PORTA (soneto)

P.278:
Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

A vingança da porta

*

P.281-284
O SONHO DE BERTHA (2 partes)

P.281:
Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

O sonho de Bertha

*

P.288-289
JOIA PERDIDA (6 estrofes)

P.288:
Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

Joia perdida

P.289:
Nota MA: comparação sublinhada nos v. 23-24:

Como lagrima accesa,
Andar daqui p'ra alli, tonta de claridade!

*

P.291
EXTREMA VERBA (soneto)

P.291:
Notas MA:
1. enumeração sublinhada nos v.1-2:

Quero-te aqui, minha somente! Os braços
Meus, e o collo, e a cabeça, e a bocca, e o rosto!

2. rima sublinhada no v.8 e comentário na margem – estudo da sonoridade:

Seja dia ao nascer, seja o sol posto,
Ou chova ou torrem calidos mormaços,
Tu me seras repouso aos membros lassos,
Minha sómente, meu marmoreo encosto...

Pôsto à mar-/telo, por necessi/dade da rima.

*

P.292-294
ANGELA (17 estrofes)

P.292:
Nota MA: título sublinhado:

Angela

*

P.300-305
BORBOLETA MORTA

P.303-304
PARTE III (7 estrofes)

P.303:
Nota MA: imagem sublinhada nos v. 9-10:

> Mão de mulher! Mixtura extravagante
> De velludo, de rosas e de espinhos

*

P.306-307
O SONHO DE TITÂNIA (1 estrofe)

P.306:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v.2 – estudo do vocabulário parnasiano;
2. repetição sublinhada nos v.3, 7 e traço ligando os termos:

> Lá vae, pé ante pé, de folha em folha, o alado,
> O aéreo Puck, o trasgo, o gênio endemoniado.
> Vede-o: não é mais leve, assim qual vae, tão leve,
> A plumula que o vento acaricia, a neve
> Que se desata no ar em flocculos. Cautela,
> Silencio, auras subtis! dorme Titania, a bella!
> Deixae-a assim, qual é, no somno ameno e brando,
> Dos tomilhos do bosque ao lado repousando;

*

P. 312-313
BILHETE (6 estrofes)

P.312:
Nota MA: traço duplo sob a inversão no v. 4:

> Sentindo contra o rosto, em frescas ondas, o ar!

*

P.314-317

OS DE HONTEM (20 estrofes)

P.314:
Notas MA:
1. título sublinhado por traço duplo:

Os de hontem

2. traço à margem dos v.9-12 e construção sublinhada nos v.11-12:

Seus nomes inda falam desses annos,
Entalhados em arvores que os viram,
Cujos ramos, - assim como de enganos
Se despiram seus peitos – se despiram

*

P.324
LEMBRANÇA (soneto)

P.324:
Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

Lembrança

P.325-327
A FUGA DA ESTRELLA (18 estrofes)

P. 325:
Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

A fuga da estrella

P.326:
Nota MA: palavra sublinhada no v.38 – estudo do vocabulário parnasiano:

Traz o augusto conspecto em magua immerso

*

P.331-332
SONHO (4 estrofes)

P.331:
Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

Sonho

*

P.333-334
À CONCEIÇÃO (4 estrofes)

P.334:
Nota MA: traço à margem dos v. 31-42:

> Como eu te amo, não sei! Sei que dominas
> A minha vida, como a lua as ondas;
> Sei que onde quer que estejas ou te escondas,
> Tu me fascinas.
> Sei que todas as horas trajam lucto,
> Se te não vejo; sei que as mesmas horas
> Se arraiam de ouro e de clarões de auroras,
> Quando te escuto.
> Sei que se falas, ouço ao Paraiso
> Os córos de anjos, e essa luz celeste
> Sinto, que as azas de esplendor lhes veste,
> No teu sorriso.

*

P.338-340
CADAVER DE EBRIO (17 estrofes)

P.338:
Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

> Cadaver de ebrio

*

P. 341-368
"Por amor de uma lágrima" (1895)

P.362-363
PARTE XVII (4 estrofes)

P.362:
Nota MA: construção sublinhada nos v.16-18:

> Serena teu espírito. Em minh´alma
> Se não há bênçãos pr'a louvar teu nome,
> Odios também não há com que o maldiga

OLIVEIRA, Alberto de. Bibl. MA [A/II/c/47]
Poesias (Segunda série: Livro de Emma, Alma livre, Terra natal, Alma em flor, Flores da serra, Versos de saudade). Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1912.
[Poesia] IEB: MA 869.9146O481p 2ª série

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernação em marroquim vermelho, título gravado em ouro, 21x15 cm.

Notas MA a grafite.
Notas MA a lápis vermelho: p. 5

P.1-107
"Livro de Emma"
Prefácio sem título por Affonso Celso; Petrópolis, 18 de maio de 1898.

P.5:
Nota MA a lápis vermelho: traço à margem dos parágrafos 14-15 e frases sublinhadas:

> *Sentimento*. Nas poesias precedentes de Al-/berto observa-se muita emoção, sem o que elle não/ seria o poeta comsagrado que é. Mas uma emoção com-/ centrada, reservada, contida. Nunca uma explosão, – a/ violência, o desespero. Recordavam às vezes taes poe-/sias as camelias brancas, soberbamente formosas,/ impeccaveis, de uma symetria absoluta nas petalas,/ mas frias e sem odor. Influencia talvez da escola par-/nasiana.
>
> No *Livro de Emma*, não. Nada de penumbra, ou/ meia tinta. O sentimento vibra e transborda. O cora-/ção não murmura phrases veladas, escolhidas e dis-/ cretas. Fala alto, brada, expande-se livre, porque/ soffre. Dahi tornarem-se os versos palpitantes, se-/rem mais communicativos, inspirarem maior sym-/pathia. Quem os percorre não se limita a admi-/ral-os. Solta de momento a momento a exclama-/ção de Desdemona, ouvindo os labores e infortu-/nios de Othelo: *T was pitiful 't was wondrous/ pitiful*!

P.7:
Nota MA: sublinhado parágrafo 21:

> Cedi ao movimento instinctivo de quem grava/ rapidamente o seu nome na face de um monumento

P.11-14
ALVORADA (diálogo)

P.11:
Nota MA: palavra sublinhada no v.5: "Dos puniceos botões, enamoradas rosas"
e anotação do sinônimo: *vermelho* – estudo do vocabulário parnasiano.

P.12:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 20: “Do mar, transponha mesmo os terminos do mundo” – estudo do vocabulário parnasiano.

P.13:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v. 33 – estudo do vocabulário parnasiano;
2. diérese sublinhada no v. 34 e comentário na margem superior – estudo da sonoridade:

> *hiato desagradabilíssimo*
>
> De folhagens com o vento, e roncos e chilradas...
> É o universo que accorda, é a bulha das florestas

3. correções tipográficas nos v. 39-40:

> Pompeará desfraldado o lúcido estandarte
> Da manhan, terra e céus cobrindo... Ma sdepressa

4. traço marcando sinérese no v. 45 e expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé – estudo da sonoridade:

> É um poeta *(1)*, um sonhador ou louco – é indifferente

A. de Oliveira toma erroneamente oe por/ ditongo. M. de Assis (que aliás não era parna-/siano) nunca se deixou cair nessa vulgaridade.

5. traço marcando sinérese no v. 51– estudo da sonoridade:

> Inda possues, é voar e trazer sem demora

*

P.15-48
PRIMEIRA PARTE

P.17
ACCORDANDO (soneto)

P.17:
Nota MA: título sublinhado:

> Accordando

*

P.20

DOLORA (2 estrofes)

P.20:
Nota MA: título sublinhado:

Dolora

*

P.24-25
CANÇÃO DE ARIEL (4 estrofes)

P.24:
Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

Canção de Ariel

*

P.26
FALANDO À PENNA (soneto)

P.26:
Notas MA:
1. construção sublinhada no v. 8 e expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:

Julgue, lendo-me, aquella que á poesia
Na aza do sonho me arrebata agora,
Esta viva paixão que de hora em hora
Todo me abala e por meu rosto espia *(1)*

(1) Verso desagradável. Calcado sobre necessidade de rima...

2. rima sublinhada nos v. 9 -10 – estudo da sonoridade:

Pinta... Mas não, partir-te ás mãos eu devo!
Mal traduzes o mal que á dor me eleva!

*

P.27-29
ESCADA PHANTASTICA (11 estrofes)

P.28:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 31: "- Magnolina é meu nome. A minha tez é pallida" – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.30-32
VOLUBILIS (8 estrofes)

P.30:
Notas MA:
1. título sublinhado:

Volubilis

2. comentário na margem superior:

Esta poesia é linda. Notar as estrofes/ 2, 3, 4 e 5ª, que são verdadeiras mi-/niaturas adoráveis.

Oh! Que poesia estranha
Derrama a luz do luar nas abas da montanha!
Lá muita vez minh'alma
Vae buscar de um coqueiro a movediça palma;
Ahi pousa e ouve enlevada as estrphes soturnas
Com que o vento a gemer quebra a nocturna calma,
Enlapado nas furnas.

Outra vez (e imaginas
Que captivo me tens!) acompanha as neblinas;
Aos pincaros se atreve,
Sobe e, aerea, a girar, phantastica, descreve
Ronda lasciva ao luar; roda um momento, vôa,
E vem bordar de orvalho um véu de rendas, leve,
Aos juncos da lagoa.

Alli, quieto, sombrio,
Ha um bosque e dentro delle a agua de um grande rio;
Sobre Ella o matto denso
Tece um caramanchel, do cipoal suspenso;
No barreiro amarello, abrindo em cada fragua,
Brotam flores e alastra um espiral de incenso
Á superfície d'agua.

Ao pôr do sol, a essa hora
Em que um toque de luz o occaso aviva e côra,
E infinita tristeza
Véla como de crepe a toda a natureza,
Alli scisma minh'alma: as arvores a viram!
Olha o rio e acompanha á flor da correnteza
As folhas que cahíram.

Nota da pesquisa: as estrofes apontadas pelo leitor guardam o mesmo cenário de contemplação em meio à natureza que o poeta moderno MA adota em "Rito do irmão pequeno", no *Livro Azul*.

3. traço marcando sinérese no v. 8 – estudo da sonoridade:

> "Oh! que poesia estranha"

4. palavra sublinhada no v. 14: "Enlapado nas furnas" e anotado o sinônimo: *Escondido* – estudo do vocabulário parnasiano.

P.31:
Nota MA: traço marcando sinérese no v. 38:

> Em que a poesia casta

*

P.33-35
UM ÁTOMO (1 estrofe)

P.34:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 36: "Régia espada a pender de rico talabarte" e anotação do significado: *boldrié, / cinturão* – estudo do vocabulário parnasiano.

P.35:
Notas MA:
1. introdução de travessão à margem do v. 65:

> – Ouve-o! é elle que ao rosto essas vermelhas rosas,

Nota de pesquisa: MA faz referência a esse verso em comentário seu ao poema MORTA, à p. 46, apontando semelhanças entre os versos.

2. palavra sublinhada no v.: "Os marfíneos botões, os levantados bicos!" – estudo do vocabulário parnasiano.

3. palavra sublinhada no v. 78: "Deste sangue em raudaes na diluída aurora!" e anotação do significado: *"torrente de água ou outro líquido, / grande porção"* – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.36-38
IMMORTAL (10 estrofes)

P.37:
Nota MA: traço à margem dos v. 34-48:

Gosa! Estás moço! Mas um dia apenas!
Gosa! Resuscitamos para dar-te
Num dia apenas quanto tens vivido"
– E as mãos erguendo, eu tactear as pennas
Dos sonhos que espalhei por toda a parte,
– Aves de um dia que julguei perdido;

Vêr-te e morrer cantando, em voz anciosa,
As syllabas de luz do poema de ouro
Que todos, moços, tanta vez cantamos,
Como ao nascer de uma manhan formosa
Se unem aos raios do Levante louro
Na mesma trova os sabiás nos ramos:

Vêr-te e morrer depois! Que mais quizera!?
Meu doudo sonho! Mas morrer, vibrante,
Tremulo ainda de paixões, de zelos!
Inda o cheiro a beber da primavera
Nos teus vestidos, inda palpitante
Minha bocca a sumir nos teus cabellos!

P. 37:
Mancha de tinta à margem direita

*

P.39-40
FIO D'ÁGUA (7 estrofes)

P.39:
Nota MA: traço triplo à margem dos v. 5-8, palavra sublinhada no v. 5 e anotação do sinônimo – estudo do vocabulário parnasiano:

fenda, estilha
Dentre as taliscas de uma pedra brota
E salta, onde espinhoso o cardo medra,
E, vivíssima prata, gotta a gotta,
Escorre, como a lagrima da pedra.

*

P.41-43:
FALSOS RECEIOS (7 estrofes)

P.41:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 20: "Um bulcão se lhe opponha" e anotação do sinônimo: *nevoeiro espêsso/ nuvem de fumo* – estudo do vocabulário parnasiano.

P.42:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 33: "Há de entrajar de luz, quando alto seja" – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.44:
CORAÇÃO MORIBUNDO (soneto)

P.44:
Notas MA:
1. título sublinhado:

Coração moribundo

2. sinalefa sublinhada no v. 3 – estudo da sonoridade:

Na angustia d'alma, o erro chorosa expia

*

P.45-48:
MORTA (17 estrofes)

P.45:
Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:
1. palavra sublinhada no v. 8: "Ir bater do mysterio ao penetral sombrio".
2. imagem sublinhada nos v. 18-19: "Os vermes sentirás, no insano regosijo/ Aos cardumes ferver sobre teu peito rijo" e comentário irônico: *Cardume de vermes?!...*

P.46:
Notas MA:
1. expoente *(1)* no final do v. 39, remetendo ao comentário no rodapé:

E ás faces te accendi aquellas duas rosas *(1)*

(1) Comparar com "O átomo" pg 35 linhas/ décima e décima primeira

Nota de pesquisa: MA faz referência aos v. 10-11 de "O átomo":

"Ouve-o ! é elle que ao rosto essas vermelhas rosas,
Tão vermelhas assim, te pôz e tão formosas!"

P.46-47:

Notas MA:
1. traço à margem dos v. 41-60:

> Como vae pouco a pouco as fibras de uma planta
> Seiva amiga estendendo, e vinga a planta e cresce,
> E árvore, um dia emfim, de todo se alevanta,
> Onde as aves juntando, a madrugada canta,
> E os raios esparzindo, o dia resplandece:
>
> Eu te fiz, palmo a palmo, ir crescendo... crescendo,
> Té à edade chegar onde começa o amor;
> E então que doce ouvir – a alvorada prevendo
> Em que ias despertar – teu coração batendo,
> Como o apressado ruflo inquito de um tambor!
>
> Quinze annos era um dia a tua edade apenas,
> Quando estremeces toda e sem que o saibas como!
> Razam-se os olhos d'água, arfam-te as mãos pequenas.
> Corre-te um frio suor pelas curvas morenas
> E o seio virginal incha á feição de um pomo...
>
> Era eu! Vinha dizer-te: - Ama! Começa agora
> A vida! Ama e padece! A alma t'ordena – e quer!
> E amaste! E no teu sangue eu palpitei sonora,
> Eu cantei, eu rugi! E foste desde ess'hora
> A belleza sem par, a esplendida mulher!

2. construção sublinhada nos v. 71, 76:

> E assim vieste a morrer, virgem de humano tacto,
> [...]
> E ora... Mas com que fim dar a este corpo inerte

P.49-107
SEGUNDA PARTE

P.51-52
ALVORADA (8 estrofes)

P.51:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 9: "Do matagal ás ramas implexas" e anotação do sinônimo na margem direita: *entretecido/ envolvido* – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.53-54
ESPIRAL DE FUMO (4 estrofes)

P.53:

Nota MA: imagem sublinhada nos v. 10-11:

> Ora, subamos inda. O tecto desta casa
> Deixa passar do poeta o pensamento, o sonho...

*

P.55-56
(M. FLORES) (3 estrofes)

P.55:
Notas MA:
1. título sublinhado:

> (M. Flores)

2. palavra sublinhada no v. 15: "Um offêgo perpassa olente e brando;" – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.57-59
SOBRE A NUVEM (13 estrofes)

P.57:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 9: "Nada, nem um adeus! Eu dessaudoso" – estudo do vocabulário parnasiano.

P.58:
Nota MA: metáfora sublinhada nos v. 39-40:

> Onde monstros errantes, de olhos de ouro,
> Passam chispando pela noite escura!

P.59:
Notas MA:
1. traço à margem dos v. 56-65;
2. imagem sublinhada no v. 55-56:

> Homem, que um cego ideal traz a estes paramos,
> Soffre do erro em que estás o atroz castigo,
> E ás dores que continuo te consomem.
> Falar não faças... Nada sabe do homem,
> Nada aqui pode abrir-lhe um seio amigo. »
>
> E eu, ouvindo estas vozes, entre o assombro

Que ellas deixavam na minh'alma insana,
Alli fiquei, attonito, surpreso,
Sentindo agora, como um grande peso,
Toda a saudade da miséria humana.

*

P.60-61
FLOR MORIBUNDA (5 estrofes)

P.60:
Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

Flor moribunda

*

P.64-66
FOLHAS SÊCCAS (14 estrofes)

P.64:
Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

Folhas sêccas

P.65:
Notas MA:
1. traço à margem esquerda dos v.30-34; 35-46;
2. metáfora sublinhada nos v. 29-30:

– "A vida, desde o lenho duro ao vime,
Do vime á flor, da borboleta á lesma,
Do bicho ao homem — vegetaes, ouvi-me!
Do homem á estrella,em toda parte é a mesma.

Eu que impellido vou do monte aos valles,
Que as paragens mais longes percorri,
Com os benefícios combinando os males,
Risos com prantos, sempre a mesma a ví

Porque perdeis as vossas folhas, quando
Também meu leito um pouco d'agua perde,
Vós vos queixaes: nem sempre o sol é brando!
Plantas do chão, nem sempre o campo é verde!

É lei florir como ficar sem flores.
Ora propicio, ora contrario, o céu
Faz que haja sombras, faz que haja esplendores,

Morra o que nasce, exsurja o que morreu.

*

P.67-68
NO PARAHYBA (5 estrofes)

P.68:
Nota MA: ideia sublinhada no v. 11:

Inda está longe a pensativa egreja

*

P.70
INTERIOR (2 estrofes)

P.70:
Nota MA: traço à margem do texto:

| É de alguns o coração
| Como espaçoso salão,
| Por onde confusamente
| Passeia a rir muita gente.

| O meu, fechado, sem luz,
| Lembra um quarto, onde uma cruz
| Negra se levanta ao centro...
| Jaz um cadáver lá dentro.

*

P.71
O ADEUS DOS MASTROS (soneto)

P.71:
Notas MA:
1. título assinalado por traço horizontal:

O adeus dos mastros

2. cacófato sublinhado no v. 11 – estudo da sonoridade:

Em pedra, agulhas mil de torres, hirtas no ar

*

P.72-73

O SOMNO DAS VÉLAS (9 estrofes)

P.72:
Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

O somno das vélas

*

P.74-76
A VISÃO DA TORRE (13 estrofes)

P.74:
Notas MA:
1. título assinalado por traço horizontal:

A visão da torre

2. imagens sublinhadas nos v. 2, 16:

Scisma... E alongando o olhar de pedra fria
[...]
Com a corolla de bronze, em somno eterno

P.75:
Notas MA:
1. traço à margem dos v. 17-20:

E, tempo extincto! delle ouviu sonoras,
Noutra quadra melhor — como de um cálix
Sae um bando de abelhas pelos valles, —
Sahir cantando pelo espaço as horas.

2. construção sublinhada nos v. 23-24:

Como pesa, meu Deus, mesmo cahindo
Sobre uns hombros de pedra, o esquecimento!

P.76:
Nota MA:
1. imagem sublinhada no v. 48 e expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:

E ella no sol o olhar de pedra *(1)* abysma

(1) No "Hino ao sol" – 3ª série – A. de Oliveira/ se utiliza desta mesma figura e a/ torna genial em uma daquelas estrofes/ sublimes

Nota da pesquisa: MA engana-se quanto ao título que é "Ode ao Sol", em *Poesias 3ª série* (São Paulo – Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves e Cia, 1913) no qual, no v.

30, à p. 20, está a mesma imagem: “Fizeste o olhar da pedra.”, com traço duplo à margem esquerda. Nesse poema, o leitor marca também o título, sublinha palavras às quais atribui sinônimos, marca a pontuação no v.5; estudo da pausa na oração intercalada: “Tudo, despindo a noite, a um osculo de fogo”; escande o decassílabo no v.28.

*

P.77
?..

P.77:
Nota MA:
1. Título assinalado por traço horizontal:

?..

P. 77:
OS CANIÇOS

P.77:
Nota MA: texto contornado:

OS CANNIÇOS

Sopra mais forte, leva-nos comtigo,
Vento da tarde! parte-nos ao meio,
E os canniços do brejo, vento amigo,
Leva em teu seio!

Porque existimos? porque assim vivemos,
Assim — curvos de dor, de tanta magua,
E a sombra nossa desolados vemos
No espelho d'agua?

Sopra mais forte, vento, que nos valles
Harpa invisível tanges dolorida;
Sopra, e leva comtigo os nossos males,
Levando a vida...

Nota da pesquisa: Em “Momento”, de 1937, que integra *A costela do grão cão*, MA escreverá: “O vento corta os seres pelo meio” (In: *Poesias Completas*. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2013, p. 439).

*

P.81-82
ULTIMA PHRASE (5 estrofes)

P.81:
Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

Ultima phrase

*

P.84-85
PAREDES NUAS (7 estrofes)

P.84:
Nota MA: traço à margem dos v. 13-16:

Lá, mais longe, a campina — a massa informe
Das arvores compondo um véu sombrio;
E o rio que as estrellas olha, e dorme,
E as estrellas banhando-se no rio.

*

P.86-88
O ESPELHO (1 estrofe)

P. 86:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 16: "Pyrilampêa um só dentre os pingentes mil" – estudo do vocabulário parnasiano.

P.87:
Nota MA: inversão sublinhada no v. 36:

Só! – E no chão, do tecto ouve cahir o pó

*

P.89
ESTRADA DESERTA (15 estrofes)

P.89:
Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

Estrada deserta

P.91:
Nota MA: metáforas sublinhadas nos v. 47-48, 51:

O seu olhar e o seu sorrir tão doce
Vão dar dois lirios p'ra enfeitar-lhe a valla.
[...]
Lampyros de ouro, archotes do caminho

*

P.92-94
SERENATA NO RIO (12 estrofes)

P.92:
Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

Serenata no rio

*

P.95-96
NOCTURNO (5 estrofes)

P.95:
Nota MA: metáfora sublinhada no v. 8:

Quero sonhar, ouvindo a ventania,
– Espectro errante a soluçar-me á porta

*

P.98-99
ATTRACÇÃO (6 estrofes)

P.98:
Nota MA: título sublinhado:

Attracção

*

P.100-101
APPARIÇÃO (11 estrofes)

P.100:
Notas MA:
1. imagem sublinhada nos v.3,4 e expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:

Horas já mortas, como andasse – em falta
De um coração qualquer para entendêl-as,
A contar minhas maguas em voz alta

A's arvores das ruas e ás estrellas *(1)*

(1) O. Bilac ter-se-ia aproveitado desta frase/ de A. de Oliveira ou seria êste o aproveitador./ Desconheço a data do Ouvir estrelas...

Nota da pesquisa: MA interroga-se sobre a apropriação dos versos 3-4 por Olavo Bilac em "Ora (direis) ouvir estrellas!", poema em *Poesias*, de 1888. O exemplar de MA, liga-se à 4ª edição, de 1909; nele há três traços a grafite à margem esquerda do soneto e anotações de andamento e dinâmica musical:

"Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

"E conversamos toda a noite, enquanto
A via-láctea, como um palio aberto,
Cintila) . E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

"Direis agora: 'Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?'

"E eu vos direi: 'Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas.' "

*

P.104-107
28 DE ABRIL (21 estrofes)

P.105:
Notas MA:
1. concepção sublinhada nos v. 25-28:

Depois... (O coração nos dias de hoje
E' differente. A natureza, escrava
De outras idéas, sente o amor e foge,
Pois já não se ama como então se amava)

2. traço à margem dos v. 39-40:

Ah! Num momento quanto vive e gosa
Quem num momento cede à voz do amor!

P.106:
Notas MA:

1. traço à margem dos v. 47- 52;
2. ideia sublinhada nos v. 49-52;
3. inversão sublinhada nos v. 57-60;
4. alternativa ao v. 60;
5. acréscimo de exclamação irônica aos v. 61-62 e sublinha no v. 62 estranhando a rima:

> De rosas, derramava-se nos prados
> A cornucopia das manhans de Abril.
>
> E eu lá voava a cantar pelos outeiros,
> Subia aos troncos, aos floridos ramos...
> Traduziam-me os versos os colleiros,
> Plagiavam-me a rir os gaturamos.
>
> [...]
>
> Por nossa causa quando se juntavam,
> Como as creanças, no vernal brinquedo.
> As borboletas saracoteavam,
> Dando saráus por cima do arvoredo.
> *embaixo seria melhor...*
>
> Num concerto uma vez, e sol a pino ***!***
> Um grillo, que ella amava com paixão. ***!***
> Fez ouvir o seu magico violino
> E expirou no soluço da canção

P.107:
Nota MA: Sublinha marcando contagem silábica do decassílabo no v. 82; estudo da sonoridade:

> Prêso apenas das azas da poesia

**

P.109-197
"Alma livre"

P.111
TAÇA DE CORAL (soneto)

P.111:
Nota MA: título sublinhado:

> "Taça de coral"

*

P.114-117
LUCILIA COESAR (19 estrofes)

P.116:
Nota MA: acréscimo de exclamação irônica nos v. 45-48:

> Certo é que muita vez, num colérico assomo,
> Me repelliste, alçando a mãozinha cruel;
> Mas eu voltava logo a andar-te em tôrno, como !!
> A aeronave Dumont em tôrno á Torre-Eiffel.

*

P.121-122
VERSOS DO CORAÇÃO (8 estrofes)

P.121:
Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

> Versos do coração

P.122:
Nota MA: construção sublinhada no v. 24:

> Vibra cada hemistichio um cântico nupicial

*

P.124-125
M.G.R.O. (1 estrofe)

P.124:
Notas MA:
1. correção no v. 13:

> Fazia fluir-lhe o verso e arim a peregrina

2. palavra sublinhada nos v. 15: “Hoje fonte melhor, mais remansada e pura” – estudo do vocabulário parnasiano.

3. sublinha marcando a contagem silábica do alexandrino no v. 18

> A alma de clima em clima, em meu sonhar de poeta

*

P.126
O QUE EU LHE DIZIA (14 estrofes)

P.128:
Nota MA: Sublinha e barra marcando contagem silábica no v. 52– estudo da sonoridade:

Já não está minha vida

*

P.129
PREITO (9 estrofes)

P.129:
Nota MA título assinalado por traço horizontal:

Preito

P.130:
Nota MA: comparação sublinhada nos v.22-25:

E como se enche de seu deus um templo,
Me encho de ti; e á mente ha pouco insana,
Surge em todo esplendor, como um exemplo,

O lado bom da natureza humana.

*

P.131-134
DEPOIS DA MORTE (3 estrofes)

P.131:
Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

Depois da morte

P.133:
Nota MA: ideia sublinhada nos v.69-71:

Quanto a mim, dêm-me sombra e farta os arvoredos
Que ha nas selvas da patria, e ensinem-me os segredos
Da soidão. Rude sou, e amo a floresta rude.

P.134:
Nota MA: traço à margem dos v.79-82:

Insecto – phosphorear pelas trevas nocturnas,
Pedra – enche-me de limo, echo – reboar nas furnas,
Ou por noites de luar, em declive sombrio,

Espuma – ir onde vae colleando incerto o rio...

*

P.135
A QUE SE FOI (8 estrofes)

P.137
PARTE VII

P.137:
Nota MA: traço marcando escansão do v.28 – estudo da sonoridade:

– 'Ela está morta ou está viva?'

*

P.138
A HISTORIA DE CARMEN

P.138:
Nota MA: título assinalado por traços horizontais:

A historia de Carmen

*

P.139
PARTE II (2 estrofes)

P.139:
Notas MA:
1. sonoridade sublinhada no v.2 e expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:

As suas penas e os seus dissabores. *(1)*

(1) Verso de acentuação duvidosissima, a/ meu ver errado. Alberto quer que se faça uma/acentuação maior em di que em seus.

*

P.141
NUM TREM DE SUBÚRBIO (5 estrofes)

P.141:
Nota MA: imagem sublinhada no v.8 e três exclamações de ironia na margem direita:

Surge. Saltamos nella ao som de um berro *!!!*

*

P.142
O PEIOR DOS MALES (soneto)

P.142:
Nota MA: parte do título sublinhada:

O peior dos males

*

P.143-148
VISIO

P.143:
Notas MA:
1. título sublinhado e anotação na margem:

Visio *Porquê "Visio"?/ Sublime*

*

P.143-144
PARTE I (4 estrofes)

P.143:
Nota MA: ideia sublinhada por traço duplo no v.4:

Eu, como um deus vencido, saio em pranto

P.144:
Nota MA: imagem sublinhada nos v. 17, 18:

Na alma começa de cahir a neve
Que cahíu nos cabellos

*

P.144-145
PARTE II (4 estrofes)

P.144:
Nota MA:
1. metáforas sublinhadas nos v.4-6, 11,12:

Eu te reclamo, como o agonisante
Com a bocca em febre à hora derradeira
Um crucifixo pede.
[...]
Dá-me. Eu sinto por ti no peito adusto
A sede do deserto

2. palavra sublinhada no v.13: "Vem! Em redor de mim desparze em festa" – estudo do vocabulário parnasiano.

P.145:
Nota MA: inversão sublinhada no v.19:

Prolonga o dia meu de uma hora, e basta!

*

P.145-146
PARTE III (4 estrofes)

P. 145:
Nota MA: traço à margem dos v. 1-12:

Vem ! Namorando a varzea que entre a bruma
Vê se alisar ao sol, verde e infinita,
Por alcançal-a um dia, de repente
Em grande impeto sôlta, o espaço afuma,
Atrôa os antros e se precipita
Da alto a caudal torrente.

Lá vae! chegou, cingiu quem via e amava!
Aqui se encrespa como de desejos,
Alli, como saciada, entra em repouso;
Roja, amorosa e humilde, como escrava,
Ainda do beijar de tantos beijos
Tendo a espuma do gôso.

P.146:
Nota MA: construção sublinhada no v. 23:

Da volúpia, que existo nos teus olhos

*

P.146-147
PARTE IV (5 estrofes)

P.146-147:
Nota MA: traço duplo à margem dos v. 13-18:

> A minha vida é um cântico ao teu nome,
> Uma oração como ninguém a reza,
> Nem a ouviu nunca altar na terra erguido ;
> Um extasi e um penar que me consome,
> Delicia e tratos, jubilo e tristeza,
> Um sorriso... e um gemido!

*

P.147-148
PARTE V (5 estrofes)

P.147:
Nota MA: construção sublinhada no v. 2:

> A alma em prantos! Não vens! Em que paragem

*

P.149
OS AMORES DA ESTRELLA (13 estrofes)

P.149:
Notas MA:
1. parte do título sublinhada:

> Os amores da estrella

2. palavras sublinhadas no v.13: "Olhava ao longo o celico declivio" – estudo do vocabulário parnasiano.

P.150:
Nota MA: traço à margem dos v.19-21:

> Um deus de fórmas válidas adora;
> São seus cabellos ouro preto, o peito
> Veste a armadura de crystal da aurora

*

P. 153-154
CORAÇÃO (3 estrofes)

P.154:
Nota MA: traço duplo à margem dos v.33-40 :

Depois disto, não sei que possa mais mostrar- te
No coração que assim me aprouve desvendar-te.
Mas olha: do deserto a safara extensão
Lá vem correndo agora apressada legião.
E a caravana dos meus Sonhos; presentiram
Que aqui estavas, e logo e aligeros partiram;
Suppuzeram-te, crê, da distancia através,
O oasis seductor que lhes sorri, talvez...

*

P.157
A UM POETA (10 estrofes)

P.157:
Notas MA:
1. título assinalado por traço horizontal:

A um poeta

2. palavra sublinhada no v.2: "Polyonimo deus, o ephebo louro, o amado" e anotação do significado: *Talvez polinômismo – que tem muitos nomes. De fato Baco é chamado de muitíssimas maneiras* – estudo do vocabulário parnasiano.

3. palavra sublinhada no v. 6: "Parra, a modo de estemma" e anotação do sinônimo: *capela, grinalda* –estudo do vocabulário parnasiano.

P.158:
Notas MA:
1. reformulação ao final do v.18:

Comnosco partiremos *(repartiremos)*

2. palavra sublinhada no v.30: "Que em racimos palpitam" e anotação do sinônimo: *cachos de uva* – estudo do vocabulário parnasiano.

P.159:
Notas MA:
1. sublinhas marcando sinérese nos v.49, 55 e acréscimo de exclamação sobre tua no v. 55 – estudo da sonoridade:

Poeta, és tu como heroe cujo prodígio narra
!
Anjos, sombras, visões sonhadas em tua mente

2. construção sublinhada nos v.58-59 e expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:

> Surgem... Nem outro é o dom dos que no baixo exílio
> Do mundo *(1)*, sentem n'alma, a fremir-lhes latente

(1) A comparar com o frances bas-monde...

*

P.160-162
A CARANGUEJEIRA (6 estrofes)

P.162:
Nota MA: palavra sublinhada no v.55: "Que me liava a vida inteira" – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.166-167
A BOTELHA DE GOW (1 estrofe)

P.166:
Nota MA: palavra sublinhada no v.6: "Chapéu de couro sêcco, o jaquetão breado" – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.168
PALEMO (soneto)

P.168:
Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

> Palemo

*

P.170-178
O EXAME DE HERCILIA (41 estrofes)

P.177:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v.197: "É a da graça que diadema" – estudo do vocabulário parnasiano.

2. correção de palavra no v. 218:

> Vão saber que crês houves***te***

*

P.179
CONFISSÃO DOS OLHOS (2 estrofes)

P.179:
Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

Confissão dos olhos

Na sala, muita vez, junto aos que estão comtigo,
Nóto entrando que ao vêr-me, entre surpreza e enleio
Ficas, como se acaso um soffrimento antigo
Eu te viesse accordar lá no intimo do seio.

"Por que enleio e surpreza? Olham-te, e empallideces;
Pões a vista no chão, fazes que desconheces
Estar ao pé de ti quem te perturba; acaso
Vaes distrahida; aqui tocas a flor de um vaso,
Ali de um velho quadro atentas na gravura;
Achegas-te á janella, olhas a tarde pura,
Voltas. De face então vês-me e estremeces. Quasi
Disseste o que dizer te anceia ha muito; a phrase
Intima, breve e ardente, em teu labio purpureo
Afflou num palpitar, fez ouvir um murmurio,
Mas refluiu... Em tôrno attentos te encararam.
Foi quando para mim teus grandes olhos voaram,
Voaram, vieram, assim como do firmamento
Duas estrellas, e a alma unindo a um pensamento
Unico, em fluido a escoar dos raios de ouro em mólhos,
Somem-se em mudo assombro, abysmam-se em meus olhos.

E em minh'alma, lá dentro, eu sinto então, querida,
Que elles deixam cahir, no ardor em que me inflammo,
Ah! e com que calor, com que sêde de vida!
Letra a letra, a tremer, o teu segredo: Eu te amo!

"Um dos trechos de mais profundo/ sentimento da poesia lírica!"

*

P.181
POR UM SORRISO (soneto)

P.181:
Nota MA: título assinalado por traço na diagonal:

Por um sorriso

*

P.183-186
VERSOS ALHEIOS (12 estrofes)

P.183:
Notas MA:
1. título sublinhado e comentário à margem:

Versos alheios *Extraordinário!*

2. palavra sublinhada no v.4: "E ouvindo-lhe enarrar belleza e graças" – estudo do vocabulário parnasiano.

3. comentário ao final do v.9:

Que desferiu tal canto! *Oh! que modéstia!..*

P.185:
Notas MA:
1. ideia sublinhada nos v.61-64:

"Se isso se desse, que granito ou bronze
Há ahi que eu não rompesse no delírio
De me saber amado?
Só o amos nos faz grandes."

2. palavra sublinhada no v.72: "Toda em ousios e impetos"– estudo do vocabulário parnasiano.

P.186:
Nota MA: palavras sublinhadas nos v.92-93: "Zelando os cereos favos/ Que encheu de mel, ferve a abelheira e zumbe" – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.187-189
PRAIA LONGÍNQUA (13 estrofes)

P.187:
Nota MA: palavra sublinhada no v.7: "Com verdes ramos que à brauna cortam"e anotação do sinônimo: *arvore* – estudo do vocabulário parnasiano.

P. 188:
Nota MA:construção verbal sublinhada no v.28:

Entram o bosque. Sôam no arvoredo

P.189:
Nota MA: palavra sublinhada nos v.50 e 52: “Breve atendaram. Ao luzir da lua”/ “Oh! mas tão pallida! a friez da face” – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.190
... (soneto)

P.190:
Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

...

P.192
LONGE... MAIS LONGE AINDA! (6 estrofes)

P.192:
Notas MA:
1. título sublinhado:

Longe... mais longe ainda!

2. traço marcando contagem silábica no v. 6:

– Leva-me inda mais longe, além, mais longe, poeta!

*

P.193-196
TEMPESTADE

P.193:
Nota MA: título sublinhado com dois traços cruzados:

Tempestade

P.193-194
PARTE II (1 estrofe)

P.194: palavra sublinhada com dois traços cruzados no v.5: “Chega do re-ranger dos troncos sacudidos” – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.194

PARTE III (1 estrofe)

P.194: palavra sublinhada no v.7: “Sôa e retreme horrendo um côncavo retumbo” – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.194-195
PARTE IV (2 estrofes)

P.194:
Nota MA: inversão sublinhada nos v.3-4:

> Grato me é teu rugir, quando em solta matilha
> Os ventos, como cães, ladram furiosos no ar

*

P.196
PARTE VI (3 estrofes)

P.196:
Nota MA: traço à margem do texto:

> Amo-te assim, no horror com que o universo assombras
> Deusa irada do raio, ó tempestade invicta !
> Quando fazes rolar teu plaustro de ouro e sombras,
> Abalando ao passar a abobada infinita,
> Não encolhido e vil, mas com heroísmo rudo
> — Enérgica expressão de uma dôr immortal,
> De pé, sorvendo no ar teu bafo, eu te saúdo
> A marcha triumphal.
>
> Amo-te o rebramar do cavernoso e grosso
> Coro de teus trovões, ao carro teu jungidos;
> Qualquer cousa de mim que eu exprimir não posso,
> Geme no teu gemer, ruge nos teus rugidos!
> Amo-te, ébria e possessa, a deflagrar purpúrea,
> A quanto se te oppõe, no embate formidando,
> Com Aquilão e granizo, em desatada fúria,
> Varrendo, espedaçando.
>
> E invejo-te! Não ter para expandir- me o espaço.
> Onde de pólo a pólo o teu soffrer derramas!
> Não ter para raivar a tua gorja de aço,
> Nem para blasphemar tua bocca de chammas!
> Na soidão de meu ser pésa-me o pensamento,
> Como parado ha pouco asphyxiava este ar;
> Oh! tua dôr, tormenta, esvae-se em agua e vento,

E eu... nem posso chorar!

*

P.197
NAUFRÁGIO (soneto)

P.197:
Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

Naufrágio

**

P.199-223
"Terra Natal" (1900-1901)

P.201-205
O PARAHYBA

P.201-205
PARTE I (23 estrofes)

P.201:
Nota MA: palavra sublinhada no v.6: "Em chão de grés ou saibro, em plano, almarge ou gruta" e anotação do sinônimo: *Prado natural/ Pastagem* – estudo do vocabulário parnasiano.

P.202:
Notas MA:
1. traço à margem dos v.9-16, 21-24:

Traz dos sertões que andou, cânticos e perfumes,
Um ninho, um fructo, um ramo, um leque de palmeira.
E a alma errante e immortal das cousas, em queixumes.
Debruçada a chorar-lhe em cada ribanceira ;

Traz dos rotos grotões, cuja abobada agita,
Retumbando-lhe dentro em impetos violentos.
A revoada ululante, a successiva grita
Dos echos que lá sopra a buzina dos ventos.

No amplo manto talar que undivago sofralda
E que descose e rasga entre os penhascos duros,
Traz das serras do Sul, tão verdes! a esmeralda,
E o ouro dos milheiraes a apendoar maduros ;

Traz o limo e agua-pés *(1)* em balsas que suspende,
E os nelumbos a abrir as corolas redondas,
Das terras baixas, onde em plano igual se estende

E onde põe a pastar o seu rebanho de ondas.

2. palavra sublinhada no v. 20: “E o ouro dos milheiraes a apendoar maduros ;” e anotação do sinônimo: *guarnecer de pendões/ embandeirar-se* – estudo do vocabulário parnasiano.

3. palavra sublinhada no v.21: “Traz o limo e agua-pés *(1)* em balsas que suspende”, e expoente *(1)*, remetendo a definição no rodapé:

(1) Agua-pe: nome genérico das plantas que se/ criam na superfície das aguas estagnadas.

4. traço à margem dos v.29-32:

> Ahi, talvez, a sanha e o irado aspecto esconde
> E é todo amor. Ahi crês ouvir-lhe á superficie
> Flebil chôro, a que á tarde, ao pôr do sol, responde
> O longinquo mugir dos touros na planicie.

P.203:
Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:
1. palavra sublinhada nos v.38: “Das ondas, bólha e espuma em férvida cascata”, e anotação do significado: *formar bolhas*.

2. palavra sublinhada nos v.41:“Leva-as; minaz estronda, e o socavão dos montes”, e anotação do sinônimo: *ameaçador*.

3. palavra sublinhada no v.49: “Gorgolhando, a bufar, o Mundeos, o Vermelho”.

4. imagem sublinhada no v.51: “Cachoeira, a reflectir o azul em seu espelho” *(1)* e expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:

(1) Frase vaga, sem característico algum... Necessidade/ de rima.

5. traço à margem esquerda dos v.57-60 e palavra sublinhada no v. 59 – estudo do vocabulário parnasiano:

> Todos, de uma e outra borda. E em movediço bando,
> Ante o Rei do deserto, as urnas de agua cheias,
> Cantam, ora do chão nas lapas ajoelhando,
> Ora, como a chorar, debruces nas areias

P.204:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v.63: “As pareas; de um ás mãos o minerio da serra”, e anotação do significado: *Tributo – reconhecimento de vassalagem* – estudo do vocabulário parnasiano.

2. traço duplo à margem dos v.64-84:

> Reluz ; outro sopesa estipite selvagem ;
>
> Este de seus sertões, na costumada faina,
> Lhe traz dos gequirís as contas côr de rosa ;
> Qual as plumas do ubá, qual os floccos da paina,
> Qual a flor da canella e a madeira cheirosa)
>
> Ave, ó Rio gigante ! A ti viemos das trevas
> E do sol da soidão; e a ti, que undoso e forte
> Vaes, e — novo Tritão — comtigo as chaves levas
> Com que as portas abrir soes do Atlântico, ao Norte,
>
> Rio, viemos pedir: os teus vassallos guia !
> Faltam-nos força e alento em jornada tamanha!
> Tu, só tu, bello e audaz, á praia fugidia
> Que em sonhos vemos nós, como uma pátria estranha,
>
> A' alva praia, onde á noite, em seu clamor obscuro,
> A chamar-nos está, quebrando, o Oceano, era cheio :
> — Rios, meu seio é bom, não pedregoso e duro.
> Agua eu sou como vós; rios, vinde a meu seio I
>
> Tu, só tu, magno Rio, é que levar-nos pódes!
> Arrebata-nos, pois. E a correnteza tensa
> Suma em ti, como a flor da espuma que sacodes,
> Nosso immenso cançaço e nossa magna immensa.

*

P.206-207
PARTE II (5 estrofes)

P.206:
Notas MA:
1. traço à margem dos v. 1-4:

> Darda esbraseado o sol as flechas de ouro a prumo,
> Cresta as folhas e sorve a agua aos ribeiros; arde
> A espalda da montanha, e o carro em fogo a Tarde
> Apresta com que aos céos demande em breve o rumo.

2. palavra marcada no v.8: "Ascuas na lisa escama o talco vítreo accende", e anotação do sinônimo: *Brasa viva* – estudo do vocabulário parnasiano.

3. palavra sublinhada no v.10: "Onde, ó bromélia agreste, em leito ardente abrolhas", e anotação do sinônimo: *lançar rebentos* – estudo do vocabulário parnasiano.

4. palavra sublinhada no v.14: “Onça a que audaz moscardo ataca, apua e zanga”, e anotação do significado: *crava o ferrão* – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.211-212
PARTE V (7 estrofes)

P.212:
Nota MA: traço duplo à margem dos v.23-24 e traço simples à margem dos v. 25-28:

Sobe por elle ao Céo, do cabeço dos montes,
Aos sons do órgão da Tarde, a prece dos rochedos.

Como extremosa mãe, pela vez derradeira
Beija-o chorando a Noite; aos mortos membros talha
No próprio manto augusto a lutuosa mortalha,
E o Cruzeiro do Sul planta-lhe á cabeceira.

*

P.213-214
PARTE VI (8 estrofes)

P.213:
Notas MA:
1. título assinalado por traço inclinado duplo:

VI //

2. rima sublinhada nos v. 6-7– estudo da sonoridade:

No ether voando, onde em luz seus vapores se enrolam,
Chama pelas irmans que em céos longínquos rolam

3. interrogação ao lado da palavra “exile”, no v.10:

Mandava, eil-as volvendo em leito exile ***?*** e raso!

P.214:
Notas MA:
1. traço à margem esquerda dos v. 23-24:

E as nuvens a chorar, erea chalamyde ao hombro,
– Tanto póde uma dor! Soltam-se em quedas d’agua

2. palavras sublinhadas no v.23: “E as nuvens a chorar, erea chalamyde ao hombro, e anotação do sinônimo, respectivamente: *bronzeo*/ *manto* – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.215
PARTE VII (5 estrofes)

P.215:
Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:
1. palavra sublinhada no v.5:“Saudae-o! abram-se à luz palhoças e arribanas!e anotação do sinônimo: *choupana.*

2. palavra sublinhada no v.7: “Eia, arado que o chão regôas férreo e aplanas” e anotação do significado: *Arregoar, abrir rasgos.*

3. palavra sublinhada no v.12: “Se ouve. É a água a vingar os conhos broncos e altos” e anotação do significado: *penedo insulado no meio/ de um rio.*

4. palavra sublinhada no v.14: “Das pedras a bolhar e indo eversora, aos soltos” e anotação do sinônimo: *Destrói.*

P.216:
Nota MA: traço à margem dos v.16-19:

> Parahyba, o que és tu na inundação tremenda,
> Quando infrene te vaes, a voz do povo o conte,
> Digam-no as vidas mil que tens tragado, e a lenda
> De Cecilia e Pery sumidos no horizonte...

*

P.217-218
PARTE VIII (10 estrofes)

P.217:
Nota MA: palavra sublinhada no v.6: “Accordando ao passar, elle desborda opimo” – estudo do vocabulário parnasiano.

P.218:
Notas MA:
1. construção sublinhada nos v. 19-20:

> Ao ceo, por que na terra os bens lhes poupe e as vidas
> (Maior bem no perigo) e as aguas baixem, pedem.

2. traço à margem dos v.25-40:

Ai ! dos campos em flor, das aves e dos ninhos !
Que lamento lá vae! que voz de dôr levantam !
Ai ! dos carros de bois que nas estradas cantam,
E o eixo partido vêm, fundeados nos caminhos!

Ai! das fazendas onde a mesta voz plangente
Se ouve a todo animal nos charcos das campinas!
Ai ! dos torreões de pedra a assignalar usinas,
Os quaes tudo em redor vêm afundar na enchente!

Ai ! dos cannaviaes ! lá vão com aquellas flores.
Com aquellas balsas vão na corrente levados !
Lá vão os milheraes com os seus pendões dourados!
Ai ! das lavouras ! ai ! dos pobres lavradores !

Ai! Guarulhos, de ti, que tão vizinho trazes
O monstro de aguas! Ponte, onde elle esbarra e fuma,
E sob a qual rasgado estronda o pégo e espuma.
Ai ! de ti ! Ai! de ti, Terra dos Goytacazes !

*

P.219-220
PARTE IX (10 estrofes)

P.220:
Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:
1. palavra sublinhada no v.26: "Já se vêm na água andar os moveis aboiando;".

2. palavra sublinhada no v.27: "Vae ruir o frechal; o chão se cava e afunda" e anotação do significado: *Viga horizontal em que se levanta o frontal/ de cada pavimento viga a beira do telhado.*

*

P.221
PARTE X (3 estrofes)

P.221:
Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:
1. palavras sublinhadas no v.3: "Córta, como uma quilha, a fluctuante gigoga".

2. palavra sublinhada no v.4: "Cruza os lódãos em flor. Vae boiando, boiando..." e anotação do sinônimo: *Nenúfares.*

*

P.223

PARTE XII (1 estrofe)

P.223:
Nota MA: traço à margem do texto:

> Foi milagre? talvez... indifferente, emtanto,
> Passa o rio a espumar sob a mão que o governa,
> Saudando os céos azues num formidável canto,
> Na divina embriaguez de sua força eterna.

*

P.226-227
COPA VERDE (1 estrofe)

P.226:
Nota MA: correção tipográfica no v.14:

> *In* da assim, copa verde, inda a baquear na morte

P.227:
Nota MA: palavra sublinhada no v.22: "Onde virão cantar, a acazalar-se, unindo" e anotação do significado com comentário da correção ortográfica: *União de dois seres para/ formar um casal. Com s e não/ com z.*

*

P.228
AZAS DE NEVE (4 estrofes)

P.228:
Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:
1. palavras sublinhadas nos v.10: "Dos annuns torpes com a enojosa tribu".

2. palavras sublinhadas nos v.11: "No ceno infecto, de onde ao bico arranca" e anotação do sinônimo: *lodaçal/ atoleiro.*

3. palavras sublinhadas nos v.10: "O desejado cibo" e anotação do significado: *alimento, principalmente/ das aves.*

*

P.229-231
A FESTA DAS AZAS (10 estrofes)

P.230:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v.21: "Que acinge a amendoeira em flor" – estudo do vocabulário parnasiano.

2. aliteração sublinhada nos v.28-29 e expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé – estudo da sonoridade:

> E em nuvens zangãos, vermelhas
> Vespas e tavões dourados *(1)*

(1) Enjambement mal feito que nos/ da a ilusão dum decassílabo perfeito./ Admira-se isso no Alberto que é ouvido/ finíssimo...

3. correção a erro tipográfico no v.48:

> A pobresinha *não* vae!

*

P.232
O NINHO (soneto)

P.232:
Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano.
1. palavras sublinhadas no v.1: "O musgo mais sedoso, a usnea mais leve" e anotação do sinônimo: *penugem*

2. palavras sublinhadas no v.6: "Colhe, e por dentro o alfombra com carinho" e anotação do significado: *Alfombrar- cobrir com alfombra; com tapete, ??? etc.*

*

P.233-235
COPO D'ÁGUA (12 estrofes)

P.233:
Nota MA: palavra sublinhada no v.6: "Da restinga brava que me apparecia" e anotação do significado na vertical: *C. Figueiredo diz que restinga é um/ rochêdo, um escôlho, um banco de/ areia no alto mar; ou com o brazilei-/ rismo: joguem o matagal a margem de/ um ribeiro ou terreno fértil* – estudo do vocabulário parnasiano.

Nota da pesquisa: Da autoria do filólogo e escritor português Antonio Cândido Figueiredo, MA possui: *Novo dicionário da língua portuguesa* (Lisboa: Tavares Cardoso e Irmão, 1899 – MA 469.3F475n volumes 1-2), *Falar e escrever: novos estudos práticos da língua portuguesa ou consultório popular de enfermidades da linguagem* (Lisboa: Livraria clássica, 1911 – MA 469F475f volumes 1-3), *Estrangeirismos* (Lisboa: Livraria clássica, 1913 – MA 469.24F475e volume 1-2), *Que não se deve dizer: bosquejos e notas de filologia portuguesa* (Lisboa: Livraria clássica, 1916 - MA 469.83F475q volumes 1-3), *Língua portuguesa em Portugal e no Brasil (discurso acadêmico, seguido de um resumo da reforma ortográfica)* (Lisboa: Ed. Lusitana, 1923 – MA 469.798F475L).

P.234:
Nota MA: palavra sublinhada no v.35: "Sederento bebo, mas da pescadora"

*

P.236-241
A MORTE DO FEITOR

P.236-238
PARTE I (8 estrofes)

P.236:
Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:
1. palavra sublinhada no v.7: "No telhado, tetro, exagitado corre"e anotação do sinônimo: *irritado, agitado imensamente*.

2. palavra sublinhada no v.10: "Em concerto o vento entremistura as vozes".

P.237:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v.17: "Vós que ao eito vistes tantos desgraçados" e anotação do significado: *roça onde trabalham escravos* – estudo do vocabulário parnasiano.

2. correção tipográfica no v.24: "Não a têmas feras pelos seus covis"

3. palavra sublinhada no v.44: "De atasqueiro infecto aza que ahi passasse)" e anotação do sinônimo: *lamaçal, nateiro* – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.239-240
PARTE V (4 estrofes)

P.239:
Nota MA: palavra sublinhada no v.1: "No telhado estriges que lá tem o ninho" e anotação do significado: *corujas, designa-se também as estrias e os vampiros* – estudo do vocabulário parnasiano.

P.240:
Nota MA: palavra sublinhada no v.22: "Nos frisões de sombras silva e estala o açoite" e anotação do significado: *Friso?...* – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.240-241
PARTE VII (2 estrofes)

P.240:
Nota MA: palavra sublinhada no v.2: "Cambetêa e roda solto e ameaçador"e anotação do significado: *Coxear, cambetar/ Diz-se daquele que é cambaio* – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.242-245
HYMNO Á LUA (17 estrofes)

P.242:
Nota MA: traço à margem dos v.1-18:

Lá vem descendo a lua cheia;
Vem tão redonda, tão redonda...
Lua, no mar,
Ouço dizer que de onda em onda,
A tua luz, se ouve a sereia
A soluçar.

Ouço dizer que quando a pino
Te libras no ether transparente,
Clara, sem véo,
A Yara chora na corrente,
Penteando as tranças de ouro fino
E olhando o céo.

Ouço também dizer que a brava
Onça malhada, se te avista,
Da matta em flor
Sáe, e agachada sobre a crista
Das pedras onde as unhas crava,
Uiva de amor.

P.243:
Nota MA: traço à margem esquerda dos v.19-30 e correção no v.22:

Certo, assombrosa é a força tua,
Ó astro pallido que ascendes...
Também a mim
Com o olhar magnético a alma me prendes,
E eu fico a vêr-te absorto, ó lua,
No espaço assim.

Um sentimento indefinível,
Intima angustia, uma anciedade,
Um – não sei bem –
Como sonhar de eternidade,
Ou como sêde de impossível,
Me arrasta além.

*

P.246
VOLUPIA (2 estrofes)

P.247:
Nota MA: palavra sublinhada no v.34: "As feras que no cio o seu antro selvagem" e anotação do significado: *Apetite sexual dos animais em certos períodos* – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.248-251
NO RIBEIRÃO

P.248:
Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

No ribeirão

*

P.249
PARTE II (5 estrofes)

P.250: *braza*
Nota MA: Sinônimo anotado sobre palavra no v. 13: "A vespa: é ascua viva que arde" – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.262-263
CHUVA DE POLLEN (9 estrofes)

P.262:
Nota MA: palavras sublinhadas nos v.9,10 – estudo do vocabulário parnasiano:

E hás de ouvir dispersos, rúmuros, confusos,
Rouquejar em côro, ou trebelhar zunintes,
Mangangás retintos, fulvos maribondos,
Aureas abelhas.

P.263:
Nota MA: palavra sublinhada no v.21: “São de borco ao vento a vaporar essências” e anotação do significado: *de boca para baixo* – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.264-266
SAUDADE DE PETRÓPOLIS (12 estrofes)

P.264:
Nota MA: traço marcando sinérese no v.6 – estudo da sonoridade:

Livre expandi e o coração de poeta,

P.265:
Nota MA: palavra sublinhada no v.37: “Por vós, luares de mármore, serenos” – estudo do vocabulário parnasiano.

**

P.267-325
“Alma em flor” (1900)

P.269-281
PRIMEIRO CANTO

P.272
II (soneto)

P.272:
Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:
1. palavra sublinhada no v.5: “Com os botões de ouro e a espatha luzidia”e anotação do sinônimo: Cálice membranoso.

2. palavra sublinhada no v.8: “Que em corymbos, festões e luz se abria”e anotação do significado: *Conjunto de flores que se elevam a uma mesma/ altura*.

*

P.276
VI (soneto)

P.276:
Nota MA: palavra sublinhada no v.3: “E em peraos fundos mudam-se as estradas” – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.278
VIII (soneto)

P.278:
Nota MA: palavra sublinhada no v.11: "Floreae os campos, rumorae os ninhos!" – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.280
X (1 estrofe)

P.280:
Notas MA:
1. traço duplo à margem dos v.2-5;
2. traço marcando a sinérese no v.5:

> Foi, talvez, nessa hora
> – Como em chão virgem nascem num só dia
> Duas flores irmans, que, flor r flor,
> Ao tempo em que accordava para o Amor,
> Eu accordei também para a Poesia.

*

P.281
XI (soneto)

P.281:
Nota MA: palavra sublinhada no v.2: "Aos animais o tropear lá fora"– estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.283-302
SEGUNDO CANTO

P.285-286
I (4 estrofes)

P.285:
Nota MA: palavras sublinhadas nos v.16, 18-19 – estudo do vocabulário parnasiano:

> No outão da casa há século plantada.
> Mas não é para ouvir como em teu seio,
> Mangueira amiga, vêm, setteando a altura,
> Atitar azulões e gaturamos

*

P.290-291
IV (3 estrofes)

P.290:
Nota MA: aliteração sublinhada no v.17– estudo da sonoridade:

> Fulva flammeja férvida fornalha

*

P.301-302
XIV (6 estrofes)

P.301:
Nota MA: concepção sublinhada no v.16:

> Não se confrontam datas quando se ama

*

P.303-325
TERCEIRO CANTO

P.308:
IV (1 estrofe)

P.308:
Nota MA:
1. construção sublinhada nos v.1-2:

> Um chão de folhas sob um céo de flores,
> Eis a matta. Recebe-nos à porta

2. palavra sublinhada no v.17: "Uns, rofos outros, uns desempenados"e anotação do sinônimo: *Áspero*

P.309:
Nota MA: verso final descritivo sublinhado nos v.30-31:

> "- Que é isso? E eu lhe explicava
> O hymno da selva"

Nota da pesquisa: Em *Poesias* (Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1909), de Olavo Bilac e em *Poesia – 3ª série* (São Paulo – Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves e cia, 1913) de Alberto de Oliveira, MA mostra apreço pelo uso das frases descritivas ao fim do poema.

*

P.310:
V (1 estrofe)

P.310:
Nota MA: palavra sublinhada no v.1 e acréscimo de exclamação:

"Perto demorava" *!*

*

P.311
VI (1 estrofe)

P.311:
Notas MA:
1. acréscimo de parênteses nos v.4-5:

"Dos fructos que então vejo, – ***(*** e o chão coberto
Delles estava, ***)*** escôlho o que mais dôce"

2. palavra marcada no v.10: "Ensoado o gavião negro abate o voo" e anotação do sinônimo: *acalorado* – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.312:
VII (1 estrofe)

P.312:
Nota MA: metáfora sublinhada no v.7:

Das trepadeiras a sorrir-se em flores,

*

P.322-323:
XV (6 estrofes)

P.322:
Nota MA: metáfora sublinhada nos v.9-10:

Como *doieis* sob o pó dourado
Que o Occaso peneirava! nos sombrios

**

P.327-364:
"Flores da serra" (1901-1902)

P.332
III – NOITE DE MAIO (4 estrofes)

P.332:
Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

Noite de maio

*

P.334:
V- LOS SUENOS SUENOS SON (4 estrofes)

P.334:
Nota MA: palavra sublinhada no v.1: "Sonhei-a: nuvem de nitente arminho" e anotação do sinônimo: *resplandecente* – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.336:
VII – ARMINHO E NODOA (1 estrofe)

P.336:
Nota MA: palavra sublinhada no v.6: "Nauseados... Entretanto," – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.340-341:
XI – VISÃO DE MORTE (8 estrofes)

P.341:
Nota MA: palavra sublinhada no v.22: "Margeando a estrada, em flores se desata" – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.342
XII (1 estrofe)

P.342:
Nota MA: palavra sublinhada no v.7: "Não para estancia e homizio" e anotação do significado: *esconderijo/ valhacouto* – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.354:

XXII – A VOZ DAS ARVORES (1 estrofe)

P.354:
Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

A voz das arvores

*

P.357-359:
XXIV – ARVORE SECA (5 estrofes)

P.357:
Nota MA: palavra sublinhada no v.16: "Arrojou, no continuo exicio" e anotação do significado: *perdição/ ruína/ morte* – estudo do vocabulário parnasiano.

P.358:
Nota MA: imagem sublinhada no v.47:

"– Ode esmeralda e luz, a primavera

**

P.365-391
"Versos de saudade" (1903)

P.371-373:
O PORTÃO DA CHÁCARA (13 estrofes)

P.371:
Nota MA: título assinalado por traço duplo inclinado:

O portão da chácara

P.372:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v.37 e expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:

Mais não disse. A mentar *(1)* a phrase triste e escassa

2. comentário no rodapé:
(1) C. Figueiredo não se refere a esse/ verbo. Menciona no entanto mentado =/ lembrado, recordado.

*

P.380
A RESPOSTA DA LUA (2 estrofes)

P.380:
Nota MA: título assinalado por traço inclinado:

A resposta da lua

P.381-385:
HORAS DE OURO (4 estrofes)

P.383:
Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:

1. palavra sublinhada no v.73: "E espesso cruor e sanie, esgarçava, esgarçava..." e anotação do sinônimo: *Pus, podridão.*

2. palavra sublinhada no v.75: "Dardou *(1)* o sol, e como ao fim de um prélio, o estrago" e expoente *(1)*, remetendo à definição no rodapé:

(1) Por dardejar. Também se torna no sentido/ de pungir.

P.386-391
ALCOVA DESERTA (diálogo)

P.389:
Nota MA: palavra sublinhada no v.74: "Vae a provida abelha o alveario trabalhando" – estudo do vocabulário parnasiano.

P.390:
Nota MA: traço à margem dos v.78-82:

> Assim, vendo-te, o meu futuro eu preparava,
> Sem jamais descançar, que o coração não cança;
> E pedra a pedra, sonho a sonho, edificava
> O sanctuario de amor, conforme o imaginava,
> Cantando o hymno da Fé e a canção da Esperança.

P.391:
Notas MA:
1. traço marcando a sinérese no alexandrino do v.120:

Em que sentiu teu beijo a friez de minha mão

2. concepção sublinhada no v.123:

Oh! a saudade, poeta, é uma ressurreição!

3. anotação no rodapé:
"(6074 versos)"

OLIVEIRA, Alberto de Bibl.MA [A/II/c/48]
Poesias (Terceira série: Sol de verão, Céo nocturno, Alma das cousas, Sala de baile, Rimas varias, No seio do cosmos, Natalia). São Paulo – Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves e cia, 1913.
[Poesia] IEB: MA 869.9146O481p 3ª série

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernação em marroquim vermelho, 21x15 cm.

Página de guarda
Nota MA: anotação na margem superior:

p.31/ p.35

Nota da pesquisa: nestas páginas estão, respectivamente, IDEAL e SOLIDÃO, que trazem palavras sublinhadas referentes ao estudo do vocabulário parnasiano.

P.7-16
INTRODUÇÃO (diálogo)

P.9:
Nota MA: traço marcando sinérese no v. 10 – estudo da sonoridade:

Como as visões de um sonho, espectros em tua mente

P.10:
Notas MA:
1. traço duplo à margem dos v. 18-40;
2. construções sublinhadas nos v.25, 30:

Feliz o que chegou ao cimo da montanha!
Sobranceiro à planície, a alma lhe passa e banha
Ar puro e sol radioso. A planície é funesta.
Que importa abram por lá flores, sorrindo, em festa?
Entre as flores se occulta o áspide traiçoeiro.
Se há o jardim na planície, há também o nateiro;
Se há, de fogo a tauxiar o prado, o pyrilampo,
E a leda borboleta – alma infantil do campo,
Há o moscardo também, há dos charcos ao fundo
Ou na folhada a cobra, há o sapo côxo e immundo
E a peganhenta lesma; e os peraos! E os espinhos!
E os torvelins de poeira ou a lama dos caminhos!
A montanha é degráo do altar da immensidade,
Varre-a vento do céo, banha-se em claridade;
Nella ajoelha a rezar a nuvem matutina,
Nella solta seu véo de núpcias a neblina,
E as estrellas irmans, que só tarde se deitam,

Almas que a vem buscar a quando e quando espreitam.
Oh! bem haja a montanha e o que a subiu! Mas perto,
Como um veleiro azul, o firmamento aberto
Aqui se estende, e acalma a todo o que o procura
Só com um raio de amor as afflicções sem cura!
Bem haja! Aqui da aurora em seu róseo levante

P.11:
Nota MA:
1. traço duplo à margem dos v. 41-59:

Brilha a primeira luz; aqui do sol faiscante
Não queima o fogo; aqui as horas uma a uma
Correm serenas, como aragens sobre espuma,
Não as turba a paixão desassisada e tonta,
Nem o afflicto desejo instante a instante as conta.
Quando em horas de sesta acaso aqui dormires,
Terás das quedas de água os orvalhados Iris
A espanejar-se no ar, com as azas multicores,
Num circulo de luz, como anjos protectores.

Tudo é doçura e paz no cimo da montanha!

Deste cimo – onde em tudo indagador se entranha
A avidez de saber, o olhar que a tudo espraias,

Não tem praias o azul, o oceano não tem praias,
E sem costa, e sem ilha, onde pousar, sedento,
– Naufrago da amplidão, perde-se o pensamento.
Feliz tu, que por entre urzes e pedras vieste
A receber em cheio a irradiação celeste
– Premio o que, forte, alcança elevação tamanha!

Feliz tu, que chegaste ao cimo da montanha!

2. Rima toante sublinhada nos v.60-61– estudo da sonoridade:

Era um sonho de amor! Passou . Via-me em baixo,
Lá em baixo ainda. Canta o serpentino riacho

P.13:
Nota MA: comparação sublinhada nos v.109-111:

Mais dilatado, oppõe á saudade a esperança.
A alma é véla no oceano; eterno sôpro a agita.
Deixa-a ir aonde vae, na jornada infinita.

P.14:

Nota MA: palavra sublinhada no v.120: “Ao polo ermo, erma noite, á soidão indizivel...” – estudo do vocabulário parnasiano.

P.15:
Nota MA: traço à margem dos v.135-144:

> Almas das cousas, alma
> Espiralada em fumo, em flor expansa e em palma,
> Correndo em ventos, quieta em lagos, somnolenta
> Em pedras, meiga em luar, colerica em tormenta,
> Rindo em manhans, amando em sestas, pensativa
> Em crepúsculos, alma esparsa! Da que eu viva
> Tua vida, ao que és tu junta minh’alma! Eu te ouço
> E entendo em teu quebrar de túmido marouço
> No oceano que aos meus pés flue, reflue e se eleva!
> Alma digna da minha, a minha absorve e leva!

P.16:
Notas MA:
1. sublinhado v.164 e expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé – estudo da sonoridade:

> E sómente em teu seio ha poesia eterna *(1)*

(1) Este verso tanto pode ser alexan-/ drino como decassílabo. Em qualquer/ dos casos é um mau verso.

**

P.17-44
“Sol de verão” (1904)

P.19-23
ODE AO SOL (20 estrofes)

P.19:
Notas MA:
1. título assinalado por traço horizontal:

> Ode ao sol

2. pontuação sublinhada no v.5; estudo de pausa na oração intercalada:

> Tudo, despindo a noite, a um osculo de fogo

3. palavras marcadas no v.17: “Do orégão da vertente á araucária do viso” e anotação dos sinônimos, respectivamente: *Planta labiada/ outeiro, teso* – estudo do vocabulário parnasiano.

P.20-21:
Notas MA:
1. traço duplo à margem dos v.25-30, 43-48;
2. barra marcando escansão do decassílabo no v.28 – estudo da sonoridade;
3. palavra sublinhada no v.47: "Atroado de aquilões, retalhado no tronco" e anotação do significado: *Vento norte* – estudo do vocabulário parnasiano:

Clareaste a pouco e pouco os recantos sombrios,
Recamaste de prata as areias e os rios,
E no escalvado pico, onde a cactácea medra,
Para te ver tão grande em tua luz tão rica,
Reflectindo-a no talco e lamina da mica,
Fizeste o olhar da pedra.
[...]
Que esplendor! Esta luz é o gôso da alma forte.
Ama-a, torreando além suas babéis ao norte,
A nuvem; a pairar em círculos – olhae-o!
O altivolante abutre; o cedro enorme e bronco,
Atroado de aquilões, retalhado no tronco
Dos gilvazes do raio.

P.21:
Notas MA: sonoridade sublinhada no v.68:

E almo fogo. De ti nascem prazer e festas

P.22-23:
Nota MA: traço duplo à margem dos v.79-84, 97-114:

Ver, quando em quente estio expira ao dia o prazo,
Na vasta galeria esplendida do Occaso,
Os paineis que lá estão! Altas de accêsa fronte,
Golfos, mares, vulcões, cascatas, submarinas
Grutas, Moscows em fogo e Heliopolis em ruínas
A atulhar o horizonte.
[...]
Vaes cahir, bello sol! findo é o teu grande dia!
Eis a rampa de fogo em que irás na agonia
Rolar! Eis embuçado o exercito crescendo
Das sombras que já vêm subindo a escarpa aos montes!
Não tarda a avermelhar teu sangue os horizontes
No assassino tremendo.

Vaes cahir, vaes morrer! Inda um momento, um passo,
E baquearás, ó Sol, no tumulo do espaço!
A' pompa funeral, velada, a Natureza
Accorrerá em pranto, e o crepusculo, mudo,

As azas a estender, estenderá por tudo
Toda a sua tristeza.

Arrastando em tropel e em desalinho as vestes,
Teu cadaver buscando – apparições celestes,
Baixarão por te ver, desde o mais alto empyreo,
As nuvens; um clarão pallido, a quando e quando,
Entrando pela noite, arderá vasquejando
Ao derradeiro cirio.

P.23:
Nota MA: concepção sublinhada no v. 118-120:

Mostrando a quem da morte o pensamento esmaga,
Que, qual te vaes e vens, nada se estrue e apaga,
Tudo é renascimento!

*

P.24
CANTO DO SEMEADOR (soneto)

P.24:
Nota MA: traços à margem dos v.1-8 marcando a rima e acréscimo de interrogação irônica – estudo da sonoridade:

Cava, enxada de ferro, o chão de ferro e pedra;
Semeia, mão callosa, o cereal que não medra;
Cahi com o meu suor, lagrimas! Sol, escalda
Com tua ardente luz minha acurvada espalda!

?

E hei de daqui tirar, de cada ruim semente
E ruim terra o com que aos meus e a mim sustente?
E hão de esperal-o ainda a desnudez e a fome,
Que sem pão que comer, aos que a padecem, come?

*

P.25
A CIGARRA DA CHÁCARA (soneto)

P.25:
Nota MA: traço à margem dos v.1-4, 9-11:

Volta a cantar no tronco da mangueira,
Mais corpulenta agora e mais sombrias,
Esta mesma cigarra cantadeira
Que o anno passado eu tanta vez ouvia

[...]
Canta, alma de ouro! Teu verão radiante
Tornou, tornou teu sol glorioso e lindo;
O meu declina, não quer mais que eu cante

*

P.30
DUAS SOMBRAS (soneto)

P.30:
Nota MA: traço à margem do texto:

Estendia um sycomoro na areia
A sombra, e della o malaventurado
Pastor Almeno, sem pastora e gado,
Mudo, os olhos ao céo, que azul se arquêa.

Com o pôr do sol, a entristecer a aldeia,
Cresceu da arvore a sombra pelo prado,
Cresceu de Almeno o mal, no olhar levado,
Como sombra também, e mais se altêa.

Sombra e sombra – á que vae no chão de rastros,
Parece estreito o páramo defronte,
A' de Almeno infeliz – estreito o mundo;

Subiu aquella da planicie ao monte,
Esta do coração subiu aos astros,
E chegou até a Deus, no azul profundo.

*

P.31-32
IDEAL (7 estrofe)

P.31:
Notas MA:
1. título assinalado por traço duplo horizontal:

Ideal

2. palavras sublinhadas no v.14: "A especies nemoraes, altas, de alta folhagem" e nos v.17-18: "Vae por cedro e irapoca, a que o cipó se enlaça/ Por umbiú e angelim vae, regirando, esvoaça" – estudo do vocabulário parnasiano.

P.32:

Nota MA: palavra sublinhada no v.22: “Menêa a excelsa grimpa. Ah! rebaldada lucta!” – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.35
SOLIDÃO (soneto)

P.35:
Nota MA: palavra sublinhada no v.8: “Só! E a esvair-se em sangue e a exulcerar-se enfermo!” – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.36
PÉ DE VENTO (soneto)

P.36:
Nota MA: traço duplo à margem do texto:

> Não tarda lá daquella serrania
> Baixar bramindo o temporal violento.
> Cobre um velamen plumbeo o firmamento,
> O sol se obumbra, morre a luz do dia.
>
> Róla o trovão. Colerico esfuzia,
> Batendo as azas céleres o vento,
> Como precipitado pensamento
> Que por céo torvo o norte o sul envia;
>
> Em lesto surto sóbe monte e monte,
> Attinge longe os termos do horizonte,
> Nada o detém qual vae, nada o embaraça.
>
> Ah! Que eu não possa, dor de intimo espinho,
> Penas que me affligis, em remoinho
> Ver-vos passar... como este vento passa!

*

P.37
VELHAS MANGUEIRAS (soneto)

P.37:
Nota MA: palavra sublinhada no v.2: “Como um fructo apodrido, o coração maguado” – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.38-43
JARDIM DE TRISTES (21 estrofes)

P.38:
Nota MA: título assinalado por traço duplo horizontal:

Jardim de tristes

P.39:
Nota MA: traço à margem dos v.31-35:

Belleza passa depressa,
Tudo passa nesta vida!
Na alma a cahir-me começa
A neve, que é já cahida
Aos fios sobre a cabeça.

P.40:
Nota MA: traço duplo à margem dos v.51-55:

No baile um dia encontrei-o;
Era elle então guapo e forte,
Eu moça e formosa. Amei-o.
Hoje estamos desta sorte,
Velha e feia, velho e feio.

*

P.44
"PODÍA AGORA, EMFIM, QUE TRANSMONTADO" (soneto)

P.44:
Notas MA:
1. traço duplo à margem do texto:

Podía agora, emfim, que transmontado
E' quase o sol no largo firmamento,
A lyra pendurar, em que hei cantado,
De ramo de arvore, á mercê do vento.

Mas com a sombra, que aos poucos ao meu lado
Cresce, crescendo vae o sentimento;
Transborda o coração. Novo e maguado
Carme direi de mais sentido accento.

Soarão nos meus versos derradeiros
Adeuses de saudade e dor, que abrigo,
Pois, cantando, quem soffre, o mal espanta.

Tal na lavoura ahi fóra carro antigo
De cereaes, que conduz aos seus celleiros,
Quanto mais pêso tem mais alto canta.

Alberto no "Sol de verão" traz sempre/ consigo a idea da sombra. Sombra/ lhe é o que depara e julga. Ve-mo-lo/ por tres ou quatro vezes tratar dela/ neste livro.

**

P.45-84
"Céo nocturno" (1904-1905)

P.51
A UM POETA (4 estrofes)

P.51:
Nota MA: traço à margem dos v.9-16:

Assim, posto o sol, os rios
Não são mais como eram dantes,
Tornam-se, em vez de brilhantes,
Sombrios.

Mas da noite o céo, com os mundos
Accesos, na agua a feril-os,
Fal-os mais, sobre tranquillos,
Profundos...

*

P.52-53
AS SOMBRAS (3 estrofes)

P.52-53:
Nota MA: repetição sublinhada nos v.17-23 e incidência à margem direita:

Tudo jaz. Mas a sombra erra, a sombra não dorme,
Sombra esguia de poste esguio, sombra enorme
De muro enorme, sombra alongada de arbusto,
Sombra de fronde esparsa, ou de tronco robusto
Compacta sombra, sombra espectral que me assombra
Sombra de solidão, sombra da propria sombra.
E a sombra, e toda a sombra, em seu continuo moto, *14!*

P.53:
Notas MA:
1. traço à margem dos v.35-44:

E outra chora ou blasphema, outra réza, outra scisma.
Por traz de um cêrro, emtanto, em fluido alvor se abysma
Occidua a lua. Então, dando-se as mãos, fundindo
Todos os ais num só, mas dilatado e infindo,
Se unem as sombras, desde a que gerou a entranha
Do abysmo, á que provém do flanco da montanha.

Noite escura, alta noite escura, a dor formou-te
E a sombra. Terra e céos enchendo, escura noite,
Com teu lucto cerrado e tua voz gemente,
E's somente uma sombra e és uma dor sómente.

Continua a obsecação da sombra

*

P.56
RETRATO ANTIGO (6 estrofes)

P.58:
Nota MA: traço duplo à margem dos v.41-48:

Meia apagada embora a tua imagem,
Como o tempo em que foste retratada,
– Tinhas quinze annos só! meia apagada
Embora, me sorri.
Que hei de fazer, em casa, eu, só commigo,
Nesta noite de céo chuvoso e ingrato,
Tendo em frente de mim o teu retrato,
Senão pensar em ti?

*

P.59-60:
O POÇO E A LUA (7 estrofes)

P.59:
Nota MA:
1. palavra sublinhada no v.13 e expoente (1), remetendo à definição no rodapé – estudo do vocabulário parnasiano:

Irisa-se a estofa *(1)* e quieta

(1) Estagnado. Que não sobe nem desce/ (falando das aguas do mar)

*

P.61-65:
A FRESCURA E O SOCEGO DOS CAMPOS

P.61-63:
PARTE I (11 estrofes)

P.62:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v.24 e expoente *(1)*, remetendo à definição no rodapé – estudo do vocabulário parnasiano:

A fugaz donzellinha *(1)* e a arisca borboleta;

(1) Insecto ortóptero tambem conhecido por/ libelinha, libélula, lavadeira.

*

P.63-65
PARTE II (12 estrofes)

P.64:
Nota MA: traço duplo à margem dos v.13-16:

Amo o grande silencio austero que ha lá fóra,
Entre o céo estrellado e a terra adormecida,
Silencio de que sae, fecundo e calmo, a aurora,
E refeita na tregua, a energia da vida.

*

P.66:
MARÉ DE EQUINOXIO (A MORTE DE HAYDÉE) (soneto)

P.66:
Nota MA: traço à margem do texto:

Não foi a agua do mar que, num descuido,
A arrebatou no banho, em manhã fria.
Vêde que é lua, corre em tudo um fluido,
Reluz a praia, aviva-se a ardentia.

Foi a lama da maré que ao vel-a, cuido,
Da caverna maritima sombria
Sahiu, largada a trança de ouro fluido,
E treda e linda a lhe acenar, sorria.

Foi ella que a levou; não n'a choremos!
Não morreu, não! Vae, como em branda sesta,
Longe, embalada em seu batel sem remos;

Sôlto o cabello á flor da espadua nua,

Vae á festa das aguas, vae á festa
Que faz com as vagas no alto mar a lua.

*

P.68-69:
FLOR DE CARDO (6 estrofes)

P.68:
Notas MA:
1. Palavra sublinhada no v.5: "Salpicando-o com a babugem" – estudo do vocabulário parnasiano.

2. Traço à margem dos v.13-16:

Cae a noite. Astro erradio
Surge e na agua se retrata,
– Immensa aranha de prata
Pendendo de ignoto fio.

*

P.70-73:
ROSCIDA LUNA

P.72:
PARTE VI (1 estrofe)

P.72:
Nota MA:
1. palavra sublinhada no v.7 e expoente *(1)*, remetendo à definição no rodapé:

Fala em seus quebros *(1)* o ar translucido, a agua fala

(1) Inflexão de voz; de corpo, requebro.

*

P.74
VIGILIA (7 estrofes)

P.74:
Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

Vigilia

*

P.75-80:
FLOR DO RIO (LENDA DAS NEBLINAS DO PAQUEQUER)

P.75:
PARTE II (1 estrofe)

P. 75:
Nota MA: construção sublinhada no v.3:

> A trecho e trecho, á margem da corrente.

P.77-78:
PARTE VIII (1 estrofe)

P.78:
Nota MA: palavra sublinhada no v.8: "Caudatos, a varrer o céo com as barras," – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.80:
PARTE XVI (2 estrofes)

P.80:
Notas MA:
1. desfecho sublinhado no v.7 e expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:

> Na bacia polida o luar scintilla *(1)*

É de um efeito magnífico terminar/ um reconto qualquer doloroso com/ uma pequena e balsâmica frase/ descritiva. Bilac usa constantemente/ deste estratagema estilístico.

Nota da pesquisa: Em Olavo Bilac, *Poesias* (Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1909), MA destaca os momentos em que o autor recorre a esta solução estilística. Na parte V de A MORTE DO TAPIR, à p.14, MA sublinha o último verso "Nesse momento,/ Apontava o luar no curvo firmamento.*(1)*" e comenta no rodapé: *(1)É de grandíssimo efeito o voltar, depois/ de um drama forte e anciado, a uma/ descrição calma de uma particularidade/ da natureza. É uma aurea chave de profundo/ valor estético: é necessário e bom aos espíritos/ o acalmar-se, após terem desenvolvido em/ si sentimentos enérgicos. Soa como uma/ benção.* Em DELENDA CARTHAGO! Depois de sublinhar o verso final na parte III, à p.36: "Era como o rumor de um pranto convulsivo..." *(1)*, MA repete sua análise: (*1) Mesmo ardil da "Morte de Tapir" de terminar o poema com uma ligeira frase descritiva.*

*

P.81-84:
OS DEUSES GREGOS (H. HEINE) (5 estrofes)

P.81:

Notas MA:
1. traço marcando sinalefa no v. 7 – estudo da sonoridade:

Lá em cima a palpitar, no infinito profundo

2. construção sublinhada no v. 9 e expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:

Governaram, e sem patria ou lar que os açoite *(1)*

(*(1) Para Duque Estrada versos como/ tais são positivamente errados, pesar/ de estarem nos moldes da regra*

Nota MA: em *Poesias*, de Olavo Bilac (Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1909.), MA cita *A arte de fazer versos*, de Duque Estrada, (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914) que traz, nos capítulos iniciais ("Número" e "Cesura"), regras sobre o uso dos versos alexandrinos. Esta obra não faz parte da biblioteca de MA no patrimônio do IEB-USP, onde se localiza, do mesmo autor, *Luiz Delfino: conferência realisada em 6 de agosto de 1914*, na Associação dos Empregados no Commercio (Rio de Janeiro: Typ do Jornal do Commercio, 1915; MA 869.91092D349d), exemplar sem notas de leitura.

P.82:
Notas MA:
1. construção sublinhada no v. 22 e anotação à margem:

"Em que entre ephebos e nymphas, te divertias"

também erra[-]/ do segundo/ Duque Estrada

2. construção sublinhada no v. 35 e anotação sob o verso:

Não mais também com o teu ódio e vingança offendes

observação anterior

3. palavra sublinhada no v. 43: "Inda o césto possues *(1)* das seducções sem par", anotação do significado: *antiga manopla, cinto* – estudo do vocabulário parnasiano. Expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:

(1) Verso a meu ver erradissimo. Possues/ não é absolutamente um agudo, nem/ sequer poeticamente contando as sílabas

Nota da pesquisa: apropriando-se das regras de versificação indicadas por Duque Estrada, MA crítico aponta falhas na escansão e construção do verso.

P.83-84:
Nota MA:
1. construção sublinhada no v. 63 e anotação à margem:

Os novos deuses, que vos venceram, e vistes

também errado

2. palavra sublinhada no v. 65: “E mãos, duros e mãos, socolor de humildade” e comentário no rodapé:

Alberto parece que se compraz em espalhar/ extravagâncias decadentes nesta poesia

**

P.85- 141
“Alma das cousas” (1905-1906)

P.87-93:
FLOR AZUL (I-IX)

P.87-88:
PARTE II (1 estrofe)

P.88:
Nota MA: construção sublinhada no v. 14:

Um querer, mas bem perto, o que se quer bem nosso,

*

P.88:
PARTE III (1 estrofe)

P.88:
Nota MA: traço marcando escansão no v.2 – estudo da sonoridade:

E’ possivel que a terra, o escuro chão, sómente
Com humidade e calor, mimo tão puro invente?

*

P.88-89:
PARTE IV (1 estrofe)

P.88-89:
Nota MA: traço à margem do texto:

Não. Excelso poder, oculta mão de artista,
Em seu adyto immenso, absconso a qualquer vista,
Compraz-se muita vez, de par com o gigantesco
E monstruoso que engendra, em lavrar o arabesco,
Tecer a filigrana, o delicado, o leve,

Alar em colibris, subtilizar em neve,
Lucilar num lampyro, irisar numa pluma,
Refranger no crystal, esvanecer na espuma.
De usneas e musgo o chão, o lenho e a pedra borda,
Toma uns pingos de orvalho, um fio tenso á corda
Da tarantula, ao sol um raio, e de improviso
Faz um collar e a um tronco enlaça-o com um sorriso

*

P.89:
PARTE VI (1 estrofe)

P.89:
Notas MA:
1. traço duplo à margem do texto;
2. palavra sublinhada no v. 9 – estudo do vocabulário parnasiano;
3. expoente *(1)*, remetendo ao sinônimo no rodapé:

Folhas se as vê medrar, quer das que à altura ascendem,
Quer das que ao chão rojando, humílimas se estendem,
Logo as recorta e ordena em modos mil; a esta
Dá-lhe a fórma de um chuço ou férrea lança; empresta
À' quella a de uma espada; a est'outra o áspero e rudo
Couro mais do que folha, ageita em brônzeo escudo;
Ainda outra em faixa estreita, e é cinto, é talabarte;
Outra em piques aguça ou em settas reparte,
Outra a recurva e alonga, e eil-a anafil *(1)* ou trompa.
E assim do bosque em meio, entre o enredado e pompa
Vegetal, em recanto, onde o hórrido chocalho
Retine a cascavel, e furta-côr, o orvalho
Sacudindo, a voltear o beija-flor se perde,
Arma um trophéo guerreiro, uma panóplia verde

(1) Trombeta mourisca

*

P.90:
PARTE VII (1 estrofe)

P.90:
Notas MA:
1. palavras sublinhadas com traço duplo no v. 3: "Entece como vime, e é berço, e a dependura" e simples no v. 4: "Numa – cestinha fofa ou canistrel *(1)* figura", expoente *(1)* remetendo à definição no rodapé – estudo do vocabulário parnasiano:

(1) Ou canastrel: espécie de pequena canastra, com asa

2. traço duplo à margem dos v.11-12:

> Ou cujo âmago intacto aprofunda em enorme
> Cárcere de velludo, em que uma abelha dorme

*

P.90-91:
PARTE VIII (1 estrofe)

P.90:
Nota MA: traço marcando sonoridade nos v. 1-2:

> Desce ao fundo do mar. Os arrecifes sonda.
> Calcareo pranto occulto em perola arredonda

P.91:
Notas MA: palavras sublinhadas por traço duplo nos v.16-17: "Em ostreira *(1)* ou na vasa, o carangueijo immundo/ Toma, caldêa-o *(2)* de aço, acataphracta-o *(3)* todo"; e expoente remetendo à definição no rodapé – estudo do vocabulário parnasiano:

> *(1) Lugar onde se criam ostras*
> *(2) Tornar rubro por meio de fogo; ligar, refor-/ çando as duas substâncias metálicas.*
> *(3) Revestir de catafracto, antiga couraça revestida/ de escamas de ferro.*

*

P.91
PARTE IX (1 estrofe)

P.91:
Nota MA: palavra sublinhada no v.1: "A essa mão poderosa, em labutar titaneo" – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.91-92
PARTE X (1 estrofe)

P.92:
Nota MA: palavra sublinhada no v.5: "Sempre e sempre a subir, ermos, soidões invade," – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.94-95
ALMA DA CASA (2 estrofes)

P.94:
Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:
1. construção sublinhada no v.1: "Não fieis de apparencia. A dessa casa é bella,".
2. palavra sublinhada no v.11: "Conta de instante em instante, em alterno vaivem".

P. 95:
Nota MA: palavra sublinhada no v.24: "Todo convulsa *(1)* e freme, e é contenda e furor," e expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:

(1) Alberto emprega mal o verbo, estenden-/do-o ao significado de convulsionar./ Convulsar diz-se, em veterinária, dos/ nervos que se contráem.

*

P.96
FLORESTA CONVULSA (soneto)

P.96
Notas MA:
1. traço à margem esquerda do texto;
2. palavra sublinhada no v. 13 – estudo do vocabulário parnasiano;
3. comentário no rodapé:

> Floresta de altas árvores, escuta :
> Em minha dor vim conversar contigo,
> Como no seio do melhor amigo,
> Descanso aqui de tormentosa luta.
>
> Troncos da solidão intacta e bruta,
> Sabei... Ah ! que, porém, como um castigo
> Vos estorceis, e o som do que vos digo
> Vai morrer longe em solitária gruta.
>
> Que tendes, vegetais?... remorso?... crime?...
> Açoita-vos o vento, como um bando
> De fúrias e anjos maus, que nós não vemos?
>
> Mas explicai-vos ou primeiro ouvi-me,
> Que a um tempo assim braceando, assim gritando,
> Assim chorando não nos entendemos.

É dos versos mais perfeitos de Alberto / Notar a naturalidade dessas frases,/ tão escassa nêle a beleza desses entroncamentos

*

P. 100-103
A PEDRA DO CAMINHO

P.100-101
PARTE I (3 estrofes)

P.100:
Nota MA: palavra sublinhada no v.15: "Perseo pede, e com a harpé decepa de Meduza" – estudo do vocabulário parnasiano.

P.101:
Notas MA:
1. construção sublinhada no v.19:

> Este grita, este foge, este cáe, este morre.

2. palavra sublinhada no v.21: "Acravados no chão e alli se petrificam" – estudo do vocabulário parnasiano.

P.102-103
PARTE IV (2 estrofes)

P.102:
Notas MA:
1. construção sublinhada nos v. 4-5:

> Millenario pensar lhe retalhara a fronte
> Em negras rugas. Tinha o largo rosto e o peito
> Chamuscados do raio.

2. traços marcando corruptela das palavras "desde", "até" e "solidão" nos v. 10-12:

> Nessa pedra ajoelhou rezando, dès que entrara
> O sol té que o nascente enchera com a luz clara
> O luar, – luar de soidão de valles, que suspende

P.103:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 28: "E' vel-o agora vir, demissa a fronte, e o dorso," – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.104-106
NUVENS

P. 104:
Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

Nuvens

P.104
I – “HA UMA NUVEM NO CEO QUE É MINHA. DESCE,” (soneto)

P. 104:
Nota MA: número da parte do poema assinalado por traço duplo horizontal:

I

P. 106:
III – “NUVENS, POR MENOS FORÇA QUE HAJA O VENTO,” (soneto)

P.106:
Notas MA:

1. Número da parte do poema assinalado por traço duplo horizontal:

III

2. Traço duplo à margem dos v. 1-14:

Nuvens, por menos força que haja o vento,
E mal vos sopre, vós passaes. Escura
A côr, ou clara, andando pela altura,
Ou mais baixas, no eterno movimento,

Passaes – como na vida, a lento e lento,
Ou depressa, se vae toda a ventura,
E a propria vida, sonho, amor, loucura!
Pois tudo é nuvem, tudo é passamento.

Choraes lá em cima, como aqui choramos;
Passaes, e em marcha o vosso incerto passo
E’ o mesmo incerto passo com que vamos.

Brilhantes de ouro, embora, no ar profundo,
Passaes, sem lhe deixar sequer um traço,
Como não o deixamos neste mundo.

*

P.107-110
REFLEXOS

P. 107:

Nota MA: título sublinhado:

Reflexos

*

P.111
A VELA (2 estrofes)

P.111
Nota MA: Título assinalado por traço duplo horizontal:

A vela

*

P.120-122
O VESTIDO BRANCO

P.120:
Nota MA: título sublinhado:

O vestido branco

*

P. 126-130
ROMANCE DA JANELLA

P. 126:
Nota MA: Título assinalado por traço duplo horizontal:

Romance da janella

*

P.131-134
O CARVALHO DE ZEUS (14 estrofes)

P.131:
Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:
1. corruptela de "movimento" sublinhada no v. 7:

Guarda o sacro moimento, ao pé do qual enorme

2. corruptela de "solidão" sublinhada no v. 13:

Para as vozes do céo, e na soidão selvagem

P.133:

Nota MA: corruptela de “solidão” sublinhada no v. 51: “E ahi, do poeta, em meio á soidão predilecta,” – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P. 135-141
MARGENS DE OURO E DE ESMERALDA (LENDA DO RIO-VERDE) (13 estrofes)

P.137:
Nota MA: aliteração sublinhada no v.76 e comentário à margem – estudo da sonoridade:

> Turgido, aos roncos, rescumava o rio. *Notar a onomatopea*

P.138:
Nota MA: rima sublinhada nos v.90-91:

> Mananciaes que as vertentes suam, bebe!
>
> Desejavam-se assim, assim na febre

P. 139:
Nota MA: concepção sublinhada nos v. 131-133:

> Tudo o que passa... menos a Esperança,
> – Naufraga eterna eternamente escapa
> De sinistros, quaesquer que nesta vida
> Sejam as aguas.

**

P.143-165
“Sala de baile” (1907)

P.151-156
II – VERSOS DE SILIO (20 estrofes)

P.154:
Nota MA: traço duplo à margem dos v.29-44:

> Abre de par em par estas janellas;
> Entrem luz e conforto
> Por ellas dentro, e saia o sol por ellas
> A lembrança do morto.
>
> Despe o sombrio lucto que te afeia,
> Toma as seda flammantes,
> Orelha, cóllo, braços nús arreia

De rubis e brilhantes.

Vae assentar-te ao piano e nota a nota
Dedilhando o teclado
Faze correr um scherzo ou uma gavota
Sobre o nosso passado.

Se inda incommoda idéa a quando e quando
Te persegue e espesinha,
Dança, voltêa, e pisa aos pés, dançando,
Toda lembrança minha!

P.155:
Nota MA: corruptela de "movimento" sublinhada no v.59: "Com inutil moimento erguido em prova" – estudo do vocabulário parnasiano.

P.161-165
IV – PHANTASMA IRONICO (4 estrofes)

P.164:
Nota MA: concepção sublinhada no v.49-50:

E' um punhado de pó cada lembrança.
Almas á larga! e é sacudir o pó!

P.165:
Nota MA: traços marcando a concepção nos v.55-56:

Dançae! dançae! E' tudo o dia de hoje!
Fazei-o grande e claro, elle vos foge,

**

P.167-203
"Rimas Varias" (1907-1910)

P.169:
"UM CANTO AINDA, ANTES QUE A NOITE DESÇA" (soneto)

P.169:
Nota MA: traço à margem dos v. 1-14:

Um canto ainda, antes que a noite desça
E este sol, que é o da vida, apague e suma"
A arvore, antiga embora, inda resuma
Cheiroso balsamo, e talvez floresça.

Que importa já me alveje na cabeça

Neve dos annos, como em cêrro a bruma?
A alma me vae no canto, como a espuma
Na vaga, até que ao sol desappareça.

Ainda um canto! e vá no canto a vida,
Vão os meus sonhos mortos e a perdida
Morta esperança, a fluctuar dispersos;

Como cançado arbusto os ares olha,
Sem mais ver primarvera, e folha a folha
Se esfaz em folhas, – eu me esfaço em versos.

*

P.171
ESPIRITOS (3 estrofes)

P.171:
Nota MA: traço à margem do texto:

Não irei á sessão de teus espíritos
Ouvil-os nas respostas que te dão.
Deixa-me duvidar, como duvido,
Sem voltar a alma, sem voltar o ouvido
Ao que é verdade ou alluccinação.

Deixa-me, como vivo, ir estes ultimos
Dias vivendo, deixa-me acaba,
Pouco me dando de saber se existe
Um mundo de phantasmas, ledo ou triste,
Póstumo e vago, a remecher-se no ar.

Se da sobrevivencia, ao que ouço, pávido,
Ha provas, infeliz de mim, de ti,
De todos nós, pois, num terror estranho,
Vem-se a saber que a vida é mal tamanho
Que inda com a morte não termina aqui.

*

P.173
TRES PHASES (3 estrofes)

P.173:
Nota MA: corruptela de "solidão" sublinhada no v. 14: "Uma quase soidão, saudades, desenganos..." – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.174
A F.L. (2 estrofes)

P.174:
Nota MA: concepção sublinhada e marcada por traço duplo à margem nos v.9-12:

> O verso ha de sahir do coração, ó poeta,
> Bem cheio delle, em fel ou néctar embebido,
> Mesto – como a ilusão que se desfaz e tomba.
> Ledo – como a esperança e os seus sonhos esparsos:

*

P.175
CANARIO MORTO (soneto)

P.175:
Nota MA: traço à margem dos v. 1-14:

> Vendo-te ao pé de um passarinho morto
> Chorar, volvendo em tua desventura
> Os olhos á estrellada immensa altura,
> Como os ergueu Jesus na sombra do Horto,
>
> Só respeito me infunde o desconforto,
> E desalento de tu'alma pura,
> E, ó sublime, ó piedosa creatura,
> Fico ao teu lado commovido e absorto.
>
> E é meu desejo, emquanto em ais infindos
> Me falas da ave extincta de aurea pluma,
> E emquanto as tuas mãos com os labios róço,
>
> Nesses olhos, que a dôr tornou mais lindos,
> As lagrimas beijar-te, uma por uma,
> Já que o teu coração beijar não posso.

*

P.176
OLHOS GLAUCOS (3 estrofes)

P.176:
Nota MA: traço duplo à margem dos v.12-15:

> Ao ver-vos, ao me prenderdes,
> Vejo bem que de mistura
> Tende com reflexos verdes
> Caligens de noite escura,

*

P.178-179
A MELLO MORAES FILHO (6 estrofes)

P.179:
Nota MA: marcada por traço duplo à margem dos v.17-20 e concepção sublinhada nos v.19-20:

> Vaes tocal-a – e se evapora!
> Mas torna, á tua anciedade.
> Não se vae de todo embora
> Quem fica numa saudade

*

P.180:
TERRA DE ESPINHOS (soneto)

P.180
Nota MA:
1. palavra sublinhada no v. 2: "Enouriça-se todo, aspero e rudo," – estudo do vocabulário parnasiano.

2. concepção sublinhada nos v.11-14:

> De almas sei, como tu, que entre carinhos,
>
> Têm a mesma feição, hostis e duras:
> Dão-se-lhes flores, dão-se-lhes venturas,
> Risos e amor... E ellas só dão espinhos.

*

P. 183-184
RAINHA E SANTA (3 estrofes)

P.184:
Nota MA: rima toante marcada por traço nos v.13, 15:

> Tinha na testa, trocou-a
> Pela que ás santas é dada
> E é mais formosa corôa.

*

P.186
GRAVIDADE (2 estrofes)

P.186:
Nota MA: traço à margem do texto:

> Róla daqui lá embaixo a pedra desgalgada,
> Róla a arvore, do norte á asperrima rajada,
> E a agua que o céo chorou ou das entranhas vem
> Da montanha, em caudaes vae lá rolar tambem.
> E agua, e arvore e pedra, em sucessivas luctas,
> Troando de tombo em tombo em declives e grutas,
> Vão no valle dormir e afinal descançar.
>
> Pudesses, minha dor, também aqui rolar!

*

P.189-190
LEMBRANÇA DE MINAS

P.190:
PARTE III (1 estrofe)

P.190:
Nota MA: inversão sublinhada no v.8:

> Saudade, o coração tu me dominas!

*

P.197
TEMPLO DE MARMORE (soneto)

P. 197:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 2: "Em claro marmor por poder divino." – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.199-203
ODE AO ULTIMO SOMNO (9 estrofes)

P.200:
Nota MA: palavra sublinhada por traço duplo no v.47: " – Carcer sem condemnados," – estudo do vocabulário parnasiano.

P. 203:
Nota MA: palavra sublinhada por traço duplo no v. 118: "E dormir sem reproche ou queixa," – estudo do vocabulário parnasiano.

**

P.205-234
"No seio do cosmos" (1909)

P.209-216
CANTO PRIMEIRO (11 estrofes)

P. 216:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v.208: "Eu já te vi, boieira estrella, a face" – estudo do vocabulário parnasiano.

2. traço marcando contagem silábica no v.216 e anotação na margem apontando ausência do decassílabo:

De victoriosa paixão, que tudo espante. *11*

3. traço à margem dos v.218-227:

O' Natureza! é justo o ouvido cerres
A' estrella que assim fala e ama e padece;
Permittir-lhe gosar o bem que aspira,
Fôra abalar em pavoroso embate
O mundo sideral, rotos os laços
Do systema dynamico celeste;
Mas a ordem suprema do universo
Em que a perturba o amor dos pequeninos?
Em que perturba acaso o som de um beijo
A harmonia solemne das espheras?

*

P.217-226
CANTO SEGUNDO (9 estrofes)

P. 220-221:
Nota MA: traço à margem dos v. 28-57:

Abalam-se uma vez á terra aos montes,
Transborda o mar, despeja o céo seus raios,
Parece que, em mistura os elementos
Que o bem o mal produzem, formidavel
Cataclismo subverte a natureza.
Eram de Géa os filhos e de Uranos.
Contra Zeus, que o vexava e os opprimia,
Era a humana razão voltada em guerra
Contra a injustiça do poder divino.
Titães membrudos, da estatura de arvores
Das mais altas da selva primitiva,

Do Othrys, do Olympo os visos galgam, lançam,
Desenraizando-as, mão de enormes rochas,
Varejam-nas colericos á altura.
Perculsa a terra treme, o céo restruge,
E os echos da peleja até o mais fundo
Vão das entranhas tétricas do Tartaro.
Dura um decennio a lucta. Eil-o vencidos!
Suam sangue os penhascos, que pisaram.
Lá no Profundo agora o ronco extremo
Do odio seu vingador lhes sôa e expira.
E eram rudos Titães, filhos de deuses!
E em seus possantes musculos fremia
Iradamente a dor de cem feridas,
Em que no inuominado do Universo
Andava retalhada a alma das cousas!
Ah! que tentar eu, misero, eu, minusculo
Ponto animado, argueiro vagabundo,
Medroso até de minha propria sombra,
Deante da enormidade do infinito!?

P.221:
Nota MA: palavra sublinhada no v.83: "Tagantando-as com os lividos coriscos," – estudo do vocabulário parnasiano.

P.222:
Nota MA: palavra sublinhada no v.84: "Propellindo-as, quaes monstros, sôlta a rédea" – estudo do vocabulário parnasiano.

P. 223:
Nota MA: expoente *(1)* no v.123, remetendo ao comentário no rodapé:

Boiara naufraga... *(1)* Era um brilho agudo

(1) "Afinal vem dar tudo no famoso/ monólogo do Hamlet."

P.224:
Nota MA: traço à margem esquerda dos v.166-174:

Tu és bem o que eu sou, filha das ondas,
Habitadora de ilhas solitarias!
A ti ventos do mar a aza te quebram,
Arrojam-te do mar na praia as furias;
A mim não sei que turbilhão me envolve,
Me arrebata no giro, e nem me deixa
Cingir nos braços a que os seus me estende
A dois passos de mim, supplico, embalde!
.....

P.225:
Notas MA:

1. Traço duplo à margem dos v. 175-191:

Vida, quem já teu véo, para de face
Ver-te em todo o esplendor da formosura,
Ou toda a hediondez de teus horrores,
Acaso levantou? Presumpção fatua
A da sciencia suppor que a ti te apalpa,
A' cellula apalpando o humor que encerra,
Cuja estructura é analoga á da espuma!
Está alli, como no grão de areia,
Ou no radio, ou no sol, mas intangivel.
Sóbe a imaginação humana aos astros,
As entranhas do mar sonda e as da terra,
A marcha dos planetas acompanha
No azul, como a do sangue em nossas veias
Ou num tronco a da seiva; tudo explora,
Tudo investiga, indaga, tudo sabe!
Mas ah! o véo da deusa nem lhe é dado
Tocar de leve.... não conhece a Vida!

2. Sublinhada repetição no v.197 e comentário à margem:

   Apparição da costa solitaria,

Na pag antecedente:/ Habitadora de ilhas soli-/ tarias!

*

P.227-234
CANTO TERCEIRO (11 estrofes)

P.229:
Nota MA: concepção sublinhada nos v.10-11:

Como o perfume em carcere de vidro,
Quanto mais se concentra, é mais perfume.

P.231:
Nota MA: rima marcada nos v.62, 65 – estudo da sonoridade:

De imaginar-se qual e em que consiste,
Gosados pelos que de nós partindo,
Jamais tornaram a informar qual seja,
Tudo me induz a crer que existe. Existe.

P.232:
Nota MA: concepção sublinhada nos v.88-90

Bem haja o amor, sem o contacto embora.
Dos que se amam! bem haja o amor, vencido
Embora, no adejar das azas inuteis!

**

P.235-296
"Natalia" (1911)

P.239-251
I – CAMINHO DE SAUDADE

P.241-242
PARTE I (7 estrofes)

P.241
Nota MA: palavra sublinhada no v.11: "Com o seu bufido, com o bater pausado" – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.243-244
PARTE II (8 estrofes)

P.243:
Nota MA: palavra sublinhada no v.4: "Córto pelo caminho agro e deserto" – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.249-251
PARTE V (16 estrofes)

P.251:
Nota MA: palavra sublinhada no v.48 e expoente *(1)* remetendo ao comentário no rodapé – estudo da sonoridade:

E guiamos *(1)* juntos para o pé da serra.

(1) Guiamos com 2 sílabas?!

*

P.253-266
II – O RANCHO DA SERRA

P.255-256:
PARTE I (11 estrofes)

P.256:
Nota MA: palavra sublinhada no v.27: “Ella no patrio cespede ficara” – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.261:
Parte IV (6 estrofes)

P.261:
Nota MA: traço marcando sinérese no v.1 e exclamação de ironia perante o cacófato – estudo da sonoridade:

> – “E a historia de tua *!* vida? “Elle: – “Que importa!”

*

P.262-264:
PARTE V (12 estrofes)

P.262:
Notas MA:
1. título sublinhado por traço duplo:

> V

2. traço duplo à margem dos v. 5-8:

> Bem vindo! Mas que procuras
> Nas ruínas do berço teu?
> Aqui só vivem saudades,
> Tudo o que amaste, morreu!

P.263:
Nota MA: Traços duplos à margem dos v.21-36:

> Quem inda é moço não sabe
> E nem calcula o soffrer
> De quem, ao morrer-lhe os sonhos,
> Não soube também morrer.

> A’ pomba torcaz sómente
> O matto lhe ouve o gemido;
> Assim é o pranto que eu choro,
> Sómente de Deus ouvido.

> Canta a cigarra no campo

Até seu peito estalar;
Acabou o soffrimento
Quando acabou de cantar.

Estala, minha viola,
Estala sob os meus dedos,
Mas estalando, não deixes
Cahir no chão meus segredos.

P.264:
Nota MA: Traço duplo à margem dos v.41-44:

Quando eu morrer, minha cova
Abram cá em cima do monte,
Para eu ver melhor a lua,
Nascida no céo defronte.

*

P.265-266:
PARTE VI

P.265:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v.3: "Quilotado cachimbo. Era já tarde." – estudo do vocabulário parnasiano.

2. traço marcando sinérese no v.9 – estudo da sonoridade:

Natalia armara com suas mãos pequenas

*

P.267-277
III- VELHA FAZENDA

P.269-270:
PARTE I (9 estrofes)

P.269:
Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:
1. palavra sublinhada no v.3: "Montão de estroços, desabado mundo,"

2. palavra sublinhada no v.6: "Prostrados muros. Sobre a ruinaria,"

3. palavra sublinhada no v.7: " – Trophéo de excidio, dominando-a toda,"

4. palavra sublinhada no v.11: "Olhando o esbrôo. Respondeu: – 'Daquellas"

*

P.273-274:
PARTE III (14 estrofes)

P.273:
Nota MA: expoente *(1)* ao final do v.7 e comentário no rodapé:

Ah! dor nenhuma, como a da lembrança *(1)*

"... Nessun maggior dolore/ che ricordarse del tempo felice/ nella miseria." Dante

Nota da pesquisa: MA cita verso citado em "Inferno", canto V, da *Commedia*, de Dante Aleghieri, obra em sua biblioteca nas edições: *Canto quinto. La Commedia: Inferno*, (Porto Alegre: Livraria Americana, 1920 – MA851.15D192cP), *Divina Commedia; com postille e cenni* (Milano: Ulrico Hoepli, 1911 – MA 851.15D192d1911 ed.min.), *La Divina Commedia di Dante Alighieri nell'arte del cinquecento* (Milano: Fratelli Treves, 1908 – MA094D192d], *L'enfer* (Paris: Hachette, 1891– MA094D192e), *La divine comédie*: l'enfer, le purgatoire, le paradis. (Paris: Flammarion,s.d. – MA851.15D192dF)

P.274:
Notas MA:
1. ideia sublinhada no v.22 e comentário na margem:

A flor do cafezal, filha de Outubro

A florada no cafezal dá-se em setembro e não Outubro

2. palavras sublinhadas nos v.28 : "Viça o vesco faval, com o humor que encerra;", v.29: "Os grãos amojam nas espigas de ouro;" e v. 32: "Maio agora tornado sestro agouro" – estudo do vocabulário parnasiano.

3. construção sublinhada no v.34 e três exclamações de ironia:

Nas terras, nas lavouras em abandono *!!!*

*

P.275-276
PARTE IV (10 estrofes)

P.275:
Notas MA: palavra sublinhada no v.12: "Todos que as fontes têm nos saxeos veios" – estudo do vocabulário parnasiano.

P.276:
Notas MA: palavra sublinhada no v.24: "Com os seus aneis a passiflora errante" – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.277:
PARTE V (5 estrofes)

P.277:
Nota MA: palavra sublinhada no v.6: "De tecido cipoal os flexeis ramos" – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.279-
IV- A ALMA OCEÂNICA

P.281-282:
PARTE I (8 estrofes)

P.281:
Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:
1. Palavra sublinhada no v.4: "Ainda a aragem dos pastios vinda".

2. Palavra sublinhada no v.11: "Abre a flor da quaresma; o airi menêa"

3. Palavra sublinhada no v.12: "A folha adulta e a bractea em lança enrista."

4. Palavra sublinhada no v.14: "De uniformes peris, de alegres pios"

*

P.283-284:
PARTE II (7 estrofes)

P.283:
Notas MA: palavra sublinhada no v.6: "Cornea, curva raucisona busina" – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.285-286
PARTE III (8 estrofes)

P.285:
Nota MA: palavra sublinhada no v.10: "Lia-se além a tudo uma enrediça;" – estudo do vocabulário parnasiano.

P.286:
Nota MA: palavra sublinhada no v.19: "Reluz no saibro ou pedra a pisca de ouro," – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.287-288
PARTE IV (14 estrofes)

P.287-288:
Notas MA:
1. traço à margem dos v.12-40;
2. construção sublinhada no v.15

E' o mar na costa a bramir horrendo.

Talvez tu'alma noutro tempo o ouvisse,
Sem bem o ouvir, que andava de permeio
A algazarra da tua meninice.

Se, ora assim quebra estortoroso e em cheio,
E' que em seu quarto a lua vae mudada,
E o sul cursando, enfurecel-o veio.

Desde *Ponta* aspérrima, chamada
Negra, por esta costa sem abrigo,
Até ao Pharol do Cabo, estoura e brada.

Tange-o sudoeste rispido, inimigo,
Responde logo com um bramido á affronta,
Raivas protervo a mastigar comsigo.

Escarceos torvos a empinar sem conta,
A's praias se arremessa de seu leito,
Leva a tudo o terror, tudo amedronta.

Como que então ha alli dois mares: feito
Um de agua e outro de sons, um contra a plaga
Tumido a espedaçar, mugindo, o peito;

Outro em echos rolando no ar; a vaga

Liquida se desfaz, mas a sonora
Leguas e leguas brame e se propaga.

Vae Aterrado e Palmital afora;
Sobe ás rechans, vara pelas vertentes,
Retumba ás vezes, outras vezes chora.

Estes os brados são intercadentes
Que estás a ouvir'. A' Barbara harmonia
Demos uns passos mais, ambos trementes,

A alma anceando á emoção daquelle dia.

*

P.289-291:
PARTE V (19 estrofes)

P.289:
Notas MA:
1. título sublinhado por traço duplo:

V

2. palavras sublinhadas nos v.2: "Baixas e tristes. O ogervão cá fora", e no v. 3: "E a anileira e guaxima enleados crescem." – estudo do vocabulário parnasiano.

P.290:
Notas MA:
1. traço duplo à margem esquerda dos v.16-55;
2. construção sublinhada no v.26;
3. palavra sublinhada no v.45 – estudo do vocabulário parnasiano:

– 'E a casa onde nasci?!' pergunto ao guia,
Estranhando o lugar. Mostrou-me prestes
O que, por encoberto, eu bem não via.

Como a velha mendiga as rotas vestes
Aconchegando está, quando a geada
Cae, ou da chuva as bategas agrestes:

Vi encolhida, e pobre, e erma, a arruinada
A vivenda de outrora. Nem terreiro,
Nem mais horta, pomar, engenho, nada!

Ruira por terra o meu passado inteiro!
Minha antiga chrysalida! meu ninho,
Onde ensaiei meu gorgorejar primeiro,

Vim morto achal-o á beira do caminho,
Como acha morto o arbusto, onde nascera,
Vindo de longe, um dia o passarinho!

A minha boa casa! Ah! quem me déra
Tornasse eu ao que fui e lhe tornasse
O alegre sol da minha primavera!

O tempo demudara a tudo a face;
Já não luzia mais o claro muro
Onde agora, apegado, o musgo nasce.

Seu ledo coração, que foi tão puro,
Como que o via, em tacito abandono,
A negrejar pelo postigo escuro.

A saudade, talvez, do antigo dono
A escurecera, a dar-lhe agora o aspecto
De um grande desalento e grande somno.

Como sobre acabado antigo afecto
Pesa funerea lapide sombria,
Pesava o mundo aburacado tecto.

E olhando a velha casa, eu lhe sentia
A alma a espreitar dos vidros da vidraça,
Meio enturvados de uma nevoa fria;

Quando lesta por mim Natalia passa,
Florido o seio de cecens singelas,
Sôlto o cabello ao sol, que ondêa e esvoaça.

São novas borboletas amarellas
Que a levam, corre, segue-as á distancia,
Qual se fora, apressada, indo após ellas,

A apparição fugaz de minha infancia.

*

P.293-294:
PARTE VII (7 estrofes)

P.293:
Nota MA: Traço duplo à margem dos v.5-12:

Sôa o mar por estas bandas
Com taes accentos de magua,
Que o que chega e vae embora
Leva os olhos rasos de agua.

Ouve como elle se queixa,
A voz sentida que tem!
Tristezas que a terra sente
O mar as sente também.

P.294:
Nota MA: traço duplo à margem dos v.17-20:

A terra está morta, morta,
O mar lhe reza oração,
Ou bate, a bater na costa,
As tábuas do seu caixão.

*

P.295-296:
PARTE VIII (7 estrofes)

P.295:
Nota MA: estudo do vocabulário parnasiano:
1. palavra sublinhada no v.2: "Aquele mar de voz lugente e rude" e anotação do significado na margem direita: "*plangente, lúgubre*".

2. palavras sublinhadas no v.4: "Lá, de uns penhascos negros – harta incude" e anotação do significado na margem direita: *"forte bigorna"*

P.296:
Nota MA: Palavra sublinhada no v. 16: "Rabido o sul uivasse, uivasse o norte," – estudo do vocabulário parnasiano.

OLIVEIRA, Alberto [A/II/c/56]
Poesias (Quarta série). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1927.
[Poesia] IEB: MA 869.9146O481p4ªse

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernação em marroquim vermelho, título gravado a ouro, 21x15 cm.

P.56-57:
QUEM CANTA, SEU MAL ESPANTA

P.57:
Nota MA: Folha de planta colocada no livro

P.156:
Nota MA: Marca de folha de planta

P.226-230:
ALMAS SOFFREDORAS

P.227:
II – O FERREIRO (soneto)

P.227:
Nota MA: correção na margem direita do v.9 e acréscimo de acento agudo:

"Rijo como o seu braço (Ah! Se elle ~~é~~ **á** casa" *a*

Quarta-capa
Nota MA: anotação na margem superior:
"8/ H"

RAMOS, Alberto. Bibl. MA: [A/II/d/37]
Odes. Rio de Janeiro: Donato Battelli, 1909.
[Poesia]

IEB: MA 869.9149 R175o

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernação em papel-cartão verde, 21x15 cm.

Sem Notas MA

RAMOS, Alberto. Bibl. MA: [A/II/c/49]
Elegias e epigrammas. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1919.
[Poesia]

IEB: MA 869.9149 R175e

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernação em papel-cartão cinza, 21x15 cm.

Sem Notas MA

RAMOS, Alberto. Bibl. MA: [B/V/i/15]
Canto do Centenario. Rio de Janeiro: Soria & Boffoni, 1922.
[Poesia]

IEB: MA 869.9149R175c

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernação em papel-cartão, adorno em arabescos, 21x15 cm.

P.1-2:
Nota MA: comentário:
Uma vez Alberto Ramos errou mesmo intei-/rinho. Foi quando escreveu o Canto do Centenario/ duma elevação chata e duma nobreza banal/ e prozaica tão arara e sem novidade ou ele-/gancia que custa a gente acreditar que aquela/ versalhada tenha saido de Alberto Ramos./ Afinal acaba acreditando. Acaba acreditando/ porquê por duas ou tres vezes bubuia no/ igapó lamento alguma flor bonita ou pelo/ menos, menos vulgar. Assim si a introdução vai/ indo e a gente vai esperando, esperando alguma/ coisa, afinal aparece a pg. 6 toda (Edição Soria e/ Boffoni, 1922) elevada e vasta na dicção, bem no-/ bre. E é o fim da Introdução. Na pg. 7 é que/ principia mesmo a vulgaridade ofensiva, coi-/sa de grupo escolar infelizmente quasi. Na/ chamada dos Estados tem uma nota vasta vi-/va: "Um nada e um mundo; um circulo e o infinito!/ Um lago, e ressonância de oceano;/ Estrofe de um poema não escrito,/ Sergipe! O Brasil todo é sergipano."/ Si não for verdade pelo menos é original e/ pega. Mas por ex. eis como é chamada pela pro-/ fessorita normalista a Terra do dr. Epitacio Pes-/soa: Honra e louvor á Paraíba ardente/ A quem devemos nosso presidente,/ O piloto robusto e devotado/ Que dextramente rege a nau do Estado/ Através de recifes e de escolhos./ Bom piloto de Deus! Deus te abra os olhos!/ Vai contigo a fortuna do teu povo!/ Vaga segura nau do Brasil novo!"/ É impossível diante dum entusiasmo comemorativo/ perturbando pessoa tão discreta, a gente não ter sauda-/de (avant la lettre) do epigramista forte e sempre elegan-/te que mais tarde cacoaria:/ És de fato uma gloria genuína!/ És um portento! És um dos Imortais,// És um dos Pais da Patria; és um dos Tais/ Farçantes que nos levam á ruína/ (Livro dos Epigramas)/ Enfim o Canto do Centenario é uma obra in-/ferior, indigna mesmo da elegancia espiritual de/ Alberto Ramos. Elegancia que, diga-se de passa-/gem, mal encobre uma alma apaixonada e emi-/nentemente lirica. Quem que leu as estrofes/ magnificas, tão elevadas e doces, das Elegias/ (1919) reconhece a minha afirmação. Mas Alberto/ Ramos junto do vinco um pouco forçado de/ paganismo antigo que lhe enfraquece a persona-/lidade contemporanea numa escravidão e numa/ imitação indigna dele, possui tambem um/ lado moralista que apesar de tiradas imprevis-/tas/ "Não vos direi: fugi do mundo e do pecado./ Moços, direi: fugi do vicio e da impostura/ ("Despedia". Elegias e Epigramas)/ que afinal das contas, sempre em última análise vai alem da lição/ colegial, não deixa de ser eminentemente pobre/ e por vezes, muitas vezes, sem largueza e sem acei-/tação. Disso lhe nascem as paginas mais fracas/ de "Despedida" e sobretudo do Canto do Cente-/nario.

Nota da pesquisa: MA tece comparação com outros livros de Alberto Ramos em sua biblioteca: *Elegias e epigramas* (Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1919 MA869.9149 R175e), sem marcas do leitor, e *O livro dos epigramas* (Rio de Janeiro: Lux/ Pan, 1924 MA869.9149 R175L), com anotações que permitem datar a leitura a

partir de 1924, ano de publicação da obra. Do parnasiano, estão também nas estantes *Odes* (Rio de Janeiro: Donato Battelli, 1909 MA869.9149 R175o), sem marginália, e *Poemas* (Rio de Janeiro: Ariel, 1934 MA869.9149 R175p), com trechos assinalados por cruzetas e sublinhas.

RAMOS, Alberto. Bibl. MA: [A/II/b/57]
O livro dos epigrammas. Rio de Janeiro: Lux/ Pan, 1924.
[Epigramas]

IEB: MA 869.9149R175L

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernação em papel-cartão, 15x15 cm.

P.8:
Notas MA:
1. comentário na margem superior;
2. cruzeta à margem do epigrama nº 2:

Epigrammas de Alberto Ramos

X 2

CURSO DE DECLAMAÇÃO

Grita Irene e braceja, horrenda e trepidante.
Que ha? Que succede, pythoniza nefasta?
Nada! Irene declama. Ao demônio a pedante!
Meu verso vale pelo que vale, e basta.

*

P.8:
Nota MA: cruzeta à margem do epigrama nº 7:

X 7

O BOM JUIZ

Viva Deus! És um grande juiz, Amaro!
Si não és o maior, és o mais caro!

*

P.17:
Nota MA: cruzeta à margem do epigrama nº 18; pesquisa sobre a língua portuguesa falada no Brasil:

18 X

CATURRA

Me dá! – Dá-me! – Me dá!, digo eu! – Erra, imbecil!
– Bruto! érro em Portugal, acerto no Brasil!

Nota da pesquisa: ilustrando como ocorre, na sintaxe nacional, a colocação de pronomes átonos, MA fará uso deste epigrama em "O baile dos pronomes", artigo publicado *n'O Estado de S. Paulo* (São Paulo, 7 de outubro, 1941), na *Revista da Academia Paulista*

de Letras (a.1, nº 17. São Paulo, 12 de março, 1942); incluído n' *O empalhador de passarinho* (São Paulo: Livraria Martins, 1946, p. 223-228).

*

P.23:
Nota MA: cruzeta à margem direita do epigrama nº 30, destacando a ironia:

30
EPITAPHIO
A terra aqui de um justo os ossos cobre.
Foi ministro do Estado e morreu pobre.

*

P.27:
Nota MA: cruzeta à margem direita do epigrama nº 34:

34
A SENTENÇA
Condemna o jury austero o homem que rouba um côco.
E comdemna porque? – Por ter roubado pouco.

*

P.42:
Nota MA: identificação e pontuação de sarcasmo comentando a dedicatória do epigrama nº 60:

Abner Mourão?!
A A.M.
Meu nome, caro Abnér, não anda nas gazetas
Nem do escriba mendaz na lisonja importuna.
Minha musa desdenha a fama das trombetas;
Contente vive obscura e ri-se da fortuna.

Do meu proprio labor em mim mesmo me ufano.
Meu louro natural nasce no cimo alpestre,
Por caminhos, Abnér, vedados ao profano.
Mas que louro immortal vale o louvor do mestre?

Nota da pesquisa: Abner Mourão (1890-1957), escritor, político, jornalista e crítico literário, foi indicado como interventor/ censor do Governo Federal no jornal *O Estado de S. Paulo* entre 1940 e 1945.

*

P.64:
Nota MA: identificação do objeto da dedicatória do epigrama n.º90:

A S. *everiano* R. *ezende*

Severiano, amigo! o tempo é duro!
Quem ouve ainda a voz da grande Lyra
No tumulto da corja que delira?
A patria jaz prostrada num monturo.

Assim Roma, afogada em ouro e lama,
A tunica do Imperio profanava.
E Valerio Maciel á turba ignava,
Rindo, lançava o dardo do epigramma.

Nota da pesquisa: Severiano Rezende (1847 - 1920) político, escritor e advogado, exerceu vários cargos públicos, pertencendo ao Partido Conservador, no Império, e ao Partido Republicano Mineiro, na República.

RAMOS, Alberto. Bibl. MA: [C/II/f/41]
Poemas. Rio de Janeiro: Ariel, 1934.
[Poesia]

IEB: MA 869.9149 R175p

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernação em papel-cartão, 21x15 cm.

P.14-15:
A UM CAMPEÃO DE NATAÇÃO (6 estrofes)

P.14:
Notas MA:

1. cruzeta à margem dos v.13-16 e sublinha no instrumento musical, no v. 13:

> Quando tangia Pindaro a lyra
> altissonante, sacro poeta,
> e o verso illustre que a musa inspira
> celebrava os heróes. Bravo athleta!

*

P.16-19
ODE DO CAMPEONATO (35 estrofes)

P.17:
Nota MA: sublinha no instrumento musical, no v. 16:

> Tu lhes falavas no orgão terrível dos elementos,
> No tumulto das vagas, na batalha dos ventos

AMARAL, Amadeu. Bibl. MA: [C/II/c/7]
Espumas: versos. São Paulo: Editora d'A Cigarra, 1917.
[Poesia]

IEB: MA 869.9149 A485e

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernação em papel-cartão, 21x15 cm. Capa ilustrada por Helios Seelinger.

P.7-8:
"QUE ESTE LIVRO, LEITOR, UM MOMENTO CONSIGA" (soneto)

P.8:
Notas MA: inversão sublinhada nos v. 10-11 e comentário no rodapé:

> Que este livro, leitor, um momento consiga
> prender o teu olhar como a nuvem que passa,
> e um momento de sonho e de ilusão te faça
> viver, e te provoque uma palavra amiga;
>
> repercutam em ti as emoções que eu diga,
> muito embora bem cedo o encanto se desfaça,
> – e outro premio não quero, esse premio ultrapassa
> quanta compensação mereça esta fadiga.
>
> A que mais aspirar? E que ha mais que eu mereça?
> Passe tudo isto! Assim passam a vaga e as flores:
> nada impede que o mar ondule e o chão floreça...
>
> Eu não construo: canto... E entre todas as glorias
> basta-me a de espelhar em poemas incolores
> o perpetuo esplendor das coisas transitórias.

Lindo! Há neste soneto uma simplicida-/de e uma sinceridade admiráveis. Por/ isso mesmo para que qualificou o P. de/ perpétuo o esplendor das coisas transitórias?/ Confesso que não compreendo; e aquele/ adjectivo penaliza-me em excesso. Vejo/ nele um jogo, uma antítese de palavras/ e nada mais. Lembra-me que foi um/ dos versos mais citados na época da/ publicação do livro... É muito possível/ que eu lhe não atinja o verdadeiro sig-/ nificado e a verdadeira intenção do/ poeta.

P.11-14:
EPISTOLA (9 estrofes)

P.12:
Notas MA:
1. construção sublinhada no v. 11 e expoente (1) remetendo ao comentário no rodapé:

o seu caracter *(1)* de genuinos poetas,

(1) Está horrível êste seu carácter no singular. / Não digo que esta errado, Deus me livre! mas/ não agrada decididamente. O p. poderia,/ dirigindo-se aos vates de raça com o que/ começa a frase, dizer: "Vosso carácter de genui-/ no poeta" o que milhoraria e aclararia o/ periodo todo.

2. escolha vocabular destacada com exclamação e sublinhada por traço duplo no v. 20:

Nunca a enxerguei sequer; meus pobres olhos
debalde tentam descobrir-lhe a cara, *!*

3. traço a margem dos v. 22-24 e comentário:

Tenho-a buscado, como se buscara
do universal palheiro nos refolhos
a intangivel agulha da verdade...

Que versos burguêses!

P.14:
Notas MA: sublinhas e enumeração marcando a repetição do verbo "ver" nos v. 45,47-50, 52 e comentário no rodapé:

E assim, nesta ofegante e doce lida,
como um amante que o seu bem supremo
1 espera vê-lo como um sol que nasce,
~~*2*~~ dou-lhe o que ha de milhor na minha vida...
2 – mas não espero vê-la, e quasi temo
3 que possa vê-la um dia face a face...

4 Nem eu mereça jamais vê-la, amigo.
5, 6 Quando eu visse o misterio, qual te vejo,
quando a Certeza me guiasse a mão,
7 vêr-me hias calmo como um deus antigo,
– mas ir-me hiam pelo ar, num só bocejo,
as delicias do anseio e da ilusão!

gracioso e lindamente triste. Do terceiro/ verso desta página, em seis versos ha/ cinco vezes o verbo ver, o que está muito/ desagradável.

*

P.15-26:
A UM ADOLESCENTE

P.15-16:

PARTE I (soneto)

P.15:
Notas MA: termo sublinhado no v. 2 e expoente (1) remetendo ao comentário no rodapé – estudo da sonoridade:

> lançou todo o esplendor *(1)* da harmonia e da graça:

(1) É curiosa a posição que toma a palavra/ esplendor no alexandrino de alguns/ poetas modernos. Finalizando o 1º hemistíquio/ já a encontramos duas vezes nêste livro. Martins Fontes tambem usa e abusa do/ termo.

Nota da pesquisa: em *Verão*, de Martins Fontes, no rodapé de MADRIGAL DE DON JUAN, à p. 143, MA liga ao v. 60, "Na carne da mulher o esplendor da poesia!", outro verso encontrado no soneto ATHENAS, à p. 33 do mesmo livro: 'no mármore da carne o esplendor de Afrodite", denunciando certo exagero do poeta.

P.17-18:
PARTE II (soneto)

P.17:
Notas MA: construção sublinhada nos v. 2-4 e comentário no rodapé:

> Quizera ver-te, ó tú que és moço, olhos erguidos
> ao beijo alto da luz, o olhar cálido e recto
> espelhando ante o sol, o amigo predilecto,
> o clarão interior dos sonhos atrevidos.

Não me aprazem tres rimas diferentes e/ nesta ordem quando o soneto é um alexan-/ drino. O alexandrino é um verso muito/ longo e pausado, de cadências interiores/ muito fortes e faz as rimas assim/ longinquas perderem uma parte do/ seu prestígio.// Infelizmente parece o P. negligenciar/ tambem das crenças. Mas como quere-/ rá êle que ressumbre do olhar do/ moço um clarão interior si ~~lhe~~ uma/ crença não o alimenta e escalda? Os/ próprios gregos criam e o seu entranha-/ do amor pela Beleza ~~objec~~ subjectiva-/ ra-se da invenção de Venus, para/ que esta os alumiasse e exaltasse.

P. 21-22:
PARTE IV (soneto)

P. 21:
Notas MA:

1. período sublinhado no v.3:

   > – Quem a teve jamais ? O bom ideal é informe,
   > e a Certeza, ai de nós! de todo o encanto o priva.

2. estereótipo sublinhado nos v. 2, 4:

A torrente que corre e espadana, aurea e viva,
sem parar nem recuar no itinerario enorme,
busca um sonho que além, sob a névoa, se esquiva...
e ai! della, se desvenda o sonho azul que dorme !

P.22:
Nota MA: traço à margem e sublinhas destacando a construção nos v.13-14:

> Avança, seja o sol resplandecente ou parco;
> – e se a meta surgir, algum dia, a teus olhos,
> impele-a para além á proporção que avanças!

P. 23-24:
PARTE V (soneto)

P. 23-24:
Nota MA: Expoente (1) no v. 6 remetendo ao comentário no rodapé – estudo da versificação:

> Muito milhor, porêm, – deixa que o diga um poeta,
> e que o fatuo saber dos doutos contradiga, *(1)* –
> é perseguir o ideal com a esperança secreta
> de que vê-lo jamais de frente se consiga.

(1)Isto agora é cheville; e muito bem feito,/ não ha dúvida. Essas frases em parên-/ tese, chamando a atenção do leitor para/ certos pormenores, pessoas, ou o próprio/ autor, são dum efeito desagradabilís-/ mo e antiestético. O leitor como o autor, em composições de um carácter// elevado como esta série de sonetos, devem/ absolutamente desaparecer, para que/ as idéias fuljam mais, vivendo/ de seus próprios contrastes e antíteses/ e nada mais. Essas chamadas á/ realidade são mais próprias de/ composições de carácter jocoso, onde/ o seu efeito é muita vez duma/ deliciosa graça; aqui, não.

Nota da pesquisa: "Cheville" indica o acréscimo desnecessário de termos ou expressões para obter número exato na contagem silábica.

P. 25-26:
PARTE VI (soneto)

P.25-26:
Nota MA: comentário no rodapé:

> Que importa que o final de todo humano esforço
> seja um enigma, além, – e, inda mais longe, nada!
> Que os caminhos da vida, o direito e o retorso,
> levem ao mesmo termo a boa e a má jornada.

Que procurava o efebo, erguendo o disco e a espada
na arena, ou governando a quadriga no corso?
O sereno esplendor da alma forte, ligada
á rigeza do braço e ao relevo do torso.

Perdeu-se tudo? Sim. Talvez não. A beleza,
que em vagas de emoção torceu a turba erguida,
não se perdeu, talvez, quem sabe! como o resto...

E que importa, afinal! Afronta essa incerteza,
afronta a escuridão, glorificando a Vida
no minuto de luz que arde, ás vezes, num gesto!

Estes versos são admiráveis de feitura. O/ poeta maneja milhor que ninguem/ o alexandrino. Mas que infi[ni]ta tristeza/ ver um homem que tem filhos pen-/ sar tão materialmente, abandonan-/ do por completo as locubrações espi-/ rituais para atirar-se com os dois/ braços para a dominação da vida! Ha/ sempre uma tristeza profunda, embora/ imperceptível para os levianos, nos/ versos dêste Poeta. Porquê? Talvez porque/ êle mesmo nem esteja bem firme/ das convicções que representa, e a/ lassidão dos seus combates interiores,/ transformada em tristeza surge/ sempre como um sulco de onda sem/ saber porquê.

*

P.27-32:
A PALMEIRA E O RAIO (16 estrofes)

P. 29:
Nota MA: correção a erro tipográfico nos v. 33, 35:

Um dia, o sol queimava, em torrentes de chama.
Tudo prostrado. O rio é uma placa de chumbo:
n sem um frémito de ar na agua pregada á borda.
Como vasada em bronze, imota a curva rama,
a Palmeira morreu, talvez... Mas um retumbo,
s rubito, estruge ao longe e o eco pesado acorda.

P. 30:
Nota MA: construção sublinhada no v. 47 e expoente (1) remetendo ao comentário no rodapé – estudo do vocabulário parnasiano:

sobre o leque esvoaçante, e fere e lasca o tronco
da Palmeira gentil. *(1)* Dobra-se o amplo flabelo.

(1) Não poderão os poetas fugir a este lugar/ comum? Pouco tempo depois, Martins Fontes/ publicando o Verão só achava "gentil" para/ acompanhar a palmeira. E esta!...

Nota da pesquisa: em sua provável leitura realizada em 1917, MA sublinha, em seu exemplar de *Verão*, de Martins Fontes (Santos: Instituto D. Escholastica, 1917), na Parte III de NA FLORESTA DE ÁGUA NEGRA, à p. 49, no v.17, construção idêntica: "As palmeiras gentis *(1)*, sobre as balseiras brunas,", acrescentando-lhe o expoente (1) e o comentário: *(1) Então existem ainda palmeiras gentis para/ um poeta que usa e abusa dum vocabulário nu-/ meroso? É descuido sem razão o lugar comum.* Em sua biblioteca no IEB-USP, MA guarda, do mesmo poeta, *Marabá* (1922), também muito anotado, e *Granada* (1919), sem marcas de leitura.

P. 32:
Nota MA: comentário no rodapé:
Eis um poema sublime e dos mais perfei-/ tos que a nossa literatura moderna tem/ produzido. A lingua é prodigiosa; a/ tecnica é poderosa, com um emprego/ porventura freqüente de mais dos/ entroncamentos; e a idea é admirável,// fúlgida e verdadeira. Nada mais lindo/ que a fala da palmeira. A elasticidade/ das frases, o brilho das onomatopeas,/ a certeza dos conceitos fazem desta/ poesia uma obra inegualável, origi-/ nal, única. O p. dedicando-a a Al-/ berto de Oliveira, recordou-se talvez/ do quanto se assemelhava na técnica/ ao autor do Paraíba e da Ode ao Sol.

Nota da pesquisa: MA menciona dois poemas longos de Alberto de Oliveira: PARAÍBA, com 85 quartetos em alexandrinos, está em *Poesias 2ª série* (Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1912), livro bastante anotado, mas sem tocar nesse poema; ODE AO SOL, com 120 versos alexandrinos, publicado em *Poesias 3ª série* (São Paulo – Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves e Cia, 1913), traz traços na margem, sublinhas e escansão pelo lápis do leitor.

*

P. 33- 36:
ALEGRIA (8 estrofes)

P. 35:
Notas MA:
1. traço duplo à margem dos v.25-30:

> Nem vês que luto, a sós, com o tédio que me cança,
> que nos olhos que ponho em ti com alvoroço,
> quase surpreso desta aparição tão mansa,
> sob o riso recente ha uma tristeza velha,
> como a treva que jaz no mais fundo de um poço,
> por baixo dos clarões que a superficie espelha...

2. construção sublinhada nos v. 33-34 e expoente (1) remetendo ao comentário no rodapé:

> debruças-te. E sorris, como a rosa trescala,
> sem motivo ou razão *(1)* ; sorris com todo o rosto,
>
> *(1) É repetição do que já foi dito na/ quarta estrofe.*

Nota da pesquisa: quarta estrofe do poema:

> Como é linda a alegria em ti, como é divina,
> – esplendor natural da saúde harmoniosa,
> musica viva a fluir de uma alma de menina!
> Nem malicia, nem fel, nem resquicio de magua:
> é a alegria que vem como o perfume à rosa,
> como ao fogo o fulgor, e a espuma à queda d'agua.

P. 36:
Nota MA: comentário no rodapé:
É sempre a mesma tristeza resignada/ de um desiludido que luta e pensa/ lutar sempre em vão, carregando o/ pêso duma vida que não tem fim./ Disfarça a nostalgia um entranha-/ do amor paterno de suave e/ estranha doçura. A. Amaral é um/ poeta que sente os seus versos. Os/ seus versos não lhe são um gôso/ estético e uma diversão paleativa, mas antes um escoadouro de/ lágrimas, de amores, de desilu-/sões.

*

P. 37-38:
MUSSET (soneto)

P. 38:
Nota MA: comentário no rodapé:

> Lê. Mas lê com vagar. A estrofe comovida
> é torrente veloz que o Artista mal subjuga;
> ora, crespa, referve; ora, é um cristal sem ruga;
> sempre à contemplação e ao sonho nos convida.
>
> Não busques o lavor que a emoção, flama erguida,
> a uma vã rigidez das expressões conjuga:
> é a torrente, é o rolar da agua liberta, em fuga,
> espelhando, a tremer, as paisagens da vida.
>
> Vóga! Não ha temer nem remoinho nem fragua.
> Olha lá dentro o céu de perola e turqueza!
> Olha as nuvens do azul vagando dentro da agua!
>
> Olha as ribas em flor! E o salgueiral tristonho!
> E a colina!... Aqui tens, em verdade e em beleza,
> no infinito da Vida a imensidão do Sonho.

E o A. encontrou uma alma afim./ Todos os que sabem sentir e amam/ a sinceridade não poderão deixar de/ adorar Musset, o maior, o único/ verdadeiro romântico!

*

P. 41-45:
CEDRO EXPATRIADO (18 estrofes)

P. 45-46:
Nota MA: comentário no rodapé:
É evidentemente um poeta de ideas. A/ palmeira, o cedro não são si não as/ personagens imaginárias com que ele/ representa o drama da vida. É um/ gênio de fabulista, na mais alta// acepção do termo. As suas poesias/ têm sempre uma moral tirada ou/ por tirar, mas evidente. São leves/ filosofias, ligeiras, nostálgicas, de-/ siludidas e expressadas em versos/ simples e magistrais. De vez em/ quando avulta um verso mais forte,/ mais belo, mais sonoro; mas o p. não/ construe versos belos, antes explana/ ideas e as comenta sempre debai-/xo de uma visão pessimista – da/ visão pessimista que o conturba/ e o faz sofrer. O A. é como o cedro. Ex-/patriado das serenas regiões da/ crença e da verdade, reluta êle/ afogado de ventanias, causticado/ de sois. Bem quer ele atingir o/ Torrão natal que o chama e espera,/ mas um exgotamento de forças, uma/ natureza descorajada avisam-no/ que morrerá em meia-viagem.

*

P. 47-48:
A UM MOÇO TRISTE (soneto)

P. 48:
Nota MA: comentário no rodapé:

> Olha o joven carvalho, o cedro adolescente,
> como arrojam para o alto os troncos ainda lisos,
> como recebem rindo os beijos e os sorrisos
> da nova madrugada à verdura recente.
>
> Olha o arroio jovial que ainda não é torrente,
> como salta, agitando os seus liquidos guizos.
> E o galo novo que ergue, em sons ainda imprecisos,
> todo o seu ser que nasce à luz do sol nascente.
>
> E o potro que no campo esbarronda a manada,
> na ansiedade de espaço e de amor, que o sacode.
> E o horto que ostenta, a rir, a primeira florada...
>
> Só vós, moços, chorais à Vida que alvorece!
> Só vós pedis à Vida o que ela dar não pode,
> e só vós recusais os bens que ela oferece!

Que tristonha impressão produz um/ poeta que só encontra na sua/ visão materialista os exemplos da/ Terra para concitar os moços á/ luta pela vida. Mas nem se/ poderá dizer que siga o p. os seus/ próprios conselhos!

P. 49-51:
A ESTATUA E A ROSA (10 estrofes)

P. 49:
Nota MA: termo sublinhado no v. 8 e expoente (1) remetendo ao comentário no rodapé; estudo da sonoridade:

a florir no esplendor *(1)* de um leve sonho de arte!

(1) Ler observação da pg. 15

Nota da pesquisa: MA leitor deixa um recado para ele mesmo, poeta, remetendo à sua nota anterior: (1) *É curiosa a posição que toma a palavra/ esplendor no alexandrino de alguns/ poetas modernos. Finalizando o 1º hemistíquio/ já a encontramos duas vezes nêste livro. Martins Fontes tambem usa e abusa do/ termo.*

P. 51:
Nota MA: traço duplo nos v. 28-29:

O sonho é um torvelin sem medida e sem norma;
é um latejar de vida, onda fervente e amarga.
A obra de arte, ao sair da mão que lhe dá forma,
é a vasa densa e vil que a onda, refluindo, larga...

*

P. 53-54:
TAPERA (soneto)

P. 54:
Nota MA: comentário no rodapé:

Numa curva da estrada, onde a luz reverbera
num tanque entre ervaçais, aparece uma casa.
Pombas voejam no oitão, sobre a cumieira rasa.
Tudo ali tem um ar de quem convida, e espera.

Sigo. Chego ao pomar: o capim prolifera ;
a guanxima ao joá bravo, alta e rija, se casa.
Silencio. E, no silencio, o som mole de uma asa
e o fremente chiar da cigarra. E' a tapera.

Bato à porta. Ninguem. Olho por uma fresta:
tudo escuro ; e no escuro, a descer do telhado,
longas fitas de sol. Nada mais ali resta.

A velha casa morre. Apenas, sobre as lombas
do tecto a desabar caminham sem cuidado,
nos pequeninos pés, turturinando, as pombas.

O p. aliás tem uma visão pouco nítida/ da natureza. Esta é a unica vez em/ que pintou êle do vivo o seu quadro./ E tenho para mim que é dos seus/ versos somenos. As suas descrições são/ geralmente vagas e gerais – como se/ pode muito bem ver na Palmeira e/ Raio, no Cedro expatriado – e não/ dão a sensação duma scena vista/ ou vivida. Na tapera é sempre/ a ruina que lhe praz esboçar, a casa/ que já viveu e sorriu numa vida/ interior e que esmoreceu, perdeu o/ sorriso, volveu-se para a tristeza da/ solidão mas continua de pé, resig-/ nada, sem muita esperança na/ próxima vinda da morte... Para a/ tapera também "a gloria de durar é/ uma longa miséria".

*

P. 55-56:
CREPUSCULO SERTANEJO (soneto)

P. 56:
Nota MA: comentário no rodapé:

> Cai a noite. Um rubor fulge atrás da colina,
> cuja sombra se alonga a pouco e pouco, enorme.
> A velha arvore, alêm, verde nuvem, se inclina
> para o chão, balançando o vulto desconforme.
>
> E' uma nota profunda a vibrar na surdina
> das côres e da luz, no amplo vale que dorme
> No silencio feral, que é uma vaga neblina
> de sons, passa-lhe a voz como um borrão informe.
>
> Sob a cópa uma forma em cinza se desmancha.
> Um boi cançado busca a figueira cançada;
> muge, e deita-se, em paz, numa violacea alfombra.
>
> Muge. A fronde e o animal fazem uma só mancha;
> o mugido e o rumor da fronde, a mesma zoada.
> Manchas de som... Zoadas de cor... Silencio. Sombra.

Mais vem ajudar-me a anotação/ precedente a descrição dêste crepús-/ culo sertanejo. O crepusculo conti-/ nua o simbolo da tapera. Tapera/ é espectro da casa, crepúsculo é/ espectro do dia. A primeira é a/ derrocada da vida, o segundo a/ derrocada do sol. Tenho para mim,/ com visões de muita certeza que/ o poeta mais olhava dentro de/ si na criação dêste crepusculo e/ daquela tapera que na natureza/ ambiente que lhe pudera ofertar/ mais vida, mais cor local e mais/ [t]orridas formas.

*

P. 57-61:
JESUS ENTRE AS CRIANÇAS (8 estrofes)

P. 61:

Nota MA: comentário no rodapé:

Por êste poema pode-se ajuizar do quanto/ flui mais clara e natural a frase nas/ estrofes livres e em metro livre. Nada de/ inversões defeituosas e de construções com-/ plicadas... É a simplicidade e a natu-/ ralidade. Ainda que não exclusivista,/ sou decidido apreciador e partidário/ do metro livre. Apenas agradam-me mais/ os ritmos pares que os impares, por trazerem/ êstes uma quebra muito violenta no/ cadenciar dos versos. -// (Todas estas notas são de quando/ o livro apareceu: Besteiras de/ 1917) 24-IX-925.

*

P. 63-64
A UM POETA IMPRODUCTIVO (soneto)

P. 63:
Nota MA: correção a erro tipográfico no v.6:

– claustro branco onde canta o sonho asul*z* do poeta,

*

P. 65-66:
JARDIM FECHADO (soneto)

P. 66:
Nota MA: comentário no rodapé:

Ouve: o afecto melhor não é como a áurea messe
que abre ao passante um seio amplo e desimpedido.
Não é um fruto qualquer, mal amadurecido,
que se colhe e se guarda a ver se amadurece.

Muita vez o mais alto é o que não se oferece,
e, desejando, espera, e foge, se é seguido...
Nunca te perdoarei não teres compreendido
o coração que se calou, mas não esquece.

Tiveste-o a palpitar longamente a teu lado.
E ele embalde esperou, com um sorriso entre dores
como um jacto de sol num arvoredo escuro.

E não quizeste abrir esse jardim fechado!
E passaste, a colher, de pressa, as pobres flores
que ao alcance da mão pendiam sobre o muro...

Isto é simplesmente sublime. O P. que escre-/ve êstes alexandrinos repassados de tanta/ verdade, de tanta comoção e amargura,/ pode-se orgulhar porquê é verdadeira-/mente poeta e atingiu a grande poesia/ que poucos, muito poucos na nossa lin-/gua alcançaram. É a tragédia vulgar/ das amizades modernas, em que domina/ a leviandade, a indiferença quase, e que/ apenas se define como um meio termo./ Quanta

verdade e que delicada emo-/ção nestes versos! Nunca eu me senti/ em tanta afinidade com um poeta que/ com o Amadeu do "Jardim fechado"; e é/ por compreender nele uma alma irmã/ que eu o releio e releio e sei de cor êstes/ admiráveis versos, dos mais verdadei-/ros e puros da poética brasileira.

*

P. 69-72:
PRECE DA TARDE (8 estrofes)

P. 72:
Nota MA: comentário no rodapé:

"A ampla palpitação das carreiras ao largo"! É/ realmente a primeira chave de ouro que/ o P. emprega no seu livro. Não que lhe sejam/ os versos inferiores, mas êsses versos admi-/ráveis, que só por si fazem valer um poema,/ não os procura e emprega o poeta intencio-/nalmente. O poeta versifica á feição de/ Alberto de Oliveira: o seu verso ainda/ que muito bem feito e acabado não com-/porta sonoridades suaves ou clangoran-/tes que por si sós enchem a alma e entu-/siasmam. Todos os versos são bons, raras/ vezes um se depara que brilhe dentre/ os mais. É a idea que faz notoriamen/te viverem e sustentarem-se os seus/ poemas. Bem haja o poeta que despeian-/do-se das prisões doiradas da Forma,/ mas que sempre serão prisões, buscou nos/ exemplos ambientes da vida, ou dentro/ do seu próprio ser os soluços, as amargu-/ras e os sorrires que são a razão de ser/ da verdadeira poesia!

*

P. 73-74:
RIMAS POBRES (soneto)

P. 74:
Nota MA: comentário no rodapé:

> Vejo-vos caminhar aconchegados
> como dois bons, sinceros camaradas,
> que por ínvias estradas, por estradas
> pedregosas andassem, fatigados.
>
> Fazeis bem. Vossas almas fatigadas,
> nestes ermos da vida dilatados,
> só caminhando muito aconchegadas
> podem sorrir tranquilamente aos fados:
>
> Que importa a sombra do desconhecido! *(1)*
> Que importa o sofrimento! Eia, abençoado
> o mau caminho, que vos tem unido.
>
> Podeis olhar sorrindo o trecho andado...
> Quantos, mais do que vós, terão sofrido,

sem ter, no entanto, como vós, amado!

(1) É sempre a mesma ânsia, a mesma dúvida que tor-/tura as ideas do A. Nêste soneto, aliás sem muito/ valor, principalmente nas quadras, que são detestá-/veis, nada mais faz o p. que por os seus mesmos/ sofrimentos. É uma alma de verdadeiro romântico/ apenas mascarada pela poética moderna e larga,/ com ritmos variegados e brilhantes. Sente-se que,/ por mais interjeições com que fortifique o A./ ~~lhe~~ seu desdem pelo futuro, depois desta/ vida (pg 18, pg 21, pg 25, pg 26, pg 48, pg 74) sente-se que o proble-/ma o preocupa mais que nenhum outro. E assim/ serão sempre os bons e honestos que não tem a/ verdadeira orientação de uma crença. Possa o A./ como Bourget, deslindar a verdadeira Verdade, e/ abraçando-se com ela, sorrir desassombrada-/mente para os desenganos da vida!...

Nota da pesquisa: MA lista poemas que reiteram o motivo da inquietação com o futuro: A UM ADOLESCENTE, partes II (p.18), IV (p. 21), VI (p. 25, 26); A UM MOÇO TRISTE (p. 48) e RIMAS POBRES (p. 74).

*

P. 75-76:
A UM VELHO POETA (soneto)

P. 75-76:
Notas MA: coleta de exemplos do motivo inquietação com o futuro nos v. 3-4 e comentário no rodapé:

> Assim vieste, assim vais, oh Poeta, pela vida,
> nessa doce loucura, alheio a tudo o mais.
> Não sabes a extensão da estrada percorrida,
> nem sabes de onde vens, nem para onde vais. *(1)*
>
> Cantas! Cantas o amor. Tua voz comovida
> é clara e natural como os bons mananciais.
> Mais de uma alma te amou, sem te ser conhecida,
> como se amam somente os deuses imortais.

(1) Vide observação da pg anterior. É mais uma ci-/tacão fortificando o meu conceito.

> Aves tardas e vis, bichos de aspecto enfermo,
> que o teu canto acordou vibrando os ecos do ermo,
> seguiram-te a raivar... Mas raivaram em vão.
>
> Desces a ultima encosta. E inda essa voz amiga
> sôa, ao longe, ensaiando uma nova cantiga,
> na graça juvenil de uma nova ilusão.

Quadras detestáveis, pela demasiada acen-/tuação que os pontos finais obrigam, de dois/ em dois versos nas rimas agudas. O poeta que/ é tam feliz e ubérrimo em entroncamentos, puder disfarçar a cadência demasiado/ forte das rimas em ais.

P. 77-78:
A DELICIA DA VIDA (soneto)

P. 78-79:
Nota MA: comentário no rodapé

> Langueces, triste e só, como o arbusto desnudo,
> que tenta em vão cravar no chão duro as raizes.
> Nada sabes de ti: nada te agrada; tudo
> é a mesma escuridão com diversos matizes.
>
> No sossego e na paz, pedes um mal sanhudo
> que abra feridas ruins e avive cicatrizes.
> O tedio enche-te o olhar de sombra, se estás mudo;
> se falas, aparece em tudo quanto dizes.
>
> E perguntas ansioso: – Onde a calma e o remedio?
> Como me hei de livrar deste perpetuo tedio,
> deste cansaço atroz, desta magua incontida?
>
> – Faze sofrer alguem! Verás como te acalmas...
> Conhece a arte subtil de envenenar as almas,
> e então fruirás contente a delicia da vida.

Um máu soneto. Como sempre o poeta/ continua de derramar pelos seus versos/ todo o amargor que resulta das suas/ próprias lutas interiores. Assim: êste sone-/to não é mais que uma tristíssima a-/mostra do que vem a ser uma pessoa,/ mesmo honesta e boa, quando o não/ reconforta um ideal mais forte e eleva-/do. Para o A o ideal materializa-se/ nas belezas da Terra, mas como nelas/ não encontra o verdadeiro pábulo que/ alimente as suas exaltações, os seus/ pensares, deixa por vezes, covardemente/ escoar nos versos o fel que o punge, a/ amargura que o corroe. Então por fazer/ sofrer alguem encontra uma pessoa o/ necessário divertimento contra o "cansaço/ atroz e a mágoa incontidas"? E vivencian-/do as outras almas, algumas talvez/ intemeratas, encontrará o homem a// almejada delicia da vida? Onde chega-/remos nos á influição de tais conselhos./ Isso é Nero incendiando Roma, é Julião/ matando as caças!... Nunca Amadeu/ Amaral devera ter escrito tais versos; e,/ se por acaso os escrevera num acesso/ de maior despeito ou dor, repulsasse-os/ êle do seio das suas poesias, como in-/digno, como aviltador.

*

P. 79-81:
O VAGALUME E O ESCARAVELHO (8 estrofes)

P. 81:
Nota MA: traços nos v. 34-36, destacando o motivo do poeta menor:

> E quanto à pobre luz que emito, penso
> que tolice maior será apagál-a
> porque não pode emparelhar com os astros.

*

P. 83-84:
A UM FILOSOFANTE (soneto)

P. 84:
Nota MA: comentário no rodapé:

> Prégas a audacia, o esforço, a luta indefinida:
> "Ama a Vida, qual é, sobre todas as cousas.
> Luta! ambiciona! canta! ousa! delira... E' a vida.
> A onda esplendida e cruel te esmaga, se repousas.
>
> A paz, a doce paz, mora entre as frias lousas
> do campo-santo; aqui, freme a perpétua lida.
> Viver é desejar. Tú vales pelo que ousas.
> A renúncia nasceu do sonho de um suicida".
>
> Assim falavas tú, férvido, o gesto forte.
> O mar, junto de nós, a eterna dôr bramia,
> – dôr sem compensação dos anseios sem norte.
>
> E eu, sem mais nada opôr à tua audaz veemencia,
> um rochedo mostrei-te à flor da agua... Dir-se hia
> morto: vive, ousa e luta. A onda embate-o: ele vence-a.

Depois de uma coleção de poemas memo-/ráveis o A timbra em juntar uma outra/ de valor somenos ou de nenhum valor./ Êste soneto, onde aliás a idea não é má,/ vale pouco mais que os tres que o an-/tecederam. A chave de ouro saiu desta/vez de falsíssimo metal, se é que ainda/ se poderá chamar de metal ao barro/ em que está construído aquêle "vive, ousa e luta. A onda embate-o: ele vence-a"!

*

P. 85-86:
CONTRADITORIO (soneto)

P. 86:
Nota MA: expoente (1) remetendo ao comentário no rodapé:

> Rapaz, vivi num sonho ardente e deleterio,

que foi da nau sem norte o símile mais justo.
Sem conhecer o mundo, achei-o triste e angusto,
e fiz do mar imenso o meu suave ermiterio.

Errei, a demandar, sem cuidado nem susto,
miragens de beleza e abismos de misterio.
E ainda estaria a errar de hemisferio a hemisferio,
se a minha pobre nau já não vogasse a custo...

Hoje, conheço o mundo e, emfim, desiludido,
comparo, à frouxa luz da razão que amanhece,
a terra firme e farta ao proceloso mar.

Quanta fadiga vã! Quanto tempo perdido!
Como o sonho é enganoso!... Ai de mim! se eu pudesse
partir segunda vez e nunca mais voltar... (1)

De Oscar Lopes ha um soneto que termina/ assim: / "..... Velas ao mar..."/ Vendo-nos o meu ser estranha idea afaga:/ – Ir com aquela de vos que nunca mais voltar!"Não sei qual dos poemas é anterior. Nem/ mesmo se um dos poetas tenha sentido uma/ reminiscência da idea do outro. É mais/ provável que não. A idea nada tem de/ rara e a mera coincidência de palavras/ é pouco ou nada condenável num caso/ dêstes. Depois do "não voltam mais" de/ Raimundo, o refrão tem sido reproduzido,/ variado, parafraseado, dum modo desola-/doramente monótono por uma grande/ quantidade de poetas.

Nota da pesquisa: são transcritos versos do soneto "Velas ao mar", de Oscar Lopes, autor inexistente na biblioteca de MA. O soneto "As pombas", de Raimundo Correa, de onde MA extrai o último verso, que cita, saiu em *Primeiros sonhos*, de 1879 (São Paulo: Typ. da Tribuna Liberal), obra ausente de suas estantes. Em comentário a "VAE-SE A PRIMEIRA POMBA DESPERTADA...", soneto de Raimundo Corrêa, em *Poesias* (Lisboa: Livraria Antonio Maria Pereira, 1910), o leitor acresce trecho da conferência "Raymundo Corrêa", de Amadeu Amaral (26 de setembro, 1912) situada à p. 31 de *Conferências, 1912-1913*, volume em sua coleção, organizado pela Sociedade de Cultura Artística (São Paulo: Off. Cardozo Filho & C., 1914; MA 869.904S678c 1912-3): *"A idea das Pombas não é de Raimundo, senão de/ Gautier: "Desperta uma pomba e parte; parte outra; dezenas/ de pombas partem do pombal ao raiar da madrugada./ À tarde, quando o vento norte sopra, elas voltam alegres/ ao pombal, em bando. Assim do nosso coração partem/ os sonhos; voam, fogem. Mas as pombas voltam ao/ columbario de onde sairam, e os sonhos não tornam/ mais ao coração." Diz A. Amaral: "É de Gautier esta famosa/ idea! Mas porquê não será tambem de todo o mundo? Qual/ de nos, sem ser aquêle nababo da imaginação, não estaria no/ risco iminente de lançar esta idea, julgando-a sua, por uma/ forma ou por outra, numa cartinha ~~sentimental~~ de amor, numa/ conversa sentimental, num sonêto? O que bem poucos poderiam/ fazer, era pegar essa larva informe e fazer dela uma borboleta/ admirável, mimo de policromía radiosa, encanto aéreo, obra/ prima da eterna poesia aliada á forma perfeita."*

*

P. 87-88:
CIGARRA (soneto)

P. 88:
Nota MA: comentário no rodapé:

> Pia um passaro alêm. De uma copa, responde
> estrídula cigarra, e o canto agudo estira.
> Dir-se hia que a Terra, ante o Verão que expira,
> ergue uma prece à luz, dando uma voz à fronde.
>
> Porque canta a cigarra? E que diz ela? E onde?
> em que frincha de sombra? O grande sol que a inspira,
> doando-lhe o alto esplendor deste céu de safira,
> a penumbra produz que a dissimula e esconde.
>
> Canta, cigarra! Tú, que, em vez de teres garra,
> bico, dardo ou ferrão, tens uma voz fremente,
> enche do teu clamor estas matas e furnas.
>
> O destino do poeta é como o teu, cigarra:
> sonhar sonhos de luz na penumbra envolvente,
> dar um frémito e um canto às frondes taciturnas.

Aqui a idea é muito menor do que o soneto. É/ como que uma roupa de homem feito vestida/ por um rapazelho de quinze anos. A segunda/ quadra, bem como os dois últimos versos/ da primeira, nada mais fazem que encher/ o lugar vazio. A comparação final, inda/ que não seja muito nova, está realizada/ admiravelmente, com a técnica que o poeta/ possui. Apenas... o destino do poeta não/ é so êsse. Seguindo com notável constância/ as mesmas ideas, demostra o poeta que sente/ as suas poesias. Nestas, uma não desmente/ a outra, antes seguem, unindo-se, fortifi-/cando-se e espalmando com toda a clareza/ a variedade desoladora que o poeta ima-/gina por futuro. O destino do poeta não/ se resume a sonhar, o poeta pode e deve/ tambem glorificar, elevar, inculcar, edi-/ficar, educar... É alguma coisa de mais/ belo e sobretudo de mais nobre, o destino/ do poeta na Terra.

*

P. 89-92:
O ARROIO (13 estrofes)

P. 89:
Notas MA:
1. expoente (1) no v. 2 remetendo ao comentário no rodapé – estudo do vocabulário parnasiano:

> entre rendas subtis de avencas e de lestres, *(1)*

(1) C. Figueiredo consigna lestras: espécie de/ junco odorífero.

2. construção circulada e expoente (1) no v. 10 remetendo ao comentário no rodapé – estudo da versificação:

> borboletas de seda e de veludo e prata. *(1)*

(1) Verso mau. Deveria ser: "borboletas de seda, de/ veludo e de prata" ou"borboletas de seda, ve-/ludo prata" ou ainda "borboletas de seda e/ de veludo e de prata"... Mas compreende-se.../ Não dava no metro!

Nota da pesquisa: é possível identificar a matriz da mariposa que se acha nas páginas do *Turista Aprendiz*. Ali, em 12 de maio de 1927, o viajante inventa a história da borboleta mariposa que aparece a bordo, asas feitas de veludo[3].

3. expoente (1) no v. 46 remetendo ao comentário no rodapé:

> – Levarás o baldão das quilhas e dos mastros. *(1)*

(1) Aqui é manifesta a recordação do passo do/ "Caçador de Esmeraldas":/ "Duma palpitação de proas e de mastros"/ O poeta tem uma inclinaçãozinha para a poesia/ didática. É bem verdade que as suas não o são;/ ou antes os são duas por uma nova forma, mais/ moderna, mais livre e mais bela. Nas suas/ poesias ha sempre uma moral tirada ou/ evidente. Moral perniciosa embora, mas/ moral. O dialogar, ou o solilóquio são as/ formas mais preferidas pelo poeta para as/ suas poesias. Assim vimos "A Palmeira e o Raio",/ "Cedro expatriado", "A Estátua e a Rosa", "O Vagalume e o Escaravelho" e agora "O Arroio". É um processo/ eminentemente didático e utilizado para/ êsse genero – aliás rebarbativo – da poesia. Quanto/ a idea, é o mesmo refrão que se repete ainda.

*

P. 92-94:
ESTOICISMO (soneto)

P. 94:
Nota MA: comentário no rodapé:

> Concebe um alto e claro pensamento,
> que seja o teu abrigo e o teu reduto:
> não por que possa produzir-te fruto,
> mas ainda que te renda só tormento.

[3] "Pela manhã apareceu a bordo uma borboleta mariposa que media bem uns três mestros e vinte da ponta de uma asa à outra. Era toda de veludo pardo com aplicações de renda de Veneza, mui linda". ANDRADE, Mário de. O *Turista Aprendiz*. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Telê Ancona Lopez, Tatiana Longo Figueiredo; Leandro Raniero Fernandes, colaborador. Brasília, DF/ São Paulo: Iphan/ IEB-USP, 2015, p. 60.

Copía o cedro, que alça o tope enxuto
à luz bem pura, onde é bem rijo o vento:
um dia talvez ache, alegre e isento,
a luz mais bela e o vento menos bruto.

Ascenda livre a tua seiva rica!
Deixa que a chuva com a bonança alterne!
Se o cedro persistisse em ficar baixo,

teria, – sem a luz que purifica, –
em vez do vento, que avigora o cerne,
a convivencia ascosa do escalracho.

É "A Palmeira e o raio" reduzido a soneto./ Aliás, boníssimo soneto.

*

P. 95-96:
VENCEDOR (soneto)

P. 96:
Nota MA: comentário no rodapé:

Um dia, emfim, na senda em que vais, dura e flórea,
ao termo chegarás da exaustiva escalada,
e, depondo o bastão, a lira, a cruz, ou a espada,
cingirás o laurel da mais alta vitoria.

Um brado, uma ovação, tropéis... Depois, mais nada.
Inda todo a fremir da aspera trajectoria,
entrarás bocejando a aurea porta da Gloria,
e olharás com surpresa a multidão calada.

Olhá-la hás com rancor, vendo-a seguir a esmo,
vaga a eternos vai-vens e remoinhos sujeita.
E não terás razão, porque a gloria é assim mesmo...

A onda humana avançou, cresceu, ergueu-te, numa
investida triunfal; depois, recuou desfeita...
Como ha de a onda parar, para que brilhe a espuma?

Um soneto magistral. Realmente o A não/ se utiliza, ou não procura os versos que em-/polgam e entusiasmam tres ou quatro/ pelo seu livro... Mas em compensação são-/lhe tam finas as ideas, as comparações/ tam sóbrias e justas, a forma poética tam/bem coordenada a importância da idea,/ que é um verdadeiro encanto le-lo nos/ seus bons versos.

*

P. 97-98:
A VIDA (soneto)

P. 97:
Notas MA:
1. expoente (1) no v. 6 remetendo ao comentário no rodapé – estudo do vocabulário parnasiano;
2. comentário no rodapé:

> Eis a Vida: seguir umas quimeras vagas,
> lançando a mão em sangue aos cardos e aos espinhos;
> rolar no pó; gemer; deixar pelos caminhos
> mil farrapos de carne e o sangue de mil chagas;
>
> sorver o horrendo fel que anda em todos os vinhos,
> o veneno que jaz em todas as teriagas; *(1)*
> persistir, todavia, entre as chufas e as pragas
> dos que vão, a ulular, por trilhos convizinhos;

(1) Teriaga: electuário (medicamento) antigo, que se supunha/ eficaz contra animais venenosos. Mesmo que tria-/ga. Remédio caseiro (fig.) Coisa muito amarga.

> chegar, emfim, exausto, ao fastígio da idade,
> ver desfeito o jardim de encanto que sonhamos,
> cair desfalecido e – supremo revés –
>
> olhando para trás, ver que a felicidade
> ficou alêm, no vale, onde, espectros, passamos,
> ficou alêm, na flor que calcamos aos pés...

E o A termina a série dos seus sonetos, com êstes/ esplêndidos versos, sempre imersos em letal/ tristura. Outros poetas tem havido que, num/ momento de maior desânimo ou de desi-/lusão mais amara, vasaram nos seus poemas/ o fel que lhes brotava do proprio sofrer./ Mas quando lhes aconteceu encarar a vida/ como o faz Amadeu Amaral, não persistiram/ na perene desolação dos que não encontram/ fim. Antes ai um soneto assim cantava, outros/ versos mais adiante desdiziam o chorar/ anterior, – mesmo porquê é muito própria/ dos poetas a contradição. A êles, não se/ lhes pode querer mal pela amargura/ momentanea. Nem tambem direi que/ se queira mal a Amadeu por ter repisado/ uma só idea no seu livro todo, antes é/ para quere-lo mais e condoer-se dêle, que/ tam desastradamente pensa e sofre./ A unidade é um dos elementos de/ beleza deste livro admirável, e é dela que// nasce a prova da sinceridade do autor. Sim, ele foi sincero, e moldou nos seus/ versos o seu próprio penar. Sem entusias-/mos, nem arroubos, ele reflete bem aquele/ que tem por trabalho um sofrer, por sen-/timento o tédio e por meta uma cousa./ Sem querer talvez êle "derramou-se" nas/ páginas da sua obra, fazendo dela o livro/ mais pessoal, mais genuinamente roman-/tico – na acepção nobre do termo – que/ apareceu por êstes últimos tempos na lite-/ratura indígena. A sua dor é discreta,/ mas por imensa é insuperável, aparecem/ ressaibos dela em todos os poemas do/ poeta; e êste livro de "Espumas" e como/ um grande soluço da onda: a

onda/ desapareceu no vai-vem do mar, mas o/ marulho celebrou-a, e a espuma denun-/ciou-a aos olhos dos mortais.

*

P. 99-121:
O AÇUDE

P. 99-103:
PARTE I (5 estrofes)

P. 101:
Nota MA: hiato sublinhado no v. 36 e expoente (1) remetendo ao comentário no rodapé:

e ela lhe pareceu formosa, e ela (1)

(1) Um defeito mau, inda mais que já exis-/te no mesmo verso outro e ela com elisão/ perfeita.

P. 102:
Notas MA:
1. comentário entre os v. 54-55:

O A. não sabe descrever. Não se vê o que ele descre-/vê não tem como V. de Carvalho, Martins Fontes, Gon-/çalves Dias, Porto Alegre, Basílio da Gama a genia-/lidade descritiva. É poeta muito de secretária.

2. hiato sublinhado no v. 56 e expoente (1) remetendo ao comentário no rodapé:

(1)
Essa vida maior que pela obra plasma:

(1) É a 3ª vez nêste início de poema que o/ p. deixa de fazer a elisão: "Nas muralhas da Obra" pg 100; o defeito já apontado na pg 101/ e agora... O p. pudera bem refugir a tais/ senões que multiplicidade deslustram/ o trabalho.

P. 105-108:
PARTE II (5 estrofes)

P. 105:
Nota MA: expoente (1) no v. 5 remetendo ao comentário no rodapé:

que apagar as feições à obra *(1)* da natureza.

(1) Muitas vezes na propria linguagem oral a pri-/meira vogal de "obra" não faz elisão com qualquer vogal que a anteceda. Poder-se hia dar pois uma/ justificativa aos dois

casos da pg 100 e 102; mas/ o A prova aqui que êle julga milhor a elisão,/ fazendo-a até com uma contracção demasiada-/mente acentuada e portanto passível de se/ não elidir.

P. 106:
Nota MA: hiato sublinhado no v. 17 e expoente (1) remetendo ao comentário no rodapé:

Entanto, o enxame, a ir *(1)* e vir, não pára nunca:

(1) Mais uma vez!

P. 107:
Nota MA: hiato sublinhado no v. 27 e exclamação apontando a repetição:

!
Mas, aos poucos, do caos vem repontando a ordem;

P. 111-115:
PARTE III (6 estrofes)

P. 112:
Nota MA: hiato sublinhado no v. 24 e expoente (1) remetendo ao comentário no rodapé:

(1)
O sacrificio, a fé que alçaram a obra ingente

(1) É a observação feita à pg 105

P. 113:
Nota MA: construção sublinhada no v. 40:

Pouco, ir assim, de peito em peito e boca em boca!

P. 114:
Notas MA:
1. estereótipo sublinhado no v. 47 e expoente (1) remetendo ao comentário no rodapé:

O tempo faz o resto. O tempo tudo apaga, *(1)*

(1) Isto é duma vulgaridade a toda prova.

2. expoente (2) no v. 56 remetendo ao comentário no rodapé:

aqui esborôa, ali amolga, alêm espalha *(2)*

(2) Outro verso defeituosíssimo. Se em aqui es:/ ha elisão, deve-la haver tambem em ali amo....

P. 117-120:
PARTE IV (9 estrofes)

P. 120:
Nota MA: ideia sublinhada nos v. 48-49 e expoente (1) remetendo ao comentário no rodapé:

> Que me importa a represa? a aura infausta ou galerna,
> que morra antes de mim, que sobreviva eterna? *(1)*

O p. repete assustadoramente. O seu "Açude"/ tem um pouco de tudo o que foi dito an-/teriormente. Nem falta o diálogo para/ completar o seu maneirado poetar e nem/ faltam frases como "Alma piedosa parte/ a consolar o Obreiro" para dar-lhe ao/ estilo a mesma feitura meia clássica/ de Alberto de Oliveira.

(1) É ainda o caso explanado na pg 75.

Nota da pesquisa: na nota referida, MA estabelece o conceito de sofrimento incessante do poeta, que é repetido a cada poema.

P.121:
PARTE V (1 estrofes)

P. 121-122:
Nota MA:

> E tomando o compasso e o esquadro, e reacendendo
> no olhar a chama azul que ia, ha pouco, perdendo,
> – chama serena e igual de lampada nutrida,
> chama de sonho largo e vontade contida, –
> de novo se debruça, arfante, sobre a prancha;
> traça, emenda, refaz; recomeça e desmancha...
> E nesse estrenuo afan, que é delicia e tortura,
> ele arqueja e sorri, com raiva e com amor,
> – qual quem lavra uma gleba dura,
> – qual quem sorri para uma flor... *(1)*

(1) Não quero com as minhas observações dimi-/nuir o alto valor do poeta. Acho-lhe o campo de/acção bastante restrito, pois que se limitou êle/ a cantar sòmente a incerteza de um fim mi-/lhor e a fortificar com exclamações e que-im-/portas? as suas abaladas teorias materialistas./ Alem disso, acentuo, a sua feição didática, inda/ que para muitos passe despercebida, da-lhe/ ao versejar uma feição pouco agradável. Não/ deixo porêm de reconhecer que verseja com/ um brilho estupendo, e que certas composi-/ções suas são simplesmente magistrais. "A Pal-/Meira e o Raio" é duma beleza pouco atingi-/da, é uma pequena obra-prima que fulgurará/ sem obnumbrar-se junto "Sonho Turco" de/ Raimundo, da "Ode ao Sol" de Alberto de/ Oliveira, das "Palavras ao Mar" de Vicente de/ Carvalho. "Jardim fechado" é um dos milho-/res sonetos do livro e emparelha tambem/ com outros sublimes sonetos da Lingua. A pró-/pria monotonia apontada dá ao livro um cará-/ter genuinamente seu, acentuando com fôrça/ a

sinceridade com que o P. escreveu os seus/ versos. A incerteza, a inquietação, a resignação/ amara destes sonetos são a resignação, a inquie-/tacão e propria incerteza do autor. Os seus/ personagens são bem êle mesmo, assim/ como os seus diálogos são os multiplos con-/vites em que se debate a sua alma. É/ um livro característico e único na lingua; e a tristeza desolada que dele ressalta/ mostra uma alma muito nobre, sofrendo/ do seu viver, chorando das suas ilusões –/ alma despojada da verdadeira luz, cega/ sem poder nortear-se para as regiões da/ serenidade e da esperança. Neste livro/ tudo são dores, e os rires que ocasionalmente/ sobrevêm tem um rictus de sarcasmo/ e de amargor. O P. dedica o livro aos filhos.../ É uma nota tocante de ternura que/ aclara bem o amor do poeta pelo que é a/ sua poesia. Pena é que a poesia escrita/ não traga lições mais alevantadas para/ os poemas vivos que o p. engendrou. Rousseau/ desamou o catolicismo, mas ensinou o ca-/tecismo á sua filha: A. Amaral devera/ dar ás suas outras lições de esperança,/ de confiança e de felicidade./ S. Paulo 6 de Agosto - 918

*

P. 124:
Nota MA: comentário na margem superior da página:

Á pg 61 Amadeu conta "Será um" ligando/ a palavra aguda com a seguinte vogal, e/ esquecendo-se das regras a que se impõem/ os parnasianos.

Nota da pesquisa: MA refere-se ao v. 78 de "Jesus entre as crianças", poema que traz comentário no rodapé e o registro da data de leitura, 1917:

> Dize-me então, senhor, eu te conjuro:
> será um anjo, talvez, que nasce entre este povo?

AMARAL, Amadeu. Bibl. MA: [inexistente]
Lâmpada antiga. São Paulo: Imprensa Methodista, 1923.
[Poesia]

IEB: MA 869.9149 A485L

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernação em papel-cartão, 21x15 cm.

Sem Notas MA

AMARAL, Amadeu. Bibl. MA: [A/II/d/56]
O elogio da mediocridade – estudos e notas de literatura. São Paulo: Editora Nova Era, 1924.
[Crítica]

IEB: MA 869.9449 A485e

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernação em papel-cartão, 21x15 cm.

Sem Notas MA

SEIXAS, Aristêo. Bibl MA: [retirado]
Pôr de sol. São Paulo: Editora Monteiro Lobato, 1924.

[Poesia] Araraquara – Sala Pio Lourenço Corrêa

Coleção MA, BPM – Araraquara.

Encadernado em meio couro, sem capa original, 21x15 cm.

P. 16-32:
FOGO VOTIVO

P. 17-18
PÔR DO SOL (soneto)

P. 17-18:
Nota MA: sublinhados os alexandrinos, divididos em dois sextissílabos nos v. 4, 6, 11-14 – estudo da metrificação:

Louvado seja o fim do áureo sonho, louvado
O proximo fugir das estrellas, na altura!
Bemdigo o que ficar fóra da sepultura,
E o bem de ter soffrido, e a dor de ter peccado!

Nem podia jámais, corpo dilacerado,
Alma vazia e má, vida ephemera e obscura,
Deixar eu de querer tudo o que me tortura,
Ao entrar, mudo e só, no deserto estrellado.

Mysterioso acabar, esplendor e agonia,
Meu leito em chamma e luto: incense-o Deus, incense-o
Perto da escuridão, distante do arrebol!

Primeiro olhar da sombra, ultimo adeus do dia,
Tarde – estertor da luz, noite – mãe do silencio,
Berço augusto da treva e tumulo do sol!

Nota da pesquisa: em *Poesias* (1909), de Olavo Bilac, o leitor MA anota e estuda a mesma metrificação em "Paráphrase de Baudelaire" (p.106-108), quando sublinha os alexandrinos dividindo-os em sextissílabos e comenta no rodapé:

O alexandrino de Bilac tem por vezes,/ para quem conhece os segredos da/ métrica e os seus artifícios de elo-/quência e beleza, o safado sabor de/ um prato quotidiano. Não é absoluta-/mente uma regra quasi geral como/ acontece com o impossível Guerra Jun-/queiro, que Bilac é mesmo muito grande; mas ás vezes prejudica a nobre beleza de/ seus versos. Vede por exemplo os alexan-/drinos simetricamente divididos em/ dois sextissílabos nesta poesia. São/ dez versos exactamente iguais, numa/ poesia que só tem 48./ A monotonia é notória.

*

P. 19-20
LINGUA PORTUGUESA (soneto)

P. 19-20:
Nota MA: traços à margem valorizando o contraponto nos versos emparelhados:

Sombria e estéril como a noite escura,
Fertil e clara como a luz do dia,
Na avareza congênita amargura,
Na prodigalidade delicia.

Tem, si nas sábias mãos se transfigura,
Tem, si das bocas sábias se irradia,
Momentos de revolta e de ternura,
Instantes de esplendor e de agonia.

Maravilha da cor, do som, do aroma,
Alheia ao jugo do grosseiro mando!
Bemdito sejas, mysterioso idioma,

Em que, debalde, procurei ser térso,
Em que mil vezes claudiquei, suando
Na ânsia infecunda de plasmar um verso!

*

P.21-22
ARTE GREGA (soneto)

P. 21-22:
Notas MA:
1. sublinhados os alexandrinos, divididos em dois sextissílabos nos v. 3-4,7, 14 – estudo da metrificação;
2. sublinhados os alexandrinos, divididos em três tetrassílabos nos v. 10, 13 – estudo da metrificação:

Impassibilidade apollinea que encobre
O amor, o anseio, o sonho, a graça, a força, a lida;
O orgulho do nababo, a humildade do pobre,
A tristeza da morte e a alegria da vida;

A angustia e o gozo, o gelo e o incêndio, o vil e o nobre,
A ambição e a renuncia, a chegada e a partida,
A sombra, que se oculta, e a luz, que se descobre;
Tira e põe, chora e ri, toma e dá, lembra e olvida:

Morrerás, certamente, arte augusta e sem manchas,
Templo do bem, gloria e fulgor, vulcão fecundo,
– Tu, que a poeira e a atascal em scintillas desmanchas:

Morrerás, quando um dia, acorrentado e inerme,
Não ruja o mar, não cheire a flor, não gire o mundo,
E em cima do sol se apague e em baixo esplenda o verme...

*

P.23-24
ELEITO (soneto)

P. 23-24:
Notas MA:
1. sublinhados os alexandrinos, divididos em dois sextissílabos nos v. 1, 4, 13-14 – estudo da metrificação;
2. sublinhado o alexandrino, dividido em três tetrassílabos no v. 5 – estudo da metrificação:

Garimpeiro da luz, artesão do perfume,
Busca a rima feliz e o vocábulo térso:
E acha, do valle queito á vertigem do cume,
O rigor da expressão e a harmonia do verso.

E quer mais cor, e quer mais som, e quer mais lume;
E, no afan de o querer, junta o que está disperso
Em torno de si mesmo... E pensa que resume
Nas syllabas que urdiu as forças do Universo.

Obreiro, tudo faz para que se não torça
O edificio traçado: e põe-lhe, desde a base,
A idéia, a fórma, a graça, o sentimento, a força.

Martyr da perfeição e do sonho, collima
No respeito do idioma – o resplendor da phrase,
Na tortura do verso – a surpresa da rima.

*

P.25-26
PERFEIÇÃO (soneto)

P. 25:
Notas MA:
1. sublinhados os alexandrinos, divididos em dois sextissílabos nos v.4-5 – estudo da metrificação:

Falta-me tudo. Soffro. E, soffrendo, labuto
Por que se me abra e estenda imprevisto horizonte.
Quero os olhos fitar, de alegria ou de luto,
Onde noutra estrella afunde e outro sol reponte.

E sempre o mesmo avisto, e sempre o mesmo escuto,
E sempre o mesmo apalpo ao sopé do ínvio monte,
Que não posso transpor, no afinco resoluto
De topar na outra encosta o rumor de outra fonte...

*

P.27-28
PATRIA (soneto)

P. 28:
Notas MA:
1. sublinhados os alexandrinos, divididos em dois sextissílabos nos v.9, 11, 14 – estudo da metrificação;
2. verbos numerados no v. 12:

Brilhas de grota a grota, ardes de cume a cume;
Com as ramas da figueira e o calice do lirio
Dás ao berço um sombra e ao jazigo um perfume.

1 2 3 4 5 6
Suspiro, e canto, e choro, e exulto, e sonho, e cresço,
Patria, pensando em ti! porque és, no meu delirio,
O esplendor que carrego e o lenho em que padeço!...

*

P.29-30
VIDA (soneto)

P. 29:
Notas MA:
1. sublinhada articulação lógica no v.3:

Consiste em cada um viver, supponho,

2. digressão destacada por parênteses no v.9:

Mas, *(* sem que aos céus em desespero brade, *)*

3. traço marcando construção nos v. 13-14:

Finjo querer ao mal que ella propina,
Simulo crer no bem que Ella promette.

*

P.31-32
RESSURREIÇÃO (soneto)

P. 31-32:
Notas MA:
1. sublinhados os alexandrinos, divididos em dois sextissílabos nos v. 3, 5, 13 – estudo da metrificação:

Que uma ansia ha por que eu caia, e uma ansia ha por que eu role
(...)
E amo assim mesmo a vida, e amo assim mesmo a prole
(...)
Entre o Calvario e o Céu, entre Jesus e a lesma,

**

P. 33-65
BRONZES

P.35-36
NO EDEN (soneto)

P. 35:
Notas MA:
1. imagem sublinhada no v. 3 e exclamação de surpresa irônica:

Adão appareceu da divina retorta *!!*

2. repetição de rima sublinhada no v. 5 – estudo da sonoridade:

Em toda a Criação nenhuma cousa torta

P. 36:
Nota MA: traço marcando construção nos v. 13-14:

A' ingenuidade sã do primeiro sorriso
E ao límpido frescor da primeira alvorada...

*

P.37-38

PRIMEIRA ALVORADA (soneto)

P. 37:
Nota MA: sublinhado o alexandrino, dividido em dois sextissílabos no v. 6 – estudo da metrificação:

O que lhe brada aos pés, o que surgiu do nada.

P. 38:
Notas MA:
1. numerada a gradação no v. 12;
2. sublinhado o alexandrino, dividido em quatro trissílabos no v.13 – estudo da metrificação;
3. sublinhado o alexandrino, dividido em dois sextissílabos no v.14 – estudo da metrificação:

1 2 3 4 5 6
E, em susto, em queixa, em praga, em fogo, em duello, em furia
Trôa o Céu, grita o Vento, uiva o Mar, arfa a Terra,
Glorificando a Dôr e perpetuando a Vida...

*

P.39-40
PRIMEIRAS TREVAS (soneto)

P. 39:
Nota MA: digressão destacada por parênteses no v.5:

Lento é o curso do sol, *(* para que se não quebre *)*

P. 40:
Notas MA:
1. sublinhado o alexandrino, dividido em quatro trissílabos no v.12 – estudo da metrificação;
2. sublinhado o alexandrino, dividido em dois sextissílabos no v.14 – estudo da metrificação:

Tomba o sol, morre a tarde, o ar esfria, entra a noite.
E abre-se no silencio o abysmo constellado
Da primeira paixão e do primeiro crime!

*

P.41-42
TERRA (soneto)

P. 41:
Notas MA:

1. sublinhados os alexandrinos, divididos em quatro trissílabos nos v. 1, 4 – estudo da metrificação;
2. sublinhados os alexandrinos, divididos em dois sextissílabos nos v. 1-8 – estudo da metrificação:

E' modesta, e é sobreba; é trevosa, e é esplendente;
Nos sorrisos excelle, e nos sarcasmos basta;
E' a patria do infeliz e o algoz do prepotente;
E' só crosta, e é profunda; é pequenina, e é vasta.
E' meiga, quando quer; quando quer, é inclemente;
Aqui, suspende e beija; ali, derruba e arrasta;
Ora a seára pompéia, ora mata a semente;
Tem direitos de noiva e fóros de madrasta.

P. 41:
Nota MA: sublinhado o alexandrino, dividido em dois sextissílabos no v. 14 – estudo da metrificação:

As angustias da morte e as delicias da vida...

*

P.43-44
SOL (soneto)

P. 43-44:
Notas MA:
1. sublinhados os alexandrinos, divididos em três tetrassílabos nos v. 1, 4, 10 – estudo da metrificação;
2. sublinhados os alexandrinos, divididos em dois sextissílabos nos v. 5, 8, 11 – estudo da metrificação:

Rompendo a treva, impondo a luz, galgando os montes,
Ás portas do Levante elle apparece e avulta.
A ave esperta a cantar; brilham os horizontes;
A agua estremece, o homem sori, a terra exulta.

E' a origem da opulência; é a fonte de outras fontes;
E' o perpetuo esplendor... Nelle é que Deus se occulta,
E arrulho ás pombas dá, sanha aos rhinocerontes,
Alfombras aos jardins, sarçaes á gleba inculta...

Bemdito seja o sol, que resplandece e que arde,
Que extingue a sombra, e enxuga o orvalho, e inflama a areia
– Garantidor da paz e semeador de lida!

*

P.45-46
MAR (soneto)

P. 45-46:
Notas MA: sublinhados os alexandrinos, divididos em dois sextissílabos nos v. 7-8, 13-14 – estudo da metrificação:

E, pois que no seu bojo outro mundo pullula,
Guarda com o mesmo anseio a maravilha e a escoria.
Umas vezes pranteia, outras vezes ulula,
Annunciando o naufrágio e annunciando a victoria...

[...]

E, ao perpetuo fragor das bravas ondas quérulas,
Assignala o seu crime e registra o seu fausto
Com o sangue dos coraes e a riqueza das perolas...

*

P.47-48
MONTANHA (soneto)

P. 47:
Notas MA:
1. sublinhados os alexandrinos, divididos em dois sextissílabos nos v. 2, 4, 8 – estudo da metrificação;
2. construção sublinhada nos v. 5-6;
3. comentário no rodapé, apagado com borracha:

Quando, sumindo o azul, brame o céu furibudo,
O lamento lhe falta e a tontura lhe sobra.
Soffrendo a maldição, não se abala um segundo,
Porque joelhos não tem, porque a cerviz não dobra.

Nella Christo subiu para pregar ao Mundo,
Della Christo desceu para findar sua obra.
Em verdade não ha symbolo mais profundo
Do mal que se nos fez, do bem que se nos cobra.

Do que [apagado com borracha]

P. 48:
Notas MA:
1. sublinhado o alexandrino, dividido em três tetrassílabos no v.11 – estudo da metrificação;

2. sublinhados os alexandrinos, divididos em dois sextissílabos nos v. 12, 14 – estudo da metrificação:

Como deusa pagã e todas as idades,
Não lhe minguou jámais, na dôr de ter nascido,
O dia e a noite, a flor e o espinho, o homem e a lesma.

Anteparo ao tufão, ninho das tempestades,
Vive, orgulho e perdão, num intimo gemido,
Senhôra da planicie e escrava de si mesma.

*

P.49-50
DESERTO (soneto)

P. 49-50:
Notas MA:
1. sublinhado o alexandrino, dividido em quatro trissílabos no v.3 – estudo da metrificação;
2. sublinhado o alexandrino, dividido em três tetrassílabos no v.12 – estudo da metrificação;
3. sublinhados os alexandrinos, divididos em dois sextissílabos nos v. 2, 4, 7, 11 – estudo da metrificação;
4. sublinha anulada no v. 14:

Nem um canto siquer, nem uma voz, nem uma
Fonte que orvalhe a terra, oasis que espalhe a sombra.
Sem começo, e sem termo, e sem vida, e sem bruma,
– A planicie, que abrasa, e a distancia, que assombra.

E por sobre o areal peregrinos, em summa,
Lá se vão, lá se vão... E o solo não se ensombra,
E a angustia não se acaba, e o amor não se consumma
Onde sobra a aridez e não existe a alfombra.

Apostolos do Bem e da Verdade: vede
Como é cheia de dor esta conquista humana
De um punhado de pó e do esplendor de um mytho!

Vencendo a areia, arfando ao sol, curtindo a sede,
Dos camelos no dorso, investe a caravana,
Com infinita tristeza, o deserto infinito...

*

P.51-52
MAR ALTO (soneto)

P. 51-52:
Notas MA:
1. sublinhado o alexandrino, dividido em três tetrassílabos no v.1, 3, 8, 10 – estudo da metrificação;
2. sublinhados os alexandrinos, divididos em dois sextissílabos nos v. 2, 4, 11, 14 – estudo da metrificação;
3. sublinhado o alexandrino, dividido em quatro trissílabos no v. 12 – estudo da metrificação:

Levanta ferro, e rompe a marcha, e deixa a costa.
E' tardo o movimento, é solenne a partida.
A agua serena, o céu azul, calor que tosta.
Pôde a morte bem ser, póde bem ser a vida.

Lá vae... Vence a distancia, os perigos arrosta.
Já quase se não vê; no horizonte é perdida...
Mar alto. O salso reino em furia. A luta imposta:
O humano anseio, a angustia humana, a humana lida...

Corre o tempo: a ardentia, a vaga que murmura,
A aurora fresca, o dia claro, a noite escura,
Um coração a arder, um cerebro a pensar;

Um suspiro, um sussurro, uma queixa, um lamento,
O homem, a sua nau, a chuva, o sol, o vento,
O infinito do céu e o infinito do mar...

*

P.53-54
NÁU INCENDIADA (soneto)

P. 54:
Notas MA:
1. sublinhados os alexandrinos, divididos em dois sextissílabos nos v. 11, 14 – estudo da metrificação;
2. escolha vocabular sublinhada por traço duplo e questionada por interrogação na margem – estudo da sonoridade:

Tem o mar como o leito e os astros como rondas. ?
[...]
Ao silencio da noite e aos insultos das ondas.

*

P.55-56
TARDE (soneto)

P. 54:
Notas MA:
1. sublinhado o alexandrino, dividido em três tetrassílabos no v. 11 – estudo da metrificação;
2. sublinhados os alexandrinos, divididos em dois sextissílabos nos v. 5, 13-14 – estudo da metrificação;
3. alternativa de redação proposta aos v. 13-14 no rodapé:

E' o instante da oração. Cessa o trabalho agora.
Ave Marias... No alto azul Vesper fulgura.
Ha uma recordação que nos mata e devora,
Da alegria maior, da maior desventura...

Da aragem mansa e boa ha cicios na flora.
Amortece o calor. Breve, a noite se apura;
Breve, o manto estellar, pela abobada em fóra,
Desenrola-se todos e accende-se na altura.

Ha por tudo torpor, funda melancolia,
Somnambulas visões dentro da Natureza,
Quando a luz foge, e a sombra avança, e morre o dia.

Repercutem nos céus, em angustioso alarde,
Evocando a saudade e acordando a tristeza,
Os gemidos do sol e os soluços da tarde...

[E]vocando a tristeza e a acordando a saudade
[A]cordando a saudade e evocando a tristeza
[O]s soluços do sol e os gemidos da tarde

*

P.57-58
SOMBRA (soneto)

P. 57-58:
Notas MA:
1. sublinhados os alexandrinos, divididos em dois sextissílabos nos v. 2-8, 11-12, 14 – estudo da metrificação;
2. Anotação apagada no rodapé [ilegível]:

Para julgar e agir tenho duplo criterio:

Ora no bem me espalho, ora no mal avulto;
Aquieto-me e latejo, acaricio e insulto,
Escasseio na luz e cresço no mysterio.

Melliflua é minha voz, meu gemido é funerio,
Minha alegria é dôr, meu silencio é tumulto;
Estadeio uma pomba e uma serpente occulto,
Agasalho o mendigo e protejo o adulterio.

Por onde eu me estender sou vassallo e sou doge;
Produzo no meu seio a esperança e a saudade;
Dou magua ao que me busca e anseio ao que me foge;

Sou o porto que liberta e o ergastulo que opprime,
E não deixo de ter, na minha dualidade,
O tumulo do amor e o thalamo do crime...

*

P.59-60
NOITE (soneto)

P. 59-60:
Notas MA:
1. sublinhado o alexandrino, dividido em três tetrassílabos no v. 3, 6, 8, 11 – estudo da metrificação;
2. sublinhados os alexandrinos, divididos em dois sextissílabos nos v. 2, 4 – estudo da metrificação;
3. sublinhado o alexandrino, dividido em quatro trissílabos no v. 1, 10 – estudo da metrificação:

Hora augusta, hora triste, hora amarga, hora incerta
Da invasão do silêncio e morte do tumulto,
Em cada peito, em cada olhar, em cada vulto
A esperança succumbe e a saudade desperta.

A porta secular da solidão aberta,
Sossega a lida, impõe-se a dôr, começa o culto.
E, a meditar o mundo em tristeza sepulto,
A terra dorme, o frio reina, a luz deserta.

Por que floresça o amor que nas sombras se acoite,
Turva-se o ar, tomba o sol, morre o dia, entra a noite,
Que orvalha a flor, que occulta o mal, que esconde os rastros.

Mas Deus, em festa, em pompa, em volúpia, em delirio
Abre, de par em par, as janellas do Empyreo,
Desenrola, de cima, a púrpura dos astros...

*

P.61-62
MUNDO (soneto)

P. 61-62:
Notas MA:
1. sublinhados os alexandrinos, divididos em dois sextissílabos nos v. 1-3, 5-8, 13-14 – estudo da metrificação;
2. sublinhado o alexandrino, dividido em três tetrassílabos no v. 4 – estudo da metrificação;
3. sublinhada a gradação no v. 11:

A montanha mais alta e o vale mais profundo
A folha insolente, o fruto bom, as urzes más;
A lagoa parada e o pélago iracundo;
A fúria e a calma, o esforço e a innercia, a guerra e a paz;

A charneca sem vida e o cômoro fecundo;
A aranha que constroe e o tufão que desfaz;
Desse infinito – Deus, este finito – mundo,
Que tem corpo de Archanjo e alma de Satanás.

E ao rei da Criação, para o bem e o delicto,
A arder e a fumegar como Sebastopol,
A força, o gesto, a voz, a idéia, o anseio, o grito.

E o Homem ficou perdido entre a noite e o arrebol,
Entre os vermes da terra e os astros do infinito,
Em baixo uivando o mar, em cima ardendo o sol...

*

P.63-64
SYNTHESE (soneto)

P. 63:
Notas MA:
1. sublinhados os alexandrinos, divididos em dois sextissílabos nos v. 2, 6-8 – estudo da metrificação;
2. comentário no rodapé, apagado:

E o imperio da belleza e o dominio da força;
(...)
Ou do bem que deslise ou do mal que se estorça;
Faz que se escute o arroio e se aviste a montanha,
E photographa um leão e desenha uma corça...

[apagado com borracha]

P. 64:
Notas MA:
1. sublinhados os alexandrinos, divididos em dois sextissílabos nos v. 2, 6-8 – estudo da metrificação;
2. traço destacando a construção dos v. 13-14:

E' ligeiro o seu gesto, o seu golpe é profundo;
Em evidencia põe, sem esforço disperso,
O que está florescente e o que está moribundo.

Synthese é a perfeição, é o fastígio do Verso:
No traço mais subtil – marcha, tristonho, o Mundo
Na mais breve expressão – rola, em fogo, o Universo.

**

P.65-99
VOZ INTERIOR

P.67-69
DIVINA LEX (10 estrofes)

P. 67:
Notas MA:
1. sublinhado o alexandrino, dividido em dois sextissílabos no v. 4 – estudo da metrificação:

Limpando as varzeas e varrendo os montes?

2. Dois pontos de exclamação ironizando a construção ingênua no v. 7:

!! Deus não pensou que o vento lhes causasse

Nota da pesquisa: MA recolhe um tipo de articulação lógica do pensamento narrativo dos parnasianos.

P. 68:
Notas MA:
1. sublinhado o alexandrino, dividido em dois sextissílabos no v. 12 – estudo da metrificação:

O horror da noite e o scintillar da aurora.

2. traço destacando com ironia os v. 15-16:

> Ou morra um sêr ingenuo e pequenino,
> Sem ao menos saber por que é que morre!

3. expressão sublinhada no v. 19:

> Do codigo penal de algum tyranno

4. construção paralela destacada por traço nos v. 23-24:

> - Si é um mal a vida, por que nol-a deste?
> - Si é um bem a vida, por que nol-a tiras?

P. 69:
Notas MA:
1. expressão popular sublinhada no v. 25:

> Tanta blasphemia, Santo Deus, perdoa!

2. sublinhado o alexandrino, dividido em dois sextissílabos no v. 36 – estudo da metrificação:

> Quer erga um cedro, quer derrube um ninho!

3. construção sublinhada nos v. 39-40:

> Vae de um só berço para a mesma tumba,
> De uma só noite para a mesma aurora!...

*

P.71-72
INCONTENTADO (soneto)

P. 71:
Notas MA:
1. sublinhado o alexandrino, dividido em dois sextissílabos no v. 1 – estudo da metrificação;
2. construção paralela destacada por traço nos v. 3-4:

> O mal não fere, o bem não nos propina
> O desejado instante da ventura:
> Pois não existe o mal que se imagina,
> Pois não existe o bem que se procura.

P. 72:

Nota MA: traço destacando os v.9-11 e comentário à margem:

[nã]o ha duvida

Desde que Adão peccou, do berço á lousa,
Para a sua illusão e o seu tormento,
A Humanidade sente a mesma cousa:

*

P.73-74
SUPREMA DADIVA (soneto)

P. 73:
Notas MA:
1. sublinhados os alexandrinos, divididos em dois sextissílabos nos v. 1, 5-6 – estudo da metrificação;
2. comentário irônico após o v.8:

Erigiste-me o berço e criaste-me o tecto,
[...]

E incutiste-me o amor, e legaste-me o affecto,
Que resiste ao tufão, que supporta a rajada;
E deste-me , sem paga, ó Supremo Architecto,
Antes da noite fria, os clarões da alvorada!

Depois da noite... etc

P. 74:
Nota MA: sublinhados os alexandrinos, divididos em dois sextissílabos nos v. 9-10, 14 – estudo da metrificação:

E o fragor da cascata, e o murmúrio da fonte,
E o silêncio as sombra, e o tumulto da lida,
E a agonia do sol que incendeia o horizonte:

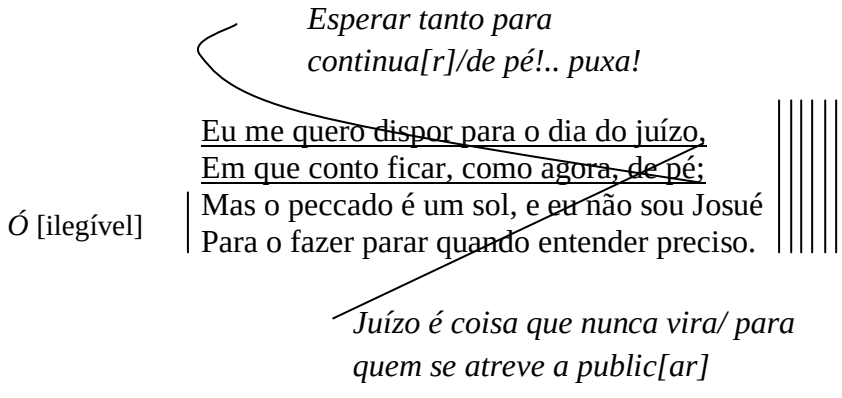
Mas, grato, só beijei o teu manto inconcusso
Quando tive, Senhor, nas tormentas da vida,
A primeira saudade e o primeiro soluço!

*

P.77-78
PENITENTE (soneto)

P. 77:
Notas MA:

1. proposição sublinhada nos v. 5-6;
2. comentário irônico na margem superior e no rodapé;
3. traço à margem dos v. 7-8 e comentário:



P. 78:
Nota MA: sublinhados os alexandrinos, divididos em dois sextissílabos nos v. 11-14 – estudo da metrificação:

Estes pellos de fera e estas pennas de abutre.
[...]
Mas corta-me o tufão, deserta-me o favonio!
Fica tão longe o Bem! fica tão perto o Mal!
Deus se esconde no Céu e enche a Terra o demonio!

*

P.79-80
CASA VELHA (soneto)

P. 79:
Nota MA: sublinhados os alexandrinos, divididos em dois sextissílabos nos v. 6,8 – estudo da metrificação:

Tudo o que dou e tudo o que mendigo!
[...]
Todo o mal que perpetro e o bem que espalho!

P. 80:
Notas MA:
1. sublinhado o alexandrino, dividido em dois sextissílabos no v. 12 – estudo da metrificação;
2. traço duplo destacando paralelismo nos v. 13-14:

Bem que não sinto, mal que não me deixa
No perpetuo clamor desta saudade

E na amarga impotencia desta queixa!

*

P.81-82
ILLUSÃO (soneto)

P. 82:
Nota MA: traço destacando construção em paralelo nos v.13-14:

Vae-se correndo do finito mundo,
Vae-se rolando para a eternidade...

*

P.83-84
MONGE (soneto)

P. 83:
Nota MA: sublinhados os alexandrinos, divididos em dois sextissílabos nos v. 4,6 – estudo da metrificação:

Os meus cantos e as minhas litanias...
[...]
De occasos quentes e de auroras frias.

P. 84:
Notas MA:
1. traço destacando a construção dos v. 10-11, 13-14;
2. construção em paralelo e antônimos sublinhados nos v. 13-14:

Mas, perseguido, o campo não deserto,
Mas, castigado, as lagrimas estanco.
[...]
Eu sinto a morte cada vez mais perto,
Eu sinto a vida cada vez mais longe...

**

P.99-111
HUMILDES

P.99
Nota de terceiro a grafite:
"Para ser feliz ouça o que te digo:
Faze da humildade teu escudo,

Não digas nada... finge que és mudo...!
MJ [?]”

Nota da Pesquisa: A Biblioteca Pública de Araraquara, beneficiária da doação de Mário de Andrade, composta de obras retiradas pelo do escritor, de suas próprias estantes paulistanas, permitiu o empréstimo de livros até 1996, quando deixou de ser circulante.

P. 109-110
URUBU (soneto)

P. 109:
Nota MA: acento sobre o título:

Urub*ú*

CEPELLOS, Baptista. Bibl MA: [A/ II/ f/ 39]
Os bandeirantes. São Paulo: Estabelecimento Typographico do Fanfulla, 1906. Prefácio de Olavo Bilac.
[Poesia] IEB: MA8699149C399b

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernação em linho esverdeado, 21x15 cm.

P. 17-28:
O CONQUISTADOR

P. 22:
PARTE 15 (1 estrofe)

P.22:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 4 – estudo do vocabulário:

> Trinçam, gaviotas, sacudindo as plumas

*

P. 31-34:
O ANHANGUERA (9 estrofes)

P. 32:
Nota MA: imagem sublinhada nos v.40-41:

> Já o tempo estava lindo: a manhã rosicler
> Tinha o aroma e o calor de um seio de mulher.

*

P. 35-38:
O TIETE' (15 estrofes)

P. 35:
Nota MA: título destacado com traço inclinado:

> O Tiete' /

*

Nota da pesquisa: a temática dos rios figura em muitos poemas de MA e o Tietê mostra-se como linha de força nessa poesia desde o modernismo da década de 1920, até os versos de "A meditação sobre o Tietê", concluídos dias antes da morte do escritor, em

fevereiro de 1945. “O Tietê” de Batista Cepellos desenha-se como matriz de “Tietê”, em *Pauliceia desvairada*, poema de 13 versos que, em 1922, toca na ambição das monções e indica caminho por Mato Grosso, como Baptista Cepellos. No poema parnasiano, o eu-lírico desenvolve sua meditação à beira do rio, ponte que abre a saída de São Paulo: “De tarde, quando o sol poucos brilhos expande,/ Sozinho, a meditar em tanto não sei quê,/ tomo o rumo da Luz, vou até a Ponte Grande,/ Afim de conversar com o meu velho Tietê...” (v. 1-4). Meditação implica também interpelar o rio. O que nos traz “A meditação sobre o Tietê”, de *Lira paulistana*, no qual o poeta moderno retoma o tema do rio na sua cidade, avaliando a própria trajetória. A ideia de murmúrio das águas – “Tem saudades tambem o desditoso Rio!/ E então a sua vóz é cortar rochedo,/ Quando, quasi a chorar, num longo murmurio,/ Começa a recitar Alvares de Azevedo! (v. 37-40) expande-se na meditação de Mário de Andrade. Do mesmo modo, o motivo do progresso na cidade moderna.

*

P. 41-44:
SÃO PAULO ANTIGO (16 estrofes)

P. 43:
Nota MA: traços às margens dos v. 65-68, valorizando o passado:

> Hoje, S. Paulo meu, não há terreno
> Que te baste, no ardor com que te espandes
> Mas ai! quando tu foste assim pequeno
> Como os teus grandes homens eram grandes

*

P. 53-54:
O FUNDADOR DE S. PAULO (Soneto)

P. 53:
Nota MA:
1. imagem da cidade moderna sublinhada nos v. 3-4, 8:

> Rumoreja a cidade, em febril movimento.
> Ondeia como um rio a immensa populaça;
> E, maculando o olhar azul do firmamento,
> Erguem-se as chaminés golphejando fumaça.
>
> Estende-se o commercio em soberbo incremento;
> Circula como um sangue a riqueza na praça;
> E, numa rapidez superior a do vento,
> Os prelos dão á luz e o trem de ferro passa...

Nota da pesquisa: As imagens da cidade moderna, marcadas talvez pela leitura de Verhaeren, encontram simetria nos versos de *Pauliceia desvairada*: em "Paisagem nº 2" – "as oficinas tossem" (v.9) e "São Paulo é um palco de bailados russos"(v. 27); em "Paisagem nº 4", a estrofe 1 repetida como estrofe 3 – "caminhões rodando, as carroças rodando/ rápidas as ruas se desenrolando,/ rumor surdo e rouco, estrépitos, estalidos.../ E o largo coro de ouro das sacas de café!..." [4].

*

P. 73-81:
PALMARES

P.73-76:
PARTE I (18 estrofes)

P. 73:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 15 e sinônimo anotado – estudo do vocabulário:

> Ora, entre abysmos, sobe o muro impervio e bronco
>
> *intransitável*
> *Onde não ha caminho*

P. 74:
Nota MA: traço à margem dos v. 17-20:

> A chuva, entumescendo o bôjo das torrentes,
> Desdobra na planicie um grande lençol d'aguas,
> E a inundação lá vai com seus flancos potentes
> Alagando rechans e solapando fraguas!

Nota da pesquisa: a estrofe guarda semelhanças com o espaço do NOTURNO DE BELO HORIZONTE, poema longo de MA, de 1924, publicado em *Clã do Jaboti*. A partir do v.128, dedica-se ao fluxo da água, em construções que lembram a sonoridade parnasiana:

> As águas se assustaram
> E o estouro dos rios começou.
>
> Vão soltos pinchando rabanadas pelos ares,
> Salta aqui salta corre viravolta pingo grito
> Espumas brancas alvas
> Fluem bolhas bolas,
> Itoupavas altas...
> Borbulham bulhando em murmúrios churriantes
> Nas bolsas brandas largas das enseadas lânguidas...

[4] ANDRADE, Mário de. "Pauliceia desvairada"; in: *Poesias completas*, v.1. Edição preparada por Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez. São Paulo: Nova Fronteira, 2013, p. 100-101.

De supetão fosso.[5]

P. 75:
Nota MA: expressão sublinhada no v.60 e exclamações duplas:

> Grande é a sua missão: rasgar com energia,
> Através dos sertões, um victorioso ingresso,
> Pelo qual o Brasil ha de fazer um dia
> Correr triumphalmente o carro do progresso *!!*

Nota da pesquisa: MA colhe, uma vez mais, ideias que se ligam ao imaginário da cidade em expansão, explorado em *Pauliceia desvairada*.

P.76-77:
PARTE II (5 estrofes)

P. 76:
Notas MA:

1. palavra sublinhada no v. 2 e sinônimo anotado – estudo do vocabulário:

   Bolsa de couro que se prende á cinta [bras]

   A' guaiaca o facão, sopesando o trabuco,

2. expressão sublinhada no v. 5 e exclamação de ironia:

   Logo que alli chegou, as trombetas da fama *!*

Nota da pesquisa: a abreviatura "bras" refere-se a "brasileirismo", denominação criada por MA para vulgarismo, fenômeno reconhecido em seus estudos da gramática portuguesa.

P.78-79:
PARTE IV (9 estrofes)

P. 79:
Nota MA: traços às margens dos v. 17-20, destacando a fala heroica de Zamby:

> Mas pelo amor de pátria, essa noiva impolluta
> Que embala o berço leve e sustenta o guerreiro,
> Palmarenses, luctai até morrer na lucta,
> Porque a derrota é o captiveiro, é o captiveiro!...

[5] Idem. "Clã do jaboti" In: *Poesias completas*, v.1. Ed. cit., p.246.

*

P. 82-95:
MUSA PATRÍCIA

P. 91-92
DITOSA PATRIA (Soneto)

P. 91:
Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

> Ditosa patria

*

P. 97-98:
PANORAMA AGRESTE (Soneto)

P. 98:
Nota MA: imagem sublinhada nos v. 13-14:

> E, emquanto vão seguindo uns lavradores tardos,
> Longe num desfilar de pelotões galhardos,
> O milharal sacode os loiros capacetes...

*

P. 99-109:
O HOMEM E AS ESTAÇÕES

P. 102:
IV – INVERNO (soneto)

P. 102:
Nota MA: título sublinhado:

> Inverno

Nota da pesquisa: Em *Há uma gota de sangue em cada poema*, livro de estreia de MA, sob o pseudônimo de Mário Sobral, em 1917, "Inverno" registra a paisagem europeia, assim como faz Baptista Cepellos, caracterizando a estação pelo cenário embranquecido.

*

P. 159-166:
MATTA VIRGEM (12 estrofes)

P.163:
Nota MA: aliteração sublinhada no v.185 – estudo da sonoridade:

Sôa surda e subtil, num sussurro em surdina,

P.165:
Nota MA: traços às margens dos v. 228-233:

Vem nas aragens finas
Um perfume sensual de hervas e de resinas
Que o sol amachucou durante o dia inteiro.
Ai! sente-se um languor, respirando esse cheiro,
Como si a nossa fronte, a pender de cansaço,
Rolasse com prazer na quentura de um braço!
Dahi a pouco, apparece a lua branca e plena,
Que fica a rebrilhar, sonhadora e serena,
Acima de um granito onde irradia tanto,
Que lembra um resplendor á cabeça de um santo...

Nota da pesquisa: destaque de uma sequência longa de imagens que reforçam a ideia de entorpecimento e preguiça amparada pelo ambiente de odores e pela atmosfera, elementos retomados na criação do poeta-leitor MA, em RITO DO IRMÃO PEQUENO:

É pleno dia. O ar cheira a passarinho.
O lábio se dissolve em açúcares breves,
O zumbido da mosca embalança de sol[6].

Em larga medida, liga-se ainda com *Macunaíma* e sua natureza enumerada junto à preguiça percorrida em sentido amplo. Na rapsódia, em 1928, aprofunda-se a ideia de uma preguiça criativa que se delineia como um traço particular do brasileiro: por um lado, aborda a inércia, ou seja, a impossibilidade de tomar as rédeas do próprio destino recaindo, desse modo, na alienação ou beirando a resistência: "Ter de trabucar, ele, herói!... Murmurou desolado: – Ai, que preguiça!.."[7]; por outro lado, há o ócio que propicia a arte e permite a criação.

[6] Idem. "Livro azul"; in: *Poesias completas*, v.1, Ed. cit., p.458.
[7] ANDRADE, Mário de. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Rio de Janeiro: Agir, 2008, p.51.

AZEREDO, Carlos Magalhães de Bibl. MA: A/II/f/38
Odes e elegias. Roma: Tipografia Centenari Roma, 1904.
[Poesia] IEB: MA 869.915A993o

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernação em papel-cartão, 21x15 cm.

P.125-129:
DOIS MUNDOS (18 estrofes)

P.128:
Nota MA: construção sublinhada no v. 39:

"e as folhas brandas do citiso..."

P.142:
Marca na margem superior da página

PACHECO, Felix. Bibl MA: [A/II/c/72]
Lirios brancos (poemas do lar): Ignezita - Martha e as tres. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos Editor, 1919.

Araraquara – Sala Pio Lourenço Corrêa

[Poesia]

Coleção MA, BPM – Araraquara.

Encadernado em meio couro, sem capa original, 21x15 cm.

Sem Notas MA

SILVA, Francisca Júlia da — Bibl. MA [A/II/d/71]
Esphinges. Porto: Bentley & comp., 1903.
[Poesia] — IEB: MA 869.9149S5863e

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernado em papel-cartão, 21x15 cm.

P.I-XVIII
Prefácio por João Ribeiro; Rio de Janeiro, 1º de janeiro de 1895.

Página de guarda:
Nota MA: comentário na margem superior:

Em todo caso ainda prefiro F. Julia/ nos sonetos frios às poesias que os prece-/dem. Aqui aparecem as famosias ideas poéticas: flores ao leo das águas, mergulha-/dores a buscar perolas e aos quais/ o poeta se compara... Um horror. A alma/ gemebunda da mulher aparece./ Lambiscar – sonambular - pg 113 –"

Nota da pesquisa: Estas anotações críticas de Mário de Andrade, esboço a grafite, são a primeira versão conhecida do artigo dele "Mestres do passado: IVI - Alberto de Francisca Júlia"; oferecem variantes no confronto com a versão publicada no *Jornal do Comércio,* São Paulo, 12 de agosto, 1921

P.19-20:
VIII – CREPÚSCULO (soneto)

P.20:
Nota MA: imagem sublinhada nos v. 13-14:

> Avulta e cresce dentro de mim essa remota
> Sombra da minha Dor e da minha Saudade...

*

P.21-22:
IX – A ONDINA (soneto)

P.21:
Nota MA: repetição sublinhada, ligada por traço e expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:

> Rente ao mar, que soluça e lambe a praia, a Ondina,
> Solto, às brizas da noite, o aureo cabello, nua,
> Pela praia*(1)* passeia. A opalica neblina

(*1) Único, aliás leve senão do soneto*

*

P.27-28:
XII – SONHO AFRICANO (soneto)

P. 27:
Nota MA: palavra sublinhada v. 7: "Na bocca, nessa meia escuridão de limbo", estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.31-32:
XIV – RAINHA DAS AGUAS (soneto)

P.31:
Nota MA: marca ao final do v.3:

> Corta a planura ao mar, que se desdobra inteira /

P.32:
Nota MA: repetição sublinhada no v.9 e expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:

> Vão cantando, a compasso as piérides em coro.
> Crespas, cantando*(1)* em torno, as vagas, em surdina

(1) *Há já, e infelizmente, um cantando no verso/ anterior*

*

P.45-46:
XXI – AURORA (soneto)

P.46:
Nota MA: metáforas sublinhadas nos v. 9-10, 13-14:

> Vara o diaphano véo da alvissima neblina
> Uma setta de sol. E a floresta, a campina"
> (...)
> Cheias do riso bom da natureza em festa,
> Palpitam sob a luz fecundante do sol

Nota da pesquisa: Metáforas sublinhadas por serem lugares-comuns e, possivelmente, marcada a apropriação do 4º verso do poema "A Pátria", de Olavo Bilac, que está em *Poesias Infantis*, à p. 339:

> Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste!

Criança! não verás nenhum país como este!
Olha que céu! que mar! que rios! que floresta!
A Natureza, aqui, perpetuamente em festa.

Obras Reunidas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

*

P. 47-48:
XXII – A UM POETA (soneto)

P.47:
Nota MA: imagens sublinhadas nos v.7-10 e 13-14:

Ora a magna que habita em tua alma, - guarida
Onde a negra legião das maguas se agglomera...
Não ha nos versos teus um sentimento alheio
A' dor; nelles se encontra a aspereza das fraguas
(...)
Leio os teus versos; e, em minh'alma, quando os leio,
Vae gemendo, em surdina, a musica das maguas...

*

P.49-50:
XXIII – À NOITE (soneto)

P.49:
Nota MA: metáfora sublinhada nos v. 5-8:

No alto uma estrella triste as palpebras descerra,
Lançando, noite dentro, o claro olhar piedoso.
A alma das sombras dorme; e pelos ares erra
Um morbido languor de calma e de repouso...

P.50:
Notas MA:

1. quiasmo sublinhado no v.11:

   A alma cheia de dor, a dor tão cheia de alma...

2. traço à margem esquerda do v. 14:

   É que a alma se abandona ao sabor dos enganos,
   Antegosando já chimeras presentidas
   Que, mais tarde, hão – de vir com o decorrer dos annos.

*

P.51-52:
XXIV – NATUREZA (soneto)

Um continuo voejar de moscas e de abelhas
Agita os ares de um rumor de asas medrosas;
A Natureza ri pelas boccas vermelhas
Tanto das flores más como das boas rosas.

Por contraste, has-de ouvir em noites tenebrosas
O grito dos chacaes e o pranto das ovelhas;
Brados de desespero e phrases amorosas
Pronunciadas, a medo, á concha das orelhas...

Ó Natureza, ó Mãe pérfida! tu, que crias,
Na longa successão das noites e dos dias,
Tanto aborto, que se transforma e se renova,

Quando meu pobre corpo estiver sepultado,
Mãe! transforma-o tambem num chorão recurvado
Para dar sombra fresca á minha propria cova.

Um soneto indigno do livro. É este um/ defeito de muitos artista de, após terem/ atingido uma certa perfeição, crerem que/ tudo que lhes sai do pincel, da pena/ é de valor./O 4º verso do 1º quarteto é absolutamente/ ridículo. Aliás os dois quartetos estão/ no soneto porque... era preciso haver/ dois quartetos, pois não formam corpo/ com a idea principal que por si/ também nada ~~vale~~. Os versos cons-/truíram-se pesadamente a custa de/ hemistíquios martelados e de ~~ideas/~~ lugares-comuns; ex.: 3º e 4º versos da/ primeira quadra, 2º e 3º da segunda./ O 1º verso dos tercetos é simplesmente/ medonho, como sonoridade e ritmo

*

P.53-54:
XXV – ANGELUS (soneto)

P.54:
Nota MA: estranhamento da rima sublinhado no v.12, seguido por interrogação e exclamação, estudo da sonoridade:

Desejo ser a noite, ebria e douda *? !*
De trevas, o silencio, a nuvem que esvoaça,
Ou fundir-me na luz e desfazer-me toda

*

P.55-56:
XXVI – A UM ARTISTA (soneto)

P.55:

Notas MA:
1. título sublinhado por traço duplo:

A um artista

2. traço duplo à margem esquerda dos v.1-4:

Mergulha o teu olhae de fino colorista
No azul; medita um pouco, e escreve; um nada quase;
Um trecho só de prosa, uma estrophe, uma phrase
Que patenteie a mão de um requintado artista

P. 56:
Nota MA: aliteração sublinhada por traço duplo no v. 14; estudo da sonoridade:

Espumeja em cachões uma cachoeira em baixo...

*

P.57-59:
XXVII – MUSA IMPASSÍVEL

P.57-58
I – "MUSA! UM GESTO SEQUER DE DOR OU DE SINCERO" (soneto)

P.57:
Nota MA: traços à margem esquerda dos v.1-4:

Musa! Um gesto sequer de dor ou de sincero
Lucto jamais te afeie o Candido semblante!
Deante de um Job, conserva o mesmo orgulho; deante
De um morto, o mesmo olhar e sobrecenho austero

P.58-59
II – "O' MUSA, CUJO OLHAR DE PEDRA, QUE NÃO CHORA" (soneto)

Ó Musa, cujo olhar de pedra, que não chora,
Gela o sorriso ao labio e as lagrimas estanca!
Dá-me que eu vá comtigo, em liberdade franca,
Por esse grande espaço onde o impassivel mora.

Leva-me longe, ó Musa impassivel e branca!
Longe, acima do mundo, immensidade em fóra,
Onde, chammas lançando ao cortejo da aurora,
O aureo plaustro do sol nas nuvens solavanca.

Transporta-me de vez, numa ascensão ardente,
A' deliciosa paz dos Olympicos-Lares
Onde os Deuses pagãos vivem eternamente;

E onde, num longo olhar, eu possa ver comtigo,
Passarem, atravez das brumas seculares,
Os Poetas e os Heroes do grande mundo antigo.

Bilac nunca fez versos milhores do que/ êstes. São a última palavra do parnasianis-/mo. A primeira quadra é duma tal per-/feição técnica, que nada há que a supere.

*

P.85-86
INCONSOLAVEIS (5 estrofes)

P.85:
Nota MA: cruzeta do lado esquerdo do título:

X Inconsolaveis

P.86:
Nota MA: imagem sublinhada nos v.13-14 e expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:

Mas não, almas! Soltae a vossa queixa triste;
Contae ao mundo inteiro a vossa magua justa *(1)*

(*1) Bem mostra que F. Julia mu-/dara de ideal. Estes dois versos/ desfazem os versos orgulhosos/ e desumanos de Musa Impas-/sivel*

*

P.89-91
DE JOELHOS (9 estrofes)

P.89:
Nota MA: cruzeta do lado esquerdo do título:

X De joelhos

P.90:
Nota MA: imagem sublinhada nos v.10-12, 23-24:

O olhar choroso e profundo,
Parece estar no Outro-Mundo
De outros mysterios e de outras vidas...
[...]
A morte, para repouso,
Para socego, para descanço

*

P.93-95
DE VOLTA DA GUERRA (10 estrofes)

P.94:
Nota MA: tema sublinhado nos v.15-16:

> Quando fui para a guerra, o sol nascia;
> Fiquei com os olhos humidos de pranto;
> Minha esposa, meus filhos nesse dia
> Choraram tanto!

As tais ideas que comovem

*

P.99-101
A PRIMAVERA (9 estrofes)

P.99:
Nota MA: traço às margens dos v. 1-4:

> Desponta clara manhã;
> Os passarinhos em bando
> Cortam os ares, cantando
> Numa alegria louçã"

*

P.105-107
MUDEZ (5 ESTROFES)

P.105:
Nota MA: cruzeta do lado esquerdo do título:

> *X* Mudez

P.105-107:
Notas MA:

1. imagem sublinhada nos v. 9-14;
2. oxímoro sublinhado no v.17:

> Já rumores não ha; não ha; calou-se
> Tudo. Um silencio deleitoso e morno
> Vae-se espalhando em torno
> A's folhagens tranquillas do pomar.
>
> Torna-se o vento cada vez mais doce...
> Silencio... Ouve-se apenas o gemido

De um pequenino passaro perdido
Que inda espaneja as suas azas no ar.

Ouve-me, amiga, este é o silencio, o grande
Silencio, o rei das trevas e da calma,
Onde, ás vezes, noss'alma,
Penetrada de maguas e de dor,
Se dilata, se expande,
E seus segredos intimos mergulha...
Prolonga-se a mudez: nenhuma bulha;
Já se não ouve o minimo rumor.

Esta é a mudez, esta é a mudez que falla
(Não aos ouvidos, não, porque os ouvidos
Não conseguem ouvir esses gemidos
Que ella derrama, á noite, sobre nós)
Á alma de quem se embala
Numa saudade mystica e tranquilla...
Nossa alma apenas é que póde ouvil-a,
E que consegue perceber-lhe a voz.

Escuta a queixa tacita e celeste
Que este silencio falla a ti, tão triste...
E has-de lembrar o dia em que tu viste
Perto de ti, pela primeira vez,
Alguem a quem disseste
Uma phrase de amor, de amor... ó louca!
E que, no emtanto, só mostrou na bocca
A mais brutal e ironica mudez!"

Um dos poemas mais belos do/ Brasil

*

P.109-110
PRANTO DE LUAR (5 estrofes)

P. 109:
Nota MA: imagem sublinhada no v.1:

No longo espasmo do silencio, alegre e franca

P.110:
Nota MA: traço às margens dos v.9-10:

| Mas uma noite, o espaço todo ornado em festa,
| Teu esposo partiu, emfim...(Quanto desgosto!) |

*

P.111-113
NOITE DE INVERNO (7 estrofes)

P.112:
Nota MA: traço à margem dos v. 13-20:

> "Ai! Que pungente pensar que um bando
> De pobresinhas creanças nuas, corre nest'hora ruas e ruas
> Choramingando.
>
> "E eu tenho leitos, boas flanellas,
> Fogão acceso, carne em tressalhos:
> Ai! Se eu pudesse dar agasalhos
> A todas ellas!"

P.113:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v. 28: "Somnambulando", estudo do vocabulário parnasiano.
2. comentário no rodapé:

A poesia é boa. Tem um ritmo amedrontador/ de Dies Irae. Mas aquelas duas estrofes/ dum João-de-Deusismo inefável! Oh!/ Não quero por ridícula a caridade e tenho/ dó dos pobres mas as caridades poéticas/ são como os dós... de peito, horripilam

Notas da pesquisa:
a) A locução *Dies Irae* ("Dia da Ira") sinaliza a evocação do Juízo Final, tema constante de poetas e compositores.
b) Referência a João de Deus de Nogueira Ramos (1830-1896). Em sua biblioteca, MA possui do poeta português: *Flores do Campo* (Porto: Livraria Universal, 1876 MA 869.161 R175f 2ª Ed) e dois exemplares de *Folhas soltas* (Porto: Magalhães e Moniz, 1870 MA 869.161 R175o , 1876 MA 869. 161 R175fo). Os livros possuem muitas notas de leitura, ligadas, sobretudo, ao estudo da sonoridade (aliteração, assonância, rimas).

*

P.117-118
VIDA (soneto)

P.117:
Notas MA:
1. metáfora sublinhada no v.1:

> Genero triste de comedia, a Vida:

2. traço à margem dos v. 5-8:

Feliz daquelle que na mão erguida
Mostra do goso os sazonados pomos:
Desses não fui, não foste e nunca fomos...
Pobre de mim, pobre de nós, querida!

*

P.119-121
INVERNO (9 estrofes)

P.121:
Notas MA:

1. traço à margem dos v. 29-32:

De neve tudo coberto;
Os ventos correm, ás doudas;
Das quatro estações, de todas,
O inverno é a peor de certo"

2. comentário no rodapé:

Dos 5 F J será talvez a menos lírica, de/ raríssima suspiração. Citar quadra. É verda-/ de que o processo é desonesto. Com uma quadra/ não se diz duma poesia. Certo porém jurando/ que o resto é o mesmo lenga-lenga repo-/lhuda e vazia. Quão lonje estamos do/ inverno de Verlaine que irritou a Tolstoi!"

Nota da pesquisa: O comentário assemelha-se a um rascunho, pois MA deixa um lembrete para si mesmo: "Citar quadra". Pode-se pensar que esta nota tenha sido redigida no período de elaboração do artigo "Francisca Julia", que integra a parte II da série *Mestres do Passado*, publicado em 12 de agosto de 1921 no *Jornal do Comércio.* No artigo de Mário, a introdução traz elementos desta anotação: "De todos os cinco grandes nomes que escolhi, pertencentes à geração parnasiana, Francisca Júlia foi a de menos inspiração." (In: BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro: antecedentes da Semana de Arte Moderna*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1971, p. 259).

HERMES FONTES. Bibl MA: [A/II/d/54]
Apotheoses. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1915.
Araraquara – Sala Pio Lourenço Corrêa

[Poesia]

Coleção MA, BPM – Araraquara.

Encadernado em meio couro, sem capa original, 21x15 cm.

P. 1-4
LEGENDA

P. 3
LEGENDA (1 estrofe)

P. 3
Nota MA: título sublinhado:

Legenda

**

P. 19-34
APOTHEOSE DA LUZ

P. 24
II – MANHAN (soneto)

P.24:
Nota MA: traço de destaque ao lado do título:

Manhan

**

P. 35-52
APOTHEOSE DA NOUTE

P. 42-44
QUARTO-CRESCENTE (8 estrofes)

P.42:
Nota MA: destaque sob o título:

Quarto-crescente

**

P. 53-56
APOTHEOSE DA VIDA

P. 55
EXHORTAÇÃO (soneto)

P.55:
Nota MA: destaque sob o título:

Exhortação

Nota de terceiros a tinta azul: v. 8 sublinhado e posto entre colchetes:
"[e o Passado, o que foi... nunca mais vem.]"

Nota da pesquisa: A Biblioteca Pública de Araraquara, beneficiária da doação de Mário de Andrade, composta de obras retiradas pelo do escritor, de suas próprias estantes paulistanas, permitiu o empréstimo de livros até 1996, quando deixou de ser circulante.

**

P. 57-68
LENDAS

P.59
I (LENDA HUMANA) (soneto)

P.59:
Nota MA: destaque duplo sob o título:

(Lenda humana)//

**

P. 69-94
VISÕES

P.72
II – A UM DESILLUDIDO (soneto)

P.72:
Nota MA: destaque duplo sob o título:

A um desilludido//

*

P.73
III - VISÃO PESSIMISTA (soneto)

P.73:
Nota MA: articulação lógica sublinhada nos v. 12-14:

> E, no emtanto, eu talvez, não fôra um Sêr tão vago,
> talvez não carregasse as penas que carrego,
> si não trouxesse em mim o coração que trago!...

Nota da pesquisa: articulação lógica do pensamento narrativo/ descritivo, adotando marcadores explicativos ("no entanto", "talvez", "que"), solução formal comum no parnasianismo.

**

P. 95
APOTHEOSE DA MORTE

P.97
EXHORTAÇÃO (soneto)

P.97:
Nota MA: construção sublinhada nos v. 12-14:

> Vão virgulando a Noute: e a Noute conjectura
> ver, em cada cypreste – um ponto-exclamativo,
> e uma interrogação – em cada sepultura...

*

P.105
III – OUTRA VIDA (soneto)

P.105:
Nota MA: destaque sob o título:

> Outra vida/

*

P.107-112
V – VISÃO DA MORTE (20 estrofes)

P.109-111:
Nota MA: ideia sublinhada nos v. 33-34:

Antes da verdadeira orphandade, me veio
a orphandade parcial da Fé e do Carinho;

**

P. 113-130
APOTHEOSE DO CÉO

P.115
EXHORTAÇÃO (soneto)

P. 115:
Nota MA: construção paralela sublinhada nos v. 13-14:

É o luar que o berço da Alma nos balança:
para os que morrem – o último socêgo,
para os que vivem – a última esperança.

*

P.117
I ALTAR – CRÊR (soneto)

P. 115:
Nota MA: título sublinhado

Crêr

*

P.119
I ALTAR – AMAR (soneto)

P. 119:
Nota MA: expressão sublinhada no v.14:

- Chave das religiões... Religião sem enigma...

*

P.125
III – FILHO (8 estrofes)

P. 125:
Nota MA: título sublinhado:

Filho

**

P.131-148

APOTHEOSE DO INFERNO

P.143
IV – PROMETHEU (14 estrofes)

P. 144:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 21 – estudo do vocabulário parnasiano:

o conspecto feróz...

**

P.149-162
APOTHEOSE DOS SONS

P.151-153
EXHORTAÇÃO (10 estrofes)

P.151-153:
Notas MA:
1. título sublinhado:

Exhortação

2. traço à margem dos v.21-24:

Som (não somente o som articulado)
é o protesto das cousas sôbre a Terra:
seja o gorgeio, o grasno, e gemido, o uivo, o brado,
alguma cousa o som encerra;

É um protesto de amôr ou de vingança.
Quando uma pedra cáe, ha um som, e diz:
"A mão que me impelliu, si de sêr má não cança,
não ha-de, nunca, sêr feliz."

Mais tarde, pousa a mão sôbre algum tronco,
sôbre algum tronco de árvore da estrada;
e, não sei como, cáe, a um som áspero e bronco,
a pedra, e a mão fica esmagada...

E, assim, nos outros vários elementos,
som é jura, é promessa, um grito, um ai!,
das violetas azúes aos cascavéis odientos,
da alma que vem, à alma que vae...

Certo é, porém, que a Intelligência humana
melhor, o vibra, com mais gôso o sente;

pois que, em geral, o que do Espírito promana,
é harmonioso e surprehendente...

E não ha sons de tão subtis effeitos,
nem tão dolentes, nem tão meigos, quaes
os doloridos sons de que, sempre são feitos
os corações sentimentaes...

Cytharas... bandolins... flautas... violinos,
cantam... encantam... Mas o som dilecto
é o rumôr passional de uns beijos crystallinos,
– é a suave música do Affecto...

Som que tem côr, fulgôr, sabôr, perfume:
– sabôr de lábio que ósculos requer...
Som, cujas proporções iriaes, só as assume
a vóz sensual de uma mulher...

Delle, os nossos ouvidos andam cheios...
Sensibiliza a Natureza bruta...
Velludosa canção de arrulhos e gorgeios,
que, muita vez, sem soar, se escuta...

É o som, porfim, que as almas, fibra a fibra,
toma, de um prêmio ávido e invasôr:
é o som que fala, é o som que chora, é o som que vibra...
– é a vóz humana, é a vóz do Amôr...

Nota da pesquisa: no "Prefácio interessantíssimo" de *Pauliceia desvairada* (1922), MA estabelece o conceito de verso harmônico e ilustra a teoria com o v.7 de "Tietê": "Harmonia: combinação de sons simultâneos. Exemplo: "Arroubos... Setas... Cantigas... Povoar!". Estas palavras não se ligam. Não formam enumeração. Cada uma é frase, período elíptico, reduzido ao mínimo telegráfico". Os v. 25-26 do poema de Hermes Fontes, "Cytharas... bandolins... flautas... violinos,/ cantam... encantam... Mas o som dilecto" trazem forma gráfica similar. Apesar das palavras pertencerem a um mesmo grupo semântico, seu arranjo na frase, entre reticências, é idêntico. Outros exemplos em *Pauliceia desvairada* aproximam-se dessa construção de Hermes Fontes:

"E o leito virginal... Tudo azul e branco!/ Descansar... Os anjos... Imaculado!" ("Domingo", v. 31-32, p.91)

"Roubar... Vencer... Viver os repespeitosamentes, no crepúsculo..." ("A caçada", v. 14, p. 94)

"Escuridão dum meio-dia de invernia.../ Marasmos... Estremeações... Brancos..." ("Paisagem nº2", v. 1-2, p. 100)

Além da disposição gráfica destes versos, observa-se também o uso frequente de reticências ao final de versos nos livros dos dois poetas.

*

P.155
I – AS ONDAS (2 estrofes)

P. 155:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 8 – estudo do vocabulário parnasiano:

> A música (disserta a agua do mar), defino-a
> assim – "os sons, mediante uma combinação."
> A música do Mar, monótona e contínua,
> é tudo; é superiôr á musica das aves
> que agora cantam, mas nem sempre cantarão...
> E o Mar é eterno... e enfeixa em suas notas graves
> bôccas sem pão, que estão lamentando-se, em vão...
>
> E as ondas vêm e vão cainnando ás praias: "...ão!..."

Nota da pesquisa: a onomatopeia descoberta pelo poeta-leitor ecoa na primeira estrofe de "Inverno", em *Há uma gota de sangue em cada poema*, livro de estreia de MA sob o pseudônimo Mário Sobral (São Paulo: impresso da Gráfica Pocai e Comp, 1917):

> "O vento reza um cantochão...
> Meio-dia. Um crepúsculo indeciso
> Gira, desde manhã, na paisagem funesta...
> De noite tempestuou
> Chuva de neve e granizo...
> Agora, calma e paz. Somente o vento
> Continua com seu oou..."[8]

*

P.161
VIII – SYMPHONIA DO OCCASO (5 estrofes)

P. 161:
Nota MA: título sublinhado

> Synphonia do occaso

*

P.162
VIII – SYMPHONIA DA NOUTE (soneto)

P. 162:

[8] ANDRADE, Mário de. "Inverno" In: "Há uma gota de sangue em cada poema"; in: *Obra imatura*. Ed. cit., p. 38.

Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

Synphonia da noute

**

P.163-176
APOTHEOSE DA CÔR

P.165-166
EXHORTAÇÃO (5 estrofes)

P.165:
Nota MA: título sublinhado:

Exhortação

*

P.171
V – ROSA (soneto)

P.171
Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

Rosa

*

P.174
VIII – CAMELIA (soneto)

P.171
Nota MA: título sublinhado:

Camelia

*

P.175
IX – PERPETUA (soneto)

P.175
Notas MA:
1. título sublinhado por traço duplo:

Perpetua

2. inversão sublinhada no v.4:

tal si uma flôr a alguem pudesse fazer mal!

**

P.177-188
APOTHEOSE DAS AZAS

P.179
EXHORTAÇÃO (soneto)

P.179:
Nota MA: palavra sublinhada no v.2 – estudo do vocabulário parnasiano:

e subir aos semfins das cousas luminosas,

*

P.181
I – CIGARRA (soneto)

P.181
Nota MA: título sublinhado:

Cigarra

*

P.183
III – PAVÃO (soneto)

P.183
Nota MA: título sublinhado:

Pavão

*

P.186
VI – CORUJA (soneto)

P.186
Nota MA: título sublinhado:

Coruja

**

P.189-242
APOTHEOSE DO AMÔR

P.206
MÃE (soneto)

P.206:
Nota MA: título sublinhado

Mãe

*

P.226-233
XVI – CULTO AOS OLHOS (30 estrofes)

P.226
Nota MA: título sublinhado:

Culto aos olhos

P.229
Nota MA: traço horizontal na margem superior

*

P.239
XVIII - SOLEMNEMENTE (soneto)

P.239
Nota MA: título sublinhado:

Solemnemente

**

P.243-260
NOTAS APPENSAS

P.260:
Nota MA: comentário no rodapé:

Peço-lhe enviar o livro [ilegível]*/ lhe dê sossego.*

**

P.261

INDICE

P.261:
Nota MA: comentário na margem superior:

É de se estranhar que lhes / deram os seus direitos.

FONTES, Hermes. Bibl MA: [A/II/a/75]

Despertar! Canto Brasileiro. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos editor, 1922**.**

[Poesia] IEB: MA 869.915F6833d

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernação em papel-cartão, 21x15 cm.

Sem Notas MA

HERMES FONTES. Bibl MA: [A/II/b/37]
Epopéa da vida – ciclo das lutas do homem. s.ed., 1917.
Araraquara – Sala Pio Lourenço Corrêa

[Poesia]

Coleção MA, BPM – Araraquara.

Encadernado em meio couro, sem capa original, 21x15 cm.

P. 7-12
FLÁMMULA

P. 9
"O ÚLTIMO QUER DIZER – o mais completo."(11 estrofes)

P. 9
Nota MA: construção destacada por traço duplo nos v. 5-8:

> D'ahi a penosissima vaidade
> de criatura arvorando-se em criador:
> e o destino infeliz da Humanidade
> – antes, a Dôr; durante, a Dôr; depois, a Dôr.

**

P. 33-52
III – LUTAS COM A NATUREZA

P. 45-48
TORRE DE BABEL (7 estrofes)

P. 47
Nota MA: conclusão sublinhada no v. 53:

> é sonora e confusa: Uma desharmonia.

HERMES FONTES. Bibl MA: [A/II/b/35]
Microcosmo. Rio de Janeiro: Livraria Leite Ribeiro & Maurillo, 1919.
Araraquara – Sala Pio Lourenço Corrêa

[Poesia]

Coleção MA, BPM – Araraquara.

P. 7-14
ELOGIO (17 estrofes)

P. 10-12
Notas MA: aspas coletando reflexões nos v. 16-18, 22-24, 28-30, 34-36, 40-42:

> “ Uns, são cantores; outros, operarios;
> outros, são architectos
> e todos, bons, unidos, solidários: ”
> [...]
> “ E são beijos, são núpcias amorosas
> no camarim de um calix de açucena
> ou na concha de pétala das rosas. ”
> [...]
> “ A luta pelo pão, que é um triste imposto
> da Natureza, para insecto é antes
> um motivo de graça e bom-gosto: ”
> [...]
> “ Abençoados irmãos trabalhadores
> cuja officina é o seio
> dos fructos sazonados e das flores! ”
> [...]
> “ Amo-os, na sua simples natureza,
> que é um vago surto para a phantasia
> da Graça e da Belleza.”

**

P.15-40
PRIMEIRA PARTE

P. 17-40
OS INSECTOS

P. 21-22
A ARANHA (soneto)

P. 22
Notas MA: aspas coletando retratos dos insetos no v. 12-14:

‘‘A aranha é muda! Mas... tem devaneios, poéta...
e faz castellos no ar, e entresonha a ventura
nos fios que compõe, nos mundos que architecta.’’

**

P. 109
ERRATA

P.109
Nota MA: correção da frase:

De mutuo auxilio e união de um formigueiro!
a

FONTES, Hermes. Bibl MA: [A/I/d/29]
Miragem do deserto. 1ª edição. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurillo, 1917.

[Poesia] IEB: MA 869.915F6833m

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernação em papel-cartão, 21x15 cm.

P. 5-26
I - ANOITECER

P. 5
"O DESERTO! O DESERTO..." (1 estrofe)

P. 5:
Nota MA: construção sublinhada nos v. 3-4 e escólio indicando estudo da versificação:

> O deserto! o deserto...
> Inhóspita paizagem!
> Céo monótono, e o areal sem termo, inserto *cheville*
> entre um barbaro mar e uma terra selvagem!

Nota da pesquisa: "Cheville" indica o acréscimo desnecessário de termos ou expressões para obter número exato na contagem silábica.

*

P. 11-13
O OCCASO, NOS MEUS OLHOS (10 estrofes)

P. 13:
Nota MA: metáfora sublinhada no v. 45:

> – lágrimas pósthumas do Sol...

*

P. 14-15
EXILIO (soneto)

P. 14:
Nota MA: rima toante sublinhada nos v. 1-2 – estudo da versificação:

> Minha vida é um exilio voluntario /
> que só eu sei o quanto é obrigatorio /

*

P. 21-22
CREPUSCULO (soneto)

P. 21:
Nota MA: traço duplo à margem dos v. 1-4, estrutura parnasiana de travessões e reiteração:

> Neste instante de dúvida e tristeza
> em que penetro meu destino, a fundo,
> sinto – eu, que adoro o Mundo e a Natureza –
> sinto que odeio a Natureza e o Mundo.

*

P. 23-25
CAHIR DA SOMBRA (14 estrofes)

P. 23:
Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

> Cahir da sombra

**

P. 27-58
II - TRISTEZA

P.29-31
"MEUS AMIGOS, PERDÃO PELA MINHA TRISTEZA!" (16 estrofes)

P. 30:
Nota MA: idéia e estrutura sublinhadas no v. 33:

> Meus amigos, a Vida é triste em sua essencia,
> como é triste em, seu curso, o veio crystallino...
> Evoluir moralmente – é entristecer.

P. 31:
Nota MA: traço duplo à margem dos v.40-42, estrutura parnasiana de reiteração:

> Suppliquei um bordão a cada caminheiro.
> Mas o homem de hoje não soccorre ao companheiro...
> E não sabe o que pensa... E não pensa o que diz...

*

P. 32-33
BUENA – DICHA... (soneto)

P. 32:
Nota MA: título sublinhado:

Buena – dicha...

*

P. 36-37
A ATTRACÇÃO DO ABYSMO (soneto)

P. 36:
Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

A attracção do abysmo

*

P. 40-43
EM RESPOSTA

P. 40-41
PARTE I (soneto)

P. 40:
Nota MA: título e parte sublinhados:

Em resposta
I

*

P. 51-52
TRIO (soneto)

P. 51:
Notas MA:
1. título sublinhado por traço duplo:

Trio

2. ideia sublinhada no v. 8 e exclamações de ironia:

Visão de sabio, olhar de Médio, olhos de orago,
vêde que a Natureza em madrasta se esfez
ao pôr Beethoven surdo, e Demósthenes, gago
e Milton, cego, em meio ao torvelinho inglez! *!!!*

*

P. 57-58
EXTREMA FE' (soneto)

P. 57:
Nota MA: título sublinhado:

> Extrema fe'

**

P. 59-99
III – UM SORRISO...

P. 61-62
"O RISO É DOS ALEGRES; O SORRISO," (4 estrofes)

P. 61:
Nota MA: traço duplo à margem dos v. 2-5:

> O riso é dos alegres; o sorriso,
> || dos tristes. Muita vez, a Dôr avulta
> || na vaga reticencia de um sorriso
> || indeciso
> || mais que num grito de afflicção inculta.

*

P. 63-64
AUREOLA (7 estrofes)

P. 63:
Nota MA: título sublinhado:

> Aureola

*

P. 65-66
CANTIGA (8estrofes)

P. 65:
Nota MA: título sublinhado:

> Cantiga

*

P. 69-74
O TROPHÉO

P. 69-70
PARTE I (soneto)

P. 69:
Nota MA: parte sublinhada:

I

*

P. 77-78
SEIOS (soneto)

P. 77:
Nota MA: título sublinhado:

Seios

*

P. 82-83
TAÇA (soneto)

P. 82:
Nota MA: título sublinhado:

Taça

*

P. 84-85
MATINAL (8 estrofes)

P. 84:
Nota MA: título sublinhado:

Matinal

P. 85:
Nota MA: palavra sublinhada no v.31 e interrogação indicando dúvida sobre o termo – estudo do vocabulário parnasiano:

Amanhan, virão petalas? esfolhos? ?

*

P. 86-90
CARNAVAL

P. 86-87
PARTE I (8 estrofes)

P. 86:
Nota MA: construção sublinhada no v. 3:

> eu a mim mesmo me enganei: – trahi-te.

*

P. 93-94
DE RECITAL EM RECITAL... (soneto)

P. 93:
Nota MA: título sublinhado:

> De recital de recital...

*

P. 95-97
ROSA E MURTA (9 estrofes)

P. 95:
Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

> Rosa e murta

*

P. 98-99
PALAVRAS... (7 estrofes)

P. 98:
Nota MA: título sublinhado:

> Palavras

**

P. 101-121
IV – LEMBRANÇA EXTINTA

P. 103-104
"GLORIA DE RECORDAR! GLORIA SERENA" (soneto)

P. 103:
Nota MA: margem superior grifada

*

P. 107-108
ENSAIO (soneto)

P. 107:
Notas MA:
1. título sublinhado por traço duplo:

Ensaio

2. metáfora sublinhada no v. 2:

déste ao meu beijo longo de morcego

*

P. 109-110
DE OUTROS TEMPOS... (6 estrofes)

P. 109:
Nota MA: título sublinhado:

De outros tempos...

*

P. 118-121
ROSA DO LITTORAL (15 estrofes)

P. 118:
Nota MA: título sublinhado:

Rosa do littoral

**

P. 123-155
V – MIRAGEM

P. 133-135
PHILOSOPHIAS... (10 estrofes)

P. 133:
Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

Philosophias

*

P. 136-137
DESTINOS (soneto)

P. 136:
Nota MA: título sublinhado:

Destinos

*

P. 138-139
PHRASES SOLTAS (6 estrofes)

P. 138:
Nota MA: título sublinhado:

Phrases soltas

*

P. 140-142
ALTA – NOITE... (12 estrofes)

P. 140:
Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

Alta – noite...

*

P. 147-150
MIRAGEM DO DESERTO (20 estrofes)

P. 147:
Nota MA: título sublinhado:

Miragem do deserto

SOUZA, Leal de. Bibl MA: [A/I/e/38]
Bosque sagrado. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro e Maurillo, 1917.

[Poesia] Araraquara: Sala Pio Lourenço Corrêa

Coleção MA, BPM – Araraquara.

Encadernado em meio couro, sem capa original, 21x15 cm.

P.7-48
PARTE I

P.9-10
ALVORADA (6 estrofes)

P.9:
Nota MA: aliteração sublinhada no v.5 – estudo da sonoridade:

> Ou bruta pata passe e pise, á pressa, poças

Nota da pesquisa: MA usa esse verso como exemplo para explicar a Alphonsus de Guimaraens Filho, em carta de 5 de novembro de 1944, o que seriam malabarismos verbais.[9].

P.15-18
O NILO

P.15-17
O NILO – PARTE I (16 estrofes)

P.15:
Nota MA: título sublinhado:

> O Nilo

P.16:
Nota MA: construção destacada por traço nos v.25-28:

> O labio mudo, olhos gelados,
> Ergue-se a Sphinge, vendo, só,
> Em cima, em baixo, em frente, aos lados,
> Azul e pó.

*

P.19-20

[9] GUIMARAENS FILHO, Alphonsus (org.). *Itinerários: cartas a Alphonsus de Guimaraens Filho de Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. São Paulo: livraria duas cidades, 1974, p. 61-63.

BABEL

P.19:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v.2 – estudo do vocabulário:

Sobre os colles, dardando ígneas flexas, mirifica

2. ideia sublinhada no v. 14:

A de Samas – a phrase, ao descrevel-a, é estolida,

P.20:
Nota MA: ponto de exclamação destacando rima forçada no v. 19:

Junto a uma mesa d'oiro e a um leito régio, lá, *!*

*

P.22-23
A RENUNCIA (9 estrofes)

P.22:
Notas MA: aliteração sublinhada no v.3:

Ao langue olor da flora a láctea luz da Lúa,

*

P.26-27
O SACRIFICIO (13 estrofes)

P.26:
Notas MA: traço duplo destacando a aliteração; estudo da sonoridade nos v.1-3:

O vento silva e sifla aflando em flebil giro,
Raiva e vôa veloz, uiva e varre o arrebol.
Fulge o haram de Melkart á luz que banha Tyro.

P.27:
Notas MA:
1. aliteração sublinhada com traço duplo; estudo da sonoridade no v.21:

Floreiam flautas num rumor de gorgoletas.

2. Impropriedade semântica sublinhada e destacada com ponto de exclamação no v.33:

! Cáem. Rebôa um clamor de hosanas e lamentos.

*

P.34
ORACULO (soneto)

P.34:
Notas MA: Ponto de interrogação ironizando erro histórico no v.13:

Da orgulhosa confiança na victoria, ?

*

P.35
CHRISTO (soneto)

P.35:
Notas MA:
1. título sublinhado:

Christo

2. construção sublinhada no v.7:

De magoa e fé – com brilho antes não visto,

*

P.39-40
PRINCEZA MOURA (4 estrofes)

P.39:
Notas MA: construção coloquial sublinhada no v.14:

Sobre o meu peito, a dôr, em regiros, vae-e-vem;

P.40:
Notas MA:
1. rabisco destacando construção no v.22 comentário na margem:

Eleva o Amôr e inspira a Arte e enche a Illusão,

Belo ritmo

*

P.39-40
CREPUSCULO (soneto)

P.39:

Notas MA: construção sublinhada no v.14:

Sobre o meu peito, a dôr, em regiros, vae-e-vem;

*

P.47
PRINCEZA MOURA (4 estrofes)

P.47:
Notas MA:
1. título sublinhado:

Crepusculo

2. imagem sublinhada no v.1:

No suave brilho ambiente ha um tom de luar vindouro.

**

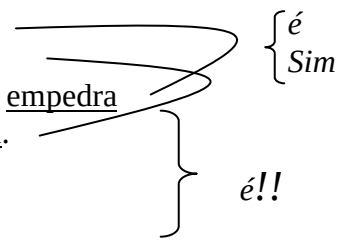
P.49-132
PARTE II

P.54
A UM PENHASCO (soneto)

P.54:
Nota MA: pares de rima ligados por traço; estudo da sonoridade; comentário sarcástico na margem dos v. 5-9 : *é/ Sim*; *é!!*

A' maneira de quem, constante, a vinha redra,
Labora a Aspiração que ao teu progresso regra
E ao Ser dando outra fórma em teus membros o empedra
Pondo-te ao turbilhão que a Força agita e alegra.

Evolúe na tua alma a grande alma da Terra!



*

P.55
MAR TROPICAL (soneto)

P.55:
Notas MA:
1. título sublinhado com traço duplo:

Mar tropical

2. palavras sublinhadas e comentário sobre significado sob o v. 8 – estudo do vocabulário parnasiano:

Dos galeões e das náos, as pesadas baleias.

Todos os galeões são naus

*

P.56-58
A VOLUPIA DA VAGA (3 estrofes)

P.56:
Nota MA: título sublinhado:

A volupia da vaga

*

P.60-62
VENUS TROPICAL (16 estrofes)

P.60:
Nota MA: rima toante sublinhada nos v. 1-2 – estudo da sonoridade:

Silencio e escuridão; um astro, um som não quebra
A escuridão silente; assim, dir-se-ha que a tréva,

P.61:
Nota MA: construção sublinhada no v.31 e exclamações destacando o v. 32; sarcasmo:

Eis, formosa, uma dama; a somnolencia azul
Dos olhos, preguiçosa, a errar, sem attenção,
Espalha; o homem talvez d'aqui julgando exul, *!*
Para despir-se agita a mão. *!!!*

P.62:
Nota MA: comentário sarcástico à margem dos v. 53-56:

Olha, célere, em torno, escutando um rumor,
E na paz de redor sombra de homem não vê,
E dos braços abrindo o marmareo pallor *É !!*
Forma uma cruz e lembra um T.

*

P.68-69
SOB O CÉO DO DESERTO (5 estrofes)

P.68:
Nota MA: traço à margem dos v. 2-5 destacando incongruência:

> Flammeja a brisa, de áscuas cheia;
> O sol a pino abrasa o ar,
> E sob o céo que se incendeia,
> Mostra o deserto, igual ao mar,
> As vagas rútilas de areia.

*

P.72-73
TERCETTOS A LUA (13 estrofes)

P.72:
Notas MA:
1. personificação sublinhada no v. 9:

> As bandeiras a arfar na arrogancia dos mastros.

2. impropriedade sublinhada no v. 15 e comentário:

> Aos barqueiros – a vaga e aos pastores – os campos.

Vaga não é paralelo de campos, sem/ mar!

P.73:
Nota MA: adjetivos sublinhados no v.30 – estudo do vocabulário parnasiano:

> Immaterialisada, espiritualisada.

*

P.80-81
CANÇÃO TRISTE (6 estrofes)

P.80:
Notas MA: título sublinhado por traço duplo:

> Canção triste

*

P.85

ESPIRAS DE FUMO (soneto)

P.85:
Nota MA: título sublinhado:

> Espiras de fumo

*

P.86-90
ESPIRAES DE SONHO (11 estrofes)

P.85:
Nota MA: título sublinhado:

> Espiraes de sonho

*

P.99-103
CORCEL MORTO (23 estrofes)

P.99:
Nota MA: título sublinhado:

> Corcel morto

*

P.104
CANÇÃO GAUCHA (2 estrofes)

P.104:
Nota MA: título sublinhado:

> Canção gaucha

*

P.105-106
ODE (6 estrofes)

P.105:
Nota MA: impropriedade grifada e destacada por exclamação de sarcasmo no v.8:

> E das reabertas boccas das feridas
> *!* Saem hymnos de esperança.

*

P.109-113
PATRIA (10 estrofes)

P.113:
Nota MA: correção a erro na impressão no v. 98:

da
Precipitamente ermando a sepultura,

*

P.114-115
BALATA (4 estrofes)

P.114:
Nota MA: título sublinhado:

Balata

**

P. 133-176
PARTE IV

P.140-141
CANTO Á MANEIRA GAÚCHA (10 estrofes)

P.140:
Nota MA: título sublinhado:

Canto á maneira gaúcha

*

P.142-143
BALLADA DE ALZIRA (4 estrofes)

P.142:
Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

Ballada de Alzira

*

P.144-147
PANTUN (18 estrofes)

P.144:
Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

Pantun

*

P.158
A TAÇA (soneto)

P.158:
Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

A taça

*

P.172
PAGINA EM BRANCO (soneto)

P.172:
Nota MA: título destacado por traço:

Pagina em branco

**

P.177-
PARTE V

P.183-184
CARTA A' MINHA MÃE (5 estrofes)

P.183:
Notas MA:
1. título destacado por traço:

Carta a' minha mãe

2. ideia sublinhada nos v. 15-16:

Por amizade, – luto e tenho feito quanto
Pôde um homem fazer para não ser feliz.

*

P.193-194

NO SEIO DO SILENCIO (6 estrofes)

P.183:
Nota MA: título destacado por traço:

No seio do silencio

*

P.195-197
CANTO REAL (6 estrofes)

P.195:
Nota MA: construção sublinhada no v.11:

Sou calmo e triste, sobretudo triste,

MENDONÇA, Lúcio de. Bibl MA: [A/II/d/48]
Murmúrios e clamores. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1902.
[Poesia] IEB: MA 869.9149M5393m

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernação em linho vermelho, 21x15 cm.

Folha de rosto
Nota MA: sinal + na margem superior.

Folha de rosto
Nota MA: assinatura semi-apagada do proprietário anterior do exemplar

P.1-2
Prefácio "Carta preliminar", por Machado de Assis; Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 1872.

P. 3-52
NÉVOAS MATUTINAS

P. 22-24
A VOLTA (11 estrofes)

P. 22:
Nota MA: título sublinhado:

A volta

*

P. 31-33
GALOPE INFERNAL (6 estrofes)

P.31:
Nota MA: título sublinhado:

Galope infernal

*

P.45-46
ANGELA (3 estrofes)

P.45:
Nota MA: título sublinhado:

Angela

*

P. 47-48
TU (5 estrofes)

P. 47:
Nota MA: título sublinhado:

Tu

Nota da pesquisa: em *Pauliceia desvairada*, está o poema de título homônimo, com 7 estrofes. Em comum, versos terminados por exclamações, com encadeamento (repetição de termo no início da frase), mas tratando a musa de forma exatamente oposta.

*

P. 49-50
A VIZINHA (10 estrofes)

P. 49:
Nota MA: título sublinhado:

A vizinha

**

P.53-108
ALVORADAS

P.60-61
ALICE (6 estrofes)

P.60:
Nota MA: título sublinhado:

Alice

P. 61:
Nota MA: rima toante sublinhada no v. 26:

Já viste como o cysne fende o lago?
Como deslisa a névoa na planicie?
Como anda na clareira a pomba rôla?
É ver o andar de Alice

*

P. 62-64
A INSENSIVEL (11 estrofes)

P. 62:
Nota MA: título sublinhado:

A insensivel

P. 64:
Nota MA: ideia sublinhada no v. 46:

O olhar de uma mulher tem sempre um quê de abysmo.

*

P. 65
GALATHÉA (2 estrofes)

P. 65:
Nota MA: título sublinhado:

Galathéa

P. 68
LUSBELLA (soneto)

P. 68:
Nota MA: título sublinhado:

Lusbella

*

P. 73-74
O ANJO DA GUARDA (7 estrofes)

P. 73:
Nota MA: título sublinhado:

O anjo da guarda

*

P. 92-93
O CAVALHEIRO DO LUAR (6 estrofes)

P. 92:

Nota MA: título sublinhado:

O cavaleiro do luar

*

P. 94
NO ANNIVERSARIO DE UMA MENINA (1 estrofe)

P. 92:
Nota MA: título sublinhado:

No anniversario de uma menina

**

P.109-152
VERGASTAS

P.111-112
A MEU PRIMEIRO FILHO (6 estrofes)

P. 111:
Nota MA: título sublinhado:

A meu primeiro filho

*

P.118-120
A UM PÚLPITO QUEBRADO (8 estrofes)

P. 118:
Notas MA:

1. título sublinhado:

   A um púlpito quebrado

2. construção sublinhada no v.10:

Os terrores dramaticos do inferno!

*

P. 124
O REBELDE (soneto)

P. 124:
Nota MA: título sublinhado:

O rebelde

*

P. 125-127
A UM SENADOR DO IMPÉRIO (7 estrofes)

P. 127:
Nota MA: traço na margem dos v. 42-45:

> Refere a tradição que um despota romano
> Fez consul um cavallo. O nosso soberano,
> Caligula jogral, tyranno bonachão,
> Para nos aviltar, faz senador um cão!

*

P. 140-145
VOZES DO SECULO (17 estrofes)

P. 140:
Nota MA: título sublinhado:

Vozes do seculo

*

P.147
NO TREM DE FERRO (soneto)

P. 147:
Nota MA: título sublinhado:

No trem de ferro

**

P.153-174
VISÕES DO ABYSMO

P. 156
II - O ANJO DO PROSTIBULO (soneto)

P. 156:
Notas MA:

1. título sublinhado:

   O anjo do prostibulo

2. comparação sublinhada no v. 10:

Meiga como o perdão do Christo á Magdalena

*

P. 157
III- A BESTA MORTA (soneto)

P. 157:
Nota MA: título sublinhado:

A besta morta

*

P.159
V- A RELIGIÃO (soneto)

P. 159:
Notas MA:

1. título sublinhado:

   A religião

2. próclise sublinhada no v. 13:

Exclama o velho... "Me perdoe, padre!

*

P. 161
VII - O AMOR (soneto)

P. 161
Nota MA: sublinhada rima toante nos v. 6-7 – estudo da sonoridade:

Catholicismo, as almas, ruins ou boas,
P'ra todo o sempre! Quantas senão somem

Nos vórtices do mal! Vamos! perdôem-me!
Ao menos tu, religião, perdôas!

*

P. 165
X - A PROPRIEDADE (soneto)

P. 165:
Nota MA: título sublinhado:

A propriedade

*

P.167
XII – A PROPRIEDADE (soneto)

P. 167:
Nota MA: título sublinhado:

A propriedade

*

P.168
XIII – A PROPRIEDADE (soneto)

P. 168:
Nota MA: título sublinhado:

A propriedade

*

P.169
XIV – O CONSÓRCIO MALDITO (soneto)

P. 169:
Nota MA: título sublinhado:

O consórcio maldito

*

P.170
XV – NO FUNDO DO ABYSMO (soneto)

P. 170:
Notas MA:

1. subtítulo sublinhado:

   (paraphrase de um dicto popular)

2. rima toante sublinhada nos v. 9, 11, 13 – estudo da sonoridade:

   Ó Patria! surge deste inferno em que ardes!
   Concidadãos! debalde esperareis,
   Se das mãos do oppressor tudo esperardes.

   Não! vós não vos salvaes se não bebeis
   Todo o sangue do ultimo dos padres
   Pelo craneo do ultimo dos reis!

**

P.175-252
CANÇÕES DO OUTONO

P. 196
FLÔR DE IPÊ (5 estrofes)

P. 196:
Nota MA: título sublinhado:

   Flôr de ipê

*

P.201-202
NO MATADOURO (12 estrofes)

P. 201:
Notas MA:

1. título sublinhado:

   No matadouro

2. rima toante sublinhada nos v. 16, 18 – estudo da sonoridade:

   Sólta um surdo mugido; aquelle foi
   O seu adeus á vida. Quem conhece

Final gemido que mais triste sôe?

*

P.203-204
AMOR E AMOR (4 estrofes)

P. 203:
Nota MA: título sublinhado:

Amor e amor

*

P.214
NA CAÇA (soneto)

P. 214:
Nota MA: título sublinhado:

A caça

*

P. 215-217
O BEIJO (10 estrofes)

P. 215:
Nota MA: citação de Victor Hugo sublinhada no v.4:

A sombra era nupcial (1)... e Eva sorria...

*

P.218
AVE, MARIETA (soneto)

P. 218:
Nota MA: título sublinhado:

Ave, Marieta

*

P.219-224
DUO DE AMOR (15 estrofes)

P. 168:

Nota MA: título sublinhado:

Duo de amor

*

P.230
JOBISMO (soneto)

P. 230:
Nota MA: título sublinhado:

Jobismo

*

P. 231
A MINHA AMANTE (soneto)

P. 231:
Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

A minha amante

*

P. 232-234
VERSOS A UMA MENINA (10 estrofes)

P. 232:
Nota MA: título sublinhado:

Versos a uma menina

*

P.240-242
PELAS VICTIMAS DA SÊCCA DO CEARÁ (8 estrofes)

P. 240:
Nota MA: título sublinhado:

Pelas victimas da sêcca do ceará

*

P.245-246
A CASCATA DO IMBUHY (3 estrofes)

P. 245:
Nota MA: título sublinhado:

A cascata do Imbuhy

**

P.253-332
MUSA PEREGRINA

*

P.273-277
A ALMA DO OUTRO MUNDO (11 estrofes)

P. 273:
Nota MA: título sublinhado:

A alma de outro mundo

*

P.287-288
MORTA (8 estrofes)

P. 287:
Nota MA: título sublinhado:

Morta

*

P.297
OS DOIS ESPELHOS (3 estrofes)

P. 297:
Nota MA: título sublinhado:

Os dois espelhos

*

P.302-303
O GONDOLEIRO (4 estrofes)

P. 302:
Nota MA: título sublinhado:

O gondoleiro

*

P. 305
ME, ME, ADSUM (4 estrofes)

P. 305:
Nota MA: título sublinhado:

Me, me, adsum

*

P. 316-319
NÚMEROS DO INTERMEZZO

P. 318
XXXIV (4 estrofes)

P.318:
Nota MA: título sublinhado:

XXXIV

*

P.320-321
UMA MULHER (4 estrofes)

P. 320:
Nota MA: título sublinhado:

Uma mulher

*

P.322
SONETO (soneto)

P. 322:
Nota MA: título sublinhado:

Soneto

*

P.326-327
A MENINA DO POUSO (7 estrofes)

P. 326:
Nota MA: título sublinhado:

A menina do pouso

*

P.328-330
OS CANTOS DOS MORIBUNDOS

P. 328
I – A SERENATA (1 estrofe)

P.328:
Nota MA: título sublinhado:

A serenata

P.329-330
III – O PASSARINHO (1 estrofe)

P. 329:
Nota MA: título riscado e sublinhado:

~~O passarinho~~

*

P.332
O BEIJO (1 estrofe)

P. 332:
Nota MA: traço à margem dos v. 1-9:

> Um beijo, mas, emfim, que grande coisa é essa?
> Jura que de mais perto é jurada, promessa
> Mais clara, confissão que quer confirmação,
> Ponto roseo no *i* da palavra paixão,
> Segredo que se diz á bocca em vez da orelha,
> Instante de infinito em sussurro de abelha,
> Com resaibo de flôr intima communhão,
> Modo de respirar um pouco o coração,
> E de provar um pouco, á flôr dos labios, a alma

**

P.333

ÍNDICE

P. 333:
Nota MA: sinal + destacando o título:

Ultimo adeus! ..... + 21

P. 334:
Nota MA: sinal + destacando os títulos:

Gatathéa ..... + 66
Lusbella ..... + 68

P. 335:
Nota MA:

1. títulos sublinhados:

A meu primeiro filho 111

A um púlpito quebrado 118

Vozes do século 140

2. sinal + destacando o título:

O rebelde ..... + 124

P. 336:
Nota MA: sinal + destacando o título:

Ainda e sempre ..... + 195

P. 337:
Nota MA: títulos sublinhados:

Jobismo 230

A minha amante 231

DELFINO, Luiz Bibl MA: [C/II/f/26]
Poesias lyricas. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.
[Poesia] IEB: MA 869.9149 D349

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernação em papel-cartão, 16x12 cm.

P. 39-57
VINGANÇA

P. 49-50
V (6 estrofes)

P. 49:
Nota MA: imagem destacada por colchete nos v. 5-9:

E ululante, terrivel, passa ao longe
Rugindo o furacão!
Como as cordas de uma harpa dedilhada,
Cada vaga estalava repuxada
Do vento á ferrea mão.

DELFINO, Luiz Bibl MA: [C/II/f/25]
Intimas e Aspasias. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1935.
[Poesia] IEB: MA 869.9149 D349i

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernação em papel-cartão, 16x12 cm.

Sem Notas MA

DELFINO, Luiz
Rosas negras. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1938.
[Poesia]

Bibl MA: [C/II/d/26]

IEB: MA 869.9149 D349r

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernação em papel-cartão, 16x12 cm.

Sem Notas MA

DELFINO, Luiz Bibl MA: [C/II/f/27]
*Algas e musgos.*Vol. I. Rio de Janeiro: Livraria Pimenta de Mello, 19--.
[Poesia] IEB: MA 869.9149 D349a

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernação em papel-cartão, 16x12 cm.

Folha de anterrosto:
Nota MA: indicação de páginas na margem superior:

pgs 26, 33

Nota da pesquisa: MA indica ACCÔRDO e A MULHER, sonetos que trazem marca a grafite do leitor.

P. 11- 96
CONCHAS E PEROLAS

P. 26
ACCÔRDO (soneto)

P. 26:
Notas MA:
1. exclamação de repúdio ao cacófato marcado com duas sublinhas no v. 8:

Este amor, que vê sempre aberto um paraiso
Em qualquer parte do teu corpo astral e ondeoso,
Oh! Que, como o vento ao mar, não me deixa em repouso,
Do qual, para o meu céo ser céo, ter soes, preciso:

2. anáfora sublinhada no v.14:

Este amor, este amor, este meu louco amor!...

Nota da pesquisa: MA indica a página deste poema na folha de rosto do livro, para possíveis consultas futuras.

*

P. 33-34
A MULHER (soneto)

P. 33:
Nota MA: inversão sublinhada no v.11:

A parte d'alma que faltou á minha:

Nota da pesquisa: página indicada no anterrosto para consulta ao poema.

GUIMARÃES, Luiz. Bibl MA: [retirado]
Sonetos e rimas. 3ª. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1914.

[Poesia] Araraquara: Sala Pio Lourenço Corrêa

Coleção MA, BPM – Araraquara.

Encadernado em meio couro, sem capa original, 21x15 cm.

P. VII-XXXVIII
LUIZ GUIMARÃES
Prefácio de Fialho d'Almeida

P. VII:
Nota MA: traço duplo na margem do texto e palavra sublinhada: interesse na abordagem da poesia de compromisso social:

> Os poetas propagandistas, cantando a Justiça, derruindo velhas formulas politicas e religiosas, fazendo a apotheose da oficina e da blusa, ou conclamando, em rutilantes alexandrinos, as invenções, descobertas e syntheses da sciencia e da industria, são prosadores castrando em rimas imprevistas ou sonoras, os periodos que vão escrevendo. Como agente de propaganda, a poesia é o mais frouxo dos vehiculos litterarios; e como a sua organisação femenil, os seus delicados moldes, o artificio das rimas e o mosaico das imagens, ella amesquinha e o impeto dos altos problemas que tem mira vulgarisar.

P. VIII:
Notas MA:
1. trecho sublinhado – definição e temas:

Estabelece as correlações intimas, as mysteriosas affinidades, da religião com o amor, e do amor com a familia e com a patria.

2. palavra sublinhada – estudo do vocabulário:

Mas eis que o poeta chega e dá corpo a estes sons errantes, a estes vortilhões da imaginação collectiva, a estas tendencias sonoras da alma, sublimada por aspirações de mais generosa altura;

P. XV:
Nota MA: trecho sublinhado – abordagem do sentimento amoroso:

O amor, quando não seja um calculo, transfaz-se n'numa extravagancia dos sentidos, que falsearam a impressão para que tinham sido creados.

P. XVI:
Nota MA: palavra sublinhada – estudo do vocabulário:

[...] e tão embellecada a imagem, duma cinzelura vaporosa!

P. XVII:
Nota MA: palavra sublinhada – estudo do vocabulário parnasiano:

Atravez das evoluções do espirito moderno, no vortilhão doentio dos que todos os dias renovam os seus ideaes [...]

P. XXI:
Nota MA: palavra rara sublinhada – estudo do vocabulário:

Mas como generalisar hoje uma tal poesia, quando o espirito não tem mais o perfume da adolescencia, e a frescuras das edades primaveis?

P. XXVI:
Nota MA: palavra francesa sublinhada – estudo do vocabulário: emprego de termos franceses:

Guimarães sabe a pittoresca impressão que produz falando assim. Aquella *soutache* poetica que a bocca emitte articulando os beiços em buraco de flauta [...]

P. XXVII:
Notas MA:
1. palavras francesas sublinhada – estudo do vocabulário:

[...] d'uma incrustação, d'uma *rocaille*, a nossa velha lingua mãe, e por muito tempo deixam na orelha no diffusão da mais voluptuosa symphonia.

2. trecho destacado por traço duplo e palavra sublinhada – estudo do vocabulário:

Uma tal linguagem parece feita para ser falada em côrtes d'amor: há n'ella preguiças, começos d'ais, *frou-frous* de roupas, titilações...

P. XXVII:
Nota MA: trecho sublinhado: linguagem crítica descritiva, parafraseando o texto do poeta:

[...] e se ouvem as nupcias da seiva, caule a caule, na mysteriosa alcova das florestas, o espirito, naturalmente exaltado á contemplação, deriva por seu turno na cheia sensual d'esses titanicos e cosmicos amores.

P. XXXIV:
Nota MA: palavra francesa sublinhada – estudo do vocabulário:

[...] publico sceptico e *blasé*, que tendo visto baquear todas as sortes de cultos e ideaes [...]

P. XXXV:
Nota MA: palavra francesa e palavras raras sublinhadas: – estudo do vocabulário:

[...] aguia ou albatroz por cima da vaga ullulante, um fim de walsa fugindo pela janella entreaberta, *silhouettes* de cupulas, escorços de paysagens, perfis de mulher, qualquer effeito ou qualquer tom – para cristallisar depois do engaste d'um soneto ou de meia duzia d'estrofes. Deliciosa maneira artistica, onde eu descubro o que de mais puro tem a lingua e a poesia de mais plastico; e onde, como n'um cyclorama vertiginoso, scintillam transparencias d'agua entre macissos de folhagens, rumores de abelhas e trilos d'aves, zigue-zagues de caprichos, acharoados de occaso [...]

P.1-2
MYSTICISMO (soneto)

P.1:
Nota MA: chave selecionando os v.1-4:

A'luz do teu sorriso
Meigo como o luar,
Sinto minha alma entrar
No azul do Paraiso;

**

P.3-108
PRIMEIRA PARTE

P.5-6
O CORAÇÃO QUE BATE N'ESTE PEITO (soneto)

P.5:
Nota MA: cruzeta na margem superior

*

P.7
O ESQUIFE (soneto)

P.7:
Notas MA:
1. título destacado por traço duplo:

O esquife //

2. contorno delimitando a ideia nos v. 9-10:

Mas eu que acabo de te ver perdida
Nos abysmos sem fim da Natureza,

3. chave destacando ideia que se liga aos v 9-10, nos v.12-14:

> Eu que perdi comtigo a fortaleza,
> As illusões, o goso, a crença e a vida,
> Ah! eu bem sei quanto esse esquife pesa!

*

P.8
O SOMNO DE UM ANJO (soneto)

P.8:
Nota MA: título destacado por traço:

> O somno de um anjo /

*

P.11
VISITA Á CASA PATERNA (soneto)

P.8:
Nota MA: título destacado por traço duplo:

> Visita á casa paterna //

*

P.12
A ESMOLA (soneto)

P.12:
Nota MA: título destacado por traço duplo:

> A esmola //

*

P.13-18
A MORTE DA AGUIA (17 estrofes)

P.13:
Nota MA: título destacado por traço:

> A morte da aguia /

*

P.19
TEMPERAMENTOS (2 estrofes)

P.13:
Nota MA: título destacado por um traço:

Temperamento /

*

P.20
MEU PAI (soneto)

P.20:
Nota MA: título destacado por traço:

Meu pai /

*

P.21
A VOZ DAS ARVORES (soneto)

P.21:
Nota MA: título destacado por traço:

A voz das arvores /

*

P.22
NOITE TROPICAL (soneto)

P.22:
Nota MA: título destacado por traço:

Noite tropical /

*

P.24
NATAL (soneto)

P.24:
Notas MA:
1. título destacado por traço:

Natal /

2. contorno delimitando imagens no v.2:

> Limpo de magoas, nú de desenganos:

*

P.25
A NOITE DE S.JOÃO (soneto)

P.25:
Notas MA:
1. título destacado por traço:

A noite de S. João/

2. imagem sublinhada no v.6 – estudo do vocabulário parnasiano:

Favorita de Deus – nua resvela

*

P.26-29
OS BOHEMIOS (13 estrofes)

P.26:
Nota MA: título destacado por traço:

OS BOHEMIOS/

P.28:
Nota MA: ideia destacada por traço nos v.29-32:

> Oh pobres aves sem ninho!
> Pobres arabes sem tenda!
> Que em vosso negro caminho
> A morte não vos surprenda!

*

P.30
LONDRES (soneto)

P.30:
Nota MA: cruzeta destacando os v.5-8:

> Dos lampeões á dubia claridade,
> Passam, repassam vultos cautelosos:
> Este procura no mysterio os gosos,

Procura aquelle um pão, na realidade.

*

P.31
A AVÓ (soneto)

P.31:
Nota MA: título destacado por traço duplo:

A avó //

*

P.32
SONETO ROMANTICO (soneto)

P.32:
Nota MA: título destacado por traço:

Soneto romantico /

*

P.33
HORA DE AMOR (soneto)

P.33:
Notas MA:
1. título destacado por traço duplo:

Hora de amor //

2. comparação destacada por parênteses nos v.7-8:

Como a opala ao luar,– (e procurava
Os mudos olhos meus, de espaço a espaço.)

*

P.34
O JAGUAR (soneto)

P.34:
Nota MA: título destacado por traço:

O jaguar /

*

P.35
ARTE POETICA (4 estrofes)

P.35:
Nota MA: comparação ironizada com pontos de exclamação no v.5:

Outras vezes, como uma caricia *!!*

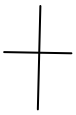
*

P.37
DIVA (soneto)

P.37:
Notas MA:
1. título destacado por traço:

Diva /

2. construção destacada por cruzeta nos v.5-8:



Faz desmaiar os fulgores
Dos salões irradiantes,
Rainha dos diamantes,
Celeste flôr entre as flôres:

*

P.38
JESUS (soneto)

P.38:
Nota MA: título destacado por traço:

Jesus /

*

P.39
SUPPLICAS MATERNAS (2 estrofes)

P.39:
Nota MA: título destacado por traço:

Supplicas maternas /

*

P.40
SAUDADE DAS MONTANHAS (soneto)

P.40:
Nota MA: chave marcando a construção nos v.9-11:

Sinto gemer-me o coração ferido:
Que dôr é esta que meu peito encerra?
Que dôr formou-te, oh intimo gemido?

*

P.41
O PHAROL (soneto)

P.41:
Nota apócrifa, a lápis (letra de outrem): comentário pessoal ao segundo terceto do poema:

A clara luz dos teus profundos olhos! *que*
nunca *chegam*

*

P.42
IDILIO (11 estrofes)

P.42:
Nota MA: título destacado por traço:

Idilio /

P.45
AS ESTRELLAS (soneto)

P.45:
Nota MA: fragmentos riscados nos v.9-14:

~~Ás vezes, levo as noites, fielmente,~~
~~A vos seguir ahi nas nebulosas~~
~~Planicies~~ como um cão triste e dormente...

Mas vós fugis de mim! – ~~silenciosas~~
~~Mergulhais no Infinito~~, de repente,

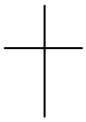
~~Como um bando de lettras luminosas~~.

*

P.46
O DANUBIO AZUL (soneto)

P.46:
Notas MA:
1. frases anuladas por riscos nos v.1, 5, 14;
2. cruzeta destacando construção nos v.5-8:

~~Desçamos ao jardim: dê-me o seu braço,~~
– Ella me disse – Este calor me mata!
E em sua espadua nua um véo de prata
Luzia: – era o calor, era o cansaço.



Seguimos a ~~alameda~~ conversando:
Que voz celeste! que inflexões que tinha!
Uma voz de contralto e de rainha,
Ora imponente, ora um murmurio brando.

E á tibia luz da Aurora que esgarçava
Da morta noite o solitario vello,
Toda minha alma, tremula escutava,

Cheia de um longo, - d'um profundo anhello,
Aquella ardente voz que suspirava
~~Como o *Danubio azul* n'um violoncello~~.

*

P.48
MADRUGADA NA ROÇA (soneto)

P.48:
Notas MA:
1. título sublinhado:

Madrugada na roça

2. cruzeta destacando construção nos v.5-8:

O arrieiro, tonto de preguiça,
Desperta apenas: – ao bulir das mattas
Vem misturar-se o echo das cascatas,
E os lentos dobres da primeira missa.

*

P.51
OS ALBATROZES (soneto)

P.51:
Notas MA:
1. título sublinhado:

Os albatrozes

2. tique na margem superior;

3. cruzeta destacando imagem nos v.5-8:

Os raios silvam, retalhando a espuma,
Uivam os ventos tragicos do norte;
E as grandes aves, sem temer a morte,
Pousam nas ondas, – sacudindo a pluma.

*

P.52
DIA DE FINADOS (soneto)

P.52:
Nota MA: título sublinhado:

Dia de finados

*

P.54
AMAR E SER AMADA (soneto)

P.54:
Nota MA: traço sob o título:

Amar e ser amada

Nota da pesquisa: de imediato, o título "Amar sem ser amado, ora pinhões!", que MA publica em *Remate de Males*, surge como ponto de contato. Ambos poemas tratam do amor interdito: no parnasiano, sentimento não correspondido; no moderno, cobiça da mulher casada.

*

P.55
METAMORPHOSE (soneto)

P.55:
Nota MA: traço sob o título:

Metamorphose

*

P.56
PAISAGEM (soneto)

P.56:
Nota MA: traço sob o título:

Paisagem

*

P.58
MATTA VIRGEM (soneto)

P.58:
Nota MA: traço sob o título:

Matta virgem

*

P.59
O BOM DOUTOR (2 estrofes)

P.59:
Nota MA: traço sob o título:

O bom doutor

*

P.60
O SOL NO MAR (soneto)

P.60:
Nota MA: traço sob o título:

O sol no mar

*

P.61
A BORRALHEIRA (soneto)

P.61:
Nota MA: traço sob o título:

A borralheira

*

P.63
PAULO E VIRGINIA (soneto)

P.63:
Notas MA:
1. traço sob o título:

Paulo e Virginia

2. construção sublinhada nos v.1-4:

Fomos um dia alegres, estouvados,
Ao clarão matinal do sol nascente,
Colher as flôres do vergel ridente
E as primeiras amoras dos cercados.

*

P.64
O FILHO (soneto)

P.64:
Nota MA: traço sob o título:

O filho

*

P.65
A CARAVANA (soneto)

P.65:
Nota MA: traço sob o título:

A caravana

*

P.69-71
A ALCOVA (8 estrofes)

P.69:
Nota MA: traço sob o título:

A alcova

P.70:
Nota MA: traço à margem dos versos v. 9-12:

> Sobre o róseo tapête junto ao leito,
> Vê-se uma fita; – além vê-se a botina,
> Uma botina, cujo molde estreito
> Diz que é do céo o pé d'essa menina.

*

P.72
ODIO (soneto)

P.72:
Nota MA: traço sob o título:

Odio

*

P.74-77
NHANHÃ (12 estrofes)

P.74-77:

Nota MA: traço sob o título:

Nhanhã

*

P.81
CREDO (soneto)

P.81:
Nota MA: traço sob o título:

Credo

*

P.89
A PRIMEIRA ENTREVISTA (soneto)

P.89:
Notas MA:
1. traço duplo sob o título:

A primeira entrevista

2. interjeição sublinhada no v.7:

Noite fechada já! Ah! se chovesse!...

*

P.105-106
NERA (soneto)

P.106
II (2 estrofes)

P.106:
Notas MA:
1. chave destacando o poema;
2. parcela da comparação anulada por traço no v.1:

Tranquila como o audaz ~~e feminil tyranno~~,
Oh Esphinge de carne, oh bello monstro humano,
Tu vês rojar-te aos pés o escravo que te implora,

Fria como um rochedo, alegre como a Aurora:

O soluço da dor echôa aos teus ouvidos
Doce como um tropel de matinaes ruidos;
E ao som da tua voz, indifferente e calma,
Lavra o fogo do amor que me ateiaste na alma.

*

P.107
A UM RICO QUE PASSAVA... (soneto)

P.107:
Nota MA: traço sob o título:

A um rico que passava

**

P.109-124
SEGUNDA PARTE: OS POETAS MORTOS

P.118
AGRÁRIO DE MENEZES (soneto)

P.118:
Nota MA: cruzeta destacando a construção dos v.5-8:

Como brilhava o sol ao meio dia
Nos teus montes soberbos e vistosos!
E esses clarões de lua voluptuosos
No azul de tua olympica Bahia!

*

P.121
BRUNO SEABRA (soneto)

P.121:
Notas MA:
1. chave selecionando a comparação nos v.1-4:

A vida é um somno máu e tormentoso
Em cujas sombras a illusão palpita,
E – como um sonho – velozmente agita
As brancas azas um mentido Goso.

2. cruzeta destacando construção nos v.5-8:

Dormir, dormir-embora! Um hymno ethereo
Que o Poeta a sorrir traduz e escuta,
Nos diz que breve acabará a luta,
O combate da Idéa, o atroz mysterio.

*

P.124
PORTO ALEGRE (soneto)

P.124:
Nota MA: expressão sublinhada no v.13:

E a tua náu, Colombo da Harmonia,

**

P.125-222
TERCEIRA PARTE

P.127
PER AMICA SILENTIA... (12 estrofes)

P.129-130:
Nota MA: chave selecionando ideia dos v.29-48:

Minha alma igual á essência vaporosa
Que a terra exhala quando a noite desce,
Bem como uma alma que viveu na rosa
E torna a Deus como invisível prece,

Voava a ti, oh meu amor! oh pura,
Pura visão dos mais felizes dias:
E tu, repleta de infantil doçura,
Me contemplavas tímida, e sorrias.

O que eu te disse nem o sei agora!
Póde-se acaso relembrar o canto
Que a ave modula na primeira aurora
E o coração em seu primeiro encanto?

O certo é que todo o meu destino
Se transformou por ti... Nesse momento
Erguendo as vozes festivaes d'um hymno,
Perante o largo altar do firmamento,

Minha alma enferma, exanime, descrida,
Oh peregrina flôr do Paraiso,
Bebeu de novo as illusões da vida...
Ao clarão redemptor do teu sorriso.

*

P.131
EVA (soneto)

P.131:
Nota MA: traço sob o título:

Eva

*

P.133
NAUFRAGIO (soneto)

P.133:
Notas MA:
1.traço sob o título:

Naufragio

2. cruzeta destacando v.5-8:
Enfuna o vento o desfraldado panno,
O tempo é calmo, o espaço é todo um prisma:
E de repente a nau pára e se abysma
Nas fauces tôrvas e infernaes do Oceano.

*

P.135-136
PAGINA INTIMA (6 estrofes)

P.135:
Nota MA: traço sob o título:

Pagina intima

P.136:
Nota MA: imagem selecionada nos v.18-20:

Pois esses brancos Amores
Allivio dos meus martyrios,

Que afogam as nossas dores
Numa cascata de lyrios,

*

P.138
A JANGADA (soneto)

P.138:
Nota MA: título sublinhado:

A jangada

*

P.143
A VALSA (soneto)

P.143:
Nota MA: traço sob o título:

A valsa

*

P.144-145
ARRULHOS DE NAMORADOS (5 estrofes)

P.144:
Nota MA: traço sob o título:
Arrulhos de namorados

*

P.146
A CANÇÃO DA MORTA (soneto)

P.146:
Nota MA: traço sob o título:

A canção da morta

*

P.147
TRANÇAS AMADAS (soneto)

P.147:
Nota MA: traço sob o título:

Tranças amadas

*

P.148
OS OLHOS DE CLEMENCIA (soneto)

P.148:
Nota MA: traço sob o título:

Os olhos de Clemencia

*

P.149
NOCTURNO (soneto)

P.149:
Nota MA: chave selecionando ideias nos v.4-11:

Canta! Parece – quando estás cantando –
Que eu já não sorvo o ar torpe e homicida
Dos tremedaes malditos d'esta vida...
Sinto o meu coração fugir voando...

Ao teu suspiro harmonioso e brando,
Minha alma exulta e goza enternecida
Como a abrazada planta humedécida
Dos orvalhos que a Noite vai chorando;

Ora me levas aos queixosos mares,
Ora á floresta umbrosa e recatada
Onde boiam perfumes e luares...

Oh! canta! Estou a ouvir na madrugada
Os sussurros do rio e dos palmares
De nossa terra, oh companheira amada!...

*

P.152-153
AUTO DA FÉ (5 estrofes)

P.152:
Nota MA: traço sob o título:

Auto da fé

*

P.156-165
O VIAJANTE (27 estrofes)

P.156:
Nota MA: traço sob o título:

O viajante

*

P.167
GUITARRA (soneto)

P.167:
Notas MA:
1. traço duplo sob o título:

Guitarra

2. cruzeta destacando os v.5-8:

Cantei-te o seio languido e alvejante
– Pomba aninhada em flocos de cambraia –
E pareceu-me ouvir naquelle instante
Zelosa a vaga estremecer na praia.

*

P.168-170
O COLLAR (8 estrofes)

P.168:
Nota MA: traço sob o título:

O collar

*

P.173
Á SOMBRA DOS ALAMOS (4 estrofes)

P.173:
Nota MA: traço sob o título:

Á sombra dos alamos

*

P.174
INVERNO (soneto)

P.174:
Nota MA: traço sob o título:

Inverno

*

P. 177
MISS PERFECTION (soneto)

P.177:
Nota MA: traço sob o título:

Miss Perfection

*

P.180
A ESCRAVA (soneto)

P.180:
Nota MA: traço duplo sob o título:

A escrava

*

P.181
SEÑORITA (6 estrofes)

P.181:
Notas MA:
1. traço sob o título:

Señorita

2. cruzeta destacando os v. 5-8:

Como a doce *granadina*
Exposta a um raio de luz,
Na boca d'essa menina
Um róseo fulgor transluz.

*

P.183
A CARTA (soneto)

P.183:
Nota MA: traço sob o título:

A carta

*

P.191
O BOI (soneto)

P.183:
Nota MA: pares de adjetivos sublinhados e unidos por traço nos v.1, 4, 8, 14:

Amo-te, oh manso boi, forte e jocundo,
Quando inundas de paz meu pensamento,
Ou quando – austero como um monumento –
Contemplas o vallado amplo e fecundo.

Gosto de ver-te, auxiliador do mundo,
Emquanto o homem fere-te cruento,
Lhe responderes, não com um vão lamento,
Mas com teu doce olhar, – doce e profundo.

Nessa cansada e tumida narina
Fumega o teu espírito affanoso,
E o teu mugido na amplidão se perde...

Descamba o sol no valle e na campina,
E em teu olhar reflecte-se saudoso
Dos campos o silencio – augusto e verde.

Nota da pesquisa: a figura do boi, de grande interesse para MA pesquisador do folclore, fomenta discussões, em sua obra, sobre morte-ressurreição alegórica nos festejos, como o Boi Bumbá. O estudo das danças dramáticas, no Brasil, e sua composição do religioso com o profano penetram, inclusive, figurações nos poemas.

*

P.192-198
A SERTANEJA (18 estrofes)

P.192:
Notas MA:
1. traço duplo sob o título:

A sertaneja

2. cacófato sublinhado por traço duplo no v.40:

Por cada infeliz que chora

*

Nota da pesquisa: a leitura a grafite de terceiro, usuário da então circulante Biblioteca Pública de Araraquara, propõe a substituição e assina; letra inicial cortada pela encadernação do volume:

"[As]sim como/ Barbosa/ JLB"

P.199
LONGE DOS HOMENS (soneto)

P.199:
Nota MA: traço duplo sob o título:

Longe dos homens

*

P.200
O BERÇO E O TUMULO (soneto)

P.200:
Notas MA:
1. traço sob o título:

O berço e o tumulo

2. escansão do v. 12:

Dou a flôr, dou o fructo á livida orphandade,

*

P.204-207
NO DESERTO (13 estrofes)

P.204:

Nota MA: título sublinhado:

No deserto

*

P.208
SORRENTO (soneto)

P.208:
Nota MA: cruzeta destacando os v.5-8:

Entre as águas suspenso e o firmamento,
Perdia o sol as derradeiras cores;
Riam, cantando ao longe, os pescadores
E as poeticas filhas de Sorrento.

*

P.209-211
A MEU FILHO GABRIEL (9 estrofes)

P.209:
Notas MA:
1. traço duplo sob o título:

A meu filho Gabriel

2. Nota de terceiro a tinta azul de caneta hidrográfica, chave destacando ideia nos v.33-36

*

P.213
O BEIJO DA MORTA (soneto)

P.213:
Notas MA:
1. traço sob o título:

O beijo da morta

2. palavras anuladas por risco nos v. 6, 10:

Penso na ~~eterna~~ ~~Ausente~~... Ah! se a meu lado
[...]
É Ella! Entrou. Na pallidez ~~da morta~~

*

P.215
EXTASE (soneto)

P.215:
Nota MA: traço sob o título:

Extase

*

P.216
GALATHÉA (soneto)

P.216:
Nota MA: cruzeta destacando ideia nos v.5-8:

Ella atravéssa indolente
As áureas pompas da vida
Como a garça adormecida
Levada pela corrente...

*

P.217
VENUS VICTRIX (soneto)

P.217:
Nota MA: traço sob o título:

Venus victrix

*

P.218
AS MÃOS DE BELLA (soneto)

P.218:
Nota MA: traço sob o título:

As mãos de Bella

*

P.220
A ESTATUA (soneto)

P.220:
Nota MA: traço sob o título:

A estatua

P. 225-230
Índice

Marcas de terceiros

MURAT, Luiz [A/I/e/41]
Poesias escolhidas. Rio de Janeiro: Livraria Jacintho Ribeiro dos Santos, 1917.
[Poesia] IEB: MA 869.9149M972p

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernação em papel-cartão, 21x15 cm.

P.1-86
PRIMEIRA PARTE

P.8-9
À MINHA MÃE (4 estrofes)

P.8:
Nota MA: correção do tempo verbal no v.6:

Do que sentir que a tua luz me baste**a**

P.9:
Nota MA: traço duplo à margem dos v. 37-40:

Beijo-te a mão, beijo-a, como ao cibório,
Que é o vaso da fé – sagrado vaso, –
Porque foi ella o meu genuflexório,
Antes de a illuminar o sol do occaso.

*

P.10-16
CANÇÃO DAS PEROLAS (50 estrofes)

P.10-12
PARTE I (16 estrofes)

P.10:
Nota MA: sublinhas marcando, nos v. 11-12,14,16 – estudo do vocabulário parnasiano:

Hymnos do Syloam, vasos da Ionia, cheios
De incenso; voz solemne e mystica do Eleuses;
Bocca como o heliocriso, entumecidos seios,
Attestados do vinho espumante dos deuses;

Volupias os balsões nas tendas desfraldando;
Veneblos, onde o amor sorria, adormecido,
Ora o cactus abrindo, ora a naide embalando
Dos zéphiros brunaes no rapto enternecido

P.11:
Nota MA: palavra sublinhada no v.31– estudo do vocabulário parnasiano:

Que se estende entre nós e o teu próstylo, em brasas

*

P.17-18
PALAVRAS À MORTE (3 estrofes)

P.17:
Nota MA:

1. palavras sublinhadas nos v.2-3; estudo do vocabulário e da rima parnasiana:

Como nos mares da India a plácida champana;
E no céu, onde fulge uma extensa balsana

2. traço duplo à margem da alegoria nos v.13-25:

Morte, vejo-te, então, de pé, sobre as muralhas
De treva das prisões, de cinza das cidades,
Hasteando o gonfalão prístino das edades,
Ainda sujo do pó de tresentas batalhas.
Morte, vejo-te bella, horrivelmente bella,
No mármore que encobre a cinza aos Capuletos,
Ankilosando à bocca o esgar dos esqueletos
Na ruga de um desvão, no fundo de uma viella.
Morte, vejo-te a língua immunda e apodrecida,
Lamber esse impoluto e sublime monturo,
- Job – que no seu algar e no seu catre escuro,
Tinha sangue de sol a escorrer da ferida.

3. palavras sublinhadas no v.27-28 – estudo do vocabulário parnasiano:

O verbo – juba, o verbo helépole. Do fundo
Da Biblia, ourando, irrompe, e inexoravelmente

*

P.20-21
LAIS (16 estrofes)

P.21:
Nota MA: traço à margem dos v. 49-52, 63-64:

Teus seios nus, frenéticos, estrugem
Como clarins num campo de batalha;

As carnes gemem, os cabellos rugem,
Do sangue a rubra e rábida metralha
[...]
Lais, Lais, sobre meu seio pousa
A tua loura e esplendida cabeça...
Que tem que ao lado dessa pobre lousa,
Um triste pé de lagrima floresça?...

*

P.22-23
PENAS PERDIDAS (11 estrofes)

P.22:
Nota MA: cruzeta ao lado do título:

X Penas perdidas

*

P.24-32
CONCERTANTE NOCTURNO (Diálogo)

P.24:
Nota MA: palavra sublinhada no v.2 – estudo do vocabulário parnasiano:

Hontem, quando desci da excelsa triga?

*

P.34-35
NUPCIAS DE AMPHITRITE (14 estrofes)

P.35:
Nota MA: palavra sublinhada no v.39 – estudo do vocabulário parnasiano:

E o longo torso, móbil e esquarroso

P.45-47
A ARTE (21 estrofes)

P.45:
Nota MA: palavras sublinhadas nos v.1,5 – estudo do vocabulário parnasiano:

Num acrotério de ouro, em cima, a Lyra ao hombro
[...]
O mar lhe ruge aos pés, raussissono e lascivo

*

P.48-49
O IDEAL E O MUNDO (15 estrofes)

P. 48:
Nota MA: inversão sublinhada nos v. 23-24:

> Colma com o teu carinho a choupana do verso,
> Em cuja porta, à noite, ouço cantar a rima

**

P.87-194
SEGUNDA PARTE

P.112-113
A UMA CRÉSCIDA (12 estrofes)

P.112:
Notas MA:
1. interrogação ao significado de vocábulo, no v.1:

> Não me falles de assémonas, **?** nem de urnas

2. palavras sublinhadas e anotação do significado nos v.18 e 26 – estudo do vocabulário parnasiano e comentário irônico:

> *Ilhota escarpada*
> Aos farilhões de lôbrega voragem
> [...]
> Leio-as, emquanto, a custo, deletreias *ou soletras*

P.113:
Notas MA:
1. palavra sublinhada e anotação do significado no v. 29, 34, 39 – estudo do vocabulário parnasiano:

> Depois que os encantos sobalçaram = *alçar muito – exaltar*
> [...]
> *Grosseira, ruda*
> Não são de charra estirpe esses vassallos
> [...]
> De mil amores, lúbricos, caldeada = *temperada*

Também tomar em brasa/ Por meio de fogo iligar,/ Misturar substancias/ em incandescencia

2. expoente (1) no v.49, remetendo a correção no rodapé:

Na funerária cógula *(1)* de um monge.

(1) Não é cógula que se diz, mas cogúla"

*

P.114-116
A MINHA IRMAN (10 estrofes)

P.114:
Nota MA:
1. título sublinhado:

A minha irman

2. imagem sublinhada nos v.13-14:

A tua vida é um santuário cheio
De santos, de missaes e oblações

3. expoente (1) no v. 22, remetendo a correção no rodapé:

E eu ouço, ao longe, o prácebo(1) dos mortos

(1) Não é prácebo e pracêbo. Termo antigo, cântico de defunto

P.115:
Nota MA:
1. palavra sublinhada no v. 38, anotação do significado e comentário:

Culto a santos e anjos. Inda aqui o L. parece/ ~~querer~~ pronunciar dúlia/ quando é dulía

A tua dulía um mysterioso canto

*

P.126-127
LYRA SEM CORDAS (14 estrofes)

P.126:
Nota MA: título triplamente sublinhado:

Lyra sem cordas

*

P. 165-167
HYMNO AO AMOR (17 estrofes)

P.165:
Nota MA: palavra sublinhada no v.27 e anotação do significado:

Emquanto, ebria e salaz, as rútilas roupagens
| *Impudico; propenso à luxuria*

P.166:
Notas MA:
1. construção/ comparação sublinhada nos v. 35-36:

E segue-te o esplendor, quando o teu manto arrastas,
Ó lua, pelo céu, como Nossa Senhora...

2. palavra sublinhada no v. 42 e anotação do significado – estudo do vocabulário parnasiano:

| *Ninfas, filhas do mar*
No desmaio febril das oceanides, veio

P.167:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v. 62 e anotação do significado – estudo do vocabulário parnasiano:

| *Espécie de lança dos antigos francos*
Em cuja framea de ouro o orbe inteiro flammeja

2. sublinhada sonoridade no v. 64 e expoente (1), remetendo ao comentário no rodapé:

E que esse crime três vezes punido seja? *(1)*

(1) Isto não é alexandrino nem nada. Há dois hemis-/tíquios e cesura. Mas falta a alma do verso, a cadén/ cia. Verso sem cadéncia é prosa de sílabas contadas.

*

P.170-173
SANIE UNIVERSAL (estrofes)

P.170:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 24 e anotação do significado – estudo do vocabulário parnasiano:

E a montanha pariu récovas de montanhas!...
| *Mesmo que recua*

P.171:
Notas MA:
1. construção sublinhada nos v.51-52:

E quem visse rachar corcha de amoreira
Diria uma gengiva a cahir de escorbuto

2. imagem duplamente sublinhada no v.56:

Na ramagem de um lábio, enflorado de beijos!...

3. palavras sublinhadas no v. 60 e anotação do significado – estudo do vocabulário parnasiano:

Com janellas de sardio e átrios de chalcedonia
| *Pedra preciosa, sem brilho* | *pedra preciosa, esp[écie] de ágata*

P.172:
Notas MA:
1. palavra sublinhada v. 62 e anotação do significado – estudo do vocabulário parnasiano:

| *Saltar; dansar; batendo com os pés (fig[urado]) viver no crime ou no vicio.Tripúdio: libertinagem*
E um furacão de pó tripudiou-lhe em torno:

2. sinalefa sublinhada no v. 93 – estudo da sonoridade:

A sanie é o amor, a sanie é a fé, a sanie é o riso

P.173:
Nota MA: sinalefa sublinhada nos v. 104, 106 – estudo da sonoridade:

Como espigas na sega, a golpes de cutelo
(...)
A podridão – é o Atreo desse banquete de Tyeste

*

P.174-177
AGONIA DO PÓ (27 estrofes)

P.174-175
PARTE I (14 estrofes)

P.175:
Nota MA: construção sublinhada no v.28:

A graça na mulher, a tentação no crime.

P.176-177
PARTE II (13 estrofes)

P.176:
Nota MA: traço duplo à margem dos v. 21-24 que focalizam a ascese:

Meu espirito leu paginas immortaes.
Como uma aguia planou nas regiões mais nobres;
E, atravessando, á noite, infrenes bacchanaes,
Foi ser bom entre os bons, foi ser pobre entre os pobres.

*

P.178-180
QUADRAS SIMPLES (21 estrofes)

P.179:
Nota MA: traço duplo à margem dos v. 49-52:

Deus te quis a outro ligada,
A mim ligado á outra quiz;
A ti, te fez desgraçada,
A mim, me fez infeliz...

*

P. 181-183
EXHORTAÇÃO DA FLORESTA (14 estrofes)

P. 181:
Notas MA:
1. título sublinhado por traço duplo:

Exhortação da floresta

2. palavra sublinhada no v. 21, recolhendo vozes de pássaros; estudo da zoofonia:

O grito atroador e agudo do milvago

P.183:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 74, vozes de pássaros – estudo da zoofonia:

Oh! minhas aracuans, meus cónoros ruidosos,

Nota da pesquisa: O escólio "Zoof", a grafite, de ocorrência frequente na marginália de MA, em todas as áreas de sua biblioteca, absorve a denominação de pesquisa encetada por Hercule Florence e colige matéria destinada ao projeto do escritor de reunir palavras e expressões representando as vozes dos animais. Liga-se, de imediato, ao manuscrito *Zoofonia*, reservatório e estudo particular desses termos, composto de documentos musicais, recortes de jornal e notas de trabalho, transcritas de publicações ou captadas em pesquisa de campo por MA e seus colaboradores. Em entrevista de 1943, MA filia seu projeto a *Green Mansions: a Romance of the Tropical Forests*, de William Henry Hudson (V. ANDRADE, Mário de. *Entrevistas e depoimentos.* Edição organizada por Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983, p. 93). "Zoof" prende-se, também, à coleta de termos para o *Dicionário musical brasileiro* e *O banquete*, obra na área de Estética, interrompida pela morte de MA em 1945. Nesta, o capítulo 8 previa: "O Passeio em Pássaros. *Zoofonia*. O canto-enfeite no cio. A mulher vestida de homem e a Lei do Peso. Música da natureza e música descritiva." (V. ANDRADE, Mário de. *O banquete.* Ed. preparada por Jorge Coli e Luiz Dantas. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977, p. 167).

**

P.195-345
TERCEIRA PARTE

P.284-287
DEPOIS DO DESASTRE (27 estrofes)

P. 284:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v. 7 – estudo do vocabulário parnasiano:

Quando a lança belluina de Pelayo

2. traço duplo à margem dos v. 17-24 e palavra sublinhada no v. 18 – estudo do vocabulário parnasiano:

Desempenham-se, como uma catadupa,
Teus milhões de cavallos alfarazes,
Com seus duros guerreiros pertinazes
A relampadejar-lhes a garupa!...

É o que vejo, em sonho, heroica Hespanha,
Patria de Hercilla, berço de Moreto,
Habituada a trazer – que cousa estranha!
O arremessão ao lado do amuleto!

P. 285:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v. 45 – estudo do vocabulário parnasiano:

> Os artimões já não cruzavam, ledos,

2. traço à margem dos v. 50-52, destacando a transformação:

> Trocaste a lança pela castanhola,
> O terrivel broquel pelo pandeiro,
> E vergastou-te rispido pampeiro
> Que as nações fracas cruelmente assola.

*

P. 347-351
INDICE

P. 349:
Nota MA: título sublinhado:

> Passeio ao bambual..... 80

P. 350:
Nota MA: título sublinhado:

> A minha irman..... 114
>
> Exhortação da floresta.....181

P.351:
Nota MA: título sublinhado:

> Lyrio profanado..... 315

MACHADO DE ASSIS Bibl MA: [A/I/e/38]
Poesias Completas: Chrysalidas, Phalenas, Americanas, Occidentaes. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1902.
[Poesia] IEB: MA 869.9141A848p

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernação marroquim preto, 21x15cm com o título gravado a ouro.

Exemplar portador da correção autografa a tinta preta – "cegára" –, sobreposta a "cagara", na "Advertencia", p. 6, assim adquirido por Mário de Andrade. Esta constatação apoia-se na exposição *Machado de Assis na BBM: primeiras edições e raridades*, organizada pelo Prof. Hélio de Seixas Guimarães, da FFLCH-USP. Conforme a exposição, realizada na Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin (BBM) da USP de 28 de setembro a 17 de dezembro de 2018, o erro foi corrigido à mão, com nanquim, na parcela da tiragem que não entrara em circulação.

Nota da pesquisa: este exemplar das *Poesias completas* de Machado de Assis traz marcas do leitor Mário de Andrade a grafite e a tinta preta, acusando dois tempos distintos, duas épocas, na marginália. A primeira época concentra-se nas partes 32 a 97 [final] do poema "Pallida Elvira", de "Phalenas", p. 150-176, no segundo livro nesta edição: compõe-se de anotações fartas a tinta preta, vindas de pena molhada no tinteiro; indicam o esforço do jovem leitor, a letra cuidada. Assemelham-se à caligrafia dele no exemplar de *Vie de Jeanne d'Arc* (Paris: Calman-Lévy, s.d.), em incursão datada de 1910[10]; lembram também os vestígios desse mesmo estudioso leitor que sublinha, em *Les fleurs du Mal*, de Baudelaire, a palavra "Léthé", no 18º verso de "Spleen"– "Où coule au lieu de sang l'eau verte du Léthé" e elucida no rodapé: "Rio dos Infernos que significa:/ Esquecimento./ As sombras nele/ bebiam para esquecer o passado". A marginália em "Phalenas" não resiste, mesmo de imediato, à leitura do incipiente crítico que, com vigor, risca e apaga com borracha muitos de seus comentários. A segunda época testemunha, na adoção do lápis, a inconveniência da tinta como instrumento da escrita marginal, pois o grafite garante a concretização das alterações desejadas.
Cabe destacar que ambas as etapas da marginália sofreram mutilação em sinais e sílabas no limite das margens, em páginas pares e ímpares, quando da encadernação. A transcrição/ classificação da marginália desta obra de Machado de Assis seguiu o critério temporal.

Notas MA a tinta preta

P.137-176:
Pallida Elvira

P. 150:

[10] Nas páginas da biografia, Mário de Andrade, católico, reassegurando valores morais, contesta Anatole France apoiado em sua leitura de Andrew Lang, *La Jeanne d'Arc de M. Anatole France* (Paris: Libraria Perrin, s.d.). V. para mais informações sobre essa marginália primeira, a tinta: LOPEZ, Telê Ancona. "A biblioteca de Mário de Andrade: seara e celeiro da criação" In: *Criação em processo – ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras, 2002, p. 45-72.

PARTE XXXII (1 estrofe)

P. 150:
Notas MA:
1. palavra sublinhada e expoente (1) remetendo ao comentário no final da estrofe:

Já lhes pulsa mais forte o sangue e a vida; *(1)*

Verbo [? comentário apagado com borracha.]

1. Construção sublinhada nos v. 7-8:

Foi milagre de amor, prodígio santo.
Quem mais fizera? Quem fizera tanto?

P. 150:
PARTE XXXIII (1 estrofe)

P. 150:
Notas MA:
1. comentário na entrelinha apagado com borracha;
2. barra marcando a diérese no v. 4 e expoente (1) remetendo ao comentário no final da estrofe– estudo da sonoridade;

De um poeta, *(1)* alma languida, alma pura!

P. 150:
M. d'assis parece ter para poeta a contagem/ regulamentada de tres silabas . ~~*Lugar*~~

Verso não sei/ em que êle tivesse empregado poe-ta e não po-e-ta./Usa Olavo Bilac
1 2 1 2 3
para os possessivos tua, sua/ incondicionalmente essa mesma contagem:/ tu-a, su-a por
1 2 1 2
tua e sua.
1 1

P. 151:
PARTE XXXVI (1 estrofe)

P. 151:
Nota MA: anotação sobre o v. 6:

1. *E* ? *conversa*? [comentário na entrelinha apagado com borracha.]

E a conversa com a alma sonhadora;

P. 151:
PARTE XXXV (1 estrofe)

P. 151:
Notas MA:
1. barra marcando a diérese no v. 1 – estudo da sonoridade;
2. construção sublinhada nos v. 3-4;
3. traço duplo à margem do v. 5-8:

Todavia a leitosa curiosa
Talvez queira saber de um incidente;
A confissão dos dons; – scena espinhosa
Quando a paixão domina a alma que sente.
Em regra, confissão franca e verbosa
Revela um coração independente;
A paz interior tudo confia,
Mas o amor, esse hesita e balbucia.

P. 151:
PARTE XXXVI (1 estrofe)

P. 151:
Notas MA:
1. ideia sublinhada por traço duplo no v. 1;
2. traço duplo à margem dos v. 2-8:

O amor faz monosyllabos; não gasta
O tempo com anályses compridas;
Nem é próprio de boca amante e casta
Um chuveiro de phrases estendidas;
Um volver d'olhos languido nos basta
A conhecer as chammas comprimidas;
Coração que discorre e faz estylo,
Tem as chaves por dentro e está tranquilo.

P. 152:
PARTE XXXVII (1 estrofe)

P. 152:
Notas MA:
1. imagem sublinhada no v. 3 e captada no comentário:

[caia em] gotas finas
A chuva peneirava, e além cobria

2. barra rasurada e barra marcando a diérese no v. 7 – estudo da sonoridade:

Por enxugar-lhe os prantos magoados.

P. 152:
PARTE XXXVIII (1 estrofe)

P. 152:
Notas MA:
1. traço à margem dos v. 1-8;
2. construção sublinhada nos v. 6-8:

Juntos, ao parapeito da varanda,
Viam cair da chuva as gottas finas,
Sentindo a viração fria, mais branda,
Que balançava as frouxas casuarinas.
Raras, ao longe, de uma e de outra banda,
Pelas do ceu tristissimas campinas,
Viam correr da tempestade as aves
Negras, serenas, lugubres e graves.

P. 153:
PARTE XL (1 estrofe)

P. 153:
Notas MA: barra marcando a diérese no v. 8 – estudo da sonoridade:

Illusões de poeta mallogrado!

P. 153:
PARTE XLI (1 estrofe)

P. 153:
Notas MA:
1. acento inserido no v. 1;
2. barra marcando diéreses nos v. 3-4 – estudo da sonoridade:

“Somos todos assim. *É* nossa gloria
“Contra o destino oppôr alma de derro;
“Desafiar o mal, eis nossa historia
“E o tremendo duello é sempre um erro.

P. 154:
PARTE XLIII (1 estrofe)

P. 154:

Notas MA:

1. Expoente (1) e (2) remetendo ao comentário no rodapé:

> Al *(1)* não disse, e, fitando olhos ardentes
> Na moça, que de enleio enrubecia,
> Com discursos mais fortes e eloquentes
> Na exposição do caso proseguia;
> A pouco e pouco as mãos intelligentes
> Tráváram-se; e não sei se conviria
> Accrescentar que um osculo... Risquemos,
> Não é bom mencionar estes *(2)* extremos.

Al – antiquado. Quer dizer: Outra coisa mais.../ Mais não disse... Vem do latim: Alind./ Parece-me ter notado em M. d'Assis uma/ certa leviandade impensada no empre-[go]/ de êste e êsse; geralmente tenho visto/ êste empregado em lugares em que mais/ [ser]viria êsse. Aqui, por exemplo, pare[ce]-me / que mais acertado andaria o poeta em/ dizendo:/ Acrescentar que um osculo... Risquemos,/ não é bom mencionar êsses extremos/Vide também estrofe XLI: Destêrro, esta vida...

Nota da pesquisa: MA refere-se ao v. 6 da parte XLI de VERSOS A CORINNA: "O desterro, – esta vida obscura e rude"

P. 154-155:
PARTE XLIV (1 estrofe)

P. 155:
Notas MA: colocação pronominal sublinhada no v.6 e expoente (1) remetendo ao comentário ao final da estrofe, que continua no rodapé:

> Sentíram ambos irem-lhe *(1)* os pesarez,

Forma antiquadissima, que so se pode/ admitir a contra gôsto, mesmo no Macha-/ do, e mesmo para certificar a numéri-/ca da métrica. Antigamente, nas eras clás-/sicas de Camões o lhe era invariável, m[as] //
já Herculano o não empregou senão/ uma só vez, e a originalidade foi-/lhe desgraciosa e inútil. M. d'Assis/ poderia bem tornear mais o verso e/ fugir de um anacronismo balôfo e/ inconsistente.

P.155:
PARTE XLV (1 estrofe)

P. 155:
Notas MA:
1. traço duplo e sublinha nos v. 4-8;
2. sinônimo anotado no v. 4:

Tinha mágoas o moço? A causa d'ellas?
Nenhuma causa; fantasia apenas;
O eterno devanear das almas bellas,
Quando as dominam fervidas camenas; *musas*
Uma ambição de conquistar estrellas,
Como se colhem lucidas phalenas;
Um desejo de entrar na eterna lida,
Um querer mais do que nos cede a vida.

P.155:
PARTE XLVI (1 estrofe)

P. 155:
Notas MA:
1. construção sublinhada nos v.1-2:

Com amores, sonhava, ideal formado
De celestes e eternos esplendores,

2. escolha verbal sublinhada no v. 7:

Madrugavam-lhe n'alma a luz e o riso;

P.156:
PARTE XLVII (1 estrofe)

P. 156:
Notas MA:
1. barra marcando diéreses nos v. 1, 6 – estudo da sonoridade;
2. correção tipográfica no v. 6 – Elviva/ Elvira;
3. traço duplo nos v. 7-8:

N'essa noite, o poeta namorado
Não conseguiu dormir. A alma fugíra
Para ir vela o doce objecto amado,
Por quem nas ancias da paixão, suspira;
E é provavel que, achando o exemplo dado,
Ao pé de Heitor viesse a alma de Elvira;
De maneira que os dous, de si ausentes,
Lá se achavão mais vivos e presentes.

P.156:
PARTE XLVIII (1 estrofe)

P. 156:

Notas MA:
1. expressão sublinhada no v. 3:

O não-dormido vate acorda, e a mente

2. correção de pontuação no v. 7:

E a terra **,** que entre risos acordava,

3. palavra sublinhada no v. 8 :

Ao sol do estio as roupas enxugava

P.157:
PARTE L (1 estrofe)

P. 157:
Notas MA:
1. barra marcando a diérese nos v. 1, 5 – estudo da sonoridade, e expoente (1) remetendo ao comentário no rodapé:

E ella? Se conheceste em tu|a *(1)* vida,
[...]
Se a tu|a face ardente e enrubecida

(1) M. d'assis como se vê conta também 2/ silabas em tua: tu-a.
1 2

2. palavra sublinhada no v. 6 – estudo do vocabulário:

Pallejou (2) com suspiros e com prantos,

(2) A. de Figueirêdo não se refere no seu/ dicionário ao verbo palejar (por empali-/ descer)

Nota da pesquisa: referência a Antonio Cândido Figueiredo, filólogo e escritor português. De autoria do estudioso, MA possui: *Novo dicionário da língua portuguesa* (Lisboa: Tavares Cardoso e Irmão, 1899 – MA 469.3F475n volumes 1-2), *Falar e escrever: novos estudos práticos da língua portuguesa ou consultório popular de enfermidades da linguagem* (Lisboa: Livraria clássica, 1911 – MA 469F475f volumes 1-3), *Estrangeirismos* (Lisboa: Livraria clássica, 1913 – MA 469.24F475e volume 1-2), , *Língua portuguesa em Portugal e no Brasil (discurso acadêmico, seguido de um resumo da reforma ortográfica)* (Lisboa: Ed. Lusitana, 1923 – MA 469.798F475L), obras de consulta que carregam, em alguns dos volumes, as marcas do leitor em sua pesquisa de arcaísmos, galicismos, ortografia, formas de uso, recolhem termos e agrupam expressões. As estantes de MA guardam também: *Que não se deve dizer:*

bosquejos e notas de filologia portuguesa (Lisboa: Livraria clássica, 1916 - MA 469.83F475q volumes 1-3), sem anotações.

P.157:
PARTE LI (1 estrofe)

P. 157:
Nota MA: imagem sublinhada nos v. 5-6:

> Não me refiro ao simples galanteio
> Em que cada menina é velha mestra,

P.158:
PARTE LII (1 estrofe)

P. 158:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 7 e anotação do sinônimo na margem – estudo do vocabulário:

> Tecei, tecei as vividas capellas, *guirlanda de flores*

P.158:
PARTE LIII (1 estrofe)

P. 158:
Nota MA:
1. barra marcando diéreses nos v. 5, 8 – estudo da sonoridade;
2. aliteração em "s" no v. 4:

> Cá fóra o mundo insipido e profano
> Não dá, nem póde dar o enleio puro
> Das almas novas, nem o doce engano
> Com que se esquecem males do futuro.
> Não busqueis penetrar n'este oceano
> Em que se agita o temporal escuro.
> Por fugir ao naufragio e ao soffrimento,
> Tendes uma ensecada, – o casamento.

P.158-159:
PARTE LIV (1 estrofe)

P. 158:
Nota MA:
1. palavra sublinhada no v. 2 – estudo do vocabulário:

> Tanta strophe a cantar ethereas chammas

2. palavra sublinhada no v. 6 e expoente (1), apagado, remetendo ao comentário no rodapé também apagado:

Que muitas vezes as maiores famas (1)

(1) Famas? [comentário de quatro linhas apagado com borracha.]

P. 159:
PARTE LV (1 estrofe)

P. 159:
Nota MA:
1. palavra sublinhada no v. 2 e expoente (1) remetendo ao comentário apagado no rodapé;
2. barra marcando a diérese no v. 2 – estudo da sonoridade:

Nas estrophes, *(1)* a folhas, – o poeta

Estrofes. Nas estrofes? [comentário de seis linhas apagado com borracha.]

P. 159:
PARTE LVI (1 estrofe)

P. 159:
Nota MA:
1. quatro barras destacando os v. 4-6;
2. sinalefa marcada no v. 5;
3. barra marcando diérese no v. 7 – estudo da sonoridade;
4. comentário abrangendo o rodapé apagado com borracha:

Lagrima santa, lagrima de gosto
Vertem olhos de Elvira; e um riso aberto
Veiu inundar-lhe de prazer o rosto
Como uma flor que abrisse no deserto.
Se iam já longe as sombras do desgosto;
Inda até li era o futuro incerto;
Fez-lh'o certo o ancião; e a moça grata
Beija a mão que o futuro lhe resgata.

P. 160:
PARTE LVII (1 estrofe)

P. 160:
Nota MA:

1. barra marcando o hiato no v. 5 – estudo da sonoridade;
2. sublinhado par substantivo-adjetivo no v. 7:

> Notam-se até algumas differenças
> No modo de viver do velho honrado,
> Que sacrifica á noiva e aos deuses lares
> Um estudo dos classicos jantares.

P. 160-161:
PARTE LIX (1 estrofe)

P. 160:
Nota MA: barra marcando a sinérese no v. 2 – estudo da sonoridade:

> A moça fica; o poeta *(1)* lentamente

(1) Aqui M. d'assis conta poeta com 2 sílabas

P.161:
PARTE LX (1 estrofe)

P. 161:
Nota MA: construção sublinhada nos v. 4, 8:

> Para dormir no eterno leite amargo.
> [...]
> Lua, musa dos candidos palores.

P.161:
PARTE LXI (1 estrofe)

P. 161:
Nota MA: barra marcando a diérese no v. 8 – estudo da sonoridade:

> A enseada da vida estreita e calma.

P.162:
PARTE LXII (1 estrofe)

P. 162:
Nota MA:
1. substituição no v. 4;
2. palavras sublinhadas no v. 6 expoente (1) e (2) remetendo ao sinônimo anotado no rodapé – estudo do vocabulário:

> Quer com elles lutar fronte por fronte. (*por frente a frente)*

Deixa o tranquillo amor, casto e perfeito,
Pelos brodios *(1)* de Venus de Amathonte *(2)*

(1) Bródio – patuscada, bacanal.
(2) Amatonte – antiga cidade de Chipre, célebre pelo culto afincado a Adonis e a/ Venus.

P.162:
PARTE LXIII (1 estrofe)

P. 162:
Nota MA: metáfora sublinhada nos v. 1-2 e expoente (1) remetendo ao comentário no rodapé:

Nas mãos do noite desmaiára a tarde; (1)
Descem ao valle as sombras vergonhosas;

(1) Já na estrofe XXXVII ve-se empregada uma/ figura idêntica: a tarde incerta, já nos braços a/ noite a recebia...

Nota da pesquisa: a figura aparece nos v. 4-5 da parte XXXVII de "fff".

P.162-163:
PARTE LXIV (1 estrofe)

P. 162-163:
Nota MA: barra marcando diéreses nos v. 2-3,8 – estudo da sonoridade; e comentário no final da estrofe:

Traspõe o mar Heitor, transpõe montanhas
Tu, curiosidade, o ingrato levas / *métrica forçadíssima*
A ir ver o sol das regiões extranhas.
A ir ver o amor das peregrinas Evas.
Vai, em troco de palmas e façanhas,
Viver na morte, bracejar nas trevas;
Fazer do amor, que é livro aos homens dado,
Copioso almanach namorado. *(1)*

(1) Como se ve: vimos desemba[r]*car na eterna historia/ de D. Juan que de Byron inspirou Musset, (tantas vezes/ V. de Carvalho e quasi todos... O D. Juan é uma/ dessas figuras patentemente românticas que/ como o Fausto inspiram a toda a gente. Não/ ao poeta que não tenha em si o ideal dum Fausto/ como dum Don Juan.*

P. 163:
PARTE LXV (1 estrofe)

P. 163:
Notas MA:
1. construção sublinhada no v.1:

Inscreve n'elle a moça de Sevilha,

2. inversão enumerada no v. 5 e comentário na margem:

Quantos encontra corações perfilha. *(notar a construção)*
2 4 3 1

P. 163:
PARTE LXVI (1 estrofe)

P. 163:
Nota MA: barra marcando a diérese no v. 2 – estudo da sonoridade:

Da fogosa, indolente Itali/ana,

P. 164:
PARTE LXIX (1 estrofe)

P. 164:
Nota MA: construção sublinhada nos v.7-8:

Ave do ceu, entre osculos creada,
Espalha as plumas brancas pela estrada.

P. 165:
PARTE LXX (1 estrofe)

P. 165:
Nota MA: barra marcando a diérese no v. 1 – estudo da sonoridade:

Hora, uma noite, coste|ando o Rheno,

P. 165:
PARTE LXXI (1 estrofe)

P. 165:
Notas MA:

1. Encadeamento sublinhado nos v. 3-4;
2. barra marcando o hiato no v. 5 – estudo da sonoridade;
3. traço duplo nos v. 5-8, a grafite:

"A gloria! diz Heitor, a gloria é vida!
Porque busquei nos gozos de outra sorte
Esta felicidade appetecida,
Esta resurreição que annulla a morte?
Ó|illusão fantastica e perdida!
Ó mal gasto, ardentissimo transporte!
Musa, restaura as apagadas tintas!
Revivei, revivei chammas extinctas!"

P. 166:
PARTE LXXII (1 estrofe)

P. 166:
Nota MA: barra marcando o hiato no v. 5– estudo da sonoridade:

Mas tu, filho do|ocio e do peccado,

P. 166:
PARTE LXXIII (1 estrofe)

P. 166:
Nota MA: barra marcando a diérese no v. 4 – estudo da sonoridade:

Pobre po|eta, em vão teus olhos erram;

P. 166-167:
PARTE LXXIV (1 estrofe)

P. 166:
Notas MA:
1. barra marcando a diérese no v.5 – estudo da sonoridade;
2. expressão sublinhada no v. 5 e expoente (1), remetendo ao comentário apagado com borracha no rodapé;
3. diérese no v.6, contando 'tua' com 2 sílabas – estudo da sonoridade;

Busca a sci|encia, estuda a lei dos seres, *(1)*
1 2
Que a mão divina tu|a dor esmague;

P. 167:

PARTE LXXV (1 estrofe)

P. 167:
Notas MA:
1. barra marcando a diérese no v.6 – estudo da sonoridade;
2. diérese no v.7, contando 'tua' com 2 sílabas – estudo da sonoridade, expoente (1), remetendo ao comentário suprimido com tinta preta no rodapé:

No campo das sciencias escondida.
1 2 (1)
Que a tua mente as ilusões esqueça:

P. 167:
PARTE LXXVI (1 estrofe)

P. 167:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v. 8 e expoente (1) remetendo ao remetendo ao comentário suprimido com tinta preta no rodapé:

Vão curando *(1)* por ambos os systemas.

P. 168:
PARTE LXXVII (1 estrofe)

P. 168:
Nota MA: barra marcando a diérese no v.3 – estudo da sonoridade:

(Oppondo a consciencia um forte escudo

P. 168:
PARTE LXXVIII (1 estrofe)

P. 168:
Nota MA: barra marcando a diérese no v.8 – estudo da sonoridade:

Que a sciencia da vida acaba em nada?"

P. 169:
PARTE LXXX (1 estrofe)

P. 169:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v.4 e sinônimo anotado – estudo do vocabulário:

bronco, estúpido
Quando se achou mais pecco e mais escuro

2. correção de acentuação no v. 8:

Que a vida aquece e alenta **à** humanidade.

P. 169:
PARTE LXXXI (1 estrofe)

P. 169:
Notas MA:
1. barra marcando a diérese no v.1 – estudo da sonoridade; e correção a erro tipográfico;
2. expoente (1) remetendo ao comentário no rodapé:

i
Que! nem ao menos na sci/enca havia
[...]
Atrás d'esse fantasma *(1)* correria

(1) o ideal apetecido...

P. 170:
PARTE LXXXII (1 estrofe)

P. 170:
Notas MA: metáforas sublinhadas nos v. 2, 8:

N'essa sombria porta aberta á vida;
[...]
Morte, quem te arrancára o teu segredo?

P. 170:
PARTE LXXXIII (1 estrofe)

P. 170:
Notas MA:
1. ideia sublinhada no v.1:

Vasio, inutil, ermo de esperanças,

2. anotação da metáfora no v. 2:

Heitor buscava a noiva ignota e fria, *(a morte)*

3. sinônimo anotado no v. 7:

Em que cingindo a candida capella *grinalda*

P. 171:
PARTE LXXXV (1 estrofe)

P. 171:
Nota MA: barra marcando a diérese no v.5 – estudo da sonoridade:

Quem pudera jámais restituil-o

P. 173:
PARTE XC (1 estrofe)

P. 173:
Nota MA: sublinhado erro tipográfico no v. 3:

Nada do que deixou desparecêra;

P. 173:
PARTE XCI (1 estrofe)

P. 173:
Notas MA:
1. barra marcando a diérese no v.1 – estudo da sonoridade;
2. construção sublinhada nos v. 2-4

Desce o poeta cauteloso e lento.
Olha de longe; um vulto ao sol erguia
A veneranda fronte, monumento
De grave e celestial melancolia.

P. 174:
PARTE XCII (1 estrofe)

P. 174:
Nota MA: sublinhado erro tipográfico no v. 3:

O perfumoso calix desbrochava

P. 175:
PARTE XCV (1 estrofe)

P. 175:
Nota MA: traço duplo nos v. 2-8:

"Morta! – Sim! – Ah! senhor! se arrependido
Posso alcançar perdão, se com meus prantos,

Posso apiedar-lhe o coração ferido
Por tanta mágoa e longos desencantos;
Se este infante, entre lagrimas nascido,
Póde influir-me os seus affectos santos...
É meu filho, não é? perdão lhe imploro!
Veja, senhor! eu soffro, eu creio, eu choro!"

P. 175:
PARTE XCVI (1 estrofe)

P. 175:
Nota MA: barra marcando a diérese no v.3 – estudo da sonoridade:

Entre em casa. O po|eta, acabrunhado,

** **

Notas MA a grafite

Páginas de guarda:
Notas MA:

1. Anotação de páginas na margem superior;

Pra (pg 264) – 268 – 269 – 278 – / 323 – 27 – 4 –

Nota da pesquisa: anotações de MA nas páginas mencionadas:

P. 264, v. 12 (LUA NOVA): "Vivos olhos fugiam p'ra o céu:"

P. 268, v. 31-32 (SABINA): "Essa descolorida, arida e sêcca/ Experiência do homem!"

P. 269, v. 68 (SABINA): "Passarinhar no matto. Ia costeando"

P. 278, v. 14-15 (ÚLTIMA JORNADA): "Tudo caiu; lei barbara e funesta:/ O mesmo instante cria e o mesmo acaba."

P. 323, v. 11 (CAMÕES): "Aos olhos da companha valorosa," / "'Mostrar que é mais humana a humanidade"

P. 27, v. 16-17 (SINHÁ): "Nem esta saudade pura/ Do canto do sabiá"

P. 4, v. 27 (MUSA CONSOLATRIX): "A paz, o ultimo bem, ultimo e puro!"

2. Comentário iniciado no meio da página – esboço/ primeiro momento de um artigo como se percebe também em *Esphinges*, de Francisca Julia (Porto: Bentley & Comp., 1903, 121) e *Poesias (primeira série)*, de Alberto de Oliveira (Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1912, folha rosto):

Machado era um artista seco e du-/ro. Nunca ele pôde reproduzir na poe-/tica dele aquela suavidade inge-/nua, aquela musicalidade de sons/ meigos e ritmos balanceados que são/ a invenção grande dos românticos/ e que provindos da instancia nati-/va são caracteres gerais e tradiciona-/ lizados do lirismo poético brasileiro./ Em Machado raro um verso musical, mesmo nas peças mais admiráveis e mesmo de algumas geniais como Ulti-/ma Jornada, como os versos ao Artur de/ Oliveira e mais alguns poemas da ul-/ tima fase. Era dentro da frase secar-/ rona, ~~sem~~ com a palavra valendo só/ pelo sentido que tem e pela medida/ contada, sem advinhação de numero,/ nem fatalização de movimentos ritmi-/ cos interiores, era dentro duma comoção/ pensada mas não menos intensa por/ isso que ele vazava em formas poe-/ticas os movimentos líricos que possuia./ É sabido que o som musical não é um/ som único porem a resultante de sons/ multiplos somados. Essa mutiplicida-/ de de sons é que dá o timbre. Machado/ de Assis é o som teórico, o som despro-/ vido desses sons concomitantes, harmo-/ nicos, que fazem o encanto meigo, acari-/ ciador, violento, agressivo dos sons reali-/ zados. M. de Assis escreveu uma Poesia/ destimbrada quasi sempre. (mostrar ain-/da que pela tendencia levemente paransiana/ – mosca azul – da ultima fase ele já denuncia/ aquela poesia brilhante, nítida e seca do/ nosso Formalismo, que iria matar toda a/ musicalidade meiga, carinhosa/ melosa e seresteira que fora o/ grande passo prá tradicionalização/ nacional de nossa Poesia artisti-/ ca.)

P.1-52
CHRYSALIDAS

P. 3-4
MUSA CONSOLATRIX (4 estrofes)

P. 3:
Nota MA: correção tipográfica no v. 5:

Que o poeta respira/ o suave somno. */e*

P. 4:
Nota MA: construção sublinhada no v. 27:

A paz, o ultimo bem, ultimo e puro!

*

P. 5-7:
VISIO (7 estrofes)

P. 6:
Nota MA: sublinhado par adjetivo-substantivo no v.36:

E a phantasia doente.

*

P.14-15:
EPITAPHIO DO MEXICO (4 estrofes)

P.15:
Nota MA: Esboço de poema seu na margem superior e no rodapé:

Vejo-te em teu olhar a cicatriz,
De magua há luto há sulcos tormen[tos]
Quem es tu que nos sonhos me atormen[tas]
Musa infeliz dos olhos infelizes
~~*musa*~~ *Dize-me o que é que em teu olhar me diz*

Que soluças em vão, que em vão lamentas
Vejo-te em teu olhar há cicatrizes
De magua há pranto há talvez tormen[to]
Que contam tuas faces macilent[as]
Musa infeliz dos olhos infelizes.

E a visão respondeu: eu sou Aquela
Que nem da mão da Sorte deste n [cortado]
Aos teus ~~beijos de amor tão puros e tão belos~~
Amor a mais pura de meus beijos

Como outras eu serei amada e celebrada
E como elas um dia ~~serei~~ a tua estrela
Como outras eu serei um momento a mais b[ela]
Q [criação interrompida]

*

P. 26-27:
SINHA' (2 estrofes)

P. 26:
Nota MA: título sublinhado:

Sinha'

P. 27:
Nota MA: imagem sublinhada no v.16-17:

Nem esta saudade pura
Do canto do sabiá
Escondido na espessura,

Nada respira doçura
Como o teu nome, Sinhá!

*

P. 28-29:
HORAS VIVAS (5 estrofes)

P. 28:
Nota MA: título sublinhado:

Horas vivas

*

P. 30-50:
VERSOS A CORINNA

P. 30-32:
PARTE I (23 estrofes)

P. 30:
Notas MA:

1. título sublinhado:

   Versos a Corinna

2. traço triplo nos v. 1-6 e rima toante sublinhada nos v.1-2 – estudo da sonoridade:

Tu nasceste de um beijo e de um olhar. O beijo
N' uma hora de amor, de ternura e desejo
Uniu a terra e o céu. O olhar foi do Senhor,
Olhar de vida, olhar de graça, olhar de amor;
Depois, depois vestindo a fórma peregrina,
Aos meus olhos mortaes, surgiste-me, Corinna!

P. 32:
Nota MA: traço duplo a margem dos v.65-68:

Amemos! diz á flor a brisa peregrina,
Amemos! diz a brisa, arfando em torno à flor;
Cantemos essa lei e vivamos, Corinna,
De uma fusão do ser, de uma effusão do amor.

P. 33-36
PARTE II (16 estrofes)

P. 34:
Nota MA: significado anotado sob o v. 41:

– "Ó Cybele fecunda, é no remanso
Do teu seio – que vive a creatura.

Cibele filha do ceu,
deusa da terra

P. 35:
Nota MA: construção sublinhada nos v.46-48:

Assim fallei. E murmurando aos ventos
Uma blaphemia atroz – estreito abraço
Homem e terra uniu, e em longo espaço
Aos écos repeti meus vãos lamentos.

P. 39-42:
PARTE IV (15 estrofes)

P.40:
Nota MA: desenho sob o v. 32:

E se quebras um olhar és tudo isso e és amor.

P. 42:
Nota MA: regência brasileira sublinhada no v.58:

Tua alma de mulher deve de palpitar;

P. 43-45:
PARTE V (10 estrofes)

P. 44:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 29 e sinônimo anotado na margem – estudo do vocabulário:

Embora, escutarei o teu aresto, *decisão judicial*
caso julgado

P. 46-49:
PARTE VI (14 estrofes)

P. 46:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 15 e expoente (1) remetendo ao comentário no rodapé – estudo da sonoridade:

A flor tem mais perfume e a noite mais poesia; *(1)*

Machado parece aqui querer contar poesia/ com duas sílabas o que nele ainda não es[ta? cortado] /[? cortado]*i e que mesmo é uma licença muito grande/os oe não é ditongo.*

Nota da pesquisa: anotação que introduz uma constância – a contagem métrica atenta a sinéreses e hiatos.

P.47:
Notas MA:

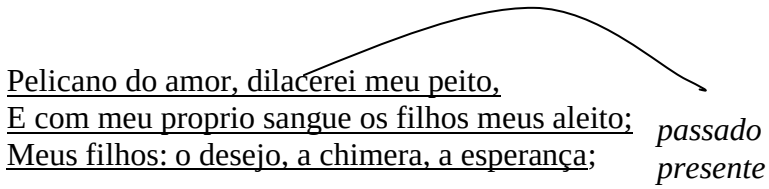
1. palavra sublinha no v. 23 – estudo do vocabulário:

   Da saudade que punge e do amor que lacera

2. inversão sublinhada no v.31:

   Sabes se te eu amei, sabes se te amo ainda,

3. conflito no uso de tempo verbal sublinhado nos v.44-46:



**

P. 53-176:
PHALENAS

P. 55-56:
FLOR DA MOCIDADE (3 estrofes)

P. 55:
Nota MA: título sublinhado:

Flor da mocidade

*

P. 57-58:
QUANDO ELLA FALLA (4 estrofes)

P.57:
Nota MA: título sublinhado:

Quando ella falla

*

P. 59-60:
MANHÃ DE INVERNO (8 estrofes)

P.59:
Nota MA: título sublinhado:

Manhã de inverno

*

P. 61-65:
LA MARCHESA DE MIRAMAR (5 estrofes)

P.61:
Nota MA: correção tipográfica da epígrafe:

A miserrima Dido
P elos paços reaes vaga ululando
Garção

P. 65:
Nota MA: construção sublinhada nos v. 107-109:

Feliz, feliz, ao menos, se te resta,
Nos macerados olhos,
O derradeiro bem: – algumas lagrimas!

*

P.66-67:
SOMBRAS (2 estrofes)

P.67:
Nota MA: traço na margem dos v. 26-29:

Pejam sombras bem vês, a escuridão do templo;
Volve os olhos á luz, imita aquele exemplo;
Corre sobre o passado impenetravel véu;
Olha para o futuro e vem lançar-te ao ceu.

*

P.70-71:
RUINAS (2 estrofes)

P.70:
Nota MA: título sublinhado:

Ruinas

P. 71:
Notas MA:

1. sublinhado par substantivo-adjetivo no v. 27

" – Raio quebrado e frio; – o vento agita

2. Rima sublinhada nos v. 40, 42:

Quando as vermelhas rosas do oriente
Ao já próximo sol a estrada ornavam,
Das ruínas sahião lentamente
Duas pallidas sombras...

*

P.74-76:
NOIVADO (6 estrofes)

P.74:
Nota MA:

1. título sublinhado por traço duplo:

Noivado

2. cacófato sublinhado no v. 16:

Como uma sombra austera

P. 76:
Nota MA: traço à margem dos v. 47-48:

Passaremos assim do sol da terra
Ao sol da eternidade

*

P.77-78:
A ELVIRA (3 estrofes)

P.77:
Nota MA: título sublinhado:

A Elvira

*

P.79-80:
LAGRIMAS DE CERA (6 estrofes)

P.79:
Notas MA:

1. título sublinhado:

   Lagrimas de cera

2. metáfora sublinhada nos v. 10-12:

Vinha tremula e sentida.
Commettêra um erro. A cruz
É a ancora da vida,
A esperança, a força, a luz.

P. 80:
Nota MA: traço duplo na margem dos v. 23-26:

Ella porém não vertia
Uma lágrima sequer.
Tinha a fe, – a chamma a arder, –
Chorar é que não podia.

*

P.81:
LIVROS E FLORES (1 estrofe)

P.81:
Nota MA: traço à margem dos v. 1-8 e construção sublinhada no v. 5, destacando o pronome:

Teus olhos são meus livros.
Que livro há ahi melhor,
Em que melhor se leia
A página do amor?

Flôres me são teus labios.
Onde ha mais bella flôr,
Em que melhor se beba
O balsamo do amor?

*

P.84-85:
O VERME (4 estrofes)

P.84:
Nota MA: título sublinhado:

O verme

*

P.86-87:
UN VIEUX PAYS (4 estrofes)

P.86:
Nota MA: título sublinhado:

Un vieux pays

*

P. 89-100:
Lyra Chineza

P.93-94:
IV - O LEQUE (4 estrofes)

P.93:
Nota MA: título sublinhado:

O leque

P.95-96:
V – A FOLHA DO SALGUEIRO (6 estrofes)

P.95:
Nota MA: título sublinhado:

A folha do salgueiro

P.97:
VI – AS FLORES E OS PINHEIROS (4 estrofes)

P.97:

Nota MA: título sublinhado:

As flores e os pinheiros

P.98:
VII – REFLEXOS (4 estrofes)

P.98:
Nota MA: título sublinhado:

Reflexos

*

P.101-136:
ODE A ANACREONTE (diálogo)

P.109:
Notas MA:

1. opostos sublinhados na fala de Cleon:

   Ai! é fácil amar, difficil esquecer.

2. construção sublinhada na fala de Lysias:

   Queres pôr termo á festa? Um brinde a Venus, filha
   Da mar azul, belleza, encanto, maravilha;
   Nascida para ser perpetuamente amada.
   A Venus!

P. 110:
Nota MA: introdução de artigo na fala de Myrto:

Um mensageiro! a mim!

P.114:
Nota MA: construção sublinhada na fala de Lysias:

Não peço amor ao vinho; irei pedil-o ás damas?
D'ellas e d'elle exijo apenas estas chammas
Que ardem sem consumir, na pyra dos desejos.

P.115:
Nota MA: construção sublinhada na fala de Lysias:

Escolhe aquelle amor doce, innocente e puro,
Que ainda não tem passado e vive do futuro.

P.116:
Nota MA: correção tipográfica na fala de Lysias:

Tenho, mas não me illudo /e
É Circe que perdeu o encanto e a juventude

P.118:
Nota MA: construção sublinhada na fala de Cleon:

Vai, sceptico! tu tens o vicio da riqueza:

P.123:
Nota MA: metáfora sublinhada na fala de Cleon:

A clepsydra do amor não conta as horas, conta
As illusões; velhice é perdêl-as assim;
Breve a noite abrirá seus véus por sobre mim.

*

P.137-176:
Pallida Elvira

P.138
PARTE II (1 estrofe)
P. 138:
Nota MA: barra marcando o hiato no v. 1 – estudo da sonoridade:

N'essa|hora de amor e de tristeza,

P.138
PARTE III (1 estrofe)

P. 138:
Nota MA: assonância em "a" sublinhada no v. 2:

Que assentada á janella, erguendo o rosto,

P.140:
PARTE VII (1 estrofe)

P. 140:
Nota MA: interrogação de estranhamento no v. 7:

Não tinha Miss Smolen ? outras côres;

P.140-141:
PARTE IX (1 estrofe)

P. 141:
Nota MA: expressão sublinha no v.5 e anotação na margem:

> Quando escutava a musa da elegia *Lamartine*

Nota da pesquisa: MA refere-se ao poema "Le lac", do romântico francês Alphonse Lamartine (1790-1869), composto em 16 quartetos. Publicado em 1820, nas *Méditations poétiques*, obra hoje ausente nas estantes de MA. Lamartine focaliza sua musa, o que Machado de Assis faz também em "Pállida Elvira".

P.142:
PARTE XII (1 estrofe)

P. 142:
Nota MA: construção sublinhada no v. 7:

> Almas de prosa chã, quem vos daria
> Conhecer todo o amor que há na poesia?

P.142:
PARTE XIII (1 estrofe)

P. 142:
Notas MA:

1. sublinhado o par substantivo-adjetivo no v. 2;
2. expoente (1) remetendo ao comentário no v. 5:

> Ora, o tio de Elvira, o velho Antero,
> Erudito e philosofo profundo,
> Que sabia de cór o velho Homero,
> E compunha os annaes da Novo Mundo;
> Que escrevêra uma vida de Severo, *(1)*
> Obra de grande tomo e de alto fundo;
> Que resumia em si a Grecia e Lacio,
> E n'um salão fallava com Horacio:

Imperador romano que sucedeu á Heliogábalo

Nota da pesquisa: há momentos que as anotações denotam o estudante.

P.142-143:
PARTE XIV (1 estrofe)

P. 143:
Notas MA:

1. diminutivo sublinhado no v. 5:

   Fazem gemer tua alma innocentinha?

2. acréscimo de vírgula no v. 8:

"Que tens? – Eu , nada," respondia Elvira.

P.143:
PARTE XV (1 estrofe)

P. 143:
Nota MA: barra marcando o hiato no v. 2 e a diérese no v.4 – estudo da sonoridade:

"Alguma cousa tens!" tornava o tio;
"Porque olhas tu|as nuvens do poente,
"Vertendo ás vezes lagrimas a fio,
"Mago|ada expressão d'alma do|ente?
"Outras vezes olhando a agua do rio,
"Deixas correr o espirito indolente,
"Como uma flor que ao vento alli tomabára,
"E a onda murmurando arrebatára."

P.143:
PARTE XVI (1 estrofe)

P. 143:
Nota MA: tradução sobre o v.1 e expoente (1) remetendo ao comentário no rodapé:

Uma serpente se esconde na herva

" – Latet anguis in herba..." *(1)* Neste instante
Entrou a tempo o chá... perdão, leitores,

(1) Palavras de Vírgilio que são citadas para chamar/ a atenção sobre uma infelicidade iminente/ escondida. (Ecloga III 93)

P.144:
PARTE XVII (1 estrofe)

P. 144:
Nota MA: palavra sublinhada no v.5 – estudo do vocabulário:

Fez o escriptor o costumado chylo,

P.144:
PARTE XVIII (1 estrofe)

P. 144:
Notas MA:

1. contagem métrica do decassílabo marcada no v. 1;
2. expressão sublinhada no v.2;
3. construção sublinhada no v.4 – estudo do vocabulário:

Abríra em S. Matheus, n'aquelle passo
Em que o filho de Deus diz que a açucena
Não labora nem fia, e o tempo escasso
Vive, co' o ar e o sol, sem dôr nem pena;

P.144-145:
PARTE XIX (1 estrofe)

P. 145:
Nota MA: repetição sublinhada no v. 8:

!Tudo se espera; até se espera a morte!

P. 145:
PARTE XX (1 estrofe)

P. 145:
Nota MA: construção sublinhada no v. 1:

"A doutrina da vida é esta: espera,

P. 145:
PARTE XXI (1 estrofe)

P. 145:
Notas MA:
1. metáfora sublinhada no v. 4;
2. traço duplo à margem dos v. 7-8:

Fallava aquelle velho como falta
Sobre côres um cego de nascença.
Pear a juventude! Condemnal-a
Ao somno da ambição vivaz e intensa.
Co' as leves azas da esperança ornal-a

E não querer que rompa a esphera immensa!
Não consentir que essa manhã de amores
Encha com frescas lagrimas as flôres!

P. 146:
PARTE XXIII (1 estrofe)

P. 146:
Nota MA: traço duplo à margem dos v. 3-8:

Entrou na sala, e lento, e gracioso,
Descobriu-se e atirou a capa a um lado;
Era um rosto poético e viçoso
Por soberbos cabellos coroado;
Grave sem gesto algum pretencioso
Elegante sem ares de enfeitado;
Nos labios frescos um sorriso amigo,
Os olhos negros e o perfil antigo.

P. 146-147:
PARTE XXIV (1 estrofe)

P. 147:
Notas MA
1. palavras sublinhada no v. 4 e significado anotado na margem – estudo do vocabulário:

Um morador da classica montanha, — *Parnaso, monte da/ Grecia, consagrado/ a Apolo e ás Musas.*

2. expoente (1) no v. 8 que não remete a nenhuma nota:

Ou n'alguma gazeta, ou n'um volume. *(1)*

P. 147:
PARTE XXV (1 estrofe)

P. 147:
Notas MA:
2. barra marcando o hiato no v. 1 – estudo da sonoridade;
3. barra marcando a diérese no v. 6 – estudo da sonoridade; e expoente (1) remetendo ao comentário no rodapé:

Um poeta! e de noite! e de capote!

Que é isso, amigo autor! Leitor amigo.
Imagina que estás n'um camarote
Vendo passar em scena um drama antigo,
Sem lança não conheço D. Quixote,
Sem espada é apocrypho um Rodrigo; *(1)*
Heróe que ás regras classica escapa,
Póde não ser heróe, mas traz a capa.

(1) O Cid. O heroe de Corneille.

Nota da pesquisa: MA não possui exemplar da peça de teatro tragi-cômica *Le Cid*, escrita em alexandrinos, do dramaturgo francês Pierre de Corneille.

P. 148:
PARTE XXVIII (1 estrofe)

P. 148:
Notas MA: barra marcando a diérese e ideia sublinhada no v. 5:

"Um bom poeta é hoje quasi um mytho,

P. 149:
PARTE XXX (1 estrofe)

P. 149:
Notas MA:
1. barra marcando diéreses nos v. 2, 3 – estudo da sonoridade;
2. inversão sublinhada nos v. 4-6;
3. correção no v.5:

Ó santa e pura luz do olhar primeiro!
Elo de amor que duas almas liga!
Raio de sol que rompe o nevoeiro
E casa a flôr á flôr! Palavra amiga
em um
Que, trocada um momento passageiro,
Lembrar parece uma existência antiga!
Lingua, filha do ceu, doce eloquencia
Dos melhores momentos da existencia!

P. 149:
PARTE XXXI (1 estrofe)

P. 149:
Notas MA: construção sublinhada nos v. 7-8:

Venham dous olhos, dous, que a alma buscava
Eras senhora? ficarás escrava!

P.177-288:
AMERICANAS (1875)

P. 179-204:
Poe

P. 180-181:
II (1 estrofe)

P. 181:
Nota MA: construção sublinhada no v. 28:

Veste-as de mais a sombra do crepusculo,

P. 184-186:
V(1 estrofe)

P. 185-186:
Nota MA: traço simples nos v.35-56 e traço duplo nos v. 59-61:

Pisado houvessem estas plagas virgens!
Nunca de um deus extranho as leis ignotas
Viessem perturbar as tribus, como
Perturba o vento as águas! Rosto a rosto
Os guerreiros pelejam; matam, morrem.
Ante o fulgor das armas inimigas
Não descora o tamoyo. Assaz lhe pulsa
Valor nativo e raro em peito livre.
Armas, deu-lh'as Tupan novas e eternas
Nestas mattas vastissimas. De sangue
Extranhos rios hão de, ao mar correndo,
Tristes novas levar á patria delles,
Primeiro que o tamoyo a frente incline
Aos inimigos peitos. Outra força,
Outra e maior nos move a guerra crua;
São elles, são os padres. Esses mostram
Cheia de riso a boca e o mel nas vozes,
Sereno o rosto e as brancas mão inermes;
Ordens não trazem de cacique alheio,
Tudo nos levam, tudo. Uma por uma
As filhas de Tupan correm trás elles,
Com ellas os guerreiros, e com todos
A nossa antiga fé. Vem perto o dia

Em que na immensidão destes desertos,
Ha de ao frio luar das longas noites
O Page suspirar sozinho e triste
Sem povo nem Tupan!”

P. 188-189:
VII (1 estrofe)

P. 188:
Nota MA: traço duplo nos v. 1-26

Ó Christo, em que alma penetrou teu nome
Que lhe não désse o balsamo da vida?
Pelo vento dos seculos levado,
Vidente e cego, o maximo dos seres,
Que fora do homem nesta escassa terra,
Se ao mysterio da vida lhe não désses,
Ó Christo, a eterna chave da esperança?
Philosophia stoica, ardua virtude
Creação de homem, tudo passa e expira.
Tu só, filha de Deus, palavra amiga,
Tu suavissima voz da eternidade,
Tu perduras, tu vales, tu confortas.
Neste sonho iriado de outros sonhos,
Varios como as feições da natureza,
Nesta confusa agitação da vida,
Que alma transpõe a verdadeira edade
Farta de algumas passageiras glorias?
Torvo é o ar do sepulchro; alli não viçam
Essas cansadas rosas da existencia
Que ás vezes tantas lagrimas nos custam,
E tantas mais antes do occaso expiram.
Flor do Evangelho, nuncia de alvos dias,
Esperança christã, não te ha murchado
O vento arido e secco; és tu viçosa
Quando as da terra languidas inclinam
O seio, e a vida lentamente exhalam.

P. 189-190:
VIII (1 estrofe)

P. 189-190:
Notas MA:
1. barra marcando diéreses no v.3 – estudo da sonoridade:

Da sua aldeã aos olhos espantados

2. traço duplo nos v. 42-44:

> Mas... fieis ao destino e á lei que as rege,
> As preguiçosas ondas vão caminho,
> Crespas do vento que sussurra e passa.

P. 190-192:
IX (1 estrofe)

P. 190-191:
Notas MA:
1. cruzeta sob o título:

2. inversão sublinhada nos v. 14-15:

> As outras... – Raro em labios de felizes
> Alheias maguas travam. Não se pejam

P. 193-194:
X (1 estrofe)

P. 193:
Nota MA: sublinhado erro tipográfico no v. 17 e correção na margem:

> Ou abicando ás povoadas prias. *praias*

P. 194-196:
XI (1 estrofe)

P. 196:
Nota MA a grafite: inversão sublinhada nos v. 58-59:

> Dous mancebos robustos. Nas cavernas
> Do longo peito lhe murmura o odio

P. 197-199:
XII (1 estrofe)

P. 198:
Notas MA:
1. construção sublinhada no v.40:

De não-murchandas e cheirosas flores.

3. barra marcando a diérese no v.44 – estudo da sonoridade:

De voluntária, abreviada morte

3. barra marcando a sinérese no v.46 – estudo da sonoridade

Esses desmaios da creatura humana

P.199:
XIII (1 estrofe)

P. 199:
Nota MA: inversão sublinhada nos v. 23-24:

Antiga e sempre nova: o peito humano
Raro de obscuros elos se liberta.

P. 200-201:
XIV (1 estrofe)

P. 200:
Nota MA: inversão sublinhada no v. 9:

Rudes feições compensa amor sobejo.

P. 202-203:
XVI (1 estrofe)

P. 202-203:
Nota MA: traço nos v. 1-13 e correção tipográfica no v.6:

Estro maior teu nome obscuro cante,
Moça christã das solidões antigas,
E eterno o cinja de virentes flores,
Que as mereces. De não sabido bardo
Estes gemidos são. Languidas brisas
No *t* aquaral á noite sussurrando,
Ou enrugando o molle dorso ás vagas,
Não tenha voz com que domina os echos
Despenhada cachoeira. São, comtudo,
Mas que debeis e tristes, no concerto
Da orchestra universal cabidas notas.

Alveja a nebulosa entre as estrellas,
E abre ao pé do rosal a flor da murta.

*

P. 214-243:
A CHRISTÃ NOVA

P. 215-223:
PARTE I

P. 216:
III (1 estrofe)

P. 216:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 21 – estudo do vocabulário:

E o guáu alegre, e as rispidas pelejas,

P. 217-218:
V (1 estrofe)

P. 218:
Nota MA: digressão sublinhada nos v.12-14:

– "Curiosa! – lhe disse, – o pensamento
E como as aves passageiras: voa
A buscar melhor clima. – Opposto rumo

P. 221:
VIII (1 estrofe)

P. 221:
Nota MA: inversão nos v. 6-9:

Do eleito povo; mas a doce nota
Do Evangelho não raro lhe batia
No alvoroçado peito
Solemnissima e pura... Descambava

P. 222-223:
IX (12 estrofe)

P. 222:
Notas MA:

1. inversão sublinhada nos v. 3-4

> Allumia de um livro. O maximo era
> Dos livros todos. A escolhida lauda

2. barra marcando a diérese no v.11 – estudo da sonoridade: contagem das sílabas e exclamação de estranhamento:

> Com sa|udades ! de Sião amada

P. 224-243:
PARTE II

P. 226:
III (1estrofe)

P. 226:
Notas MA:
1. traço nos v. 1-32;
2. rima toante sublinhada nos v. 2, 4:

> De repente,
> Aos ouvidos da moça enamorada
> Chega um surdo rumor de soltas vozes,
> Que ora crescendo vae, ora se apaga,
> Extranho, desusado. Eram... São elles,
> Os francezes, que vem de longes praias
> A cubiçar a perola mimosa,
> Nictheroy na alva-azul concha nascida
> De suas aguas recatadas. Rege
> O atrevido Duclerc a flor dos nobres,
> Cuja tez branca requeimára o fogo
> Que o vivo sol dos tropicos dardeja,
> E a lufada dos ventos do oceano.
> Cobiçam-te elles, minha terra amada,
> Como quando nas faixas sempre-verdes
> Eras envolta; e rude, inda que bello,
> O aspecto havias que poliu mais tarde
> A clara mão do tempo. Inda repetem
> Os ecos do reconcavo os suspiros
> Dos que vieram a buscar a morte,
> E a receberam dos varões possantes
> Companheiros de Estacio. A todos elles,
> Prole de Luso ou geração da Gallia,
> Captivara-os a nayade escondida,
> E o sol os viu travados nessa longa
> E sangrenta porfia, cujo premio

Era teu verde, candido regaço
Triumphára o trabuco lusitano
Naquelle extincto seculo. Vencido
O pavilhao francez volvêra á patria,
Pela agua arrastando longo crepe
De suas tristes, mortas esperanças.
Que vento novo o desfraldou nos ares?

P. 241-242:
XIX (1estrofe)

P. 241:
Notas MA:
1. marca em palavra do v. 1;
2. construção sublinhada no v. 2:

O rebelde ancião, domado emtamto,
Afracar-se-lhe sente dentro d'alma

P. 242:
Nota MA:
1. metáfora sublinhada no v. 12:

Ó Nazareno, ó filho do mysterio,

*

P. 244-246:
JOSÉ BONIFACIO (11estrofes)

P. 245:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 28 – estudo do vocabulário/;

Inconcussa deixaram

*

P. 262-263:
A FLOR DO EMBIROÇU (9 estrofes)

P. 262:
Nota MA: correção tipográfica no v. 3:

/ *Á* ~~A~~ fresca brisa o seio delicado

*

P. 264-266:

LUA NOVA (6 estrofes)

P. 264:
Notas MA:
1. cruzeta à margem dos v. 1-8;
2. sublinhada construção de palavra no v. 12:

E iam todos; guerreiros, donzellas,
Velhos, moços, as redes deixavam;
Rudes gritos na aldeã soavam,
Vivos olhos fugiam p'ra o ceu:
Iam ve-la Jacy, mãe dos fructos,
Que entre um grupo de brancas estrellas,
Mal scintilla: nem póde vencel-as,
Qua inda o rosto lhe cobre amplo veu.

P. 265:
Nota MA: erro tipográfico no v. 27 e correção na margem:

Do arvoredo co'as fructos que damos / *a*

*

P. 267-276:
SABINA (22 estrofes)

P. 267:
Nota MA: palavra sublinhada no v.7:

Desbrochava-lhe a sua juventude

P. 268:
Notas MA: adjetivos sublinhados nos v.31-32 – estudo do vocabulário:

Essa descolorida, arida e sêcca
Experiencia do homem!

P. 269:
Notas MA: verbo sublinhado no v. 68 – estudo do vocabulário:

Passarinhar no matto. Ia costeando.

P. 270:
Notas MA: traço nos v. 72-100:

Do ninho, a respirar o hausto primeiro
Da manhã. Pela aberta da folhagem,
Que inda não doura o sol, uma figura
Deliciosa, um busto sobre as ondas
Suspende o caçador. Mãe d'agua fôra,
Talvez, se a cor de seus quebrados olhos
Imitasse a do céu: se a tez morena,
Morena como a esposa dos Cantares,
Alva tivesse; e raios de ouro fossem
Os cabellos da cor da noite escura,
Que ali soltos e humidos lhe caem,
Como um veu sobre o collo. Trigueirinha,
Cabello negro, os largos olhos brandos
Cor de jaboticaba, quem sería,
Quem, senão a mucama da fazenda,
Sabina, enfim? Logo a conhece Octavio,
E n'ella os olhos espantados fita
Que desejos accendem. – Mal cuidando
D'aquelle extranho curioso, a virgem
Com os ligeiros braços rompe as águas,
E ora toda se esconde, ora ergue o busto,
Talhado pela mão da natureza
Sobre modelo classico. Na apposta
Riba suspira um passarinho; e o canto,
E a meia luz, e o sussurrar das águas,
E aquella fada ali, tão doce vida
Davam ao quadro, que o ardente alumno
Trocára por aquillo, uma hora ao menos,
A Faculdade, o pergaminho e o resto.

*

P. 277-288:
ULTIMA JORNADA (22 estrofes)

P. 277-278:
I (8 estrofes)

P. 277:
Nota MA: galicismos sublinhados nos v. 8, 10:

Deixando em baixo as fertiles campinas,
[...]
Oh! cândidas lembranças infantinas

P. 278:
Nota MA: construção sublinhada nos v.14-15:

Tudo caiu; lei barbara e funesta:
O mesmo instante cria e o mesmo acaba.

P. 279-282:
II (29 estrofes)

P. 279:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 26 – estudo do vocabulário:

Como no ceu a creadora lua

P. 280:
Nota MA: correção tipográfica no v. 53:

/ *s* O sinistro expectaculo, de certo

P. 282:
Notas MA: comentário no rodapé:

Isto é mais que sublime./ Versos geniais duma pureza,/ dum equilíbrio duma como-/ção maravilhosas.

**

P.289-362:
OCCIDENTAES

P. 291:
O DESFECHO (soneto)

P. 291:
Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

O desfecho

*

P. 292:
CÍRCULO VICIOSO (soneto)

P. 292:
Notas MA:
1. título sublinhado:

Círculo vicioso

2. palavra sublinhada no v. 7 – estudo do vocabulário:

Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bella!”

*

P. 293:
UMA CREATURA (8 estrofes)

P. 293:
Notas MA:
1. título sublinhado:

Uma creatura

2. construção sublinhada no v. 22:

Ama de qual amor o polluto e o impolluto;

3. correção tipográfica no v. 25:

Tu dirás que e / a Morte: eu direi que é a Vida.

*

P. 295:
A ARTHUR DE OLIVEIRA, ENFER (15 estrofes)

P. 295:
Nota MA: título ajustado:

A Arthur de Oliveira, enfer *mo*

*

P. 298:
MUNDO INTERIOR (4 estrofes)

P. 298:
Notas MA: título sublinhado por traço duplo:

Mundo interior

*

P. 299-305:
O CORVO (18 estrofes)

P. 299:
Notas MA:
1. título sublinhado:

O corvo

2. contagem de sílabas poéticas e anotação da contagem métrica nos v. 1-10:

Em certo dia, á hora, á hora *8*
Da meia noite que apavora, *8*
En, cahindo de somno e exhausto de fadiga, *12*
Ao pé de muita lauda antiga, *8*
De uma velha doutrina, agora morta, *10*
Ia pensando, quando ouvi á porta *10*
Do meu quarto um soar devagarinho *10*
E disse estas palavras taes: *8*
"É alguem que me bate á porta de mansinho; *12*
"Ha de ser isso e nada mais" *8*

P. 301:
Notas MA:
1. correção tipográfica no v. 55:

"Alguma cousa que sussura. Abramo *s*

2. correção tipográfica no v. 67:

Movendo no ar as suas negras alas,

P. 302:
Nota MA: construção sublinhada no v. 73-74

Com o gesto severo, – o triste pensamento
Sorriu-me alli por um momento,

P. 304:
Notas MA:
1. palavras subinhadas nos v. 128-129 – estudo do vocabulário:

Onde as tranças angelicaes
De outra cabeça outr'ora alli se desparziam,

2. correção tipográfica no v. 154:

"Ou simplesmente naufrago escapad *o*

*

P. 310-311:
TO BE OR NOT TO BE (2 estrofes)

P. 310 :
Nota MA: correção tipográfica no v. 2:

É mais nobre á cerviz curvar aos golpes

*

P. 313:
SUAVE MARI MAGNO (4 estrofes)

P. 313:
Nota MA: título sublinhado:

Suave mari magno

*

P. 318:
SPINOZA (4 estrofes)

P. 318:
Notas MA: correção tipográfica no v. 9:

fora
Sôem cá ~~fra~~ agitações e lutas

*

P. 321-324:
CAMÕES

P. 321:
Nota MA: título sublinhado:

Camões

P. 322:
II (soneto)

P. 322:
Nota MA: correção tipográfica no v. 12:

Ora o tens, como um guia alto e supern *o*

P. 323:
III (soneto)

P. 323:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v. 4 – estudo do vocabulário:

Aos olhos da companha valorosa,

2. ideia sublinhada no v. 11:

"Mostrar que é mais humana a humanidade.

P. 323-324:
IV(soneto)

P. 324:
Nota MA: correção tipográfica no v. 5:

E esse que foi ~~a~~s ondas arrancado */á*

*

P. 325-326:
1802-1885 (2 estrofes)

P. 325:
Nota MA: título sublinhado:

1802-1885

*

P. 330:
SONETO DE NATAL (soneto)

P. 330:
Nota MA: título sublinhado:

Soneto de Natal

*

P. 341
A FELICIO DOS SANTOS (soneto)

P. 341:

Nota MA: traço duplo nos v. 1-14:

> Felicio amigo, se eu disser que os annos
> Passam correndo ou passam vagarosos,
> Segundo são alegres ou penosos,
> Tecidos de affeições ou desenganos,
>
> "Philosophia á esta de rançosos!"
> Dirás. Mas não ha outra entre os humanos.
> Não se contam sorrisos pelos damnos,
> Nem das tristezas desabrocham gosos.
>
> Banal, confesso. O precioso e o raro
> É seja o céu nublado ou seja claro
> Tragam os tempos amargura ou gosto,
> Não desdizer do mesmo velho amigo,
> Ser com os teus o que elles são comtigo,
> Ter um só coração, ter um só rosto.

*

P. 344-351:
CLODIA (16 estrofes)

P. 345:
Nota MA: construção sublinhada nos v. 42-43:

> Não verás cheia a casa de creanças
> Loiras obra de artífices extranhos.

P. 346:
Nota MA: uso de vocábulo sublinhado no v. 75

> E madamas *!* faceiras. Vem entre elles

*

P.352-360:
VELHO FRAGMENTO

P.356-357:
VI (1 estrofe)

P. 357:

Nota MA: ideia sublinhada nos v.29-30:

> Com aquella sagaz indifferença
> Que o demo ensina às mais singelas damas,

P.359-360:
IX (1 estrofe)

P. 359:
Notas MA:
1. ideia sublinhada no v. 2:

> Tinha oito lustros e fallava em prosa.

2. palavra sublinhada no v. 14 – estudo do vocabulário:

> Sente o Freire bater-lhe as adormidas

P. 360:
Nota MA: ideia sublinhada nos v. 19-21:

> E amar e ser amado é, neste mundo,
> A tarefa melhor da nossa especie,
> Tão cheia de outras que não vale nada.

*

P.361:
NO ALTO (soneto)

P. 361:
Notas MA: título sublinhado:

> No alto

*

P.375-376:
ÍNDICE

P. 376:
Notas MA: Esboço de poema seu na margem superior e no rodapé:

> *Acolheu-te bondosa a eterna gloria*
> *No imarcescível manto que a Reveste*
>
> *E no clamor supremo da vitoria*
> *Foi tão grande a ~~fortuna~~ influencia que temente*
> *Que perturbastes páginas*

MACHADO DE ASSIS. Bibl MA: [A/II/d/18]
Poesias Completas: Chrysalidas, Phalenae, Americanas, Occidentaea. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1924.
[Poesia] IEB: MA 869.9141A848p

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernação em meio couro, 21x15 cm.

P. 289-362
OCCIDENTAES

P. 295-297
A ARTHUR DE OLIVEIRA, ENFER (15 estrofes)

P. 295:
Nota MA: ajuste do título:
A Arthur de Oliveira, enfer *mo*

*

P. 334-340
DANTE (PURGATORIO, CANTO XXV) (50estrofes)

P. 334:
Nota MA: correção do título:
Dante (~~Purgatorio~~, canto XXV)
Inferno

MARTINS FONTES. Bibl MA: [A/I/d/23]
Arlequinada – fantasia funambulesca mimo. Santos: Instituto D. Escholastica Rosa, 1922.

[Teatro] Araraquara: Sala Pio Lourenço Corrêa

Coleção MA, BPM – Araraquara.

Encadernação em meio marroquim vermelho, 21x15 cm.

Sem Notas MA

Nota da pesquisa: Na resenha crítica "Arlequinada", na revista *Klaxon* (nº 8/9; dezembro, 1922 – janeiro, 1923), MA analisa a peça de Martins Fontes:

> "[...] Com efeito: conhecimento nítido e louvável da língua. Vocabulário extensíssimo. Habilidade fora do comum em construir neologismos regulares. Espírito também regular. Mas tudo isso somado, multiplicado não dá Poesia, oh não!
>
> Como profissional do verso medido o popular médico decaiu. Há em *Arlequinada* uma porção de alexandrinos fragilíssimos. E, o que é pior, batidos, martelados. O hemistíquio ribomba, nítido, implacável. É sem dúvida o entusiasmo pela lusa poetice guerrajunqueiriz e juiliodantal que lhe roubou a saborosa elasticidade que o alexandrino adquirira no Brasil. Quanto às rimas... são desesperadoramente esperadas."[11].

[11] ANDRADE, Mário de. "Artigos". *Klaxon* nº8/ 9. São Paulo, dezembro de 1922- janeiro 1923, p. 29-30.

MARTINS FONTES. Bibl MA: [A/II/c/4]
As cidades eternas. Santos: Instituto D. Escholastica Rosa, 1923.

[Poesia] Araraquara: Sala Pio Lourenço Corrêa

Coleção MA, BPM – Araraquara.

Encadernado em meio couro, sem capa original, 21x15 cm.

Sem Notas MA

MARTINS FONTES. Bibl MA: [A/II/d/33]
A dança. S.ed., 1919.

[Teoria] Araraquara: Sala Pio Lourenço Corrêa

Coleção MA, BPM – Araraquara.

Encadernado em papel-cartão, 21x15 cm.

Sem Notas MA

MARTINS FONTES. Bibl MA: [E/I/f/186]
Granada (9º poema da série "As cidades eternas": Babylonia, Deli, Alexandria, Athenas, Roma, Veneza, Florença, Byzancie, GRANADA, Lisboa, Paris e Bruges). Santos: Instituto D. Escholastica Rosa, 1919.
[Poesia] IEB: MA 869.915F6835g

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernação em papel-cartão, 21x15 cm.

Sem Notas MA

MARTINS FONTES. Bibl MA: [B/II/c/35]
Marabá. Santos: Instituto D. Escholastica Rosa, 1922.
[Poesia] IEB: MA 869.915F6835m

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernação em papel-cartão, 21x15 cm. Capa protegida com papel de seda branco.

P. 10-11:
Nota MA: comentário:

1/ No fim do art. lembrar decadéncia de Martins/ e Hermes Fontes, dois verdadeiros poetas. E ter-/minar dizendo: Bem razão tinha o snr. Monteiro/ Lobato, ao clamar contra a destruição das/ matas numa das páginas dos ~~inicio livro/ que escreveu~~ 'Urupês' (unico livro que escre-/veu o malogrado escritor). Mas tinha mes-/mo muita razão em clamar contra o incen-/dio das nossas matas. É ~~certo que~~ tristissima/ e lamentavel a rapidez com que no Brasil/ se exaurem as fontes!/
2/ Falar na erudição pedante de M. F./
3/ E o poeta pensa 'Isto vai ficar célebre, trecho/ de antologia' Pois não fica. E o que mais/ rapidamente se esquece são justamente os/ trechos, metidos a martelo no entrecho, como/ a descrição do Amazonas, a caça do jacaré/ etc (falar antes sobre a concepção do poema)./
4/ O mau-gosto da concepção. O mau-gosto é/ actual. Mas nada ha que mais brigue com/ a versificação e os preconceitos parnasia-/nos do snr M. F./
5/ O verbalismo de M.F. e o contemporaneo. Naque-/le é pretensão ronstandiana, é sério, e tolo, pernos-/tico e mulato. Nos modernos é pandega, divertimen-/to, alegria e blague./
6/ M.F. felizmente já não é parnasiano. Tem mesmo/ falhas de metrificação (licenças, perdão) que demons-/tram por um lado o cansaço do artista. É assim/ que Simeão ora tem 3 ora 2 sílabas. Ora, não vejo/ razão para tais licenças, em quem metrifica. Si/ escolheu um verso, si seu poema é preparado in-/telectualmente, mesmo/ sem ser parnasiano, mesmo/ sem procurar rimas ricas e outras tolices parnasia-/nas (e o snr M.F. não nas abandonou inteiramente)//saiba talhar como artista que pretende/ ser, submeta-se á metrica que escolheu, e não/ fraqueje, sinão é falho, é pouco artista, é/ desleixado./
7/ Ao ler-se todo aquele classicismo tem-se impres-/são de comicidade. Os nossos, afinal, não são/ ruins, nem isso são, meu Deus! O snr. Martins Fon-/tes tornou-se um desses velhos honestos, sabios e/ pacientes, ~~alfara~~ misto de alfarrabio e traça/ da vida, fora da felicidade, da alegria, de tudo./ Um escritor enfim. Ah! não. Um bem lhe descobri./ Os poetas moços devem ler Marabá. É um in-/ventario do que se não deve fazer em poesia.

Nota da pesquisa: em seu método de estudo, o leitor-crítico prepara, estrategicamente no verso da folha de rosto e no início da p. 11 um pequeno índice para consultas futuras, ou melhor, franqueia o acesso a suas notas de trabalho que esboçam um artigo, nesta marginália. Na resenha crítica "Arlequinada", na revista *Klaxon* (nº 8/9; dezembro, 1922 – janeiro, 1923), MA, ao focalizar o livro de Martins Fontes, (*Arlequinada*.

Santos: Instituto D. Escholastica, 1922), anuncia futuro trabalho sobre *Marabá*. Na nota 5, a característica ronstandiana refere-se ao poeta e dramaturgo francês Edmond Eugène Alexis Ronstand (1868-1918), aclamado pelo público e membro da Academia Francesa. Na remessa de obras enviada por MA para Araraquara estão *Cirano de Bergerac* (1897), *L'Aiglon* (1900), *La princesse lointaine* (1895). No IEB, há também outro volume: *Deux pierrots* (Lufon,1890 MA 842.89 R839d), sem anotações do leitor.

P.11-33
MARABÁ (45 estrofes)

P.12:
Nota MA: traço à margem dos v.13-24 e comentário:

Ver delongação

Magnetizava, por ser novo e raro,
Nunca visto, o verdor que te vestia.
Toda adornada de amarelo e verde,
Tudo, em torno de ti, reverdejava,
Vindo, do verde-gaio ao verde escuro,
Em gradações verdaes verdeluzindo!
Noutra mulher seria extravagante,
Mas em ti deslumbrava, porque exprimes
O vicejo das selvas lustriverdes!
Talvez fosse selvagem, mas perturba
Ver alguém condensar, no traje exotico,
O verdum tropical do seu pais!

P.13:
Nota MA: traço à margem dos v. 38-39:

Esta de Botticelli ou Donatello,
Dama romana, dona veronesa,

P.14:
Notas MA:
1. comentário à margem dos v.61-72 e sublinhado o v.69:

Já Batista/ Cepellos e/ milhor!

E tu, no meio desse grupo insigne,
Mais do que todas juntas, captivavas!
Inflammou-se a paixão que ambos sentimos!
Amei-te, e ao meu fervor correspondeste!
No mesmo olhar os corações prendemos,
Tendo a revelação, naquelle instante,
Tu, de seres a imagem do meu sonho,
E eu, de ser o troveiro que sonhaste.
Pela das danças musical vertigem
Enlaçados vimos, de repente.
E foi nesse momento, de honra e jubilo,
Que descobri quem eras, Marabá

Nota da pesquisa: *Os bandeirantes*, livro do parnasiano Batista Cepellos (1872-1915), com prefácio de Olavo Bilac (São Paulo: Estabelecimento Typographico do Fanfulla, 1906), mostra-se com marginalia, na biblioteca de MA. (MA869.9149 C399b).

2. escólio à margem dos v.73-84, remete ao projeto de artigo, mencionado MA, na folha de rosto:

Amazonas/ nota 3

Ao fitar os meus olhos nos teus olhos,
Transportei-me, por súbita magia,
Entre scenarios de esmeraldas e ouro,
A's paragens das águas deslumbrosas.
Vi, nos teus olhos negros e profundos,
O rio-rei, nos revoltões da enchente,
Como gigante louco ou deus possesso,
Fluir seis mil kilometros, em fúria,
E, de chofre, chegar, chofrando, ao golfam
Da 'Hyloe' verdosa, Dédalo florido
Que, expandindo em dez leguas marematicas,
Se ampli-escancára no Tajapurú!

P.17:
Nota MA: traço e escólio à margem dos v.145-156 remetem ao artigo referido por MA, na folha de rosto:

Há, nestas plagas, um desporte incrível,
Que, a te-lo visto, não se olvida nunca.
(Mais que a pega do touro, este brinquedo
Requer força, bravura, agilidade).
E' o jogo que entretem, na agua profunda, — *pesca do jacaré*
O homem e o jacaré, quando se enfrentam.
O homem, pendente, trás do braço, um tóro,
E, depois de cansar o crocodilo,
Que se move somente em linhas rectas,
Lhe intromete este cepo na bocarra,
Vira-o, pondo-o de pé, na fauce escancara,
E o monstro arrasta, dominado, á mão.

P.18:
Notas MA:
1. traço à margem dos v. 159-161:

Encender-se a escaldancia do teu corpo,
Teu contacto epidérmico adurir-me,

Insolarar-me a tua pelle de ouro!

2. escólio à margem dos v. 169-180:

Seca no Ceará!

Gemem os animais. A luz dardeja,
Cauterizando os cereus esmaecidos,
Que imitam candelabros amarelos,
Tochas accesas na effusão do dia.
Ferve o silêncio. A claridade escorre
Em ondas de ouro líquido, ebullindo.
O solo racha; as pedras refagulham;
O ar esfuzila em piscas irisantes,
Em palhetas minusculas de mica.
Sobre o deserto, no estendal combusto,
Flammifervem, despejam-se, lucifluas,
As cataractas dos vulcões do sol!"

P.19:
Nota MA: comentário irônico à margem dos v.199-200, sublinhados:

Ah! pudesse eu lenir a tua sede,	*É mentira ou/ então é*
Dando as lagrimas todas do meu pranto!	*pranto/ metafórico*

P.20:
Notas MA:

1. escólio à margem dos v.205-216;
2. construção sublinhada no v.216 e comentário no rodapé:

Umbuzeiro

"Hotel de Deus", sozinho, no escampado,
O umbuzeiro se insula, como um templo.
Alto e redondo, elle se torna baixo;
E assim, rojando os ramalhões cachudos,
E' tecto, é pão, é fonte querençosa,
Acarinhando os órphams da pobreza,
Arvore Mãi de todas as misérias!
E o boiadeiro, quando o vê, murmura:
– "Ai, ai, umbú! – Ai, ai, Deus te conserve"!
E se pergunta alguém: – 'Por que suspira?'
Lhe responde o caboclo, descobrindo-se:
– "De pena delle, por viver tão só!"

É mentira. O caboclo não/ respondia com o decassílabo.

P.21:
Notas MA:

1. traço à margem dos v.229-240, remetendo ao comentário na margem superior:

Depois que assim falaste, nos partimos.
E á sombra immovel dos jardins descemos,
Como dois namorados que se escondem.
Mas a brisa, ao tocar nos teus cabellos,
Fez soltarem-se delles, no ar da noite,
Todos os cheiros que ha na mata umbrosa,
Como se a natureza, abrindo o seio,
Vaporasse milhões de trescalancias,
Cheiros quentes, macios, saborosos,
Dos que, de tarde, as auras escaldantes
Trazem das plantas do equador, narcoticos
Que envenenam e matam de prazer.

Notar si de facto recordaram alguma coisa/ ou se isto foi pretexto a toada aos perfumes

2. escólio à margem dos v.241-253 e comentário no rodapé, que remete ao artigo referido por MA, na folha de rosto:

Era o perfume que ha na manga-rosa,
No caju, no cajá, na tangerina;
A olencia dos frutaes dentro dos bosques,
Ou nas serras e valles pomareiros;
O rescender do abacaxi do brejo,
as frutas Do araticum e do melão maduro;
Eram todas as lyras da floresta
Symphonizando os cantos capitosos,
Vindos desde a surdina da mangaba
Ao bacuri que, estridulo, restruge,
Quando a selva revibra, polyphonica,
Pela voz dos aromas, ao luar!

Francamente prefiro o ~~dicionário~~.... ~~de XXX~~ piscoso Vocabulário Analógico/ de Firmino Costa/ É mais instrutivo, mais divertido e mais honesto/ observação para 1ª estrofe da/ pg 24/ (nota 2)

Nota da pesquisa: em sua biblioteca, MA possui um exemplar do *Vocabulário analógico*, de Firmino Costa (São Paulo: Melhoramentos, 1933 MA 469.3 C837v), por ele bastante anotado: estudo do vocabulário, sugestões para a inclusão de vocábulos, acréscimo de exemplos, ampliação de explicações, reunião de termos afins, coleta de locuções, falares e sinônimos. Esta Nota MA remete à primeira estrofe do mesmo poema à p.24, onde outra anotação conduz à nota 2, na folha de rosto, e acusa a "erudição pedante" do poeta.

P.22:

Notas MA:

1. comentário à margem dos v. 260-261:

Animalculos fogem, phosphoreiam,
Sobre fofas alfombras que se afundam

? Porque/ como, quando?/ Qual!
está aqui/ só por causa/ do éfe

2. frase sublinhada nos v.271-272:

Atumultua a confusão. Folhagens,
Que são thermo-cauterios, se entrecruzam.

3. comparação sublinhada no v.276, remetendo ao comentário no rodapé:

Ouriçando os punhaes, que são ferrões.

Não são ferrões, são espinhos/ M.F. explica punhais dizendo/ que são ferrões. Não são! É mentira!/ Mas precisava de rima aguda.

P.23:

Nota MA: sinônimos sublinhados nos v.283-284, ligados por um traço, e comentário à margem da estrofe:

Alêm, gigantas, frondejando, se alam
Imbuias, frutas-pães, maçarandubas,
Perobas, jatobás, jenipapeiros
A cuja sombra, em redes, poderiam
Varias familias repousar á sésta;
Cumarús, piranheiras e paus-ferros
Que, imperterritos, quebram os machados,
Que as ségures estilham, de tão duros;

E isto é descrição. Não se vê/ nada! Uma enumeração sem vida, pretencio-/sa e que só poderia criar em nós uma/ floresta de opereta, sem verdade e vida.

Nota da pesquisa: o leitor reprova, portanto, a enumeração do parnasiano, que suscita interrogações quanto a Martins Fontes entre as matrizes de MA nas enumerações voltadas para elementos da flora brasileira, presentes em *Macunaíma – o herói sem nenhum caráter*, servindo à desgeograficação/ desregionalização do espaço. Matriz que associa à matriz principal da rapsódia publicada em 1928, o lendário recolhido e transliterado por Theodor Koch-Grünberg, no v. 2 de *Vom Roraima zum Orinoco, Mythen und Legenden der Taulipang-und Arekuna-Indianer* (Berlim: Reimer, 1917). Em *Macunaíma*, as enumerações, muitas vezes, trazem para o texto o ritmo de embolada, na ausência de vírgulas. Cabe lembrar este fragmento do capítulo 5 "Piaimã": "Por detrás do tejupar do regatão vivia a árvore Dzalaúra-Iegue que dá todas as frutas, cajus cajás cajamangas mangas abacaxis abacates jaboticabas graviolas sapotis pupunhas pitangas guajiru cheirando sovaco de preta, todas essas frutas e é mui alta.", no qual a sonoridade mescla a aceleração, como o frenesi da metrópole, a um espaço selvagem idealizado (ANDRADE, Mário de. *Macunaíma – o heroi sem nenhum caráter*. Rio de Janeiro: Agir, 2007, p. 55. Estabelecimento de texto Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo). A hipótese leva à observação das épocas na leitura dos

parnasianos por MA, somando quatro momentos: o contato primeiro do ginasiano, sem marginália, neste caso; a leitura do crítico, em 1921, para a redação da série de artigos "Mestres do passado", quando revisita Francisca Julia, Raimundo Correia, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac e Vicente de Carvalho, atacando elementos da estética de Banville; o prosseguimento dos estudos de versificação por MA poeta, após sua confirmação no modernismo, apondo farta marginália aos livros parnasianos, entre 1922-1935, por fim, o crítico e poeta maduro que relê obras e a própria marginalia, para o artigo "Parnasianismo", publicado em 1938, quando avalia a *Antologia dos poetas brasileiros da fase parnasiana*, de Manuel Bandeira (Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1938 MA 869.9108A634fp ex 1 e 2).

P.24:
Nota MA: comentário e traço à margem dos v. 303-310, marcando a aliteração na enumeração:

vide baixo da/ pg 21

O rumor dos vozeios ataranta:
Remurmurios, runruns, zonzons, zumbidos,
Píós, pios, pipilos, papagueios,
Cricis, gluglus, quiqueriquis, crocitos,
Trissos, trilos, trinados, regorgeios,
Charlos, galrejos, e, dobrando, os chilros
Do sabiá, do japim e do soldado,
Capazes de fingir todas as vozes,

P.29:
Notas MA:

1. traço à margem dos v.433-444 e escólio;
2. comentário no rodapé:

Simeão

Simeão chamou-se certo heroe de bronze,
Sentinella avançada dos escravos,
Que vivia nas serras tenebrosas,
Soprando apitos pela noite muda,
Dando signaes aos negros quilombolas,
Para salval-os, no momento extremo,
Sederentos, famintos, resangrando,
E conduzi-los, por caminhos curtos,
Ao remanso da paz no Jabaquara.
Nos braços fortes carregando os fracos,
Privava-se de tudo, insomne, intrépido,
Este santo dos negros, Simeão!

Mais verdadeiro talvez que o/ de Vicente. Mas quem o sera capaz/ de afirmar! A arte de Vicente tornou/ Simeão mais real que a vida e que/ o recanto realista de Marabá!

P.30:
Nota MA: traço à margem dos v.457-458:

Marabá, Marabá, rosa entre espinhos!
Não mais soluces, meu amor primeiro!

P.31:
Nota MA: comentário e traço à margem dos v.481-492:

Marabá, que te falta, para seres
A princesa das fadas no universo?
Por que motivo tu, bondosa e rica,
Tendo o genio, a belleza, a mocidade,
Vives occulta, como flor enferma?
Soffres: teu mal devora-te as entranhas:
Ha podruras que a seiva te empeçonham:
Miudos, mesquinhos, minimos, immundos,
Mil fimiculas vis te martyrizam,
Depauperam, corroem, desnaturam:
São os teus ancylostomos politicos,
Larvas letaes da fauna verminal.

Mas ouvi/ agora o/ passo sublime!/ Que lindo, hein!/ E moderno! Tem/ sciencia, politica/ e flores de mistura/ É a simultanei-/dade absoluta

P.32:
Notas MA:

1. traço triplo à margem dos v.493-494:

Não terem todos uma só cabeça,
Para que eu, de um só golpe, a decepasse!

2. traço à margem dos v.501-511, expoente (1) remetendo ao comentário no rodapé; construção sublinhada no v.513:

Quando, em fim, pertenceres aos artistas,
Zeladores da flamma sacrosanta,
Poetas soldados que, em coral multisona,
Te orgulhecem nos surtos para o bem!

(1) Estes, sim! são teus filhos, são teus noivos:
Mortos, dão-te, na terra, o pão da carne,
Dão-te, vivos, o vinho do seu sangue!
Amo-te! – e apenas sei que me desvairas!
Quero, em teu collo, repousar, afflicto.
E Marabá, prendendo-me em seus braços,
Cantorinha, de leve, embaladora:

– ‘Dorme; quando acordares, serei grande.
Tomba em meu seio, soffredor piedoso. *É mentira*
Para te acalentar, sonoramente,
Ouve, como as crianças, uma fabula,
Dorme, ouvindo a Canção de Marabá:

(1) Mas no fim é que se desenrola alaridal/ fulvecente e platifungrumdumdumtaratissimamente/ a filosofia do Sr Martins/ F. contradizendo Platão. É kikirigricissimo!/ Platão negava direitos de cidadania aos poetas// mas para o ~~filosofo~~ sociologo brasileiro só os artis-/tas é que são filhos da pátria e noivos/ incestuosos da dita: ‘estes sim são teus/ filhos, são teus noivos etc 3 versos”

P.33:
Nota MA: traço a margem dos v. 518-529 e comentário no rodapé:

– Conta uma lenda dos primeiros incas
Que, em Potosi, houve uma flor de fogo,
Jalde, solar na essencia, cordifórme,
Que, só de ve-la, o viajor tornava
Perpetuamente forte, moço e bello!
Rosa de radio, astro floral, semente,
Como as pepitas, da arvore sagrada,
Que abrolha em mundos, enflorando a noite!
Tendo, no olvido, seculos brilhado,
Hoje a planta estellar todos bendizem:
Porque o Brasil é, nos jardins da America,
A flor chamada – “Coração do Sol!”

Naturalmente M. F. não viu ainda o/ Brasil, a tal flor que tornava moço forte/ e belo país que se torna cada vez mais/ velho

MARTINS FONTES. Bibl MA: [A/I/f/78]
Verão. Santos: Instituto D. Escholastica, 1917.
[Poesia] IEB: MA 869.915F6835v

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernação em papel-cartão, 21x15 cm. Capa protegida com papel de seda branco.

P.7-38
POEMAS OLYMPICOS

P.7-15
PARTHENON (32 estrofes)

P.7:
Nota MA: ideia sublinhada no v.4:

> Esse implacável tedio de quem pensa

P.8:
Nota MA: traço à margem dos v.13-16:

> Foge da gloria, fútil e profana,
> Que, mundanaria, te perverte e engana:
> E, no silêncio do ideal, procura
> Pairar acima da torpeza humana.

P.9:
Notas MA:

1. rima toante sublinhada nos v.30-31 – estudo da sonoridade;
2. expressão sublinhada no v. 35 e expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé;
3. expoente *(2)* no v. 39, remetendo à comparação, por meio de citação, no rodapé:

> E que, sangrando ao peso desta algema,
> Talhando o bloco da visão suprema,
> Tenhas, por mais que o metro se comprima,
> Os exaggeros da minucia extrema.
>
> Realça os contornos, aprimora e limpa:
> E a palavra, sem par, da tua estima,
> Engasta em ouro, como um lapidario,
> Watteau do verso, Becerril da rima. *(1)*
>
> Quero que a estrophe, como um relicario,
> Tenha aquelle primor extraordinario

De Fray Juan de Segovia, rendilhando
O relevo de prata de um sacrario. *(2)*

(1) Já sôbre o mesmo assunto, Bilac/ invocara Becerril. Aqui é manifesta/ a recordação do grande poeta.
(2) "Quero que a estrofe cristalina/ dobrada ao geito/Do ourives, saia da oficina/ sem um defeit"o Bilac

Nota da pesquisa: MA aproxima os versos de Martins Fontes à "Profissão de fé", de Olavo Bilac, em que o trabalho do poeta é comparado ao do ourives, na preocupação com a forma perfeita. O leitor identifica metáfora similar (Becerril) e cita os v. 33-36 do mestre parnasiano. MA possui, em sua biblioteca, um exemplar de *Poesias*, de Bilac (Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1909, 4ª edição), com marginalia farta ligada, sobretudo, ao estudo da sonoridade (aliteração, assonância, rimas).

P.11:
Notas MA: expoente *(1)* no v. 63, remetendo ao comentário no rodapé:

Verifica, depois de longo estudo,
Que o pensamento esplende, sobretudo,
Si irradia num verso palpitante,
Que o immortaliza, – porque o verso é tudo! *(1)*

(1) A estrofe encerra uma contradição. Si/ o verso é tudo precisará êle conter um/ pensamento forte?...

P.12-13:
Nota MA: expoente *(1)* no v. 83, remetendo ao comentário no rodapé:
(1) Não sei si o soneto "A um poeta" de Bilac é anterior/ ou posterior a esta poesia. Sei que pra inteira camaradagem/ destes dois poetas, naturalmente um deveria conhecer a/ obra do outro. Já a ocorrência de chamarem ambos ao artis-/ta poeta de beneditino é mais do que uma prova. A comparação/ originalíssima e esplêndida não depararia ocasional-/ mente a dois poetas inda que extremados idolatras da Forma. Diz Bilac 'Longe do esteril turbilhão da rua, Beneditino escre-/ ve' e ainda, resumindo a quadra de Martins Fontes:/ 'Mas que na forma se disfarce o emprêgo do esfôrço'/ e ainda:/ 'não se mostre na fábrica o suplício do mestre"

Que assim a rima, inedita, imprevista,
Fulja tão natural á nossa vista,
Que no verso rebrilhe facetada,
Porém não mostre em que o labor consista. *(1)*

Nota da pesquisa: o leitor identifica a apropriação do tema e de termos. O poema de Martins Fontes foi publicado dois anos antes de "A um poeta", de Olavo Bilac. Em sua

biblioteca, MA possui o exemplar da 1ª edição de *Tarde* (Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1919), por ele bastante anotado.

P.13:
Notas MA:

1. colchete à margem dos v. 90-91 selecionando ideia;
2. expoente *(1)* no v. 95, remetendo à comparação, por meio de citação, no rodapé:

Obedece aos caprichos desta norma:
Rasga, refunde, impavido reforma,
Si, em teu orgulho, tu sómente vives
Para a suprema inspiração da Fórma!

Sobe pelos caminhos mais acclives,
– E de tantas agruras não te prives,
Para que, eternamente insatisfeito,
Sejas artista, mas artista ourives! *(1)*

(1) "Invejo o ourives quando escrevo" Bilac

Nota da pesquisa: MA cita, uma vez mais, "Profissão de fé", de Olavo Bilac, v.13, na 4ª edição de *Poesias* em sua biblioteca (1909); 1ª. edição, em 1888 (São Paulo: Teixeira & irmão).

P.14-15:
Notas MA:

1. palavra sublinhada no v. 105: "E entra no Parthenon *(1)*, calmo e risonho!" e anotação: "*(1) É Partenão ou Pártenon que se diz"* – estudo da sonoridade;
2. palavra sublinhada no v. 107: "– Viverás no delubro *(2)* do teu sonho!" e anotação do significado: "*(2) Templo pagão"* – estudo do vocabulário parnasiano;
3. sublinhada repetição de palavra nos v. 106 e 111, unidas por traço na margem;
4. traço à margem dos v.112-115;
5. construção sublinhada no v.119 e expoente (3) remetendo ao comentário no rodapé:

Deixa o presente misero e tristonho,
E entra no Parthenon *(1)*, calmo e risonho!
Pois este é o premio com que te contemplo:
– Viverás no delubro *(2)* do teu sonho!

Templo de todos os Artista! Templo
Sem rival, sem igual e sem exemplo,
Que, em frente ao sol, na acropole de Athenas,
Majestatico, em extasis, contemplo!

Depois de tantas, tão amargas penas,
Já que á sombra do claustro te condemnas,
Aprende a amar, nos mestres do passado,
O culto heróico das paixões serenas.

E, celebrando o teu apostolado,
Entôa aos Deuses, com fervor sagrado,
Deante da perfeição e da grandeza,
O teu hymno de amor e exilado:" *(3)*

(3) Um verso bastante imperfeito. Não ha a relativi-/ dade necessaria entre amor e exilado. Seria preciso/ então dizer-se: 'O teu hino de amante e de exilado' ou/ 'O teu hino de amor e de exílio' o que não daria/ no métro./ Esta poesia não é mais que o desenvolvimen-/ to fanhoso e extemporâneo dos famosos octossíla-/ bos da "Profissão de fé" de Bilac. Aliás, o que ma-/ cula principalmente êste livro é essa, talvez/ inconsciente, mania de imitar o grandíssimo poeta./ As recordações, principalmente oracionais, são legião./ Na pg 14 ha duas vezes contemplo em rimas./ Si em emplo não existem quatro rimas o A./ devera não a colocar, pois não quer êle para/ o verso 'a jaça do menor defeito'.

Nota da pesquisa: no verso v.114 do poema MA encontra o tema e o título da série de artigos que faz uma revisão do parnasianismo, em 1921: "Mestres do passado", publicados no *Jornal do Comércio*, em São Paulo, nos dias 2, 12, 15, 16, 20, 23 de agosto e 1º de setembro, 1921. Transcrito por BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro: antecedentes da Semana de Arte Moderna*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1971.

*

P.20-21
ORPHEU (Soneto)

P.20:
Nota MA: expoente *(1)* no v. 4, remetendo ao comentário no rodapé – estudo da sonoridade:

Na Thracia antiga, á margem da corrente
Do Hebro, á sombra dos platanos, outr'ora,
Orpheu, a adolescencia, á luz da aurora,
Flebil, feria a cithara fremente. *(1)*

(1) Aqui o A queria forçosamente uma onoma-/ topea em ff e viu-se para isso obrigado a/ colocar aquêle flébil que mais parece referir-se/ a Orfeu que a cítara.

P.21:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 9: "Vinham ouvil-o, dos sombraes furtivos," e anotação do significado: *"(1) Lugar sombrio. Abrigado do sol por latada ou/ arvoredo."* – estudo do vocabulário parnasiano.

P.22-23
HEPHAISTOS (Soneto)

P.23:
Nota MA: expoente *(1)* no v. 14, remetendo ao comentário no rodapé:

> Como tu, modelando uma obra prima,
> Penso que, num collar de estrophes, ponho
> No ouro do verso a perola da rima! *(1)*

(1) 'No verso de ouro engasta a rima,/ como um rubim'/ Bilac

Nota da pesquisa: MA menciona o v.31 de "Profissão de fé", de Bilac.

*

P. 24-25
DIONYSOS (Soneto)

P.25:
Notas MA:

1. palavra sublinhada e expoente *(1)* no v. 12: "Glabro, chorudo *(1)*, rabicundo e louro," e anotação do significado: "*(1) Gordo"* – estudo do vocabulário parnasiano;
2. expoente *(2)* no v. 11, remetendo ao comentário no rodapé:

> Crotalos, buzios, tympanos, badalos,
> Sistros resoam! – E, no plaustro de ouro,
> Tirado por pantheras e cavallos, *(2)*
>
> Glabro, chorudo *(1)*, rabicundo e louro,
> Baccho apparece, suspendendo um phallus,
> Ao som dos euges triumphaes em côro!

(2) Estas panteras e êstes cavalos tirando/ juntamente um carro são imparave/mente [incomparavelmente] *artísticos! Êste soneto é, todavia,/ o milhor que até agora apareceu.*

*

P.28-29
SEGUNDO PRODICOS DE CÉOS (Soneto)

P.29:
Nota MA: expoente (1) no v. 11, remetendo ao comentário no rodapé:

> E elle: 'Si sois iguaes, meu ideal não permitte
> Que haja escolha entre vós... Amemo-nos, portanto,

Os tres...' (Assim responde a este fino convite). *(1)*

(1) Não havia necessidade dêste parentese./ Já no começo do terceto diz o A: 'E êle...' o/ que aclara perfeitamente o diálogo.

*

P.30-31
BABYLONIA (Soneto)

P.31:
Notas MA: expoentes (1), (3) no v. 11 e (2) no v. 14, remetendo ao comentário no rodapé:

É á sesta, á hora estival em que o calor abate.
E, á sombra dos athlehs dos seus parques pendentes,
Dorme, lubrica e nua, a colomba *(1)* do Euphrate. *(3)*

Dorme. E em sonho entreabrindo os labios sorridentes,
– Como um fio de luar numa rosa escarlate,
Mostra o claro collar de perola dos dentes. *(2)*

(1) Que eu saiba não existe esta palavra na/ lingua.
(2) Isto de dentes de pérolas é anterior aos próprios/ românticos. Creio que até Salomão já assim/ descantou, para a Sulamita. Não sei si o/ disse, mas naturalmente te-lo hia dito; e,/ si o não disse, foi algum dos seus contempo-/ râneos o que primeiro fez a comparação.../ Desde que haja bons dentes... e belas pérolas!
(3) Não é Eufrates com esse, em português?

*

P.32-33
ATHENAS (Soneto)

P.32:
Nota MA: expoente *(1)* no v. 2, remetendo ao comentário no rodapé – estudo da sonoridade:

Phrynéa, desprendendo o alvo peplum pendente, *(1)*

(1) Não sei o que achou de belo o A. nesses/ pp que não acabam mais. Naturalmen-/te é alguma onomatopea, querendo o poeta/ grafar a explosão da admiração da popula-/ção. Eu tambem sei fazer onomatopeas.

P.33:
Nota MA: comentário no rodapé – estudo da sonoridade:

E ao ver o povo grego a Cypria Mnezarete,

Rorejante, surgir do seio de Amphitrite
Bella, em toda a nudez que seduz e promette,

Esquecendo a mulher que deslumbra e permitte,
Glorificou, sonhando, a fórma que reflecte,
No mármore da carne, o esplendor de Aphrodite!

Alem das rimas em ete e ite dos tercetos,/ ha, a prejudica-los, uma porção de/ verbos que aí entram para encher as/ doze sílabas. Assim o 'que seduz e promete'/ e o 'que deslumbra e permite'.

*

P.34-35
A VENUS DE PARIS (Soneto)

P. 35:
Nota MA: comentário no rodapé:

Na Venus de Paris, nessa linda figura
De atheniense moderna e virgem florentina,
A Arte symbolizou a impeccavel finura
Do espirito francês, – flor da raça latina.

Primor! A estatua vive! Animando a esculptura,
Sente-se palpitar a nudez feminina!
– E si, na fórma ideal, a perfeição fulgura,
Mais subtil que a belleza, a graça predomina!

Desenhando o quadril, que a elegancia tortura,
Ha, nessa flor de lis, tão fragil e tão fina,
Uma linha imprevista á curva da cintura...

E Eva do inferno humano, ella se denomina,
De tal modo sorri com malicia e doçura,
A Satania-Gioconda, a Venus-Colombina.

Fica-se a admirar como êstes sonetos são bem/ feitos... mas apenas bem feitos e mais nada./ Não será isto propriamente a inspiração, condição/ fecundante de toda poesia. Ha uma porção de/ harmonias e de ritmos, terminando ao final/ de cada estrofe: mas êsses ritmos e essas har-/ monias não ecoam longamente dentro em/ nós, não sugerem, não sugestionam, não/ comovem. É a mascarada da arte divina./ Os defeitos que esmiucei nessas linhas, são, sem/ dúvida, devidos a um critério ferocíssimo no jul-/gar. Realmente sou mais piedoso e cordato. Apenas/ quis mostrar que o poeta (aclamadíssimo aliás pelas/ facções literárias a que se ligou) apesar de clamar/ e desejar tam ardentemente no 'Pártenon' a per-/feição, e os 'exagêros da minúcia extrema' não/ alcançou na Forma essa perfeição invocada e, muito/ menos, causou-se em exageros de minúcia extrema.

**

P.39-76
A NATUREZA E O SONHO

P.39-40
CREPUSCULO (Soneto)

P.39
Nota MA: metáfora sublinhada no v. 5:

> À surdina da luz irrompe, de repente

P.40:
Nota MA: construção sublinhada no v. 9 e expoente (1), remetendo à comparação com outros poetas, no rodapé:

> Na alma, como na terra, a noite nasce. *(1)* É quando,

(1) 'Vão-se as últimas oras azas. Anoitece./ 'O sino cala-se. Anoitece na alma...'/ Heitor Lima/ Primeiros Poemas pg 143,/
'Il pleure dans mon coeur/ 'Comme il pleut sur la ville'/ Verlaine,/
'Cai neve na natureza/ ' – E cai no meu coração'/ Augusto Gil/ Luar de janeiro pg 27.

Nota da pesquisa: em sua biblioteca no IEB-USP, MA possui *Primeiros Poemas* de Heitor Lima (Rio de Janeiro: s.ed., 1915, MA 869.9149 L7323p), com muitas anotações de leitura. Cita os v. 13-14 do soneto "Saudades", à p.143, que aparecem sublinhados, com expoente (1) remetendo ao comentário do leitor no rodapé: *"(1) Lembra Verlaine: "Il pleure dans mon coeur/ 'Comme il pleut sur la ville"- Alias, a frase do simbolista francês, inspirou também Augusto Gil e outros mais"*. De Paul Verleine, estão na coleção MA, no IEB, os volumes *Parallèlement* (Paris: Calmann-Lévy, 1922, MA 841.89 V521p) e *Romances sans parole* (Paris: Albert Messein, 1920, MA 841.89 V521r), exemplar com ilustrações coloridas de onde o leitor transcreve os v. 1-2, de "Il pleure dans mon coeur", p. 19 – nenhum dos livros traz notas do leitor. Para Araraquara, MA enviou seu exemplar de *Choix de poésies*, também do poeta francês. MA menciona ainda os v.43-44 de "Balada da neve", do poeta português Augusto Gil. O trecho está no seu exemplar de *Luar de Janeiro* (Lisboa: A lanterna, 1909, MA 869.169 G463L), à p. 27, livro sem anotações de leitura. Em sua biblioteca, no IEB-USP, MA guardou outros títulos de Augusto Gil: *Versos* (Lisboa: Aillaud e Bertrand, 1919, MA 869.169 G463v) e *Canto da cigarra* (Lisboa: A lanterna, 1910, MA 869.77 G463c), livros sem marcas do lápis do leitor, e *Alba plena* (Lisboa: Henrique Pereira, 1916, MA 869.169 G463a), bastante anotado.

P.41-56
NA FLORESTA DA ÁGUA NEGRA

P. 41-43
PARTE I (9 estrofes)

P. 41:
Notas MA:

1. círculo à margem dos v. 1-4; 5-8;
2. elisão sublinhada no v.1 e expoente (1), remetendo ao comentário no rodapé;
3. expoente (2) no v.4, remetendo ao comentário no rodapé;
4. aliteração sublinhada no v.8 – estudo da sonoridade:

É á hora *(1)* intensa do sol na terra americana.
Dentro do coração do Brasil. Na floresta,
- Á sombra secular da selva soberana.
Nos éstos do verão. Sob o torpor da sesta.*(2)*

Queda immoto o arredor na adustão da soalheira.
O ar, oleoso, referve. Immovel tudo. Espasmo.
- Apathica, em plethora, a natureza inteira,
Morre na mornidão de um morbido marasmo.

(1) O A. começa o seu poema com um defeito/ inadmissível num beneditino da Forma.
(2) Miudear os defeitos desta quadra fôra um nunca/ acabar. Repetições fastidiosas: 'hora intensa do sol', 'estos/ do verão', 'torpor da sesta', 'na floresta' é pois lógico/ que se está 'á sombra da selva'. A frequência das/ frases curtas.

P.42:
Notas MA:

1. palavras sublinhadas e expoente (1) no v. 10: "Em luteos (1) lumaréos e vibrações urentes," e anotação do significado: "*(1) Luteo. C. F. não consigna a palavra. Luteolina substân-/cia corante da resêda amarela."* – estudo do vocabulário parnasiano;
2. expoente (2) no v. 12, remetendo ao comentário na margem superior:

Jalnes, rufas, de tons gualdos e fulvescentes. *(2)*

(2) O A. espanta o leitor com uma língua nova, que este, in-/feliz, não conhece. Ha manifesta intenção de épater. Na/ designação das labaredas ha simplesmente tolice. Flavas,/ jalnes, gualdos e fulvecentes vem a dar quasi no mesmo,/ principalmente os tres primeiros qualificativos.

Nota da pesquisa: as iniciais C. F. referem-se a Antonio Cândido Figueiredo, filólogo e escritor português. De autoria do estudioso, MA possui: *Novo dicionário da língua portuguesa* (Lisboa: Tavares Cardoso e Irmão, 1899 – MA 469.3F475n volumes 1-2), *Falar e escrever: novos estudos práticos da língua portuguesa ou consultório popular de enfermidades da linguagem* (Lisboa: Livraria clássica, 1911 – MA 469F475f volumes 1-3), *Estrangeirismos* (Lisboa: Livraria clássica, 1913 – MA 469.24F475e volume 1-2), , *Língua portuguesa em Portugal e no Brasil (discurso acadêmico, seguido de um resumo da reforma ortográfica)* (Lisboa: Ed. Lusitana, 1923 – MA 469.798F475L), obras de consulta que carregam, em alguns dos volumes, marcas do

leitor que pesquisa arcaísmos, galicismos, ortografia, formas de uso, recolhe termos e agrupa expressões. MA guarda também *Que não se deve dizer: bosquejos e notas de filologia portuguesa* (Lisboa: Livraria clássica, 1916 - MA 469.83F475q volumes 1-3), sem anotações.

3. círculo à margem dos v. 13-16:

Sob o vulcão do sol a mata resplandece,
Nimbada por um halo incandescente e louro.
A estampa de metal da paisagem parece
Uma esmeralda a arder dentro de um aro de ouro.

4. traço duplo à margem dos v. 17-20; imagem sublinhada por traço duplo no v. 17; palavra sublinhada e expoente (3) no v.19, remetendo ao comentário no rodapé – estudo do vocabulário parnasiano:

"O verde é multicor! tem cambiantes diversas!
E essas colorações, em conjuncto indistinctas,
Vêm, desde o verde-escuro ao verde-cré das versas, *(3)*
Variando, na unidade, a gradação das tintas."

(3) Não saberei dizer em que sentido novo emprega o A. a/ palavra versa. Alem de galicismo, significa estado das searas/ acamadas pela chuva ou outro acidente.

P.43:
Notas MA:

1. expoente (1) no v. 28, remetendo ao comentário no rodapé;
2. círculo na margem dos v. 29-32:

Cobre a concha do céo, de um anil fundo e forte,
Essa paradoxal planura desmedida.
E a floresta apparenta a placidez da morte,
Verde, virgem, vivaz, na volupia da vida! *(1)*

É o momento infernal dos maiores calores.
Canicula. Oppressão. A atmosphera aphyxia.
Do proprio suor, no ar secco, aspiram-se os vapores.
Tombam tontas de febre as aves. Calmaria.

(1) Um lindo verso. Há uma onomtopea sem dúvida.../ a gente não percebe muito bem a intenção daqueles/ ves, mas, não ha dúvida impressiona bem, entusias-/ma. Esta primeira parte do poema é magnífica. Como/ que se sente a luz e o amarelo desvairado e o calor/ sufocante e "a mornidão do marasmo" na escultura gi-/gantesca dêstes versos.

P. 43-48
PARTE II (19 estrofes)

P. 43:
Nota MA: círculo na margem dos v. 1-4:

Porém o inesperado, ondulando no espaço,
○ Igneo, perpassa no ar o sopro do bochorno.
E a impressão que produz esse bafo, ao mormaço,
É a mesma que se tem do rescaldo de um forno.

P. 44:
Notas MA:

1. círculo na margem dos v.5-8:

A bafagem augmenta: é o sudeste que avança:
○ Zune, zimbra, sibila, entre assobios uiva...
E emquanto, farfalhando, as ramagens balança,
Ergue do chão de grés uma poeirada ruiva.

2. palavra sublinhada e expoente (1) no v. 10: "Torna-se cardeo (1) o céo; a amplidão se recobre" e anotação do significado no rodapé: "*(1) Como cardão, quer dizer o que tem a cor de azul-violáceo,/ da cor da flor do cardo*." – estudo do vocabulário parnasiano.

P.45:
Notas MA:

1. círculo na margem dos v. 21-24:

A trovoada parece, á luz calida e crua,
○ O tropel dos titans, um trepidar de tropas!
– E o diluvio da chuva, ao longe, deságua,
Ruflando o rataplan das bátegas nas copas.

2. círculo na margem dos v. 29-32; ação sublinhada por traço duplo no v.30 e expoente (1) remetendo ao comentário no rodapé:

Cáe. Abranda o calor do solo e da floresta.
○ Dá de beber *(1)*. Mitiga a quentura implacavel.
A alegria da vida emfim se manifesta:
Tudo canta e sorri de um modo inenarravel.

(1) É sublime.

P.46:
Notas MA:

1. círculo na margem dos v.33-36, 37-40, 41-44;
2. traço duplo à margem dos v. 33-36;
3. expoente (1) no v.39, remetendo ao comentário no rodapé;
4. pares de substantivos sublinhados no v. 45 e expoente (2), remetendo ao comentário no rodapé;

5. palavra sublinhada no v. 47 e anotação do significado: "*tornar ludro, sujo*":

Passam, grasnando no ar, periquitos em bando,
Num ridente rascar sobre as aguas revoltas,
Como uma França que se fôsse desfolhando,
E esparzindo em redor as verdes folhas soltas...

Na harmonia do bosque ha sons indefinidos:
Amiude ouvem-se perto alguns rumores suaves:
Crebros murmurios, repetidos estalidos, *(1)*
– O barulho orchestral das aguas e das aves.

Logo depois que cessa o raivar da refrega.
Polvilhando os moitaes de lódams e peuvas,
Rorejante, lenteja uma fina bruega,
Resumbra, ainda algum tempo, o gottejar das chuvas.

Por <u>brejaes e marneis</u>, <u>regatos e ribeiros</u>, *(2)*
A onda do temporal acachoa e sussurra.
Revolvendo, <u>enludrando</u>, encharcando os lameiros,
A flux a agua borbota e aos gorgolhões enxurra.

(1) O A. já se não encomoda [sic] muito, e faz bem, com a/ cesura dos alexandrinos. Surge na sua maior varie-/dade e fôrça o verso de doze sílabas, rechassando o/ alexandrino monótono. Todavia não se poderá dizer/ que o poeta siga a sua profissão de fé que enaltece/ a absoluta Perfeição da Forma, com p e f versais./
(2) Brejal vem a dar no mesmo que marnel, regatos/ no mesmo que ribeiros... que é repetição e mais nada

<u>Nota da pesquisa</u>: a exploração da sonoridade, através da construção por onomatopeias e aliterações, lembra procedimento semelhante aplicado em "Noturno de Belo Horizonte", de Mário de Andrade, onde as águas "Borbulham bulhando em murmúrios churriantes/ Nas bolsas brandas largas das enseadas lânguidas..."[12]

<u>P. 47</u>:
<u>Notas MA</u>:

1. sublinha e expoente (1) no v. 53, "A agua, em largos lençóes, <u>se alonga, alastra, alaga...</u> (1)", remetendo ao comentário no rodapé;
2. palavra sublinhada e expoentes (2) e (3) nos v. 58-59: "Leva na correnteza a <u>gluma</u> (2), o tronco, a espatha.../ No seu curso veloz a <u>ravina</u> (3) percorre,", e anotação do significado no rodapé – estudo do vocabulário parnasiano;
3. expoentes (1), (2), (3) nos v.53, 58-59, remetendo ao comentário no rodapé:

A agua, em largos lençóes, se <u>alonga, alastra, alaga</u>... *(1)*
E a corrente caudal de crespos flocos brancos,

[12] ANDRADE, Mário de. "Noturno de Belo Horizonte" In: "Clã do Jaboti" In: *Poesias completas*, vol. 1. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013, p. 246.

Redemoinha e transborda e vai, de vaga em vaga,
Enchendo boqueirões, cavalgando barrancos.

Em cataractas desce, em catadupas corre:
Leva na correnteza a gluma *(2)*, o tronco, a espatha...
No seu curso veloz a ravina *(3)* percorre,
E, finalmente, chega aos arcanos da mata.

(1) Alastrar aí é pronominal, pressupõe o se. Alaga não/ o é e não tem o se elíptico. Ha confusão manifesta e/ defeituosa.
(2) Involucro da flor das gramíneas, o que serve de cálice e/ corola.
(3) Torrente de água pluvial que se precipita de lugar elevado;/ lugar cavado por uma torrente.

P. 48:
Notas MA:

1. expoente (2) no v. 68: "Um tenebroso espelho, uma planície de ulha. *(2)*", remetendo ao comentário no rodapé:

(2) Um grande defeito das suas repetições ideas e de qualifi-/ cativos é redizer e redizer a mesma coisa, alongando em/ demasia e prejudicando o interesse. Na quadra diz êle da/ agua: "podre e procreadora", "tabida e germinal". Ora tábida/ e podre são a mesma coisa, como procreadora e germinal vem a/ dar aqui exatamente no mesmo.

2. aliteração marcada sobre o v.69:

s *s* *s*
Morta e sinistra assim, no seu seio fecundo

*

P. 48-54
PARTE III (26 estrofes)

P.48:
Notas MA:

1. frase sublinhada no v.5 e expoente (1) remetendo ao comentário no rodapé;
2. traço duplo e circulo à margem dos v.6-8:

A tarde é de crystal: curta *(1)*, clara e calmosa:
E é tão profunda a paz crepuscular na selva,
Que, em verdade, se sente a impressão mysteriosa
De ouvir brotar o mato e ver crescer a relva...

(1) Não poderia ser a tarde curta. Está-se nos "estos/ do verão", diz o poeta e nessa epoca as tardes/ são longas.

P.49:
Notas MA:

1. círculo à margem dos v.9-12;
2. destaque na interrupção do v.9:

A cigarra estridúla. E Vesper irradia.
Frouxos, franjando o céo, fulgem filões de prata...
E emquanto, a pouco e pouco, empallidece o dia,
Desponta a lua cheia illuminando a mata.

3. palavra sublinhada no v.16 e interrogação marcando dúvida sobre o vocábulo – estudo do vocabulário parnasiano:

Longo e alvo, um claymor ? de lamina opalina.

4. palavras sublinhadas no v.17-18 e expoentes (1) e (2), remetendo ao comentário no rodapé – estudo do vocabulário parnasiano:

As palmeiras gentis *(1)*, sobre as balseiras brunas,
Entre os jiquitibás alvadias *(2)* e calmas,

(1) Então existem ainda palmeiras gentis para/ um poeta que usa e abusa dum vocabulário nu-/ meroso? É descuido sem razão o lugar comum.
(2) Alvadias porquê? Ah! por causa do luar... Desculpe.

5. círculo à margem dos v.21-24:

A mãi-da-noite canta. E outra voz lhe responde,
No concerto nocturno, apaixonada e cauta.
E em breve, em cada ninho, occulto em cada fronde,
Ha serenas canções bucolicas de flauta.

P.50:
Notas MA:
1. círculo a margem dos v.25-28;
2. traço a margem dos v.25-36:

Misturam-se na brisa, embalsamando o ambiente,
As evaporações dos jasmins e mimosas,
Das baunilhas em flor, do cacau redolente,
Da cannela odorante e das ervas cheirosas.

Nos selvagens vergeis de sapidos aromas,
Sentem-se, pelo olfacto, o queimor da pimenta,
A essencia do ananás, os travores das gommas,
E acidez tropical da manga sumarenta.

Tão grande é a exhalação que desprendem os cardos,
Sáe de mil florações, mil fructos, mil corbelhas,
Que esse fluido sensual inebria os moscardos,
Que esse iman trescalante entontece as abelhas.

3. adjetivos e verbos sublinhados e enumerados nos v.37-39; e expoente (1) no v.39, remetendo ao comentário no rodapé – estudo do vocabulário parnasiano:

1 *2*
Crespa, a vegetação é tão ampla e tão densa,
3 *4* *5* *6*
Irregular, cerrada, intrincada e disforme,
1 *2* *3* *4*
Que se enrosca, entrelaça, emmaranha e condensa, *(1)*

Formando paredões de uma espessura enorme!

(1) Porventura, o p. tenha querido demonstrar a opulência/ do seu vocabulario com êste fluxo de verbos e qualifica-/ tivos que não acabam mais. Mais isso é e será sempre/ um defeito: O milhor meio de ser rico, é não dar a parecer que se o é.

P. 51:
Nota MA: círculo à margem dos v.49-52 e expoente (1) no v.52, remetendo ao comentário no rodapé:

E do fofo tapiz, das plumas e dos fetos
Que recamam o solo, erguem-se, em borborinho,
○ Zumbidos e zum-zuns de invisíveis insectos,
Chios, cicios, sons de cochichos, baixinho... *(1)*

(1) Estas duas páginas são sublimes. A transição/ brusca das asperezas para as suavidades é ex-/ traordinária, mostrando o quanto pode a nossa/ lingua, manejada por mãos hábeis. Os versos são magníficos, vivos, coloridos – aliás como/ em toda a poesia; e mostram-se menos re-/ dundantes e empolados, com qualificação mais/ comedida e repetições nenhumas... quasi. Mas/ o poeta alonga demasiadamente o poema.

P. 52:
Notas MA:
1. círculo à margem dos v.57-60:

Dois invios matagaes, dos soutos socegados,
Por onde escassa a claridade se insinua,
○ A onça, o lobo, o tapir, como magnetizados,
Sáem da escuridão, e uivam olhando a lua...

2. expoente (1) no v. 72, remetendo ao comentário no rodapé:

A agua negra e lethal das brancas vallisnerias. *(1)*

(1) À página 47 o último verso diz: "a agua negra/ e lectal das febres pestillentas". O A. é um impulsi-/vo e parece-me nada ter de beneditino: uma/ simples leitura cuidosa estremaria o poema de/ Tais senões. – Ou foi um efeito querido pelo poeta./ Modernamente quasi que se não pode mais/ increpar a poética... Ha efeitos

propositados rebuscas/ de consonancias nunca dantes nem sonhadas. Pobre/ misérrimo Camões!...

P. 53:
Notas MA:

1. círculo à margem dos v. 81-84; 85-88;
2. palavras sublinhadas no v. 82, 84 e expoentes (1), (2), remetendo ao comentário no rodapé – estudo do vocabulário parnasiano:

São vagalumes, são lampyrides candentes,
Lucilando a bailar pelo bosque *(1)* sombrio,
Phalenas, colibris, vermes phosphorescentes,
Libellulas iriaes e fúlgaros *(2)* no cio...

É o Amor que celebra essa flammante festa!
O orvalho cáe. A seiva sobe. As águas bolem...
– E realizam-se ao luar, no templo da floresta,
Sob a bençam da noite, os hymeneus do pollen!

(1) Bosque é mato de pequeno tamanho e não serve/ para designar esta imensa floresta tropical.
(2) Insectos que brilham à noite (hemípteros).

P. 54:
Notas MA:

1. círculo à margem dos v.93-96, 97-100, 101-104;
2. correção da pontuação no v.98;
3. expoente (1) no v. 96, remetendo ao comentário no rodapé:

Hora de apparições! Hora de pesadelos,
Que tivestes talvez sem nunca os descreverdes...
Em que a Yara penteia os humidos cabellos,
A coma vegetal dos seus lindos cabellos verdes! *(1)*

Dizem que essa mulher mysteriosa parece
Surgir, desabrochar por encanto divino ,
Como uma orchidea enorme, uma flor que se houvesse
Transfigurado ao luar num corpo feminino!

Grande, joven e bella, essa imagem humana,
Cuja nudez radiosa a natureza encerra,
Incarnando o vigor da flora americana,
É a Musa do Brasil, o symbolo da terra!

(1) Uma quadra má. O segundo verso é aí poste/ ou martelo, prejudicando a poesia e o encanto com/ essa desnecessária chamada á realidade do/ leitor que, encantado, se alentara voando ás paragens idealistas do sonho. Mas o A. precisava duma rima/ em

erdes para os cabelos verdes da iara. Esses des-/ vios de atenção são sempre prejudiciais, perturbando/ (a pg 55)

P. 55:
Nota MA: continua comentário:
"a atenção do autor e perturbando a vivacidade da/ narrativa, a continuidade da eloquência. O ultimo verso/ da quadra não é mais que o alongamento, em ~~frase~~ belos/ termos, dos húmidos cabelos do verso antecedente. Não é/ a primeira vez que o A. assim pratica neste aliás/ estupendíssimo poema. Mas é ma prática, são alonga-/ mentos perniciosos e fastientos. Não ha mais aquela/ elocução inteiriça e natural que prende e inebria./ O A. com a portentosa imaginação que tem, e o brilho da/ sua eloquencia, particularmente oratoria, refugiria/ fàcilmente a tal senão. Repetições desse gênero, in-/ teiramente desnecessários, ha notoriamente á pg 44 na/ 3ª quadra, o quarto verso; pg 46, 2ª quadra, 3º verso; pg 46, 2ª quadra,/ 4º verso; pg 46, 3ª quadra, 4º verso; pg 48, 3ª quadra, 4º verso; pg 50, 3/ quadra, 4º verso, e na pg 51, 1º quadra, 2º hemistíquio do 1º verso"

Nota da pesquisa: MA anota repetições no poema:

Pág. 44 (3ª quadra, v.4): "De faixas côr de chumbo e nimbos côr de cobre."

Pág. 46 (2ª quadra, v. 3): "Crebros murmurios, repetidos estalidos,"

Pág 46 (2ª quadra, v.4): "– O barulho orchestral das aguas e das aves."

Pág. 46 (3ª quadra, v.4): "Resumbra, ainda algum tempo, o gottejar das chuvas."

Pág. 48 (3ª quadra, v.4): "Da corcova lombar das serras e dos montes."

Pág. 50 (3ª quadra, v.4): "Que esse iman trescalante entontece as abelhas."

Pág. 51 (1º quadra, v. 1): "Caules descommunaes, hartos cernes robustos,"

P. 56:
Nota MA: comentário no rodapé:

> 'Consagrando a belleza, eternizando a graça,
> Ella reflorirá como um verde renovo!
> – E os Poetas cantarão, para gloria da raça,
> Na lingua de ouro velho, a terra de ouro novo!'

O derradeiro verso é simplesmente sublime. Não/ direi o mesmo da quadra em que novo rima com/ renovo que lhe é descendente e por isso rima pau-/ périma. Mas é lindo o poema. Terá os seus de-/ feitos, – quem os não tem?/ – mas esplende nele toda/ uma juvenilidade fogosa, um entusiasmo, uma/ fé que enaltecendo a comparação final do poema,/ tornam-no singular em a literatura portuguesa./ A grande a habilidade do poeta, mas ela por vezes/ conturba-se, titubia [sic] *e aparece o senão. Muito embora/*

apoteose o poeta a Forma, o seu lindíssimo poema/ viverá menos por ela que pela idea, pela imaginação/ descritiva, pela eloquencia desbordante.

*

P. 57-59
SYMPHONIA (6 estrofes)

P. 57:
Nota MA: expoente (1) no v. 1, remetendo ao comentário no rodapé:

> Parece que Deus sonha *(1)*. Ha na terra, ao crepusculo,

(1) Mas o p. não acredita em Deus. Vide a poesia de-/ dicada a Victor Hugo.

Nota de pesquisa: MA faz referência à VICTOR HUGO, p.70-73, poema neste livro de Martins Fontes. O último verso, "Porque eu não creio em Deus, mas acredito em ti!", ratifica a observação do leitor, que retorna ao poema SYMPHONIA para registrar a contradição.

P. 58:
Notas MA:

1. palavra sublinhada no v.16: "Despontam aos milhões, preluzindo pelo ar", e anotação do significado no rodapé: *(1) Branquecer* – estudo do vocabulário parnasiano;
2. traço a margem dos v. 19-24:

> Lentamente, no céo côr de opala e de perola,
> Sobe a lua escutando a musica das horas,
> A harmonia immortal das espheras sonoras.
> Sobre o espelho de prata algente das areias,
> Branca e redonda, espreita o somno das alvissimas
> E lubricas Sereias.

P. 59:
Nota MA: Comentário no rodapé:
Na parafrase de V. Hugo, diz R. Correa que tudo, no/ dia que acorda passa e soa aos ouvidos de Deus/ como o rumor das asas dum insecto. Mas nesta poe-/ sia, Tambem Deus sonha. Inegavelmente as/ duas ideas não são mais que uma e em Raymun-/ do realizada num esplendor de ritmo e entusiasmo/ que nem se pode comparar com estes versos/ ribombantes e langorosos de M. Fontes.

Nota da pesquisa: MA refere-se ao poema V. HUGO, de Raymundo Corrêa, à p. 43 de *Versos e Versões* (Rio de Janeiro: Typ. e Lith. Moreira Maximino & C, 1887 http://www.brasiliana.usp.br/bbd/bitstream/handle/1918/00419000/004190_COMPLETO.pdf). O volume não faz parte da biblioteca de MA no patrimônio do IEB-USP; nela se localiza, do mesmo autor, *Poesias* (Lisboa: Livraria Antonio Maria Pereira, 1910, 3ª. Ed.), com notas de margem que evidenciam, principalmente, o estudo do vocabulário.

O dia acorda! Deus por uma fresta
Das nuvens a espreitar, ri-se. A floresta,
O campo, o insecto, o ninho sussurrante,
A aldeia, o sol que tinge a serrania...
Tudo isso acorda, quando acorda o dia
No fresco banho de ouro do Levante.

Deus sonha! Vasa os olhos d'agua; pica
As artérias da terra; o liz fabrica;
E da matéria sonda o fundo ovario;
Pinta as rosas de branco e de vermelho,
E faz das azas vis do escaravelho
A sorpresa do mundo planetário.

*

P. 60-69
SALOMÉ (45 estrofes)

P.60:
Notas MA:

1. título sublinhado e expoente (1) remetendo ao comentário na margem superior:

"Salomé *(1)*"

(1) Diz Martins Fontes que é paráfrase de Catulle Men-/ dès. Sem dúvida o poema deste era paráfrase do conto/ sublime de Flaubert: "Heródias, não conheço o poema/ francês, mas o de M. Fontes segue ~~aperta~~ nimiamente/ o conto de Flaubert.

2. palavra sublinhada no v. 3: "Num dia do mês de Schebat," *(2)* e expoente (2) remetendo à definição no rodapé:*"(2) Primeiro mês do ano civil dos hebreus"*

3. expoente (3) no v. 9, remetendo ao comentário no rodapé:

Vitellio e varios dentre os seus
Homens e amigos galileus,
E o sacerdotes do seu Deus, *(3)*

(3) "et, sous le pretexte de fêter son anniversaire, il avait convié/ pour ce jour même, à un grand festin, les chefs de ses troupes/ les régisseurs de ses campagnes et les principaux de/ la Galilée" *Flaubert, Herodias.*

Nota da pesquisa: na epígrafe, Martins Fontes revela sua apropriação do discurso de Catulle Mendès em LA GLOIRE DE SALOMÉ, poema à p. 44 de *Les braises du cendrier* (Paris: Bibliothèque-Charpentier, 1900 http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k743126/f4.image.langEN). MA não possui obras desse autor em sua biblioteca.

La gloire de Salomé

“Sous les ors lourds et le vain voile
Des gazes de Sirinagor
Que traverse une rousse étoile ;

Renflant, aux rythmes du kinnor
D'un pli colubrin de la hanche
La gaze et la lourdeur de l'or ;

Ventre offert, gorge qui se penche,
Petits pieds qui courent pointus,
Sous la flavescente avalanche

Des souples cheveux épandus
Frôlant d'or qui cèle et décèle
La pâmoison des reins tordus,

Salomé la danseuse, celle
Qui, d'une goutte de sueur
Au brin de safran de l'aisselle,

Fait une odorante lueur
Dont s'éblouit et se corrode
Le roi, le prêtre, ou le tueur,

Salomé - bien avant Mérode
Dansa, selon qu'il a voulu,
Pour plaire à ce tétrarque, Hérode !

Comme, en été, lorsqu'il a plu,
Fleure mieux la fleur des prairies,
L'enfant, mouillée, au Maître a plu ;

Et nu parmi les pierreries
Son corps fut le rêve enchanté
Des nègres dans les galeries !

Donc, Jean sera décapité.
Voici que son chef, barbe inculte,
Sur un plat d'or est apporté.

Hérodias, splendide, exulte !
Et, bagues aux vives couleurs,
Sa main d'un prompt soufflet l'insulte,

Alors, on voit couler des pleurs,
Lentement, des closes paupières,
Larmes de posthumes douleurs.

‘Plus inanimé que les pierres,
Il pleure ! pourquoi pleure-t-il
Comme après un duel des rapières ?’

Dit Salomé. Mais, coeur subtil
Et féroce, Hérodias clame :
‘Il pleure d'avoir, puéril,

Cru que l'ombre éteindrait la flamme
Et que son obsécration
Maudirait mon épithalame !

Parce que, lys d'or de Sion,
Je rayonne, heureuse et sublime,
Il pleure en son extinction !’

Or, Salomé, vers la victime
D'Hérodias, dit : ‘Pleures-tu
Pour quelque chose de l'abyme,

Vraiment ?’ Mais le chef mort, battu
De bagues, la livide tête,
Souriant d'un rictus tortu,

Dit : ‘Salomé ! comme une bête
Si je pleure, c'est de penser
Que, venu trop tard à la fête,

Je n'ai pas pu vous voir danser !’ ”

MA menciona, no entanto, a paráfrase de Catulle Mendès do conto "Herodias", de Gustave Flaubert, publicado em 1877. Na biblioteca do leitor brasileiro, esse texto está em *Trois contes: Un coeur simple, La legende de Saint Jules l'hospitalier e Herodias* (Paris: Nelson Editeurs, 19-? MA 843.84 F587t). Crítico, MA leitor revela a apropriação de Martins Fontes, contrapondo trechos do conto de Flaubert, de quem ele guarda também *Madame Bovary* (Paris: Bibliothèque-Charpentier, 1913 MA 843.84 F587m). Nenhum dos exemplares traz anotações de leitura. Cabe lembrar confronto semelhante feito por MA, quando jovem, nas margens de *Vie de Jeanne d'Arc*, de Anatole France (Paris: Calmann-Lévy, s.d.), quando transcreve a tinta preta trechos do *La Jeanne d'Arc de M. Anatole France*, de Andrew Lang (Paris: Librairie Perrin) que contestam o escritor francês[13], registrando a data da leitura: 28/5/1910.

P.61:
Notas MA:

1. palavra sublinhada no v. 14: "É toda feita de algumim *(1)"* e expoente (1) remetendo à definição no rodapé: *(1) Árvore oriental, própria para construções* – estudo do vocabulário parnasiano;

2. expoentes (2), (3) e (4) nos v. 15, 18 e 21, remetendo à citação de trecho de "Herodias", de Flaubert, no rodapé:

   Tauxiado de ouro e de marfim. *(2)*
   [...]
   Que é de sycomoro lavrado. *(3)*
   [...]
   Dos incensários aromaes. *(4)*

(2) "*et que séparaient des colonnes en bois d'algumin, avec/ des chapiteaux de bronze couverts de sculptures..... ; et une/ troisième en filigrane d'or.* " *Flaubert, Hérodias.*
(3) "*La table proconsulaire occupait, sous la tribune dorée, une es-/ trade en planches de sycomore* " *Flaubert, Hérodias.*
(4) "*Ils frissonnèrent quand on les aspergea de galbanum et d'en-/ cens* " *F*

P.62:
Notas MA:

1. expoente (4) no v. 25, remetendo à citação de trecho de "Herodias", de Flaubert, no rodapé:

   Veem-se amêndoas de Bethlem, *(4)*

(4) "*et les bras prenaient des olives, des pistaches,/ des amandes* " *F.*

2. citação de trecho de "Herodias", de Flaubert, sob o v. 30:

[13] LOPEZ, Telê Ancona. "Mário de Andrade leitor e escritor: uma abordagem de sua biblioteca e de sua marginália". *Revista Escritos – Fundação Casa de Rui Barbosa*, Ano 5, nº 5, 2011, p.53-75.

A neve em cyathos de cobre

" *il cragna de la neige* " *F*.

3. palavra sublinhada no v. 31: "Servem-se polmes *(1)* de açafrol," e expoente (1) remetendo à anotação de sinônimo no rodapé: *"(1) Massa um pouco líquida."* – estudo do vocabulário parnasiano;

4. expoente (3) no v. 32 remetendo à citação de trecho de "Herodias", de Flaubert, no rodapé:

Romans e tamaras de Esquol, *(3)*

(3) "*Esquol avait des grenadiers* " *F*.

5. citação de trechos de "Herodias", de Flaubert, sob o v. 33:

Bolos de melro e rouxinol.

"*Et des merles roses*" *F*. "*Des rossignols*" *F*.

6. expoente (2) no v. 39 remetendo à citação de trecho de "Herodias", de Flaubert, no rodapé:

A morte proxima prevê. *(2)*

(2) "*Mais la mort qu'on lui avait prédite, en s'appliquant à un autre, peut-être détournerait la sienne ?* " *F*.

P.63:
Notas MA:

1. expoente (1) no v. 41, remetendo à citação de trecho de "Herodias", de Flaubert, no rodapé:

Comtudo, ás vezes conversando,
Disfarça as maguas *(1)*; porém, quando
Vai o banquete terminando

(1) "*Un capitaine de sa garnison de Tibériade... pour l'en-/tretenir d'événements extraordinaires. Mais son attention/ était partagée entre le Proconsul (Vitelio) et ce qu'on disait/ aux tables voisines*" *F*

2. citação de trecho de "Herodias", de Flaubert, na margem, remetendo aos v. 43-44:

O velario de um pavilhão

Se abre: Herodias no salão

"*Les panneaux de la tribune d'or se déployèrent tout à coup*" *F*
"*Hérodias apparut*" *F*

3. expoente (2) no v. 48, remetendo à citação de trecho de "Herodias", de Flaubert, no rodapé:

Diante da sala commovida,
Declama: 'A Cesar, longa vida! *(2)*

(2) "*et du haut de la balustrade qui dominait Antipas, avec/ une patère à la main, elle cria : –* "*Longue vie à César !*" *F*

4. citação de trecho de "Herodias", de Flaubert, sobre o v. 52:

Que, do fundo das galerias,
Num incêndio de pedrarias,
Desponta a filha de Herodias!

"*Mais il arriva du fond de la salle*" *F*

P.64:
Nota MA: expoente (1) no v. 60, remetendo à citação de trecho de "Herodias", de Flaubert, no rodapé:

Entre os applausos do delirio,
Virgem e leve como um lirio,
Entra dansando ao modo assyrio.*(1)*

(1) "*Elle dansa comme les prêtresses des Indes, comme les/ Nubiennes des cataractes, comme les bacchantes de Lydie.../ ...pareille à une fleur*" *F*

P.65:
Nota MA: expoente (1) no v. 78, remetendo à citação de trecho de "Herodias", de Flaubert, no rodapé:

Chega-se a Antipas, e recúa...
Ascende aos poucos, e fluctua
Maravilhosa e semi-nua... *(1)*

(1) "*Ensuite elle tourna autour de la table d'Antipas*" *F*

P.66:
Nota MA: expoente (1) no v. 99, remetendo à citação de trecho de "Herodias", de Flaubert, no rodapé:

Tu és tão bella que nenhum
Premio te paga! E só por um

Beijo, eu te dou Capharnaum

(1) "*...il lui disait : 'Viens ! Viens ! Tu auras Capharna-/um ! la plaine de Tibérias ! mes citadelles ! la moitié/ de mon royaume !* " *F*

P.67:
Notas MA:

1. palavra sublinhada no v. 101, remetendo ao comentário no rodapé e expoente (2) no v. 102, remetendo à citação de trecho de "Herodias", de Flaubert, na margem superior da página:

Assim lhe diz: "Da-me em estreme... " *(1)*
Murmura um nome... E Herodes treme! *(2)*

(1) Na significação antiquada de quinhão, perten-/ça – É excusado dizer que G. F. é quem diz isso. Não quero/ amostrar-me, com pedanteria como erudito e conhecedor./ Bem prova disso são as inúmeras palavras desconheci-/ das que tenho achado e às quais pus singelamente a/ significação junto.
(2) "*Je veux que tu me donnes dans un plat, la tête... "/ Elle avait oublié le nom, mais reprit en souriant:/* "*La tête de Iaokanann ! " Le Tétrarque s'affaissa/ sur lui même, écrasé. Il était contraint par sa parole et/ le peuple attendait*" *F*

2. citação de um trecho de "Herodias", de Flaubert, na margem dos v. 106-108:

Depois, num grande prato de ouro,
Entre as acclamações em côro,
Com os olhos humidos de choro,

"*La tête entra; et Man-/ naëi la tenait par les che-/ veux, au bout de son bras, fier/ des applaudissements. Quand/ il l'eut mise sur un plat,/ il l'offrit à Salomé*" *F*

P.68:
Nota MA: citação de um trecho de "Herodias", de Flaubert, sob o v. 117:

Da sua palpebra, a fulgir
Como uma hydrophana de Ophir,
Vê-se uma lagrima cair...

"*et les prunelles éteintes semblaient se dire quelque/ chose...* " *F*

P.69:
Nota MA: comentário no rodapé:
Como se vê, o poema indígena segue o passo do/ conto de Flaubert. Apenas Flaubert, que não era nenhum/ católico, tinha bom senso bastante, e uma infinita de-/licadeza que o impediram de escrever as brutali-/dades verdadeiramente estúpidas do final da/ scena. Era sem crença; mas a sua descrença não/ chegava a essa irreligiosidade,

aparatosa e mesquinha ao mesmo tempo, que permite a certa casta levianíssi-/ma de gente increa, as maiores abominações que são/ simultaneamente as maiores tolices. Repugna ver/ a despiedade e a corajosa insolência com que/ Martins Fontes destrata uma figura tam sublime/ e pura como a de Iaokanann. Mas sem dúvida/ Catulle tinha escrito o mesmo horror em belos/ versos, e depois... havia também o poema de Oscar/ Wilde!.. E os nossos homens de letras estremam-se/ quasi todos em servir e imitar vulgarmente, com/ menos originalidade que gênio, menos crença que/ habilidade as literaturas estrangeiras. Martins/ Fontes perdeu uma ocasião azada de reservar para/ si mesmo a triste certeza da sua irreligiosidade/ e da sua petulância insolente.

Nota da pesquisa: MA refere-se à peça de teatro *Salomé* de Oscar Wilde, escrita em 1891. Em sua biblioteca estão *Salome: drame en un acte* (Paris, 1920 MA 094 W672s) e *Salomé: a Florentine tragedy, la sainte courtisane* (Londres: Methuen, 1918 MA 822.8 W672s), do escritor irlandês. As obras não trazem marcas do lápis do leitor.

*

P.70
VICTOR HUGO (12 estrofes)

P.70:
Nota MA: traço à margem dos v. 5-8:

> A arvore? o baobab, carregado de ninhos,
> De frustos e festões, dando a sombra e o calor,
> Velho e verde, em plethora, á margem dos caminhos,
> Como um templo pagão, inteiramente em flor?

P.71:
Notas MA:

1. expoente (1) no v.11, remetendo ao comentário no rodapé:

Todos os vegetaes das mais extranhas zonas, *(1)*

(1) Eu apostaria com o poeta, para que me êle trouxesse,/ embora mirrada, uma simples edelweiss nascida/ nos barrancos do rio-titan.

2. expoente (2) no v.20, remetendo ao comentário no rodapé:

– Prometheu encadeado e em continua contenda? *(2)*

(2) O infeliz Prometeu é comparação obrigada de/ muitas e de quasi todas as ocasiões. Serve para tudo/ e para todos. Neste livro são duas comparações a custa/ do velho mito: esta, arquivelha e a da pg. 124

Nota da pesquisa: neste mesmo livro, em VOLUBILIS, Martins Fontes usa o mito de Prometeu: "Tal esse Prometheu, creador da Ironia,/ Eu também, infeliz, sinto a dor singular,/ Soffro, tantalizado, a infernal agonia." (v.10-12, p. 124).

P.73:
Nota MA: comentário no rodapé, remetendo à última estrofe:

> Sim! – contemplando os céos, dentro da noite calma,
> E idealizando o Azul, é que afinal senti,
> Que sómente a amplidão se compara á tu'alma,
> Porque eu não creio em Deus, mas acredito em ti!

O poeta perdeu mais outra ocasião de ficar calado./ Essa acintosa tirada final era desnecessária./ Não há nada no poema que a venha preparando/ e de que ela resulte. O último verso, absolutamente/ fora de propósito não convem ao lindo poema. Ele/ sentiu que sómente a amplidão se poderia comparar/ a alma de Victor Hugo... Está bem. São demasias/ de poeta dirá quem como eu tal não sente do/ vate que cantava fingidamente a "Tristesse d'Olym-/pio" justamente quando deflorava os beijos da/ amada no apogeu do gôso e do prazer; não sinto/ assim comparável á amplidão a montanha de orgulho/ que foi Victor Hugo, despiedado e arrasador... Mas a/ opinião é minha: a de M. Fontes é outra, e Deus me/ livre! que todos tenham a minha opinião. Eu mor-/reria sem sorrir! mas o que é absolutamente despropo-/sitado é o porquê ele só acha amplidão comparável/ á alma de Hugo. Porque? direi eu agora. Será porquê/ julgue O poeta que Deus é o símile da amplidão?/ mas nesse caso êle não tem siquer a noção do que/ seja Deus para os que nEle crêem: porquê Deus – Deus/ justo, Deus verdadeiro, Deus onipotente e omnisciente – e maior que a própria amplidão, e nada tem que se/ lhe iguale.

**

P. 77-86
AS ALMAS E AS ESTRELLAS

P.79-80
DESHARMONIA (soneto)

P.79:
Nota MA: rima sublinhada nos v.1-2 e ponto de exclamação de ironia duplo na margem:

> Certas estrellas coloridas, / *adas*
> Estrellas duplas são chamadas, | *e*
> Parece estarem confundidas, | *idas*
> Mas resplandecem afastadas.

*

P.81-82
ULTRA CAELOS (soneto)

P.82:
Notas MA: comentário no rodapé:
Um defeito do poeta é a quantidade espantosa de/ qualificativos com que ele recama coisas e seres/ a velha usança de dois qualificativos geminados (/ como 'tristonho e

lente', 'infinito e mudo') são em/ número incontrolável na obra do poeta. Embora a/ sua qualificação seja variegada e rica, não ha/ dúvida que entorpece a frase com louçanas/ desnecessárias e prejudiciais, que obumbram a sim-/plicidade bela das formas desnudadas. Jamais uma galante dama de Watteau atingirá a/ superna e simples beleza da Source de Ingres. Na/ música moderna ~~jaen~~ ajaezada *de tantos e tam/ curiosos efeitos orquestrais e cromáticos, revigorada/ pela perfeição dos novos instrumentos e pela audácia/ e brilho das novas harmonias, nada ha que se/ compare a uma sonata "Aurora" de Beethoven, a um oratório de Sebastião Bach. Não ha quasi/ neste soneto um só substantivo que não seja/ acompanhado de um ou dois adjetivos,/ mas os próprios parnasianos franceses não agiram assim,/ e Flaubert em 'Trois contes' atingiu nesse respeito a/ uma perfeição incomparável.*

Nota da pesquisa: MA indica o uso excessivo de adjetivos, "os qualificativos trombetas do parnasianismo", que já apontara em comentário no rodapé de "Delenda Carthago", poema de Olavo Bilac. No conjunto de crônicas publicadas na revista carioca *Ilustração brasileira*, entre novembro de 1920 e maio de 1921, sob o título "De São Paulo", MA entra firme como modernista, mas resquícios de leituras parnasianas ressoam na estrutura dos textos, reflexo de um período de transição. Ali, explora, por exemplo, os qualificativos duplos, de forma quase sistemática, nítida nesta amostra: "bela e apreciada", "agressiva e misteriosa", "esquipática e bisonha" (primeira crônica, p.71); "larga e livre", "irônico e brutal" (segunda crônica, p.83-84); "malfeitos e abertos", "único e monótono"; "grandioso e italiano", "frio e exagerado" (terceira crônica, p.91-92); "ultramoderno e donairoso"; "querida e úmida" (quarta crônica, p.102); "leveza e argúcia"; "longínquo e longo" (quinta crônica, p.114-115). Levantei este ponto em *Os mestres no passado*: *Mário de Andrade lê os parnasianos brasileiros*, dissertação de mestrado que conclui, com bolsa da FAPESP no Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira. FFLCH-USP, 2014, com a orientação da Prof.ª Telê Ancona Lopez.

*

P.83-84
VELHAS PAIXÕES, NOVOS AMORES (soneto)

P. 83:
Nota MA: aliteração sublinhada no v.8 – estudo da sonoridade:

E é, na amplidão do amor, como a nossa saudade?

P.84:
Nota MA: comentário no rodapé:

Quanta estrela haverá, dentro da imensidade,
Que há muito se apagou, mas o olhar acredita,
Vendo a noite esplender a sua luz bendita,
Que ainda vive e conserva a mesma claridade?

Quantas velhas paixões, mortas na mocidade,

Guardam esse fulgor, que no espaço palpita,
- E há séculos percorre a amplidão infinita,
E é, na amplidão do amor, como a nossa saudade?

Quanta estrela haverá, no céu negro e tristonho,
Cujo clarão caminha entre as sombras escuras,
Simbolizando o amor no mistério do sonho?

Um dia há de brilhar essa luz nas alturas...
- E as paixões que hei de ter, e apenas pressuponho,
Ardem dentro de mim, como estrelas futuras!

Não se compreende como e porquê o p. tirou o seu terceto final das ideas que vinha explanando

**

P.87-146
PALAVRAS ROMÂNTICAS

P.87-88
OTHELLO (soneto)

P.87:
Notas MA:

1. título sublinhado por traço duplo:

Othello

2. traço duplo à margem dos v. 1-4:

Quem amar deste modo, antes prefira
Morrer, do que sentir a desventura
De não saber, nas vascas da loucura,
Distinguir a verdade da mentira.

*

P.89-90
PARAÍSO PERDIDO (soneto)

P.89:
Nota MA: expressão sublinhada no v. 8 e expoente (1), remetendo ao comentário no rodapé:

(1) Boca em flor é de Vicente de Carvalho:
'Só vivo as horas que passo

Junto de ti, meu amor,
Tua cintura em meu braço,
Meu beijo em tua boca em flor...'

Nota da pesquisa: MA refere-se à parte III, "Horas de amor", do poema ROSA, ROSA DE AMOR às p. 197-200 de *Poemas e canções*, de Vicente de Carvalho (São Paulo: O Pensamento, 1917, 3ª. Ed.), livro nas estantes do leitor, repleto de anotações. O poema citado, no entanto, não recebeu notas. Em sua biblioteca, MA possui, do mesmo autor, *Versos da mocidade* (Porto: Livraria Chardon, 1912), também muito anotado.

*

P.91-92
OLHOS, ESPELHO DA ALMA (soneto)

P. 91:
Notas MA: rima sublinhada nos v. 2, 4 e expoente (1) no v. 4, remetendo à comparação, por meio de citação, na margem superior da página:

Adeus. O teu amor me torturava:
– Era uma rosa que, si ás vezes tinha
No perfume a doçura que eu sonhava,
Também espinhos bem crueis continha. *(1)*

(1) "Sê resignada: a roseira
que mais viça e mais prospera
dá rosas - na primavera
e espinhos a vida inteira" V. de Carvalho.
e ainda:
"Roseira de tanta rosa,
roseira de tanto espinho..." V. de C.
e mais
"Tu eras uma roseira,
Que eu topara no caminho...
Quem não perdoa um espinho
Pelos encantos da flor?" V. de C. E não vale a/ pena procurar mais porquê não há poeta que/ se não tenha utilizado desse safadíssimo lugar/ comum. M. Fontes como o donaire da sua ima-/ ginação brilhante refugiria, si o quisesse, da re-/ petição comum.

Nota da pesquisa: MA transcreve três fragmentos de *Poemas e canções* (São Paulo: O Pensamento, 1917, 3ª. Ed.), do parnasiano Vicente de Carvalho. A primeira estrofe citada aparece em MENINA E MOÇA, às p. 9-10, poema com anotação de leitura, mas sem tocar o fragmento mencionado. Os outros trechos, sem marcas do lápis do leitor, pertencem, respectivamente, à parte VII, "Saudade", do poema ROSA, ROSA DE AMOR, p. 208-209; e à parte VII de CANTIGAS PRAIANAS, às p. 128-130.

P.92:
Nota MA: comentário no rodapé:

E ambos sorrindo, e pallidos de espanto,
Em nossos olhos vemos, com surpresa,
Que é por capricho que soffremos tanto!

"Separados, eu sei que nada iguala
ao sofrer teu, si uma outra me sorri,
e nem ao meu sofrer, si alguem te fala,
si vejo alguem se aproximar de ti.

Tu comigo, eu contigo, ambos sonhamos...
Para que, afinal, nos separàmos?"
A. de Oliveira
2ª série pg. 169

Nota da pesquisa: o leitor indica a apropriação do tema transcrevendo os v. 5-10 de INCOHERENCIA, à p. 169 de *Poesias, segunda série*, de Alberto de Oliveira (Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1912), livro na estante de MA com anotações de leitura, mas sem tocar o poema mencionado. Do mesmo parnasiano, MA possui também *Poesias, primeira série*. (Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1912); *Poesias, terceira série*. (Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves e Cia, 1913), assim como textos na antologia por ele organizada, *Páginas de ouro da poesia brasileira* (Rio de Janeiro/ Paris: H. Garnier, 1911).

*

P.93-94
BEIJOS MORTOS (soneto)

P.93:
Notas MA:

1. título sublinhado por traço duplo:

Beijos mortos

2. traço triplo à margem dos v.1-4:

Amemos a mulher que não illude,
E que, ao saber que a temos enganado,
Perdoa por amor e por virtude,
Pelo respeito ao menos do passado.

P.94:
Nota MA: comentário no rodapé:
Eis um magnífico soneto, e porquê a idea/ era esplêndida e adaptável extremamente ao/ molde do soneto, a composição saiu mag-/nífica, sem senões, original, forte e bela./ As rimas não são de grande riqueza, o/ verso não clangora em harmonias originais,/ mas o poema é lindo. O que prova que acima/ da Forma brilha e ha de brilhar eterna-/mente reinando a Idea, que sublima o/ homem e o aproxima da Divindade.

*

P.97-98
SOFFRER (soneto)

P.97:
Nota MA: traço à margem dos v.1-4:

Meu pobre coração amargurado,
Sem que esperes consolo de ninguém,
Onde irás tu parar, tão mal parado,
Si o mal da vida a tua dor contém?

P.98:
Nota MA: comentário no rodapé:
Agora o p. explana-se em teorias de me-/tempsicose. Vai bem.

*

P.103-104
INCONTENTADO (soneto)

P.103:
Nota MA: expoente (1) no v.6, remetendo ao comentário no rodapé:

É porque ás vezes, com temor, prevejo
Que esta alegria pode ser um sonho.

Tremulo, as mãos nas tuas mãos... E vejo *(1)*

(1) Vejo e prevejo não são sinão a mesma/ ~~rima~~ palavra ver. Não é primeira, nem/ segunda vez que o A incide no defeito,/ bem grave em poeta parnasiano.

*

P.107-114
CANÇÃO DO CAIR DAS FOLHAS (29 estrofes)

P.113:
Nota MA: expoente (1) no v. 96, remetendo à citação no rodapé:

Porém nós! si em mim relumbra
A aurora num céo aberto,
Sobre ti desce a penumbra
De uma noite que vem perto... *(1)*

(1) 'Era a luz de um crepúsculo indeciso/entre os clarões de um sol, que já vai longe/ e as sombras duma noite que vem perto' R. Correa

Nota da pesquisa: MA transcreve o último terceto d'O MONGE, soneto às p. 79-80 de *Versos e versões*, de Raymundo Correa (Rio de Janeiro: TYP. E LITH. MOREIRA MAXIMINO & C, 1887), livro ausente hoje de sua biblioteca que mostra, do autor, *Poesias* (Lisboa: Livraria Antonio Maria Pereira, 1910, 3ª. ed), volume bastante anotado. O leitor flagra a apropriação por Martins Fontes do verso "De uma noite que vem perto".

*

P.118-122
CANÇÃO DOS CAVALLEIROS DA BELLEZA (12 estrofes)

P.119:
Nota MA: descrição sublinhada no v.28 e dois pontos de exclamação de ironia:

Fechando os olhos, pondo as mãos no rosto, !!

P.122:
Nota MA: comentário no rodapé:
Os versos são lindos. A fluência dos decassí-/labos é extraordinária, provando mais que nun-/ca até agora, o quanto o A maneja ~~com~~ o/ nosso heroico com habilidade e firmeza. É a/ mesma técnica com que criou êle os alexan-/drinos de "Na floresta de água negra". Os seus/ ritmos são sempre brilhantes ~~e~~ – embora um/ pouco fortemente acentuados – e nunca/ monótonos. Quanto á consepção o poema não/ mostra idêntico valor. Pelo desenvolvimento/ da sua tese, fica-se em dúvida sôbre o que que-/rerá dizer o poeta com "...sem contudo, dentro do/ peito regelado e mudo, um pensamento incasto/ desabroche" Ou para o A não é ~~ser~~ incasto o/ homem que sendo amado, deixa espraiarem-se em/ beijos e abraços e êxtases todas as vontades ani-/ mais do seu ser ou, na glorificação do amor/ sensual recíproco, com que termina o poema em /7 últimas estrofes, esqueceu ele da idea condutora/ que trazia e de que fogem parte as 3 primeiras estrofes./ Ou então dà-se o contrário e as 6 primeiras estrofes/ nada mais são que um pórtico muito incongru-/ente com a idéia matriz da poesia. Quanto à/ sensualidade o poeta vem de longe já imitan-/do a Bilac. É enorme o sensualismo que desbor-/da destas "Palavras românticas"! E, ainda mais que/ o modêlo, M. Fontes com a Torrente mágica das suas/ palavras inflamadas, perturba e entontece. É pena.

*

P.123-124
VOLUBILIS (5 estrofes)

P.124:
Nota MA: comentário no rodapé:

De nunca ter amado e não poder amar!

Depois de tantos amores, o poeta se contradiz./ Ou então, antevendo a sublimidade do amor/ casto e santo, sofre ele a agonia, o castigo das/ suas ideas e liberdades. Antes seja assim e/ sofrendo, o poeta procure moderar as suas/ ânsias inflamadas!

*

P.125-130
HYMNO AO AMOR (22 estrofes)

P.125:
Nota MA: expressões sublinhadas nos v.6 e 8 – estudo do vocabulário parnasiano:

> Só por elle se vive, e se sonha, e se brilha:
> Vai-se ao fundo do mar, ás regiões do sargaço!
> E há de alcançar-se, emfim! a excelsa maravilha
> Dos thesouros astraes, nos oceanos do espaço!

P.126:
Nota MA: numeração destacando assonância da letra "e" no v.9:

1 2 3 4 5 6
Quem não teve uma vez, pelo menos, na vida,

P. 127:
Nota MA: Expoente (1) no v.32, remetendo à citação no rodapé:

> Porque até na velhice, o amor é uma alvorada!
> É uma aurora boreal sobre a alvura dos gelos... *(1)*

"Amas. Um novo sol apontou no horizonte"/ Sôbre as bodas de um sexagenário/ Bilac

Nota da pesquisa: referência a SOBRE AS BODAS DE UM SEXAGENÁRIO, em *Sarças de fogo*, em *Poesias* (Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1909, 4ª. ed., p. 80-81), antologia na biblioteca do leitor, bastante anotada.

P.130
Notas MA:

1. traço duplo à margem dos v.73-76:

> O Poeta reproduz as multiplas saudades:
> Sua alma integraliza as dores e os prazeres,
> Concentrando e fundindo, através das edades,
> As varias attracções das cousas e dos seres!

2. traço a margem dos v. 80-83:

Minh'alma é a cathedral! é o templo da Belleza!
Em cujo enorme náos, por abobadas de ouro,
De toda a humanidade e toda natureza,
Resoam, longamente, os amores em côro!

3. comentário no rodapé:

As cinco últimas estrofes são maravilhosas de/ entusiasmo e beleza. Pena é que o todo não se/ regularize por essa porção; antes seja vulgar,/ vulgaríssimo e mil vezes redito.

*

P.131-136
SONATA APAIXONADA (16 estrofes)

P.131:
Nota MA: qualificativos duplos sublinhados no v.10 e expoente (1) remetendo ao comentário no rodapé:

Dessa que é, como a lua,\indifferente e fria.../*(1)*

(1) Pensará acaso o poeta que pela primeira/ vez diz êle de uma mulher "indiferente/ e fria"? Manes de todos os românticos!...

P.132:
Notas MA:

1. traço duplo sob o v.18:

Sendo estrella e mulher!

2. apropriação sublinhada no v.26 e expoente (1) remetendo à citação no rodapé; estudo comparativo:

Num doce olhar que sae dos olhos com um beijo, *(1)*

(1) 'Um olhar que sai como um beijo da pupila' disse/ Bilac no 'Caçador das esmeraldas'..

Nota da pesquisa: o verso de Olavo Bilac é: "Esse olhar, que sáe como um beijo da pupilla,". Em O CAÇADOR DE ESMERALDAS, p. 259-271 de *Poesias* (Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1909), o leitor sublinha essa comparação no v.16, à p.266.

P.134:
Notas MA:

1. palavra sublinhada no v.49 "Tu, na brancura das maretas e madrias,*"* e expoente (1) remetendo a anotação do sinônimo no rodapé: *(1) Encapelamento das ondas. Ondas que formam/ carneirada.*

2. comentário irônico sob os v.55-60:

Eu, nas palavras, nas estrophes que burilo,
Faço o verso radiar como um chrysoberyllo,
No qual se reproduz,
Entre as combinações das syllabas preciosas,
Variando os semitons das vogaes primorosas,
A harmonia na luz!

Que modéstia!!!

P.135:
Notas MA:

1. palavras sublinhadas no v.68 "Louco e rouco, a bramir nos crespores das follas,*"* e expoente (1) remetendo a anotação de sinônimo: *(1)Marulho de ondas*;
2. no v.69, expoente (2) remetendo ao comentário no rodapé:

Por sua indifferença é que tu te revelas,
Duplamente leão e chacal nas procellas,
Prometheu-Caliban! *(2)*
Louco e rouco, a bramir nos crespores das follas, *(1)*
Regougante e minaz, te encapellas e rolas,
Numa cólera van!

(2) Surge mais uma vez Prometeu! Já são tres.

P.136:
Nota MA: estudo comparativo e comentário crítico:

"Ninguém entenda, embora,
Esse vago clamor, marulho ou versos,
Que sai da tua solidão nas praias,
Que sai da minha solidão na vida...
Que importa? Vibre no ar, acorde os ecos
E embala-se a nós que o murmuramos...
Versos, marulho! Amargos confidentes
Do mesmo sonho que sonhamos ambos!" V. de Carvalho
Aliás o poeta imita com muito menos inspi-/ração e beleza, inda que com mais retumbância/ e grito, o V. de Carvalho da "Ternura do mar" e/ das "Palavras ao mar" de sublimes e eternos versos.

Nota da pesquisa: MA transcreve a última estrofe de PALAVRAS AO MAR, às p.97-102 de *Poemas e canções,* de Vicente de Carvalho (São Paulo: O Pensamento, 1917, 3ª. Ed.), exemplar bastante anotado em sua biblioteca. O poema TERNURA DO MAR, está às p.167-176 do mesmo livro, sem notas de leitura.

*

P.137-139
CANÇÃO PERPETUA (8 estrofes)

P.137:
Nota MA: expressão sublinhada no v.3 e expoente (1) remetendo ao comentário no rodapé:

Pela primeira vez, numa vida anterior:*(1)*

(1) O A continua com as suas formidáveis/ ideas de metempsicose... Ai!

P.139:
Nota MA: palavra sublinhada no v.39 e expoente (1) remetendo ao comentário no rodapé:

– E no Além, no Nirvana, *(1)* em pleno Azul, seremos,

(1) 'Já me faltava êste espinho' como lá/ diz o outro! Quando pela primeira vez, o A./ explanou ideas de metempsicose, á minha/ observação, ocorreu me a idea de ajuntar que/ só faltava o poeta o encampamento de teorias/ búdicas, que tam em moda se acham! Fiz/ mal em não o dizer. Senhores, aqui esta o/ Nirvana! Viva o Nirvana! e Purna! e o carnaval!!!

*

P.140-144
MADRIGAL DE DON JUAN (1 estrofe)

P.140:
Nota MA: construção sublinhada no v.4:

Aéreo. Todo o teu corpo é uma renda de gaze...

P.142:
Nota MA: sublinhados grupos silábicos nos versos 34-35 – estudo da sonoridade:

Sobre o meu coração, e emmurcheceste na haste?
Tu, que foste a mais pura entre todas as flores,

P.143:
Notas MA:

1. expoente (1) no v.60, remetendo ao comentário no rodapé:

Na carne da mulher o esplendor da poesia! *(1)*

(1) pg 33:/ 'no mármore da carne o esplendor de Afrodite'

Nota da pesquisa: o leitor anota o v.14 do soneto ATHENAS, às p. 32-33 deste mesmo livro de Martins Fontes.

2. metáfora sublinhada e destacada com exclamação no v.64:

Que a sua \bocca em flor/*!* não me aplaca o desejo!

P.144-145:
Nota MA: comentário no rodapé:
Um lindissimo poema. O temperamento/ impetuoso e sensual do poeta encontrou a/ sua consagração numa forma e numa idea/ que se combinam, fazendo valer uma a outra./ Não que lhe eu defenda as inclinações e apeti-/tes! Mas, no esplendor – palavra cara ao poeta/ e a muitos poetas modernos / destes versos res-/sumbra o dar do incontentado, a tor-/tura do insatisfeito que, prejudicado e/ amesquinhado pelas suas liberdades e/ desejos, sente, no fim, que não encontrou a/ felicidade e o sorriso da paz. Este poema/ de erotismo e de encantamento é tambem/ um poema de tortura. A sem-cerimonia/ com que D. Juan expõe as suas teorias e/ ações não é de D. Juan mas de Martins/ Fontes. É desavergonhado mas é sincero./ E as desilusões do incontentado não/ infundem asco... antes piedade. Muito/ deverão sofrer os que buscam no amor –/ que tem a pequeno – beijos e gosos sensuais,/ em vez da mutua compreensão, do enlevo/ espiritual, da (espantemos êsses poetas!) poesia/ que dá o verdadeiro e casto amor, nascido/ não do defloramento de um beijo longo,/ mas da rutilação unísona de dois olhares e/ da geminação de duas almas.

**

P.147-201
AO LUAR, EM SURDINA

P.147-148
CANÇÃO DISCRETA (6 estrofes)

P.147:
Nota MA: título sublinhado:

Canção discreta

*

P.149-151
SONHO DE UM DIA DE PRIMAVERA (7 estrofes)

P.140:
Nota MA: título sublinhado:

Sonho de um dia de Primavera

*

P.152-153
RELIGIÃO (6 estrofes)

P.152:
Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

Religião

*

P.154-156
LES PARFUMS, LES COULEURS, LES SONS SE REPONDENT (9 estrofes)

P.154:
Nota MA: traço à margem dos v.4-8:

Nas allianças dos sentidos
Há certas musicas no olhar...
E os beijos são, para os ouvidos,
Como um olor do paladar.

P.156:
Nota MA: comentário no rodapé:
A canção acaba chocha e tola. O que não/ impede quase que seja tam linda como/ as tres anteriores, que figurarão, sem dúvida,/ entre as joias de maior quilate que o/ poeta trabalhou. M. Fontes é antes de tudo/ um cantador entusiasmado. O troveiro/ destas quatro canções fez só com elas uma/ obra de muito mais valor que o poeta das/ 'Palavras românticas'. E diga-se mais que/ o A. trabalha tam bem o octossílabo como/ o decassílabo e o alexandrino.

Nota da pesquisa: o leitor refere-se a *Canções românticas*, de Alberto de Oliveira, publicado em 1878, que aparece em *Poesias* (*Primeira série: Canções românticas, Meridionaes, Sonetos e poemas, Versos e rimas, Por amor de uma lágrima*) (Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1912), coletânea por ele anotada que figura em sua biblioteca. Martins Fontes apropria-se do verso de CORRESPONDENCES, em *Les fleurs du Mal*, de Charles Baudelaire.

*

P.157-160
SIMPLICIDADE (11 estrofes)

P.159:
Nota MA: metáfora sublinhada no v.29: "E o coração, no carcere do peito, *(1)"* e expoente (1) remetendo ao comentário no rodapé:
Estou quase certo de ter lido isto algures,/ mas não me lembro onde. Alias toda/ a poesia dá uma impressão de coisa já/ lida e milhor fôra mudar-lhe o nome/ de "Simplicidade" para... "Vulgaridade".

*

P.161-165
CANÇÃO DO LUAR, CANTANDO AO SOL

163-164
PARTE II

P.164:
Nota MA: palavra sublinhada no v.26 "Labil (1), de leve, ao longe, além..." e expoente (1) remetendo ao significado no rodapé – estudo do vocabulário parnasiano: *(1) Que escorrega facilmente. Fraco. Transitório*.

*

P.166-170
ROMANCE (15 estrofes)

P.166:
Nota MA: traço à margem dos v.7-8:

(O velario lunar é um cortinado,
Que envolve o teu Castello).

P.167:
Nota MA: estudo comparativo, à margem dos v.21-24, a partir da homografia, apontando a apropriação:

Treme, freme a guitarra corda a corda...
Que enamorada e pura melodia!
Ouve, Julieta. Abre a janella, acorda.
O luar parece dia.

Abre a janela! Acorda!
Que só por te acordar,
Vou desfiando a guitarra, corda
a corda,
Ao luar
Bilac

Nota da pesquisa: o leitor flagra a apropriação da primeira estrofe de CANÇÃO DE ROMEU, poema de *Sarça de fogo* que tem o título sublinhado na antologia *Poesias* (Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1909, 4ª edição), de Olavo Bilac, nas estantes de MA. O terceiro verso, porém, traz o verbo "pulsando" no lugar de "desfiando", usado na citação do leitor.

P.169
Nota MA: expoente (1) no v.52, remetendo ao comentário no rodapé:

Não tarda, meu amor, que á luz da aurora,
A cotovia cante. *(1)*

(1) Era natural que o poeta brasileiro viesse a/ falar de cotovia. Não há poeta brasileiro que/ o não faça desde que haja luar e um bal-/cão florido dum corpo de mulher. Shakespeare/ – ao menos êste é imenso – e franceses e gregos/ e hespanhois e turcos e persas continuam, e/ quiçá continuarão eternamente a entorpecer/ a inspiração indígena.

*

P.171-173
POESIA (8 estrofes)

P.173:
Nota MA: comentário no rodapé:
Êstes versos em toada decadente, são doces e/ lindos. O poeta é realmente um bom/ cantador.

*

P.176-181
SONHO PARISIENSE

P.176-179
PARTE I (13 estrofes)

P.176:
Nota MA: palavra sublinhada no v.1 e comentário à margem:

Dessa terrível paisagem, *4 sílabas!!!*

*

P.179-181
PARTE II (2 estrofes)

P.180:
Nota MA: comentário no rodapé:

Quando acordei, depois da calma
Do meu sonho deslumbrador,
Senti, reentrando na minh'alma,
As misérias do meu horror.

Plangia funebre e profundo
O meio-dia. E, sepulcral,
Sobre o torpor triste do mundo,
Descia a treva funeral.

Não se percebe bem se o poeta quis fazer/ tradução ou paráfrase. Ora é tradução e/ ora é paráfrase. Algumas vezes mesmo o/ tradutor é "tradittore" não atingindo expressar/ a idea do cultor das flores do mal. Baudelaire/ diz na primeira quadra: "De ce térrible paysage,/ Que jamais oeil mortel ne vit,/ Ce matin encore l'~~immage~~ image/ vague et lointaine me ravit. "/ Aí o tradutor trae o pensamento do traduzido./ Baudelaire ainda de manhã guarda a imagem/ do sonho da noite; para M. Fontes o sonho des-/lembrou já de manhã. Mas traduzir com toda/ exactidão é dificílimo e porventura impossível. O/ poeta mostrou mesmo habilidade no transladar/ para o nosso idioma o curioso poema francês. Os defeitos são apenas minudências insigni-/ficantes. A última quadra até está milhor/ no português que no original: 'La pendule aux accents funèbres/ sonnait brutalement midi./Et le ciel versait des ténèbres/ sur ce triste monde engourdi.'

Nota da pesquisa: o poema RÊVE PARISIEN, de Charles Baudelaire, está na parte "Tableaux parisiens", de *Les fleurs du Mal*. O exemplar de *Les fleurs du Mal* (Paris: Calmann, 19?? MA 841.8 B338f), na biblioteca de MA, contém anotações de seu lápis.

*

P.181-182
TRISTEZA DA LUA (soneto)

P.182:
Nota MA: comentário no rodapé:
Aqui também a tradução é boa, embora/ por vezes muito livre.

Nota da pesquisa: MA sinaliza outro diálogo de Martins Fontes com Baudelaire. TRISTESSES DE LA LUNE está na parte "Spleen et ideal", de *Les fleurs du Mal*.

*

P.183-184

BALLADA DOS SONS VELADOS (4 estrofes)

P.183:
Nota MA: imagem sublinhada no v. 4:

As mortecôres de um vitral

*

P.185-191
NIX ET NOX (32 estrofes)

P.190:
Nota MA: construção sublinhada no v.96:

Na volúpia morna,

Que o olhar transtorna,

P.191:
Nota MA: comentário no rodapé:

Na soturna furna
Da amplidão nocturna,
Funda catacumba,
Retumba.

O trovão, e echoa,
Rabido reboa,
Em atrôos roucos
E ocos.

Chora a natureza.
Tedio com certeza,
Neste choro triste
Existe.

Que melancolia!
Que monotonia!
Symboliza esta água
A magua?

Isto é sublime. Não ha nada na nossa lingua/ que atinja a tristeza suave, a melancolia saudosa,/ a langue monotonia destas estrofes. Nem Antonio/ Nobre soube ser suavemente triste assim. E real-/mente, não ha [como] negar que a palavra empresta á poesia/ uma grandíssima parte do seu valor, principal-/mente em gêneros como êste. E aquí é que se nota a/ força e a beleza da nossa lingua que apesar de tam/ rica em sonoridades e viveza consegue atingir esses/ tons nevacentos e baços da língua francesa de que/ Garrett já dizia: "...os franceses, porquê mais não podem/ com a mofina língua que Deus lhes deu". E Verlaine/ nada fez milhor do que "Nix et nox".

Notas da pesquisa: MA cita Almeida Garrett em *Frei Luís de Sousa*, drama em três atos estreado em 1843, com publicação em 1844 com notas do autor. O leitor menciona frase da Nota D, a p.127 do volume que está em suas estantes (Porto Livraria Chardron, de Lélo & Irmão, s.d.). Não há marca de leitura no fragmento mencionado, mas o leitor deixa sublinhas em outros trechos, além de anotações na pagina de rosto.

*

P.192-201
NO JARDIM DA MORTE (38 estrofes)

P.192:
Nota MA: título sublinhado:

No jardim da morte

P. 201:
Nota MA: expoente (1) no v.152 remetendo ao comentário no rodapé:

Eu tombei sobre a terra desmaiado,
"Tal como cae um corpo morto"*(1)*

(1) Também H. de Campos inspira-se no celebrado passo/ de Dante quando no "Jardim de Ptolomeu". E êle no/ fim do seu poema diz, variando algo a Divina/ Comedia: "E eu, despertando a compaixão de tudo,/ soluçava nos braços do meu guia.
Nota da pesquisa: MA acusa a apropriação que Humberto de Campos e Martins Fontes fazem da *Divina comédia*, de Dante Alighieri. Deste parnasiano, o leitor possui os livros *Poeira* (Porto: Litter, 1917 MA869.9149C198p), bastante anotado e *O Brasil anecdotico: frases históricas que resumem a chronica do Brasil-colônia, do Brasil-império e do Brasil-república* (Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1927 MA 869.9749C198b), sem marcas de leitura. MA guarda também edições da *Divina comédia*. Duas em italiano, *Divina commedia; com postille e cenni* (Milano: Ulrico Hoepli, 1911 MA 851.15 D192d 1911 ed.min.), com algumas notas de tradução, e *La Divina commediadi Dante Alighieri nell' arte del cinquecento* (Milano: Fratelli Treves, 1908 MA 094 D192d), livro grande e sem anotações; uma em francês, *La divine comedie: l'enfer, le purgatoire, le paradis* (Paris: E. Flammarion, s.d. MA 851.15 D192dF), com marcas do leitor.

*

P.202:
Nota MA: comentário e transcrição de verso na margem superior da folha em branco:
Verso frouxo/ pg 190 Que o/ olhar transtorna 5 sílabas

Nota da pesquisa: MA copia o v.96 de NIX ET NOX, que deixa sublinhado na p.190.

MELO NÓBREGA. Bibl MA: [retirado]
Olavo Bilac. Rio de Janeiro: Brasilica, 1939.

[Crítica] Araraquara – Sala Pio Lourenço

Coleção MA, BPM – Araraquara.

Encadernado em meio couro, sem capa original, 21x15 cm.

P. 17:
Nota MA: traço à margem selecionando parágrafo, ideia principal sublinhada e comentário no rodapé e na margem direita:

Era realmente desoladora a facilidade romântica. Os poemas haviam regredido às formas rudimentares, estirando-se sem medida, na abundância suspeita da espontaneidade. A rima estorvava êsse acachôo, que acabou por despenhar-se, despeiado, no caudal do verso branco. O desleixo, que fôra intencional e já se vulgarizara na incapacidade, desapreçava a boa linguagem.

No Romantismo isto não é/ verdade.// Toda esta passagem é uma [ilegível] */ muito deformadora da verdade.*

P. 40-41:
Nota MA: traço à margem selecionando parágrafos e comentário apagado ao final do trecho:

Afonso de Carvalho dedicou a terceira parte de seu ensaio ao estudo da forma bilaquena. Mais de cem páginas, em que estuda o vocabulário, a métrica, o ritmo e a rima, com excessos de minúcia e abundância de exemplos.

Orientando-se em rumo diferente, procuramos ficar à tona dessas particularidades. Fala-nos com maior eloquência a obra de Bilac em sua integridade. E à visão mais próxima, parcial e estreita, preferimos o conjunto panorâmico, em que a perda do episódico se compensa na largueza do quadro. Porque os grandes monumentos só se apresentam em todo o esplendor de suas linhas, quando contemplados à distância...

PUFF & PUCK Bibl. MA: [A/II/f/38]
Pimentões (Rimas d'O filhote). São Paulo: Livraria Magalhães, 1897.
[Poesia]
IEB: MA 869.9749P289p

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernado papel cartão, 21x15 cm.

Contra-capa:
Nota MA: anotação na margem superior direita:
a
i

Contra-capa:
Nota MA: identificação dos pseudônimos:

PUFF & PUCK
Bilac + Guimarães Passos

BILAC, Olavo. Bibl. MA: [A/I/d/33]
Crítica & Fantasia. Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, 1904.
[Crônicas e Notas diárias] IEB: MA 8699845B595cr

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernado em papel-cartão, 21x15 cm.

Sem Notas MA

BILAC, Olavo e PASSOS, Guimarães Bibl [A/II/c/54]
Tratado de versificação. Segunda edição. Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1910.
[Crítica literária] IEB: MA 869.9109 B595t

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernado em papel-cartão, 21x15 cm.

P. 5-33:
A POESIA NO BRAZIL

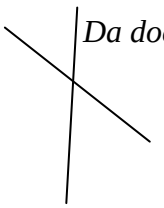
P. 30:
Nota MA: informação sublinhada:

> A crítica e o povo divergem da opinião de Sylvio Roméro, que dá a primazia ao auctor dos *Dias e Noites*.

P. 35-92:
A MÉTRICA

P.65:
Nota MA: cruzeta à margem do parágrafo:

De dez syllabas
Chamamol-o italiano, ou heróico ou ainda decasyllabo; é o mais bello da língua portugueza, presta-se à expressão de todas as idéias, e é susceptível da maior variedade. Vejam de quantos modos é possível dividil-o:



Da doce luz do plenilúnio de ouro
1 2
Da do
1 2
ce luz
1 2 3 4
do plenilú
9 10
nio de ouro”

P.87:
Nota MA: traço à margem:

Não falamos das estrophes de 7 versos, hoje antiquadas, se bem que engenhosas.”

P.93-
GENEROS POÉTICOS

P.174:
Nota MA: introdução de colchetes em adjetivos do soneto de Adelino Fontoura:

> É tão divina a angélica aparência
> e a graça que ilumina o rosto dela,
> que eu concebera o tipo de inocência
> nessa criança ***[*** imaculada e bela***]***.
> [...]
> Tem a ***[***celeste e ingênua***]*** formosura
> e a luminosa auréola sacrossanta
> de uma visão do céu, ***[***cândida e pura***]***.

P.175:
Nota MA: introdução de colchetes em adjetivos do soneto de Osorio Duque Estrada:

> O mesmo aroma que ***[***envenena e mata !***]***

P.175:
Nota MA: introdução de colchetes em adjetivos do soneto de Luiz Guimarães:

> Meu amor! meu amor! ***[***hirta, gelada***]***,
> Dormes o somno que ***[***amedronta e aterra***]***:
> Oh meu franzino bogary da serra!
> Oh minha rosa ***[***pálida e magoada***]***!

P.176:
Nota MA: introdução de colchetes em adjetivos do soneto de Emilio de Menezes:

> Noite de chuva ***[***tétrica e presaga***]***
> Da última estrella a restea ***[***ínfima e vaga***]***

P.178:
Nota MA: introdução de colchetes em adjetivos do soneto de Valentim Magalhães:

> E do alvo collo,***[*** amargurado e exangue***]***

P.178:
Nota MA: introdução de colchetes em adjetivos do soneto de Medeiros e Albuquerque:

> Dos seus mais ***[***simples e banaes***]*** acenos!

P.179:
Nota MA: introdução de colchetes em adjetivos do soneto de Machado de Assis:

> Contemplou, suspirosa, a fronte ***[***amada e bella***]***...

P.180:
Nota MA: introdução de colchetes em adjetivos do soneto de Luiz Guimarães:

Cabello ***[***puro e annellado***]***

BILAC, Olavo Bibl. MA: A/II/d/53
Poesias. 4ª. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1909.
[Poesia] IEB: MA 869.9148B595p

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernado em marroquim bege, 21x15 cm..

Notas MA:
- a grafite: p.1, 3, 6, 9-16, 19-22, 25-26, 28-29, 31-32, 35-36, 39-41, 44, 46-49, 52, 55-73, 78, 80-81, 84, 86, 88, 91-92, 94, 102, 106-109, 111, 114-116, 122, 128, 131, 134-135, 146, 148, 150-152, 158-159, 161, 166-167, 170, 173-176, 178, 180-181, 193, 196-198, 200, 204, 211-212, 214-216, 221, 227, 232, 237-239, 241-242, 247, 260-261, 263-271;
- a grafite e lápis-tinta: p.17, 24, 33, 42-43, 45, 50-51, 53-54, 79, 82;
- a lápis-tinta: p. 119, 144, 186, 220.

Nota da pesquisa: MA refere-se a duas obras publicadas em 1914. Em nota ao poema A RONDA NOCTURNA, à p. 29, transcreve trecho do livro *Conferências, 1912-1913*, de Amadeu Amaral, organizado pela Sociedade de Cultura Artística (São Paulo: Off. Cardozo Filho & C) e, na margem do poema DELENDA CARTHAGO!, à p. 35, cita trecho d' *A arte de fazer versos* de Osório Duque Estrada. Pode-se pensar que MA tenha lido e anotado *Poesias*, depois de 1914.

P. 1-6:
PROFISSÃO DE FÉ (31 estrofes)

P. 1:
Nota MA a grafite: cacofonia sublinhada no v. 4:

> Com o camartello.

P.3:
Notas MA a grafite:
1. traço à margem esquerda dos v.49-52:

> Assim procedo. Minha penna
> Segue esta norma,
> Por te servir, Deusa serena,
> Serena Fórma!

2. traços à direta dos v.57-58 destacando rima toante – estudo da sonoridade:

> Blasphemo, em grita surda e horrendo
> Impeto, o bando

Venha dos Bárbaros crescendo
Vociferando...

P.6:
Nota MA a grafite: barra marcando o hiato no v. 115 – estudo da sonoridade:

Tu/ as custodias esculpindo

**

P.7-36:
"Panoplias"

P.9-14:
A MORTE DE TAPIR

P.9-10:
PARTE I (1 estrofe)

P.9:
Nota MA a grafite: sublinhada a apresentação da natureza no espaço do poema no v.1-2:

Uma columna de ouro e purpuras ondeantes
Subia o firmamento. Accesos véos, radiantes

P.10:
Notas MA a grafite:
1. traço à margem esquerda dos v. 18-35; expoente *(1)* remetendo ao comentário no rodapé:

"Incolume, vibrando os golpes, – insensivel
A's preces, ao clamor dos gritos, surdo ao pranto
Das victimas, – passou, como um tufão, o espanto,
O exterminio, o terror atraz de si deixando!
Quanta vez do inimigo o embate rechaçando
Por si só, foi seu peito uma muralha erguida,
Em que vinha bater e quebrar-se vencida
De uma tribu contraria a onda medonha e bruta!
Onde um pulso que, tal como seu pulso, á luta
Costumado, um por um, ao chão arremessasse
(1) Dez combatentes? Onde um arco, que atirasse
Mais celere, a zunir, a fina flecha hervada?
Quanta vez, a vagar na floresta cerrada,
Peito a peito lutou com as fulvas onças bravas,
E as onças a seus pés tombaram, como escravas,
Nadando em sangue quente, e, em roda, o echo infinito
Despertando, ao morrer, com o derradeiro grito!...
Quanta vez! E hoje velho, hoje abatido!"

(1) Todas essas ideias perdem muito da/ sua beleza pelo retorcido da frase.

*

P.10-11:
PARTE II (3 estrofes)

P.11:
Notas MA a grafite:
1. sublinha e barra marcando o hiato v.1;
2. construção sublinhada nos v. 16-17;
3. expoente *(1)* no v. 34, remetendo ao comentário no rodapé:

> E, a essa / hora, ao fulgor do derradeiro raio
> Do sol, que o disco de ouro, em lucido desmaio,
> Quasi no extremo céo de todo mergulhava,
> Aquella estranha voz pela floresta echoava
> Num confuso rumor entrecortado, insano...
> Como que em cada tronco havia um peito humano
> Que se queixava... E o velho, humido o olhar, seguia.
> [...]
> Juracy! Juracy! virgem morena e pura!
> Tu tambem! tu tambem desceste á sepultura!... *(1)*

(1) Aqui, forma-se uma desagradável repetição/ de palavras que torna monótonos estes/ dois versos: Juraci! Juraci!/ Tu tambem! Tu tambem.../ São dois feios alexandrinos martelados...

*

P. 12-13:
PARTE III (1 estrofe)

P. 12:
Nota MA a grafite: sonoridade e síntese sublinhadas no v.22:

> Crescia a treva. A medo, entre as nuvens luzindo.

*

P.13-14:
PARTE IV (1 estrofe)

P.13:
Nota MA a grafite:
1. anáfora sublinhada no v.3:

> Acima o abysmo, abaixo o abysmo, o abysmo adiante...

2. rima sublinhada nos v. 16-17– estudo da sonoridade:

> Tudo passou! Não mais a fera inubia á bocca
> Dos guerreiros, Tapir, soa medonha e rouca.

*

P. 14:
PARTE V (3 estrofes)

Notas MA a grafite:
1. construção sublinhada nos v. 10-11; expoente *(1)* remetendo ao comentário no rodapé:

> Nesse momento,
> Apontava o luar no curvo firmamento.*(1)*

É de grandíssimo efeito o voltar, depois/ de um drama forte e anciado, a uma/ descrição calma de uma particularidade/ da natureza. É uma aurea chave de profundo/ valor estético: é necessário e bom aos espíritos/ o acalmar-se, após terem desenvolvido em/ si sentimentos enérgicos. Soa como uma/ benção.

*

P.15:
A GONÇALVES DIAS (soneto)

Notas MA a grafite:
1. sublinha no v. 8, a assonância, seguida do comentário:

> Vives eterno em teu poema ingente. *(os ee...)*

2. enumeração sublinhada nos v. 9-12 e expoente *(1)* remetendo ao comentário no rodapé:

> Estes revoltos, largos rios, estas
> Zonas fecundas, estas seculares
> Verdejantes e amplissimas florestas
>
> Guardam teu nome *(1)*: e a lyra que pulsaste
> Inda se escuta, a derramar nos ares
> O estridor das batalhas que contaste.

(1) Belíssima enumeração revolucionando/ completamente cadencia e rima do verso...

*

P.16:
GUERREIRA (soneto)

Notas MA a grafite:
1. expoente *(1)* no v. 14, remetendo ao comentário na margem superior:

> É a incarnação do mal. Pulsa-lhe o peito
> Ermo de amor, deserto de piedade...
> Tem o olhar de uma deusa e o altivo aspeito
> Das cruentas guerreiras de outra idade.
>
> O labio ao rictus do sarcasmo affeito
> Crispa-se-lhe num riso de maldade,
> Quando, talvez, as pompas, com despeito,
> Recorda da perdida magestade.
>
> "E assim, com o seio ancioso, o porte erguido,
> Córada a face, a ruiva cabelleira
> Sobre as amplas espaduas derramada,
>
> Faltam-lhe apenas a sangrenta espada
> Inda rubra da guerra derradeira,
> E o capacete de metal polido... *(1)*

(1) Seria o ideal sem dúvida, aquêle poeta/ que se permitisse o entremeiar dos ritmos /decassílabos segundo uma orientação prévia:/assim nêste ultimo terceto, Bilac coloca/ entre dois versos de tônica dupla (na 4ª e/8ª sílabas) um verso com a tônica simples/ na sexta sílaba, dando-nos um desagrada-/ vel conjunto, prejudicando o soneto pela/ impressão que recebe o ouvido./O último terceto do soneto antecedente/ é dum gôsto extraordinario: havendo dois/ versos seguidos de tônica dupla e um, fi-/ nal, de tônica na 6ª sílaba./O soneto nº 31 da Via-Láctea tem (para mim/ ao menos) a terminação ideal.../Se os poetas nisto precisassem, que harmonia/ profunda, que nova arte forte e magnifica,/ que estese sutil não resultaria?...

Nota da pesquisa: O soneto XXXI "Longe de ti, se escuto, porventura" está na p. 69 da parte "Via Lactea", no livro.

*

P.17:
PARA A RAINHA DONA AMELIA DE PORTUGAL (soneto)

Notas MA a grafite e lápis-tinta:
1. traço duplo à margem do texto;
2. rima toante sublinhada nos v. 5-7 – estudo da sonoridade;
3. expoente *(1)* no v.7, remetendo ao comentário no rodapé:

> Um rude resplendor, de rude brilho, touca
> E nimba o teu escudo, em que as quinas e a esphera
> Guardam, ó Portugal! a tua glória austera,
> Feita de louco heroismo e de aventura louca.

Ver esse escudo é ver a Terra toda, pouca
Para a tua ambição; é ver Affonso, á espera
Dos Mouros, em Ourique; e, em redor da galera *(1)*
Do Gama, ouvir do mar a voz bramante e rouca...
Mas no vosso brasão, Borgonha! Aviz! Bragança!
De ouro e ferro, encerrando o orgulho da conquista,
Faltava a suavidade e o encanto de uma flor;
E eis sobre elle pairando o alvo lirio de França,
Que lhe deu, flôr humana, alma gentil de artista,
Um sorriso de graça e um perfume de amor...

(1) Êsses três entroncamentos seguidos produzem/ uma desagradável impressão... Por esquecer completa-/mente a rima. Será talvez a única mancha/ desta jóia inestimavel...

*

P. 18-20:
A UM GRANDE HOMEM (11 estrofes)

P. 19:
Notas MA a grafite:
1. entroncamento sublinhado, expoente *(1)* e escansão dos versos v. 19-20, remetendo ao comentário no rodapé:

E do alpestre rochedo, onde nascido
Tinha, crespo, a rolar, descendo veio...*(1)*

(1) Estes versos tem o entroncamento mal feito;/ soam assim:/ 'E *do alpestre rochedo,onde nascido tinha, ...(12)/Crespo, a rolar, descendo veio...'.....(8)*

2. palavra sublinhada no v.27– estudo do vocabulário parnasiano:

Mas enturba-lhe a face o lodo ascoso...

P. 20:
Notas MA a grafite:
1. construção sublinhada no v. 45:

Aos quatro ventos da celebridade!

2. traço duplo à margem dos v. 51-55:

Mas, ah! nesses teus dias
De fausto, entre essas pompas luzidias,
– Rio soberbo e nobre!
Has-de chorar o tempo em que vivias
Como um arroio socegado e pobre...

*

P. 21:
A SESTA DE NERO (SONETO)

Notas MA a grafite:
1. Sublinhadas as palavras "toro" e "estrágulo" nos v. 5-6; anotação do sinônimo nas entrelinhas: "*leito"* e "*colcha/Tapete*" – estudo do vocabulário parnasiano:

> Nero no tóro eburneo estende-se indolente...
> Gemmas em profusão no estragulo custoso

2. Alexandrinos sublinhados nos v. 9-11 e expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:

> Formosa ancilla canta. A aurilavrada lyra
> Em suas mãos soluça. Os ares perfumando,
> Arde a myrrha da Arabia *(1)* em recendente pyra.

defeituosamente
(1) Dois alexandrinos formados inesteticamente/ pelo enjambement

*

P.22:
O INCÊNDIO DE ROMA (soneto)

Notas MA a grafite:
1. palavra sublinhada no v. 8, distinguindo a síncrise:

> Do incendio cingem, tudo esbrôa-se partido.

2. construção sublinhada no v. 10:

> Arde em chammas o Tibre e accende-se o horizonte...

*

P. 23-26:
O SONHO DE MARCO ANTONIO

P. 23-25:
PARTE I (10 estrofes)

P. 24:
Notas MA a grafite e lápis azul:
1. quiasmo sublinhado nos v. 31-32:

> Ella é o céo... Que valor tem todo o mundo,
> Se os mundos todos seu olhar encerra?!

2. construção sublinhada no v. 36:

> Roma não vale um só dos beijos d'ella!...

*

P. 25-26:
PARTE II (5 estrofes)

P. 25:
Nota MA a grafite: barra marcando escansão do v. 18 – estudo da sonoridade:

> Colo opulento e sensu/al que oscilla.

Nota da pesquisa: O vocábulo *sensual* possui um hiato (sen-su-al), que pode ser dividido na contagem das silabas; MA reconhece o ícto, na diérese.

*

P. 26:
PARTE III (4 estrofes)

Notas MA a grafite:
1. Traço à margem dos v. 13-16 e expoente *(1)* no v.16, remetendo ao comentário no rodapé:

> E a noite foge. Em todo o firmamento
> Vão se fechando os olhos das estrellas:
> Só perturba a mudez do acampamento
> O passo regular das sentinellas.*(1)*

(1) Mesma observação que a última nota/ da "Morte de Tapir"

Nota da pesquisa: MA refere-se à própria nota no rodapé da p. 14.

*

P. 28
MESSALINA (soneto)

Notas MA a grafite:
1. decassílabos sublinhados nos v. 1-3 e expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:

> Recordo, ao ver-te, as epochas sombrias
> Do passado. Minh'alma se transporta
> Á Roma antiga, *(1)* e da cidade morta
> Dos Cesares reanima as cinzas frias;

(1) Mais dois decassílabos espurios...

*

P. 29
A RONDA NOCTURNA (soneto)

Notas MA a grafite:
1. título sublinhado; expoente *(1)*, remetendo ao comentário na margem superior:

> A Ronda Nocturna *(1)*

2. ritmo sublinhado nos v. 5-8 – estudo da sonoridade:

> Dentro é tudo mudez. Flebil murmura,
> De espaço a espaço, emtanto, a voz do vento:
> E ha um rasgar de sudarios pela altura,
> Passo de espectros pelo pavimento...

3. comentário na margem superior:
(1) Pode-se aplicar a êste soneto o que disse/ A. Amaral sobre o soneto "Sozinha" de Raimundo./ '...o valor, puramente emotivo, é tão leve, tão/ melindroso que se esvairia com certeza na manipula-/ ção da forma, dentre mãos que não fossem tão/ ageis, tão brandas, tão sensiveis como as dêsse/ maravilhoso artífice'./ Tudo é silêncio e mistério: fugiram as vogais/ rumorosas e rutilantes do soneto antecedente/ e ecoam discretamente as rimas surdas e/ as palavras escuras./ O segundo quarteto é duma perfeição extraordi-/ nária.

Nota da pesquisa: *Conferências, 1912-1913*, obra organizada pela Sociedade de Cultura Artística faz parte da biblioteca de MA no IEB-USP (São Paulo: Off. Cardozo Filho & C., 1914; MA 869.904S678c 1912-3). Reúne conferências de Amadeu Amaral ("Raymundo Corrêa"), Armando Prado ("Alvares de Azevedo"), Garcia Redondo ("Arthur Azevedo"), Pedro Lessa ("João F. Lisboa"), Oliveira Lima ("A nossa diplomacia"). O trecho da conferência de Amadeu Amaral (realizada em 26 de setembro de 1912) citado por MA está na p. 37 e não apresenta nota marginal.

*

P.30 -36:
DELENDA CARTHAGO!

P. 30-31:
PARTE I (4 estrofes)

P. 31:
Notas MA a grafite:
1. entroncamento sublinhado nos v. 35-37 e expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:

Heroicas, abafando os soluços e as queixas,
As mulheres, tecendo os fios das madeixas,
Cortavam-n'as. *(1)*

(1) Belíssimo exemplo de entroncamento.

*

P.32-35:
PARTE II (4 estrofes)

P.32-33:
Notas MA a grafite e lápis-tinta:
1. Traço duplo à margem dos v. 1-23 e expoente *(1)* no v. 23, remetendo ao comentário no rodapé:

As machinas de guerra
Movem-se. Treme, estala, e parte-se a muralha,
Racha de lado a lado. Ao clamor da batalha
Estremece o arredor. Brandindo o pilum, promptas,
Confundem-se as legiões. Perdido o freio, ás tontas,
Desboccam-se os corceis. Enrijam-se, esticadas
Nos arcos, a ringir, as cordas. Aceradas,
Partem settas, zunindo. Os dardos, sibillando,
Cruzam-se. Eneos broqueis amolgam-se, resoando,
Aos embates brutaes dos piques arrojados.
Loucos, afuzilando os olhos, os soldados,
Presa a respiração, torvo e medonho o aspeito,
Pela ferrea squammata abroquelado o peito,
Se encrúam no furor, sacudindo os macetes.
Não param, entretanto, os golpes dos arietes,
Não cançam no trabalho os musculosos braços
Dos guerreiros. Oscilla o muro. Os estilhaços
Saltam das pedras. Gira, inda uma vez vibrada
No ar, a machina bruta... E, subito, quebrada,
Entre o insano clamor do exercito e o fremente
Ruido surdo da queda, – estrepitosamente
Rúe, desaba a muralha, e a petrea mole roda,
Róla, remoinha, e tomba, e se esphacela toda... *(1)*

(1) Como se está longe da linguagem melíflua/ dos romanticos! Como se está longe dos versos/ cadenciados dos clássicos! A língua é outra, entra-/ja-se de onomatopeas brilhantes, quebra-se o verso,/ a concordância mediata da ao alexandrino as/ proporções duma prosa gigantesca, sobrenatural,/ vindo de vez em quando descansar na caden-/cia perfeita duma rima nobre. Os rr...troam/ sem cessar e vê-se atemorizado, que:/ "... a pétrea mole roda,/ 'Rola, remoinha e tomba, e se esfacela toda..."

2. imagem sublinhada no v. 26:

As vagas encrespando acapelladas, brutas,

P. 35:
Notas MA a grafite:
1. construção sublinhada nos versos 78-79 e expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:

> Rolos de sangue e pó, blasphemias e gemidos,
> Preces e imprecações... *(1)*. As proprias mães, emtanto,

(1) Duque Estrada notando que para os novos/ grandes poetas já não chega o alexandrino para/ conter a idea, cita um extraordinario exemplo/ de Luiz Delfino que tem como ritmo êstes mesmos versos de Bilac. Diz Luiz Delfino:/ "Como o sol quando paira abaixo do horisonte,/ "Que sobe e encontra o mar, que sobe e encontra o monte,/ 'Que sobe e encontra o céu..."

Nota da pesquisa: A passagem citada pelo poeta leitor está na p. 154 de *A arte de fazer versos* (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914; com prefácio de Alberto de Oliveira), conforme se verifica em exemplar digitalizado desta obra no acervo do projeto BRASILIANA USP, disponibilizado na internet: http://www.brasiliana.usp.br/bbd/bitstream/handle/1918/00879000/008790_COMPLETO.pdf . O livro de Duque Estrada não faz parte da biblioteca de MA no patrimônio do IEB-USP; nela se localiza, do mesmo autor, *Luiz Delfino: conferência realisada em 6 de agosto de 1914*, na Associação dos Empregados no Commercio (Rio de Janeiro: Typ do Jornal do Commercio, 1915; MA 869.91092D349d), livro sem notas de leitura.

*

P. 35-36:
PARTE III (3 estrofes)

P. 36:
Notas MA a grafite:
1. palavra sublinhada e acréscimo de interrogação no v.10 – estudo do vocabulário parnasiano:

> Os alicerces bróca, e estringe *?* tudo. Um rolo

2. traço duplo à margem esquerda dos v.21-30; desfecho do poema sublinhado nos v. 28-30 e expoente *(1)* no v.28, remetendo ao comentário no rodapé:

> E' que, – vendo rolar, num rapido momento,
> Para o abysmo do olvido e do anniquillamento
> Homens e tradições, revezes e victorias,
> Batalhas e trophéus, seis seculos de glorias
> Num punhado de cinza –, o general previa

Que Roma, a invicta, a forte, a armipotente, havia
De ter o mesmo fim da orgulhosa Carthago...
E, perto, o crepitar estrepitoso e vago
Do incendio, que lavrava e inda rugia activo,
Era como o rumor de um pranto convulsivo... *(1)*

(1) Mesmo ardil da "Morte de Tapir" de terminar o poema com uma ligeira frase descritiva.

*

P.37- 73:
"Via-Lactea" (sonetos)

P. 39:
I. "TALVEZ SONHASSE, QUANDO A VI. MAS VIA"

Notas MA a grafite:
1. acréscimo de forma ao v.1: *Sereno*
2. intensidade sonora indicada nos v. 1, 9;
3. aliteração sublinhada no v. 8, 10-11– estudo da sonoridade;
4. vocativo sublinhado no v. 12;
5. variação de intensidade destacada nos v. 1, 11-12;
6. andamento acrescentado ao v. 14:

I

Sereno
(pp.) Talvez sonhasse, quando a vi. Mas via
Que, aos raios do luar illuminada,
Entre as estrellas tremulas subia
Uma infinita e scintillante escada.
E eu olhava-a de baixo, olhava-a... Em cada
Degráo, que o ouro mais limpido vestia,)
Mudo e sereno, um anjo a harpa doirada,
Resoante de supplicas, feria...
(f) Tu, mãe sagrada! vós também, formosas
Illusões! sonhos meus! ieis por ella
Como um bando de sombras vaporosas.
(cresc)
E, ó meu amor! eu te buscava, quando
Vi que no alto surgias, calma e bella,)
O olhar celeste para o meu baixando ...
rall.....

Nota da pesquisa: a gradação das intensidades na dinâmica musical, usadas por MA são:

ppp – molto pianíssimo ou pianississimo

pp – pianissimo
p – piano
fp – forte-piano
mp – mezzo-piano
mf – mezzo-forte
pf – povo-forte
f– forte
ff – fortissimo
fff – molto fortissimo ou fortississimo

As Notas MA consignam também a variação da intensidade musical:

cresc (*crescendo* – aumento progressivo da intensidade de uma parte da música);
diminuendo (diminuição gradativa da intensidade musical).

E demarcam também o andamento:

rall (*ralentando* – passagem com desaceleração gradual do tempo),
mesto (poética triste, melancólica),
allegretto (andamento mais lento que o *allegro* (andamento rápido),
andante (andamento moderado entre o adágio e o allegro),
andantino (movimento um pouco mais rápido que o andante),
largo (uma das indicações mais lentas da música clássica),
stringendo (aceleração do tempo),
smorzando (sonoridade que vai se extinguindo gradualmente).

A terminologia musical adotada por MA nestas suas notas corresponde a verbetes no *Hugo Riemann Musik Lexikion* (Berlim: M. Hesse, 1929; v. 1, p. 14, 30; 41, 354, 404, 997; v. 2, p. 1119, 1175, 1388-1389, 1464). O musicólogo alemão é referido por MA em seus comentários ao soneto XVII de "Via Lactea", p. 55.

*

P. 40:
II. "TUDO OUVIRÁS, POIS QUE, BONDOSA E PURA,"

Notas MA a grafite:
1. ligadura nos v. 1,5;
2. sublinhada aliteração no v.8: "pesadelos perseguido" – estudo da sonoridade;
3. intensidade sonora indicada no v.12: "*f";*
4. andamento acrescentado aos v. 1, 9, 12:
5. acréscimo de forma aos v.6, 14: *rouco, solene*

II

Lento
Tudo ouvirás, pois que, bondosa e pura,)
Me ouves agora com melhor ouvido:
Toda a anciedade, todo o mal soffrido

Em silencio, na antiga desventura...

Hoje, quero,) em teus braços acolhido,)
Revêr a estrada pavorosa e escura
(rouco)
Onde, ladeando o abysmo da loucura,
Andei de pesadelos perseguido.
Allegretto
Olha-a: torce-se toda na infinita
Volta dos sete circulos do inferno...
E nota aquelle vulto: as mãos eleva,
apressar
f Tropeça, cáe, soluça, arqueja, grita,
Buscando um coração que foge, e eterno
Solene Ouvindo-o perto palpitar na treva.
rall.....

*

P. 41:
III. "TANTOS ESPARSOS VI PROFUSAMENTE"

Notas MA a grafite:
1. acréscimo de andamento acima dos v. 1, 5, 9, 14;
2. intensidade sonora indicada nos v.1 (*pp*), 5 (*mf*), 7 (*pp*);
3. variação de intensidade destacada nos v. 2-3, 4, 13:

III

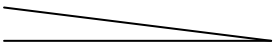
Allegreto
pp Tantos esparsos vi profusamente
Pelo caminho que, a chorar, trilhava!

Tantos havia, tantos! E eu passava
Por todos elles frio e indifferente...
rall.. .....
crescendo *mf*

Emfim! emfim! pude com a mão tremente
Achar na treva aquelle que buscava...
(pp) Porque fugias, quando eu te chamava,
Cego e triste, tacteando, anciosamente?

Andante
Vim de longe, seguindo de erro em erro,
Teu fugitivo coração buscando
E vendo apenas corações de ferro.

Pude, porém, tocal-o soluçando...
) < >)
E hoje, feliz, dentro do meu o encerro,
E ouço-o, feliz, dentro do meu pulsando.
Andantino



*

P. 42:
IV. "COMO A FLORESTA SECULAR, SOMBRIA,"

Notas MA:
- lápis-tinta:
  1. traço duplo à margem do texto;
- grafite:
  1. ligadura no final do v. 2;
  2. correção: acréscimo de vírgula no v. 14, isto é, de pausa;
  3. variação de intensidade nos v. 4-5;
  4. construção sublinhada no v. 6;
  5. acréscimo de forma aos v.1, 9: *solene irônico, claro, solene, mais rouco;*
  6. acréscimo de andamento acima dos v.5, 12,14;
  7. sonoridade sublinhada nos v.13-14;
  8. intensidade sonora indicada no v.14: *ff*
  9. comentário na margem superior:

IV

Solene ironico
Como a floresta secular, sombria,
Virgem do passo humano e do machado,)
Onde apenas, horrendo, echôa o brado
Do tigre, e cuja agreste ramaria
cresc
Não atravessa nunca a luz do dia,
Assim tambem, da luz do amor privado,
Tinhas o coração ermo e fechado,
Como a floresta secular, sombria...
Solene *mais rouco*
Claro Hoje, entre os ramos, a canção sonora
Soltam festivamente os passarinhos.
Tinge o cimo das arvores a aurora...

Allegro
Palpitam flores, estremecem ninhos...
E o sol do amor, que não entrava outr'ora,
Entra , dourando a areia dos caminhos.
Extatico *ff* .....

É um soneto perfeito, duma perfeição admi-/rável. Não se lhe encontra o rebuscado da/ rima nem os qualificativos trombetas do parna-/sianismo: tudo é simples, tudo é delicado,/ tudo é sentimento; e a frase corredia brilha/ como um arroio mais poético sem dúvida/ que todos os amazonas.../ O primeiro e o oitavo verso são o mesmo./ Este artifício da ao soneto uma graça par-/ticular; erigido em sistema cansaria em/ breve, mas usado com discrição, nos sonetos/ mais líricos e delicados produz sempre uma/ graça extraordinária./ É um leit-motif empolgante

*

P. 43:
V. "DIZEM TODOS: "OUTR'ORA COMO AS AVES"

Notas MA
-lápis-tinta:
1. traço duplo à margem do texto;

- grafite:
1. ligadura no final do v. 6;
2. fermata marcada no v.7;
3. expressão sublinhada com acréscimo de exclamação e expoente *(1)* no v. 8, remetendo ao comentário no rodapé;
4. acréscimo de forma aos v.1, 9, 12: *familiar, aspero, enfatico.*
5. intensidade sonora indicada nos v. 1 (*p*), 12 (*f*):

V

familiar
p Dizem todos: "Outr'ora como as aves
Inquieta, como as aves tagarela,
E hoje... que tens? Que sisudez revela
Teu ar! que idéas e que modos graves!

Que tens, para que em pranto os olhos laves?
Sê mais risonha, que serás mais bella!)
Dizem. Mas no silêncio e na cautela
Ficas firme e trancada a sete chaves... *(1) !*
Aspero
E um diz: "Tolices, nada mais!" Murmura
Outro: "Caprichos de mulher faceira!"
E todos elles afinal: "Loucura!"
Enfatico
f Cegos que vos cançaes a interrogal-a!
Vel-a bastava; que a paixão primeira
Não pela voz, mas pelos olhos fala.

(1) Um verso estúpido. Desmancha completamente/ a beleza extraordinária deste soneto. É uma/ nodoa terrível, prejudicando ~~comple~~ a joia./ Expressão pouco adequada ao lirismo sutil/ e a extrema graça melindrosa do soneto. Tenho/ para mim, que a

produção está absolutamente/ prejudicada e que Olavo deveria te-la degradado/ se não pudesse modificar o verso.

*

P.44:
VI. "EM MIM TAMBEM, QUE DESCUIDADO VISTES"

Notas MA a grafite:
1. intensidade sonora indicada no v.1: *mf*;
2. acréscimo de forma aos v. 1, 9: *Triste. Cansado, doloroso*
3. andamento do v. 9: *rall*
4. construção sublinhada no v. 9;
5. variação de intensidade nos v. 13, 14:

VI

Triste. Cansado
mf Em mim tambem, que descuidado vistes,
Encantado e augmentando o proprio encanto,
Tereis notado que outras cousas canto
Muito diversas das que outrora ouvistes.

Mas amastes, sem duvida... Portanto,
Meditae nas tristezas que sentistes:
Que eu, por mim, não conheço cousas tristes,
Que mais afflijam, que torturem tanto.
doloroso *rall.....*
Quem ama inventa as penas em que vive:
E, em lugar de acalmar as penas, antes
Busca novo pezar com que as avive.

Pois sabei que é por isso que assim ando:
> Que é dos loucos sómente e dos amantes
Na maior alegria andar chorando.

*

P. 45:
VII. "NÃO TÊM FALTADO BOCCAS DE SERPENTES"

Notas MA
- lápis-tinta:
1. expressão sublinhada no v. 7 e expoente *(1)*, remetendo ao comentário na margem superior;

- grafite:
    1. traço duplo à margem esquerda do texto;
    2. acréscimo de andamento nos v. 1, 7;
    3. acréscimo de forma aos v.5, 7, 9, 13: *Outra voz. Mais devagar, outra voz;*
    4. colchete à margem esquerda dos v. 4-8;
    5. intensidade sonora indicada nos v.1 (*mf*), 2 (*ff*),13 (*ff*), 14 (*ff*);
    6. variação de intensidade no v. 14;
    7. comentário na margem superior:

VII

Allegretto
mf Não têm faltado boccas de serpentes,
ff (D'essas que amam falar de todo o mundo,
E a todo o mundo ferem, maldizentes)
Que digam: " Mata o teu amor profundo!
Outra voz. Mais devagar....
"Abafa-o, que teus passos imprudentes
"Te vão levando a um pélago sem fundo...
outra voz
apressar "Vaes te perder! " E, arreganhando os dentes *(1)*
Movem para o teu lado o olhar immundo:
outra voz
"Se ella é tão pobre, se não tem belleza,
"Irás deixar a gloria desprezada
"E os prazeres perdidos por tão pouco?

"Pensa mais no futuro e na riqueza! "
outra voz
ff E eu penso que afinal... Não penso nada:
Penso apenas que te amo como um louco!
ff

(1) Alô! Rima, quantos crimes se cometem por tua causa/ nem os grandes se livram disso! No soneto V Olavo/ tranca a sete chaves a gentil dona para rimar com/ aves, agora a boca enorme do mundo arreganha/ desastradamente os dentes pois que é preciso/ rimar com serpentes e imprudentes! ... Olavo/ parece que se esquece do próprio culto: não sera impro-/prio colocar dois dentes de elefante, mesmo do mais/ puro marfim, a enfeitar um vaso de Becerril? ou cobrir/ com a pele fulva do leão uma estatueta de Tanagra?/ Não posso deixar de dizer que me irritam sobrema-/neira estas duas manchas do verso/ nosso.

Nota da pesquisa: MA alude à "Profissão de fé", de Olavo Bilac, em que o trabalho do poeta é comparado ao do ourives, na preocupação com a forma perfeita. Becerril: antigo artesão romano; Tanagra: antiga escultura de terracota, reproduzindo principalmente mulheres.

8. comentário no rodapé:

(1) Que expressão pouco propria para um/ soneto d'amor. Já no V soneto diz Olavo/ Bilac que a moça estava... fechada a sete/ chaves!...

*

P. 46:

VIII. "EM QUE CÉOS MAIS AZUES, MAIS PUROS ARES"

Notas MA a grafite:

1. intensidade sonora indicada no v.1;
2. acréscimo de andamento nos v. 1, 12, 14;
3. construção sublinhada no v. 8;
4. variação de intensidade nos v. 12-13:

VIII

Em surdina

pp Em que céos mais azues, mais puros ares,
Vôa pomba mais pura? Em que sombria
Moita mais nívea flôr acaricia,
Á noite, a luz dos limpidos luares?

Vives assim, como a corrente fria,
Que, intemerata, aos tremulos olhares
Das estrellas e á sombra dos palmares,
Corta o seio das mattas, erradia.

E envolvida de tua virgindade,
De teu pudor na candida armadura,
Foges o amor, guardando a castidade,

Tre corde

"– Como as montanhas, nos espaços francos
Erguendo os altos pincaros, a alvura
Guardam da neve que lhes cobre os flancos"

rall ..... _____

*

P. 47:

IX. "DE OUTRAS SEI QUE SE MOSTRAM MENOS FRIAS"

Notas MA a grafite:

1. traço duplo à margem esquerda do texto;
2. acréscimo de forma ao v. 1: *inquieto;*
3. acréscimo de andamento no v. 14;

4. palavras sublinhadas nos v. 4, 8:
5. intensidade sonora indicada nos v. 1 (*p*), 9 (*mf, p*), 10 (*pp, p*), 12 (*f, pp, mf*), 13 (*f, pp*);
6. pleonasmo sublinhado no v.14:

IX

Inquieto
p De outras sei que se mostram menos frias,
Amando menos do que amar pareces.
Usam todas de lagrimas e preces:
Tu de <u>acerbas</u> <u>risadas</u> e ironias.

De modo tal minha attenção desvias,
Com tal pericia meu engano teces,
Que, se gelado o coração tivesses,
Certo, querida, <u>mais</u> <u>ardor</u> terias.
mf
p Olho-te: cega ao meu olhar te fazes...
pp
p Falo-te – e com que fogo a voz levanto! –
Em vão... Finges-te surda ás minhas phrases..
pp *mf*
f "Surda: e nem ouves meu amargo pranto!
f *pp*
Cega: e nem vês a nova dôr que trazes
Lento <u>A' dôr antiga que doía tanto!</u>

*

<u>P. 48:</u>
X. "DEIXA QUE O OLHAR DO MUNDO EMFIM DEVASSE"

<u>Notas MA</u> a grafite:
1. traço duplo à margem esquerda do texto;
2. acréscimo de forma ao v. 1, 14: *familiar, sorrindo;*
3. acréscimo de andamento nos v. 9, 12, 14;
4. variação de intensidade nos v. 3, 7;
5. intensidade sonora indicada nos v. 1 (*pp*), 9 (*f*), 12 (*pp*):

X

Familiar
pp Deixa que o olhar do mundo emfim devasse
Teu grande amor que é teu maior segredo!
cresc Que terias perdido, se, mais cedo,
Todo o affecto que sentes se mostrasse?

Basta de enganos! Mostra-me sem medo
Aos homens, affrontando-os face a face:
cresc Quero que os homens todos, quando eu passe,
Invejosos, apontem-me com o dedo.
Allegro
f Olha: não posso mais! Ando tão cheio
D'este amor, que minh'alma se consome
De te exaltar aos olhos do universo...
Tempo de minuete
pp Ouço em tudo teu nome, em tudo o leio:
E, fatigado de calar teu nome,
Quasi o revelo no final de um verso.
sorrindo *piu rit*

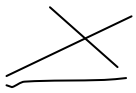
*

P. 49:
XI. "TODOS ESSES LOUVORES, BEM O VISTE,"

Notas MA a grafite:

1. cruzeta na margem superior da página;
2. acréscimo de andamento nos v. 1, 14;
3. acréscimo de forma aos v. 9, 12: *meditando, humilde;*
4. variação de intensidade nos v. 6, 14;
5. palavra sublinhada e ligadura no final do v.7;
6. acréscimo de vírgula no v.8;
7. intensidade sonora indicada nos v.9 (*mf)*, 12 (*pp*), 14 (*ppp*):

XI



Mesto
Todos esses louvores, bem o viste,
Não conseguiram demudar-me o aspecto:
Só me turbou esse louvor discreto
Que no volver dos olhos traduziste...

Inda bem que entendeste o meu affecto
E, atravez d'estas rimas, presentiste
Meu coração que palpitava, triste,
E o mal**,** que havia dentro em mim **,** secreto.
Meditando
mf Ai de mim, se de lagrimas inuteis
Estes versos banhasse, ambicionando
Das nescias turbas os applausos futeis!
Humilde *pp*

Dou-me por pago, se um olhar lhes déres:
Fil-os pensando em ti, fil-os pensando
Na mais pura de todas as mulheres.
< > *rall* ....
ppp .....

2. comentário na margem superior:
A poética de Olavo tem todas as modalidades./ a simplicidade magnífica dêstes versos/ encanta... Nêles o maior segredo é um veio sendal/ de tristeza envolvendo um sentimento puro.../ É romantismo puro.

*

P. 50:
XII. "SONHEI QUE ME ESPERAVAS. E, SONHANDO"

Notas MA:
- lápis-tinta:
1. traço duplo à margem esquerda do texto;
-a grafite:
1. acréscimo de forma ao v. 1, 12-13: *sorrindo, outra voz languida, familiar;*
2. acréscimo de andamento nos v.8;
3. intensidade sonora indicada no v.1 *(p)*, 5(*p)*, 8 *(pp)*:
4. variação de intensidade nos v. 3,7;
5. oralidade sublinhada nos versos 5, 8:

XII

sorrindo
p Sonhei que me esperavas. E, sonhando,
Sahi, ancioso por te ver: corria...
cresc E tudo, ao ver-me tão depressa andando,
Soube logo o logar para onde eu ia.
p
E tudo me falou, tudo! Escutando
Meus passos, atravez da ramaria,
cresc Dos despertados passaros o bando:
rápido pp 'Vae mais depressa! Parabens!' dizia.
Outra voz
Disse o luar: "Espera! que eu te sigo:
Quero tambem beijar as faces d'ella!"
E disse o aroma: "Vae, que eu vou comtigo!"
Outra voz languida
E cheguei. E, ao chegar, disse uma estrella:
familiar "Como és feliz! como és feliz, amigo,
Que de tão perto vais ouvil-a e vel-a!"

*

P. 51:
XIII. "ORA (DIREIS) OUVIR ESTRELLAS! CERTO"

Notas MA
- lápis-tinta:
    1. traço triplo à margem esquerda do texto;
- a grafite:
    1. palavra sublinhada no v. 4;
    2. metáfora sublinhada nos v. 5-7;
    3. ligadura no final do v.7;
    4. sublinha destacando a sonoridade nas sílabas finais,
    5. rima sublinhada nos v. 9-10 e expoente *(1)* remetendo ao comentário no rodapé;
    6. acréscimo de forma aos v. 1-2, 12: *conversando, outra voz/ solene;*
    7. acréscimo de andamento nos v. 5;
    8. construção sublinhada no v.14:

XIII

Conversando
"Ora (direis) ouvir estrellas! Certo
Outra voz e serio
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no emtanto,
Que, para ouvil-as, muita vez desperto
E abro as janellas, pallido de espanto...

Largo
E conversamos toda a noite, /emquanto
A vi (a-lactea, como um pallio aberto,
Scintilla) . E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,)
pp
Inda as procuro pelo céo deserto.

Direis agora: "Tresloucado amigo!
Que conversas com ellas? Que sentido *(1)*)
Tem o que dizem, quando estão comtigo?"
Outra voz *solene*

E eu vos direi: "Amae para entendel-as!
Pois só quem ama póde ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrellas. "

(1) Duque Estrada critica êstes versos de Olavo,/ e com razão, pela sua homofonia... as mesmas/ vogais dão-lhes o sentido dúbio de uma só/ rima repetida muitas vezes. Certamente, não/ é bom criticar-se cousa consagrada e o soneto/ é sem dúvida sobrexelente, mas... como/ é tão fraquinho aquêle "pálido de espanto"./ Realmente, não vae empalidecer por tão/ pouco! Mas isto não será defeito.

Nota da pesquisa: MA lembra, *A arte de fazer versos* de Duque Estrada (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914*)*. No exemplar facsimilado, à p. 139, o autor discute a questão homofonia, exemplificando-a com Olavo Bilac.

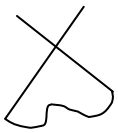
*

P. 52:
XIV. "VIVER NÃO PUDE SEM QUE O FEL PROVASSE"

Notas MA a grafite:

1. cruzeta na margem superior da página;
2. traço à margem esquerda dos v. 1-4;
3. acréscimo de forma aos v. 1, 2, 9, 14: *Doloroso, Monoto[no], sem inflexões, tremulo, a tempo, monotono;*
4. intensidade sonora indicada nos v. 3 *(mf)*, 5-8 *(f, ff)*, 14(*f).*;
5. variação de intensidade de palavra sublinhada no v. 12;
6. construção sublinhada no v.14:

XIV



Doloroso
Monoto[no], sem inflexões

Tremulo *mf*
Viver não pude sem que o fel provasse
D'esse outro amor que nos perverte e engana:
Porque homem sou, e homem não ha que passe
Virgem de todo pela vida humana.

cresc molto

f Porque tanta serpente atra e profana
Dentro d'alma deixei que se aninhasse? *ff*

cresc molto

f Por que, abrazado de uma sêde insana,
A impuros labios entreguei a face? *ff*

A tempo

Depois dos labios sofregos e ardentes,
Senti – duro castigo aos meus desejos –
O gume fino de perversos dentes...
< >
E não posso das faces polluidas
Apagar os vestigios d'esses beijos
E os sangrentos signaes d'essas feridas!

f. monotono

*

P. 53:
XV. "INDA HOJE, O LIVRO DO PASSADO ABRINDO"

Notas MA
- lápis-tinta:
    1. palavra sublinhada no v. 8;
- grafite:
    1. traço duplo à margem esquerda do texto;
    2. construção sublinhada no v. 4;
    3. acréscimo de forma aos v. 1 e 9: *Cansado e triste, num murmúrio, Imediatamente o verso se-/guinte;*
    4. intensidade sonora indicada no v.2 *(pp)*, 12 *(p)* , 13 *(f)*, 14 *(ff)* ;
    5. variação de intensidade de palavras dos v. 11-12:

XV

Cansado e triste, num murmurio

pp Inda hoje, o livro do passado abrindo,
Lembro-as e punge-me a lembrança d'ellas;
Lembro-as, e vejo-as, como as vi partindo,
Estas cantando, soluçando aquellas.

Umas, de meigo olhar piedoso e lindo,
Sob as rosas de neve das capellas;
Outras, de labios de coral, sorrindo,
Desnudo o seio, lubricas e bellas...

Todas, formosas como tu, chegaram, *Imediatamente o verso se-/guinte*
Partiram... e, ao partir, dentro em meu seio
Todo o veneno da paixão deixaram.
< > < >
< > *cresc*
p Mas, ah! nenhuma teve o teu encanto,
f Nem teve olhar como esse olhar, tão cheio
f De luz tão viva, que abrazasse tanto!
ff

*

P. 54:
XVI. "LÁ FÓRA, A VOZ DO VENTO ULULE ROUCA!"

Notas MA
- lápis-tinta:
    1. traço duplo à margem esquerda do texto;
    2. rima sublinhada nos v. 1, 4;
    3. sinônimo anotado no v.7;

- grafite:
    1. aliteração e assonância sublinhadas no v.1;

2. intensidade sonora indicada nos v.1(*f*), 2 *(p*), 12 (*pp*);
3. acréscimo de forma aos v.1, 2, 5, 9, 12: *rouco, claro, extase, extase crescente, solene mais devagar;*
4. acréscimo de andamento nos v. 14;
5. imperativo sublinhado no v. 10;
6. barras marcando ritmo no v. 12:

XVI

Rouco
f Lá fóra, a voz do vento ulule rouca!
Claro p Tu, a cabeça no meu hombro inclina,
E essa bocca vermelha e pequenina
Approxima, a sorrir, de minha bocca!

Extase *hibernal*
Que eu a fronte repouse anciosa e louca
Em teu seio, mais alvo que a neblina
Que, nas manhãs hiemaes, humida e fina,
Da serra as grimpas verdejantes touca!
Extase crescente
Sólta as tranças agora, como um manto!
Canta! Embala-me o somno com teu canto!
E eu, aos raios tranquillos d'esse olhar,

cresc *pp* *solene mais devagar*
Possa dormir / sereno, / como o rio
Que, em noites calmas, socegado e frio,
Dorme aos raios de prata do luar!...
rall . . ..

*

P. 55:
XVII. "POR ESTAS NOITES FRIAS E BRUMOSAS"

Notas MA a grafite:
1. cruzeta no na margem superior;
2. intensidade sonora indicada nos v.1 (*mf*), 2(*pp*), 5(*pp*), 9(*ff*), 12(*f*), 14(*ff*);
3. acréscimo de forma aos v. 1: *calmo;*
4. acréscimo de andamento nos v. 5, 9, 10, 12, 14;
5. variação de intensidade no v. 1, 9-10;
6. sonoridade sublinhada para além da rima nas sílabas finais dos v.9-10:

XVII

Calmo

mf Por estas noites frias e brumosas

pp

É que melhor se póde amar, querida!
Nem uma estrella pallida, perdida
Entre a nevoa, abre as palpebras medrosas...

pp Rapidissimo

Mas um perfume calido de rosas
Corre a face da terra adormecida...
E a nevoa cresce, e, em grupos repartida,
Enche os ares de sombras vaporosas:

Preste

ff Sombras errantes, corpos nús, ardentes

cresc

Carnes lascivas... um rumor vibrante
De attritos longos e de beijos quentes...

Allegro f

E os céos se estendem, palpitando, cheios
Da tepida brancura fulgurante
ff De um turbilhão de braços e de seios.

Tempo de marcha

Reparar na observação de Riemann sobre agógica.

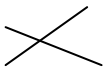
Nota da pesquisa: O termo *agógica* designa as variações do tempo praticadas durante a interpretação de uma obra musical com o objetivo de torná-la mais expressiva. Termo usado a 1ª vez por Hugo Riemann. Em sua biblioteca, MA possui estas obras do musicólogo alemão: *Hugo Riemann musik lexikion* (1929 – IEB: MA r780.3R556m v. 1 e 2 [F/II/d/19 e 20]), um dicionário musical, *Fraseo musical* (1928 – IEB: MA 781. 65 R556f [B/III/h/31]) *Musikgeschichte in beispielen* (1925 – IEB: MA 780.9R556m [F/II/d/4]), conjunto de partituras para estudo; *Handbuch des Klavierspiels* (1916 – IEB: MA 786.3R556h); *Grundriss der kompositonsleheremusikalische formenleeher* (1920 – IEB: 781.61R556g v.1 e 2); *L Van Beethoven samtliche klavier=solosonatenasthetische und formal=technische analyse mit historichen notizen* (1920 – IEB: MA 780.92B415r v.1 e 3); *Handbuch des musik-diktats: (systematische Gehörsbildung)* (1916 – IEB: MA 781R556h); *Elementos de estética musical* (1914 – IEB: MA 780.1R556e); *Dictionnaire de musique* (1913 – IEB: MA r780.3R556d); *Storia universali della musica* (1912 – IEB: MA 780.9R556s); *Handbuch der fugen = komposition* (19-? – IEB: MA 786.42R556h v. 1 e 3); *Handbuch der musikinstrumente: kleine instrumentalehre* (19-? – IEB: MA 785R556h); Vademecum der fhrasierung (19-? – IEB: MA 781.65R556v); *Handbuch der orgel: orgellehre* (19-? – IEB: MA 786.6R556h); *Abriss der musikgeschichte* (19-? – IEB: MA 780.9R556a v.1 e 2).

*

P. 56:
XVIII. "DORMES... MAS QUE SUSSURRO A HUMEDECIDA"

Notas MA a grafite:
1. traço triplo à margem do texto;
2. cruzeta na margem superior;
3. acréscimo de forma aos v. 1, 5, 14: *num êxtase, num sonho, aspero;*
4. síntese sublinhada no v. 5;
5. variação de intensidade do v. 7:
6. acréscimo de colchete no v.7;
7. intensidade sonora indicada na margem superior (*ppp*), nos v.1(*p*), 14(*mf*):

XVIII

ppp 

Num extase
pp Dormes... Mas que sussurro a humedecida
Terra desperta? Que rumor enleva
As estrellas, que no alto a Noite leva
Presas, luzindo, á tunica estendida?
Num sonho
São meus versos! Palpita a minha vida
Nelles, phalenas que a saudade eleva
< >
De meu seio, e que vão, **[** rompendo a treva,
Encher teus sonhos, pomba adormecida!

Dormes, com os seios nús, no travesseiro
Solto o cabello negro... e eil-os, correndo,
Doudejantes, subtis, teu corpo inteiro...

Beijam-te a bocca tepida e macia,
Sobem, descem, teu halito sorvendo...
Por que surge tão cedo a luz do dia?!...
Aspero mf

*

P. 57:
XIX. "SAE A PASSEIO, MAL O DIA NASCE"

Notas MA a grafite:
1. traço duplo à margem do texto;
2. intensidade sonora indicada no v.1(*mf*), 5 (*mf, p*), 9 (*ppp*), 12 (*f*);
3. acréscimo de forma aos v. 1, 12: *contando, claro;*

4. variação de intensidade dos v. 9, 14:

XIX

Contando
mf Sae a passeio, mal o dia nasce,
Bella, nas simples roupas vaporosas;
mostra ás rosas do jardim as rosas
Frescas e puras que possúe na face.

mf
p Passa. E todo o jardim, por que ella passe,
Atavia-se. Ha falas mysteriosas
Pelas moitas, saudando-a respeitosas...
É como se uma sylphide passasse!
ppp
E a luz cerca-a, beijando-a. O vento é um choro...
Curvam-se as flores tremulas... O bando
Das aves todas vem saudal-a em côro...

f Claro
E ella vai, dando ao sol o rosto brando,
Ás aves dando o olhar, ao vento o louro
Cabello, e ás flores os sorrisos dando...

*

P. 58:
XX. "OLHA-ME! O TEU OLHAR SERENO E BRANDO"

Notas MA a grafite:
1. acréscimo de forma aos v. 1, 14: *Sensual – abafado e morno, claro e místico;*
2. variação de intensidade do v. 9:

XX

Sensual – abafado e morno
Olha-me! O teu olhar sereno e brando
Entra-me o peito, como um largo rio
De ondas de ouro e de luz, limpido, entrando
O ermo de um bosque tenebroso e frio.

Fala-me! Em grupos doudejantes, quando
Falas, por noites calidas de estio,
As estrellas accendem-se, radiando,
Altas, semeadas pelo céo sombrio.

Olha-me assim! Fala-me assim! De pranto
Agora, agora de ternura cheia,
Abre em chispas de fogo essa pupilla...

E emquanto eu ardo em sua luz, emquanto
Em seu fulgor me abrazo, uma sereia
Soluce e cante nessa voz tranquilla!

Claro e místico

Notar a habilidade e a beleza do entrocamento/ de tais versos.

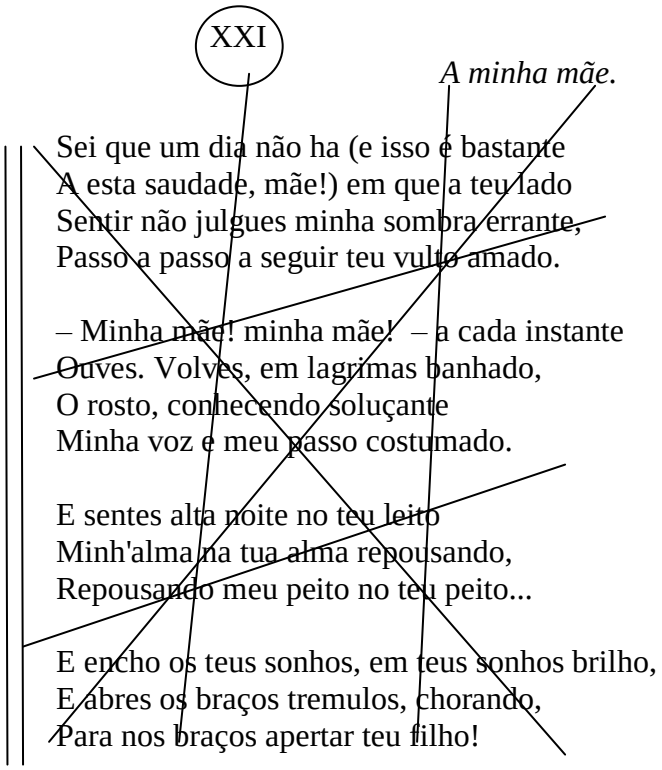
*

P. 59:

XXI. "SEI QUE UM DIA NÃO HA E ISSO É BASTANTE"

Notas MA a grafite:

1. título circulado;
2. traço duplo à margem esquerda do texto;
3. texto rabiscado:

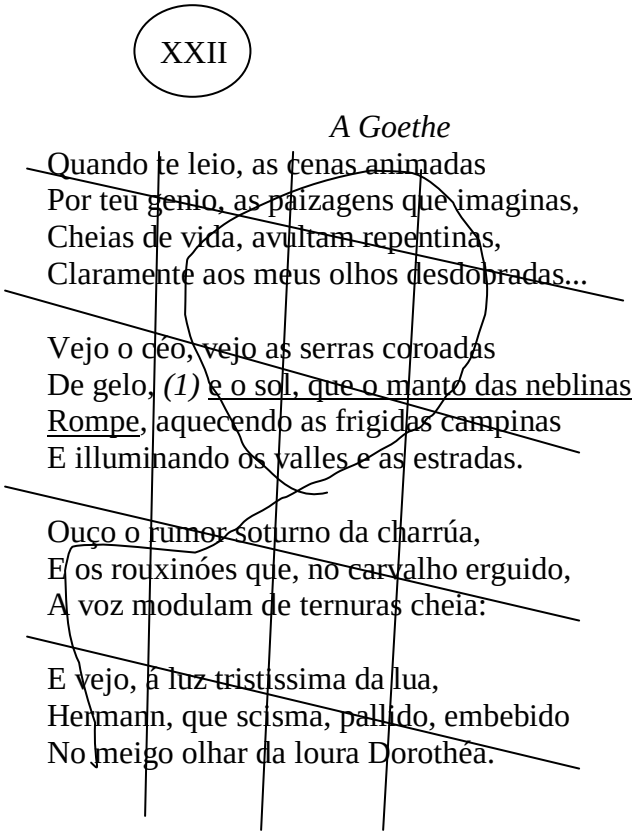


*

P. 60:
XXII. "QUANDO TE LEIO, AS CENAS ANIMADAS"

Notas MA:

1. título circulado;
2. texto rabiscado;
3. expoente *(1)* no v. 6, remetendo ao comentário no rodapé;
4. decassílabo sublinhado nos v. 6-7:



XXII

A Goethe

Quando te leio, as cenas animadas
Por teu genio, as paizagens que imaginas,
Cheias de vida, avultam repentinas,
Claramente aos meus olhos desdobradas...

Vejo o céo, vejo as serras coroadas
De gelo, *(1)* e o sol, que o manto das neblinas
Rompe, aquecendo as frigidas campinas
E illuminando os valles e as estradas.

Ouço o rumor soturno da charrúa,
E os rouxinóes que, no carvalho erguido,
A voz modulam de ternuras cheia:

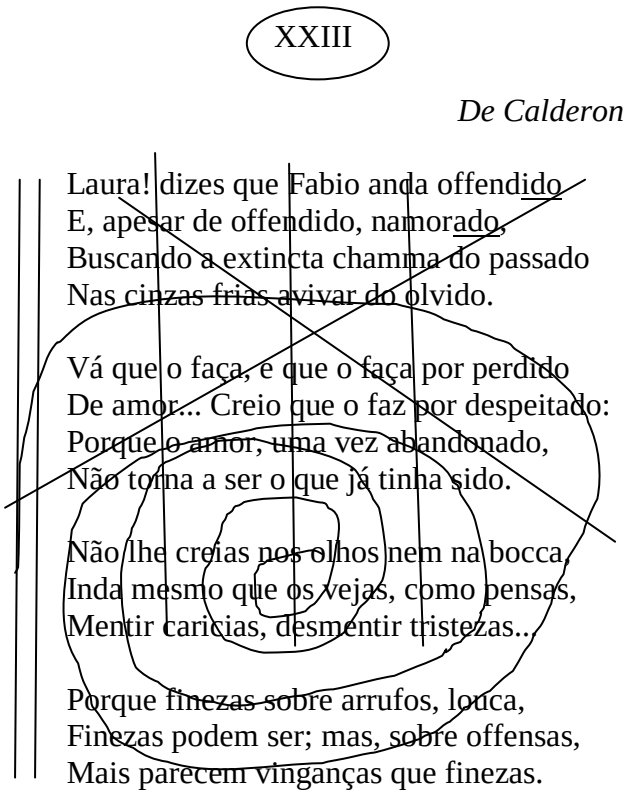
E vejo, á luz tristissima da lua,
Hermann, que scisma, pallido, embebido
No meigo olhar da loura Dorothéa.

(1) Um decassílabo

*

P. 61:
XXIII. "LAURA! DIZES QUE FABIO ANDA OFFENDIDO"

Notas MA:
1. título circulado;
2. traço duplo à margem do texto;
3. texto rabiscado:



XXIII

De Calderon

Laura! dizes que Fabio anda offendido
E, apesar de offendido, namorado,
Buscando a extincta chamma do passado
Nas cinzas frias avivar do olvido.

Vá que o faça, e que o faça por perdido
De amor... Creio que o faz por despeitado:
Porque o amor, uma vez abandonado,
Não torna a ser o que já tinha sido.

Não lhe creias nos olhos nem na bocca,
Inda mesmo que os vejas, como pensas,
Mentir caricias, desmentir tristezas...

Porque finezas sobre arrufos, louca,
Finezas podem ser; mas, sobre offensas,
Mais parecem vinganças que finezas.

Olavo aqui não é Olavo. O soneto tem sabor leve-/mente clássico da-nos uma lembrança de/ Camões.

P. 62:
XXIV. "VEJO-A, CONTEMPLO-A COMMOVIDO... AQUELLA"

Notas MA a grafite:
1. título circulado;
2. texto rabiscado;
3. escansão e expoente *(1)* no v.10, remetendo ao comentário no rodapé:

XXIV

A Luiz Guimarães

Vejo-a, contemplo-a commovido... Aquella
Que amaste, e, de teus braços arrancada,
Desceu da morte a tenebrosa escada,
Calma e pura aos meus olhos se revela.

Vejo-lhe o riso placido, a singela
Feição, aquela graça delicada,
Que uma divina mão deixou vasada
No eterno bronze, eternamente bella.

Só lhe não vejo o olhar sereno e triste:
– Céo, *(1)* po /eta, onde as azas, suspirando,
Chorando e rindo loucamente abriste...

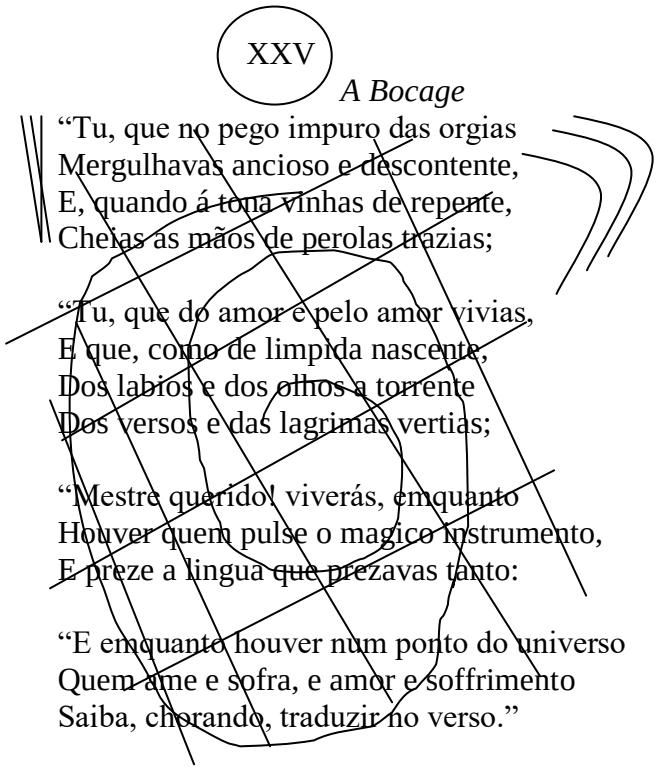
– Céu povoado de estrellas, onde as hordas
Dos archanjos cruzavam-se, pulsando
Das lyras de ouro as gemedoras cordas.

Bilac conta excepcionalmente poeta/ com 3 pés

*

P.63:
XXV. "TU, QUE NO PEGO IMPURO DAS ORGIAS"

Notas MA a grafite:
1. título circulado;
2. texto rabiscado;
3. traço triplo à margem dos v. 1-4:



XXV

A Bocage

"Tu, que no pego impuro das orgias
Mergulhavas ancioso e descontente,
E, quando á tona vinhas de repente,
Cheias as mãos de perolas trazias;

"Tu, que do amor e pelo amor vivias,
E que, como de limpida nascente,
Dos labios e dos olhos a torrente
Dos versos e das lagrimas vertias;

"Mestre querido! viverás, emquanto
Houver quem pulse o magico instrumento,
E preze a lingua que prezavas tanto:

"E emquanto houver num ponto do universo
Quem ame e sofra, e amor e soffrimento
Saiba, chorando, traduzir no verso."

*

P.64:

XXVI. "QUANDO CANTAS, MINH'ALMA DESPREZANDO"

Notas MA a grafite:

1. acréscimo de andamento nos v. 1;
2. acréscimo de forma aos v.9, 12: *outro som lento, triste e galante;*
3. assonância sublinhada nos v. 2-3;
4. inversão sublinhada no v. 4;
5. sonoridade sublinhada no v.5;
6. variação de intensidade dos v. 1, 2, 9, 11
7. intensidade sonora indicada nos v. 1(*pp*), 9 (*pp*):

XXVI

Andantino

pp Quando cantas, minh'alma desprezando

O envolucro do corpo, ascende ás bellas
Altas espheras de ouro, e, acima d'ellas,
Ouve archanjos as citharas pulsando.

Corre os paizes longes, que revelas
Ao som divino do teu canto: e, quando
Baixas a voz, ella tambem, chorando,
Desce, entre os claros grupos das estrellas.

pp Outro som lento

E expira a tua voz. Do paraiso,
A que subira ouvindo-te, cahido,
Fico a fitar-te pallido, indeciso...

Triste e Galante

E emquanto scismas, sorridente e casta,
A teus pés, como um passaro ferido,
Toda a minha alma tremula se arrasta...

*

P. 65:

XXVII. "HONTEM – NESCIO QUE FUI! – MALICIOSA"

Notas MA a grafite:

1. acréscimo de andamento nos v. 1, 5;
2. acréscimo de forma aos v.3, 9, 12: *inocente, suspirando aspero, amuado;*
3. intensidade sonora indicada nos v.1 (*p*, *mf*), 8 (*p*), 14 (*p*);
4. variação de intensidade do v. 14:

XXVII

Tempo de minuete

p *mf* *p*
Hontem – nescio que fui! – maliciosa
Disse uma estrella, a rir, na immensa altura:

Inocente

"Amigo! uma de nós, a mais formosa
De todas nós, a mais formosa e pura,
cresc
Faz annos amanhã... Vamos! procura
A rima de ouro mais brilhante, a rosa
De côr mais viva e de maior frescura!"
E eu murmurei commigo: 'Mentirosa!

Suspirando *p aspero*
E segui. Pois tão cego fui por ellas,
Que, emfim, curado pelos seus enganos,
Já não creio em nenhuma das estrellas...

amuado

E – mal de mim! – eis-me, a teus pés, em pranto...
Olha: se nada fiz para os teus annos,
Culpa as tuas irmãs que enganam tanto!
p

*

P. 66:

XXVIII. "PINTA-ME A CURVA D'ESTES CÉOS... AGORA"

Notas MA a grafite:

1. traço duplo à margem do texto;
2. acréscimo de andamento nos v. 1, 4, 12,14;
3. acréscimo de forma aos v.5, 9: *sem pausa luminoso, sem pausa;*
4. ligaduras ao final dos v. 1, 6 e no meio dos v. 2, 6;
5. variação de intensidade do v. 3, 6;
6. construção sublinhada no v. 8;
7. intensidade sonora indicada nos v. 1(*mf*), 4 (*ff*), 5(*f*), 9 (*f*):

XXVIII

Andantino
mf Pinta-me a curva d'estes céos... Agora,)
Erecta,) ao fundo) , a cordilheira apruma:
cresc Pinta as nuvens de fogo de uma em uma,
E alto, entre as nuvens, *ff* o raiar da aurora

Sem pausa *luminoso*
f Sólta, ondulando, os véos de espessa bruma,
E o valle pinta, e,) pelo valle em fóra,)
< >
A correnteza turbida e sonora
Do Parahyba, em torvelins de espuma.

Sem pausa
f Pinta *f*; mas vê de que maneira pintas...
Antes busques as côres da tristeza,
Poupando o escrinio das alegres tintas:
Andante
– Tristeza singular, estranha magua
De que vejo coberta a natureza,
Porque a vejo com os olhos rasos d'agua.
rall .....

*

P. 67:
XXIX. "POR TANTO TEMPO, DESVAIRADO E AFFLICTO"

Notas MA a grafite:

1. traço duplo à margem do texto;
2. cruzeta na margem superior;
3. ligadura no meio do v. 1 e ao final do v. 2;

4.
5. intensidade sonora indicada nos v. 1(*f*), 7 (*mf*);
6. palavra sublinhada e fermata no v. 6;
7. acréscimo de forma aos v. 1, 5-6, 8-9,12: *monotono, rouco, claro, rouco, religioso, claro mas doloroso;*
8. personificação sublinhada no v. 9;
9. escansão dos decassílabos marcada nos v. 12-13;
10. hipérbole sublinhada no v.14:

XXIX

Monotono
f Por tanto tempo,) desvairado e afflicto,
Fitei naquella noite o firmamento,)
Que inda hoje mesmo, quando acaso o fito,
Tudo aquillo me vem ao pensamento.

Rouco
Sahi, no peito o derradeiro grito
Claro Calcando a custo, sem chorar, violento...
mf E o céo fulgia placido e infinito,
Rouco E havia um choro no rumor do vento...
Religioso
Piedoso céu, que a minha dôr sentiste!
A aurea esphera da lua o occaso entrava,
Rompendo as leves nuvens transparentes;
Claro mas doloroso
E sobre mim, silenciosa e triste, /
A vi/a-lactea se desenrolava
Como um jorro de lagrimas ardentes.

*

P. 68:
XXX. "AO CORAÇÃO QUE SOFRE, SEPARADO"

Notas MA a grafite:
1. traço duplo à margem do texto;
2. scréscimo de forma ao v.1: *familiar;*
3. acréscimo de andamento nos v. 8;
4. inversão sublinhada no v. 2;
5. intensidade sonora indicada nos v. 1(*p*), 9 (*mf*), 12 (*f*), 14 (*ff*);
6. variação de intensidade do v. 5, 9, 14;
7. palavras sublinhadas nos v. 7, 13-14:

XXX

Familiar

p Ao coração que sofre, separado
Do teu, no exílio em que a chorar me vejo,
Não basta o affecto simples e sagrado
Com que das desventuras me protejo.

Não me basta saber que sou amado,
Nem só desejo o teu amor: desejo
Ter nos braços teu corpo delicado,
Ter na bocca a doçura de teu beijo.
cresc *ral*
mf E as justas ambições que me consomem
Não me envergonham: pois maior baixeza
Não ha que a terra pelo céo trocar;

f E mais eleva o coração de um homem
Ser de homem sempre e, na maior pureza,
Ficar na terra e humanamente amar.
ff

*

P. 69:
XXXI. "LONGE DE TI, SE ESCUTO, PORVENTURA,"

Notas MA a grafite:
1. intensidade sonora indicada no v. 1 (*pp*);
2. acréscimo de forma ao v. 1: *simples;*
3. acréscimo de andamento nos v. 9, 12;
4. palavra sublinhada no v. 5;
5. variação de intensidade do v. 14:

XXXI

Simples

pp Longe de ti, se escuto, porventura,
Teu nome, que uma bocca indifferente
Entre outros nomes de mulher murmura,
Sobe-me o pranto aos olhos, de repente...

Tal aquelle, que, misero, a tortura
Soffre de amargo exilio, e tristemente
A linguagem natal, maviosa e pura,
Ouve falada por estranha gente...

Cresc , mais rapido
Porque teu nome é para mim o nome

De uma patria distante e idolatrada,
Cuja saudade ardente me consome:

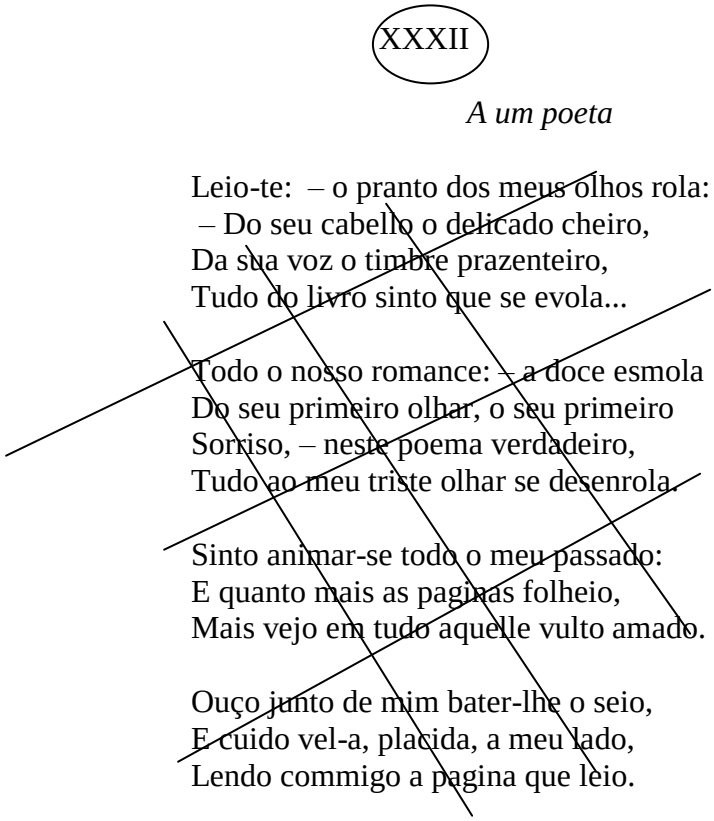
A tempo

E ouvil-o é ver a eterna primavera
E a eterna luz da terra abençoada,
Onde, entre flores, teu amor me espera.

*

P.70:
XXXII. "LEIO-TE: – O PRANTO DOS MEUS OLHOS ROLA: –"

Notas MA a grafite:
1. título circulado;
2. texto rabiscado:



XXXII

A um poeta

Leio-te: – o pranto dos meus olhos rola: –
– Do seu cabello o delicado cheiro,
Da sua voz o timbre prazenteiro,
Tudo do livro sinto que se evola...

Todo o nosso romance: – a doce esmola
Do seu primeiro olhar, o seu primeiro
Sorriso, – neste poema verdadeiro,
Tudo ao meu triste olhar se desenrola.

Sinto animar-se todo o meu passado:
E quanto mais as paginas folheio,
Mais vejo em tudo aquelle vulto amado.

Ouço junto de mim bater-lhe o seio,
E cuido vel-a, placida, a meu lado,
Lendo commigo a pagina que leio.

*

P. 71:
XXXIII. "COMO QUISESSE LIVRE SER, DEIXANDO"

Notas MA a grafite:
1. acréscimo de forma nos v. 1, 12: *simples, contando, amoroso;*
2. intensidade sonora indicada nos v. 6 (*mb*), 7 (*f*), 8 (*f*), 12 (*p*), 13 (*mf*);
3. fermata nos v. 7-8;
4. palavra sublinhada no v. 10;

5. variação de intensidade do v. 14:

XXXIII

Simples, contando
Como quisesse livre ser, deixando
As paragens nataes, espaço em fóra,
A ave, ao bafejo tepido da aurora,
Abriu as asas e partiu cantando.

Estranhos climas, longes céos, cortando
Nuvens e nuvens, percorreu: e, agora *mb*
f Que morre o sol, suspende o vôo, e chora,
f E chora, a vida antiga recordando...
rit.....
E logo, o olhar volvendo compungido
Atraz, volta <u>saudosa</u> do carinho,
Do calor da primeira habitação.

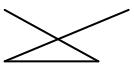
Amoroso
p Assim por largo tempo andei perdido:
mf – Ah! que alegria ver de novo o ninho,
Ver-te, e beijar-te a pequenina mão!
< >

*

<u>P. 72:</u>
XXXIV. "QUANDO ADIVINHA QUE VOU VEL-A, E Á ESCADA"

<u>Notas MA</u> a grafite:
1. cruzeta na margem superior;
2. acréscimo de andamento nos v. 1, 7-9;
3. construção sublinhada nos v. 7-8;
4. acréscimo de parênteses destacando metáfora nos v. 10-11;
5. variação de intensidade do v. 12;
6. palavra sublinhada no v. 12:

XXXIV



Tempo de minuete
Allegretto Quando adivinha que vou vel-a, e á escada
mf Ouve-me a voz e o meu andar conhece,
Fica pallida, assusta-se, estremece,
E não sei porque foge envergonhada.

Volta depois. Á porta, alvoroçada,
Sorrindo, em fogo as faces, apparece:
surdo E talvez entendendo a muda prece
Mais lento De meus olhos, adianta-se apressada.

Stringendo *a tempo*
Corre, delira, multiplica os passos;
(E o chão, sob os seus passos murmurando,
Segue-a de um hymno, de um rumor de festa... *)*
< >
E ah! que desejo de a tomar nos braços,
O movimento rapido sustando
Das duas azas que a paixão lhe empresta!

*

P.73:
XXXV. "POUCO ME PEZA QUE MOFEIS SORRINDO"

Notas MA a grafite:
1. traço duplo à margem esquerda do texto;
2. adjetivos sublinhados no v. 2;
3. ênfase destacada no v. 6;
4. período sublinhado no v. 9,
5. reiteração sublinhada no v. 11;
5. ligadura no v. 12;
6. palavras sublinhadas nos v. 12, 14;
7. variação de intensidade no v. 1, 14:

XXXV

Desdenhoso
mf Pouco me peza que mofeis sorrindo
pp
D'estes versos purissimos e santos:
Porque, nisto de amor e intimos prantos,
Dos louvores do publico prescindo.

Enfático *simples*
Homens de bronze! um haverá, de tantos,
p
(Talvez um só) que, esta paixão sentindo,
Aqui demore o olhar, vendo e medindo
O alcance e o sentimento d'estes cantos.

Aspero simples *smorzando.....*
Será esse o meu público. E, decerto,
Esse dirá: 'Pode viver tranqüilo
Quem assim ama, sendo assim amado!'

E, tremulo,) de lagrimas coberto, **)**

Há de estimar quem lhe contou aquilo
Que nunca ouviu com tanto ardor contado.
< >

**

P.75-139:
"Sarças de fogo"

P. 77-78:
O JULGAMENTO DE PHRYNÉA (7 estrofes)

P.78:
Notas MA a grafite:
1. palavra sublinhada no v. 32: "Leva ao lar a sizania *(1)*e as familias enluta!"; estudo do vocabulário parnasiano; expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:

Sizânia ou cizânia = rixa, desarmonia

*

P. 79:
MARINHA (3 estrofes)

Notas MA:
- grafite:
1. título sublinhado:

Marinha

- lápis-tinta:
1. traço duplo à margem do texto:

Sobre as ondas oscilla o batel docemente...
Sopra o vento a gemer. Treme enfunada a véla.
Na agua mansa do mar passam tremulamente
Aureos traços de luz, brilhando esparsos nella.

Lá desponta o luar. Tu, palpitante e bella,
Canta! Chega-te a mim! Dá-me essa bocca ardente!
Sobre as ondas oscilla o batel docemente...
Sopra o vento a gemer. Treme enfunada a véla.

Vagas azues, parae! Curvo céo transparente,
Nuvens de prata, ouvi! – Ouça na altura a estrella,
Ouça de baixo o oceano, ouça o luar albente:
Ella canta! - e, embalado ao som do canto d'ella,
Sobre as ondas oscilla o batel docemente.

*

P. 80-81:
SOBRE AS BODAS DE UM SEXAGENARIO (4 estrofes)

P.80:
Nota MA a grafite: quiasmo sublinhado no v. 8:

Quem te estendeu a vida, estendendo-te os braços?

P. 81:
Notas MA a grafite:
1. diérese marcada no alexandrino do v. 23:

So/ar de instante a instante um passo mal seguro

2. palavra sublinhada no v. 34: "Riça *(1)* a juba, e, abalando a solidão nocturna," – estudo do vocabulário parnasiano; expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:

Riçar: tornar riço (crêspo), encaracolar, encarapinhar/ o cabelo; Fazer arrepiar cabelo.

*

P.82:
ABYSSUS (soneto)

Notas MA
- lápis-tinta:
1. traço duplo à margem do texto;

- grafite:
2. sonoridade sublinhada no v. 10:

Bella e traidora! Beijas e assassinas...
Quem te vê não tem forças que te oponha:
Ama-te, e dorme no teu seio, e sonha,
E, quando acorda, acorda feito em ruínas...
Seduzes, e convidas, e fascinas,
Como o abysmo que, perfido, a medonha
Fauce apresenta flórida e risonha,
Tapetada de rosas e boninas.
O viajor, vendo as flores, fatigado
Foge o sol, e, deixando a estrada poenta,
Avança incauto... Subito, esbroado,
Falta-lhe o solo aos pés: recúa e corre,
Vacilla e grita, luta e se ensanguenta,
E rola, e tomba, e se espedaça, e morre...

*

P. 83-85:
PANTUM (13 estrofes)

P. 84:
Nota MA a grafite: sublinha destacando sinalefa no v. 20 – estudo da sonoridade:

Vi lá em baixo o teu vulto que passava

*

P. 86:
NA THEBAIDA (soneto)

Nota MA a grafite: título sublinhado:

Na Thebaida

*

P. 87-89:
MILAGRE (14 estrofes)

P.88:
Nota MA a grafite: sonoridade sublinhada para além da rima nos v. 21-22:

Estrella de ouro calma e bella,
Que, abrindo a lucida pupilla,

*

P. 91-92:
SUPPLICA (5 estrofes)

P. 91:
Nota MA a grafite: título sublinhado:

Supplica

P.92:
Nota MA: cacófato sublinhado no v. 22:

Com a flor não me contento

*

P.94:
RIO ABAIXO (soneto)

Nota MA a grafite: traço duplo à margem do texto:

> Treme o rio, a rolar, de vaga em vaga...
> Quasi noite. Ao sabor do curso lento
> Da agua, que as margens em redor alaga,
> Seguimos. Curva os bambuaes o vento.
> Vivo ha pouco, de purpura, sangrento,
> Desmaia agora o occaso. A noite apaga
> A derradeira luz do firmamento...
> Rola o rio, a tremer, de vaga em vaga.
> Um silencio tristissimo por tudo
> Se espalha. Mas a lua lentamente
> Surge na fimbria do horizonte mudo:
> E o seu reflexo pallido, embebido
> Como um gladio de prata na corrente,
> Rasga o seio do rio adormecido.

*

P. 102-104:
UM TRECHO DE TH. GAUTIER (5 estrofes)

P. 102:
Nota MA a grafite: palavra sublinhada no v. 5: "Cheia de emanações mephiticas, repleta" – estudo do vocabulário parnasiano:

*

P.106-108:
PARAPHRASE DE BAUDELAIRE (4 estrofes)

P. 106-108:
Notas MA a grafite:
1. anotação na margem, remetendo comentário no rodapé:

Vide nota ao fim

2. alexandrinos sublinhados nos v. 3-4, 6, 16, 22, 26, 30, 33, 36, 48, separados por barra no sextissílabo e numerados de 1-10:

> Assim! Quero sentir sobre a minha cabeça
> O peso d'essa noite embalsamada e espessa...
> *1* Que suave calor,/ que volupia divina
> *2* As carnes me penetra / e os nervos me domina!
> Ah! deixa-me aspirar indefinidamente
> *3* Este aroma subtil, / este perfume ardente!
> Deixa-me adormecer envolto em teus cabellos!...
> Quero sentil-os, quero aspira-los, sorvel-os,
> E nelles mergulhar loucamente o meu rosto,

Como quem vem de longe, e, ás horas do sol posto,
Acha a um canto da estrada uma nascente pura,
Onde mitiga ancioso a sêde que o tortura...
Quero tel-os nas mãos, e agital-os, cantando,
Como a um lenço, pelo ar saudades espalhando..
Ah! se pudesses ver tudo o que neles vejo!
4 – Meu desvairado amor!/ meu insano desejo!...
Teus cabellos contêm uma visão completa:
– Largas aguas, movendo a superficie inquieta,
Cheia de um turbilhão de velas e de mastros,
Sob o claro docel palpitante dos astros;
Cava-se o mar, rugindo, ao peso dos navios
5 De todas as nações / e todos os feitios, *5*
Desenrolando no alto as flammulas ao vento,
E recortando o azul do limpo firmamento,
Sob o qual ha uma eterna, uma infinita calma.
6 E prevê meu olhar / e presente minh'alma *6*
Longe, – onde, mais profundo e mais azul, se arqueia
O céo, onde ha mais luz, e onde a atmosphera, cheia
De aromas, ao repouso e ao divagar convida, –
7 Um paiz encantado, / uma região querida, *7*
Fresca, sorrindo ao sol, entre fructos e flores:
– Terra santa da luz, do sonho e dos amores...
8 Terra que nunca vi, / terra que não existe, *8*
Mas da qual, entretanto, eu, desterrado e triste,
Sinto no coração, ralado de anciedade,
9 Uma saudade eterna, / uma fatal saudade! *9*
Minha patria ideal! Em vão estendo os braços
Para teu lado! Em vão para teu lado os passos
Movo! Em vão! Nunca mais em teu seio adorado
Poderei repousar meu corpo fatigado...
Nunca mais! nunca mais!
Sobre a minha cabeça,
Querida! abre essa noite embalsamada e espessa!
Desdobra sobre mim os teus negros cabellos!
Quero, sofrego e louco, aspiral-os, mordel-os,
E, bebedo de amor, o seu peso sentindo,
Nelles dormir envolto e ser feliz dormindo...
Ah! se pudesses ver tudo o que nelles vejo!
10 Meu desvairado amor! / Meu insano desejo!

O alexandrino de Bilac tem por vezes,/ para quem conhece os segredos da/ métrica e os seus artifícios de elo-/quência e beleza, o safado sabor de/ um prato quotidiano. Não é absoluta-/mente uma regra quasi geral como/ acontece com o impossível Guerra Jun-/queiro, que Bilac é mesmo muito grande; mas ás vezes prejudica a nobre beleza de/ seus versos. Vede por exemplo os alexan-/drinos simetricamente divididos em/ dois sextissílabos nesta poesia. São/ dez versos exactamente iguais, numa/ poesia que só tem 48./ A monotonia é notória.

*

P. 109:
RIOS E PANTANOS (soneto)

Notas MA a grafite:
1. traço à margem dos v. 1-8; metáfora sublinhada no v. 1; anotação ao final do v.8:

> Muita vez houve céo dentro de um peito:
> Céo coberto de estrelas resplendentes,
> Sobre rios alvissimos, de leito
> De fina prata e margens florescentes...
>
> Um dia veio, em que a descrença o aspeito
> Mudou de tudo: em turbidas enchentes,
> A agua um manto de lodo e trevas feito
> Estendeu pelas veigas recendentes. *Há muitos ee*

Os dois quartetos estão repletos de e que /lhe dão muita monotonia. Castilho da o/ e como representativo de tibieza e limpidez.

Nota da pesquisa: No comentário, MA faz referência a Antonio Feliciano de Castilho. Em sua biblioteca encontramos o livro *Tratado de metrificação portugueza*, de 1907 (Pelotas: Echenique Irmãos – IEB: MA 469.6 C352t). Este livro, que possui Notas MA, traz à p. 60 o estudo da sonoridade da letra "e".

*

P.110-113:
DE VOLTA DO BAILE (19 estrofes)

P. 111:
Nota MA a grafite: aliteração sublinhada nos v. 31-32 – estudo da sonoridade:

> Revoltas nuvens de fitas,
> Nuvens de rendas revoltas.

*

P.114:
SAHARA VITAE (soneto)

Nota MA a grafite: parequema sublinhado no v. 11– estudo da sonoridade:

> Sobre si mesma roda e exhausta tomba...

*

P.115-118:
BEIJO ETERNO (10 estrofes)

P.116:
Notas MA a grafite:
1. colchete à margem e exclamações nos v. 26-28 destacando a rima toante; expoente *(1)* no v. 28, remetendo ao comentário no rodapé:

Suceda a treva á luz!
Vele a noite de crepe a curva do horizonte;
Em véos de opala a madrugada aponte
Nos céos azues, *(1)*

!!!

2. expoente *(2)* no v. 39, remetendo ao comentário no rodapé:

Limpo, e o sol scintillante, e a neve *(2)*, e a chuva, e o vento?

(1) Bilac rimar luz com azues é falta e/ grave falta; Saiu-lhe desta vez o rubi falso.
(2) É um desastre poetas brasileiros falarem/ em neve... Porquê neve?

*

P. 119:
POMBA E CHACAL (soneto)

Nota MA a lápis-tinta: traço duplo à margem do texto:

O' Natureza! ó mãe piedosa e pura!
O' cruel, implacavel assassina!
– Mão, que o veneno e o balsamo propina
E aos sorrisos as lagrimas mistura!

Pois o berço, onde a bocca pequenina
Abre o infante a sorrir, é a miniatura
A vaga imagem de uma sepultura,
O germen vivo de uma atroz ruina?!

Sempre o contraste! Passaros cantando
Sobre tumulos... flores sobre a face
De ascosas aguas putridas boiando...

Anda a tristeza ao lado da alegria...
E esse teu seio, de onde a noite nasce,
E' o mesmo seio de onde nasce o dia...

*

P.122:
NO CARCERE (soneto)

Nota MA a grafite: traço duplo à margem do texto:

> Porque hei-de, em tudo quanto vejo, vel-a ?
> Porque hei-de eterna assim reproduzida
> Vel-a na agua do mar, na luz da estrella,
> Na nuvem de ouro e na palmeira erguida ?
>
> Fosse possivel ser a imagem d'ella
> Depois de tantas maguas esquecida!...
> Pois acaso será, para esquecel-a,
> Mister e força que me deixe a vida ?
>
> Negra lembrança do passado! lento
> Martyrio, lento e atroz! Porque não ha-de
> Ser dado a toda magua o esquecimento ?
>
> Porque ? Quem me encadeia sem piedade
> No carcere sem luz d'este tormento,
> Com os pesados grilhões d'esta saudade ?

*

P. 128-130:
A CANÇÃO DE ROMEU (13 estrofes)

P.128:
Nota MA a grafite: título sublinhado:

A canção de Romeu

*

P.131-139:
A TENTAÇÃO DE XENOKRATES

P.131-133:
PARTE I (7 estrofes)

P.131:
Notas MA a grafite:

1. palavra sublinhada com traço duplo no v. 4: "As aléas de platanos, – dizia" – estudo do vocabulário parnasiano.

2. aliteração sublinhada no v. 12 – estudo da sonoridade:

   A lamina bigumea do dilemma

*

P. 133-134:
PARTE II (9 estrofes)

P. 134:
Nota MA a grafite: traço à margem dos v. 33-35 – estudo da sonoridade:

> E os generaes indomitos, vencidos
> Vendo-a, sentem por baixo das couraças
> Os corações de subito feridos.

*

P. 134-136:
PARTE III (11 estrofes)

P. 135:
Notas MA a grafite:
1. traço à margem dos v. 10-12; sonoridade sublinhada nos v. 10-13, 15:

> Pendentes no ar, em nuvens densas, varios
> Quentes incensos indicos queimando,
> Oscillavam de leve os incensarios.
>
> Tibios flautins finissimos gritavam*;*
> E, as curvas harpas de ouro acompanhando,
> Crótalos claros de metal cantavam...

2. comentário na lateral dos v 10-12
Tudo onomatopeia!

3. comentário ao final do v. 13:
(belíssima onomatopea)

4. comentário ao final do v.15:
(continua a/ onomatopea)

**

P. 141-227:
"Alma Inquieta"

P. 143-144:
A AVENIDA DAS LAGRIMAS (8 estrofes)

P. 144:
Nota MA a lápis-tinta: traço duplo à margem dos v. 31-32:

– Porque purificou a torpeza da terra
Quem deixou sobre a terra uma lagrima e um verso.

*

P. 146-147:
MIDSUMMER`S NIGHT`S DREAM (4 estrofes)

P.146:
Nota MA a grafite: título sublinhado com traço duplo:

Midsummer's night's dream

*

P. 148:
MATER (4 estrofes)

Nota MA a grafite: título sublinhado com traço duplo:

Mater

*

P. 150:
SONHO (4 estrofes)

Nota MA a grafite: versos alexandrinos sublinhados nos v. 7-8:

De cada estrella de ouro um anjo se debruça,
E abre o olhar espantado, ao ver passar minha alma.

*

P.151:
PRIMAVERA (soneto)

Nota MA a grafite: título sublinhado com traço duplo:

Primavera

*

P .152-153:
DORMINDO (1 estrofe)

P. 152:
Nota MA a grafite: anáfora sublinhada nos v. 14-16:

Dorme... Rimas febris, podeis febris voar...
Como ella, num livor de nevoas mysteriosas,
Dorme o céo, campo azul semeado de rosas;
E dois anjos do céo, alvos e pequeninos,
Vêm dormir nos dois céos dos seus olhos divinos...

*

P.158:
VIRGENS MORTAS (4 estrofes)

Notas MA a grafite:
1. expoente *(1)* no v. 1 sublinhado, remetendo ao comentário no rodapé:

Quando uma virgem morre, uma estrella apparece,. *(1)*

Antonio Corrêa de Oliveira diz nas "Parabolas" pg 145/ 'A cada rosa que tomba,/ nasce no ceu uma estrela'

Nota da pesquisa: MA marca a apropriação: refere-se aos v.50-51, da p. 145 do poema "A morte avòsinha" (p.143-146), em *Parábolas*, de Antonio Corrêa de Oliveira (Lisboa: Ferreira & Oliveira, 1905 – IEB: MA 869.169 O481p), obra na biblioteca de MA no IEB-USP. À p. 145 estão Notas MA: 1. Traço duplo à margem esquerda dos versos citados e comentário no rodapé: *(1) Bilac- Virgens mortas.*

*

P.159-160:
O CAVALLEIRO POBRE (POUCHKINE) (8 estrofes)

P. 159:
Nota MA a grafite: título sublinhado com traço duplo:

O cavalleiro pobre

*

P.161:
IDA (soneto)

Nota MA a grafite: construção sublinhada nos v.13-14:

Como fica distante aquelle ninho,
Que as mães adoram... mas amaldiçoam!

P.162:
Marca arredondada de folha de árvore

*

P.166:
VANITAS (soneto)

Nota MA a grafite: título sublinhado:

Vanitas

*

P.167-169:
TERCETTOS

P.167:
Nota MA a grafite: título sublinhado:

Tercettos

*

P.170-171:
IN EXTREMIS (6 estrofes)

P. 170:
Nota MA a grafite: título sublinhado:

In Extremis

*

P.172-173:
A ALVORADA DO AMOR (5 estrofes)

P. 173:
Notas MA a grafite:
1. imagem sublinhada no v. 25:

Que importa? o Amor, botão apenas entreaberto,

2. paranomásia sublinhada no v. 26 – estudo da sonoridade:

Illumina o degredo e perfuma o deserto!

*

P.174:
VITA NUOVA (soneto)

Nota MA a grafite: construção sublinhada no v.7:

Ha numa vida humana cem mil vidas,

*

P.175-176:
MANHÃ DE VERÃO (9 estrofes)

P.175:
Nota MA a grafite: repetição da palavra "rio" circulada no v.2:

Já, com o vir da manhã, do rio se levantam.

P.176:
Nota MA a grafite: escansão marcada no v.32:

E a agua, cheia de sons e de flocos de espuma,

*

P.177-179:
DENTRO DA NOITE (6 estrofes)

P. 177:
Nota MA a grafite: título sublinhado com traço duplo:

Dentro da noite

P. 178:
Nota MA a grafite: traço à margem dos v. 21-24:

E é tanta essa luz, é tanta
Essa musica sem par,
Que nem sei se é a luz que canta,
Se é o som que vejo brilhar.

*

P.180-181:
CAMPO SANTO (4 estrofes)

P. 180:
Nota MA a grafite: título sublinhado com traço duplo:

Campo Santo

P. 181:
Nota MA a grafite: metáfora sublinhada nos v.19-20:

Sonhos mortos de amor despertam e palpitam,
Cadaveres de sonhos...

*

P.186:
VINHA DE NABOTH (4 estrofes)

Nota MA a lápis-tinta: traço duplo à margem do texto:

Maldito aquelle dia, em que abriste em meu seio,
Cruel, esta paixão, como, ampla e illuminada,
Uma clareira verde, aberta ao sol, no meio
Da espessa escuridão de uma selva cerrada!

Ah! trez vezes maldito o amor que me avassala,
E me obriga a viver dentro de um pesadelo,
Louco! por toda a parte ouvindo a tua fala,
Vendo por toda a parte a cor do teu cabello!

De teu colo no valle embalsamado e puro
Nunca descançarei, como num paraiso,
Sob a tenda aromal d'esse cabello escuro,
Olhando o teu olhar, sorrindo ao teu sorriso.

Desvairas-me a razão, tiras-me a calma e o somno!
Nunca te possuirei, bella e invejada vinha,
Ó Vinha de Naboth que tanto ambiciono!
Ó alma que procuro e nunca serás minha!

*

P. 193:
PECCADOR (soneto)

Nota MA a grafite: traço duplo à margem do texto:

Este é o altivo peccador sereno,
Que os soluços affoga na garganta,
E, calmamente, o copo de veneno
Aos labios frios sem tremer levanta.

Tonto, no escuro pantanal terreno
Rolou. E, ao cabo de torpeza tanta,
Nem assim, miseravel e pequeno,
Com tão grandes remorsos se quebranta.

Fecha a vergonha e as lagrimas comsigo...
E, o coração mordendo impenitente,
E, o coração rasgando castigado,

Aceita a enormidade do castigo,
Com a mesma face com que antigamente
Aceitava a delicia do peccado.

*

P. 196:
SO (soneto)

Nota MA a grafite: construção sublinhada nos v. 7-8:

Sente, crespa, crescer a selva retorcida
Dos pensamentos máos, filhos da solidão.

*

P. 197-202:
A UM VIOLINISTA

P. 197:
Nota MA a grafite: título sublinhado:

A um violinista

P. 197-200:
PARTE I (17 estrofes)

P. 198:
Nota MA a grafite: traço à margem dos v.33-36:

A Primavera rindo esfolhava as capellas,
E entornava no chão as amphoras cheirosas:
E a canção acordava as rosas e as estrellas,
E enchia de desejo as estrellas e as rosas.

*

P.200-202:
PARTE II (10 estrofes)

P. 200:
Notas MA a grafite:
1. traço à margem dos v.5-8; expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:

Tambem d’esse instrumento ás quatro cordas de ouro,
O Desespero, o Amor, a Colera, a Piedade,
– Tu, nobre alma, chorando accrescentaste o choro
Eterno e a eterna dôr da corda da Saudade. *(1)*

(1) Magnifica a idea que enche o quarteto,/ mas o último verso está com a sonoridade/ prejudicadissima pela freqüência abusiva do/ dd: dor da corda da saudade. Como ficaria/ melhor se Bilac dissera: “o chôro / Eterno e a eterna dor doutra corda: a saudade

*

P. 204-209:
BALLADAS ROMÂNTICAS

P. 204:
Nota MA a grafite: título sublinhado:

Balladas romântica

*

P. 210-212:
VELHA PAGINA (16 estrofes)

P.211:
Nota MA a grafite: traço à margem do v.27:

Já me tardava este espinho!

P. 212:
Nota MA a grafite: imagem sublinhada no v.55:

Na jaula azul do meu verso?

*

P. 213-217:
WILFREDO – LENDA DO RHENO, GRANDMOUGIN

P.213-214:
I – O CASTELLO (4 estrofes)

P.214:
Nota MA a grafite: colchete à margem marcando a sonoridade do v.14:

Sobre o qual paira e pesa um sonho sobrehumano.

*

P.215-216:
III – O REMORSO (7 estrofes)

P.215:
Nota MA a grafite: aliteração sublinhada nos v.1-2 – estudo de sonoridade:

> Delira. Mas, depois do delirio sublime,
> O remorso, immortal, nasce com o arrebol.

P. 216:
Nota MA a grafite: hiato sublinhado no v.27– estudo de sonoridade:

> É em vão que Wilfredo implora o esquecimento

*

P. 220:
VELHAS ARVORES (soneto)

Nota MA a lápis-tinta: traço duplo à margem do texto:

> Olha estas velhas arvores, mais bellas
> Do que as arvores novas, mais amigas:
> Tanto mais bellas quanto mais antigas,
> Vencedoras da idade e das procellas...
>
> O homem, a féra e o insecto, á sombra dellas
> Vivem, livres de fomes e de fadigas;
> E em seus galhos abrigam-se as cantigas
> E os amores das aves tagarellas.
>
> Não choremos, amigo, a mocidade!
> Envelheçamos rindo! envelheçamos
> Como as arvores fortes envelhecem:
>
> Na gloria de alegria e da bondade,
> Agazalhando os passaros nos ramos,
> Dando sombra e consolo aos que padecem!

*

P. 221
MALDIÇÃO (soneto)

Notas MA a grafite:
1. expoente *(1)* no final do v. 2, remetendo ao comentário no rodapé:

Deixei dormir a minha maldição, *(1)*

(1) A consonância em ão, geralmente de efeito/ desagradável e pesado, está aqui em toda a/ sua virilidade e violência.

*

P. 227:
ÚLTIMA PÁGINA (soneto)

Nota MA a grafite: título sublinhado:

Última página

**

P.229-255:
"As viagens"

P. 232:
II – OS PHENICIOS (soneto)

Nota MA a grafite: palavra sublinhada no v. 10: "Conta as barcas de cedro, atupidas de fardos"e anotação do sinônimo: *entupidas*; estudo do vocabulário parnasiano.

*

P. 237:
VII – AS CRUZADAS (soneto)

Notas MA a grafite:
1. título sublinhado:

"As Cruzadas"

2. palavra sublinhada nos v.1: "Fulge-te o morrião sobre o cabello louro," e v.8: "Nobre: - em campo de blau sete besantes de ouro" e anotação do sinônimo: *Capacete antigo sem viseira com tope/ enfeitado* e *azul/ moeda sem marca figu-/rada nos brazões*; estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.238:
VIII – AS ÍNDIAS (soneto)

Nota MA a grafite: traço à margem do texto:

Se a attracção da ventura os sonhos te arrebata,
Conquistador, ao largo! A tua alma sedenta
Quer a gloria, a conquista, o perigo, a tormenta?
Ao largo! saciarás a ambição que te mata!

Bella, verás surgir, da agua azul que a retrata,
Cathay, a cujos pés o mar em flôr rebenta;
E Cypango verás, fabulosa e opulenta,
Apunhalando o céu com as torres de ouro e prata.

Pisarás com desprezo as perolas mais bellas!
De myrrha, de marfim, de incenso carregadas,
Se arrastarão, arfando, as tuas caravellas.

E, a acclamar-te Senhor das Terras e dos Mares,
Os regulos e os reis das ilhas conquistadas
Se humilharão, beijando o solo que pisares...

*

P. 239:
IX – O BRASIL (soneto)

Nota MA a grafite: traço à margem do texto:

Pára! Uma terra nova ao teu olhar fulgura!
Detem-te! Aqui, de encontro a verdejantes plagas,
Em caricias se muda a inclemencia das vagas...
Este é o reino da Luz, do Amor e da Fartura!

Treme-te a voz affeita às blasphemias e ás pragas,
Ó nauta! Olha-a, de pé, virgem morena e pura,
Que aos teus beijos entrega, em plena formosura,
– Os dous seios que, ardendo em desejos, afagas...

Beija-a! O sol tropical deu-lhe á pelle doirada
O barulho do ninho, o perfume da rosa,
A frescura do rio, o esplendor da alvorada...

Beija-a! é a mais bela flor da Natureza inteira!
E farta-te de amor nessa carne cheirosa,
O'desvirginador da Terra Brasileira!"

*

P. 241:
XI – O POLO (soneto)

Notas MA a grafite:
1. sinal de destaque sob o título:

O polo//

2. traço à margem do texto:

> “Pára, conquistador intimorato e forte!
> “Pára! que buscas mais que te enobreça e eleve?
> “É tão alegre o sol! a existencia é tão breve!
> “E é tão fria essa tumba entre os gelos do Norte!
>
> “Dorme o céu. Numa ronda esqualida, de leve,
> “Erram fantasmas. Reina um silencio de morte.
> “Phocas de vulto informe, ursos de estranho porte
> “Morosamente vão de rastros sobre a neve...”
>
> Em vão!... E o gelo cresce, e espedaça o navio.
> E elle, subjugador do perigo e do medo,
> Sem um gemido cáe, morto de fome e frio.
>
> E o Mysterio se fecha aos seus olhos serenos...
> Que importa? Outros virão devassar-lhe o segredo!
> Um cadaver demais... um sonhador de menos...

*

P. 242:
XII – A MORTE (soneto)

Nota MA a grafite: reiteração sublinhada no v.13:

> A conquista melhor é a conquista da Calma:

*

P.247:
SAGRES (43 estrofes)

Nota MA a grafite: acréscimo da letra “a” no último vocábulo do v. 82, correção a erro tipográfico:

> De tudo! – em tua franquez *a*

*

P.257-271:
“O CAÇADOR DE ESMERALDAS (ESPISODIO DA EPOPEA SERTANISTA NO XVII SECULO)”

P.259-262:

PARTE I (11 estrofes)

P. 260:
Notas MA a grafite:
1. palavra sublinhada no v. 16: “Das abras e da foz dos tumultuosos rios,” – estudo do vocabulário parnasiano.

2. construção sublinhada no v.30:

Despojos da ambição, cadáveres de naus...

P.261:
Notas MA a grafite: comparação sublinhada no v. 42:

Como a sombra recúa ante a invasão do sol

P.261-262:
Nota MA a grafite: traços duplos à margem dos v. 48-65:

Mas além, por detraz das broncas serranias,
Na cerrada região das florestas sombrias,
Cujos troncos, rompendo as lianas e os cipós,
Alastravam no céo leguas de rama escura;
Nos mattagaes, em cuja horrivel espessura
Só corria a anta leve e uivava a onça feroz;

Além da aspera brenha, onde as tribus errantes
Á sombra maternal das arvores gigantes
Acampavam; além das socegadas aguas
Das lagôas, dormindo entre aningaes floridos;
Dos rios, acachoando em quedas e bramidos,
Mordendo os alcantis, roncando pelas fraguas;

– Ahi, não ia echoar o estrupido da luta...
E, no seio nutriz da natureza bruta,
Resguardava o pudor teu verde coração!
Ah! quem te vira assim, entre as selvas sonhando,
Quando a bandeira entrou pelo teu seio, quando
Fernão Dias Paes Leme invadiu o sertão!

*

P. 262-265:
PARTE II (14 estrofes)

P.263:
Notas MA a grafite:

1. palavra sublinhada no v. 36: “Contra esse adarve bruto em vão rodavam no ar e anotação do sinônimo: *Muro de fortaleza/ Rua que corre sobre o muro da fortaleza* – estudo do vocabulário parnasiano.

2. traço duplo à margem dos v. 37-42; palavra sublinhada no v. 38 – estudo do vocabulário parnasiano:

> Dentro, no frio horror das balseiras escuras,
> Viscosas e oscillando, humidas colgaduras
> Pendiam de cipós na escuridão nocturna;
> E um mundo de reptis silvava no negrume;
> Cada folha pisada exhalava um queixume,
> E uma pupilla má chispava em cada furna.”

P.264:
Nota MA a grafite: palavras sublinhadas nos v.56: “Vinham os lamarões, as leziras funestas,”, v.64: “Uma frecha, subtil, silva e zarguncha... É a guerra!” e v.69: “Inchando em macaréos o seio destruidor,” – estudo do vocabulário parnasiano.

P.265:
Nota MA a grafite: palavra sublinhada no v.71: “No esto da alluvião estremecendo os ares,” e anotação do sinônimo: *preamar/ enchente/ ruído* – estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.266-268:
PARTE III (11 estrofes)

P. 266:
Notas MA a grafite:
1. traço duplo à margem dos v. 1-6:

> Fernão Dias Paes Leme agoniza. Um lamento
> Chora longo, a rolar na longa voz do vento.
> Mugem soturnamente as aguas. O céo arde.
> Trasmonta fulvo o sol. E a natureza assiste,
> Na mesma solidão e na mesma hora triste,
> Á agonia do heróe e á agonia da tarde.

2. comparação sublinhada no v. 16:

> Esse olhar, que sáe como um beijo da pupilla

P.267:
Notas MA a grafite:
1. traço duplo à margem dos v. 25-30:

Noites de outr`ora!... Emquanto a bandeira dormia
Exhausta, e aspero o vento em derredor zunia,
E a voz do noitibó soava como um agouro,
– Quantas vezes Fernão, do cabeço de um monte,
Via lenta subir do fundo do horizonte
A clara procissão d'essas bandeiras de ouro!

2. semelhança de construção sublinhada no v.33 e expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:

Ninhos cantando no ar! suspensos gynecêos *(1)*

(1) No "Tapir" Bilac já disse, peior-/mente: "ninhos no ar suspensos"

P.268:
Notas MA a grafite:
1. ritmo sublinhado no v. 54 – estudo da sonoridade:

Sem ter quem te conceda a extrema-uncção de um beijo!

2. cacofonia sublinhada no v. 62 – estudo da sonoridade:

Fernão Dias se esváe, numa syncope lenta...

*

P.269-271
PARTE IV (10 estrofes)

P. 269:
Notas MA a grafite:
1. Palavra sublinhada e acréscimo de exclamação no v. 16 apontando para extensão do vocábulo – estudo da sonoridade; expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:

Contra a *(1)* destruição *!* se aferra á vida, e luta,

(1) Destruição com 4 sílabas!!!

P.270-271:
Nota MA a grafite:
1. traço duplo à margem dos v.19-54; expressão sublinhada no v.26:

"Morre! morrem-te ás mãos as pedras desejadas,
"Desfeitas como um sonho, e em lodo desmanchadas...
"Que importa? dorme em paz, que o teu labor é findo!
"Nos campos, no pendor das montanhas fragosas,
"Como um grande collar de esmeraldas gloriosas,
"As tuas povoações se estenderão fulgindo!

"Quando do acampamento o bando peregrino
"Sahia, ante manhã, ao sabor do destino,
"Em busca, ao norte e ao sul, de jazida melhor,
"– No comoro de terra, em que teu pé poisára,
"Os colmados de palha aprumavam-se, e clara
"A luz de uma lareira espancava o arredor.

"Nesse louco vagar, nessa marcha perdida,
"Tu foste, como o sol, uma fonte de vida:
"Cada passada tua era um caminho aberto!
"Cada pouso mudado, uma nova conquista!
"E emquanto ias, sonhando o teu sonho egoista,
"Teu pé, como o de um deus, fecundava o deserto!

"Morre! tu viverás nas estradas que abriste!
"Teu nome rolará no largo choro triste
"Da agua do Guaycuhy... Morre, Conquistador!
"Viverás quando, feito em seiva o sangue, aos ares
"Subires, e, nutrindo uma arvore, cantares
"Numa ramada verde entre um ninho e uma flôr!

"Morre! germinarão as sagradas sementes
"Das gottas de suor, das lagrimas ardentes!
"Hão-de fructificar as fomes e as vigilias!
"E um dia, povoada a terra em que te deitas,
"Quando, aos beijos do sol, sobrarem as colheitas,
"Quando, aos beijos do amor, crescerem as familias,

"Tu cantarás na voz dos sinos, nas charrúas,
"No esto da multidão, no tumultuar das ruas,
"No clamor do trabalho e nos hymnos da paz!
"E, subjugando o olvido, atravez das idades,
"Violador de sertões, plantador de cidades,
"Dentro do coração da patria viverás!"

2. assonância sublinhada no v. 55 e sonoridade sublinhada no v. 57– estudo da sonoridade:

Cala-se a estranha voz. Dorme de novo tudo.
Agora, a deslisar pelo arvoredo mudo,
Como um choro de prata algente o luar escorre.

3. comentário à margem do v. 55*:*

Que silêncio!/ Que escuridão/ nesta frase/ sem vogais claras!

4. comentário à margem do v. 57*:*

Notar a onomatopea/ desta frase

BILAC, Olavo Bibl. MA [A/I/f/75]
Tarde. Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1919. [Poesia]

IEB: MA 8699148B59st (1919)

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernado em marroquim bege, 21x15 cm.

Nota da pesquisa: a Nota MA referente ao soneto SALUTARIS PORTA, à p. 157, data uma possível releitura deste livro de Bilac: "*É um dos mais belos sonetos do mundo./ 20-XI-925".*

Contra capa:
Nota MA: comentário na margem superior:
fins iguais / enumerações:

*

P. 22-23:
CHAOS (soneto)

P. 23:
Nota MA: construção sublinhada no v. 14:

> A incerteza e a alvorada do meu povo!

*

P.24-35:
DIZIAM QUE...

P. 26-27:
PARTE I – OS MONSTROS (soneto)

P.27:
Nota MA: imagem sublinhada no v. 14:

> E os maus se afogarão na propria lama!.

*

P. 32-33:
PARTE IV – OS CURINQUEANS (soneto)

P. 33:
Notas MA:
1. adjetivos sublinhados no v. 13;

2. imagem sublinhada no v.14:

> Sois sempre os mesmos Curinqueans de antanho:
> Vastos e estereis, ôcos e sonoros,
> Unicamente grandes no tamanho!

*

P. 36-37:
O VALLE (soneto)

P. 36:
Notas MA:
1. construção com polissíndeto sublinhada nos v. 5-6 e expoente *(1)* no v. 5:, remetendo ao comentário no rodapé:

> E'pobre a minha messe. E' nevoa e espuma *(1)*
> Toda a gloria e o trabalho em que eu ardia...

(1) Bem aplicavel ao Bilac desta fase

*

P. 50-51:
CREPÚSCULO NA MATA (soneto)

P. 50:
Nota MA: aliteração sublinhada no v. 8 – estudo da sonoridade:

> – Tudo vozeia e estala em estos de plethora

*

P. 62-63:
DEFESA (soneto)

P. 62:
Nota MA: título sublinhado:

> Defesa

*

P. 66-67:
PESADELO (soneto)

P.66:
Notas MA: Construção sonora sublinhada no v. 5:

Um mundo torpe nos teus sonhos anda:

*

P. 72-73:
BENEDICITE! (soneto)

P. 72:
Nota MA: adjetivo grifado e dois pontos de exclamação no v. 3; comentário irônico, denunciando inadequação semântica no intuito de obter rima para "tecto":

Bemdito o que, na terra, o fogo fez, e o tecto;
E o que uniu a charrua ao boi paciente e amigo;
E o que encontrou a enxada; e o que, do chão abjecto !!
Fez, aos beijos do sol, o ouro brotar do trigo;

*

P. 74-75:
SPERATE, CREPERI! (soneto)

P. 74:
Nota MA: sinal de destaque sob o título:

Sperate, Creperi!

P. 75:
Nota MA: período sublinhado no v. 14:

Mas, porque espero, – espero, e fico mudo.

*

P. 92-93:
NO TRONCO DE GOA (soneto)

P. 93:
Nota MA: antítese sublinhada no v. 14:

Orgulho de ser grande na desgraça.

*

P.94-101:
EDIPO

P. 96-97:
PARTE II – ESPHINGE (soneto)

P. 96:
Notas MA: aliteração sublinhada no v. 8 – estudo da sonoridade:

> Fluido filtro, estillando um perfido veneno

*

P. 130-131:
REMORSO (soneto)

P. 130:
Notas MA:
1. título sublinhado:

> Remorso

2. traço à margem dos v. 3 e 4, destacando construção:

> Scismo e padeço, neste outono, quando
> Calculo o que perdi na primavera.

*

P. 140-141
SAMARITANA (soneto)

P. 141:
Nota MA: correção ao erro tipográfico do v. 12:

> Maior do que o da vêde, este tormento, /s

*

P. 150-151
OS AMORES DA ABELHA (soneto)

P. 150:
Nota MA: sinal de destaque sob o título:

> Os amores da abelha

*

P. 156-157
SALUTARIS PORTA (soneto)

P. 156:
Nota MA: sinal de destaque duplo sob o título:

Salutaris porta

Para conter aquella immensa chamma,
Os nossos corações eram pequenos:
Tivemos medo da paixão... E ao menos
Não vimos tanto ceu mudado em lama!

O velario correu-se antes do drama...
E não houve perfidias nem venenos
Entre os nossos espiritos serenos,
Que a saudade do prologo embalsama.

Bemdigamos o amor que foi tão curto,
O sonho vago que expirou tão cedo,
Sossobrado no porto antes do surto!

Feliz o idyllio que não teve história!
Salvando-nos do tedio, o nosso medo
Foi uma porta de ouro para a gloria!

É um dos mais belos sonetos do mundo./ 20-XI-925

*

P. 170-171
O COMETA (soneto)

P. 170:
Nota MA: sinal de destaque duplo sob o título:

O cometa

*

P. 186-187
ESTUARIO (soneto)

P. 186:
Nota MA: sinal de destaque sob o título:

Estuario

*

P. 190-191
PENETRALIA (soneto)

P. 191:

Nota MA: inversão sublinhada nos v. 9-10:

> Não proclamei os nomes, que, baixinho,
> Rezava... E ainda hoje, timido, mergulho
> Em funda sombra o meu melhor carinho,

CORRÊA, Raymundo Bibl. MA [A/II/d/41]
Poesias. 3ª. edição. Lisboa: Livraria Antonio Maria Pereira, 1910.
[Poesia] IEB: MA 869.914710824p

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernado em marroquim preto, 21x15 cm.

Notas MA a grafite.
Nota MA a tinta preta: p. 142

P.1-4
"Traços biográficos de Raymundo Corrêa", por José de Paiva Soares Diniz; Lisboa, 16 de setembro de 1911.

P.5-11
Prólogo da 1ª edição, por João da Camara.

Notas da pesquisa:

1. Edição datada de 1910, na p. de rosto inclui fotografia do poeta, com a legenda referente ao falecimento: "Dr. Raymundo Corrêa/ + 16 de setembro de 1911".

2. Neste exemplar da 3ª. ed. *Poesias*, as anotações marginais de MA suscitam duas hipóteses quanto à época em que se configuraram:

a) 1914, ou logo depois, considerando-se o comentário na margem do soneto "Vae se a primeira pomba", que recupera trecho da conferência RAYMUNDO CORRÊA de Amadeu Amaral, presente na coletânea *Conferências, 1912-1913*, da Sociedade de Cultura Artística (São Paulo: Off. Cardozo Filho & C., 1914, p.31). A obra na biblioteca do poeta-leitor não apresenta nota marginal (MA 869.904S678c 1912-3);

b) 1917, pensando-se que MA baseia sua comparação do poema LUIZINHA de Raimundo Correa com MIMI de Vicente de Carvalho, este em *Poemas e canções*, obra na 3ª. ed. , em sua biblioteca (São Paulo: O Pensamento, 1917), não se exclui que ele tenha tido acesso à 1ª. (1908) e à 2ª. edição (1909). De todo modo, leitura e notas autógrafas pertencem, ao que tudo indica, ao decênio de 1910.

MA anotou fartamente duas obras de Vicente de Carvalho – *Versos da mocidade* (1912) e *Poemas e canções* (1917). Sua crônica "Amadeu Amaral", no *Diário de São Paulo*, em 30 de outubro de 1929, relata sua frustração de leitor e jovem poeta que, em 1916, enviara uma carta "de idolatria e servidão" a Vicente de Carvalho, acompanhando quinze sonetos de sua lavra. A carta fora entregue, mas nunca lhe chegara resposta. Na crônica, MA relembra também o dia em que Amadeu Amaral se interessara em conhecê-lo, ao ver na gráfica Pocai & Comp. as provas de *Há uma gota de sangue em cada poema*, livro seu que sairia naquele ano de 1917. Mário, no entanto, preferira "a

glória saborosa de afirmar que não queria conhecer Amadeu Amaral, vingando-me de Vicente de Carvalho".[14]

Na carta de 21 de março de 1935, Mário de Andrade atende as questões que Rosário Fusco lhe aventara, em um pedido de entrevista. Escrevendo ao amigo, em 12 de fevereiro daquele mesmo ano, com *post scriptum* do dia 26, o poeta de Cataguases, então morando na Capital Federal, desejava apresentar "uma coisa absolutamente livre", concernente a idéias, método de trabalho, anedotas da vida literária. Entre outros casos curiosos, Mário conta-lhe, em sua resposta, a "anedota de desprestígio" que sai, com as mesmas palavras, na matéria que o Fusco assina como Haroldo Mauro, n' *O Jornal*, do Rio de Janeiro, em 5 de maio de 1935, "Convidando uma geração a depor – Mário de Andrade faz confissões surpreendentes":

> "Quando principiei fazendo versos, reuni os meus melhores sonetos, o que eu achava de melhor, e mandei em carta a Vicente de Carvalho pedindo opinião. Ainda não publicara coisa nenhuma, a não ser alguns sonetos em revistecos sem importância. Vicente nunca me respondeu. Cheguei a ir à casa dele pra tirar a limpo si ele morava lá, si estava em S. Paulo, estava. Deve ter recebido a carta registrada e... sei que não respondeu. Como gosto muito da poesia dele, até hoje sofro disso."[15]

P. em branco:
Nota MA: comentário na margem superior:

Em Luisinha:/ "E' como num dialogo o Futuro/ junto ao passado encanecido, é como/ uma violeta ao pe dum velho muro' ora/ V. de Carvalho disse depois, mais ou menos:/ 'sobre essa ruina uma rozeira em flor"

Nota da pesquisa: MA transcreve, fielmente, os v. 22-24 do poema LUIZINHA, à p. 94, comparando-os com v. 21 de MIMI, à p.92 de *Poemas e canções* (São Paulo: O Pensamento, 1917), obra em sua biblioteca, sem notas de leitura nesse texto. Engana-se ao citar o verso de Vicente de Carvalho que, de fato, é: "Sobre um muro em ruina uma rozeira em flor"

P.16:
III – "VAE-SE A PRIMEIRA POMBA DESPERTADA..." (SONETO)

Nota MA: comentário na margem superior:

[14] "Amadeu Amaral" integra o livro *O empalhador de passarinhos*, de 1946 (São Paulo: Martins), que reúne críticas de Mário de Andrade. Em seu projeto para o Mestrado, a pesquisadora Marina Damasceno de Sá preparou a edição de texto fiel e anotado desta obra.

[15] A anedota está na carta endereçada ao poeta de Cataguases, Rosário Fusco, em 21 mar. 1935, no IEB-USP. A entrevista é "Convidando uma geração a depor – Mário de Andrade faz confissões surpreendentes". In: LOPEZ, Telê Ancona (org.). *Mário de Andrade: entrevistas e depoimentos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983, p.50.

A idea das Pombas não é de Raimundo, senão de/ Gautier: "Desperta uma pomba e parte; parte outra; dezenas/ de pombas partem do pombal ao raiar da madrugada./ À tarde, quando o vento norte sopra, elas voltam alegres/ ao pombal, em bando. Assim do nosso coração partem/ os sonhos; voam, fogem. Mas as pombas voltam ao/ columbario de onde sairam, e os sonhos não tornam/ mais ao coração." Diz A. Amaral: "É de Gautier esta famosa/ idea! Mas porquê não será tambem de todo o mundo? Qual/ de nos, sem ser aquêle nababo da imaginação, não estaria no/ risco iminente de lançar esta idea, julgando-a sua, por uma/ forma ou por outra, numa cartinha ~~sentimental~~ de amor, numa/ conversa sentimental, num sonêto? O que bem poucos poderiam/ fazer, era pegar essa larva informe e fazer dela uma borboleta/ admirável, mimo de policromía radiosa, encanto aéreo, obra/ prima da eterna poesia aliada á forma perfeita.

Nota da pesquisa: O trecho da conferência de Amadeu Amaral (realizada em 26 de setembro de 1912) transcrito por MA está à p. 31 de *Conferências, 1912-1913*, obra organizada pela Sociedade de Cultura Artística que faz parte de sua biblioteca (São Paulo: Off. Cardozo Filho & C., 1914; MA 869.904S678c 1912-3). O livro reúne conferências de Amadeu Amaral ("Raymundo Corrêa"), Armando Prado ("Alvares de Azevedo"), Garcia Redondo ("Arthur Azevedo"), Pedro Lessa ("João F. Lisboa"), Oliveira Lima ("A nossa diplomacia") e não apresenta notas marginais.

*

P.18-19
V – "O DIA ACORDA! DEUS POR UMA FRESTA" (6 estrofes)

P.19:
Notas MA:
1. metáfora sublinhada no v. 21:

Nauseas de fogo de canhões sangrentos

2. palavra sublinhada no v.33; estudo do vocabulário parnasiano e expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:

O vau *(1)* de lanças e clarins repleto...

(1) Vau. Lugar no rio ou no mar em que se pode tran-/sitar a pe. Baixio, parcel. Não parece ter Raimundo/ querido empregar vau nêsses sentidos restritos, se/ não no sentido mais lato de estreito de Lepanto

Nota da pesquisa: O estreito de Lepanto liga o Golfo de Patras ao de Corinto; o dado histórico prende-se, talvez, para MA, à pintura de Veronese, em 1571, *A batalha de Lepanto*.

*

P. 22
VIII – EVITERNO AMOR (soneto)

P. 22:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 6 “Eva, eil-os avexados, ante o iroso,” e anotação do significado: “*envergonhados”,* estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.24
X – O JURAMENTO (4 estrofes)

P.24:
Nota MA: palavra sublinhada no v.10 “Em beijos, afelear” e anotação do significado: “*Dar o sabor de fel”,* estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.27-33
XII – VERSOS A UM ARTISTA (35 estrofes)

Nota da pesquisa: poema dedicado a Olavo Bilac.

P.29:
Notas MA:

1. palavra sublinhada no v. 42 “Abra nessa, onde fulge, aspera costra,” e anotação do significado: “*mesmo que crosta”,* estudo do vocabulário parnasiano.

2. metáfora sublinhada no v. 43:

   Nem leve brecha ao menos
   Abra nessa, onde fulge, aspera costra,
   Como a perola – lagrima de Venus –]
   Rútila dentro de uma casca de ostra...

P.30:
Nota MA: metáfora sublinhada nos v. 71-72:

   A’ esmeralda do Egeu volvendo os olhos,
   – Dois humidos abysmos de esmeralda –

P. 31:
Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:

1. palavra sublinhada no v.86 “Abra em capellas mádidas, cheirosas” e anotação do significado: “*orvalhadas”.*

2. palavra sublinhada no v. 99 “E, buindo o deserto incandescente” e anotação do significado: *“alisar, gastar, polir”*.

P.32:
Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:

1. palavra sublinhada no v. 109 “Relampadeje emfim... Mas sem que tisne”.

2. palavra sublinhada no v. 122 “A égide adamantina, érea, inteiriça” e anotação do significado*:“escudo”*.

P.33:
Notas MA:

1. metáfora sublinhada no v. 135-136:

Perlustrar do seu corpo: mappa-mundi
Da suprema Belleza

2. palavra sublinhada no v. 138 “Pinta-a, ideando-a só: o heril recacho,”e anotação do significado: “*Postura afetado ou elegante/aprumo*”, estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.34
XI – CYTHERA (soneto)

P.34:
Nota MA:

1. palavra sublinhada no v. 4“As cardeas conchas da alvacenta ourela.”, estudo do vocabulário parnasiano.

2. inversão sublinhada no v. 7-8:

Estremecem de amor. Bate aos pés d’Ella
O coração das águas satisfeito...

*

P.35-39
XIV – ODE PARNASIANA (16 estrofes)

P. 35:
Notas MA:
1. anotação do significado em palavra do v. 6 “As pristinas grandezas patenteia”, estudo do vocabulário parnasiano: “*prisco – relativo ás eras passadas*”

2. ppalavra sublinhada no v.13 “Em rapto audaz, nas rémiges possantes” e anotação do significado:“*Penas grandes das azas, aqui/ por exetensão [sig.:] azas*”, estudo do vocabulário parnasiano.

P.36:
Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:

1. palavra sublinhada no v. 21: “A’s margens do Permesso!”

2. palavra sublinhada no v.25 “E múrice orna o olympico painel”, e anotação do significado: “*púrpura*”;
3. palavra sublinhada no v.. 26 “A harpa acrisola só no amor; e, em leves”, e anotação do significado: “*acendrar – purificar*”.
4. palavra sublinhada no v.30 “Fazendo que, sem amarujentos travos” e anotação do significado: “*amargosos*”.
5. palavras sublinhadas no v.39 “Pulsar, em marcio, horrisono arrabil”e anotação dos significados: “*marcial”/ “antigo instrumento musical/ de uma ou 2 cordas.*”.
6. palavras sublinhadas no v. 41 “A ti, de Erato coube a lyra insonte”e anotação dos significados “*Musa da elegia”/ “inofensivo, inócuo*”.

P.37:
Notas MA:

1. palavra sublinhada no v. 43 “Fuge a cruenta pompa”; estudo do vocabulário parnasiano.

2. aliteração sublinhada nos v.45 “Trôe e retrôe a trompa” e v.48 “O atro tambor em roucos rufos rompa...”, seguidas das observações: *“Bela onomatopéia”/ “Belissima onomatopea”*; estudo da sonoridade.

3. expoente *(1)* nos v. 45-46, remetendo ao comentário na margem superior; estudo da sonoridade:

(1) “Trôe e retrôe a trompa
Bellicosa; num som rispido e agudo,”

(*1) Nestes dois versos o enjambement é mal feito./ Parecem estar assim dispostos:/ Troe e retroe a trompa belicosa;/ num som ríspido e agudo!”*

4. palavra sublinhada no v.61: “Cuja uberrima falda bróslam flores;” e anotação do significado “*bordam”*; estudo do vocabulário parnasiano.

5. assonância sublinhada no v.66: “Estralam gargalhadas no ar, escuta:”; estudo do vocabulário parnasiano; comentário à margem esquerda: “*Notar a sucessão/ dos a a onomato-/ paicos”*

6. palavras sublinhadas nos v. 68 “É Sileno, e na eterna babadice,” e v.70 “E, temulento, cae...” e anotação do significado: “*Deus frigio que criou Baco. Silêno era considerado/ na mitologia grega como o Truão do Olimpo”/ “ébrio”*; estudo do vocabulário parnasiano.

P. 38:
Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:

1. palavra sublinhada no v. 73 “Thyrso todo enramado” e anotação do significado: “*bastão terminando em forma de pinha”*.

2. palavras sublinhadas no v.86 “Templo de Paphos, onde o culto é menos” e anotação do significado “*Cidade da ilha de Chipre. O célebre templo dedicado a Venus”*.
3. palavras sublinhadas no v.88 “Que esse, que a Ceres tributara Eleusis” e anotação do significado “*Burgo na Ática”*.

4. palavras e expressão sublinhadas nos v. 90-91:
   Desnúa o lácteo collo delicioso,
   - Branco manjar dos deuses.

5. palavra sublinhada no v. 94 “Lembre-te um corço a alipede Atalanta” e anotação do significado “*Filha do rei de Sciros:/célebre pela sua agili/dade”*.

P. 39:
Nota MA: palavras sublinhadas nos v. 101: “Canta; e, em perlas accesos” e v.108: “Sobre a qual cuspo o meu desdém profundo”; estudo do vocabulário parnasiano.

*

P. 40
XV – BEIJOS DO CÉU (soneto)

Este soneto é – apesar da perfeição do acabado e da/ pureza dos versos – sumariamente desagradável. A idea/ que nele mora é tola e ridícula. Além disso: o ima-/ gina-lo Deus, que por nós é idealizado como a própria/ grandeza, aos abraços e aos beijos, cingindo um corpo/ quente de mulher, da ao nosso espírito a/ situação angustiosa de desequilíbrio e da insita-/bilidade. É chocante e principalmente ridículo.

Sonhei-te assim, ó minha amante, um dia:
— Vi-te no ceu; e, enamoradamente,
De beijos, a phalange resplendente
Dos seraphins, teu corpo inteiro ungia...

Santos e anjos beijavam-te... Eu bem via
Beijavam todos o teu labio ardente;
E, beijando-te, o proprio Omnipotente,
O proprio Deus nos braços te cingia!

Nisto, o ciume — fera que eu não domo —
Despertou-me do sonho, repentino
Vi-te a dormir tão placida a meu lado...

E beijei-te tambem, beijei-te... e, ai! como
Achei doce o teu labio purpurino.
Tantas vezes assim no ceu beijado!

Nota da Pesquisa: entre as p.40-41 localizado um cartão branco (12,5 cm X 7,5 cm) com furo na margem inferior e registro a máquina: “|Vivante, Armando| ed./ Pub”.

*

P. 41-47
XVI – MISSA DA RESURREIÇÃO (12 ESTROFES)

P.41:
Notas MA:

1. temporalidade sublinhada no v. 6: "No sábado, na véspera, em segredo" e comentário na margem esquerda: *"Se era na véspera, naturalmente devia ser sábado e, se era sábado naturalmente era o da véspera..."*

2. sublinhada discrepância entre os tempos verbais nos v. 9-10, seguida do comentário: *"Desequilíbrio de tempo":*

   Ella distante meia légua esteja
   Do feliz sitio onde morava a gente

P.42:
Notas MA:

1. adjetivos sublinhados no v. 28: "Vi-te, pallida e bella"
2. palavra sublinhada no v. 31: "E, a barba sobre a mão nevirosada"; substituição sugerida: "*O mento"*.
3. traço à margem esquerda dos v. 32-42:

"Fitavas o horizonte...
Além, aos poucos, humida e cheirosa,
De um pelago de fogo e sangue ardente
Onde uns restos da noite, tibiamente,
Boiavam inda, em turbidos novellos
Erguia a madrugada,
Cheia de virginal, candido alvor,'
A alabastrina fronte
A que adornava só, como uma rosa,
Como uma rosa branca nos cabellos,
A estrella do Pastor!"

P. 43:
Nota MA: expressão sublinhada no v.53:

Dois olhos de azeviche, enamorados

P.44:
Notas MA:

1. adjetivos sublinhados nos v. 86-87: "Era uma fresca e linda/ E amena madrugada" e comentário à margem direita: "*É!!"*

2. qualificativo ligados por traço no v. 93:

"Pela cerula abobada anilada"

3. cacófato sublinhado no v. 97: "As metallicas azas a vibrar"

P.45:
Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:

1. palavra sublinhada no v. 112: "E enlaçavam-se, em róridas capellas".
2. palavra sublinhada no v. 118: "A tribu azul seu pabulo procura..." e anotação do significado: "*sustento"*.

P.46:
Notas MA:

1. palavra sublinhada no v. 119 e correção:

T
Quando suave aroma

2. traço duplo à margem esquerda dos v. 124-128:

Para quebrar essa monotonia
Da côr, ás vezes, um morango ria
Vermelho, entre a folhagem,
Como em tunica verde de velludo
Um botão de rubim...

3. palavra sublinhada e expoente *(1)* no v. 132, remetendo ao comentário no rodapé:

(1)
Onde pavões garridos pompeavam

(1) Em que terra teria sido essa missa? Terra/ não conheço em que cresçam na doce harmo-/ nia dum mesmo clima: annuns, pavões/ pintassilgos..!...

Nota da pesquisa: entre as p. 44-45 encontrada cédula eleitoral (papel jornal, 12,5 cm x 7,5 cm): "PARA SENADOR/ BRASILIO MACHADO NETO/ PARA SUPLENTE/ CHRISTIANO ALTENFELDER SILVA"; documento inserido pelo cunhado de MA, Eduardo Ribeiro dos Santos Camargo que, após a morte do escritor, encarregou-se da desinfestar de insetos a biblioteca. Recorria a líquido que ele próprio preparava; as cédulas eram usadas para marcar os volumes já trabalhados. Informações da Profª Telê Ancona Lopez.

P. 47:
Nota MA: palavra sublinhada no v.181 "E tardonhos, ao toque dos pampilhos" e anotação do significado: *"Vara comprida terminada em aguilhão"*, estudo do vocabulário parnasiano.

*

P. 48-49
XVII – NUVEM BRANCA (6 estrofes)

P.49:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v.19:

Nas cherubicas azas transparentes

3. comentário no rodapé:

Raymundo abusa um pouco de lugares-/comuns noiva casta e pura, virginal capela,/ doce olhar, semblante gentil, louco amante,/ olhar ancioso, astro radioso... não é preciso/ ser Raimundo Correa para dizer-se banali-/dades destas.

*

P.51
XIX – PLENA NUDEZ (soneto)

P. 51:
Nota MA: comentário no rodapé:

"R. Correa, num magistral soneto, voltava-/se com uma volúpia helenica para/ a beleza pagan de formas inteiramente/ nuas" Alberto de Oliveira

Nota da pesquisa: MA transcreve trecho da palestra de Alberto de Oliveira, realizada em 10 de novembro de 1915, que está à p. 123 de *Conferências, 1914-1915*, obra organizada pela Sociedade de Cultura Artística, presente na biblioteca MA (São Paulo: Typographia Levi, 1916; MA 869.904 S678c 1914-5), sem notas de margem. Reúne conferências de Antonio Piccarolo ("O romantismo no Brasil"), Ricardo Severo ("A arte tradicional no Brasil"), Plínio Barreto ("Gregório de Mattos"), Adalgiso Pereira ("O meigo idioma"), Alberto Seabra ("Tobias Barreto"), Graça Aranha ("A mocidade heroica de Joaquim Nabuco"), Alcides Maya ("Don Juan") e Alberto de Oliveira ("Culto à forma na poesia brasileira").

*

P.52
XX – IXION (soneto)

P.52 :
Notas MA :
1. palavra sublinhada no v. 9 "Que lindos olhos! Que venusto e lindo" e anotação do significado: *"Formoso, gracioso"*, estudo do vocabulário parnasiano;

2. ideia sublinhada no v. 14:

Quem me assegura que eu não sonho? Eu sonho!

*

P.53
XXI – CONCHITA (soneto)

P.53:
Notas MA:
1. imagem sublinhada nos v. 9,10:

A esses, que em ondas se levantam, seios
Do mais cheiroso jambo; a esses quebrados

2. palavra sublinhada no v.12 "A esses lábios, enfim, de nácar vivo" e expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:

(1) R. Corrêa muda a tônica nesta palavra a seu/ bel-prazer; ora nácar como aqui ora nacár como/ nos "Versos a um artista". Tenho visto alguns poetas/ dizerem também indiferentemente: murmúrio/ e murmurío.

*

P. 55
XXIII – ZULMIRA (soneto)

P.55:
Nota MA: palavra sublinhada v.7 "Que embellece a mulher, mesmo na edade", estudo do vocabulário parnasiano.

*

P. 56
XXIV – TRISTEZA DE MOMO (soneto)

P. 56:
Nota MA: palavra sublinhada no v.9 "Fauno o indigita; a Náiade o caçôa" e anotação do significado: *"indicar, mostrar com o dedo"*, estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.57
XXV – ANIMA CHLORIDIS (soneto)

P.57:
Nota MA: palavra sublinhada no v.8 "Abre o alvíssimo lírio, redolente..." e anotação do significado: *"aromático"*, estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.58-62
XXVI – SONHO TURCO (18 estrofes)

P.58:
Nota MA: comentário na margem superior:

"... o sonho Turco, joia de ouro e brilhante em qual-/ quer literatura do mundo" M. Alencar

Nota da pesquisa: O trecho citado está à p.241 do *Almanaque Brasileiro Garnier*, publicado no Rio de Janeiro entre 1903 e 1914 pela Livraria Garnier do Brasil. Mário de Alencar discute a obra de Raimundo Corrêa (p. 239-241). MA não possui este volume em sua biblioteca.

P. 59:
Notas MA:

1. sinal positivo na margem direita dos v. 13-24:

"Queres thesoiros mais? – A's tuas plantas,
Todo o oriente gemmifero fulgura.
Querea sceptro e diadema? Cinge-os. Queres
Luxo e volúpias? – Eil-as taes e tantas:
Mulheres e cavallos, com fartura,
Bons cavallos e esplendidas mulheres.

"Queres mais? – Dou-te prodiga, a mãos cheias,
Beryllos e rubis; dou-te o thesoiro
Do pérsio golfo: perolas, corães...
Oiro fluido percorra as tuas veias;
Seja oiro tudo o que tocares: oiro
Duro – em montanhas, liquido – em caudaes."

2. palavra sublinhada no v.27 "Sol, de áureas cores tinge e de sinopla?"e anotação do significado: "*cor verde dos escudos"*, estudo do vocabulário parnasiano.

3. palavra sublinhada no v.39 "Nedias parelhas de possantes urcos..." e anotação do significado: "*Cavalo forte e corpulento/ também conhecido por frisão"*, estudo do vocabulário parnasiano.

P.60:
Nota MA: sinal positivo na margem direita dos v. 49-60:

Entra; é só delle este serralho inteiro;
Guardam-no eunuchos mil de fronte baça,
E alfanjas mil a dardejar faiscas...
Entra, e acolhe-o um sussurro lisongeiro,'

Lisongeiro sussurro que perpassa
Numa nuvem de flôres e odaliscas.

Uma é da Armenia; com desleixo, extende
A negligente perna em molle e brando
Coxim... Olhos saudosos de Erivan;
Olhos castanhos que a paixão accende;
Languidos olhos humidos, boiando
Em luz, gêmeos da estrells da manhan...

P.61:
Nota MA: sinal positivo na margem direita dos v. 67-72:

Outra é filha de Bósnia: arfa radiante;
Ou vingança, ou ciúme, lhe guarnece
De lindas garras côr de rosa a mão;
Desde o entono do collo a roçante
Cauda, rainha triumphal parece:
Collo de cysne, cauda de pavão...

*

P.67-72
XXXI – MUSA ALDEAN (20 estrofes)

P.69:
Nota MA: palavra sublinhada no v.54 "Negros torçaes" e anotação do significado: *"cordão de seda. Emprega-se também no sentido de cabrêsto"*, estudo do vocabulário parnasiano.

*

P. 74
XXXIII – CHUVA E SOL (soneto)

P. 74:
Nota MA: palavra sublinhada no v.4 "Do sol pelos venabulos radiantes..." e anotação do significado *"lanças, raios"*, estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.75:
XXXIV – NOITES DE INVERNO (soneto)

P.75:
Nota MA: comentário no rodapé:

Emquanto a chuva cáe, grossa e torrencial,
Lá fóra; e emquanto, ó bella!

A lufada glacial
Tamborila a bater nos vidros da janella;

Dentro, esse aureo torçal
Do cabello que, rico, em ondas se encapella,
Deslaça; e o alvor ideal
Do teu corpo á avidez do meu olhar revela;

Porque, á avidez do olhar
Do amante, é grato, ao menos,
Destas noites no longo e monotono curso,

— Claro como o luar —
Ver um busto de Venus
Surgir nu dentre as lans e dentre as pelles de urso.

A sensualidade ora franca, ora meio en-/vergonhada se escondendo numa ironia ou num/ sorriso, ora mesmo como aqui requintada, a/ sensualidade é uma das características mais/ fortes da poesia de Raymundo."

*

P.76
XXXV – ARIA NOCTURNA (soneto)

P.76:
Nota MA: palavra sublinhada no v.11: "Tresuam molle e pérfido quebranto", estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.83
XL – SÓSINHA (soneto)

P. 83:
Notas MA:
1. comentário na margem superior:

"*O seu soneto Sosinha, cujo valor, puramente emotivo, é tão leve/ e tão melindroso, que se esvairia com certeza, na manipulação/ da forma, dentre mãos que não fossem tão ágeis, tão brandas,/ tão sensíveis como as dêsse maravilhoso artífice". A. Amaral*

E' tarde, e eles não vêem! O dia finda,
E, extinto anchote, tomba o sol . . . A' estrada
Lança os olhos, anciosa, e não vê nada!
Recolhe-se á cabana, e espera ainda...

Cerra-se a noite em toda a curva infinda
Dos céus... E elles não voltam da caçada!

E ela tão só! . . . Já pende fatigada,
Cheia de somno, a sua fronte linda.

Dorme. Alta noite acorda. Os cães latiam
Fóra, e julgou ouvir, confusamente,
Como um tropel, na solitaria rua...

Antojou-se-lhe logo que seriam
Elles, e a porta abriu... Ninguem! Sómente,
Por trás da serra, ia-se erguendo a lua...

Nota da pesquisa: MA copia trecho de *Conferências, 1912-1913* (São Paulo: Off. Cardozo Filho & C., 1914; MA 869.904S678c 1912-3) que traz a palestra de Amadeu Amaral (realizada em 26 de setembro de 1912). O volume reúne conferências de Amadeu Amaral ("Raymundo Corrêa"), Armando Prado ("Alvares de Azevedo"), Garcia Redondo ("Arthur Azevedo"), Pedro Lessa ("João F. Lisboa"), Oliveira Lima ("A nossa diplomacia"). O trecho anotado está na p. 37 e não apresenta nota marginal. Em nota ao livro *Poesias* (1909), de Olavo Bilac, MA recorre a este mesmo trecho de *Conferências*.

2. palavra sublinhada no v.12 "Antojou-se-lhe logo que seriam" e anotação do significado: "*Por-se a vista,/Figurou-se-lhe"*, estudo do vocabulário parnasiano.

*

P. 84
XLI – A CAVALGADA (soneto)

P.84:
Nota MA: comentário na margem superior:

Raimundo é inimitável nessas impressões/ ligeiras e delicadas. Descreve admiravelmente.

A lua banha a solitaria estrada...
Silencio!... Mas além, confuso e brando,
O som longiquo vem-se approximando
Do galopar de extranha cavalgada.

São fidalgos que voltam da caçada;
Vêm alegres, vêm rindo, vêm cantando.
E as trompas a soar vão agitando
O remanso da noite embalsamada...

E o bosque estala, move se, estremece...
Da cavalgada o estrepito que augmenta
Perde-se após no centro da montanha...

E o silencio outra vez soturno desce...

E limpida, sem macula, alvacenta
A lua e a estrada solitaria banha...

*

P.87
XLIV – LEMBRANÇA (soneto)

P. 87:
Notas MA:
1. cacófato sublinhado no v.10:

Que, qual musica vaga e imaginaria

2. sonoridade sublinhada no v. 12

Inda me soa, como flébil aria

3. adjetivos sublinhados no v. 14 "Tenue, longínqua, branda, solitária...", seguidos por comentário: "*Vide pg 91"*

*

P. 88
XLV – NO OUTOMNO (soneto)

P.88:
Notas MA:
1. metáfora sublinhada no v.7:

Ar, humidas do choro do sereno"

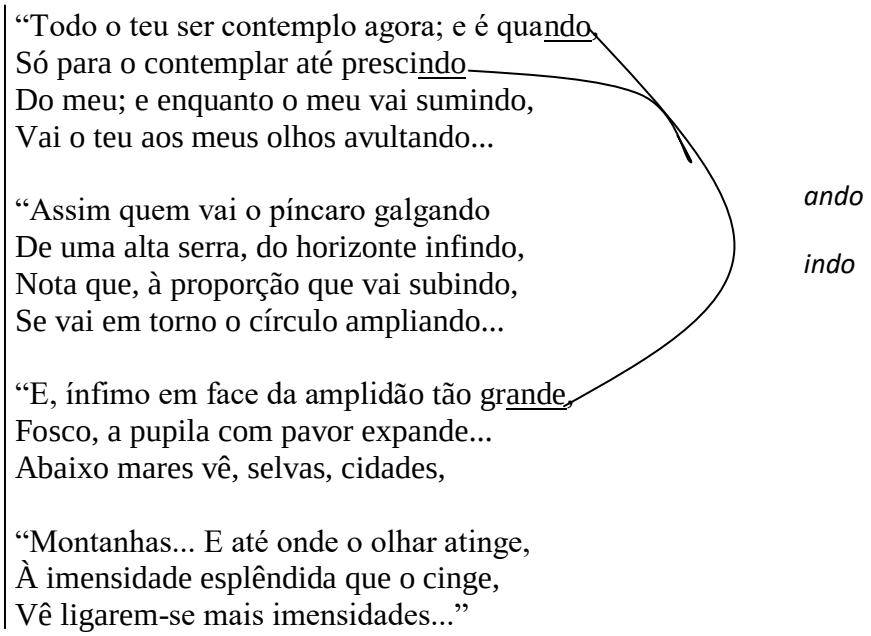
2. palavra sublinhada no v. 11 "Hispido manto dos penedos brutos" e anotação do significado: *hirsuto,* estudo do vocabulário parnasiano.

*

P. 89
VLVI – FASCINAÇÃO (soneto)

P. 89:
Notas MA:
1. título sublinhado;
2. traço à margem dos v. 1-14;
3. traços à margem destacando os v. 1-2, 9;
4. anotação – estudo da sonoridade:

FASCINAÇÃO



*

P. 91
XLVIII – SOROR PALLIDA (soneto)

P.91:
Notas MA:
1. substantivos sublinhados no v. 14 e expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:

Uma flôr, uma phrase, um pensamento *(1)*

2. comentário no rodapé:

(1) É curioso de notar-se a assiduidade com que R. Corrêa/ usa e abusa de uma serie de substantivos ou de adjetivos/ em um verso. E geralmente ele o faz no fim de sonetos/ ou de quadras. Vide páginas 87, 73, 61 (duas vezes), 27 etc./ Essa usança tornou-se tão comum nos poetas modernos/ principalmente em alguns que sonetos hão que se podem/ considerar como meras enumerações. Bilac, nos sonetos/ já conhecidos do seu novo livro “Tarde” abusa dessas/ enumerações não ~~nome~~ de substantivos só ou de adje-/tivos mas de frases.”

Nota da pesquisa: MA faz referência às seguintes enumerações:

- ✓ “Versos a um artista”: p.27, v.8 – “Pincel, lapis, buril, cinzel e penna”
- ✓ “Sonho turco”: p.61, v.78 – “Lanceolados, rispidos e agudos...”
  v. 84 – “Musculosos, elasticos e viris...”

- ✓ “Primaveril”: P.73, v.14 – “Pequenos, microscópicos, chinezes...”
- ✓ “Lembrança”: p.87, v.14 – “Tenue, longínqua, branda, solitária...”

*

P. 92
XLIX – PEREGRINAS (soneto)

P.92:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 6: “Doce, a guzla das aves, em radiosas”, estudo do vocabulário parnasiano.

*

P. 93-99
L – LUIZINHA (51 estrofes)

P. 93:
Notas MA:
1. imagem sublinhada nos v.5-6:

> Como que, louco, um rouxinol não cessa
> De gorgear-lhe dentro da garganta

2. palavra sublinhada no v.9: “As faces, lourecendo-lhe a cabeça”, estudo do vocabulário parnasiano.

P.94:
Nota MA:
1. sinérese marcada no v.18:

> Ao valle azul de uma poesia casta

2. adjetivo sublinhado no v.29: “O seu jasmíneo corpo em torno expira”; estudo do vocabulário parnasiano:

3. colocação do pronome sublinhada no v.35:

> Lhe ascendo, pelos raios da pupilla

P. 95:
Notas MA:
1. imagem sublinhada nos v.44-45:

> E é cada beijo seu, para os sedentos,
> Como um límpido copo de água fresca

2. verbo sublinhado no v.51: "Papeia, e, sem parar, arfa e moureja"; estudo do vocabulário parnasiano.

P.96:
Nota MA: cacófato sublinhado no v.70:

> Da tua filha, amigo, a debil aza

P.98:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v.123 "Turturinos, puríssimos e ledos..." e anotação do significado: "*Que turturinam/ Que arrulham"*, estudo do vocabulário parnasiano.

2. comentário na margem direita: *"Vide observação pg 91"*

3. acréscimo da letra "E" antes do v.128:

> *E* "tudo isso no nosso jaz occulto,"

P.99:
Nota MA: traço à margem esquerda dos v.139-144:

> Mas o heroe indomavel, se uma filha
> Tem, cujo olhar no fundo de su'alma,
> Como no fundo de um sacrario, brilha,
>
> Domado está, que a pequenina palma
> Da mão d'essa Dalila pequenina
> Lhe tolhe os pulsos e o furor lhe acalma.

*

P. 103
LIII – CLOTILDE (4 estrofes)

P. 103:
Nota MA: palavra sublinhada no v.14: "Ao meu plectro humilde, e, então,", estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.107
LVII – VULNUS (soneto)

P.107:
Notas MA:
1. expoente *(1)* no título, remetendo ao comentário no rodapé:

> Vulnus *(1)*

(1) R. Correa não escreve sonetos em alexandrinos. Este é uma excepção singularíssima

2. ideia sublinhada no v.1:

Com bons olhos, quem ama, em torno tudo vê

3. barra marcando escansão do alexandrino no v. 5:

Eu também attingi / esse supremo grau

4. conclusão sublinhada no v.14:

Amei: nem uma só de vós me comprehendeu!

*

P.109-111
LIX – PLENILUNIO (12 estrofes)

P.110:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v.21: "Exposta aos euros a fronte nua", estudo do vocabulário parnasiano.

2. imagem sublinhada no v.23:

Banhos de lua que fazem mal

*

P.112-114
LX – OS CIGANOS (6 estrofes)

P. 112:
Nota MA: palavra sublinhada no v.6: "Tres farrapados, míseros ciganos", estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.115
LXI – PELAGO INVISÍVEL (soneto)

P.115:
Notas MA:
1. ideia sublinhada nos v.3-4:

Ah! Ninguém vê, mas todo o mundo sente

Dentro, n'alma, um Atlantico infinito...

2. repetição sublinhada nos v. 7-8:

Verto ahi, muita vez, meu pranto ardente;
Muita vez, clamo; muita vez, medito...

3. palavra sublinhada no v. 9 "E elle, ora, inchado, estoira e arqueja e nuta" e anotação do significado: *"Oscilar, vacilar"*, estudo do vocabulário parnasiano.

*

P. 117-118
LXIII – TRES ESTANCIAS (3 estrofes)

P. 117:
Nota MA: título sublinhado:

Tres estancias

*

P.119
LXIV – MAL SECRETO (soneto)

P.119:
Nota MA: comentário na margem superior:

A ideia inteira dêste soneto pertence a Metastasio :/ "Se a ciascun l'interno affanno/ si leggesse in fronte scritto/ quanti mai che invidia fanno/ ci farebbero pietà! ..."/ Diz A. Amaral no seu discurso sobre Raimundo: "...com o/ Mal secreto, onde vemos duas quadrinhas inofensivas e/ sensatas, de um feitio pe-dagógico e fradesco, desenvolverem-se/ num soneto magistral, desdobrarem-se, irizarem-se, vibrarem/ como azas largas e fortes, na tormenta da vida, no esplendor e/ na volúpia da arte"

Se a colera que espuma, a dôr que mora
N'alma, e destróe cada illusão que nasce,
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse, o espirito que chora,
Vêr atravez da mascara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez, comsigo
Guarda um atroz, recondito inimigo,
Como invisivel chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja a ventura unica consiste
Em parecer aos outros venturosa!

Nota da pesquisa: MA marca a apropriação que Raimundo Correa fez da estrofe de "L'Apparenza", do poeta italiano Pietro Metastasio:

Se a ciascun l'interno affano
Se legesse in fronte scritto,
Quanti mai che invidia fanno,
Ci farebbero pietà!

Se vedria che i lor nemici
Hanno in seno; e si reduce
Nel parere a noi felice
Ogni lor felicità.

(Se se pudesse ler, escrita na fronte de cada um, a sua íntima aflição,
quantos, que ora nos causam inveja, nos despertariam piedade!

Ver-se-ia que eles levam no seio os seus próprios inimigos, e que toda a
sua felicidade consiste em nos parecer felizes).
FILHO, Cruz. *O soneto*. Rio de Janeiro: Ed. Elos, 1961

MA faz novamente referência à obra *Conferências, 1912-1913* (São Paulo: Off. Cardozo Filho & C., 1914; MA 869.904S678c 1912-3) da qual faz parte a palestra RAIMUNDO CORREA, de Amadeu Amaral. O trecho citado está à p.32 e não possui notas marginais.

*

P.120
LXV – HORACIO FLACCO (soneto)

P.120:
Nota MA: desfecho sublinhado nos v.12-14:

Dentro em ti mesmo, achares essa pura
Paz de espírito e essa intima alegria,
Que debalde entre os homens se procura

*

P. 121
LXVI – O MISANTHROPO (soneto)

P.121:

Nota MA: palavra sublinhada no v.6 “Vejo tanta dobrez, ludibrio tanto!” e anotação do significado: “*Falta de sinceridade, fingimento”*, estudo do vocabulário parnasiano.

*

P. 122-123
LXVII – TEMOR (2 estrofes)

P. 123:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v.14: “Emquanto a dôr sopita não desperta”, estudo do vocabulário parnasiano.

2. desfecho sublinhado no v. 22-24:

> Pois, por um só prazer, mesquinho e raro,
> A desventura cobra-se tão caro,
> Que aos tristes o menor prazer assusta!

*

P. 124
LXVIII – OS ARGONAUTAS (soneto)

P.124:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v.2 “Os gerifaltos vão... – em chusmas, audaciosos,” e anotação do significado: *“espécie de falcão”*, estudo do vocabulário parnasiano.

2. comentário no rodapé – estudo da sonoridade:

Segundo soneto em alexandrinos

*

P.127-129
LXXI – “BACCHO, QUANDO PEQUENO,” (2 estrofes)

P.127:
Nota MA: palavra sublinhada no v.2: “Pelo chorudo semi-deus Sileno”, estudo do vocabulário parnasiano.

P.128:
Nota MA: palavra sublinhada no v.43: “Bella cabeça pampinosa, ornada”, estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.135

LXXV – BANZO (soneto)

P.135:
Nota MA: termo sublinhado no v.3: "Collea, basilisco de ouro, ondeando", estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.139-141
LXXVIII – JOB (13 estrofes)

P.140:
Nota MA: palavra sublinhada no v.26 "Rôto andrajo, onde a lepra horrível que lhe prúe" e anotação do significado: "*Pruir o mesmo que prurir/ causar comichões",* estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.142
LXXIX – *** (soneto)

P.142:
Nota MA: título sublinhado:

"***"

*

P. 143-144
LXXX – NIRVANA (1 estrofe)

P. 143:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 15 "A pyramide, a saxea Esphinge, o Mausoleu" e anotação do significado: "*Que é feito de pedra",* estudo do vocabulário parnasiano.

P.144:
Nota MA: palavra sublinhada no v.38 "Absorve; e eil-o inda ao vacuo uivando famulento!" e anotação do significado: "*faminto",* estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.146-147
LXXXII – IMAGEM DA DOR (8 estrofes)

P. 147:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 22: "Nos céus sorri; e a mesma feral mão", estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.149-157
LXXXIV – HARMONIAS DE UMA NOITE DE VERÃO (diálogo)

P.150:
Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:

1. palavra sublinhada no v. 24 “E eu do throno das nevoas, do cimmério” e anotação do significado: *“Que esta em uma cimeira”*.

2. palavra sublinhada no v. 32: “Da lua crescentigera e chanfrada”.

P.150-151:
Nota MA: traço à margem esquerda dos v.34-60:

> O POETA
> “Em vão de trevas todo o espaço inundas!
> Povôam-no luciferos insectos;
> São terrestres estrellas vagabundas;
> São pequeninas lampadas errantes;
> São de um rôto collar de fogo, iriantes
> A'scuas soltas; são vividos e inquietos
> Carbunculos alados;
> São accesas saphiras; são diamantes
> Da grinalda dos sóes desengastados...
> Basta á minha pupilla
> O fanal d’essas almas luminosas;
> E eu, nas tuas entranhas tenebrosas,
> Como uma sonda os olhos aprofundo,
> — O' tectrica e tranquilla
> Noite!— e sinto em cada atomo invisivel
> Latejar novo, ardente e occulto mundo;
> E o idioma confuso,
> O hymno sem echo, o hosanna intraduzivel
> Do ser, o mais rudimentar, traduzo.
> Neste de trevas pavoroso oceano,
> Onde o espirito immerso,
> Se debate arquejante, escuto, ancioso,
> Toda a orchestra das vozes do Universo;
> Desde as dos astros musicas supernas,
> Até o psalmo obscuro e mysterioso,
> Que escapa, como um monstro diluviano,
> Pela estupida bocca das cavernas...

P.154:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v.121: “O anhelito de um anjo adormecido”, estudo do vocabulário parnasiano.

2. construção sublinhada nos v.123-124 “Insaciavel! Essa, que além vejo,/ Illusão fugitiva” e anotação na margem direita: “(*Notar como são frequentes/ estas construções no poeta)/Só nesta poesia umas/ três ou 4 vezes já”*

3. palavra sublinhada no v. 130: “Luz irisada, *(1)* acatasola e tinge”, estudo do vocabulário parnasiano: e expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:

(1) Catasol (le-se catassol) Cambiante

4. traço marcando contagem silábica no v.140:

Alma jamais contente! Alma de poeta!

P.155-156:
Nota MA: traço à margem esquerda dos v.172-177:

Cada illusão é como uma esperança
De um bem que tarda e que afinal se alcança,
De um bem, que, um dia, ha de afinal chegar ;
Emquanto este não chega e dura aquella,
Gósa-se mais com ella,
Do que com o proprio bem se ha de gosar.

P. 156:
Nota MA: correção no v. 196:

o “A’ mulher culta dás? Desdenha-te a mulher.”

P.157:
Nota MA:

1. Barra marcando diérese e expoente *(1)* no v.210, remetendo ao comentário no rodapé:

Po/eta *(1)*! Eu te reservo, alma que anceia e soffre,

(1) R. Correa canta indiferentemente poeta com um/ e dois pes

*

P.158-168
LXXXV – MEDITAÇÕES (55 estrofes)

P.158:
Nota MA: correção no v.7

ri “Toda irada ao sol; e, a perseguil-a”

P.159:

Notas MA:
1. palavra sublinhada no v.19: "Mas desse altar thuricremo esvahida", estudo do vocabulário parnasiano.

2. metáfora sublinhada no v.22-23, estudo do vocabulário parnasiano:

O meio-dia da existência é que arde,
Esplendido, e o combate pela vida

3. palavra sublinhada no v. 29: "Bulhando em turbilhões de lama e de ouro", estudo do vocabulário parnasiano.

P.160:
Nota MA: ideia sublinhada nos v.50-51:

Quem faz o vencedor, quem o vencido
Faz, és tu sempre, ó lei vital da Força!

P.161:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v. 63 "Cérceos, cortando braços e cabeças..." e anotação de significado*: "Que corta pela raiz"*, estudo do vocabulário parnasiano.

2. traço à margem dos v.72-75:

E é teu gladio mortifero, que gyra
No ar, em torno a estender rubra hecatombe;
Qual foge; qual resiste, até que tombe;
Qual tomba; qual, mordendo o solo, expira...

3. palavra sublinhada no v.77: "No chão, beijando as plantas que os sopeiam..." – estudo do vocabulário parnasiano.

4. construção sublinhada no v. 80:

Lei cruel! Dura lei! Quem, sobrehumano,

P.162:
Nota MA: palavra sublinhada no v.87"A fera é – carniçal, o homem – verdugo!", estudo do vocabulário parnasiano.

P. 163:
Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:

1. palavra sublinhada no v.120 "E a falcifera Peste assombra, fere" e anotação do significado: "*Armada de foice"*.

2. palavra sublinhada no v.127: "No bruno seio empedernido a terra!".

P.164:
Nota MA: palavra sublinhada no v.134 “A esta vegetação de almas refeces” e anotação de significado: *“Infame,miserável, que/ tem maus sentimentos”*, estudo do vocabulário parnasiano.

P.165:
Notas MA:
1. Sequência sublinhada no v. 159 “Mordendo-se, extorcendo-se, estoirando...” e anotação na margem direita: “*Vide abreviação pg. 91”*

Nota da pesquisa: MA refere-se à nota na p. 91:
(1) É curioso de notar-se a assiduidade com que R. Corrêa/ usa e abusa de uma serie de substantivos ou de adjetivos/ em um verso. E geralmente ele o faz no fim de sonetos/ ou de quadras. Vide páginas 87, 73, 61 (duas vezes), 27 etc./ Essa usança tornou-se tão comum nos poetas modernos/ principalmente em alguns que sonetos hão que se podem/ considerar como meras enumerações. Bilac, nos sonetos/ já conhecidos do seu novo livro “Tarde” abusa dessas/ enumerações não ~~nome~~ de substantivos só ou de adje-/tivos mas de frases.

2. palavras sublinhadas nos v.165: “— Lucivéu da razão, que a ennoita e cega—e v.167: “Rasga e enlameia a túnica inconsutil;” e anotação do significado do termo do v. 167: “*inteiriço, sem costuras”*, estudo do vocabulário parnasiano.

3. palavra sublinhada no v. 172: “Misto de pompas e farraparias”, estudo do vocabulário parnasiano.

4. interrogação ao final do v.175:

E desde o Pantheon às Gemonias... *?*

P.166:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v. 184 “Esgalracho tenaz, cujas raízes” e anotação do significado: *Graminia cujas raízes se distendem muito, danificando/ as sementeiras; diz-se também escalracho,* estudo do vocabulário parnasiano.

2. palavra sublinhada nos v.191 “Seu cíngulo de auroras arrebentam” e anotação de significado: *“cinta”*, estudo do vocabulário parnasiano.

3. construção sublinhada por traço duplo no v.200:

Ó sciencia do viver, como és amarga!

4. traço à margem esquerda dos v. 201-204:

Emigra o riso – esse hóspede constante
Da sua bocca – como o passarinho,
Que, abandonando o profano ninho,
Vae fazer outro ninho mais distante...

P.168:
Nota MA: comentário no rodapé:
A idéia, a imaginação não vulgar desta/ poesia é de uma grandíssima belêza e mesmo/ esta beleza seria inteiriça se não fora essa/ [ilegível] *tirada social de estopante mau gôsto.*

*

P.169
LXXXVI – LUBICUS ANGUIS (soneto)

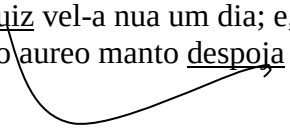
P. 169:
Nota MA: palavra sublinhada no v.5 "Mas a língua trisulca que na treva" e anotação de significado: *"Ou tribido; dividido em três*.", estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.170
LXXXVII – NUA E CRUA (soneto)

P.170:
Nota MA: sublinhada incompatibilidade dos tempos verbais nos v.3-4, destacados por um arco:

> Quiz vel-a nua um dia; e, ousadamente
> Do aureo manto despoja a divindade



*

P.171- 173
LXXXVIII – DESILLUDIDO (14 estrofes)

P.172:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v. 26: "Desgastaste na sciencia esteril; as manhans", estudo do vocabulário parnasiano.

2. ideia sublinhada nos v.31-32:

> Porque quizeste, emfim, para todas as cousas,
> Não como poeta já, mas como sábio, olhar?

P.173:
Notas MA:
1. traço à margem esquerda dos v.45-48:

Falta-te a crença que é, para uma alma sombria,
Como o ar para o som, como a luz para a côr!...
Nem um vislumbre tens dessa ingenua alegria,
Que é, na bocca – o sorriso, e que é, no ramo – a flôr!

2. ideia sublinhada nos v.55-56:

Perdendo as illusões, também perdeste a vida,
Pois deixar de illudir-se é deixar de viver!

*

P.175-176
XC – DEUS IMPASSIVEL (9 estrofes)

P.176:
Notas MA:
1. imagem sublinhada nos v.23-24:

Teu coração que – horrível cachoeira
De soluços e lagrymas – referve?!

2. acréscimo de vírgula no v. 32 :
"Acima, além , do ethereo azul ignoto,"

3. palavra sublinhada no v.33 "Do esparavel dos astros infinito" e anotação de significado: *"~~Docél~~ dossel*.", estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.177
XCI – VAE VICTIS (soneto)

P.177:
Nota MA: comparação sublinhada no v. 6:

A alma – esponja de lagrymas e fel –

*

P.178-181
XCII – DIALOGOS (2 partes)

P. 179:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 17 "Meus gonfalões de seda oscillam, triumphaes" e anotação de significado: "*bandeira"*, estudo do vocabulário parnasiano.

P.180:
Nota MA: palavra sublinhada no v.51 “Sob o infecundo sol, a inópia te consome” e anotação do significado *“penúria”*, estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.183-186
XCIV – FABORDÃO (17 estrofes)

P. 183:
Notas MA:
1. título sublinhado:

Fabordão

Nota da pesquisa: No poema “Inverno”, de *Há uma gota de sangue em cada poema*, MA fará uso deste vocábulo: “O vento rosna um fabordão...” (*Obra Imatura*. São Paulo: Martins, 1980, p. 19)

2. palavra sublinhada no v.13 “D’elle a suspeita vesana” e anotação de significado: *“Insensata – demente”*, estudo do vocabulário parnasiano.

P.184:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 28: “Dos chichisbéos que extasia”, estudo do vocabulário parnasiano.

P.185:
Nota MA: palavra sublinhada no v. 45: “E a boquejar em D. Anna”, estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.187-188
XCV – PAZ ENTRE OS HOMENS (5 estrofes)

P.188:
Nota MA: palavra sublinhada no v.18 “No doce phalansterio das colmeias” e anotação de significado: *“Habitação societária”*, estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.191-193
XCVII – HYMNO À CÓLERA (10 estrofes)

P.192:
Nota MA: palavras sublinhadas nos v.18, 30, estudo do vocabulário parnasiano: “Desencadeia e encarapella os mares!” (...) “O olhar accende e as cordoveias incha!”.

P.193:
Notas MA:
1. imagem sublinhada nos v.47-48:

> "Tombe, como Saul, amortalhado
> Na túnica real do próprio sangue!"

2. construção sublinhada nos v.50-51 e expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:

> Essa, cujo esplendor o offusca e cega,
> Colera horrenda *(1)*, embriaguez divina!

Como estamos longe do/ tempo d' "As pombas!".../ (1)Vide observação pg 154

Nota da pesquisa: o soneto "As pombas", de Raimundo Correa, foi publicado em 1879 no livro *Primeiros sonhos* (São Paulo: Typ. da tribuna liberal). MA não possui esse volume em sua coleção. A anotação ao fim do verso faz referência a nota da p. 154: "(*Notar como são frequentes/ estas construções no poeta)/Só nesta poesia umas/ três ou 4 vezes já"*

3. palavra sublinhada no v. 54 "Partindo-se-lhe a espada colubrina" e anotação de significado *"espada antiga de lamina sinuosa"*, estudo do vocabulário parnasiano:

*

P.194-196
XCVIII – A SOMBRA DA MORTE (8 estrofes)

P.194:
Nota MA: palavra sublinhada no v.10: "Ó céus! – depréca num soluço rouco", estudo do vocabulário parnasiano.

P.195:
Notas MA:
1. imagem sublinhada nos v.17-18:

> O que deplora e sente,
> Não é morrer, porém... deixar a Vida

2. palavras sublinhadas nos v. 26: "Não sou. Não sou o espectro que, ominoso" e v.32: "Em niveo toro, ambigua, aerea e vaga"; estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.197
XCIX – "ÓDIO E AMOR. EIS AS DUAS SENTINELLAS" (2 estrofes)

P.197:
Nota MA: traço à margem do texto:

> Odio e Amor. Eis as duas sentinellas
> Da minha vida. Quando, outr'ora, eu tive
> A alma povoada de illusões singellas,
> Morre !—dizia-me a primeira d'ellas ;
> Mas a segunda me dizia : – Vive !
>
> Hoje estão ambas mudas. Ah ! Se, um dia,
> Não me corresse as veias, como corre,
> Sangue honrado, mas lama e cobardia ;
> Vive ! — O Odio então, com jubilo diria;
> E o Amor a soluçar diria: – Morre !

*

P.198-200
C – ONDAS... (10 estrofes)

P.199:
Nota MA: palavras sublinhadas nos v. 28: "Despindo a crusta vil, onde" e v.32: "De gerifaltos voando"; estudo do vocabulário parnasiano.

P.200:
Nota MA: palavra sublinhada no v.50: "Vem já, decumana e altiva"; estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.202-203
CII – AMEN (6 estrofes)

P.203:
Nota MA: palavra sublinhada no v.13: "E a voz que hymnifera o abençoa", estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.205
CIV – HOROSCOPO

P.205:
Nota MA: comentário no rodapé:

Quão distantes estamos do tempo em que Raimundo/ escrevera "As Pombas"!...

*

P. 207-209
CVI – LODO E ESTRELLAS (12 estrofes)

P.207:
Nota MA: estudo do vocabulário parnasiano:
1. palavra sublinhada no v.2 "Sem macaréos, quieto, quieto" e anotação do significado: "*enchentes"*.
2. palavra sublinhada no v. 4 "Só venenosos tortulhos", e anotação do significado: *"cogumelos"*.
3. palavras sublinhadas no v.8: "Do carbúnculo e das febres".

P.208:
Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:
1. palavra sublinhada v. 14 "Vibriões, filhos da lama," e anotação do significado: *"Infusorios de/ movimento vibratorio"*.

2. palavra sublinhada no v 16: "Dos farroupas nauseabundos".

P.209:
Nota MA: palavra sublinhada no v.38 "Na escura e tabida vasa" e anotação do significado *"saniõso, pútrido"*, estudo do vocabulário parnasiano.

*

P.210
CVII – "JUNCTO A ESTA CRUZ OS OSSOS DUM ASCETA" (soneto)

P.210:
Nota MA: barras marcando escansão do v.8 "Dani|el, da caverna dos le/ões"e comentário na margem direita: *"Mau verso para um par/nasiano!"*

*

P.211
CVIII – "NADA! ESTA SÓ PALAVRA EM SI RESUME TUDO" (2 estrofes)

P. 211:
Notas MA:
1. palavra sublinhada no v.3: "Obras de que é a traça o bibliognosta *(1)* mudo" e expoente *(1)*, remetendo à definição no rodapé:

(1) Que/ conhece acima de tudo os livros/ (3585)

LEONI, Raul de. Bibl MA: [A/II/a/72]
Luz mediterranea. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1911.
[Poesia] IEB: MA 869.9149M5393m

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernação em papel-cartão, 21x15 cm.

P. 17-28
ODE A UM POETA MORTO (26 estrofes)

P. 23:
Nota MA: termo inadequado sublinhado no v. 94 e expoente (1) remetendo ao comentário no rodapé – estudo do vocabulário:

> E é uma expressão da patria e o evangelho de todos. *(1)*
>
> *(1) O preconceito helenico inda continua no/ poeta. A bíblia e os judeus só lhe dão os seis/ versos mediocres da estancia anterior. Notar/ que veio porém a associação botar a palavra/ "evangelho" aqui na Grécia...*

P. 24:
Nota MA: comentário na margem dos v. 121-126:

	Mais tarde, já na idade alexandrina,
	De novo, a terra hellenica conquistas,
Volta a	E, poeta ironico e brando,
Grecia	No tom fresco e loução dos idyllistas,
	Passas cantando
	As canções que Theocrito te ensina.

P. 25:
Nota MA: sublinhado par substantivo-adjetivo no v. 137 e comentário na margem:

> Com o teu coração de poeta helleno. *ainda Grecia*

P. 26:
Notas MA:

1. comentário sob o v. 157:

> É todo um povo amavel que se anima
> E que a amar e a sorrir, da alvorada ao sol posto,
> Faz da Vida uma obra-prima
> De sensibilidade e de bom gôsto...

(muito preconceito. Muita falsificação/ poetica nisto tudo.)

2. palavra sublinhada no v. 161 e comentário na margem:

Grecia Da Grecia, emergem fulgidas e nuas!

P. 27:
Nota MA: expoente (1) no v. 195, remetendo ao comentário no rodapé:

Que a vida é um sentimento esplendido e profundo! (1)

(1) Isto é que é absolutamente falso. O que/ se viu da vida nas estancias anteriores é/ pura boniteza de luxo. Nenhuma dor. Ne-/ nhum sacrificio. Ausencia de povo.

P. 28:
Notas MA:

1. chave selecionando os v. 198-206 e exclamação de ironia na margem:

! Seja onde fôr se pode comprehendel-as,
Porque, sem fim, sem patria e sem limite,
Têm no conceito eterno da alma humana
A universalidade das estrellas.
Si a Humanidade fosse feita dellas,
Na duvida em que não cabe
E em que se estreita,
Talvez não fosse mais feliz, quem sabe!
– Mas seria mais bella e mais perfeita...

2. chave selecionando os v. 212-214 e interrogação de ironia na margem:

? Que o sentido da Vida e o seu arcano,
É a immensa aspiração de ser divino,
No supremo prazer de ser humano!

*

P. 29 – 171
LUZ MEDITERRÂNEA

P. 31-40
PÓRTICO (21 estrofes)

P. 39:
Nota MA: afirmação sublinhada no v.140 e expoente (1) remetendo ao comentário no rodapé:

Revendo-se num seculo submerso,
Meu pensamento, sempre muito humano, *(1)*
É uma cidade grega decadente,
Do tempo de Luciano,
Que, gloriosa e serena,
Sorrindo da palavra nazarena,
Foi desapparecendo lentamente,
No mais suave crepusculo das cousas...

(1) Isto não me parece absolutamente.

*

P. 41-46
FLORENÇA (11 estrofes)

P. 44:
Nota MA: palavra inserida para completar v.15:

Longe onde a nevoa azul se dilui sobre as *linhas*
Amaveis das collinas,

*

P. 49-55
NOCTURNO (17 estrofes)

P. 51:
Nota MA: personificação destacada por traço duplo nos v.3-4 e expoente (1) remetendo ao comentário no rodapé:

Os pinheiros pensavam cousas longas || *(1)*
Nas alturas dormentes e desertas...

(1) A imagem é bonita mas custou um/ bocado aparecer pra mim. Porquê imaginei/ nos pinheirais brasileiros e não nos europeus...

P. 53-54:
Notas MA:

1. correção tipográfica no v. 37:

   No parque antigo, a noite era affectuosa e mensa, / *a*

2. colchete na margem dos v. 54-64 e expoente (1) remetendo ao comentário no rodapé:

Que começou a historia atormentada
Da minha alma, curiosa dos abysmos,
Inquieta da existencia e doente do Além...
Filha da maldicção do Archanjo rebellado...

Sim, que foi nessa noite, não me engano,
– Noite que nunca mais esquecerei –
Que – a alma ainda em chrysalida, – velando
No minarete do solar paterno,
Deante da noite azul – eu senti e pensei
O meu primeiro soffrimento humano
E o meu primeiro pensamento eterno... *(1)*

(1) Isto é muito importante depois das/ poesias anteriores que talvez não passem/ duma evasão pra falsificações concilia/torias e descansantes.

3. colchete na margem dos v.65-68 e comentário na margem:

Primeira Manifesta-ção humana do livro

Como fora do Tempo e além do Espaço,
Ser sem principio, espírito sem fim,
Soffria toda a humanidade em mim,
Nessa contemplação imponderavel!

P. 55:
Nota MA: colchete na margem dos v. 87-92 e comentário na margem:

Foi nessa noite antiga
Que se desencantou para a vertigem
A suave virgindade do meu ser!

Já a lua transmontava as cordilheiras...
Cães ladravam ao longe, em sobressalto;
No pátio das mansões, na granja das herdades,
O cântico dos galos estalava,

lindo. Alias As 3 es-tancias finais

Desoladoramente pelos ares,
Acordando as distâncias esquecidas...

E, então, num silencioso desencanto,
Eu fui adormecendo lentamente,
Enquanto
Pela fria fluidez azul do espaço eterno
Em reticências trêmulas, sorria
A ironia longínqua das estrelas...

GONÇALVEZ, Ricardo. Bibl MA: [retirado]
Ipês. São Paulo: Monteiro Lobato e Cia, 1921.

[Poesia] Araraquara: Sala Pio Lourenço Corrêa

Coleção MA, BPM – Araraquara.

Encadernado em papel-cartão, 21x15 cm.

Sem Notas MA

CARVALHO, Vicente de Bibl. MA [A/II/c/38]
Poemas e canções. 3ª. Edição aumentada. São Paulo: O Pensamento, 1917.
[Poesia]

IEB: MA 8699149C3295p

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernado em marroquim preto, 21x15 cm.

P.V-XXII
Prefácio "Antes dos versos", por Euclides da Cunha; Rio de Janeiro, 30 de Setembro de 1908.

P. de anterrosto:
Desenho de vinheta: losango em torno do título do livro.

Verso p. das epígrafes, não numerada: pequeno arabesco à direta.

P. 1-7
VELHO TEMA

P.1:
PARTE I (soneto)

Notas MA:
1. Rima intercalada sublinhada nos v.1-2; estudo da sonoridade:

> "Só a leve esperança, em toda a vida,
> Disfarça a pena de viver, mais nada;
> Nem é mais a eziestencia, rezumida,
> Que uma grande esperança malograda."

2. Rima intercalada sublinhada nos v.9-10 e expoente *(1)*, remetendo ao comentário na margem superior:

> "Essa felicidade que supomos, *(1)*
> Arvore milagroza que sonhamos
> Toda arreada de dourados pomos"

"(1)Aqui, tem-se a visão de que o poeta, com notar a concordancia defeituosa das rimas/ dos quartetos, repeliu-a nos tercetos para que/ se a imagine propositada. Mas as rimas/ continuaram de ser defeituosas, sem to-/ davia empecer a beleza sobrenatural do poema."

3. Expoente *(2)* no v.14, remetendo ao comentário na margem superior:

"E nunca a pomos onde nós estamos" *(2)*

"(2) Disse Julia Lopes de Almeida que "/para adorar esse soneto basta ter gôsto/ e intuição artística."

Nota da pesquisa: o trecho citado está em "Dois dedos de proza", de Julia Lopes de Almeida, integrado ao Apêndice da 2ª edição de *Poemas e Canções*, de Vicente de Carvalho (Porto: Livraria Ohardron, 1909, p. 221-223). Artigo publicado no periódico carioca *O Paiz*, a. 25, nº 8825,em 1º de dezembro de 1908, p.1. Não há títulos de Julia Lopes de Almeida na biblioteca de MA no patrimônio do IEB-USP.

*

P. 2:
PARTE II (soneto)

Notas MA:

1. Sublinhada a paródia do v. 1 do soneto de Camões "Eu cantarei de amor tão docemente"; expoente *(1)*, remetendo ao comentário na margem:

"Eu cantarei de amor tão fortemente *(1)*"

"(1) Vicente esculpa-se no fim do livro, em/ nota apensa, do apropriar-se do verso de/ Camões; e pune-se do delito transcrevendo/ o soneto célebre... Mas para os poetas/ da envergadura do A não ha tal precisão/ de muletas. Bastassem-lhe as pernas/ válidas."

Nota da pesquisa: o soneto "Eu cantarei de amor tão docemente", de Camões, está à p. 186-187 das *Obras Completas de Luis de Camões – Volume I: Redondilhas e sonetos* (Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1946), com prefácio e notas do Prof. Hernani Cidade.

*

P.3:
PARTE III (soneto)

Notas MA:

1. Traço à margem esquerda dos v. 1-8:

> "Belas, airozas, palidas, altivas,
> Como tu mesma, outras mulheres vejo:
> São rainhas, e segue-as num cortejo
> Estensa multidão de almas cativas.
>
> "Têm a alvura do marmore; lascivas
> Fórmas; os labios feitos para o beijo;
> E indiferente e desdenhozo as vejo
> Belas, airozas, palidas, altivas..."

2. Métrica sublinhada e seguida de barra no v.11, estudo da sonoridade:

"Um detalhe/ sutil, um quase nada:"

*

P.4:
PARTE IV (soneto)

Notas MA:
1. Supressão da cacofonia causada pelo artigo "a" no v.11; estudo da sonoridade:

"Toda ~~a~~ esperança de alcançar-vos nego."

2. Correção por meio do acréscimo de vírgulas no v. 13; sublinha criando ênfase:

"Conto-lhe o mal que vejo, e ele , que é cego ,"

*

P.5:
PARTE V (soneto)

Nota MA: Comentário na margem superior:
"A forma destes admiraveis sonetos – sem/ que se recomende por castiça e intemerata – traz consigo um dos mais fortes encan-/tos de tais versos. A idea ressalta pura/ e limpa, sem brocados custosos e rendilhados,/ que as vezes por ventura mais imitam/ andrajos que brocados. Antes, reveste-se ela/ do puro brial de seda branca; e é mais/ bela assim."

*

P. 6-7:
PARTE VI (4 estrofes)

Notas MA:
1. Decassílabo sublinhado no v.12; traço duplo sob as sílabas 4ª. e 7ª. tônicas, estudo da sonoridade; expoente *(1)*, remetendo ao comentário na margem superior:

"O teu mesquinho, o teu unico bem" *(1)*

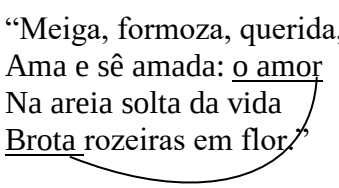
"*(1) Aqui V. acentua o verso nas 4ª e 7ª sila-/bas, a não ser que se queira acentuar desmesuradamente o segundo teu, des-/locando a acentuação natural da/ frase. Concordo porem com o verso do A., nem sou daquelles que reconhecem/ apenas os ritmos preestabelecidos por/ larga usança, senão creio que ha, e deve/ procurar-se, ritmos novos ou em desuso, susceptíveis de trazer maior variedade e/ um novo esplendor á arte dos versos."*

*

P. 9-10:

MENINA E MOÇA (8 estrofes)

P. 10:
Nota MA: sujeito e verbo sublinhados e ligados por traço nos v. 18 e 20:



"Meiga, formoza, querida,
Ama e sê amada: o amor
Na areia solta da vida
Brota rozeiras em flor."

*

P.11-14:
PEQUENINO MORTO (12 estrofes)

"Tanje o sino, tanje, numa voz de chôro,
Numa voz de chôro... tão desconsolado...
No caixão dourado, como em berço de ouro,
Pequenino, levam-te dormindo... Acorda!
Olha que te levam para o mesmo lado
De onde o sino tanje numa voz de chôro...
Pequenino, acorda!"

P.11:
Nota MA: Comentário na margem superior:
"No "Pequenino morto" descortina-se uma nova/ faceta do lirismo de Vicente. A piedade e o amor/ paternal que promanam desta sublime elegia/ são novos no estro do A. O amor em Vicente/ nunca é sentidamente apaixonado ou mistura-/do de adoração, ha mesmo quasi sempre nele/ como que um leve fundo de ironia ou scepticismo./ Outras vezes é panteísta. E com que arte ele/ escolhe o ritmo e distribue a decadência destas/ ~~rimas~~ palavras repetidas! É uma obra-prima inconfun-/dível."

P. 13:
Notas MA:
1. Métrica sublinhada no v.44 e expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:

"Tu|a mãi!... Num éco de sua voz piedoza, " *(1)*

"(1) Num mesmo verso V. conta o ~~possessivo/~~ ora com uma, ora com duas sílabas, o que/ não poderá dizer-se que seja a própria arte"

P.14:
Nota MA: Comentário no rodapé:
"Alfredo de Carvalho diz que V. no "Pequenino/ Morto" tem a piedade meiga do Guerra Junqueiro/ d'Os simples. Não sei porque evocar Junqueiro, com/ seus ritmos de castanhola e tan-tans, arte ante esta/arte toda nova e elegíaca, tam diversa da do/ poeta português. A simpleza de V. é outra si ambos foram movidos pela piedade, quasi /

diversa é a piedade destes versos religiosos da/ piedade enfaticamente realista de Junqueiro!"

Nota da pesquisa: A crítica por Alfredo de Carvalho, "Poemas e canções de Vicente de Carvalho", está às p. 251-256 do livro, acompanhada de nota indicativa da primeira publicação do texto no *Jornal do Recife*, em 1908.

Na biblioteca de MA estão, de Alfredo de Carvalho, *Toponymia pernambucana*. Recife: Imprensa Official, 1931 (MA 918.1224M528t); *Aventuras e aventureiros no Brasil*. Rio de Janeiro: Paulo, Pongetti & c, 1929 (MA 981C329a); *Bibliotheca exótico-brasileira*. Rio de janeiro: Pongetti, 1920-1930 (MA r016.981C329b v. 1-4). Não se acha, contudo, a *Bio-biografia de Vicente de Carvalho*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional/ Academia Brasileira de Letras, 1943, escrita com Afonso de Carvalho e Maria da Conceição Carvalho.

*

P. 15-22:
SUJESTÕES DO CREPUSCULO

P.15-16
PARTE I (5 estrofes)

P.15:
Notas MA:

1. Aliteração sublinhada e circulada no v. 8, estudo da sonoridade; expoente *(1)* no v.7, remetendo ao comentário no rodapé:

   "Aumenta, alastra e dece pelas
   Rampas dos morros, pouco a pouco,
   O ermo de sombra, vago e |ôco, *(1)*
   Do céu sem sol e sem estrelas."

"Vicente é um pouco desleixado, e é preciso/ que se o inculpe por isso. Muitos dos seus/ versos são frouxos – e o casticismo por vezes/ periclita."

*

P.17-18
PARTE II (8 estrofes)

P.18 :
Notas MA:

1. Traço à margem esquerda dos v.13-16:

> "Torvo gigante repelido
> Numa paixão lasciva e louca,
> É todo fúria: em sua boca
> Blasfema a dôr, mora o rujido."

2. Período sublinhado no v.17:

"Sonha a nudez: brutal e impuro,"

3.Comentário no rodapé:
É de notar-se a beleza sublime dêstes versos e/ dos que seguem. Nunca V. se acha tam lírico/ e admirável que quando fala do mar.

*

P. 19-20:
PARTE III (7 estrofes)

P. 19:
Nota MA: barra marcando escansão do v. 6, estudo da sonoridade:

"Varrendo a noute, enchendo o | ar,"

P.20:
Notas MA:

1. Traço à margem esquerda dos v.17-20:

"De quando em quando, um tenue risco
De chama vem, da sombra em meio...
E o mar recebe em pleno seio
A cutilada de um corisco."

2. Traço à margem esquerda dos v.25-28:

"Donas do campo, as ondas rujem;
E o monstro impando de ouzadia,
Pragueja, insulta, desafia
O céu, cuspindo-lhe a salsujem."

*

P. 23-25
A ARTE DE AMAR (6 estrofes)

P.25:
Nota MA: Comentário no rodapé:
Nota-se que nos versos mais modernos/ V. acendra cada vez mais sua ironia e/ scepticismo. Em livros como o "Poemas e Canções"/ tam cheios de exaltado entusiasmo e rara beleza,/ trechos como êste são defeitos.

*

P. 27-45
A VOZ DO SINO

P. 27-34:
PARTE I (estrofes)

P.27:
Notas MA:

1. Aliteração sublinhada no v.2; estudo da sonoridade:

   "De vila de beira-mar:"

2. Barra marcando a escansão do v.6, estudo da sonoridade:

   "De uns restos de sol po|ente;"

3. Alteração da pontuação nos v. 8-9:

   "– Do morro a que fica rente –
   Dece uma sombra tranquila ~~,~~ "

P.28:
Notas MA:

1. Correção: barra cortando vírgula no v.21; expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:

   "Como que/ interrompida, *(1)*"

"*(1) Os versos frouxos e até incorretos aparecem"*

P.29:
Notas MA:

1. Barra marcando escansão no v.25 e expoente *(1)*, remetendo ao comentário na margem superior:

   "Vi|olentamente o ar:" *(1)*

"(1) Realmente o A permite-se nos seus últimos poemas versos tãm frouxos e/ mancos, que de muita culpa grave/ se faz seu."

P.32:
Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v.84, estudo do vocabulário parnasiano e expoente *(1)*, remetendo à definição no rodapé:

   "Quem? Algum camaroeiro *(1)*"

"(1) O que pesca camarões"

2. Expoente *(2)* no v.86, remetendo à definição no rodapé:

"A seguir para o pesqueiro? *(2)*"

"(2) Lugar habitual de peixes"

P.33:
Notas MA:

1. Lusitanismo sublinhado no v. 90:

"Vai a maré a vazar"

2. Barra marcando escansão e acréscimo de interrogação no v.96:

"Com o remo e o puçá *?* no |hombro"

*

P. 35-45
PARTE II (35 estrofes)

P.37:
Notas MA:

1. Traço à margem esquerda dos v.53-54 e expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:

> "A primeira Ave, Maria
> Quem a rezou foi Jesus. *(1)*"

(1) Este trecho é sublime, desta aliás lin-/díssima poesia. Mas a beleza da inspira-/ção alia-se a segurança dos versos firmes,/ cheios, simples mas perfeitos.

P.41:
Nota MA: traço à margem esquerda dos v.97-107:

> "Errei, confesso-o... Perdoa,
> Ó sino humilde da vila,
> Que assim badalas, badalas,
> Na paz da tarde tranquila;
> Ó sino, que também rezas,
> Ó sino, que tanto falas
> Á terra, toda asperezas,
> Como ao céu, todo luar,
> Chamando, com o mesmo zelo
> Cada infeliz – a rezar,
> Nossa Senhora – a atendel-o."

P.45-46:
Nota MA: comentário no rodapé:
Nota-se ainda a mão que traçou/ as "Sugestões do luar" e inda outras/ estrofes em redondilhas das mais/ belas e cantantes da lingua. Mas a/ mão envelheceu e a pena já não/ distila só luz. Nesta linda composi-/ção, dum ideal tam lírico, tam/ profundamente piedoso, ha descaidas/ de imaginação e principalmente na/ factura dos versos, que a enfeiam/ sobremaneira. - /á pag 30 o quarto verso é todo condenável/ "De ramagens, folhas, flores" alem de/ ser desagradavel de dizer-se, é duma/ abundância desnecessária. Aqui, rama-/gens e fôlhas são uma redundância/ ~~de~~ apenas permissível em versos de/ primeiro facto. Uma segunda leitura/ atenta bastaria para o poeta expurgar/ o poema do aleijão. Não é preciso ser/ grande para corrigir-se: "De ramagens e/ flores" ou o que valha.

–

"Esperta-~~me~~ êste dorminhoco;
Que ou êle acordando, abala,
Ou fica dormindo – pg 31

Quem tal diria? É verdade a há La Palisse alem da aspereza do primeiro dos/ versos "... porta este dor"/- / E outros senões ha que com um pouco/ de mais trabalho Vicente expulsaria/ dos seus versos, sem com tais nodoas/ envelhecer a mocidade eterna dos/ seus "Poemas e Canções". A concepção/ e a inspiração desta magnifica poesia/ valem, por si, um trono.

*

P. 47-66:
FUJINDO AO CATIVEIRO

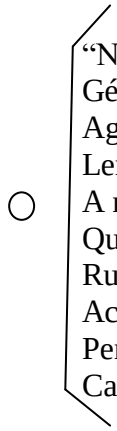
P. 47-51:
PARTE I (16 estrofes)

P. 47:
Nota MA: círculo e traço à margem esquerda dos v. 1-9:

○ "Horas mortas. Inverno. Em plena mata. Em plena
Serra do Mar.
Em cima, ao lonje, alta e serena,
A ampla curva do céu das noutes de geada:
Como a palpitação vagamente azulada
De uma poeira de estrelas...

Negra, imensa, disforme,
Enegrecendo a noute, a desdobrar-se pelas
Amplidões do horizonte, a cordilheira dorme."

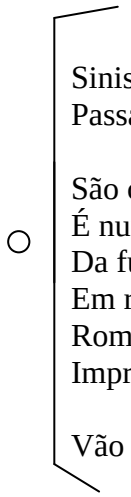
P. 49:
Nota MA: círculo e traço à margem esquerda dos v. 52-61:



"Na confuzão da noute, a confuzão do mato
Géra alucinações de um pavor insensato,
Aguça o ouvido ansiozo e a vizão quase estinta:
Lembra - e talvez abafe - urros de onça faminta
A mal ouvida voz da tremula cascata
Que salta e foge e vai rolando aguas de prata.
Rujem sinistramente as moutas sussurrantes.
Acoutam-se traições de abismo numa alfombra.
Penedos traçam no ar figuras de gigantes.
Cada ruido ameaça, e cada vulto assombra.

P. 50:
Notas MA:

1. Círculo e traço à margem esquerda dos v. 62-71:

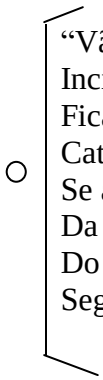


"Uns tardos caminhantes
Sinistros, meio nús, esboçados na sombra,
Passam, como vizões vagas de um pezadelo. . .

São cativos fujindo ao cativeiro. O bando
É numerozo. Vêm de lonje, no atropelo
Da fuga perseguida e cançada. Hezitando,
Em recúos de susto e avançadas afoutas,
Rompendo o mato e a noute, investindo as ladeiras,
Improvizam o rumo ao acazo das moutas.

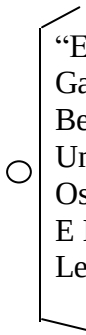
Vão arrastando os pés chagados de frieiras..."

2. Círculo e traço à margem esquerda dos v. 58-66:



"Vão andrajozos, vão famintos, vão morrendo.
Incita-os o terror, alenta-os a esperança:
Fica-lhes para traz, para lonje, o tremendo
Cativeiro... E atravez desses grotões por onde
Se arrastam, do sertão que os esmaga e os esconde,
Da vasta escuridão que os cega e que os ampara,
Do mato que obsta e apaga os seus passos furtivos,
Seguem, almas de hebreus, rumo do Jabaquara
- A Canaan dos cativos."

P.51-52:
Notas MA:
1. Círculo e traço à margem esquerda dos v. 79-86 e expoente *(1)* no v. 86, remetendo ao comentário no rodapé:



"E a longa fila segue: a passo, vagaroza,
Galga de fraga em fraga a montanha fragoza,
Bem mais fragoza, bem mais alta que o Calvario...
Um, tropeçando, arrima o pai octojenario:
Os mais valentes dão apoio aos mais franzinos;
E Mãis, a agonizar de fome e de cançaço,
Levam com o coração mais do que com o braço
Os filhos pequeninos: " *(1)*

Este principio do "Fujindo ao cativeiro" é sem dúvida/ um dos trechos mais perfeitos de poesia na/ língua portuguesa, não se lê uma descrição de/ mata, penetra-se na própria mata. O verso tor-/ na-se elastico, alastra-se; despenha-se, imita,/ sugestiona, e a ferocidade desta selva avulta-se/ à musica dum tal versejar. É de notar-se a/ multiplicação dos versos entrozados que atingem/ aqui poreventura uma mais alta perfeição que/ em Alberto, que dentre os nossos parnasianos fez/ dêles maior uso. É perfeito e é sublime./ (1) Antonio Correa de Oliveira diz à pg. 68 do seu livro/ "Parábolas" 1905: "Uma pobre mãe levando" vide pg seguinte/ "pela mão/ "o filho que, pelo amor,/"levava em seu coração.

Nota da pesquisa: MA marca a apropriação: refere-se aos versos 26-31 do poema "Menino-Deus", p. 68, do livro *Parábolas*, de Antonio Corrêa de Oliveira (Lisboa: Ferreira & Oliveira, 1905 – IEB: MA 869.169 O481p), obra na biblioteca de MA. À p.68 estão estas Notas MA: 1.Traço à margem esquerda dos versos citados e 2. Comentário no rodapé: *(1) V. de Carvalho (Fugindo ao cativeiro).*

*

P. 52-55
PARTE II (15 estrofes)

P. 52:
Nota MA: círculos à margem dos v. 87-96:

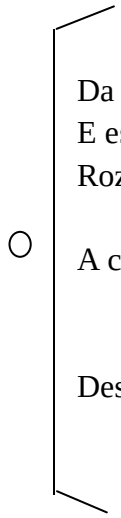
"Eil-o, por fim, o termo dezejado
Da subida: a montanha avulta e crece
De um vale escuro ao ceu todo estrelado;
E o seu cume de subito aparece
De um resplendor de estrelas aureolado.

Mas ai! Tão lonje ainda! ... E de permeio
A vastidão da sombra sem caminhos,
Um fundo vale, tenebrozo e feio,
E o mato, o mato das barrocas, cheio
De fantasmas, de estrepitos, de espinhos."

*

P.56-60
PARTE III (16 estrofes)

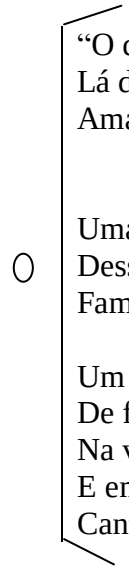
P. 56:
Nota MA: círculo e traço à margem esquerda dos v.162-171:



"Aponta a madrugada:
Da turva noute esgarça o humido veu,
E espraia-se rizonha, alvoroçada,
Rozando os morros e dourando o ceu.

A caravana tropega e ancioza
Chega ao tope da Serra...
O olhar dos fujitivos
Descança emfim na terra milagroza
Na abençoada terra
Onde não ha cativos."

P. 57:
Nota MA: círculo e traço à margem esquerda dos v.180-191:

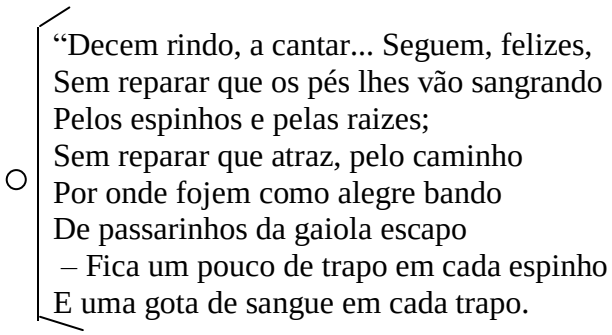


"O dia de ser livre, tão sonhado
Lá do fundo do escuro cativeiro,
Amanhece por fim, leve e dourado,
Enchendo o ceu inteiro.

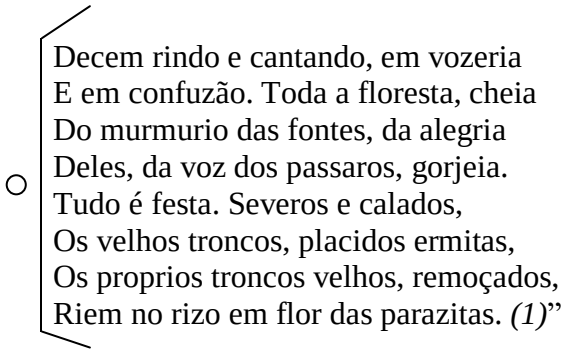
Uma esplozão de jubilo rebenta
Desses peitos que arquejam, dessas bocas
Famintas, dessa turba macilenta:

Um borborinho de palavras loucas,
De frazes soltas que ninguém escuta
Na vasta solidão se ergue e se espalha,
E em pleno seio da floresta bruta
Canta vitoria a meio da batalha."

P. 59:
Nota MA:
1. Círculo e traço à margem esquerda dos v. 224-239 e expoente *(1)*, remetendo ao comentário no rodapé:



"Decem rindo, a cantar... Seguem, felizes,
Sem reparar que os pés lhes vão sangrando
Pelos espinhos e pelas raizes;
Sem reparar que atraz, pelo caminho
Por onde fojem como alegre bando
De passarinhos da gaiola escapo
– Fica um pouco de trapo em cada espinho
E uma gota de sangue em cada trapo.



Decem rindo e cantando, em vozeria
E em confuzão. Toda a floresta, cheia
Do murmurio das fontes, da alegria
Deles, da voz dos passaros, gorjeia.
Tudo é festa. Severos e calados,
Os velhos troncos, placidos ermitas,
Os proprios troncos velhos, remoçados,
Riem no rizo em flor das parazitas. *(1)*"

"*O Terre!/ L´homme est ton dernier né ; dans les fleurs tu lui ris*"*/ S. Prudhomme/ Sonnet sur le Tremblement de Terre de C.*

Nota da pesquisa: MA refere-se ao *Sonnet sur le Tremblement de Terre de Casamicciola*, do paransiano francês Sully de Prudhomme, que está à p.78 de *Poésies Vol. 5 (1879-1888)* Obra na Biblioteca Municipal de Araraquara, enviada por MA à cidade, na década de 1940, junto de outros 600 livros sob a forma de doação. Não há notas neste texto:

"Quelle estime fais-tu de ton chef-d'oeuvre, o Terre?
L'homme est ton dernier né; dans les fleurs tu lui ris,
De tes sucs les meilleurs longtemps tu le nourris,
Et tu filtres tes eaux pour qu'il s'y désaltère;

"Puis, pendant qu'il se fie à ton sein tutélaire,
L'écrasant tout à coup, brute sourde à ses cris,
Tu changes pour ton fils en tombeau ses abris,
Ta douceur prévoyante en aveugle colère.

"Quand tu jettes ce traître et cruel désarroi
Dans les travaux savants de sa main créatrice,
Sans craindre que l'artiste avec l'oeuvre périsse,

"Lui veux te rappeler par un subit effroi
Qu'il reste par faveur une fière nourrice
Dont, malgré son génie, il n'est jamais le roi ?"

*

P.61-66:
PARTE IV(30 estrofes)

P. 61-62:
Nota MA: círculo e traço à margem esquerda dos v.260-296:

"De repente, como um agouro e uma ameaça,
Um alarido de vozes estranhas passa
Na rajada do vento...
Estacam.
Como um bando
De ariscos caitetús farejando a matilha,
Imoveis, alongado o pescoço, arquejando,
Preza a respiração, o olhar em fogo, em rilha
Os dentes, dilatada a narina, cheirando
A arajem, escutando o silencio, espreitando
A solidão; assim, num alarma instintivo,
Estaca e põe-se álerta o bando fujitivo.

Nova rajada vem, novo alarido passa...

Como, topando o rastro inda fresco da caça,
Uiva a matilha enquanto inquire o chão agreste,
E de repente, em furia, alvoroçada investe
E vai correndo e vai latindo de mistura;
Rosna ao dar-lhes na pista a escolta que os procura,
E morro abaixo vem ladrando-lhes no encalço.

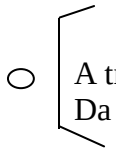
Grita e avança em triunfo a soldadesca ufana.

E os frangalhos ao vento, em sangue o pé descalço,
Alcateia uzurpando a fórma e a face humana,
Almas em desespero arfando em corpos gastos,
Mãis aflitas levando os filhinhos de rastos,
Homens com o duro rosto em lagrimas, velhinhos
Esfarrapando as mãos a tactear nos espinhos;
Toda essa aluvião de caça perseguida
Por um clamor de furia e um tropel de batida,
Foje... Rompendo o mato e rolando a montanha,
Foje... E, moutas a dentro e barrocaes a fóra,
Arrasta-se, tropeça, esbarra, se emaranha,
Arqueja, hezita, afrouxa, e desanima, e chora...

Páram.

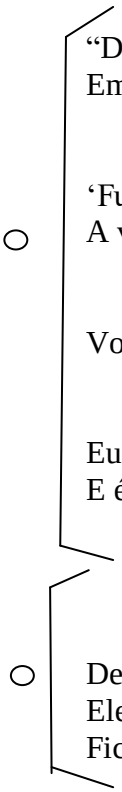
Perto, bramindo, a escolta o passo estuga.
Os fujitivos, nesse aproximar da escolta
Sentem que vai chegando o epilogo da fuga:
A gargalheira, a aljema, as angustias da volta..."

P. 63:
Nota MA: círculo e traço à margem esquerda dos v.312-314:



"Agrupam-se, vencidos,
A tremer, escutando o tropel e os rujidos
Da escolta cada vez mais em furia e mais perto."

P.63-64 :
Nota MA: círculo e traço à margem esquerda dos v.318-333:



"Destaca-se do grupo um fujitivo. Lança
Em torno um longo olhar tranquilo, de esperança,
E diz aos companheiros:

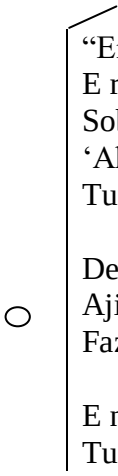
'Fuji, correi, saltai pelos despenhadeiros;
A varzea está lá em baixo, o Jabaquara é perto...
Deixai-me aqui sosinho.
Eu vou morrer, de certo...
Vou morrer combatendo e trancando o caminho.

A morte assim me agrada:
Eu tinha de voltar p'ra conservar-me vivo...
E é melhor acabar na ponta de uma espada

Do que viver cativo'.

E emquanto a caravana
Desanda pelo morro atropeladamente,
Ele, torvo, figura humilde e soberana,
Fica, e a pé firme espera o inimigo iminente."

P.65-66 :
Nota MA: círculo e traço à margem esquerda dos v.345-375:



"Erguendo o braço, ele ergue a fouce: a fouce volta,
E rola sobre a terra uma cabeça solta.
Sobre ele vem cruzar-se o gume das espadas...
'Ah, prendel-o, jamais!' respondem as fouçadas
Turbilhonando no ar, e ferindo, e matando.

De lado a lado o sangue espirra a jorros... Ele,
Ajil, possante, ouzado, heroico, formidando,
Faz frente: um contra dez, defende-se e repele.

E não se entrega, e não recúa, e não fraqueja.
Tudo nele, alma e corpo ajustados, peleja:

O braço luta, o olhar ameaça e desafia,
A corajem reziste, a ajilidade vence.

E, coriscando no ar, a fouce rodopia.

Afinal um soldado, ebrio de covardia,
Recúa; vai fujir... Recúa mais; detem-se:
Fóra da luta, sente o gosto da chacina;
E vagarozamente alçando a carabina,
Viza, desfecha.

O negro abrira um passo á frente,
Erguêra a fouce, armava um golpe...

○ De repente
Estremece-lhe todo o corpo fulminado.

Cái-lhe das mãos a fouce, inerte, para um lado,
Pende-lhe, inerte, o braço. Impotente, indefezo
Ilumina-lhe ainda a face decomposta
Um derradeiro olhar de afronta e de desprezo.

Como enxame em furor de vespas assanhadas,
Assanham-se-lhe em cima os golpes sem resposta,
E retalham-n'o á solta os gumes das espadas...

E retalhado, ezausto, o lutador vencido
Todo flameja em sangue e espira num rujido."

*

P. 93-95
A INVENÇÃO DO DIABO (13 estrofes)

P. 93:
Nota MA: musicalidade sublinhada nos v. 6 e 8, estudo da sonoridade:

"Tomando para si todo o imenso tezouro
Da Bondade e da Luz, do Amor e da Harmonia,
Póde o Senhor fazer esbanjamantos de ouro
Nas estrelas da noute e no esplendor do dia."

P.94:
Notas MA:
1. Sublinhas marcando contagem de sílabas no v.14;
2. Traço marcando ritmo no v. 16;
3. Imagem sublinhada no v. 18;
4. Barra marcando escansão e sonoridade sublinhada no v. 19:

"A Satanaz, porém, coube em partilha a treva,
O odio como prazer, como covil um poço;
E ele lá no seu reino escuro a vida leva
De um cão magro a que dão muita pancada e um osso.

E, emquanto a mão de Deus, abrindo-se semeia
Astros de ouro no céu, messes de ouro no pó,
Satanaz, furioso, a mão sacode, cheia
De lepra e maldição como o punho de Job."

5. Acréscimo de parênteses no v.23:

"Quando, *(*acazo*)*, ao saír do seu covil estreito,"

P.95:
Nota MA:

1. Imagem sublinhada no v. 33 e anotação: *Ondulante*;
2. Adjetivos sublinhados no v. 34;
3. 4ª e 7ª silabas poéticas assinaladas no v.38;
4. Metáfora sublinhada no v.44;
5. Metáfora sublinhada nos v.47-50:

"Sobre um macio chão todo em musgos e rozas,
Eva | formosa e nua, adormecera ao luar:
E sobre a alva nudez dessas formas graciozas
Satan deixou cair um desdenhozo olhar...

Mas num sonho talvez de coisas ignoradas,
Num dezejo sem alvo, imperfeito e indecizo,
Eva os labios abriu – e abriram-se orvalhadas
De um suspiro de amor, as rozas de um sorrizo.

Espantado, Satan viu que esse marmore era
Animado e gentil, ardente e encantador;
Como um rezumo viu de toda a primavera
Na frescura sem par daquela boca em flor.

E foi sómente então que o Principe da Treva
Imajinou o Amor furiozo e desgrenhado,
E rezolveu fazer dos rozeos labios de Eva
O cálix consagrado às missas do Pecado.

Labios feitos de mel, de rozas ao sereno,
De céu do amanhecer franjado em rozicler...
Entreabriu-os Satan; e enchendo-os de veneno,
Sorriu. Tinha inventado o beijo da mulher."

*

P. 141-143
ORAÇÃO PAGÃ (12 estrofes)

P.142:
Nota MA:

1. Barra marcando escansão e expoente *(1)* no v.15, remetendo ao comentário no rodapé:

" *(1)* Ha | um olhar, tão distraido,"

"(1) Vicente que se presa de ser parnasiano/ não faz todavia a elisão: haum. Mas/ a melodia sobreeleva assim o verso."

*

P. 149 – 161:
A PARTIDA DA MONÇÃO

P. 149-150:
PARTE I (6 estrofes)

P. 149:
Nota MA: círculo à margem esquerda dos v. 13-16:

"Eil-as, as toscas naus de borda rastejante
A´ flôr das aguas, naus de estreitos rios quietos;
Eil-as, prestes a abrir para o sertão distante
O seu vôo, arrastado e sem gloria, de insetos."

*

P.151-152
PARTE II (6 estrofes)

P. 152:
Nota MA: círculo à margem esquerda dos v. 25-28, 33-36:

"Em todo o curso, a terra ao lado, seio amigo,
Companheira constante e proteção fiel,
Pondo o socorro à mão nas ancias do perigo,
Dando ao gozo do olhar delicias de um verjel."
[...]
"E o rio, manso, manso... a embalal-as, decendo,
No balanço sutil da mole ondulação,
E a arrastal-as, de leve, assim, para o tremendo,
Para o lonjinquo, vago, infinito sertão..."

*

P.153-154
PARTE III (5 estrofes)

P. 153:
Nota MA: círculo à margem esquerda dos v. 1-12:

"Hão de em breve surjir, pelas marjens sinuozas
○ Florestas virjens de onde um confuzo rumor
Sóbe de solidões profundas, misteriozas,
Como um uivo agourento, um uivo ameaçador.

Voz sem éco, a não ser na alma de quem a escuta,
Surdo resfolegar de monstro provocado
○ Que de repente acorda e, prestes para a luta,
Abre a guela de sombra, e espera, socegado.

Socegado, seguro, apercebido, espera
Os que lhe vêm trazer, fanatica oblação,
○ Corações para a flexa e sangue para a fera,
Carniça para o abutre e ossadas para o chão."

*

P. 155-156
PARTE IV (4 estrofes)

P. 155:
Nota MA: círculo à margem esquerda dos v. 5-12:

"Paira, grassa em redor, toda a melancolia
○ De uma paizajem morta, igual, dezerta e imensa,
Pondo nos olhos e nas almas que enfastia
Um pezo ainda maior que a dôr, a indiferença.

Desanimado, absorto, ante essa indefinida
Solidão que se espraia além, além... o olhar
○ Tem a impressão que faz a tristeza da vida:
De ir seguindo, seguindo... e nunca mais voltar."

*

P.157-158
PARTE V (6 estrofes)

P.157-158:
Nota MA: círculo à margem esquerda dos v.1-24:

"De repente, uma flexa alijera sibila.
○ De onde veiu? Da sombra. E a sombra, de repente,

— Traição da cascavel numa alfombra tranquila —
Principia a silvar com silvos de serpente.

"Por toda parte a larga escuridão se anima
Desse leve rumor que espalha a morte, e sái
Do chão e vôa, ou vem rastejante, ou, de cima,
Salpicado, vivaz, como um granizo, cái...

"Bruscamente borbulha em fantasmas a marjem
Ajitada do rio. O clarão da metralha
Responde á sombra. E de éco em éco a imensa varjem
Reboa de um fragor de guerra e de batalha.

Eis o caminho aberto ao triunfo e á conquista.
— Como a corça ferida escapa e foge em vão,
Deixando atraz, deixando, humida e fresca, a pista
De seu flanco rasgado e sangrando no chão;

"Fujitiva e dispersa, a turba dos vencidos
Atrái, guia, conduz para a tribu distante,
Para a perdida paz de seus lares traídos,
A guerra, o cativeiro, a morte: o bandeirante.

"Ferve a luta. De serra a serra vôa o rouco
Som da inubia, acordando écos e lejiões;
Ouriço monstruozo, o sertão, pouco a pouco
Todo se erriça das flexas de cem nações..."

*

P.159-160
PARTE VI (6 estrofes)

P.159-160:
Nota MA: círculo à margem esquerda dos v. 1-20:

"Eil-as, as toscas naus de borda rastejante,
A' flôr das aguas, naus de estreitos rios quietos;
Eil-as, prestes a abrir para o sertão distante,
Para assombros de gloria, o seu vôo de insetos.

"Apinhem-se na praia os velhos, derramando
De encarquilhadas mãos inúteis para mais
A bençam dos que já se sentem bruxoleando
Aos que lhes vão tornar os nomes imortais.

"Mãis, deixai que, sonhando, a vista embevecida
De vossos filhos pouze, e se ilumine, e aprenda
Nessa formoza folha em que o livro da vida

Tem estrofes de poema e proporções de lenda.

"Noivas, com os corações envoltos na penumbra
Indeciza do amor que se orgulha e se dóe,
Vinde trazer-lhes vosso olhar de que resumbra
Saudade pelo amante e enlevo pelo heróe...

"Ao largo, emfim ! Clarins e buzinas atroam.
E as canoas, na luz da manhã côr de rosa,
Pairam por um momento em pleno rio; aprôam
Para o sertão. E rompe a marcha vagaroza.

"Nos barrancos, até rente d'agua investidos
De filhos a sorrir e de mais a chorar,
Lancem as frouxas mãos e os olhos comovidos
O derradeiro adeus e o derradeiro olhar..."

*

P.161
PARTE VII (1 estrofe)

P.161:
Nota MA: círculo à margem esquerda dos v.1-4:

"Lonje, na solidão do campo undozo e verde,
O rio serpenteia. Em cada contorção
Mais se afasta. E a fugir, pouco a pouco se perde
No majestozo, vago, infinito sertão..."

*

Anverso da p. de guarda final:
Nota MA: anotação na margem superior:
"Em flor pg 6 - 3 verso/ pg 10 - 2ª estrofe/ pg 18 - 2ª estrofe/ pg 18 - 3ª estrofe"

Nota da pesquisa: os versos indicados por MA, onde se repete "em flor":

- ✓ P. 6, v. 3 : "De quanto vê pelo caminho em flôr", parte VI de VELHO TEMA;
- ✓ P. 10, v. 20: "Brota rozeiras em flor", MENINA E MOÇA;
- ✓ P. 18, v. 36-37: "E virjinal da terra em flôr"/ "Debalde a terra em flôr, com o fito", parte II de SUJESTÕES DO CREPÚSCULO.

Autores e títulos parnasianos franceses

HEREDIA, Jose-Maria. Bibl MA: [B/v/a/22]
Les trophées. Paris: Alphonse Lemerre éditeur, 19??.
[Poesia] IEB: MA 841.89 H542t

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernação em meio couro, 21x15 cm.

P. 3
L'OUBLI (soneto)

P. 3:
Nota MA: título sublinhado:

L'oubli

Le temple est en ruine au haut du promontoire.
Et la Mort a mêlé, dans ce fauve terrain,
Les Déesses de marbre et les Héros d'airain
Dont l'herbe solitaire ensevelit la gloire.

Seul, parfois, un bouvier menant ses buffles boire,
De sa conque où soupire un antique refrain
Emplissant le ciel calme et l'horizon marin,
Sur l'azur infini dresse sa forme noire.

La Terre maternelle et douce aux anciens Dieux
Fait à chaque printemps, vainement éloquente,
Au chapiteau brisé verdir une autre acanthe ;

Mais l'Homme indifférent au rêve des aïeux
Écoute sans frémir, du fond des nuits sereines,
La Mer qui se lamente en pleurant les Sirènes.

*

P. 5-16
HERCULE ET LES CENTAURES

P. 8
STYMPHALE (soneto)

P.8:
Nota MA: título sublinhado:

Stymphale

Et partout devant lui, par milliers, les oiseaux,
De la berge fangeuse où le Héros dévale,
S’envolèrent, ainsi qu’une brusque rafale,
Sur le lugubre lac dont clapotaient les eaux.

D’autres, d’un vol plus bas croisant leurs noirs réseaux,
Frôlaient le front baisé par les lèvres d’Omphale,
Quand, ajustant au nerf la flèche triomphale,
L’Archer superbe fit un pas dans les roseaux.

Et dès lors, du nuage effarouché qu’il crible,
Avec des cris stridents plut une pluie horrible
Que l’éclair meurtrier rayait de traits de feu.

Enfin, le Soleil vit, à travers ces nuées
Où son arc avait fait d’éclatantes trouées,
Hercule tout sanglant sourire au grand ciel bleu.

*

P. 10
LA CENTAURESSE (soneto)

P.10:
Nota MA: título sublinhado:

La centauresse

Jadis, à travers bois, rocs, torrents et vallons
Errait le fier troupeau des Centaures sans nombre ;
Sur leurs flancs le soleil se jouait avec l'ombre ;
Ils mêlaient leurs crins noirs parmi nos cheveux blonds.

L'été fleurit en vain l’herbe. Nous la foulons
Seules. L'antre est désert que la broussaille encombre ;
Et parfois je me prends, dans la nuit chaude et sombre,
À frémir à l’appel lointain des étalons.

Car la race de jour en jour diminuée
Des fils prodigieux qu'engendra la Nuée,
Nous délaisse et poursuit la Femme éperdument.

C'est que leur amour même aux brutes nous ravale ;
Le cri qu'il nous arrache est un hennissement,
Et leur désir en nous n'étreint que la cavale.

*

P. 12
FUITE DE CENTAURES (soneto)

P.12:
Nota MA: título sublinhado:

Fuite de centaures

Ils fuient, ivres de meurtre et de rébellion,
Vers le mont escarpé qui garde leur retraite ;
La peur les précipite, ils sentent la mort prête
Et flairent dans la nuit une odeur de lion.

Ils franchissent, foulant l'hydre et le stellion,
Ravins, torrents, halliers, sans que rien les arrête ;
Et déjà, sur le ciel, se dresse au loin la crête
De l'Ossa, de l'Olympe ou du noir Pélion.

Parfois, l'un des fuyards de la farouche harde
Se cabre brusquement, se retourne, regarde,
Et rejoint d'un seul bond le fraternel bétail ;

Car il a vu la lune éblouissante et pleine
Allonger derrière eux, suprême épouvantail,
La gigantesque horreur de l'ombre Herculéenne.

*

P. 15
LE THERMODON (soneto)

P.15:
Nota MA: título sublinhado:

Le Thermodon

VERS Thémiscyre en feu qui tout le jour trembla
Des clameurs et du choc de la cavalerie,
Dans l'ombre, morne et lent, le Thermodon charrie
Cadavres, armes, chars que la mort y roula.

Où sont Phœbé, Marpé, Philippis, Aella,
Qui, suivant Hippolyte et l'ardente Astérie,
Menèrent l'escadron royal à la tuerie ?
Leurs corps déchevelés et blêmes gisent là.

Telle une floraison de lys géants fauchée,
La rive est aux deux bords de guerrières jonchée,

Où, parfois, se débat et hennit un cheval ;

Et l'Euxin vit, à l'aube, aux plus lointaines berges
Du fleuve ensanglanté d'amont jusqu'en aval,
Fuir des étalons blancs rouges du sangs des Vierges.

*

P. 17- 32
ARTEMIS ET LES NYMPHES

P. 19
ARTEMIS (soneto)

P.19:
Nota MA: título sublinhado:

Artemis

L'âcre senteur des bois montant de toutes parts,
Chasseresse, a gonflé ta narine élargie,
Et, dans ta virginale et virile énergie,
Rejetant tes cheveux en arrière, tu pars !

Et du rugissement des rauques léopards
Jusqu'à la nuit tu fais retentir Ortygie,
Et bondis à travers la haletante orgie
Des grands chiens éventrés sur l'herbe rouge épars.

Et, bien plus, il te plaît, Déesse, que la ronce
Te morde et que la dent ou la griffe s'enfonce
Dans tes bras glorieux que le fer a vengés ;

Car ton cœur veut goûter cette douceur cruelle
De mêler, en tes jeux, une pourpre immortelle
Au sang horrible et noir des monstres égorgés.

*

P. 21
NYMPHEE (soneto)

P.21:
Nota MA: título sublinhado:

Nymphée

Le quadrige céleste à l'horizon descend,
Et, voyant fuir sous lui l'occidentale arène,
Le Dieu retient en vain de la quadruple rêne
Ses étalons cabrés dans l'or incandescent.

Le char plonge. La mer, de son soupir puissant,
Emplit le ciel sonore où la pourpre se traîne,
Et, plus clair en l'azur noir de la nuit sereine
Silencieusement s'argente le Croissant.

Voici l'heure où la Nymphe, au bord des sources fraîches,
Jette l'arc détendu prés du carquois sans flèches.
Tout se tait. Seul, un cerf brame au loin vers les eaux.

La lune tiède luit sur la nocturne danse,
Et Pan, ralentissant ou pressant la cadence,
Rit de voir son haleine animer les roseaux.

*

P. 22
PAN (soneto)

P.22:
Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

Pan

À travers les halliers, par les chemins secrets
Qui se perdent au fond des vertes avenues,
Le Chèvre-pied, divin chasseur de Nymphes nues,
Se glisse, l'œil ardent, sous les hautes forêts.

Il est doux d'écouter les soupirs, les bruits frais
Qui montent à midi des sources inconnues
Quand le Soleil, vainqueur étincelant des nues,
Dans la mouvante nuit darde l'or de ses traits.

Une Nymphe s'égare et s'arrête. Elle écoute
Les larmes du matin qui pleuvent goutte à goutte
Sur la mousse. L'ivresse emplit son jeune cœur.

Mais, d'un seul bond, le Dieu du noir taillis s'élance,
La saisit, frappe l'air de son rire moqueur,
Disparaît… Et les bois retombent au silence.

Nota da pesquisa : Em “Francisca Júlia”, segundo artigo na série “Mestres do passado”, publicado em São Paulo, a 12 de agosto de 1921 no *Jornal do Comércio*, MA compara o soneto “Pan”, de Heredia, a “Em sonda”, de Francisca Julia em *Esphinges* (Porto: Bentley & comp., 1903), no exemplar do livro por ele bastante anotado:

“Mas não vão dizer que a comparação peca pela base; colocar, para confrontar-lhes tamanho e fôrça, o Sol (seria melhor dizer o infinito), junto da Lua... Se fui injusto, perdoem-me. Posso porém, brasileiramente arrogante, comparar "Em Sonda" com o “Pã” do autor dos Troféus. Aqui ainda a igualdade de processos seria talvez mais incontestável.

Longe de mim qualquer ideia de plágio: os dois artistas, comovidos, (porque realmente os dois sonetos têm movimento) levados por casos de uma semelhança ideal, chegaram à utilização de processos idênticos. Querem ver?

Ambos os dois sonetos começam com a descrição do traidor no meio em que vive.

Nas Esfinges:

> Quieta, enrolada a um tronco, ameaçadora e hedionda,
> A boa espia... Em cima estende-se a folhagem
> Que um vento manso faz oscilar, de onda em onda,
> Com a sua noturna e amorosa bafagem...

Nos Troféus:

> À travers les halliers, par les chemins secrets
> Qui se perdent au fond des vertes avenues,
> Le Chèvre-pied, divin chasser des Nymphes nues,
> Se glisse, l'oeil ardent, sous les hautes forêts.

Depois a ambientação da cena. Aqui Francisca Júlia lembra ainda a serpente, fazendo com que a sua descrição não seja só para encher a quadra.

Na poetisa:

> Um luar mortiço banha a floresta de Sonda,
> Desde a copa da faia, à esplêndida pastagem;
> E o ofidiano escondido, olhos abertos, sonda...

No poeta:

> Il est doux d'écouter les soupirs, les bruits frais
> Qui montent à midi des sources inconnues
> Quand le Soleil, vainqueur étincelant des nues,
> Dans la mouvante nuit darde lór de ses traits,

Em seguida o ser mais fraco, a passar descuidado.

Numa:

Vai passando, tranquilo, um búfalo selvagem,
Segue o búfalo, só...

Noutro, mais prolixo:

Une Nymphe s'égare et s'arrête. Elle écoute
Les larmes du matin qui pleuvent goutte à goutte
Sur la mousse. L'ivresse emplit son jeune coeur.

Continua a luta e a vitória do mais forte:

...mas supende-lhe o passo,
O ofidiano cruel que o ataca de repente,
E que o prende, a silvar, com suas rôscas de aço.
Tenta o pobre lutar; os chavelhos enresta
Mas tomba de cansaço e morre...

Ou:

Mais d'un seul bond le Dieu du noir taillis s'élance,
La saisit, frappe l'air de son rire moqueur,
Disparait...

Aqui o francês superou a brasileira - a sua luta inda é mais rápida, mais viva, mais concisa. E, finalmente:

Et les bois retombent au silence.

Ou:

...tristemente
No alto se esconde a Lua, e cala-se a floresta...

É realmente extraordinária a coincidência do processo descritivo nas duas poesias!"[16]

*

P. 39-54
ÉPIGRAMMES ET BUCOLIQUES

P. 47
L'ESCLAVE (soneto)

[16] ANDRADE, Mário de. Trecho do segundo artigo na série "Mestres do passado": "II- Francisca Júlia", no *Jornal do Comércio*, São Paulo, 12 de ago. 1921; artigo transcrito em BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro. I - Antecedentes da Semana de Arte Moderna.* 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL-MEC, 1971, p. 263-264.

P.47:
Nota MA: título assinalado com traço duplo inclinado:

L'esclave

Tel, nu, sordide, affreux, nourri des plus vils mets,
Esclave — vois, mon corps en a gardé les signes —
Je suis né libre au fond du golfe aux belles lignes
Où l'Hybla plein de miel mire ses bleus sommets.

J'ai quitté l'île heureuse, hélas !… Ah ! si jamais
Vers Syracuse et les abeilles et les vignes
Tu retournes, suivant le vol vernal des cygnes,
Cher hôte, informe-toi de celle que j'aimais.

Reverrai-je ses yeux de sombre violette,
Si purs, sourire au ciel natal qui s'y reflète
Sous l'arc victorieux que tend un sourcil noir ?

Sois pitoyable ! Pars, va, cherche Cléariste
Et dis-lui que je vis encor pour la revoir.
Tu la reconnaîtras, car elle est toujours triste.

*

P. 81-88
SONNETS EPIGRAPHIQUES

P. 86
AUX MONTAGNES DIVINES (soneto)

P.86:
Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

Aux montagnes divines

Glaciers bleus, pics de marbre et d'ardoise, granits,
Moraines dont le vent, du Néthou jusqu'à Bègle,
Arrache, brûle et tord le froment et le seigle,
Cols abrupts, lacs, forêts pleines d'ombre et de nids !

Antres sourds, noirs vallons que les anciens bannis,
Plutôt que de ployer sous la servile règle,
Hantèrent avec l'ours, le loup, l'isard et l'aigle,
Précipices, torrents, gouffres, soyez bénis !

Ayant fui l'ergastule et le dur municipe,

L’esclave Geminus a dédié ce cippe
Aux Monts, gardiens sacrés de l’âpre liberté ;

Et sur ces sommets clairs où le silence vibre,
Dans l’air inviolable, immense et pur, jeté,
Je crois entendre encor le cri d'un homme libre !

*

LECONTE DE LISLE. Bibl MA: [B/I/a/3]
Oeuvres de Leconte de Lisle : poèmes tragiques. Paris: Alphonse Lemerre éditeur, 18??.

[Poesia] IEB: MA 841.89L466o

Biblioteca MA, IEB/USP.

Encadernação em papel-cartão, 21x15 cm.

Sem Nota MA

SULLY PROUD'HOMME, René-François. Bibl MA: [B/I/a/27]
Poésies v. 1 (1865-1866). Paris: Alphonse Lemerre, s/d.

[Poesia] Araraquara: Sala Pio Lourenço Corrêa

Coleção MA, BPM – Araraquara.

Encadernado em meio couro, sem capa original, 21x15 cm.

P. 276-277
LA PAROLE (5 estrofes)

P.277:
Nota MA: traço duplo nas duas margens dos v.23-24:

> L'ordre, ce lent bienfait des paisibles querelles,
> L'art, ce jeu voulu des forces naturelles.

P. 319-323
TABLE

P.319:
Nota MA: poemas destacados por sublinhas no índice:

Le Vase brisé..... p.13

Le vase où meurt cette verveine
D'un coup d'éventail fut fêlé ;
Le coup dut effleurer à peine :
Aucun bruit ne l'a révélé.

Mais la légère meurtrissure,
Mordant le cristal chaque jour,
D'une marche invisible et sûre
En a fait lentement le tour.

Son eau fraîche a fui goutte à goutte,
Le suc des fleurs s'est épuisé ;
Personne encore ne s'en doute ;
N'y touchez pas, il est brisé.

Souvent aussi la main qu'on aime,
Effleurant le coeur, le meurtrit ;
Puis le coeur se fend de lui-même,
La fleur de son amour périt ;

Toujours intact aux yeux du monde,
Il sent croître et pleurer tout bas
Sa blessure fine et profonde ;
Il est brisé, n'y touchez pas.

Rosées..... p. 17

Je rêve, et la pâle rosée
Dans les plaines perle sans bruit,
Sur le duvet des fleurs posée
Par la main fraîche de la nuit.

D'où viennent ces tremblantes gouttes ?
Il ne pleut pas, le temps est clair ;
C'est qu'avant de se former, toutes,
Elles étaient déjà dans l'air.

D'où viennent mes pleurs ? Toute flamme,
Ce soir, est douce au fond des cieux ;
C'est que je les avais dans l'âme
Avant de les sentir aux yeux.

On a dans l'âme une tendresse
Où tremblent toutes les douleurs,
Et c'est parfois une caresse
Qui trouble, et fait germer les pleurs.

P.320:
Nota MA: poemas destacados por sublinhas no índice:

Ici-bas..... p. 34

Ici-bas tous les lilas meurent,
Tous les chants des oiseaux sont courts,
Je rêve aux étés qui demeurent
Toujours...

Ici-bas les lèvres effleurent
Sans rien laisser de leur velours,
Je rêve aux baisers qui demeurent
Toujours...

Ici-bas, tous les hommes pleurent
Leurs amitiés ou leurs amours;
Je rêve aux couples qui demeurent
Toujours...

Les yeux..... p. 42

Bleus ou noirs, tous aimés, tous beaux,
Des yeux sans nombre ont vu l’aurore ;
Ils dorment au fond des tombeaux
Et le soleil se lève encore.

Les nuits plus douces que les jours
Ont enchanté des yeux sans nombre ;
Les étoiles brillent toujours
Et les yeux se sont remplis d’ombre.

Oh ! qu’ils aient perdu le regard,
Non, non, cela n’est pas possible !
Ils se sont tournés quelque part
Vers ce qu’on nomme l’invisible ;

Et comme les astres penchants,
Nous quittent, mais au ciel demeurent,
Les prunelles ont leurs couchants,
Mais il n’est pas vrai qu’elles meurent :

Bleus ou noirs, tous aimés, tous beaux,
Ouverts à quelque immense aurore,
De l’autre côté des tombeaux
Les yeux qu’on ferme voient encore.

La poésie..... p. 47

Quand j'entends disputer les hommes
Sur Dieu qu'ils ne pénètrent point,
Je me demande où nous en sommes :
Hélas ! toujours au même point.

Oui, j'entends d'admirables phrases,
Des sons par la bouche ennoblis ;
Mais les mots ressemblent aux vases :
Les plus beaux sont les moins remplis.

Alors, pour me sauver du doute,
J'ouvre un Euclide avec amour ;
Il propose, il prouve, et j'écoute,
Et je suis inondé de jour.

L'évidence, éclair de l'étude,

Jaillit, et me laisse enchanté !
Je savoure la certitude,
Mon seul vrai bonheur, ma santé !

Pareil à l'antique sorcière
Qui met, par le linéament
Qu'elle a tracé dans la poussière,
Un monde obscur en mouvement,

Je forme un triangle : ô merveille !
Le peuple des lois endormi
S'agite avec lenteur, s'éveille
Et se déroule à l'infini.

Avec trois lignes sur le sable
Je connais, je ne doute plus !
Un triangle est donc préférable
Aux mots sonores que j'ai lus ?

Non ! j'ai foi dans la Poésie :
Elle instruit par témérité ;
Elle allume sa fantaisie
Dans tes beaux yeux, ô Vérité !

Si le doigt des preuves détache
Ton voile aux plis multipliés,
Le vent des strophes te l'arrache,
D'un seul coup, de la tête aux pieds.

Et c'est pourquoi, toute ma vie,
Si j'étais poète vraiment,
Je regarderais sans envie
Képler toiser le firmament !

La malade..... p. 55

À Alfred Denaut.

C'était au milieu de la nuit,
Une longue nuit de décembre ;
Le feu, qui s'éteignait sans bruit,
Rougissait par moments la chambre.

On distinguait des rideaux blancs,
Mais on n'entendait pas d'haleine ;
La veilleuse aux rayons tremblants
Languissait dans la porcelaine.

Et personne, hélas ! ne savait
Que l'enfant fût à l'agonie ;
De lassitude, à son chevet,
Sa mère s'était endormie.

Mais, pour la voir, tout bas, pieds nus,
Entr'ouvrant doucement la porte,
Ses petits frères sont venus...
Déjà la malade était morte.

Ils ont dit : « Est-ce qu'elle dort ?
Ses yeux sont fixes ; de sa bouche
Nul murmure animé ne sort ;
Sa main fait froid quand on la touché.

« Quel grand silence dans le lit !
Pas un pli des draps ne remue ;
L'alcôve effrayante s'emplit
D'une solitude inconnue.

« Notre mère est assise là ;
Elle est tranquille, elle sommeille :
Qu'allons-nous faire ? Laissons-la.
Que Dieu lui-même la réveille ! »

Et, sans regarder derrière eux,
Vite dans leurs lits ils rentrèrent :
Alors, se sentant malheureux,
Avec épouvante ils pleurèrent.

P.321:
Nota MA: poemas destacados por sublinhas no índice:

Les adieux..... p. 71

LES JEUNES FILLES

Amis, amis, nous voilà grandes ;
Nos jours ont changé de saison.
Allez préparer vos offrandes,
Allez suspendre les guirlandes
À la porte de la maison.

Elle a sonné, l'heure fatale
Qu'on tremblait de voir approcher ;
Des fleurs que la prairie étale
Semez la route triomphale

Où l'hymen en blanc va marcher.

LES JEUNES GENS

Quelle solitude est la nôtre !
Ou dans les bras de l'homme, ou dans les bras de Dieu,
Nos compagnes, hélas ! tombent l'une après l'autre.
Adieu ! ...

Un soir s'en va l'enfant aimée :
Sa vie en s'éteignant nous laisse un corps tout froid,
Comme d'un cierge pur la flamme parfumée
Décroît ...

Un matin c'est une épousée :
Elle marche à l'autel, l'oeil baissé mais vainqueur ;
Aux lèvres va fleurir la joie ensemencée
Au coeur !

Qui êtes-vous, vierges de la veille ?
Ange ? épouse ? pour vous quel est le meilleur sort ?
Plus d'une ombre en passant nous répond à l'oreille ;
« La mort ... »

LES JEUNES FILLES

Pourquoi cette parole amère ?
Pourquoi ces pleurs dans vos adieux ?
La fille imite enfin sa mère ;
Mais l'amitié reste sincère,
Bien qu'elle ait dû baisser les yeux.

Cherchez autour de vous laquelle
N'a pas reçu son maître un jour.
Le coeur se fixe où Dieu l'appelle ;
Mais l'amitié reste fidèle,
Bien que le coeur ait un amour.

LES JEUNES GENS

Ah ! vous nous oublierez avant demain sans doute !
Vierges, notre jeunesse est la rosée au vent :
Elle tombe avec vous de nos coeurs goutte à goutte ;
Une seule en partant peut nous l'emporter toute
Et n'en sait rien souvent.

Hélas ! où voulez-vous que nous posions nos âmes,
Si vous changez de ciel, ô fleurs de la maison ?
Que peuvent les vieillards, dispensateurs des blâmes,
Qui versent à toute heure et sur toutes nos flammes
Comme une neige la raison ?

Que peuvent nos amis, ceux que l'orgie entraîne,
De nos soupirs cachés insouciants moqueurs ?
Ou ceux qui, délaissés, ressentent notre peine ?
Que peuvent-ils pour nous ? La gloire serait vaine
À vous supplanter dans nos coeurs !

LES JEUNES FILLES

Chacune de nous est l'aînée
De soeurs qui la supplanteront ;
Notre fleur d'oranger ne sera pas fanée
Avant que leur seizième année
Ne la demande pour leur front.

Leurs jeux nous font encore envie,
Ils vont nous être défendus ;
À de graves devoirs doucement asservie,
S'éloigne de vous notre vie ;
Peut-être ne rirons-nous plus ...

LES JEUNES GENS

Puisque l'âge est passé des galetés familières,
Que la pudeur craintive a touché vos paupières
Et qu'on vous prend la main pour l'offrir à l'époux,
Puisque l'âge est passé des galetés familières,
Mariez-vous.

Puisque Dieu lentement disperse les familles,
Ravit aux jeunes gens l'amour des jeunes filles
Et nous laisse gémir dans un ennui jaloux,
Puisque Dieu lentement disperse les familles,
Mariez-vous.

Nous sommes des enfants, on vous promet des hommes,
D'un prospère foyer protecteurs économes,
Peut-être moins aimants, mais plus sages que nous ;
Nous sommes des enfants, on vous promet des hommes :
Mariez-vous.

LES JEUNES FILLES

Amis, votre âme n'est que tendre ;
Rendez-la forte pour attendre,
Pensez beaucoup et rêvez moins,
La vierge ne peut vous entendre ;
Portez à la vertu vos soins.

Vouez à quelque objet suprême
Un feu plus grand que l'amour même ;
Luttez pour devenir plus tôt
Des fiancés comme on les aime
Et des hommes comme il en faut.

SULLY PROUD'HOMME, René-François. Bibl MA: [B/I/a/26]
Poésies v. 2 (1866-1872). Paris: Alphonse Lemerre, s/d.

[Poesia] Araraquara: Sala Pio Lourenço Corrêa

Coleção MA, BPM – Araraquara.

Encadernado em meio couro, sem capa original, 21x15 cm.

P. 1
AU LECTEUR (soneto)

P.1:
Nota MA: título sublinhado:

Au lecteur

J'avais cueilli ces fleurs sur le bord de la route
Où m'ont jeté les bons et les mauvais hasards,
Mais je n'osais livrer des souvenirs épars ;
J'en fais une guirlande, ils plairont mieux sans doute.

Fraîche encore, une rose y pleure goutte à goutte ;
J'y mets une pensée aux ténébreux regards.
Puis les plantes des lacs, de rêveurs nénuphars,
Puis des épis naissants : ma vie y sera toute.

La tienne aussi, lecteur, car les hommes entre eux
Sont en cela pareils, qu'heureux ou malheureux.
Ils ont pleuré d'amour et pensé sans connaître.

Qu'ils ont au moins perdu vingt printemps à rêver,
Et qu'enfin tous un jour ont voulu se lever
Et semer quelque chose avant de disparaître.

*

P. 3-67
LES ÉPREUVES (AMOUR – DOUTE – RÊVE – ACTION)

P.5-19
L'AMOUR

P. 5
L'INSPIRATION (soneto)

P.5:
Notas MA:

1. título sublinhado;
2. construção sublinhada no v. 8:

L’inspiration

Un oiseau solitaire aux bizarres couleurs
Est venu se poser sur une enfant ; mais elle,
Arrachant son plumage où le prisme étincelle,
De toute sa parure elle fait des douleurs.

Et le duvet moelleux, plein d’intimes chaleurs,
Épars, flotte au doux vent d’une bouche cruelle.
Or l’oiseau, c’est mon coeur ; l’enfant coupable est celle,
Celle dont je ne puis dire le nom sans pleurs.

Ce jeu l’amuse, et moi j’en meurs, et j’ai la peine
De voir dans le ciel vide errer sous son haleine
La beauté de mon coeur pour le plaisir du sien !

Elle aime à balancer mes rêves sur sa tête
Par un souffle et je suis ce qu’on nomme un poète.
Que ce souffle leur manque et je ne suis plus rien.

*

P. 8
LES DANAÏDES (soneto)

P.8:
Nota MA: título sublinhado:

Les danaïdes

Toutes, portant l’amphore, une main sur la hanche,
Théano, Callidie, Amymone, Agavé,
Esclaves d’un labeur sans cesse inachevé,
Courent du puits à l’urne où l’eau vaine s’épanche.

Hélas! le grès rugueux meurtrit l’épaule blanche,
Et le bras faible est las du fardeau soulevé :
« Monstre, que nous avons nuit et jour abreuvé,
Ô gouffre, que nous veut ta soif que rien n’étanche? »

Elles tombent, le vide épouvante leurs cœurs ;
Mais la plus jeune alors, moins triste que ses sœurs,
Chante, et leur rend la force et la persévérance.

Tels sont l'œuvre et le sort de nos illusions :
Elles tombent toujours, et la jeune Espérance
Leur dit toujours : « Mes sœurs, si nous recommencions! »

*

P. 11
L'INQUIÉTUDE (soneto)

P.11:
Nota MA: título sublinhado:

L'inquiétude

*

P. 17
OÙ VONT-ILS (soneto)

P.17:
Nota MA: título sublinhado:

Où vont-ils?

*

P. 126-127
LE CYGNE (1 estrofe)

P.126:
Nota MA: título sublinhado:

Le cygne

*

P. 239-245
TABLE

P.239:
Nota MA: título sublinhado no índice:

Au lecteur 1

L’inspiration 5

Les danaïdes 8

Inquiétude 11

P.240:
Nota MA: título sublinhado no índice:

Où vont-ils? 17

P.243:
Nota MA: título sublinhado no índice:

Le cygne 126

SULLY PROUD'HOMME, René-François. Bibl MA: [B/I/a/24]
Poésies v. 3 (1872-1878). Paris: Alphonse Lemerre, s/d.

[Poesia] Araraquara: Sala Pio Lourenço Corrêa

Coleção MA, BPM – Araraquara.

Encadernado em meio couro, sem capa original, 21x15 cm.

P. 165-183
LA REVOLTE DES FLEURS (4 partes)

P.173-175:
PARTE III

P. 173:
Nota MA: imagem sublinhada em parcela do v.8:

> Plus de fête: sans fleurs la joie est sans emblème ;

P. 265-268
TABLE

Nota MA: títulos sublinhados:

Invitation a la Valse 35
L'étranger 88
Le temps perdu 96
L'automne 102
La révolte des fleurs 165

SULLY PROUD'HOMME, René-François. Bibl MA: [retirado]
Poésies v. 4 (1878 – 1879). Paris: Alphonse Lemerre, s/d.

[Poesia] Araraquara: Sala Pio Lourenço Corrêa

Coleção MA, BPM – Araraquara.

Encadernado em meio couro, sem capa original, 21x15 cm.

Sem Notas MA

SULLY PROUD'HOMME, René-François. Bibl MA: [retirado]
Poésies v. 5 (1879 – 1888). Paris: Alphonse Lemerre, s/d.

[Poesia] Araraquara: Sala Pio Lourenço Corrêa

Coleção MA, BPM – Araraquara.

Encadernado em meio couro, sem capa original, 21x15 cm.

P. 55-56
A MARIE MAGDELEINE (8 estrofes)

P.55:
Nota MA: título sublinhado:

A Marie Magdeleine

P. 106
SONNET A COQUELIN CADET (Soneto)

P.106:
Nota MA: soneto selecionado por traços duplos:

BIENTOT las de sa fuite un rebelle étalon
Dans les bois échappé, s'égratignant aux branches,
Se prend à regretter les marguerites blanches
Et l'herbage soyeux du maternel vallon ;

Tu veux donc, repentant, d'un leste et lier talon,
Comme autrefois, Cadet, heurter les bonnes planches,
Le béret sur la nuque et les poings sur les hanches,
Souple et fringant valet applaudi d'un salon !

Traître à Molière, en vain ton masque dissimule
Tous tes pleurs généreux et de frère et d'émulé :
Ton sang te revendique, obéis à sa voix !

Quel bonheur ! n'est-ce pas ? de réveiller encore,
En l'honneur des aïeux, dans le rire gaulois
La gaité du bon sens qu'un beau verbe décore !

P. 119-123
STANCES (A PIERRE CORNEILLE) (25 estrofes)

P.119:
Nota MA: título sublinhado:

Stances

P.119-123:
Notas MA:
1. traço duplo selecionando construção nos v. 41-44 e sublinha dupla no v. 41;
2. ideia sublinhada nos v. 58-60;
3. rima toante sublinhada nos v. 69, 71;
4. imagem sublinhada no v. 81:

DEUX siècles ont passé, deux siècles, ô Corneille !
Depuis que ton génie altier s'est endormi
En recevant trop tard pour sa dernière veille
L'aumône de ton roi par la main d'un ami.

Comme un chêne géant découronné par l'âge,
Déserté des oiseaux qu'il attirait hier
Et qu'éloigne le deuil de son bois sans feuillage,
Tu finis seul, debout dans un silence fier.

Ta renommée avait par son aube éclatante
Alarmé le Mécène ombrageux de ton art :
Un monarque a laissé, par sa grâce inconstante,
Le laurier du poète inutile au vieillard.

Mais, après deux cents ans, voici que ta patrie,
Qui dispense elle-même aujourd'hui sa faveur,
Dans son grand fils, plus cher à sa gloire meurtrie,
De l'Idéal invoque et fête le sauveur !

Car si déjà tes vers par leur saine puissance
Rendirent la noblesse aux lèvres comme au cœur.
Aux rires de Thalie enseignant la décence,
Aux cris de Melpomène une austère vigueur.

Leur mâle accent encore aujourd'hui nous révèle
Ce qui dort d'énergie en notre volonté,
Et sait y faire encor palpiter la grande aile
De l'héroïsme ancien, vaincu mais indompté !

De Chimène et du Cid la tragique aventure
Nous exhausse le cœur pour nous mieux émouvoir.
En nous montrant l'amour qu'un jeûne ardent torture
Et qui lutte enchaîné par le sang au devoir.

Quand, fouillant le passé, ton génie en ramène
Des traits d'honneur fameux que tes beaux vers font tiens

Tu sais communiquer ta vieille âme romaine
Par la voix d'un Horace à tes concitoyens !

Tu nous rends généreux par l'exemple d'Auguste,
Quand du ressentiment le sublime abandon
Ose trahir en lui la sévérité juste
Pour nous faire admirer la beauté du pardon !

Polyeucte en un chant magnifique et suave
Nous promet un royaume où la paix peut fleurir,
Et témoigne en tombant, devant les dieux qu'il brave,
Que le Dieu qu'il révère enseigne à bien mourir !

O tragédie ! appel profond de l'âme à l'âme
Par les plus grands soupirs arrachés aux héros,
Qui rend des passions la louange et le blâme
Vivants au fond de nous par de poignants échos,

Art sobre de parure, à la fois économe
Du lieu, du temps où gronde et frémit l'action.
Plus jaloux d'évoquer l'éternel fond de l'homme
due de flatter des yeux la frêle illusion !

Corneille, dans tes vers résonne impérieuse
La formidable voix que cet art prête aux morts,
Et la frivolité d'une race rieuse
Y sent comme un reproche éveillant un remords.

Ses jeux lui semblent vains sous ta parole grave,
Ses querelles, hélas ! méprisables aussi ;
A ses communs élans que la discorde entrave
Tu rouvres l'Idéal comme un ciel éclairci !

Quand de tes vers vibrants la salle entière tremble,
Les hommes ennemis pareillement émus,
Frères par le frisson du beau qui les rassemble,
Pleurant les mêmes pleurs, ne se haïssent plus !

Non ! car l'enthousiasme a le saint privilège
De rendre au vol des cœurs sa pure liberté,
Comme l'essor croissant des nacelles s'allège
De tout le sable vil qu'elles ont emporté,

Et, sous un même vent d'espérance et d'audace,
Ils sont tous entraînés vers les mêmes hauteurs.
D'où l'immense horizon, que l'œil sans voile embrasse,
Nivelle et noie en bas l'arène et les lutteurs.

C'est ainsi qu'au-dessus des passions vulgaires,

Aux vertus qui s'en vont nous forçant d'applaudir,
Tu nous fais oublier nos misérables guerres
Dans un monde où tout l'homme aspire à se grandir

Ah ! du moins, pour un jour, au pied de ta statue,
Imposant l'accalmie au forum agité,
La France, de sa gloire ancienne revêtue,
Peut jouir, grâce à toi, de l'unanimité !

Et devant toi l'espoir ose en elle renaître.
Car, après deux cents ans, ses maux n'ont point tari
Le sang vivace et pur qui t'avait donné l'être,
Et n'ont pas épuisé le sol qui t'a nourri.

Au nid d'où sortit l'aigle un aiglon peut éclore
Dont l'œil porte à son tour des défis au soleil,
Et dont l'aile, après lui, tente le ciel encore
D'un vol imitateur mû par un sang pareil !

Chez tes fils d'aujourd'hui retrempés par l'épreuve
Que ton œuvre virile engendre des rivaux !
Que ton solide verbe offre a leur âme neuve
Un moule rajeuni pour des pensera nouveaux !

L'air que tu respirais gonfle aussi leurs poitrines,
L'accent qui l'animait passera dans leurs voix,
Ta langue peut s'user, mais ses nobles ruines
Légueront à leurs vers le souffle d'autrefois !

Salut, Maître, salut ! Si la mort n'est qu'un somme,
Réveille-toi, respire, entends, vainqueur serein,
Le retentissement sur la terre et dans l'homme
Des poèmes sortis de ta bouche d'airain !

Vois la pompe qu'un peuple en ton honneur étale
Pour rendre, à son appel, ton réveil triomphant !
Ressuscite et reçois, dans ta ville natale,
L'hommage de la France à son sublime enfant !

Nota da pesquisa: MA seleciona trechos em que predomina a fraternidade, demarcando possível matriz do tema, negando as guerras, no poema "Exaltação da paz", no livro de Mário Sobral, *Há uma gota de sangue em cada poema*, em 1917:

"Se o mundo é bom, a vida boa;
se a luz é para todos, se as campinas
dão para todos:

por que viver, lutando à-toa?...”[17]

P. 125-130
JEAN-JACQUES ROUSSEAU (4 partes)

P.125:
Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

Jean-Jacques Rousseau

P.127-128
PARTE III (6 estrofes)

P.127 :
Nota MA: traços múltiplos selecionando os v. 1-4 :

Ah ! quel penseur prévoit le destin de son rêve !
Il en jette la graine au vent et disparaît,
Et ce qui sortira des sources de la sève,
C’est peut-être une fleur, peut-être une forêt.

P.129-130
PARTE IV (7 estrofes)

P.130:
Nota MA: ideia sublinhada nos v. 21-22:

Car si tu n’as pas eu les divines ressources
Du murmure des vers pour endormir tes maux,

*

P.197
VOIX DE LA TERRE (4 estrofes)

P.197:
Nota MA: título sublinhado:

Voix de la Terre

TU montes vainement, ô vivante marée
De tous les cris humains par la terre poussés !
Contre les fiers soleils, vagabonde égarée,
Tes flots aigus se sont vainement émoussés !

[17] ANDRADE, Mário de. “Exaltação da paz”. In: *Há uma gota de sangue em cada poema*. In: *Obra imatura*. Ed. cit.,Ed. coordenada por Telê Ancona Lopez e texto estabelecido por Aline Nogueira Marques. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, p. 35.

Tu n’es par aucun d’eux au passage accueillie ;
Tu peux longtemps encor dans l’infini courir :
Chaque étoile à son tour par ta houle assaillie
La sent glisser à peine et dans la nuit mourir.

Quand pour l’une tu fuis, au loin diminuée.
Pour une autre déjà tu grandis ; mais toujours
Ton douloureux concert de plainte et de huée
Dans son ascension trouve les astres sourds !

Pourtant reste fidèle à ta recherche errante :
Peut-être existe-t-il, plus haut encore aux cieux,
Une sphère moins sourde et moins indifférente
Qui t’est moins étrangère et te comprendra mieux.

Nota da pesquisa : título sublinhado também no índice.

*

P.379-383
TABLE DE MATIERE (4 estrofes)

P.380:
Nota MA: título sublinhado:

Um mot d’enfant

J’ADORE les enfants, tout haut, devant eux-mêmes,
Et voyez si j’ai tort ; un marmot m’entendit
Et, de son air câlin : « Monsieur, puisque tu m’aimes,
Je te promets, dit-il, de te donner un nid. »

Un nid ! sentez-vous bien quelle divine chose ?
Cet ingénu trésor, l’appréciez-vous bien ?
Un enfant, dont le cœur pas plus gros qu’une rose
Peut tenir dans un nid, fait ce présent au mien !

A quelque ambitieux que hante la chimère
De graver à jamais son nom dans le granit,
Un oiseau, tiède encor des ailes de sa mère,
Offre tout simplement pour don suprême un nid !

Un nid ! c’est la chaleur intime et le murmure,
La tendresse et l’espoir dans l’ombre palpitant,
C’est le libre bonheur bercé par la ramure,
Bonheur bien enfoui, voisin du ciel pourtant.

Un nid ! mon cher enfant, il me vient une larme,
Tant ce petit mot-là m'est allé droit au cœur ;
Comme un chatouillement dont on souffre avec charme,
De mes vœux fatigués il émeut la langueur.

Ce mot a rencontré dans l'infini de l'âme
Une oasis profonde, et soudain découvert
La source qui répand la fraîcheur sur la flamme
Et fait pour un moment oublier le désert.

Enfant, prends-moi la main, je me sens seul au monde,
J'approuve, les yeux clos, ton choix que Dieu bénit ;
Des vierges sur les prés dansent là-bas la ronde,
Choisis-moi la colombe et j'accepte le nid.

P.382:
Nota MA: título sublinhado:

Voix de la Terre

GAUTIER, Théophile. Bibl MA: [B/V/a/16]
Emaux et Camées. Paris: Bibliothèque Charpentier, 1910.

[Poesia] Araraquara: Sala Pio Lourenço Corrêa

Coleção MA, BPM – Araraquara.

Encadernado em meio couro, sem capa original, 21x15 cm.

P. 30-32
IV - CLAIR DE LUNE SENTIMENTAL (8 estrofes)

P.31:
Nota MA: traço destacando sinestesia no v. 9:

Au loin, dans la brume sonore,

VILLIERS De L’ISLE ADAM. Bibl MA: [retirado]
Axël. Paris: J. M. Dent et Fils, coleção Gallia, s/d.

[Teatro] Araraquara: Sala Pio Lourenço Corrêa

Coleção MA, BPM – Araraquara.

Encadernado em meio couro, sem capa original, 21x15 cm.

Sem Notas MA

1ª RELAÇÃO DE LIVROS DOADOS À BIBLIOTACA MUNICIPAL DE ARARAQUARA POR INTERMÉDIO DE MÁRIO DE ANDRADE

[Em destaque, os 441 volumes atualmente na biblioteca]

1) MENOTTI DEL PICCHIA. *Moysés*.
2) FONTES, Martins. *Volúpia*.
3) CARRERO, Porto. *A psicologia profunda ou psicanalise*.
4) ALMEIDA, José Américo de. *O Boqueirão*.
5) _____. *Coiteiros.*
6) CARNEIRO, Souza. *Furundungo*.
7) ISGOROGOTA, Judas. *Divina mentira*.
8) TOUSSAINT. *Les tapis de jasmins*.
9) RIOS, Carlos. *Bric-a-brac*.
10) SÉCHÉ, Alphonse. *Malherbe*.
11) FRANCA, S.J.Leonel. *A Igreja, a reforma e a civilização*.
12) BELLO, José Maria. *A questão social e a solução brasileira*.
13) MEYER, Vinicius. *Poemas caboclos*.
14) SCHMIDT, Affonso. *Zanzalás.*
15) AMARAL, Amadeu. *Memorial de um passageiro de bonde*.
16) GUIMARÃES, Moreira. *No extremo oriente: O Japão*.
17) OLIVEIRA, Martins de. *Pátria morena.*
18) ORNELLAS, Manoelito de. *Vozes de Ariel*.
19) ELLIS JUNIOR, Alfredo. *Jaraguá.*
20) RIBEIRO, Aquilino. *Filhas de Babilonia*.
21) LOBATO, Monteiro. *O choque*.
22) Estante Classica. *Moraes.*
23) JIMÉNEZ, Max. *Revenar*.
24) DANNUNZIO. *Les lions rouges*.
25) LIMA, Alice Leonardos Silva. *Ouvindo estrelas*.
26) LEGREIN, G. *Louqsor sans les pharaons*.
27) OVIDIO. *Arte de amar*.
28) ASSUNÇÃO, Pereira. *Ritmos diversos.*
29) RICHEPIN, Jean. *Miarka.*
30) LOTI, Pierre. *Le roman dun Spahi*.
31) HÁLEVY, L. *La famille Cardinal*.
32) COLETTE. *Mitsou.*
33) BENJAMIN, René. *Gaspard*.
34) FLEUBERT, G. *Salambô*.
35) BAURRÉS, Maurice. *Dunsang, de la volupté e de la mort*.
36) PRÉVOST, Marcel. *Lettres a Françoise*.
37) HERMANT, Abel. *Les transatlantiques*.
38) DAUDET, Alphonse. *Le peti chose*.

39) FRANCE, Anatole. *Histoire comique*.
40) GONCOURT, Edmond de. *La fille Elisa*.
41) RICHEPIN, Jean. *La glun*.
42) BALZAC. *Éugénie Grandet*.
43) CLARETIE, Jules. *Le petit Jacques*.
44) POE, Edgard. *Contes étranges*.
45) VIGNY, Alfred. *La canne de jong*.
46) Estante Classica. *Francisco de Castro*.
47) _____. *Carneiro Ribeiro*.
48) _____. *Machado de Assis*.
49) _____. *Ruy Barbosa*.
50) MORAES FILHO, Mello. *Patria Selvagem*.
51) MONIZ, Heitor. *O 2º reinado*.
52) RANGEL, A. *Quando o Brasil amanhecia*.
53) STADEN, Hans. *Meu captiveiro entre os selvagens do Brasil*.
54) MAGALHÃES, Brasilio. *O folk-lore no Brasil*.
55) LOBATO, Monteiro. *Mister slang e o Brasil*. (S)
56) ELLIS JUNIOR, Alfredo. *Confederação ou separação*. (S)
57) FUNCK, Brentano. *L'ele de la Tortue* (S)
58) JUNQUEIRO, Guerra. *Os simples*.
59) _____. *A morte de D.João*.
60) Vários. *Fala a RAF*.
61) BASTOS, Alves. *Palmo a palmo*.
62) RICHEPIN, Jean. *La chanson de Gueux*.
63) DANTAS, Julio. *Nada*.
64) ROSTAND, Edmond. *L'Aiglon*.
65) PACHECO e SILVA. *Direito e saúde*.
66) LEVY, Jean de. *História de uma viagem à terra do Brasil*. (S)
67) OLIVEIRA, Xavier de. *Espiritismo e Loucura*.
68) SILVA, João Pinto da. *História Literária do Rio Grande do Sul*. (S)
69) CALMON, Pedro. *O crime de Antonio Vieira*. (S)
70) ELLIS, Alfredo. *Raça de gigantes*. (S)
71) BRANDENBURGER. *Lendas dos nossos índios*.
72) SALGADO, Plínio. *O esperado*.
73) MIKLÓS. *La Hongrie pittoresque*.
74) HICHENS, Robert. *The spell of Egypt*.
75) FALCÃO, Luis Annibal. *Babioles*.
76) BERVEILLER, Michel. *A tradição religiosa na tragédia grega*.
77) SANT'ANA, Nuto. *A Bernarda de Francisco Ignacio*.
78) LANTEUIL, Henri. *Pages Brésiliennes*.
79) SCHAKL, Gustav. *Nordisch-Germanische Götter-und Heldensagen*.
80) Vários. *Instruções de emergência para oficiaes*.
81) GIDE, André. *Os moedeiros falsos*.

82) FIGUEIREDO, Jackson de. *Aevum*.
83) SANT'ANA, Nuto. *Santa Cruz dos enforcados*.
84) ROSTAND, E. *La princesse lointaine*.
85) VILLARES, Laura. *Vertigem*.
86) VILLAS BOAS, M.C. *Pedaços de São Paulo*.
87) BARROS, João de. *Oração à Pátria*.
88) TAGORE, R. *A lua crescente*.
89) Estante Classica. *Castilho.*
90) RENAN, E. *Vie de Jesus.*
91) CHEZE. *Myriam de Magdala*.
92) PIRANDELLO. *Il fu Mattia Pascal*.
93) D'ANNUNZIO. *Laus Vitae*.
94) _____. *Delle laudi.*
95) _____. *Delle laudi. (Merope)*
96) NERY, Adalgisa. *Poemas*.
97) VERONA, Guido da. *Sciogli la treccia, Maria Madalena*.
98) DINIZ, Almachio. *Zoilos e esthetas.*
99) SHAW, Augusto. *Salomé*.
100) GUY-GAY. *Dicionário do futebol*.
101) GOMES, Perillo. *Ensaios de critica doutrinaria*.
102) LOBO, T. Souza. *O Brasil confederado*.
103) LIMA, Oliveira. *O movimento da Independencia,*
104) Vários. *Conferências: A era de Martim Afonso*.
105) VIEIRA, Celso. *Anchieta.*
106) MARCONDES, Moisés. *Documentos para a História do Paraná*.
107) _____. *O Brasil, sua civilização e seu comércio*.
108) CALÓGERAS, Pandiá. *A política exterior do Império*.
109) ELLIS JUNIOR, Alfredo. *O bandeirismo paulista e o recúo do meridiano.*
110) RIBEIRO, Manoel Olimpio. *São Paulo e Minas na economia nacional*.
111) LIMA, Oliveira. *O Império brasileiro*.
112) MORAND, Paul. *AOF, De Paris a Tombouctou.*
113) CARVALHO, Austregliano de. *Brasil Colônia e Brasil Império, Tomo I e II*.
114) Item vazio
115) RIBEIRO, João. *As nossas fronteiras*.
116) EÇA, Matias Aires Ramos da Silva de. *Reflexões sobre a vaidade dos homens*.
117) TAUNAY, Afonso. *Grandes vultos da independência brasileira*.
118) VALLENTIN, Berthold. *Napoleon*.
119) TAUNAY, Afonso. *Leonor de Avila*.
120) GUIMARÃES, Bernardo. *A Escrava Isaura*.
121) ROCHA, Dr.Franco da. *O pansexualismo na doutrina de Freud.*

122) FONTES, Martins. *Arlequinada*.
123) TESCHAUER, Carlos. *Novo vocabulário nacional*.
124) BAHIANA, Henrique Paulo. *O grande Japão.*
125) CANTONI, C. *Psicologia*.
126) SILVEIRA, Dionísio. *Revolução contra a imprensa*.
127) MURTA, Guerreiro. *Como se aprende a conversar*.
128) TORRES, Antonio. *Verdades indiscretas*.
129) ZBINDEN, Dr.H. *Conseils aux nerveux*.
130) SPERRY, Lyman B. *Palestras com os moços*.
131) BELLO, José Maria. *Ruy Barbosa e escritos diversos*.
132) BRANDÃO, Mario. *Almas do outro mundo*.
133) AUSTREGÉSILO, A. *O mal da vida*.
134) GRAVE, João. *Último fauno*.
135) RIBEIRO, Aquilino. *Terras do demo*.
136) _____. *A via sinuosa*.
137) SCOTT, Walter. *Ivanhoé.*
138) KIPLING. *The Jungle Book*.

Sequência

140) SCOTT, Walter. *The pirate.*
141) CENDRARO, Balise. *Les confessions de Dan Yaek*. (S)
142) CORBIER, Désire. *Anthologie des plus beuax poemes du monde*. (S)
143) PLINIAK, Boris. *La Volga se jette dans la Caspienne*. (S)
144) PENNA, Belisário. *Saneamento do Brasil*.
145) _____. *Feira Literária.*

Sequência

157) MARIANO, Olegário. *O enamorado da vida*.
158) MARTINS, Fran. *Pôço dos Paus*.
159) CASTRO, Ferreira de. *A Selva*.
160) ALMEIDA, Fialho de. *Os gatos*.

Sequência

166) RABAIYAT. *De Omar Khayyam*.
167) SILVEIRA, Tasso. *Tendências do pensamento contemporâneo*.
168) RUYSMANS, J.K. *Trois églises, et trois primitifs*.
169) NABUCO, Joaquim. *Pensées détachées*.
170) Vários. *Machado de Assis*.
171) DANTAS, Julio. *Espadas e rosas*.
172) GUIMARÃES, Luis. *Sonetos e rimas*.
173) PACHECO, Felix. *Poesias*.
174) OVIDIO. *L'art de aimer*.
175) FRANCE, Anatole. *La rotisserie de reine Pédauque*. (S)
176) _____. *L'orme du mail*.(S)
177) MAETERLINCK. L'oiseau bleu.
178) BOUGET, Paul. *Le disciple*.

179) _____. *Le démon de Midi.- Vol.2*
180) _____. *Le démon de Midi – Vol.1*
181) FRANCE, Anatole. *Les dieux ont soif*. (S)
182) _____. *Balthasar. (*S)
183) _____. *Le petit Pierre*. (S)
184) _____. *L'étui de nacre*. (S)
185) _____. *Sur la pierre blanche*.(S)
186) _____. *La révolte des anges*. (S)
187) _____. *Pierre Noziere*. (S)
188) _____. *Le crime de Sylvestre Bonnard*. (S)
189) _____. *Le livre de mon ami.(*S)
190) _____. *Le puits de Sainte Claire*. (S)
191) _____. *Les sept femmes de la Barbe-Bleue*. (S)
192) TOLSTOI, Leon. *Ressurreição*.
193) SCHURÉ, Edouard. *Les prophetes de la Renaissance*.
194) QUINCEY, Thomas de. *Confissões de um comedor de ópio*.
195) GRASSET. *Biologie Humaine*.
196) MIRANDA, Veiga. *Mau olhado.*
197) GUÉRIN, Charles. *Le coeur solitaire*.
198) MOREUX, Abbé Th. *La science mystérieuse des Pharaons*.
199) IBSEN, Henrik. *Quando nous nous réveillerons*.
200) PALEOLOGUE, Maurice. *Rome*. (S)
201) MORAND, Paul. *Boudha vivent*. (S)
202) FOGAZZARO, Antonio. *Il Santo*.
203) GAFIRE. *Inquisition et Inquisitions*.
204) MESSEN, August. *Emmanuel Kants leben un philosophie*.
205) AUSTREGÉSILO, A. *Cura dos nervosos*.
206) MAUPASSANT, G. *Le rosier de Mme.Hussont* (S)
207) GOBINEAU, Comte de. *La Renaissance*.
208) MARQUES DA CRUZ. *Oração a Portugal*.
209) FIGUEIREDO, Antero de. *Leonor Teles.*
210) FOGAZZARO, A. *Daniel Cortis*.
211) SOUZA, Leal de. *Bosque sagrado*.
212) PITIGRILLI. *Cocaina.*
213) MAUCLAIR, C. *Princes de l'esprit*.
214) LUDWIG, Emil. *Guillaume.* (S)
215) MORÉAS, Jean. *Poemes et Sylves*.
216) OLIVEIRA, Martins de. *O banquete*.
217) PADOVAN, Adolfo. *L'uomo di gênio come poeta*.
218) _____. *I figli della gloria*.
219) VEUILLOT, Louis. *La vie de N.S.Jesus Christ*.
220) MORTILLET. *La préhistoire.*
221) MOREX, Abbé. *Pour comprendre Einstein !*

222) CONSTANTIN. *Origine de la vie sur le globe.*
223) AUSTREGÉSILO, A. *Pequenos males.*
224) ALBUQUERQUE, Matheus de. *O homem entre duas mulheres.*
225) TRAD, Michel. *As evasões célebres da cadeia pública de São Paulo.*
226) COELHO NETO. *Falando...*
227) FLAUBERT, G. *Par les champs et par les greves*.
228) _____. *L'éducation sentimentale*.
229) STENDHAL. *La Chartreuse de Parme*.

Sequência

231) BEAUMARCHAIS. *Théatre*.
232) PRÉVOST, Abbé. *Manon Lescault*.
233) PEIXOTO, Afrânio. *As razões do coração*.
234) FONTES, Martins. *As cidades eternas*.
235) FORT, P. *Vivre em Dieu*.
236) SEIXAS, Aristeu. *Pôr de Sol*.
237) MAETERLINCK. *La vie des abeilles*.
238) L'ISLE, Adam. *Axel*.
239) CORBIERE, Tristan. *Les amours jaunes*.
240) ANDALÓ. *Il folle arciere*.
241) NOIAILLES, Comtesse de. *Les vivants et les morts*.
242) GALLI, Amentore. *Piccolo lessico del musicista*.
243) WILDE, Oscar. *Lord Arthur Savile's crime*.
244) HESSE, Hermann. *O lobo das estepes*.
245) AUSTREGÉSILO, A. *Psiconeuroses e sexualidade*.
246) ORIÇO, Osvaldo. *Os mitos ameríndios*.
247) LEOPOLDO, D. Duarte. *O clero e a independência*.
248) BIANCHI, Enrico. *La Grecia*.

Sequência

250) Campoamor. *Obras completas*.

Sequência

252) WILD, Oscar. *A Woman of no importance*.
253) TWAIND, Mark. *The adventure of Tom Sawyer*.
254) Campoamor. *Obras completas*.
255) KIPLING. *The captaine courageous*.
256) Lobato, Monteiro. *Mundo da Lua*.
257) FONTES, Hermes. *Epopéa da vida*.
258) _____. *Microcosmo*.
259) SILVA TELLES, Goffredo. *O mar da noite*.
260) EVELYN. *Antichi pittori italiani*.
261) BUTTI. *Il castelo Del sogno*.
262) POLILLO. *Dansa do fogo*.
263) SULLY PRUD'HOMME. *Poesies*.

Sequência

265) ARAÚJO, Oscar Egídio. *Uma pesquisa de padrão de vida.*
266) RECALDE, Francisco. *Vocábulos designativos de relações e contatos sociais nas línguas tupi ou guarani.*
267) AMADO, Gilberto. *A suave ascensão*.
268) ANDRADE, Goulart de. *Poesias.*
269) COELHO, Henrique. *Joaquim Nabuco.*
270) FONTES, Martins. *A dança.*
271) LENORMAND, H.B. *Théatre complet*.
272) NEGRI, ADA. *Fatalitá.*
273) SULLY PRUDHOMME. *Poesies.*

Sequência

276) AMBROSOLI, S. *Atene*.
277) FIGUEIREDO, A. de. *D.Pedro e D.Inês*.
278) MEDEIROS E ALBUQUERQUE. *Páginas de crítica*.
279) VERHAEREN, Emile. *Les ailes rouges de la guerre*.
280) NEUPARTH, J. *Os grandes períodos da música*.
281) HUGO, Vitor. *Marion de Lorne*.
282) _____. *La fin Du Satan.*
283) _____. *Les quatre vents de l'esprit.*
284) _____. *Odes et Ballades.*
285) _____.*Ran d'Islande.*
286) _____. *Les feuilletes d'automne.*
287) _____. *Toute la lyre.*
288) _____. *Toute la lyre.*
289) _____. *Les chansons.*
290) _____. *Les contemplations.*
291) _____. *L'art d'être grand pére.*
292) _____. *La légende des siecles.*

Sequência

295) _____. *Les châtiments.*
296) FRANCE, Anatole. *Jocaste.*
297) FORT, P. *Le romand de Louis XI*.
298) HUYSMANS. *En route*.
299) MAETER LINCK. *Oeuvres.*
300) BONTOUX. *L'au-dela*.
301) LOBATO, Monteiro. *Cidades Mortas.*
302) _____. *Negrinha*.
303) WELLS. *The History of Mr.Polly*.
304) SHAW, Bernard. *Back to Methuselah*.
305) _____. *Three plays for puritans*.
306) WILDE, Oscar. *Lady windermere's fan*.
307) WELLS. *Twelve stories and a dream.*
308) GONÇALVES, Ricardo. *Ipês.*

309) AMADO, Gilberto. *Aparências e realidades*.
310) FONTES, Hermes. *Apotheoses.*
311) CAMPOS, Humberto de. *O conceito e a imagem na poesia brasileira*.
312) ALMEIDA, Julia Lopes de. *A isca*.
313) PACHECO, Felix. *Lírios brancos*.
314) BONTOUX. *Louis Veuillot...*
315) _____. *Louis Veuillot...*
316) EYMIEU. *La part dês coyants dans les progres de la science au XIX siécle.*

Sequência

318) PONS, Mgr. *Jésus chez les Juifs d'hier...*
319) CHAVIGNY. *Organisation du travail intellectuel*.
320) POMPÊO, A. *Ideias, Homens e Livros*.
321) MOREAUX, Abbé. *Les confins de la science et de la foi.*
322) CHEZE. *Narrations françaises*.
323) NOSLIN. *Ce qu'il feut que tout jeune homme sache*.
324) MARTERLINCK. *Le trésor des numbles.*
325) SAMAIN, Albert. *Oeuvres*.
326) DRIOUX. *Nouveau cours d'Ecriture Sainte. (2Vols.)*

Sequência

328) SAMAIN, Albert. *Le chariot d'or*.
329) SOULIER, A. *As grandes aplicações da eletricidade*.
330) HUYSMANS. *A rebours.*
331) VIGNY, Alfred de. *Oeuvre*.
332) GIRAUDOUX, Jean. *Siegfried et le Limousin.*
333) VERNE, Julio. *L'étonnantes aventure de la Mission Barsac*.
334) CARCIATTO. *Gramática da língua italiana*.
335) LASKER. *Curso de Ajedrex.*
336) COSTA, Mário. *Novos trocadilhos humorísticos.*
337) ALBALAT. *Le travail du style*.
338) _____. *A formação do estilo.*
339) _____. *A arte de escrever.*
340) SOUZA, Claudio de. *De Paris ao Oriente*.
341) DESCHANEL. *Gambetta.*
342) GAUTIER, Theophile. *Emaux et camées*.
343) VIGNY, Alfred. *Théatre*.
344) AYROSA, Plinio. *Termos tupis no português do Brasil*.
345) _____. *Os Nomes das partes do corpo humano pela língua do Brasil...*
346) BELMONTE. *No tempo dos Bandeirantes*.
347) RENÉ, M. *La guerre trop courte*.
348) GENEVOIX, Maurice. *La derniere harde.*
349) Vários. *Ici des poetes canadiens vous parlant du Canadá*.

350) SERTILLANGES. *Ce que Jesus voyait du haut de la Croix*.
351) GOYAN. *O Christo.*
352) FARRERE, Claude. *La marche funebre*.
353) COLETTE. *Cheri.*
354) PRÉVOST, Marcel. *La retraite ardente*.
355) FAYARD. *Mal d'amour.*
356) MAUROIS. *Histoire d'Angleterre*.

Sequência

358) WEYGAND. *Turenne.*
359) MAURIAC. *Le Jeudi-Saint.*
360) GIDE, André. *La porte étroite*.
361) FRANCO, Afonso Arinos Melo. *Dirceu e Marilia*.
362) LIMA, Alves. *Pátria reflorida*.
363) ARANHA, GRAÇA. *El viaje maravilloso*.
364) ANDRADE, Maia. *Indíce-catálogo médico brasileiro*.
365) FERREIRA, Barros. *Terra sem mulheres*.
366) MOREIRA, Albertino. *Introdução à Legislação social*.
367) PINHEIRO, Maria. *Serviço Social*.
368) COLLIER, D.M.B. *Marconi, senhor do espaço*.
369) GIL, Luis E.A. *La amante amarga.*
370) QUESADA, Aristides. *3 charlas em Mexico*.
371) STRACHEY, Lytton. *A rainha Elisabeth.*
372) SOUZA CAMPOS, Prof. Ernesto de. *Japão.*
373) CAMPOS, Humberto de. *Fragmentos de um diário*.
374) Coletanea. *Prudente de Moraes*.
375) ANDRADE MAIA. *Índice catálogo médico paulista*.
376) BAILLY, G.A. *Legislação sobre propriedade industrial*.
377) _____. *Brazil-1938*.
378) HORDER. *A volta de Vivanti*.
379) WALLACE. *Os ases vermelhos*.
380) MAULNIAR. *Au dela du nationalisme*.
381) FERREIRA, Ascenso. *Canna Caianna*.
382) DEHILLOTTE. *Gestapo.*
382) FLEIUXX, Max. *Dom PedroII.*
383) FREYRE, Gilberto. *Atualidade de Euclydes da Cunha*.
384) TAVORA, Juarez. *La organizacion econômica del Brasil*.
385) COSTA, Renato. *Sinteses de uma vida: Mauá*.
386) BARRÉS, Maurice. *Les diverses familes spiritualles de la France*.
387) SEGHER, Ana. A *sétima cruz*.
388) MURA. *Água nascente*.
389) União Cultural Brasil-Estados Unidos – *Vida intelectual nos E.U.*
390) MARTINS, Cyro. *Enquanto as águas correm*.
391) GIUPPONI, Henrique. *O cirurgião ao espelho.*

392) FERRAZ, Sampaio. *Campos do Jordão.*
393) Anais do Primeiro *Congresso da Língua Nacional Cantada*.
394) MAUPASSANT, Guy. *Pierre et Jean.*
395) ZOLA. *Therese Raquin*.
396) BARLETTA. *Como naufragou el capitan Olssen.*
397) GILBERTO. *Biografia do embrião*.
398) WASHINGTON. *Memórias de um negro.*
399) CRONIN. *Sob a luz das estrelas*.
400) ALMEIDA JUNIOR. *Paternidade*.
401) TAGORE. *O jardineiro.*
402) _____. *O'Gitain Jali*.
403) JERGER, Joseph. *Doutor, aqui está o seu chapéu*.
404) KELLER, Helena. *A história de minha vida*.
405) FREYRE, Gilberto. *Ingleses.*
406) HILTON, James. *Adeus Mr. Chips.*
407) COSTA, Rubens Menna Barreto. *Alimentação e Saúde*.
408) MAJOCCHI. *Memórias de um cirurgião*.
409) PEREIRA, Lafaiete Rodrigues. *Vindiciae.*
410) STEVENSON. *O príncipe Otto*.
411) CONRAD. *A flecha de ouro.*
412) KIPLING. *A luz que se apaga*.
413) HILL. *Pense e fique rico.*
414) HARDING. *A coroa fantasma*.
415) CRONIN. *Noites de Vigília*.
416) MAUROIS. *Estados Unidos.*
417) ALEXANDER. *O navio fantasma.*
418) CHRISTIE. *O caso dos 10 negrinhos*.
419) Prefeitura de São Paulo. *Consolidação das disposições*.
420) LUDWIG. *Memórias de um caçador de homens.*
421) FRAPIÉ. *La maternelle*.
422) BAPTISTA MARTINS. *Código do Processo civil.*
423) BELBENOIT. *A ilha do diabo.*
424) ZWEIG. *Romain Roland*.
425) MILLIET, Sérgio. *Índice das constituições Federal e dos Estados Unidos.*
426) Secretaria da Agricultura. *O valle do Parahyba.*
427) CULBERTSON. *O bridge ao alcance de todos*.
428) HEIDEN. *Hitler.*
429) HITLER. *Minha luta.*
430) LUDWIG. *Schliemann.*
431) COLETTE. *La fin de chéri.*
432) ROSTAND. *Cirano de Bergerac*.
433) DU CARD, Roger Martin. *Jean Barois.*

435) COURTELINE. *Messieurs les Ronds-de-cuir*.
436) BORDEAUX, Henry. *Yamilé sous les cedres*.
437) COLETTE. *L'envers du music-hall*.
438) DAUDET, A. *Sapho.*
439) DONNAY, Maurice. *La vie amoureuse d'Alfred de Musset.*
440) LACRETELLE, Jacques. *Silbermann.*
441) REVES, Emery. *Manifesto democrático.*
442) GILLET. *Dante.*
443) BILLY. *Introibo*.
444) VERLAINE. *Choix de poésies.*
445) MAUROIS. *A máquina de ler pensamentos.*
446) _____. *Arte de viver.*
447) LINS, Ivan. *A idade média*.
448) CARNEIRO, David. *Evolução grega.*
449) ATHAYDE, Tristão de. *Política.*
450) CORRÊA FILHO. *Mato grosso.*
451) DEKOBRA. *A madona dos trens noturnos.*
452) FREITAS, Newton. *Brasil-Argentina.*
453) LAUNAY, Pierre Jean. *A bem amada*.
454) WEINIGER. *Diário íntimo.*
455) GRUNWALD. *Portrait de la Hongrie.*
456) _____. *Justiça para a Hungria.*
457) TOLSTOI. *O quinhão da mulher.*
458) FOLDES. *Caso-me.*
459) MALHEIRO. *Um homem de 50 anos*.
460) ERIZZO, Pierluigi. *O romance do advogado*.
461) ARNAU. *A cadeia fechada.*
462) TÓTH. *Cristo e os problemas do nosso tempo*.
463) _____. *Cristo e a juventude*.
464) DIMNET. *A arte de pensar.*
465) GIANNATONI. *Gabriele D'Annunzio.*
466) STRACHEY. *A rainha Vitória.*
467) XXX. *O problema universitário brasileiro.*
468) XXX. *A terra que o facismo arrazou.*
469) VON BERNEGG. *Plantas tropicais e sub-tropicais da economia brasileira.*
470) CASTRO, Josué de. *Science et technique.*
471) Ministério da Fazenda. *Finanças do Brasil.*
472) Ministério da Fazenda. *Finanças do Brasil.*
473) XXX *Les chantiers de la jeunesse.*
474) ALBUQUERQUE, Tenório de. *A linguagem de Ruy Barbosa.*
475) ANSELMO, Manuel. *A poesia de Jorge de Lima.*

476) SILVA, Pereira da. *Vícios da imaginação.*
477) MOURA, Eros de. *O homicídio por compaixão.*
478) DAVIDOVITH, Elias. *Uns homens que eram deuses.*
479) REMARQUE. *Três camaradas.*
480) GALLEGOS, Romulo. *Dona Barbara.*
481) CELLINI. *Vida escrita por êle mesmo*.

Sequência

483) FRANCOVICH. *Os ídolos de Bacon.*
484) ARNAU, Frank. *Tiros dentro da noite.*
485) PEREIRA, A. *Machado de Assis*.
486) MALLEA. *Adios a Lugones*.
487) GOMES, Teixeira. *Maria Adelaide*.
488) IOLOVITCH. *Numa clara manhã de abril*.
489) ALVES, Isaias. *Educação e brasilidade*.
490) MAGALHÃES, Adelino. *Os marcos da emoção*.
491) MACHADO, Matta. *Pequenos quadros da vida brasileira*.
492) PICAÇO. *Lucio.*
493) SCHWEYER. *Como cayó el Presidente Machado*.
494) BUONAIUTI. *Jesus.*
495) BERTONI. *Dante.*
496) MENDOZA. *Aventura de Lazarilho de Tormes*.
497) BERNANOS. *Diário de um pároco de aldeia.*
498) QUENTAL, Antero de. *Sonetos completos*.
499) ALMEIDA, Fialho de. *Os gatos.*
500) QUEIROZ E ORTIGÃO. *As farpas.*

Sequência

502) RIBEIRO, W.Fontenelle. *Os problemas do ensino secundário*.
503) SANTIAGO. *Da palavra.*
504) ROHMER, Sax. *O romance da feitiçaria*.
505) GIDE. *Sinfonia Pastoral*.
506) SILVA, De Placido. *Ódios da cidade.*
507) MARTI, José. *Páginas escolhidas.*
508) XXX. *Itália contra o nazismo.*
509) MARTINS, Arídio. *Peritos e perícias médico-legais.*
510) BATISTA. *Ideário.*
511) NOBREGA, Melo. *Olavo Bilac.*
512) DORNAS FILHO. *Bagana apagada.*
513) FERREIRA, Barros. *Maria dos Tojos.*
514) LUZ FILHO. *Cooperativas escolares*.
515) SARAIVA. *Labaredas.*
516) TIMON. *Coloquios aldeões.*
517) MARTINEZ. *Juarez, o impassível.*
518) MELO, Batista de. *Organização Judiciária e aplicação da Lei.*

519) QUEIROZ, Amadeu de. *Provérbios e ditos populares*.
520) BREVES, Yolanda Jordão. *Fuga.*
521) WALLACE. *A inteligência de Mr. Reeder.*
522) _____. *Os 4 homens justos.*
523) _____. *A pista da vela dobrada*.

Sequência

525) ROHMER. *Tóxico.*
526) PACKARD. *As aventuras de Jimmie Dale.*
527) PETRONIO. *Satiricon.*
528) WALLACE. *O terror.*
529) _____. *Máscara branca.*
530) MORENO, J.F. *Fichários de documentação jurídica*.
531) XXX. *Anais do 2º.Congresso Nacional de Estudantes.*
532) LINS, Mário. *Espaço-tempo e relações sociais.*
533) Secretaria do Interior de Minas Gerais – *Catálogo da biblioteca*.

Sequência

535) VENANCIO FILHO. *Contribuição americana à educação*.
536) CUNHA, Nobrega da. *A imprensa americana*.
537) MACHADO, Anibal M. *O cinema e sua influência na vida moderna*.
538) CALMON, Pedro. *Influências americanas nas letras brasil*eiras.
539) FAIRBANKS JUNIOR, Douglas. *O papel das artes na América*.
540) GRILLO, Heitor. *A ciência à serviço da agricultura americana*.
541) MEYER, Augusto. *Literatura e poesia*.
542) ANDRADE, Drummond de. *Alguma poesia*.
543) PENAFIEL. *Geração decisiva*.
544) STEINEN, Von Den. *Entre os aborígenes do Brasil Central.*
545) JUCÁ FILHO. *A pronúncia brasileira*.
546) MESQUITA, Alfredo. *Em família.*
547) ROLLAND, Romain. *Jean Cristophe.(3º.vl.).*
548) LEWINNSON, Richard. *Os aproveitadores da guerra.*
549) LIMA, Jorge de. *O anjo*.
550) FOURNIER, Alain. *Le Grand Meaulnes.*
551) MELO FRANCO, Afonso Arinos de. *Política cultural pan-americana*.
552) FREYRE, Gilberto. *Uma cultura ameaçada*.
553) FIGUEIREDO, Fidelino. *Anthero.*
554) MICHELET, René. *Ocaso em Ethakof.*
555) GREEN, Julien. *Léviathan.*
556) BOLTIN, Rudolf. *Dicionário grego-português.*
557) VIANA, Gonçalves. *Vocabulário.*
558) DUARTAIN, Luc. *Suite brasileira.*
559) XXX. *Catálogo da Exposição Portinari.*
560) CALDEIRA FILHO. *Hino da Independência e Hino Nacional.*
561) XXX. *Pintura contemporânea norte-americana.*

562) ALMEIDA, João Mendes de. *Dicionário geográfico da Província de São Paulo*.
563) HILTON, James. *Não estamos sós.*
564) LUZ, Clemente. *Ombros caídos.*
565) CLAUDEL. *L'Annonce faite á Marie*.
566) NAPOLÉON. *Vues politiques*.
567) GASQUET, Marie. *Ce que les femmes disent des femmes.*
568) TYNAIRE, Marceline. *L'ennemie intime*.
569) NATHAN, Robert. *Journey of Tapiola*.
570) _____. *Tapiola's brave regiment*.
571) ALVARENGA, Oneida. *Cateretês do Sul de Minas Gerais.*
572) TAUNAY. *História da cidade de São Paulo no século XVIII (3º.vl.)*
573) XXX. *XX e Siecle (ns. 2 e 3).*
574) XXX. *Arte gráfica do Hemisfério Ocidental (2 vols.)*

Sequência

576) SANT'ANA, Nuto. *São Paulo Histórico. (vl.II)*
577) Secretaria da Educação. *A situação educacional e cultura dos Estados.*
578) GENTA, Eduardo. *La Amazonia*.
579) XXX. Portinári. *His life and art.*
580) GAXOTTE, Pierre. *La Révolution Française*.

Sequência

582) FERRO, Antonio. *Árvore de Natal.*
583) MISTRAL, Frederico. *Calendal.*
584) VILAR. *Princípio e fim do nazismo.*
585) COELHO NETO. *Balladilhas.*
586) MALRAUX. *Esperança.*
587) VARELA. *Evangelho nas Selvas.*
588) REBOUX, Paul. *La Maison des dansses.*
589) GENEVOIX. *Raboliot.*
590) DESOUCHET. *Mauá el el Rio de la Plata.*
591) MITRE, Adolfo. *Una voz y la angustie del mundo.*
592) BASTOS, Humberto. *O açúcar em Alagoas.*
593) XXX. *Aspectos do Brasil moderno*.
594) VASCONCELOS, Artur de. *Tretas e Letras.*
595) XXX. *Estudos para a aplicação do Sistema de Transportes Planaéreos*.
596) XXX. *Cinquant'Anni di lavoro degli italiani in Brasile. (vl.I)*
597) MAURIAC. *Le noeud de viperes.*
598) LESOURD, Paul. *Histoire de l'eglise.*
599) LOTI. *Aziyadé.*
600) BARING, Maurice. *Darby et Joan.*

2ª RELAÇÃO DE LIVROS DOADOS À BIBLIOTACA MUNICIPAL DE ARARAQUARA POR INTERMÉDIO DE MÁRIO DE ANDRADE

[34 livros doados por amigos e 13 livros da autoria de MA]

1) CAVALHEIRO, Edgar. *As obras primas do conto brasileiro*.
2) BANDEIRA, Manuel. *Crônicas da província do Brasil*.
3) _____. *Poesias completas*.
4) MELO, Rodrigo Franco de Andrade. *Velórios*.
5) MORAES, Vinicius. *Elegias*.
6) BESOUCHET, Lidia e Newton Freitas. *Diez escritores de Brasil*.
7) FREITAS, Newton. *Ensayos americanos*.
8) CAVALHEIRO, Edgard. *Fagundes Varella*.
9) MEIRELLES, Cecilia. *Viagem*.
10) QUEIROZ, Amadeu de. *Praga do amor*.
11) _____. *A voz da terra*.
12) _____. *O senador José bento*.
13) FREITAS, Octavio de. *Medicina e costumes do Recife antigo*.
14) _____. *Animaes na medicina e na higiene*.
15) _____. *Horas de trabalho*.
16) _____. *De calouro a médico*.
17) _____. *Os nossos médicos e a nossa medicina*.
18) _____. *Ideias e conceitos*.
19) _____. *Dietas e remédios*.
20) _____. *Meus doentes, meus clientes...*
21) _____. *Vida Médica*.
22) _____. *Discurso de recepção na Academia Pernambucana de Letras*.
23) FREITAS JUNIOR, Octavio de. *Ensaios de critica e poesia*.
24) MACHADO, P. Matta. *Pequenos quadros da vida brasileira*.
25) FIGUEIREDO, Guilherme de. *30 anos sem paisagem*.
26) ALMEIDA, Renato. *História da música brasileira*.
27) FERRAZ, José Bento Faria. *"Catálogo Dicionário", aplicado a uma discoteca*.
28) BANDEIRA, Antonio Rangel. *Meditações sobre o sentido metafísico da História.*
29) ALVARENGA, Oneyda. *A menina boba.*
30) FREITAS JUNIOR, Octavio. *Curso sumário de psicologia*.
31) SEGALL, Lasar. *Catálogo de Exposição de Pintura*.
32) SEGALL, Jenny Klabin. *Goethe – Fausto.*
33) SILVEIRA, Miroel. *Bonecos de engonço*.
34) CARNEIRO, Cecílio J. *A fogueira*.
35) ANDRADE, Mário de. *Poesias.*
36) _____. *Os filhos da Candinha*.

37) _____. *Macunaíma*.
38) _____. *Música, Doce Música*.
39) _____. *O Losango Cáqui*.
40) _____. *Belazarte*.
41) _____. *Remate de Males*.
42) _____. *Clan do Jaboti*.
43) _____. Paulicea Desvairada
44) _____. *Música do Brasil*.
45) _____. *A escrava que não é Isaura*
46) _____. *Primeiro Andar*.
47) _____. *Os compositores e a língua nacional*.